PUBLICAÇÕES INTERAMERICANAS
Pacific Press Publishing Association
Mountain View, Califórnia
EE. UU. do N.A.

VERSÃO ESPANHOLA
Tradutor Chefe: Victor E. AMPUERO MATTA
Tradutora Associada: NANCY W. DO VYHMEISTER
Redatores: Sergio V. COLLINS
Fernando CHAIJ
TULIO N. PEVERINI
LEÃO GAMBETTA
Juan J. SUÁREZ
Reeditado por: Ministério JesusVoltara
http://www.jesusvoltara.com.br

Igreja Adventista dou Sétimo Dia

Evangelho Segundo SÃO Lucas

INTRODUÇÃO

1.Título.

Os manuscritos mais antigos deste Evangelho dizem só "Segundo Lucas"; mas em manuscritos posteriores se lê: "O Evangelho segundo São Lucas" ou "O santo Evangelho segundo Lucas".

2. Autor.

O consenso antigo e unânime da tradição cristã assinala ao Lucas como o autor do Evangelho que leva seu nome. O historiador eclesiástico Eusebio (M. C. 340) diz especificamente que Lucas é o autor deste Evangelho (História eclesiástica, iII. 4. 6). Um século antes Tertuliano (M. C. 230) se referiu ao Pablo como o "iluminador" do Lucas, isto é, que tinha animado a este e lhe tinha dado muita da informação que contêm seus escritos. Ireneo escreveu ao redor do ano 185 d. C.: "Lucas, o seguidor do Pablo, escreveu em um livro o Evangelho pregado por este". O famoso Fragmento Muratoriano, uma parte de um documento escrito a fins do segundo século, concorda com o Ireneo, pois declara que o terceiro Evangelho foi escrito pelo Lucas, um médico e companheiro do Pablo. As tradições mais antigas assinalar, pois, unanimemente a Lucas como o autor do Evangelho que leva seu nome.

O Evangelho do Lucas e os Fatos dos Apóstolos podem considerar-se como os tomos 1 e 2 de uma obra que bem poderia titular-se Origem e desenvolvimento do cristianismo. A introdução do livro dos Fatos (cap. 1: 1) assinala nitidamente a um só autor para ambos os livros, e o estilo literário e a dicção são evidentemente os mesmos. Além disso, ambos os livros são dedicados a uma mesma pessoa: ao Teófilo (Luc. 1: 3; Hech. 1: 1). As seções dos Fatos onde o escritor utiliza o plural "nós" indicam claramente que este era um constante companheiro do Pablo, especialmente durante os anos finais do ministério do apóstolo. Parece que o autor se associou com o Pablo desde o Troas -durante os primeiros dias da predicación na Grécia (Hech. 16: 10-18)-, o

acompanhou em sua visita final a Palestina (cap. 20: 5 a 21: 18) e também durante sua viagem a Roma (cap. 27: 1 a 28: 16). Lucas, como colaborador do Pablo, envia saudações (File. 23-24; Couve. 4: 14) a aqueles a quem se dirige estas cartas. Quase ao final de seu último encarceramento em Roma, Pablo escreveu ao Timoteo: "Só Lucas está comigo" (2 Tim. 4: 11). Outros companheiros do Pablo, ou tinham sido enviados em missões a outras Iglesias ou o tinham abandonado. Pablo teve que haver sentido, em meio das angústias de seus últimos dias, um profunda avaliação pelo tenro e eficiente serviço de um homem como "Lucas, o médico amado". É, pois, 650 bastante claro que Lucas foi o autor do livro dos Fatos e do Evangelho que leva seu nome.

O contexto de Couve. 4: 11-14 parece sugerir que Lucas não era judeu a não ser gentil, porque não é incluído na lista dos da circuncisão a não ser na de outros conhecidos como gentis. O Evangelho do Lucas se considera geralmente como uma das melhores obra literárias do Novo Testamento, e em muitos aspectos é o mais próximo ao estilo dos grandes escritores gregos. Isto se evidencia em forma especial no prólogo (Luc. 1: 1-4).

Eusebio (Ibíd.) descreve assim ao Lucas: "por raça, da Antioquía; e de profissão, médico". Provavelmente era originário da Antioquía, e alguns pensaram que foi nesta cidade onde escreveu; mas outros sugeriram que o fez em Roma. Lucas e Pablo são os escritores mais prolíficos do Novo Testamento. Se desconhecem o lugar e a maneira da morte do Lucas, embora a tradição afirma que foi martirizado na Grécia, e acrescenta que foi parecido sobre um olivo verde.

Os eruditos mais conservadores atribuem a composição deste Evangelho a uma data não posterior ao ano 63, pelas seguintes raciocine: foi escrito aparentemente antes dos Fatos (Hech. 1: 1). A abrupta conclusão dos Feitos se considera geralmente como uma evidência de que este livro foi escrito durante o primeiro encarceramento do Pablo em Roma, ao redor dos anos 61-63, provavelmente pouco depois de sua chegada a essa cidade. A explicação mais singela para esta abrupta conclusão é que Lucas não escreveu mais nos Fatos porque nesse momento não havia nada que acrescentar. Seria extremamente improvável que o julgamento, liberação, novo arresto, sentença e execução do Pablo tivessem sido omitidos do registro dos Fatos se estes eventos já tivessem acontecido quando se escrevia este livro. Além disso, não há evidência de que ditos sucessos foram parte do texto original dos Fatos e que mais tarde se perderam. À luz destas circunstâncias é fácil supor que os Fatos foram escritos ao redor do ano 63 e o Evangelho do Lucas em uma data anterior (Hech. 1: 1), embora não pode dizer-se quantos anos antes. Para um estudo mais completo da cronologia da redação dos Evangelhos ver pp. 173-174; e para estudar as diferentes teorias quanto aos orígenes dos mesmos, ver pp. 170-172.

3. Marco histórico.

Para uma breve resenha histórica da vida e obra do Jesus, ver P. 266; e para uma apresentação mais completa ver pp. 42-69.

4. Tema.

Mateo apresenta ao Jesus como o grande Professor e expoente da verdade divina. Marcos o apresenta como o Homem de ação, pondo ênfase em seus milagres como uma manifestação do poder divino que testemunha que é o Mesías. Lucas põe ao Jesus em contato íntimo com as necessidades da gente, destacando o aspecto humano de sua natureza e apresentando-o como o Amigo da humanidade;

e Juan apresenta ao Jesus como o divino Filho de Deus.

Como Mateo escreveu em primeiro lugar para a gente de ascendência judia, apresenta a genealogia do Jesus a partir do Abraão, o fundador de sua nação; mas Lucas, que escreve para a gente de todas as raças, apresenta a genealogia do Jesus partindo do Adão, pai da raça humana. Lucas, mais que nenhum outro evangelista, refere-se aos incidentes que destacam o interesse e o ministério do Jesus pelos gentis. Menciona também mais que os outros evangelistas aos centuriões romanos, e o faz sempre em forma favorável. A visão do mundo que tem Lucas se faz evidente em seus escritos sobre as apelações do Pablo aos gentis (Hech. 14: 15-17; 17: 22-31). Nos escritos do Lucas apenas se se acharem rastros do exclusivismo Judeu, mas sim pode tirar o chapéu de vez em quando no Mateo e Marcos.

Uma evidência mais de que Lucas foi o escritor do Evangelho que leva seu nombre,651puede ver-se nos términos médicos que aparecem freqüentemente em seu livro (Luc. 4: 38; 5: 12; 8: 43, etc.), os quais poderiam indicar que seu autor era médico (Couve. 4: 14).

5. Bosquejo

Um bosquejo cronológico completo do Evangelho do Lucas aparece nas pp. 186-191; por esta razão, que aqui se apresenta se refere unicamente aos aspectos mais destacados da vida e ministério do Jesus:

I. Infância, infância e juventude, 1: 1 a 2: 52.

II. Preparação para o ministério, por volta de setembro do ano 27 d. C., 3: 1 a 4: 13.

III. Ministério na Galilea, de páscoa a páscoa, 29-30 d. C., 4: 14 a 9: 17.

A. Começo do ministério na Galilea, 4: 14-41.

PRIMEIRA B. excursão missionária pela Galilea, 4: 12 a 5: 16.

C. Ministério no Capernaúm e arredores, 5: 17 a 6: 16.

D. O Sermão do Monte, 6: 17-49.

SEGUNDA E. excursão missionária pela Galilea, 7: 1 a 8: 56.

TERCEIRA F. excursão missionária pela Galilea, 9: 1-17.

IV. Retiro do ministério público, primavera a outono, ano 30 d. C., 9: 18-50.

V. Ministério na Perea, outono a primavera, ano 30-31 d. C., 9: 51 a 19: 27.

A. Ministério na Samaria e Perea, 9: 51 a 10: 24.

B. Ensino mediante parábolas, 10: 25 a 18: 14.

C. A última viagem a Jerusalém, 18: 15 a 19: 27.

VI. Conclui o ministério em Jerusalém, páscoa, ano 31 d. C., 19: 28 a 23: 56.

A. Enfrentamento com os escribas e fariseus, 19: 28 a 21: 4.

B. Sermão no monte dos Olivos, 21: 5-38.

C. Prendo e julgamento do Jesus, 22: 1 a 23: 25.

D. Crucificação e enterro do Jesus, 23: 26-56.

VII. Ressurreição e aparições posteriores a sua ressurreição, 24: 1-53.

CAPÍTULO 1

1 Prefácio do Evangelho do Lucas. 5 Concepção do Juan o Batista, 26 e de Cristo. 39 A profecia do Elisabet e da María concernente a Cristo. 57 Nascimento e circuncisão do Juan. 67 A profecia do Zacarías quanto a Cristo 76 e ao Juan.

1 POSTO QUE já muitos trataram que pôr em ordem a história das coisas que entre nós foram muito certos,

2 tal como nos ensinaram isso os que desde o começo o viram com seus olhos, e foram ministros da palavra,

3 me pareceu também , depois de ter investigado com diligência todas as coisas desde sua origem, escrever-lhe isso por ordem, OH excelentíssimo Teófilo,

4 para que conheça bem a verdade das coisas nas quais foste instruído.

5 Houve nos dias do Herodes, rei da Judea, um sacerdote chamado Zacarías, de a classe do Abías; sua mulher era das filhas do Aarón, e se chamava Elisabet.

6 Ambos eram justos diante de Deus, e andavam irrepreensíveis em todos os mandamentos e regulamentos do Senhor.

7 Mas não tinham filho, porque Elisabet era estéril, e ambos eram já de idade avançada.

8 Aconteceu que exercendo Zacarías o sacerdócio diante de Deus segundo o ordem de sua classe,

9 conforme ao costume do sacerdócio, tocou-lhe em sorte oferecer o incenso, entrando no santuário do Senhor.

10 E toda a multidão do povo estava fora orando à hora do incenso.
652

11 E lhe apareceu um anjo do Senhor posto em pé à direita do altar do incenso.

12 E se turvou Zacarías ao lhe ver, e lhe sobressaltou temor.

13 Mas o anjo lhe disse: Zacarías, não tema; porque sua oração foi ouvida, e sua mulher Elisabet dará a luz um filho, e chamará seu nome Juan.

14 E terá gozo e alegria, e muitos se regozijarão de seu nascimento;

15 porque será grande diante de Deus. Não beberá vinho nem cidra, e será cheio do Espírito Santo, até do ventre de sua mãe.

16 E fará que muitos dos filhos do Israel se convertam ao Senhor Deus de eles.

17 E irá diante dele com o espírito e o poder do Elías, para fazer voltar os corações dos pais aos filhos, e dos rebeldes à prudência de os justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto.

18 Disse Zacarías ao anjo: No que conhecerei isto? Porque eu sou velho, e meu mulher é de idade avançada.

19 Respondendo o anjo, disse-lhe: Eu sou Gabriel, que estou diante de Deus; e fui enviado a te falar, e te dar estas boas novas.

20 E agora ficará mudo e não poderá falar, até o dia em que isto se faça, por quanto não creíste minhas palavras, as quais se cumprirão a seu tempo.

21 E o povo estava esperando ao Zacarías, e sentia saudades de que ele se demorasse no santuário.

22 Mas quando saiu, não lhes podia falar; e compreenderam que tinha visto visão no santuário. O lhes falava por gestos, e permaneceu mudo.

23 E cumpridos os dias de seu ministério, foi a sua casa.

24 depois daqueles dias concebeu sua mulher Elisabet, e se encerrou em casa por cinco meses, dizendo:

25 Assim tem feito comigo o Senhor nos dias em que se dignou tirar minha afronta entre os homens.

26 Ao sexto mês o anjo Gabriel foi enviado Por Deus a uma cidade da Galilea, chamada Nazaret,

27 a uma virgem desposada com um varão que se chamava José, da casa de David; e o nome da virgem era María.

28 E entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, muito favorecida! O Senhor é contigo; bendita você entre as mulheres.

29 Mas ela, quando lhe viu, turvou-se por suas palavras, e pensava que saudação seria esta.

30 Então o anjo lhe disse: María, não tema, porque achaste graça diante de Deus.

31 E agora, conceberá em seu ventre, e dará a luz um filho, e chamará seu nomeie Jesus.

32 Este será grande, e será chamado Filho do Muito alto; e o Senhor Deus lhe dará o trono do David seu pai;

33 e reinará sobre a casa do Jacob para sempre, e seu reino não terá fim.

34 Então María disse ao anjo: Como será isto? pois não conheço varão.

35 Respondendo o anjo, disse-lhe: O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Muito alto te cobrirá com sua sombra; pelo qual também o Santo Ser que nascerá, será chamado Filho de Deus.

36 E hei aqui seu parienta Elisabet, ela também concebeu filho em sua velhice; e este é o sexto mês para ela, a que chamavam estéril;

37 porque nada há impossível para Deus.

38 Então María disse: Hei aqui a sirva do Senhor, faça-se comigo conforme a sua palavra. E o anjo se foi de sua presença.

39 Naqueles dias, levantando-se María, foi depressa à montanha, a uma cidade do Judá;

40 e entrou em casa do Zacarías, e saudou o Elisabet.

41 E aconteceu que quando ouviu Elisabet a saudação da María, a criatura saltou em seu ventre; e Elisabet foi cheia do Espírito Santo,

42 e exclamou a grande voz, e disse: Bendita você entre as mulheres, e bendito o fruto de seu ventre.

43 por que me concede isto , que a mãe de meu Senhor venha para mim?

44 Porque logo que chegou a voz de sua saudação a meus ouvidos, a criatura saltou de alegria em meu ventre.

45 E bem-aventurada a que acreditou, porque se cumprirá o que foi dito de parte do Senhor.

46 Então María disse: Engrandece minha alma ao Senhor;

47 E meu espírito se regozija em Deus meu Salvador. 653

48 Porque olhou a baixeza de seu sirva;

Pois hei aqui, a partir de agora me dirão bem-aventurada todas as gerações.

49 Porque me tem feito grandes costure o Capitalista;

Santo é seu nome,

50 E sua misericórdia é de geração em geração

Aos que lhe temem.

51 Fez proezas com seu braço; Pulverizou aos soberbos no pensamento de seus corações.

52 Tirou dos tronos aos capitalistas, E exaltou aos humildes.

53 Aos famintos encheu de bens, E aos ricos enviou vazios.

54 Socorreu ao Israel seu servo, Lembrando-se da misericórdia

55 Da qual falou com nossos pais, Para com o Abraham e sua descendência para sempre.

56 E ficou María com ela como três meses; depois se voltou para sua casa.

57 Quando ao Elisabet lhe cumpriu o tempo de sua iluminação, deu a luz um filho.

58 E quando ouviram os vizinhos e os parentes que Deus tinha engrandecido para com ela sua misericórdia, regozijaram-se com ela.

59 Aconteceu que ao oitavo dia vieram para circuncidar ao menino; e lhe chamavam com o nome de seu pai, Zacarías;

60 mas respondendo sua mãe, disse: Não; chamará-se Juan.

61 Lhe disseram: por que? não há ninguém em sua parental que se chame com esse nome.

62 Então perguntaram por gestos a seu pai, como lhe queria chamar.

63 E pedindo uma tabuleta, escreveu, dizendo: Juan é seu nome. E todos se maravilharam.

64 Ao momento foi aberta sua boca e solta sua língua, e falou benzendo a Deus.

65 E se encheram de temor todos seus vizinhos; e em todas as montanhas da Judea divulgaram-se todas estas coisas.

66 E todos os que as ouviam as guardavam em seu coração, dizendo: Quem, pois, será este menino? E a mão do Senhor estava com ele.

67 E Zacarías seu pai foi cheio do Espírito Santo, e profetizou, dizendo:

68 Bendito o Senhor Deus do Israel,

Que visitou e redimiu a seu povo,

69 E nos levantou um capitalista Salvador

Na casa do David seu servo,

70 Como falou por boca de seu Santos profetas que foram desde o começo;

71 Salvação de nossos inimigos, e da mão de todos os que nos aborreceram;

72 Para fazer misericórdia com nossos pais, E lembrar-se de seu santo pacto;

73 Do juramento que fez ao Abraham nosso pai, Que nos tinha que conceder

74 Que, sacados de nossos inimigos,

Sem temor lhe serviríamos

75 Em santidade e em justiça diante dele, todos nossos dias.

76 E você, menino, profeta do Muito alto será chamado;

Porque irá diante da presença do Senhor, para preparar seus caminhos;

77 Para dar conhecimento de salvação a seu povo,

Para perdão de seus pecados,

78 Pela íntima misericórdia de nosso Deus,

Com que nos visitou do alto a aurora,

79 Para dar luz aos que habitam em trevas e em sombra de morte;

Para encaminhar nossos pés por caminho de paz.

80 E o menino crescia, e se fortalecia em espírito; e esteve em lugares desertos até o dia de sua manifestação ao Israel.

1.

Posto que.

[Prólogo do Evangelho do Lucas, cap. 1:1-4.] Os vers. 1-4 contêm o prólogo e a dedicatória deste Evangelho; estão escritos em um magnífico grego koiné literário, o idioma "comum" do mundo romano que falava grego. Esta introdução se ate ao estilo dos melhores modelos literários gregos. Seu estilo é gentil, mas possui graça e modéstia. Com referência à mudança de estilo, ver com. vers. 5.

O parecido que se nota entre esta introdução e a do livro dos Fatos (Hech. 1: 1-2), 654 e a circunstância de que este livro continua o relato em o mesmo ponto onde o deixasse o Evangelho do Lucas (cap. 24: 50-53), sugere que Lucas tinha a intenção de que estes dois livros formassem uma história em dois tomos da igreja cristã primitiva.

Muitos.

Não se sabe se Lucas incluir o Mateo e ao Marcos entre estes "muitos", embora por várias razões se acredita que já se escrito, pelo menos, o Evangelho de Marcos, e possivelmente o do Mateo (ver P. 173). Entretanto, a palavra "muitos" parece que se refere a mais de dois, e portanto é provável que se aluda a algumas historia escritas fora dos Evangelhos canônicos. É difícil que Lucas possa referir-se aqui aos evangelhos apócrifos que se conhecem hoje, pois não foram escritos a não ser até muitos anos mais tarde. Parece que alguns dos outros autores tinham sido testemunhas oculares, ao menos, do que tinham registrado, e é possível que se contassem entre os doze ou possivelmente entre os setenta (ver com. vers. 2).

trataram.

Gr. epijeiréò, literalmente "pôr a mão em cima", "tratar", "tentar". Muitos autores tinham consignado em diversos documentos diferentes incidentes e aspectos da vida do Jesus. Lucas diz ter estudado esses materiais antes de compor seu Evangelho. Quanto à função da Inspiração na

preparação deste Evangelho, ver P. 173.

Pôr em ordem.

Gr. anatássomai, "ordenar compor", "recolher". Não necessariamente se implica ordem cronológica. Compare-se com a palavra grega kathexés (ver com. vers. 3). Estes términos poderiam sugerir que os relatos escritos por autores evangélicos anteriores tinham sido incompletos, mas não indicariam que esses relatos eram inexatos.

A história.

Gr. diégèsis , "narração". Esta palavra deriva de duas palavras que significam literalmente "guiar através".

foram muito certos.

Melhor "cumpriram-se" ou "verificaram-se" (BJ).

2.

Ensinaram.

Gr. paradídòmi, "transmitir", "entregar", "confiar". Refere-se à transmissão de informe de uma geração ou de um grupo de pessoas a outra geração ou outro grupo (ver 1 Cor. 11: 23; 15: 3; 2 Tim. 2: 2). Quem receberam a verdade deviam entregá-la a outros. Pablo e Lucas foram cristãos de segunda geração, pois tinham recebido o que logo entregaram a outros.

Desde o começo.

Quer dizer, do começo do ministério público do Jesus, embora seja possível que alguns destas testemunhas oculares também tivessem tido conhecimento de acontecimentos relacionados com a infância do Juan o Batista e do Jesus.

Viram-no com seus olhos.

Gr. autóptès, "que vê com seus próprios olhos", "testemunhas oculares" (BJ). Juan disse que ele era testemunha ocular do ocorrido (Juan 1: 14; 21: 24; 1 Juan 1: 1-2). Os doze, os setenta e as mulheres que acompanharam ao Jesus e a seus discípulos e lhes serviram, foram testemunhas oculares mais ou menos "do princípio". E poderia dizer-se, como contraste, que Lucas, Pablo e Timoteo foram "testemunhas por referências", pois seu conhecimento da vida do ministério de Jesus foi recebido de outros. Entretanto, esta aparente desvantagem não diminui em nada o valor de seu testemunho porque tinham recebido informação por meio do ensino das testemunhas oculares e da revelação divina (1 Cor. 15: 3-7; Gál. 1: 11-12).

A modéstia que aqui manifesta Lucas dá um excelente testemunho em favor de que o Evangelho que leva seu nome é fidedigno e válido. Lucas foi cuidadoso em dizer a verdade exata e não pretendeu ser testemunha ocular como poderia havê-lo feito um impostor. Lucas afirma claramente que seu conhecimento dos fatos relacionados com a vida e o ministério de Cristo os tinha recebido por meio dos relatos de testemunhas oculares; portanto, parece que no caso de Lucas, o papel da Inspiração não foi tanto repartir uma informação original a não ser garantir a precisão do que ele registrou de acordo ao testemunho de outros. Lucas foi um historiador que investigou as fontes

originais; mas foi mais que isto: foi um historiador inspirado.

Por isso aconteceu com o Lucas se deduz claramente que a Inspiração funciona em harmonia com a operação natural das faculdades mentais sem prescindir delas. Aqui vemos um autor inspirado, guiado pelo Espírito Santo para examinar em forma diligente os registros já escritos e quão orais havia sobre a vida de Cristo, e logo fora impulsionado a organizar a informação recolhida em uma narração. Quanto a como opera a Inspiração, ver O conflito dos séculos, pp. 7-10 e Mensagens seletas, T. 3, pp. 29-86. Com referência específica ao Lucas, ver George Frise, Luke, ao Plagiarist? Pacific Press. 1983. 655

3.

Pareceu-me.

Ao Lucas pareceu apropriado redigir um relato completo, preciso e autêntico da vida de Cristo, possivelmente com a idéia de registrar alguns acontecimentos que pudessem haver-se omitido em relatos anteriores escritos por "muitos" (ver com. vers. 1). Estas palavras revelam a maneira na qual, ao menos alguns de os autores, foram guiados Por Deus para redigir o registro bíblico. A impressão do Espírito Santo na mente do Lucas fez que a este parecesse apropriado e desejável uma determinada maneira de atuar. Quando Lucas se refere ao que aconteceu no concílio de Jerusalém, onde se considerou a aceitação dos gentis na igreja cristã, cita aos apóstolos, dizendo que estes tinham escrito aos crentes da Antioquía quanto ao que lhes havia "parecido bem" (Hech. 15: 25). Os irmãos se reuniram em um concílio, mas suas deliberações tinham sido dirigidas pelo Espírito Santo e por isso puderam dizer com confiança: "pareceu bem ao Espírito Santo, e a nós" (vers. 28). O mesmo ocorreu ao Lucas: o Espírito Santo o impulsionou a escrever; mas quando escreveu o fez por seu própria e livre vontade, embora guiado Por Deus. Quanto à maneira em que o Espírito Santo guiou aos diversos autores bíblicos, ver Material Suplementar do EGW referente a 2 Ped. 1: 21.

depois de ter investigado com diligência.

A segunda razão pela qual Lucas escreve é seu desejo de transmitir a outros os benefícios de seu estudo cuidadoso da vida e dos ensinos do Jesus. Parece que Lucas tinha começado pelo princípio e investigado tudo. Apresenta seu relato evangélico como uma narração precisa, completa e sistemática da vida do Jesus. Estas são características da verdadeira erudição. Mateo destaca os ensinos do Jesus; Marcos, os fatos de seu ministério, mas Lucas combina ambos os elementos de um modo mais completo e sistemático que o de os outros evangelistas. A declaração do Lucas de que havia "investigado todas as coisas" não é uma vã presunção. É evidente que Lucas investigou cabalmente. No relato dos Evangelhos sinóticos há 179 seções, das quais 43 só aparecem no Lucas (ver pp. 181-182).

Desde sua origem.

Ou "do começo" da vida do Jesus. Lucas, como um explorador, seguiu muito de perto o curso dos acontecimentos até chegar a sua origem. Expõe as circunstâncias que rodearam o nascimento e a infância do Jesus em forma muito mais detalhada que os outros evangelistas. Só Lucas registra cinco de os seis acontecimentos anteriores ao nascimento do Jesus (ver P. 186), que se

mencionam nos Evangelhos.

Por ordem.

Gr. kathexés, "um depois do outro" ou "em forma consecutiva" (ver com. vers. 1). O livro do Mateo está composto principalmente de discursos do Jesus ordenados em forma temática, enquanto que Marcos trata os acontecimentos de a vida do Jesus agrupando-os segundo sua classe. A distribuição geral, tanto em Mateo como no Marcos, é cronológica; mas a seqüência cronológica não era o propósito principal dos evangelistas. Modificaram a ordem de vários feitos para que harmonizassem com o propósito principal de seus livros. Por outra parte, Lucas segue uma ordem cronológica bastante estrita que Mateo e Marcos não tentaram seguir (ver pp. 181-182).

Excelentíssimo.

Este título se usava com freqüência para dirigir-se aos altos funcionários do governo. Em certo modo poderia corresponder com o uso moderno de "seu excelência". Esse mesmo término se utilizava para referir-se aos procuradores romanos da Judea (Hech. 23: 26; 24: 3; 26: 25). É digno de ter em conta que um homem que parece que tinha uma elevada posição oficial aceitasse o cristianismo neste período do começo da igreja.

Teófilo.

Literalmente "amigo de Deus". Não há uma suficiente evidencia que apóie a idéia popular de que Teófilo não era o nome de uma pessoa determinada mas sim Lucas o tinha usado para representar aos cristãos em geral; mas o título "excelentíssimo" parece indicar claramente que se tratava de uma pessoa específica. O nome é grego, portanto, é provável que Teófilo fora um converso gentil. ,

4.

Para que conheça.

Gr. epiginóskò, "conhecer cabalmente". Teófilo devia receber ainda mais informação, além da que já tinha recebido por "as coisas nas quais foste instruído".

A verdade.

Gr. asfáleia, "o que não cai"; deriva de duas palavras: sfállo, "cambalear", "cair" e o prefixo a, alfa privativa ou negação. A BJ traduz "solidez". Há verdade e solidez nos fatos da fé cristã, e o que acredita neles estará firme e seguro contra o engano. 656

foste instruído.

Gr. katèjéo "instruir", "ensinar em forma oral". Deste verbo deriva a palavra "catequizar". No Hech. 18: 25 se traduz "instruir", no Hech. 21: 21, 24, "informar" e no Gál. 6: 6, "ensinar". Este vocábulo poderia dar a entender que até este momento Teófilo só tinha recebido instrução oral como a que bem poderia preceder ao batismo. É possível que fora um dos conversos de Lucas, a quem este tinha "catequizado". Também poderia ser que Lucas escrevesse estas coisas para fazer frente a falsos informe contra o cristianismo.

5.

Houve nos dias.

[Anúncio do nascimento do Juan, Luc. 1: 5-25. Ver mapa P. 204 e diagrama P. 217.] Na literatura grega era comum dar uma data segundo os anos de reinado de um rei. Há exemplos deste costume para cada um dos anos do primeiro século da era cristã. Ao iniciar seu relato, Lucas deixa o elegante estilo literário do koiné dos vers. 1-4, e começa a usar um estilo à maneira hebréia, que recorda narrações do AT como a do nascimento do Samuel. Em verdade, estas passagens (cap. 1: 5 a 2: 52) são os parágrafos de forma mais hebréia de tudo o que Lucas escreveu; entretanto, levam a marca característica de Lucas como autor. O fato de que a série de narrações registradas aqui fora de uma natureza tão pessoal como para que María guardasse "todas estas coisas, as meditando em seu coração" (cap. 2: 19), junto com o fato de que os outros evangelistas pouco falam destes acontecimentos, sugerem a possibilidade de que a informação aqui registrada pudesse não ter sido de conhecimento geral entre os crentes cristãos dos primeiros anos da igreja apostólica.

Como Lucas faz referência a muitas fontes de informação tão orais como escritas (ver com. vers. 1-3), alguns sugerem que pôde haver-se informado de os acontecimentos da infância do Jesus diretamente pela María. Dá a impressão de que a narração está apresentada do ponto de vista da María, assim como Mateo apresenta o relato do nascimento do Jesus do ponto de vista do José (Mat. 1).

A porção do Evangelho que trata do nascimento do Jesus (cap. 1: 5 a 2: 52) consta de sete partes: (1) Anúncio do nascimento do Juan o Batista (cap. 1: 5-25); (2) anúncio do nascimento do Jesus (vers. 26-38); (3) visita da María a Elisabet (vers. 39-56); (4) nascimento do Juan o Batista (vers. 57-80); (5) nascimento do Jesus (cap. 2: 1-20); (6) circuncisão e apresentação do Jesus em o templo (vers. 21-38); (7) a infância do Jesus (vers. 39-52).

Herodes.

Ver pp. 42-44 e os diagramas das pp. 40, 224. Os dias do Herodes foram dias de crueldade e opressão para o povo judeu mesmo que o rei aparentava praticar a religião judia. Seu caráter dissoluto, mais ou menos típico dos dias em que viveu, destaca-se em nítido contraste com o caráter do Zacarías.

Judea.

Parece que Lucas escreveu para leitores não palestinos, e por isso emprega com freqüência o término Judea para referir-se a toda a Palestina (Luc. 6: 17; 7: 17; Hech. 10: 37).

Zacarías.

Heb. Zekaryah, "Jehová recordou" ou "Jehová recorda". O filho da Joiada (2 Crón. 24: 20), o profeta Zacarías e muitos outros personagens bíblicos levaram este nome.

A classe do Abías.

David dividiu aos sacerdotes em 24 grupos (1 Crón. 24: 1-18; 2 Crón. 8: 14),

dos quais o do Abías era o oitavo (1 Crón. 24: 10). Dezesseis destes grupos estavam formados pelos descendentes do Eleazar e oito pelos descendentes do Itamar, ambos os filhos do Aarón. Entre os sacerdotes que retornaram de Babilônia depois do cativeiro, só estavam representados quatro grupos e o do Abías não estava entre estes (ver com. Esd. 2: 36). Mas os que retornaram se dividiram em 21 ou 22 grupos (aumentados depois a 24 em tempos do NT), e lhes deu os nomes dos grupos originais (ver com. Neh. 12: 1). Segundo Josefo, esperava-se que cada grupo de sacerdotes servisse por uma semana, de sábado à sábado (Antiguidades, vII. 14. 7), duas vezes ao ano. Na festa dos tabernáculos se esperava que estivessem pressentem os 24 grupos. Os intentos de saber em que momento do ano correspondia o serviço ao grupo do Abías, apoiando-se no dado de qual grupo estava servindo quando os romanos destruíram o templo no ano 70 d. C., parece que não hão servido para fixar a data do relato do Lucas.

Elisabet.

Heb. 'Elisheba', que significa "meu Deus jurou" ou "meu Deus é plenitude"; este foi também o nome da esposa do Aarón (Exo. 6: 23).

6.

Justos.

Ao parecer Zacarías e Elisabet pertenciam a esse pequeno grupo que estudava ansiosamente as profecias e esperava a vinda do Mesías (DTG 29, 31, 72). Segundo a literatura rabínica, a palavra "justo" se aplica a ações específicas, tais como dar 657limosnas e cumprir com os regulamentos religiosos; entretanto, é evidente que no caso do Zacarías e do Elisabet, sua justiça era muito maior que conformar-se externamente com a lei. Não eram simplesmente legalistas, a não ser cuidadosos e dignos exemplos em seu firme propósito de adorar a Deus "em espírito e na verdade" (Juan 4: 24). Outros membros deste pequeno e seleto círculo que aguardava a vinda do Mesías eram José e María (ver com. Mat. 1: 16-19), e Simeón e Ana (ver com. Luc. 2: 25-26, 38).

diante de Deus.

antes de sua conversão, Pablo acreditava que era, "quanto à justiça que é em a lei, irrepreensível" (Fil. 3: 6; cf. Hech. 23: 1). Mas sua conversão o fez compreender que esta "justiça" de nada servia (ROM. 2: 24-25; 1 Tim. 1: 15). No caso do Zacarías e do Elisabet, sua justiça era maior que a dos escribas e fariseus (Mat. 5: 20), quem fazia boas obras "para ser vistos dos homens" (Mat. 6: 1, 5). Zacarías e Elisabet eram justos "diante de Deus"; eram os nobres sucessores de heróis da fé, tais como Noé (Gén. 6: 9; 7: 1; Heb. 11: 7), Abraão (Heb. 11: 8), Job (Job 1: 8; 2: 3) e Daniel (Dão. 5: 11-12; 10: 11), cuja justiça o céu passava (Eze. 14: 14).

Mandamentos e regulamentos.

No tempo do Zacarías e isto Elisabet significava viver em harmonia com a lei moral e a lei do Moisés.

Posto que "todos pecaram, e estão destituídos da glória de Deus" (ROM. 3: 23; cf. 1 Juan 3: 4), todos têm necessidade de que alguém os livre da morte, o castigo pela desobediência (ROM. 6: 23; 7: 24). O Libertador não é outro a não ser Cristo Jesus (cap. 7: 25 a 8: 4). Mas Deus ordenou um sistema de sacrifícios (Heb. 9: 1) até que El Salvador viesse ao mundo, imposto "até

o tempo de reformar as coisas", quer dizer, até que Cristo começasse seu ministério sacerdotal (vers. 10-11). Em outras palavras, Zacarías e Elisabet tinham o propósito de obedecer a Deus, procuravam a salvação pelos meios que Deus tinha disposto, e como resultado eram contados como "justos diante de Deus".

7.

Não tinham filho.

A gente do Próximo Oriente sempre considerou que o não ter filhos é uma grande aflição. Os judeus freqüentemente consideravam que era um castigo divino pelo pecado (ver com. Lev. 20: 20). Como ocorre hoje com alguns povos orientais, entre os judeus se considerava que o não ter filhos era uma razão aceitável para a poligamia e o concubinato, e se aceitava como uma base legal para o divórcio.

Muitas pessoas que foram escolhidas antes de nascer para que cumprissem uma grande tarefa para Deus, nasceram apesar da idade ou da esterilidade de seus progenitores (Gén. 11: 30; 17: 17; 18: 11; 25: 21; 30: 22-24; 1 Sam. 1: 2, 8, 11). Para os homens muitas costure são impossíveis, mas "nada há impossível para Deus" (Luc. 1: 37). Muitas vezes Deus induz aos homens a que compreendam sua própria debilidade para que quando chegar a liberação possam apreciar o poder divino por sua experiência pessoal. No caso do Elisabet havia uma dobro razão para não ter esperança de filhos, pois a sua esterilidade somava-se a velhice.

8.

Aconteceu.

Gr. egéneto, do verbo gínomai, "acontecer", "acontecer". "chegar a ser", "ser". Esta forma verbal aparece com freqüência ao começo de um relato, e é o equivalente grego da fórmula hebréia wayehi, tão comum ao começo dos relatos do AT. Em algumas traduções modernas (entre elas Deus chega ao homem) omite-se sempre a tradução desta forma verbal pois o sentido é claro e o relato está completo sem ela.

Sua classe.

Ver com. vers. 5.

9.

Tocou-lhe em sorte.

Gr. lagjáno, "obter por sorte". Como havia muitos sacerdotes não todos podiam oficiar em um determinado período. portanto, tornavam-se sortes para determinar quem serviria cada manhã e cada tarde. Segundo a tradição judia (Mishnah Yoma 2. 2, 4), os sacerdotes se colocavam em semicírculo, e cada um levantava um ou mais dedos para ser contados. O "presidente" dizia um número, como por exemplo 70, e começava a contar. Contava até que ao completar o recontagem de dedos levantados um era eleito. A primeira sorte definia quem limparia o altar do holocausto e prepararia o sacrifício. A segunda decidia quem ofereceria o sacrifício e limparia o castiçal e o altar do incenso. A terceira sorte assinalava quem devia oferecer o incenso, o qual considerava-se como o trabalho mais importante. A quarta sorte determinava

quem tinha que queimar as partes do sacrifício no altar e devia fazer a parte final do serviço. As sortes, que se tornavam na manhã, valiam também para o serviço vespertino; mas se voltava a jogar sortes para saber quem ofereceria o incenso.

Oferecer o incenso.

considerava-se que o oferecimento do incenso era a parte mais sagrada 658 e mais importante dos serviços diários da manhã e a tarde. Estas horas de culto, nas quais se sacrificava um cordeiro (Exo. 29: 38-42) como holocausto, eram as horas do sacrifício matutino e vespertino (2 Crón. 31: 3; Esd. 9: 4-5) ou "a hora do incenso" (Luc. 1: 10 ; cf. Exo. 30: 7-8). Estas eram horas de oração para todos os israelitas, já assistissem ao serviço ou estivessem em sua casa ou até em um país estrangeiro. Enquanto subia o incenso do altar de ouro, as orações dos israelitas subiam com ele para Deus (Apoc. 8: 3-4; ver com. Sal. 141: 2), rogando por si mesmos e por sua nação em diária consagração (PP 364-365). Neste serviço o sacerdote lhe oficiem implorava o perdão dos pecados do Israel e rogava pela vinda do Mesías (DTG 73).

O privilégio de oficiar no altar de ouro em favor do Israel era considerado como uma alta honra, e Zacarías era, em todo sentido, digno dele. Este privilégio estava acostumado a corresponder a cada sacerdote só uma vez na vida, e era, portanto, o momento culminante de sua vida. Como regra geral, nenhum sacerdote podia oficiar no altar mais de uma vez, e é possível que algum de os sacerdotes nunca tivesse esta oportunidade.

O sacerdote sobre quem recaía a sorte de oferecer o incenso -neste caso Zacarías- escolhia a dois de seus companheiros no sacerdócio para que lhe ajudassem. A gente devia tirar as brasas anteriores do altar, e o outro tinha que colocar as brasas novas tiradas do altar do holocausto. Estes dois sacerdotes se retiravam do lugar santo logo depois de ter concluído sua tarefa, e o sacerdote escolhido por sorte colocava então o incenso sobre as brasas enquanto intercedia em favor do Israel. Quando se levantava a nuvem de incenso, enchia o lugar santo e passava por cima do véu até o lugar muito santo. O altar do incenso estava frente ao véu e muito perto dele, e embora estava em realidade no lugar santo, parece que se considerava como parte do lugar muito santo (ver com. Heb. 9: 4). O altar de ouro era o altar "de intercessão perpétua" (PP 366), porque dia e noite o sagrado incenso difundia seu fragrância pelo santo recinto do templo (PP 360).

10.

Multidão.

Gr. pléthos, "multidão", palavra preferida pelo Lucas pois a emprega 25 vezes, enquanto que todos os outros autores do NT a usam só 7 vezes. Alguns comentadores sugeriram que Zacarías oficiava no serviço matutino; outros acreditam que o fazia no serviço vespertino. Nos tempos de Cristo o sacrifício matutino se oferecia como às 9 da manhã, e o vespertino a isso das 3 da tarde (15 horas). Em qualquer desses momentos, podia reunir-se uma multidão respeitável (Hech. 2: 6, 15). Possivelmente o ancião Simeón e a piedosa Ana (ver com. Luc. 2: 25, 36) uniram-se às pessoas neste mesmo serviço, sem ser notados, e elevaram seu coração em oração para que viesse o Mesías.

Fora.

Fora do santuário, mas dentro dos sagrados átrios do templo.

11.

Lhe apareceu.

Segundo o relato, parece que o anjo não foi visto só em visão, mas sim se apresentou ao Zacarías e foi visto em forma natural.

Um anjo do Senhor.

Este era o anjo Gabriel (ver com. vers. 19), quem mais de cinco séculos antes apareceu-se ao Daniel para lhe anunciar o tempo da vinda do Mesías (Dão. 9: 21, 25). Agora, pouco antes de chegar El Salvador, Gabriel aparece de novo para anunciar o nascimento do profeta que prepararia ao povo para a chegada do Prometido.

A direita do altar.

O fronte do altar estava para o este, portanto, a direita do altar estava para o sul do mesmo. considerava-se que o lado direito era uma posição de honra (Mat. 25: 33; Hech. 7: 55- 56; Heb. 1: 3; etc.), e Zacarías deveria ter reconhecido esta posição como um sinal de deferência, mas não o fez (DTG 72-73; cf. PP 363).

12.

Sobressaltou-lhe temor.

A reação do ancião sacerdote dificilmente poderia considerar-se inesperada ou fingida (ver Juec. 6: 22; 13: 22; Luc. 2: 9; 9: 34; Hech. 19: 17).

13.

Não tema.

Estas palavras eram com freqüência as que primeiro dirigiam os seres celestiales ao comunicar-se com os homens (Gén. 15: 1; 21:17; Luc. 1: 30; 2: 10). Os seres celestiales trabalham constantemente para tirar o temor do coração de homens e mulheres consagrados (Heb. l: 14; 2:15), e para colocar em seu lugar "a paz de Deus, que ultrapassa todo entendimento" (Fil. 4:7). A perfeita compreensão de Deus e o amor a ele apartam todo temor do coração humano (Mat. 6:30-34; 1 Juan 4:18).

foi ouvida.

Alguns acreditam que a "oração" ouvida foi a do Zacarías que rogava pela vinda do Mesías. Ao estudar as profecias, especialmente as do Daniel, Zacarías se deu conta que o tempo da chegada do Mesías parecia estar muito próximo. Durante 659 muitos anos tinha orado para que se cumprisse a esperança de Israel, e agora Gabriel lhe assegurava que o cumprimento dessas profecias estava muito próximo (DTG 73). Outros acreditam que a "oração" ouvida foi uma oração anterior do Zacarías pedindo um filho. Não há dúvida de que em anos passados Zacarías tinha pedido um filho em oração (ver Gén. 15: 1-2; 25: 21; 30: 22; 1 Sam. 1: 10-11, etc.). Não é provável, como o sugerem alguns comentadores, que Zacarías tivesse pedido um filho em oração nesta oportunidade, pois seu resposta ao anjo (Luc. 1: 18) demonstra que já tinha renunciado à

esperança de ter um filho.

Juan.

Gr. Ioánnès, do Heb. Yojanan ou Yehojanan, que significa "Jehová é favorável". Vários personagens bíblicos levaram este nome (ver 2 Rei. 25: 23; 1 Crón. 3: 15; 26: 3; 2 Crón. 17: 15; Esd. 10: 6, 28; Neh. 12: 13; Jer. 40: 8).

14.

Terá gozo.

Os vers. 14-18 têm a forma métrica característica da poesia hebréia, em a qual há ritmo de palavras e repetição de idéias, e não medida de sílabas e repetição de sons. O fato de que Elisabet desse a luz um filho seria motivo de alegria pessoal para o Zacarías, mas este gozo íntimo se converteria em gozo para todos os que escutassem a mensagem desse filho e que por meio de ele se preparassem para a vinda do Senhor (vers. 17; cap. 2: 32).

15.

Será grande.

O céu não estima a riqueza, a posição, a linhagem, nem as dotes intelectuais, as quais não constituem a grandeza. Deus dá importância ao valor moral e aprecia as virtudes de amor e pureza. Juan era grande "diante do Senhor" (cf. Mat. 11: 11) em contraste com o Herodes que era grande ante quem procurava hierarquia, riqueza e poder. Juan foi um grande servidor de seus próximos; Herodes foi um grande tirano. Juan viveu para servir a outros; Herodes viveu só para agradar-se a si mesmo. Juan foi grande assim como foi Elías, para fazer que "muitos dos filhos do Israel se convertessem "ao Senhor Deus de eles" (Luc. 1: 16). Herodes foi grande assim como Nimrod (ver com. Gén. 10: 9-12): para induzir Á muitos a duvidar de Deus e opor-se a ele (Gén. 10: 9-10; cf. cap. 11: 2-4; ver pp. 42-43; com. Mat. 11: 13-14).

Veio.

Gr. óinos (ver "cidra").

Cidra.

Gr. síkera, palavra derivada do aramaico shikra' e do Heb. shekar (ver com. Núm. 28: 7). Shekar pode referir-se ao vinho ou a qualquer bebida lhe embriaguem, já fora feita de cevada, de mel ou de tâmaras. A raiz do verbo hebreu significa "beber até fartar-se", "beber até estar buliçoso", ou "embebedar-se". Alguns comentadores sugeriram que o fato de que Lucas empregue as duas palavras, óinos, "veio", e síkera, "cidra" (ou "licor", BJ), indica que a palavra síkera não inclui as bebidas embriagantes feitas de uva. Mas esta distinção não se justifica porque: (1) síkera é simplesmente a transliteración grega do Heb. shekar, palavra que compreende a todas as bebidas embriagantes; (2) a forma poética dos vers. 14-17 não justifica uma distinção de classificação entre "vinho" e "cidra", como tampouco pode distinguir-se entre "gozo" e "alegria" no vers. 14. O que acontece é que Lucas, ou melhor dizendo, o anjo Gabriel, emprega as duas palavras para destacar a proibição do consumo de qualquer bebida lhe embriaguem.

Juan o Batista, como Sansón (Juec. 13: 4-5) e Samuel (ver com. 1 Sam. 1: 22),

foi nazareo desde seu nascimento (DTG 76). que tinha feito os votos de ser nazareo (ver com. Gén. 49: 26; Núm. 6: 2) devia manter sempre os apetites e as paixões em estrita sujeição aos princípios (ver com. Juec. 13: 5). A importante missão que foi atribuída ao Juan o Batista exigiria vigor mental e percepção espiritual para que pudesse ser um exemplo ante seus contemporâneos. Quem participa da missão de proclamar o segundo advento de Cristo devem também desencardir sua vida "assim como ele é puro" (1 Juan 3: 3).

Cheio do Espírito Santo.

Antes que de bebidas alcoólicas (F. 5: 18). No Pentecostés, quando os apóstolos foram "cheios do Espírito Santo" (Hech. 2: 4, 15-17), os acusou de estar "cheios de mosto" (vers. 13). Quanto a aqueles a quem Deus há escolhido para seu serviço, não deve haver duvida em relação com a classe de estímulo que os move à ação. O estímulo de classe inferior exclui ao de classe superior. Juan devia ser iluminado, santificado e guiado pela influência do Espírito Santo. Lucas menciona ao Espírito Santo mais de 50 vezes em seu Evangelho e no livro de Feitos, enquanto que os outros três evangelistas, em total, mencionam-no 13 vezes.

Do ventre de sua mãe.

A existência do Juan se deveu à vontade e ao poder de Deus, e não a do homem. Veio ao mundo com a missão de sua vida já atribuída e devia ser dedicado a Deus do mesmo começo. O Espírito Santo encheria ao Juan desde seu 660nacimiento porque o Espírito tinha podido encher ao Elisabet, a mãe de Juan, dirigindo e controlando sua vida. Durante os primeiros anos da vida, os pais devem ocupar o lugar de Deus com respeito a seus filhos (PP 316). "Felizes... os pais cuja vida constitui um reflexo... fiel do divino" (PR 184-185). Mediante o Espírito Santo María recebeu a sabedoria necessária para cooperar com os seres celestiales no desenvolvimento e o ensino de Jesus (DTG 49). As mães que escolham hoje viver em comunhão com Deus podem esperar que o Espírito divino modele a seus pequenos, "ainda desde os primeiros momentos" (DTG 473). Deste modo nossos meninos, como Juan o Batista, poderão gozar o feliz privilégio de ser "cheios do Espírito Santo" (ver com. cap. 2:52).

16.

convertam-se ao Senhor.

Mediante o arrependimento. O batismo do Juan era um "batismo de arrependimento" (Mar. 1: 4; Luc. 3: 3; Hech. 13: 24; 19: 4). O arrependimento, ou seja apartar do pecado, era a nota tónica de sua mensagem. Os homens devem arrepender-se se desejam preparar-se de acordo com o que demanda o Senhor (Luc. 1: 17) e se desejam entrar em seu reino (Mat. 3: 2; 4: 17; 10: 7). A obra do Juan era persuadir aos homens a que abandonassem seus pecados e lhes insistir a procurar o Senhor seu Deus. Esta foi a obra do Elías (ver com. 1 Rei 18: 37). O AT conclui (Mau. 3: 1; 4: 5-6) e o NT começa com o tema de "os filhos do Israel" que se convertem ao Senhor (Luc. 1: 16).

17.

Irá diante dele.

Assim o haviam predito especificamente Isaías (ver com. ISA. 40: 3-5) e

Malaquías (ver com. Mau. 3: 1). Esta é a missão que lhe atribuiu à igreja remanescente de hoje.

Nos vers. 16-17 há uma inspirada gema de verdade que está médio oculta. Em o vers. 16 Lucas afirma que Juan o Batista faria que muitos dos filhos de Israel se convertessem ao "Senhor Deus deles" e em seguida adiciona: "[Juan] irá diante dele [evidentemente o Mesías]", mas também o "Senhor Deus de eles" do vers. 16. Lucas assinala definidamente, embora em forma velada, a divindade de Cristo.

O espírito e o poder do Elías.

O intrépido valor do Elías em tempos de apostasia e de crise (1 Rei. 17: 1; 18: 1-19, 36-40) converteu ao profeta em um símbolo da reforma completa e de a lealdade a Deus. Nesse momento era necessário fazer uma obra similar para fazer voltar o coração dos homens à fé de seus pais (Juan 8: 56; 1 Ped. 1: 10-11). A obra do Juan o Batista como precursor do Mesías havia sido descrita pelos profetas (ISA. 40: 1-11; Mau. 3: 1; 4: 5-6), como bem o sabiam quem estudava as Escrituras. Até os escribas reconheciam que Elías devia vir antes da vinda do Mesías (Mat. 17: 10; Mar. 9: 11-12). O mensagem do Juan era uma mensagem de reforma e de arrependimento (Mat. 3: 1-10). Juan se parecia com o Elías não só na obra que devia fazer e na intrepidez com que teria que proclamar a verdade (1 Rei. 21: 17-24; Mat. 3: 7-10), a não ser também em sua maneira de viver e em sua aparência física (Mat. 3: 4; ver com. 2 Rei 1: 8). Além disso, ambos os profetas sofreram perseguição (1 Rei 18: 10; 19: 2; Mat. 14: 10).

As profecias referentes ao precursor do Mesías se cumpriram tão notavelmente no Juan o Batista, que tanto o povo como seus dirigentes reconheceram o parecido entre o Juan e Elías (Juan 1: 19-21). Os sacerdotes, os escribas e os anciões não se atreveram a negar que Juan fora profeta nem mesmo depois de sua morte (Mat. 21: 24-27; Mar. 11: 29-33; Luc. 20: 3-7). Nem sequer o desumano Herodes se atreveu a tirar a vida ao Juan até que as circunstâncias aparentemente o obrigaram a fazê-lo (Mat. 14: 3-11; Mar. 6: 17-28; DTG 193). Juan negou que era Elías em pessoa (Juan 1: 21), mas Jesus afirmou que Juan tinha vindo em cumprimento das profecias que anunciavam a Elías (Mat. 11: 9-14; 17: 10-13). Este fato foi plenamente compreendido por os discípulos do Jesus (Mat. 17: 13).

Hoje se deve fazer a mesma obra que Elías e Juan o Batista levaram a cabo. Nestes dias de corrupção moral e cegueira espiritual se necessitam vozes que intrépidamente proclamem aos habitantes da terra a vinda do Senhor. Em esta hora se necessitam homens e mulheres que ordenem suas vidas como o fizeram antigamente Juan e Elías, e que insistam a outros a fazer o mesmo. necessita-se uma obra de verdadeira reforma, não só fora da igreja mas também também dentro dela. Deus pede a todos os que lhe amam e lhe servem que saiam a trabalhar "com o espírito e o poder do Elías" (3T 61-62).

Os corações dos pais.

O contexto tão aqui como em Mau. 4: 5-6 indica que a linguagem é figurada. A mensagem do Gabriel foi dado na forma literária da poesia hebréia, na qual o ritmo e a repetição são 661más importantes que a rima (ver T. III, pp. 19-30). Os "filhos do Israel" devem converter-se ao "Senhor Deus deles", a seu Pai celestial (Luc.1: 16); os "rebeldes à prudência dos justos" (vers. 17). A obra do Juan era a de converter o coração dos desobedientes filhos do Israel de sua geração à prudência de seu justo Pai

celestial, chamando sua atenção às experiências de seus pais (1 Cor. 10: 11). Esta era a mesma obra que Elías fazia (1 Rei 18: 36-37). Como descendentes espirituais de nosso pai Abraão (Gál. 3: 29), devêssemos, como ele, ir com fé a Deus (Heb. 11: 8-13, 39-40) e recordar sempre o caminho pelo qual ele guiou aos "pais" em tempos passados (NB 216).

A declaração do Malaquías, aqui citada pelo Lucas, explicou-se também em forma literal, ou seja, aplicada à responsabilidade que têm os pais de educar a seus filhos em "disciplina e admoestação do Senhor" (F. 6: 4). Um dos primeiros resultados da verdadeira conversão é o fortalecimento de os vínculos familiares. A reforma verdadeira sempre obtém isto. O lar está incluído, sem dúvida, na obra de reforma que aqui se descreve como um importante aspecto da preparação de "um povo bem disposto" para o Senhor (ver com. vers. 15).

Prudência.

Gr. frón'sis, "entendimento", "intenção". A "prudência" ou "sabedoria" (BJ) da qual fala o anjo induz ao homem a converter-se da desobediência a a obediência e da injustiça à justiça. Esta transformação não ocorre tanto como resultado do conhecimento intelectual como da mudança de forma de pensar (ROM. 12: 2), mudança que acompanha à transformação do coração (Eze. 11: 19; 18: 31; 36: 26). Uma pessoa ama a Deus só quando tem a intenção de lhe obedecer (Juan 14: 15; 15: 10). Quando os afetos estão postos em "as coisas de acima" (Couve. 3: 2), a verdadeira sabedoria ou prudência se empossa do coração e da vida.

Um povo bem disposto.

A gente dos dias do Noé não se preparou para o dilúvio (Luc. 17: 27) nem tampouco os habitantes da Sodoma para a destruição que lhes sobreveio. Os filhos do Israel que saíram do Egito não se prepararam para entrar na terra prometida (Heb. 3: 19). A gente do tempo de Cristo não estava preparada para recebê-lo e por isso "não lhe receberam" (Juan 1: 11). Sem embargo, devido em grande medida ao ministério do Juan o Batista, alguns estiveram preparados para lhe receber. Nos aconselha a estar "preparados" (Mat. 24: 44) porque só aqueles que o estejam entrarão com Cristo às bodas (Mat. 25: 10). O cristão que mantém viva no coração a chama da esperança da volta de nosso Senhor estará preparado para quando ele apareça (Heb. 9: 28; 2 Ped. 3: 11-12; 1 Juan 3: 3).

18.

No que conhecerei?

Ao Zacarías resultava difícil acreditar em uma promessa tão boa. Sem dúvida havia orado durante anos para que Deus lhe desse um filho (ver com. vers. 13), e agora que sua oração estava a ponto de ser respondida, sua fé não era suficientemente grande para receber a resposta. Com muita freqüência os seres humanos vêem as dificuldades que impedem o cumprimento das promessas de Deus, e esquecem que "nada há impossível para Deus" (vers. 37). Isto ocorreu a Sara (Gén. 18: 11-12), ao Moisés (Exo. 4: 1, 10, 13), ao Gedeón (Juec. 6: 15-17, 36-40) e a quão crentes oravam em casa da María para que Pedro fora liberado (Hech. 12: 14-16). Até Abraão, quem não "duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus" (ROM. 4: 20), sentiu a necessidade de ter alguma evidência concreta sobre a qual apoiar sua fé (Gén. 15: 8; 17: 17).

Sou velho.

Levita-os se aposentavam aos 50 anos (ver com. Núm. 8: 24); mas os sacerdotes se retiravam do serviço ativo só quando a idade ou a enfermidade impossibilitava-lhes ministrar no altar. Do Abraão e da Sara se diz que "eram velhos, de idade avançada" quando tinham 99 e 89 anos respectivamente (Gén. 18: 11). Josué foi considerado "velho, de idade avançada" (Jos. 13: 1) quando tinha 92 anos, embora viveu até os 110 anos (Jos. 24: 29). Do David diz-se que era "velho e avançado em dias" (1 Rei. 1: 1) aos 71 anos, quando morreu (2 Sam. 5: 4-5). É provável que Zacarías tivesse de 60 a 70 anos, possivelmente mais perto dos 70.

De idade avançada.

Ver com. vers. 7.

19.

Gabriel.

Gr. Gabri'l, do Heb. Gabri'o, que significa "varão de Deus". A palavra hebréia traduzida como "varão" é géber, que significa "homem forte".

Gabriel ocupa a posição da qual caiu Lúcifer (DTG 642; CS 547), e segue a Cristo em categoria e honra (DTG 72-73, 201; Dão. 10: 21). Foi Gabriel quem apareceu ao Daniel (Dão. 8: 16; 9: 21) para anunciar a vinda do "Mesías Príncipe" (Dão. 9: 25), e nos dias do NT apareceu ao Zacarías (Luc. 1: 19) 662 e a María (vers. 26-27), e provavelmente foi Gabriel quem se o apareceu ao José (ver com. Mat. 1: 20). Gabriel também fortaleceu ao Jesus em o Getsemaní (DTG 642); interpôs-se entre o Jesus e a multidão (DTG 643), e abriu a tumba e chamou o Jesus para que saísse (DTG 725-726). Gabriel foi, além disso, um dos anjos que acompanharam ao Jesus durante sua vida na terra (DTG 735), os quais apareceram aos discípulos no monte dos Olivos quando Jesus subiu ao céu (DTG 771; cf. 725). Foi Gabriel quem se apareceu ao Juan na ilha do Patmos (DTG 73; ver com. Apoc. 1: 1), e o disse que era conservo dele e dos profetas (Apoc. 22: 9).

Estou diante.

A expressão "estar diante de" emprega-se no AT para referir-se aos altos funcionários que atuavam na corte real (1 Rei. 10: 8; 12: 6; Prov. 22: 29; Dão. 1: 19). Por meio desta singela declaração que revela qual é a elevada categoria do Gabriel no céu, apresenta-se ante o Zacarías como representante de Deus. Jesus disse que os anjos guardiães "vêem sempre o rosto de meu Pai que está nos céus" (Mat. 18: 10).

Poderia dizer-se que Gabriel é o "primeiro-ministro" do céu, o caudilho de as hostes angélicas que são enviadas "para serviço a favor dos que serão herdeiros da salvação" (Heb. 1: 14). É, em um sentido especial, o embaixador do céu nesta terra (DTG 73). Gabriel não só acompanhou a os justos na terra, mas sim também se relacionou com outras pessoas. Foi ele quem se apareceu na corte persa para influir sobre o Ciro e Darío para que expedissem o decreto que autorizava a reconstrução do templo (Dão. 10: 13, 20; 11: 1). É o anjo da profecia, o comissionado pelo céu para que os assuntos humanos harmonizem com a vontade de Deus.

Segundo a tradição judia, Gabriel é o anjo do julgamento e da intercessão, e

um dos quatro arcanjos, quão únicos têm acesso à presença divina em todo momento.

te dar estas boas novas.

Gr. euaggelízÇ, "proclamar boas novas", "evangelizar" (ver com. cap. 2: 10).

20.

Ficará mudo.

Zacarías tinha expresso dúvidas quanto à mensagem do anjo. Agora recebe um sinal que era de uma vez um castigo por sua incredulidade. Sua falta de fé trouxe castigo e também bênção. Sua incredulidade foi curada imediata e completamente. E sua aflição foi, ao mesmo tempo, o meio de atrair a atenção da gente ao anúncio do nascimento do precursor do Mesías. A condição do Zacarías não só atraiu a atenção da multidão reunida nos átrios do templo (vers. 22), mas sim lhe deu a oportunidade de lhes comunicar o que tinha visto e ouvido (DTG 74) de uma maneira que nunca o esqueceriam.

O caso do Zacarías se parece, em certos aspectos, ao do Ezequiel, quem ficou mudo (Eze. 3: 26; 24:27) até que se cumpriu sua mensagem (cap. 33: 22).

Não creíste.

Embora Abraão teve dificuldades para captar a segurança da promessa de Deus de que seu próprio filho seria seu herdeiro (Gén. 15; 2-3; 17: 17-18), "acreditou em Jehová" (Gén. 15: 6). "Não se debilitou na fé... Tampouco duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus" (ROM. 4: 19-22). Parece que Zacarías, embora justo e irrepreensível diante de Deus (Luc. 1: 6), no exercício de seu fé não esteve à altura do Abraão.

21.

Estava esperando.

Zacarías permaneceu sozinho no lugar santo mais tempo que o acostumado. Segundo o costume, o sacerdote que oferecia o incenso na hora dos cultos matutino e vespertino não prolongava sua demora no lugar santo para que o povo não se inquietasse. Além disso, a gente não devia afastar-se dali até que o sacerdote te oficiem saísse a pronunciar a bênção aarónica (Núm. 6: 23-26). Segundo a Mishnah (Yoma 5. 1), a apresentação do incenso em o altar de ouro se fazia com relativa pressa.

22.

Não lhes podia falar.

Quando o sacerdote te oficiem saía do lugar santo depois de oferecer o incenso, devia levantar as mãos e pronunciar uma bênção sobre a multidão que esperava.

Tinha visto visão.

Quando Zacarías saiu do lugar santo, seu rosto brilhava com a glória de Deus (DTG 74). Sua aparência era, em certo sentido, uma bênção silenciosa, pois a fórmula da bênção compreendia estas palavras: "Jehová faça resplandecer

seu rosto sobre ti" (Núm. 6: 25) e "Jehová eleve sobre ti seu rosto" (vers. 26). A primeira frase representava o favor de Deus, e a segunda sua dádiva de paz. Sem dúvida muitos dos adoradores congregados se lembraram do Moisés quando desceu do monte Sinaí (Exo. 34: 29-30, 35).

Falava-lhes por gestos.

Assim tentava explicar às pessoas o que lhe tinha ocorrido. Finalmente, possivelmente com uma mensagem escrita, conseguiu lhes comunicar o que tinha visto e ouvido (DTG 74). 663

Mudo.

Gr. kÇfós, "sem fio", "embotado". Este adjetivo se empregava para referir-se tanto aos mudos como aos surdos. O relato parece insinuar que Zacarías ficou surdo e mudo (ver com. vers. 62).

23.

Seu ministério.

Gr. leitourgía, palavra comum em grego para denotar "serviço público". Na LXX a emprega para referir-se ao ministério do sacerdote em favor da congregação. usa-se, além disso, no Heb. 8: 6 e 9: 21 para referir-se ao "ministério" de Cristo no santuário celestial.

Cada grupo de sacerdotes permanecia no templo de sábado à sábado. Segundo a tradição judia, os sacerdotes que se retiravam ofereciam o incenso do sábado de amanhã, e os que chegavam ofereciam o incenso da tarde. Se assim era, então a "classe do Abías", a qual pertencia Zacarías (ver com. vers. 5), teria terminado seu ministério na sábado seguinte de sua visão. Zacarías pôde ter pensado que o que lhe tinha acontecido com o anjo justificava que se retirasse antes e voltasse para sua casa; mas preferiu permanecer no posto de serviço que lhe tinha sido designado até que o correspondesse sair. Segundo as palavras do vers. 23 é quase seguro que ainda faltavam-lhe vários dias para cumprir seu ministério e que, portanto, o anjo não lhe tinha aparecido o último sábado de seu período de serviço.

A sua casa.

Zacarías e Elisabet viviam na montanha do Judá (vers. 39). Das oito aldeias do Judá atribuídas pelo Josué aos sacerdotes (ver com. Jos. 21: 9; cf. 1 Crón. 6: 57-59), parece que Hebrón e Holón (Hilén) eram as únicas que estavam situadas na montanha. Não se sabe se Holón foi reconstruída depois do cativeiro nem se as cidades originais atribuídas aos sacerdotes pelo Josué pertenciam-lhes ainda no tempo de Cristo (ver com. Luc. 1: 39).

24.

encerrou-se.

Não é claro por que razão Elisabet se encerrou durante os primeiros meses de seu embaraço. Não se conhece nenhum costume judia que a tivesse obrigado a fazê-lo, e o contexto insinúa que o fez voluntariamente. Alguns comentadores sugeriram que permaneceu em casa até que fora evidente que sua "afronta" tinha sido tirada (ver com. vers. 25). Outros pensam que se menciona este período de cinco meses só para antecipar-se à visita da María

no sexto mês. Entretanto, também é possível que Elisabet tenha procurado afastar-se das relações habituais com a sociedade, para dedicar-se ao estudo e à meditação a respeito da responsabilidade de criar a um menino que viveria como nazareo (ver com. vers. 15), que estaria inteiramente consagrado a Deus e que teria que cumprir uma missão tão importante como a que lhe havia sido encomendada ao Juan, seu filho. Esta motivação parece estar em completa harmonia com o caráter do Elisabet (cf vers. 6).

25.

Afronta.

Quer dizer, a desgraça de não ter filhos, que entre os judeus se considerava como a maior calamidade que lhe podia acontecer a uma mulher (Gén. 30: 1; 1 Sam.1: 5-8; ver com. Luc. 1: 7). Usualmente se acreditava que a esterilidade era um castigo de Deus (Gén. 16: 2; 30: 1-2; 1 Sam. 1: 5-6), e em tais casos se orava a Deus lhe pedindo sua intervenção favorável (Gén. 25: 21; 1 Sam. 1: 10-12), e que se lembrasse das pessoas assim castigadas. Quando a mulher concebia depois de tais súplicas, dizia-se que Deus se acordou dela (Gén. 30: 22; 1 Sam. 1: 19). Em toda a Escritura aparecem os filhos como uma bênção concedida Por Deus (Gén. 33: 5; 48: 4; Exo. 23: 26; Jos. 24: 3; Sal. 113: 9; 127: 3; 128: 3). Como um contraste, entre as nações pagãs era comum oferendar meninos como holocausto a seus deuses.

26.

Ao sexto mês.

[Anúncio do nascimento do Jesus, Luc. 1: 26-38. Ver mapa P. 204; diagrama P. 217.] Quer dizer, o sexto mês depois do anúncio do Gabriel ao Zacarías (vers. 11) e da concepção do Elisabet (vers. 24), como o tinha declarado especificamente o anjo (vers. 36).

Gabriel.

Ver com. vers. 11, 19.

Nazaret.

Uma pequena aldeia galilea que não menciona o AT, nem o Talmud, nem que inclui Josefo em uma lista de 204 aldeias da Galilea (ver com. Mat. 2: 23). A infância e a juventude do Jesus -período do qual pouco falam as Escrituras- transcorreram em uma localidade a respeito da qual os registros históricos dizem pouco. Jesus esteve livre ali, em uma pequena comunidade, da influência rabínica dos centros judeus maiores, e também da cultura pagã grega que se difundiu pela "Galilea dos gentis" (Mat. 4: 15).
O conceito que os judeus tinham do Nazaret se reflete na resposta de Natanael ao Felipe: "Do Nazaret pode sair algo de bom?" (Juan 1: 46), e em a afirmação feita pelos fariseus ao Nicodemo, "Esquadrinha e vê que da Galilea nunca se levantou profeta" (Juan 7: 52). Ver a ilustração frente à P. 480. 664 O fato de que Lucas me localize a María e ao José como residentes de Nazaret e diga especificamente que essa era "sua cidade" (cap. 2: 39), é uma prova da precisão de seu relato evangélico. Se ele ou outras pessoas de quem recebeu esta informação (vers. 1-3) tivessem inventado o relato, teriam procurado se localizar a María e ao José em Presépio em toda a narração desde a concepção e o nascimento de Cristo, e não em uma cidade da Galilea, especialmente pela má fama que tinham Galilea em geral e Nazaret em

particular. O fato de que Mateo não mencione a cidade do Nazaret em relação com os acontecimentos que precederam ao nascimento do Jesus (Mat.1: 18-25) também dá testemunho de que o que se registra em cada um destes dois Evangelhos é original. Se os evangelistas se confabularam com a intenção de enganar, teriam se esforçado por dar a seus relatos, pelo menos na aparência, uma semelhança superficial, o qual não ocorre. A explicação de Lucas de que Nazaret era "uma cidade da Galilea" poderia ser uma prova, como supõem alguns, de que escrevia a pessoas que não viviam na Palestina e não conheceriam essa aldeia tão pequena.

27.

Uma virgem.

Ver com. Mat. 1: 23. O fato de que Lucas não mencione aos pais da María neste relato tão detalhado das circunstâncias do nascimento do Jesus, poderia sugerir que já tivessem morrido e que María possivelmente estivesse vivendo com alguns familiares (DTG 118-119). Quase sem exceção, os autores judeus identificavam às pessoas a respeito das quais escreviam, como filhos ou filhas de determinada pessoa.

Desposada.

Ver com. Mat. 1: 18. É importante a seqüência dos acontecimentos aqui relatados. O anjo lhe anunciou o nascimento do Jesus depois de que María se desposou. Se lhe houvesse dito que ia ter um filho quando ainda não havia feito planos para casar-se, sem dúvida se teria aflito muito. Por outra parte, se o anúncio tivesse ocorrido depois do matrimônio, María e José houvessem podido considerar que Jesus era seu próprio filho. Teria sido difícil, se não impossível, estabelecer a evidência do nascimento virginal. A seqüência de os acontecimentos atesta em favor do plano divino e da providência reitora de Deus. Se José pensou em divorciar-se da María ao inteirar-se de que "tinha concebido" (Mat. 1: 18-19) -e só uma revelação direta de Deus o impediu que o fizesse (vers. 20, 24)-, é provável que lhe tivesse resultado muito mais difícil aceitar a idéia de comprometer-se em matrimônio com a María se esta já tivesse estado grávida (vers.19). O planejamento divino fez que a situação fosse o mais fácil possível tanto para a María como para o José. María era na verdade "virgem", mas estava desposada. Deus já lhe tinha proporcionado quem a ajudasse e a protegesse antes de lhe anunciar o nascimento do Jesus.

José.

Ver com. Mat. 1: 18. Pouco se sabe a respeito do José fora de sua descendência davídica (Mat. 1:6-16), sua pobreza (ver com. Luc. 2: 24), seu ofício (Mat. 13: 55), que tinha quatro filhos (Mat. 12: 46; 13: 55-56; DTG 66) e que evidentemente morreu antes de que Jesus começasse seu ministério (DTG 119). O último acontecimento claramente registrado a respeito do José ocorreu quando Jesus tinha 12 anos (Luc. 2: 51). O fato de que não se mencione nem uma vez mais a José faz pensar que morreu antes de que Jesus começasse seu ministério (ver com. cap. 2: 51), e que Jesus a ponto de morrer encomendasse o cuidado de sua mãe a Juan (Juan 19: 26-27), é uma prova bastante clara de que a morte do José ocorreu antes desse momento.

Casa do David.

Quer dizer, da família real (ver com. Mat. 1: 1, 20). Alguns opinam que José era o descendente da casa do David, mas outros dizem que era María.

A repetição da palavra "virgem" na última parte do versículo parece indicar que era José e não María quem descendia do David. De todos os modos, em Luc. 2: 4 se afirma claramente que José era descendente do David; mas María também era de "a casa do David" (ver com. Mat. 1: 16; Luc. 1: 32; DTG 29). Por meio da María Jesus era literalmente "da linhagem do David, segundo a carne" (ROM. 1: 3). No Luc. 1: 32, 69 parece dar-se por sentado que María era descendente do David. Estas e outras declarações bíblicas perderiam muita força e significado se María não podia afirmar que era descendente do David. O fato de que no vers. 36 se diga que María era "parienta" do Elisabet não implica necessariamente que fora da tribo do Leví, como alguns o hão pensado (ver com. vers. 36). Tanto María como José eram de descendência real, enquanto que Zacarías e Elisabet eram da linhagem sacerdotal (vers. 5).

María.

Ver com. Mat. 1: 16. Lucas apresenta o relato do nascimento do Jesus desde o ponto de vista da María. feito que há inducido665 a alguns comentadores a pensar que Lucas tinha ouvido pessoalmente o relato de lábios dela ou de alguém que tinha falado com a María (ver com. vers. 1-3). A abundância de detalhes e a deliciosa formosura do relato do Lucas sugerem um conhecimento íntimo dos fatos, já fora por relação direta com as pessoas que foram testemunhas do acontecido (vers. 2) ou por inspiração. Lucas menciona aos que "viram com seus olhos", o qual indicaria que existiram ambos os fatores: o relato de testemunhas oculares protegida sem dúvida pela Inspiração.

28.

Salve!

Gr. jáire, saudação comum nesse tempo (Mat. 28: 9), que expressa estima e boa vontade. Jáire é o imperativo do verbo jáirÇ, "gozar-se", "alegrar-se". Este saudação pode comparar-se com as palavras "paz a vós" (Luc. 24: 36; etc.), fórmula para saudar que se usa no Próximo Oriente até o dia de hoje.

Muito favorecida.

Literalmente "dotada de graça". Esta expressão designa a María como recipiente da graça ou o favor divino, mas não como dispensadora dessa graça. Gratia plena, frase latina da Vulgata, traduzida como "cheia de graça" na BJ e em outras versões católicas, deve entender-se no sentido de que María foi loja de comestíveis de graça e não como que era capaz de dispensar essa graça. O relato bíblico não diz que Gabriel lhe concedeu uma graça especial para que ela a repartisse a outros. Em F. 1: 6 se usa o mesmo verbo para referir-se à ação de Deus para conosco: "fez-nos aceptos" (RVR); "agraciou-nos" (BJ). A tradução literal poderia ser: "concedeu-nos graça"; mas esta graça é concedida "no Amado", o qual sugere que a concessão de graça é algo que qualquer crente em Cristo pode receber. Segundo a explicação do anjo, María era "muito favorecida" porque o Senhor estava com ela e havia "achado graça diante de Deus" (Luc. 1: 30).

Segundo o registro evangélico, só Elisabet (Luc. 1: 42) e uma mulher cujo nome não se menciona (cap. 11: 27), chamaram "bendita" ou "bem-aventurada" a María; e Jesus retificou o que disse essa mulher (vers. 28). El Salvador sempre tratou com cortesia e consideração a sua mãe (ver com. Juan 2: 4), mas nunca elogiou-a por cima de outros que lhe ouviam e acreditavam nele (Mat. 12: 48-49). Em a cruz se dirigiu a ela chamando-a simplesmente "mulher", título que denotava respeito (ver com. Juan 19: 26). Nem Pablo nem nenhum outro autor do NT

atribuíram a María méritos extraordinários ou influência diante de Deus.

Segundo a declaração de Pio XII, não é "possível definir adequadamente nem explicar corretamente a grande dignidade e a sublimidad da bendita Virgem somente tendo como base as Sagradas Escrituras..., sem tomar em conta a tradição católica e o sagrado magistério da igreja" (ApS 46 [1954], 678, chamado em New Catholic Encyclopedia, 1967, S. V. "Mariology"). A partir do século II d. C. começou a fazer um paralelo entre a Eva e María similar ao que riscou Pablo entre o Adão e Cristo (ROM. 5: 12-15; 1 Cor. 15: 21-22). No Concílio do Efeso (431 d. C.) deu a María o título de theotókos, "a que dá a luz a Deus" ou "mãe de Deus". Sua perpétua virgindade foi proclamada em o Concílio Lateranense em 649.

Podem destacar-se pelo menos três fatores que acompanharam este processo evolutivo da veneração da María. (1) Na concha do Mediterrâneo havia cultos populares a divindades femininas como Isis, mãe do Horus; lhes ceve, de Frigia e Artemisa ou Diana dos efesios. Estas eram as deusas da maternidade e a fertilidade. Parecesse que estes cultos facilitaram, em certo modo, a aceitação da veneração da María, e que alguns de seus rituais foram adotados como parte do culto a María. (2) Nos primeiros séculos da era cristã surgiram lendas a respeito da María, as quais foram incorporadas a evangelhos apócrifos que tiveram grande circulação entre os cristãos. (3) As controvérsias cristológicas que deram por resultado a definição da divindade do Jesus no século IV fizeram impacto no desenvolvimento da veneração da María. Se Jesus tinha que ser considerado como divino, tornava-se mais fácil explicar essa divindade se atribuíam a seu mãe características especiais, tais como a ausência de pecado e a virgindade perpétua.

Às palavras da saudação do anjo lhe acrescentaram outras palavras para formar o conhecido "Ave María", prece dirigida a María para pedir seu intercessão. Segundo a Catholic Encyclopedia, as quatro partes da reza têm a seguinte origem: (1) Luc. 1: 28; (2) a saudação do Elisabet (Luc. 1: 42), (acrescentado antes de 1184); (3) a denominação da María como mãe de Deus e o pedido de intercessão, acrescentado antes do ano 1493; e finalmente (4) 666 a última frase, acrescentada antes do ano 1495 e incluída no Catecismo do Concílio do Trento. A reza completa, que aparece no Breviário Romano de 1568, é como segue:

(1) "Deus lhe salve María,

enche é de graça.
O Senhor é contigo;

(2) "Bendita você é entre

todas as mulheres, e bendito

é o fruto de seu ventre, Jesus.

(3) "Santa María, mãe de Deus,

roga por nós, os pecadores,

(4)"Agora e na hora de nossa morte. Amém".

É contigo.

Em grego só diz: "o Senhor contigo". Pode acrescentar-lhe as formas verbais "é" ou seja". Esta saudação era comum em tempos do AT (Juec. 6: 12; Rut 2: 4).

Bendita você entre as mulheres.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) a omissão desta frase. Sem embargo, encontra-se claramente no vers. 42 (ver com. vers. 42).

29.

turvou-se.

Gr. diatarássomai "agitar-se muitíssimo", "turvar-se intensamente". María se sentiu perplexa ante a repentina e inesperada aparição do anjo, mas seu perplexidade foi ainda major pela alta honra que lhe conferiu o extraordinário saudação do anjo. Se "turvou", mas se manteve serena.

Pensava.

Apesar de sua confusão, María tratou de pensar e raciocinar para descobrir a razão desta experiência tão extraordinária. Em tais circunstâncias, muitas pessoas perderiam momentaneamente a capacidade de raciocinar. Parece que María não só era uma jovem virtuosa e piedosa, mas também de admirável inteligência; não só tinha adquirido um conhecimento pouco comum das Escrituras, mas sim também refletia no significado das diversas experiências que a vida lhe proporcionava (cap. 2: 19, 51). A diferença de Zacarías, quem teve medo (cap. 1: 12), María parece ter conservado seu presença de ânimo.

30.

Não tema.

Ver vers. 29 e com. vers. 13. Ao dirigir-se a ela por nome, o anjo demonstrou que a conhecia pessoalmente. Estas declarações tinham o propósito de lhe inspirar confiança.

Graça.

Gr. járis, "graça", "favor". Emprega-se aqui o substantivo relacionado com o verbo que se traduz "favorecida" no vers. 28 (ver com. deste vers.). A palavra járis era utilizada com freqüência pelos primeiros cristãos. Deus se

agradou por ter achado na María a uma mulher que se aproximava tanto ao ideal divino.

31.

Conceberá.

As palavras do vers. 31 se parecem com as do Gén. 16: 11, quando fez a Agar uma promessa similar. O anjo anunciou a María o cumprimento da promessa feita a Eva (ver com. Gén. 3: 15).

É um misterío incompreensível e insondável que não nos foi explicado pela Inspiração, como pôde e quis o Rei do universo fazer-se "carne" (Juan 1: 14), nascer "de mulher" (Gál. 4: 4) e ser "semelhante aos homens" (Fil. 2: 7). Qual não terá sido a reverência com a qual o céu contemplou ao Filho de Deus que baixou "do trono do universo" (DTG 14), abandonou os átrios de glória e condescendeu em assumir a humanidade para ser feito "em todo semelhante a seus irmãos" (Heb. 2: 17), humilhando-se para fazer-se "semelhante aos homens"! (ver Nota Adicional do Juan 1 e com. Fil. 2: 7-8).

Nós também deveríamos contemplar com grande reverencia o incomparável amor de Deus ao nos dar a seu único Filho para que tomasse nossa natureza (Juan 3: 16). Por meio de sua humilhação, Cristo se "uniu com a humanidade por um vínculo que nunca se tem que romper" (DTG 17). O caráter de Deus se apresenta com este maravilhoso dom em agudo contraste com o caráter do maligno, que embora era um ser criado tentou elogiar-se para ser "semelhante ao Muito alto" (ISA. 14: 14).

Chamará seu nome.

Ver com. Mat. 1: 21.

32.

Será grande.

observa-se um notável parecido entre os vers. 32-33 e ISA. 9: 6-7; um é claro reflexo do outro. Seis meses antes Gabriel havia dito ao Zacarías que Juan seria grande (Luc. 1: 15).

Será chamado.

empregam-se aqui estas palavras com o sentido de "será reconhecido como", igual que no Mat. 21: 13. Deus anunciou aos anjos do céu que Cristo era o divino Filho de Deus (Heb. 1: 5-6), seus discípulos o confessaram como tal (Mat. 16: 16; Juan 16: 30) e os autores do NT consignaram este fato por escrito (ROM. 1: 4; Heb. 4: 14; 1 Juan 5: 5; etc.).

Filho do Muito alto.

Cf. ver. 35. Quando Jesus foi batizado, o Pai declarou que era seu Filho (cap. 3: 22). Esta mesma afirmação foi repetida poucos meses antes de seu crucificação (Mat. 17: 5). Todos os que façam "o que é agradável diante de ele" (Heb. 13: 21), têm o privilégio de ser chamados "filhos do Muito alto" (Luc. 6: 35; ver com. Juan 1: 1-3; Nota adicional do Juan 1). 667

O trono.

Segundo o profeta Isaias, o "Príncipe de paz" ocuparia o "trono do David" para governar "seu reino" (ISA. 9: 6-7). É evidente que em todo este NT "trono" representa o reino eterno de Cristo, e não a restauração do reino literal de David neste mundo (Juan 18: 36; etc.; ver com. Luc. 4: 19).

David seu pai.

Ver com. Mat. 1: 1, 16, 20; Luc. 1: 27. A descendência literal do Jesus pelo linhagem do David se afirma claramente tanto no AT como o NT (Sal. 132: 11; Hech. 2: 30; ROM. 1: 3). Até os mais declarados inimigos de Cristo não se atreviam a negar que o Mesías seria "filho do David" (Luc. 20: 41-44). O glorioso reinado do David se converteu para os Santos profetas em um símbolo especial da vinda do reino messiânico (ISA. 9: 6-7; cf. 2 Sam. 7: 13; Sal. 2: 6-7; 132: 11; ver T. IV, P. 33).

A frase "David seu pai" é significativa. Como filho do José, como filho de María ou como filho de ambos, Jesus podia ter sido filho do David. É óbvio que María entendeu que o anjo queria lhe dizer que a concepção do Jesus seria só por obra do Espírito Santo (vers. 34-35). portanto, a afirmação do anjo de que David era o "pai" do Jesus, pode ser entendida também no sentido de que María era descendente do David (ver com. Mat. 1: 16; cf. DTG 30).

33.

Reinará.

Deve destacar-se que nas mensagens angélicas e nas declarações proféticas que se referem ao nascimento de Cristo, pouco é o que se diz sobre o papel de Cristo como Aquele que sofreria. Por exemplo, Gabriel se antecipa aqui à gloriosa culminação do plano de salvação, passando por cima toda referência à crucificação. O gozo pelo nascimento do Salvador, que houve tanto no céu como na terra entre os poucos que o reconheceram e o receberam, possivelmente fez que parecesse inapropriado mencionar a cruz que precederia à coroa. Cristo, "autor e consumador da fé, o qual pelo gozo posto diante dele sofreu a cruz", é o mesmo que se "sentou à mão direita do trono de Deus" (Heb. 12: 2). Com quanta freqüência os profetas do AT se reconfortaram levantando o olhar, e, deixando a um lado a angústia ocasionada pelo pecado, contemplaram a glória final do universo desencardido de todo rastro de pecado!

Casa do Jacob.

Quer dizer, a descendência do Jacob. Em sentido espiritual, estão incluídos todos os que acreditam em Cristo, já sejam Judeus ou gentis (ROM. 2: 25-29; Gál. 3: 26-29; 1 Ped. 2: 9-10; etc.).

para sempre.

Literalmente "para os séculos" (ver com. Mat. 13: 39). Os Santos homens da antigüidade esperaram o momento quando as coisas transitivas desta terra desaparecessem ante as realidades da eternidade. Os reino terrestres que, do ponto de vista humano, muitas vezes se levantam majestuosamente, um depois de outro se desvanecem como a bruma matinal ante os raios do sol. Os homens procuram estabilidade e segurança, mas isto nunca se obterá até que Cristo estabeleça seu reino, que "não será jamais destruído" (Dão. 2: 44), "que

nunca passará" (Dão. 7: 14), um "reino de todos os séculos" (Sal. 145: 13), que será "para sempre" (Miq. 4: 7). A promessa do Pai de que o reino de seu Filho seria "pelo século do século" (Heb. 1: 8) não era desconhecida entre os judeus do tempo de Cristo (Sal. 45: 6-7; cf. Juan 12: 34).

34.

Como será isto?

O contexto implica que María acreditou sem vacilar no que o anjo lhe havia anunciado. Com fé singela perguntou como teria que fazer o milagre.

Não conheço.

refere-se ao conhecimento carnal das relações conjugais. María podia afirmar sua pureza e virgindade (ver com. Mat. 1: 23). Esta expressão é um modismo hebreu que denotava castidade premarital (Gén. 19: 8; Juec. 11: 39, etc.). Deus -assim como o faz freqüentemente conosco- primeiro permitiu que María estivesse plenamente convencida do fato de que a natureza do evento que lhe anunciava estava fora do alcance do poder humano, que era impossível do ponto de vista dos homens, antes de lhe apresentar os meios pelos quais se levaria a cabo. Assim é como Deus nos induz a apreciar sua grandeza e seu poder, e nos ensina a ter confiança nele e em suas promessas.

Quem entende que nesta afirmação da María há um voto de perpétua virgindade, não têm uma base firme para esta posição (ver com. Mat. 1: 25). A idéia de que María foi virgem antes, durante e depois do parto surgiu séculos mais tarde, possivelmente fundando-se em uma crença errônea do que é o que constitui a verdadeira virtude. Quando lhe dá tanta importância à virgindade, se insinúa que o lar -instituição divinamente ordenada- não representa o mais alto ideal da vida social. Ver com. Mat. 19: 3-12. 668

35.

O Espírito Santo.

Ver com. Mat. 1: 18-20.

Virá sobre ti.

Esta expressão se emprega com freqüência para descrever a recepção do poder do Espírito Santo (Juec. 6: 34; 1 Sam. 10: 6; 16: 13).

Poder.

Gr. dúnamis, "poder", "força", "capacidade", em contraste com exousía, "poder" no sentido de "autoridade". Nos Evangelhos se emprega com freqüência a palavra dúnamis para referir-se aos milagres de Cristo (Mat. 11: 20-23; Mar. 9: 39; etc.). Aqui o "poder do Muito alto" forma um paralelismo com "Espírito Santo", mas não deve entender-se com isto que o Espírito Santo é meramente a expressão do poder divino, mas sim é o Ser por cujo meio se exerce o poder celestial. As palavras do anjo foram pronunciadas em estilo poético hebreu, no qual se repetem as idéias e não regem as regras de rima e ritmo da poesia castelhana (ver Luc. 1: 32-33, 35; T. III, P. 25).

Filho de Deus.

O anjo Gabriel afirma aqui a verdadeira deidade do Jesucristo, mas vincula esta deidade em forma inseparável com sua verdadeira humanidade. O Filho da María seria Filho de Deus porque a concepção ocorreria quando "o poder do Muito alto" cobrisse-a com sua sombra.

Apoiando-se nestas e em outras passagens, alguns chegaram à conclusão de que o título "Filho de Deus" foi aplicado ao Jesus pela primeira vez na encarnação. Outros pensaram que este título descreve a relação existente entre Cristo e o Pai antes da encarnação. E há quem considera que dito título se refere adequadamente a Cristo antes de que se encarnasse, lhe dando um sentido de antecipação, ou seja em relação com seu papel no plano da salvação. Os autores e redatores deste Comentário não encontram que nas Sagradas Escrituras se presente nenhuma destas posições em linguagem claro e inconfundível. portanto, falar em forma dogmática a respeito deste assunto seria ir além do que a Inspiração revelou. Aqui o silêncio é ouro.

Os numerosos nomes e títulos que aplicam a Cristo nas Escrituras, têm o propósito de nos ajudar a compreender a relação que tem ele com nós nos diversos aspectos de sua obra em favor de nossa salvação. Há quem aplica sem vacilar nomes e títulos descritivos da obra de Cristo como Salvador deste mundo, a suas relações absolutas e eternas com os seres sem pecado do universo. Fazer isto poderia levar a falácia de aceitar o linguagem humana como completamente adequado para expressar os mistérios divinos.

As Escrituras assinalam que a ressurreição foi um acontecimento que confirmou no Jesus o título "Filho de Deus". O salmista escreveu: "Meu filho é você; eu engendrei-te hoje" (Sal. 2: 7). Pablo cita esta declaração como uma "promessa feita a nossos pais, a qual Deus cumpriu aos filhos deles, a nós, ressuscitando ao Jesus" (Hech. 13: 32-33; cf. Mat 28: 18; ROM. 1: 4; Fil. 2: 8-10 ; Heb. 1: 5-8).

Jesus raramente se referiu a si mesmo com o título "Filho de Deus" (Juan 9: 35-37; 10: 36), embora muitas vezes fez alusão à relação que existia entre ele, como Filho, e o Pai (Mat. 11: 27; Luc. 10: 21; Juan 5: 18-23; 10: 30; 14: 28; etc.). Cristo era "igual a Deus" (Fil. 2: 6), "um com o Pai" (DTG 11; cf. Juan 10: 30), antes de descer do trono do universo" (DTG 14; PP 49). Cristo se humilhou voluntariamente na encarnação, e aceitou uma posição subordinada a do Pai (Fil. 2: 7; Heb. 2: 9). Enquanto Cristo estava na terra fez várias declarações que são um testemunho de sua entrega voluntária e transitiva de suas prerrogativas, mas não de sua natureza e de sua Deidade (Fil. 2: 6-8). Exemplos destas declarações são: "o Pai maior é que eu" (Juan 14: 28) e "não pode o Filho fazer nada por si mesmo" (Juan 5: 19; ver com. Luc. 2: 49).

O Pai deu testemunho de que Jesus era seu Filho, quando nasceu (Luc. 1: 35; Heb. 1: 5-6), em seu batismo (Luc. 3: 22), em seu transfiguración (Luc. 9: 35) e, uma vez mais, quando ressuscitou (Sal. 2: 7; Hech. 13: 32-33; ROM. 1: 4). Juan o Batista também deu testemunho de que Jesus era "Filho de Deus" (Juan 1: 34), e os doze finalmente reconheceram a filiação divina do Jesus (Mat. 14: 33; 16: 16). Até os espíritos imundos confessavam que ele era o Filho de Deus (Mar. 3: 11; 5: 7). depois de dar a vista ao que tinha nascido cego, Jesus atestou ante os dirigentes judeus que era "Filho de Deus" (Juan 10: 35-37). Sua afirmação de que na verdade era o "Filho de Deus" foi o que finalmente o causou sua condenação e sua morte (Luc. 22: 70-71).

Jesus se referiu a Deus chamando-o "meu Pai" (Mat. 16: 17), e ele deseja que aprendamos a conhecer deus como "Nosso pai" (Mat. 6: 9) e que compreendamos como nos considera Deus (ver com. Mat. 6: 9).

669 "Cristo nos ensina a nos dirigir a ele [Deus] com um novo nome. . .Nos concede o privilégio de chamar o Deus infinito nosso Pai, como "um sinal de nosso amor e confiança para ele, e um objeto da forma em que ele nos considera e se relaciona conosco" (PVGM 107; cf. pp. 320- 321).

Deus diz de Cristo: "Eu serei a ele Pai, e ele me será filho" (Heb. 1: 5). E também declara daquele que por fé é adotado na família celestial como filho de nosso Pai: "Eu serei seu Deus, e ele será meu filho" (Apoc. 21: 7). O que verdadeiramente "nasceu que Deus" (1 Juan 5: 18) "vence ao mundo" (vers. 4) como o fez Jesus e "não pratica o pecado" (vers. 18). O grande propósito do plano de salvação é levar a "muitos filhos à glória" (Heb. 2: 10; cf. 1 Juan 3: 1-2). Ver Nota Adicional do Juan 1; com. Mat. 16: 16-20; Mar. 2: 10; Luc. 2: 49.

36.

Parienta.

Gr. suggenís, "parienta". Nesta palavra não há nada que indique algum grau de parentesco. A lei permitia o matrimônio entre pessoas de diferentes

tribos (ver com. Núm. 36: 6), e freqüentemente se casavam pessoas da tribo de Leví com as do Judá. Elisabet era da tribo do Leví (ver com. Luc. 1: 5), e María, da tribo do Judá (ver com. vers. 27, 32). Como María era desta tribo, é possível que seu pai também pertencesse a ela. portanto, é provável que o parentesco da María com o Elisabet fora por parte da mãe de uma delas. Alguns conjeturaram que devido a este parentesco Jesus seria descendente tanto do Leví como do Judá; entretanto, só se pode comprovar que María era descendente direta do David (ver com. vers. 27).

Em sua velhice.

Ver com. vers. 18.

37.

Nada há impossível.

A idéia deste versículo se expressa repetidamente em todas as Sagradas Escrituras. Ao Abraão lhe perguntou: "Há para Deus alguma coisa difícil?" (ver com. Gén. 18: 14); e por meio do Isaías, Deus proclamou: "Assim será meu palavra que sai de minha boca; não voltará para mim vazia" (ISA. 55: 11).

38.

Hei aqui a sirva.

Esta exclamação mostra a aceitação da vontade de Deus. Tudo ficou resolvido no pensamento da María logo que compreendeu qual era a vontade de Deus e imediatamente depois de que fosse dada a suficiente informação que a capacitasse para realizar inteligentemente sua parte.

Faça-se comigo.

María deixa ver aqui outra vez seu espírito manso e submisso. A dignidade, pureza, simplicidade e delicadeza com as quais Lucas relata esta história, são muito apropriadas para a apresentação destes fatos históricos de tanta trascendencia para o crente em Deus.

39.

Naqueles dias

[Visita da María ao Elisabet, Luc. 1: 39-56. Ver mapa P. 204.] Evidentemente María foi ver o Elisabet pouco depois do anúncio do nascimento do Jesus, pois se diz que "foi depressa". O anúncio foi feito a María no sexto mês do embaraço do Elisabet, e María permaneceu com ela uns três meses (cf. 1: 26, 56).

Depressa.

Esta expressão não parece referir-se tanto à velocidade com a qual foi María para o Judá, como a seu grande desejo de estar com o Elisabet. María acabava de receber um dos segredos maiores do tempo e da eternidade (ROM. 16: 25), e deve ter estado ansiosa de compartilhá-lo com alguém que pudesse compreendê-la. E ninguém melhor que Elisabet, porque esta, conforme disse o anjo, também estava experimentando um milagre. Além disso, os anos que Elisabet havia dedicado à vontade revelada de Deus, permitiriam-lhe não só escutar com simpatia mas também podia brindar valiosos conselhos para orientar a María, uma, jovem que agora se enfrentava com um difícil problema e uma grande responsabilidade (Luc. 1: 6). O anjo tinha apresentado o caso do Elisabet como um sinal do cumprimento das palavras que dirigiu a María (ver com. vers. 7). A mãe do Salvador não foi descobrir se o que o anjo lhe havia dito era certo, mas sim porque já tinha acreditado suas palavras.

A comunhão com alguém que pode entender nossos sentimentos mais íntimos é um dos preciosos tesouros que a vida nos proporciona. O valor da comunhão e do companheirismo cristão supera todo cálculo. Os pais e as mães de Israel têm a solene obrigação de compartilhar com os mais jovens seus experiências na vontade e nos caminhos de Deus. Aqueles jovens que, como María, procuram o conselho de seus maiores, têm uma maior possibilidade de encaminhar-se de tal maneira que alcancem a felicidade e tenham bom êxito em seus esforços. Nenhum cristão devesse estar muito ocupado como para não comunicar-se com os que possam necessitar a ajuda que ele possa lhes proporcionar. 670

A montanha.

Ver com. vers. 23. A região montanhosa do Judá se estendia de Jerusalém, por o norte, até o Hebrón, pelo sul (Jos. 21: 11).

Uma cidade do Judá.

Segundo a tradição, esta cidade era Hebrón, a principal das nove cidades das tribos do Simeón e Judá atribuídas aos sacerdotes (Jos. 21: 13-16; 1 Crón. 6: 57-59). Aqui se encontrava a primeira terra cananea que possuiu Abraão (Gén. 23: 17-19), e aqui David foi ungido como rei (2 Sam. 2: 1, 4). Alguns sugeriram que "Judá" é uma variante de "Juta" (Jos. 15: 55; 21: 16), outra cidade sacerdotal, situada a 8 km ao sul do Hebrón. Entretanto, esta identificação não tem apoio bíblico, nem histórico nem arqueológico.

Além disso, Lucas chama o Nazaret "uma cidade da Galilea" (cap. 1: 26), e seria lógico que a expressão paralela "cidade do Judá" referisse-se a uma cidade em a província da Judea ou "Judá".

40.

Saudou o Elisabet.

María e Elisabet imediatamente se sentiram ligadas por laços de simpatia. María viu que o sinal que lhe tinha dado o anjo (vers. 36) era certa, e isto confirmou sua fé; também Zacarías ainda estava mudo, e sua mudez, que já durava seis meses, era um testemunho de que o anjo lhe tinha aparecido, e o servia de repreensão contínua por seu anterior falta de fé.

41.

Saltou.

Gr. skirtáÇ, "saltar", geralmente como manifestação de alegria. Este mesmo verbo se emprega na LXX, no Gén. 25: 22, ao referir-se ao Jacob e Esaú antes de seu nascimento. Os movimentos de um menino antes de nascer são normais, mas agora, movida pela inspiração, Elisabet interpretou corretamente que este movimento tinha um significado fora do comum (Luc. 1: 41-43). A hipótese de alguns de que o feto reconheceu por inspiração a presença do Mesías, pode descartar-se como uma idéia puramente imaginária.

Elisabet foi enche.

Nesta ocasião é Elisabet quem é "cheia do Espírito Santo". O anjo o tinha falado a María da situação do Elisabet (vers. 36), mas parece que até este momento Elisabet nada sabia do caso da María.

42.

Bendita.

Gr. eulogéÇ, "benzer"; do prefixo eu, "bem" e de lógos, "palavra". Este saudação corresponde com uma forma característica do AT (Juec. 5: 24; Rut 3: 10).

43.

Meu Senhor.

O coração do Elisabet não albergava inveja para a María, a não ser humildade e gozo. Mais tarde Pedro fez uma confissão similar de fé (Mat. 16: 16), confissão que foi revelada. Pablo declara que só "pelo Espírito Santo" um homem pode "chamar o Jesus Senhor" (1 Cor. 12: 3).

44.

De alegria.

Figura de linguagem que atribui esta emoção ao menino que ainda não nasceu.

45.

Bem-aventurada a que acreditou.

Aqui se felicita a María por sua fé e pela alta honra que lhe correspondia. Elisabet possivelmente pensava na incredulidade de seu marido e na evidência do conseguinte desagrado divino. Deus se alegra e é honrado quando seus, filhos terrestres aceitam suas promessas com fé humilde e plena. "Bem-aventurados os que não viram, e acreditaram" (Juan 20: 29).

Porque.

A palavra grega hóti pode traduzir-se "que" ou "porque". Ambas as traduções são razoáveis dentro do contexto.

46.

María disse.

O dom da inspiração parece posar-se agora sobre a María, quem se expressa pausada e majestuosamente. Cada idéia e até as mesmas palavras refletem o que tinham escrito os autores inspirados em tempos passados. O canto da María (vers. 46-55) é considerado como um dos hinos mais sublime de toda a literatura sagrada, uma poesia de deliciosa formosura, digna do David, antepassado da María. Está saturado de um espírito de humilde adoração e gratidão. Este poema glorifica o poder, a santidade e a misericórdia de Deus. María expressa neste canto sua emoção pessoal e sua experiência ao meditar em a mensagem do anjo Gabriel.

Este cântico da María com freqüência se conhece com o nome do Magnificat, "engrandece". Magnificat é a palavra latina com a qual começa este versículo na Vulgata. A primeira metade do cântico expressa a gratidão pessoal da María (vers. 46-50), e a segunda metade se refere à ação de obrigado da nação (vers. 51-55). Este canto revela o caráter de Deus e destaca a graça (vers. 48), a onipotência (vers. 49, 51), a santidade (vers. 49), a misericórdia (vers. 50), a justiça (vers. 52-53) e a fidelidade (vers. 54-55) de Deus. O poema se divide em quatro estrofes:

1. (Vers. 46-48.) María pensa primeiro em si mesmo, em seus profundos sentimentos de adoração e de santo gozo. foi escolhida e honrada por em cima das outras mulheres, e se maravilha de que Deus a tenha tomado em conta passando por cima a outras. Não vê nenhuma razão para que tenha sido escolhida antes 671 que outras. Não vê nada que a faça digna ante Deus.

2. (Vers. 49-50.) Nesta estrofe María glorifica o poder, a santidade, e a misericórdia de Deus.

3. (Vers. 51-53.) Aqui sobressai o agudo contraste entre os valores do caráter que estima Deus e os que estima o homem. O conceito divino do que constitui a verdadeira grandeza é a antítese do que o homem considera grandeza.

4. (Vers. 54-55.) O canto da María conclui com uma nota de gratidão pela eterna fidelidade de Deus para com seu povo escolhido.

O cântico da María com freqüência se comparou com o da Ana (1 Sam. 2: 1-10), cântico este que foi uma oração de ação de obrigado pelo nascimento do Samuel. Ambos os poemas irradiam fé, gozo e adoração; mas o da María reflete, possivelmente, um conceito mais elevado de Deus. As palavras parecem haver

sido escolhidas do melhor que tinham escrito os profetas dos mil anos transcorridos entre os dois poemas. O cântico da María também nos recorda os cânticos do Moisés (Exo. 15), da Débora e do Barac (Juec. 5), e tem uma estrutura similar a dos Salmos 113 e 126. Alguns manuscritos atribuem este cântico ao Elisabet e não a María, mas a evidência textual estabelece (cf. P. 147) o texto "María".

O cântico da María (Luc. 1: 46-55) reflete o pensamento dos seguintes passagens do AT: 1 Sam. 2: 1; Sal. 103: 1 (vers. 46); 1 Sam. 2: 1 (vers. 47); Gén. 30: 13 e 1 Sam. 1: 11 (vers. 48); Deut. 10: 21 e Sal. 111: 9 (vers. 49); Sal. 103: 17 (vers. 50); Sal. 89: 10 (vers. 51); 1 Sam. 2: 7-10, Job 5: 11 e 12: 19 (vers. 52); 1 Sam. 2: 5 e Sal. 107: 9 (vers. 53); Sal. 98: 3 e ISA. 41: 8 (vers. 54); 2 Sam. 22: 51 e Miq. 7: 20 (vers. 55).

Engrandece.

Gr. megalúnÇ, "elogiar", "engrandecer". O homem nada pode fazer para aumentar a grandeza e a majestade de Deus, mas quando compreende com maior claridade o caráter, a vontade e os caminhos de Deus, deveria estar consciente, assim como o esteve María, dessa revelação mais gloriosa. Engrandecer ao Senhor significa proclamar sua grandeza.

Minha alma.

Já que o contente cântico da María tem forma poética, e posto que a poesia hebréia consiste essencialmente na repetição da mesma idéia com diferentes palavras, tem pouca validez a afirmação feita por alguns de que há diferença entre a "alma" do vers. 46 e o "espírito" do vers. 47. Em ambas as expressões María simplesmente se refere a seu estado mental, emotivo e espiritual devido à honra que lhe conferiu que ser mãe do Mesías.

47.

Deus meu Salvador.

María, como todos outros seres humanos, necessitava a salvação. Nunca se ocorreu-lhe que tinha nascido sem pecado, como alguns o afirmam sem base bíblica.

Os autores do AT falam da "Rocha" da salvação (Deut. 32: 15; Sal. 95: 1), do "Deus" de salvação (Sal. 24: 5), e com freqüência se referem a Deus como "Salvador" (ISA. 63: 8; etc.).

48.

olhou.

Ao coração humilde lhe resulta inexplicável que Deus, quem guia os astros celestiales através do espaço infinito, digne-se habitar com os humildes e quebrantados "de espírito" (ISA. 57: 15). Deus não só "olhou" nossa baixeza no pecado, mas sim dedicou os recursos ilimitados do céu para nossa salvação.

Baixeza.

Gr. tapéinÇsis, "humilhação", "baixeza". Esta palavra se refere à situação econômica e social da María e não a seu espírito de humildade. Mas até

em sua "baixeza" ou pobreza, María havia "achado graça diante de Deus", e isto era para ela de muito mais valor o que todos os tesouros, e toda a honra e o respeito que o mundo pudesse lhe oferecer.

Dirão-me bem-aventurada.

Ou "considerarão-me feliz" e digna de honra. Leoa pronunciou palavras similares quando nasceu Aser (Gén. 30:13).

49.

Santo é seu nome.

María expressa aqui uma idéia que é independente das anteriores e das que seguem. Esta afirmação reflete o temor e a reverência que sentiam os judeus pelo sagrado nome de Deus, Yahweh (ver com. Exo. 3: 14-15; cf. T. I, pp. 179-182). Mais tarde, os cristãos estimaram o nome do Jesus como digno de igual reverencia e respeito, mas não temeram empregá-lo (Hech. 3: 6; 4: 10; etc.).

50.

Sua misericórdia.

Quer dizer, seu amor e favor abundantes, concedidos, mesmo que não os merece. há-se dito que a graça tira a culpa do pecado, e a misericórdia aparta a desgraça que causa o pecado.

Temem-lhe.

Uma expressão tipicamente hebréia, comum em todo o AT, que denota piedade. Em o NT também se emprega a palavra temor com o sentido da Santa reverencia (Hech. 10: 2, 22, 35; Couve. 3: 22; Apoc. 14: 7; 15:4), 672 embora se usa, além disso, para referir-se ao medo ou ao espanto (Mat. 21: 46; Mar. 11: 32; Luc. 12: 4).

51.

Fez proezas com seu braço.

Esta é outra expressão tipicamente hebréia. Por meio da figura de linguagem chamada metonímia, o braço é símbolo de poder (Exo. 6: 6; Sal. 10: 15; 136: 12). Uma expressão similar -"mostrar força" ou "fortalecer-se"- aparece em obras de autores gregos clássicos para indicar vitória sobre os inimigos.

Os soberbos.

Deus invalida aos soberbos como se fossem pulverizados e desbarata seus planos como com um torvelinho. A soberba é o núcleo do pecado. Foi a soberba no coração de Lúcifer o que causou a rebelião no céu (ISA. 14: 12-14). A soberba impede que Deus socorra à pessoa que não sente necessidade de seu ajuda. Para Deus não há nada mais ofensivo que a soberba, a qual consiste basicamente no elogio próprio e o correspondente desprezo por outros. Não é de maravilhar-se que as Escrituras afirmem que "antes do quebrantamento é a soberba, e antes da queda a altivez de espírito" (Prov. 16:18). Jesus disse: "Porque qualquer que se enaltece, será humilhado; e o que se humilha, será enaltecido" (Luc. 14: 11). A humildade é

diametralmente oposta à soberba, é uma característica muito precioso à vista de Deus (ver com, vers. 48).

Pensamento.

Gr. diáznoia, "mente", "entendimento". Refere-se à percepção moral ou ao entendimento do moral.

52.

Poderosos.

Gr. dunást's, "príncipe", "poderoso", de onde deriva a palavra "dinastia". Dunást's deriva do verbo dúnamai, "ser capaz", "ser forte"; desta mesma raiz deriva a palavra "dinamita". Aqui se alude especialmente aos opressores. María possivelmente pensava no cruel tirano Herodes, quem fez matar não só a milhares de judeus mas também a seus parentes mais próximos (pp. 42-44). A literatura judia dessa época também revela que muitas pessoas do povo sofriam devido a uma opressão econômica.

Os humildes.

Gr. tapeinós, "humilde", "baixo", da mesma família do essencial tapéinÇsis (ver com. vers. 48). Deus faz justiça, ao seu devido tempo, aos que hão sido oprimidos.

53.

Bens.

Possivelmente se refira tanto ao alimento literal como ao espiritual. Compare-se com a promessa feita por Cristo aos que "têm fome e sede de justiça" (ver com. Mat. 5:6).

Os ricos.

Os que tinham acumulado uma grande fortuna o tinham feito, pelo general, oprimindo a seus próximos, e por isso os pobres os consideravam ímpios. As riquezas eram consideradas como um sinal do favor divino -sem dúvida especialmente por quem as possuía-; entretanto, eram identificadas com a impiedade por quem estava oprimidos; mas o pobre, que geralmente não podia oprimir a ninguém, considerava-se justo. Este conceito a respeito das riquezas e a pobreza se reflete na parábola do rico e Lázaro. (cap. 16: 19-31).

54.

Seu servo.

Gr. páis, "menino" ou "servo". o Israel, como povo escolhido de Deus, é muitas vezes chamado "servo" de Deus pelos autores do AT (ver com. ISA. 41: 8; T. IV, pp. 28-30).

55.

Da qual falou.

Aqui se faz referência às promessas de Deus, repetidas muitas vezes (Gén. 22: 17-18; Deut. 7: 12-14; Miq. 7: 20; etc.). Trata-se especialmente da ajuda e a misericórdia de Deus demonstradas em favor de seu povo escolhido de geração em geração (Luc. 1: 54).

56.

ficou María.

María possivelmente ficou com o Elisabet até depois do nascimento do Juan, embora o relato do Lucas parece insinuar que se foi antes desse tempo. Não concorda com o caráter da María que se foi no momento preciso quando Elisabet mais necessitaria sua simpatia e seu tenro cuidado. É provável que Lucas mencione aqui a partida da María para completar a porção do relato referente à visita da María ao Elisabet. Outro caso deste recurso literário, comum no AT e no NT, aparece no cap. 3: 20-21, onde se fala do encarceramento do Juan antes do batismo do Jesus, embora o segundo ocorreu antes. O fato de que não se mencione a María por nomeie no cap. 1: 57-58 não indica que não tivesse participado do episódio aqui narrado.

voltou-se.

É provável que os acontecimentos registrados no Mat. 1: 18-25 -a aparição do anjo ao José e o matrimônio do José com a María- tiveram lugar pouco depois de que María retornasse da casa do Elisabet ao Nazaret.

57.

Lhe cumpriu o tempo.

[Nascimento do Juan o Batista, Luc. 1: 57-80. ver mapa P. 204; diagrama P. 217.] Nada se sabe da data do nascimento do Juan. diz-se que a antiga igreja da Alejandría celebrava este acontecimento em 23 de abril. Em vista de que 673esta data se apóia em uma antiquísima tradição, poderia haver alguma razão para pensar que coincida ao menos com a época aproximada do ano quando ocorreu tal nascimento. A igreja da Alejandría mais tarde trocou a celebração aos 24 de junho -data fixada em forma arbitrária seis meses antes de 25 de dezembro- para fazer que harmonizasse com a prática das Iglesias latinas e gregas.

Se Juan o Batista nasceu em 23 de abril, o nascimento do Jesus haveria ocorrido ao redor de 19 de outubro (ver pp. 231-233; com. Mat. 2: 1). Sem embargo, note-se que este cômputo se apóia só em uma antiga tradição cujo valor se desconhece.

58.

regozijaram-se com ela.

Os vizinhos do Elisabet se alegraram com ela. "congratularam-se com ela" (BJ). Sem dúvida seus parentes e amigos a felicitaram, mas a afirmação de Lucas nesta passagem não tem tanto que ver com as felicitações como com o sentimento genuíno de compreensão de parte dos amigos do Elisabet (cf. Luc. 15: 6, 9; 1 Cor. 12: 26).

Um interesse amável e genuíno nos gozos e dores de outros é uma virtude cristã fundamental. Em realidade, é a base sobre a qual descansam todas

as relações corretas com nossos próximos. Interessar-se pelo bem-estar de outros é o resultado prático da lei de Deus no coração, dessa classe de amor que é o cumprimento da lei (Mat. 22: 39-40; ROM. 13: 10). Não podemos ser seguidores do Professor a menos que estejamos preparados e dispostos a nos gozar "com os que se gozam" e a chorar "com os que choram" (ROM. 12: 15). Ver com. Mat. 5: 43-48.

59.

Ao oitavo dia.

Os judeus acostumavam administrar o rito da circuncisão ao oitavo dia, quer dizer quando o menino tinha sete dias, segundo o cômputo ocidental moderno (Gén. 17: 10-14; 21: 4; ver com. cap. 17: 10-11). A circuncisão representava a admissão do menino na relação com o pacto. O fato de que se insistisse na circuncisão e de que a exigisse revela sua importância (Lev. 12: 3). Se a fazia inclusive em dia sábado (Juan 7: 22-23; cf. Fil. 3: 5). No tempo da teocracia, a circuncisão era um sinal nos varões judeus que identificava-os como membros do povo escolhido. Deus escolheu ao Abraão e a sua descendência, e o ser descendente do Abraão convertia automaticamente a a pessoa em súdita da teocracia. Não tinha outra alternativa: era israelita e Israel era a nação escolhida de Deus. Mas o ser descendente do Abraão não assegurava a salvação, como se vê claramente pelas declarações do NT (Luc. 3: 8; Juan 8: 33-39; ROM. 2: 25-29; 9: 4-8; Gál. 3: 7, 9, 16, 29); sem embargo, nenhum judeu podia entrar na relação do pacto sem cumprir com este rito que Deus tinha ordenado para o Israel.

Assim como a circuncisão foi para o Israel literal o sinal de sua relação do pactuo com Deus, assim também o batismo é para os cristãos (Couve. 2: 10-12; ver com. Gén. 17: 10) -os descendentes espirituais do Abraão (Gál. 3: 7, 9, 27-29)- o sinal de sua relação com Deus. O povo escolhido de Deus não se converte em herdeiro da promessa devido a sua linhagem, mas sim pela fé pessoal no poder de Cristo para salvar do poder do pecado e de seu castigo (Hech. 2: 38; 3: 19; 8: 36-37).

Chamavam-lhe.

O grego permite a tradução da BJ: "Queriam lhe pôr o nome" de Zacarías seu pai. Os amigos e parentes se reuniram para regozijar-se com Zacarías e Elisabet e para compartilhar com eles o gozo dessa ocasião. Aparentemente tomaram a iniciativa nos acontecimentos desse dia. Sem dúvida, alguns deles eram membros de famílias sacerdotais, e é provável que um destes parentes fora quem realizou o rito da circuncisão. Bem podemos imaginar que discutiram entre eles o assunto do nome, e concordaram em que o menino se chamaria Zacarías. No AT existe um precedente segundo o qual os amigos e parentes participaram de dar nome a um menino (Rut 4: 17). Os que se reuniram no lar do Zacarías e Elisabet seguiam o procedimento acostumado ao chamar o menino pelo nome de seu pai, e sem dúvida acreditaram que ninguém objetaria que desse modo se honrasse ao Zacarías e se o mostrasse respeito. A probabilidade de que Zacarías estivesse surdo, além de estar mudo (ver com. Luc. 1: 62), parece havê-lo excluído de toda discussão e decisão.

60.

Respondendo sua mãe.

Evidentemente Zacarías tinha comunicado ao Elisabet as instruções do anjo quanto no nome de seu filho (vers. 13). Não há nenhuma prova de que Elisabet tivesse falado aqui movida pela inspiração.

61.

Parental.

Gr. suggéneia (ver com. vers. 36). Na família não havia nenhum que se chamasse Juan. O filho primogênito era o que habitualmente perpetuava o nome do pai, ou, com maior freqüência, o do avô. Este costume não só mostrava respeito por 674los antepassados, mas também servia para identificar a a pessoa que levava esse nomeie com a família a qual pertencia.

62.

Perguntaram por gestos.

Melhor "perguntavam por gestos" (BJ), pois o tempo do verbo grego indica repetidos esforços por comunicar-se com o Zacarías.

63.

Uma tabuleta.

Gr. pinakídion, "tablita", uma "tabuleta" de escrever. Se esta tabuleta não era comum nos lares da Judea, é provável que a condição do Zacarías a haja feito necessária em seu lar durante o período de sua aflição (ver com. vers. 62).

Escreveu, dizendo.

Esta expressão, tipicamente hebréia, era empregada para introduzir uma entrevista (cf. 2 Rei. 10: 6).

Juan.

Ver com. vers. 13, 60. Segundo o grego, Zacarías escreveu literalmente: "Juan é o nome dele". Não havia nada que discutir.

maravilharam-se.

Possivelmente não se maravilharam tanto da eleição do nome como de que Zacarías concordasse com o Elisabet em lhe pôr a seu filho esse preciso nome (ver com. vers. 22, 60, 62). Alguns comentadores, e ao menos um manuscrito antigo -o Códice de Lábia inferiora grossa-, relacionam esta afirmação com o que segue, quer dizer, com o fato de que Zacarías voltasse a falar (vers. 64), e não com o que precede. Isto não tem maior importância, mas o que sim é certo é que Zacarías começou a falar "ao momento" de ter escrito o nome "Juan" (vers. 64). Nesse mesmo instante recuperou a fala e sem dúvida também pôde ouvir (ver com. vers. 62). O Códice de Lábia inferiora grossa e alguns manuscritos da antiga versão latina trocam o ordem nos vers. 63-64: "Ao momento [foi] solta sua língua, e todos se maravilharam, e foi aberta sua boca".

64.

Solta sua língua.

Zacarías foi sacado de seu impedimento físico. Este milagre, que ocorreu ao lhe pôr o nome ao menino, serve para confirmar que o nascimento do Juan era o cumprimento da visão que Zacarías tinha visto no templo quase um ano antes.

Benzendo a Deus.

Era apropriado que as primeiras palavras do Zacarías fossem de louvor a Deus. Suas últimas palavras tinham expresso dúvida (vers. 18), mas nesta sua ocasião primeiras palavras demonstraram fé. Isto pode indicar que seus meses de silêncio tinham-lhe sido de grande benefício espiritual. Enquanto que toda outra voz ficava em silêncio e aguardava em quietude e humildade diante de Deus, Zacarías achou que "o silêncio da alma" fazia "mais distinta a voz de Deus" (cf. DTG 331).

65.

Temor.

Não era espanto, a não ser um profundo temor religioso e grande reverencia (ver com. vers. 30).

As montanhas da Judea.

Ou seja a região que rodeava o lar do Zacarías e Elisabet (ver com. vers. 23, 39).

divulgaram-se.

Isto significa que a gente conversou do assunto por algum tempo.

66.

Quem, pois, será este menino?

Ou "Pois o que será este menino?" (BJ).

A mão do Senhor.

Aqui a mão representa a providência divina. No NT esta expressão é peculiar do Lucas (Hech. 11: 21; 13: 11), embora usualmente aparece no AT Juec. 2:15; 1 Rei 18: 46, etc.). Entretanto, outros autores do NT empregam a frase "mão de Deus" (cf 1 Ped. 5: 6; ROM. 10: 21).

67.

Cheio do Espírito Santo.

Este inspirado "cântico do Zacarías" (vers. 68-79) algumas vezes é chamado Benedictus ("Bendito"), pois esta é a primeira palavra do cântico no vers. 68 da Vulgata latina. A declaração do vers. 64 de que Zacarías "falou benzendo a Deus" sem dúvida se antecipa a estas palavras. O cântico de Zacarías tem um tom sacerdotal e é apropriado para um filho do Aarón, assim como o cântico da María é próprio da realeza e é adequado para uma filha de David. Suas frases sugerem que Zacarías, antes do nascimento do Juan, havia passado o tempo em diligente estudo do que diziam os profetas assim que

ao Mesías e à obra de seu precursor.

Todo o hino é tipicamente hebreu e messiânico; é um cântico de louvor a Deus pelo logo cumprimento das promessas referentes ao Mesías e seu reino. divide-se em duas seções principais: a primeira tem três estrofes (vers. 68-69; 70-72 e 73-75) que se referem à missão do Mesías; a segunda tem duas estrofes (vers. 76-77 e 78-79) que apresentam a obra do precursor do Mesías. O conteúdo e a redação deste cântico mostram um conhecimento íntimo das Escrituras do AT, especialmente dos profetas: vers. 68 (Sal. 41: 13; 72: 18; 106: 48); vers. 69 (1 Sam. 2: 10; Sal. 132: 17); vers. 71 (Sal. 23: 5); vers. 72 (Sal. 105: 8; 106: 45); vers. 73 (Exo. 2: 24; Sal. 105: 9; Jer. 11: 5; Miq. 7: 20); vers. 76 (Mau. 3: 1; cf. ISA. 40: 3); vers. 79 (ISA. 42: 7; Sal. 107: 10; cf. ISA. 9:1-2). além destas referências mais ou menos diretas, há muitas alusões ao AT. 675

68.

Senhor Deus do Israel.

Este é o título empregado Por Deus ao fazer o pacto, e seu uso inclui o reconhecimento de todas as promessas incluídas no pacto e o fervente desejo de que se cumpram.

visitou.

Gr. episképtomai, "inspecionar", "examinar", com o sentido de ocupar-se de algo com o propósito de ajudar. No Mat. 25: 36 se emprega o mesmo verbo para referir-se à visita a uma pessoa encarcerada, mas não tanto como um ato social a não ser para tratar de ajudar ao detento. Zacarías contempla nesta passagem o cumprimento das promessas messiânicas feitas a "seu povo" de geração em geração. Isto era de muito especial importância porque a voz dos profetas canônicos tinha deixado de ouvir-se durante uns quatro séculos. É provável que uma grande parte do povo se estivesse dizendo: "vão prolongando os dias, e desaparecerá toda visão" (Eze. 12: 22). Deus agora visita seu povo, não para castigar, a não ser com misericórdia, para liberá-lo e redimi-lo.

Redimido a seu povo.

Estas palavras anunciam que o Redentor logo aparecerá em pessoa "para dar sua vida em resgate como muitos" (Mat. 20: 28). Como ocorre muitas vezes nas profecias do AT, Zacarías fala aqui de acontecimentos futuros como se já se tivessem completo (ver T. I, pp. 31- 32). As promessas de Deus são tão seguras, que Zacarías sem que ainda se cumpriram, podia falar do plano de redenção como de um fato realizado.

Israel não era só um grupo de indivíduos que necessitavam que os salvasse do pecado (Luc. 1: 68, 77), mas também uma nação, um "povo escolhido" que tinha que ser libertado de seus inimigos (vers. 71). Deus muitas vezes havia liberado aos israelitas de anteriores gerações dos inimigos de seu nação: do Egito, Madián, Filistéia, Assíria e Babilônia. O estabelecimento do reino messiânico apresentado pelo profeta Daniel (Dão. 2: 44; 7: 14, 18; 12: 1) compreendia, na verdade, que ficaria liberado completa e permanentemente de todos seus inimigos; mas no plano de Deus a liberação do pecado devia preceder à liberação do jugo das nações vizinhas. Entretanto, o orgulho nacional tinha induzido aos Judeus a pensar -quase exclusivamente- que a salvação consistia em estar liberados de seus inimigos externos, esquecendo-se

da necessidade de ser liberados dos inimigos internos e invisíveis.

O conceito popular de que o Mesías seria um salvador político não estava totalmente errado, pois o AT está cheio de predições de glórias messiânicas; o problema consistiu, em parte, em que lhe deram muito ênfase (DTG 22, 202). Os judeus esqueceram que se não eram liberados individualmente do pecado nunca poderiam estar liberados dos inimigos da nação. Tanto se fixaram em as recompensas do bem fazer que se esqueceram de fazer o bem (ver T. IV, pp. 28-35).

69.

Capitalista Salvador.

Tanto o grego como a RVA dizem "corno de salvação", metáfora comum no AT para denotar força e poder (1 Sam. 2: 10; ver com. 2 Sam. 22: 3), e que se apóia no fato de que a força para lutar dos animais cornudos -como os carneiros e os touros- acha-se em seus chifres. Também é possível que esta expressão se refira aos cascos dos guerreiros, os quais muitas vezes estavam adornados com chifres. O "corno" chegou a representar o êxito pessoal (Sal. 92: 9-10), o poder das nações (ver com. Dão. 8: 21), e até a força divina (Sal. 18: 2). Duas maneiras como se traduz esta última passagem são "força de minha salvação" (RVR) e "corno de minha saúde" (RVA). No versículo que estamos comentando "corno" se refere ao Mesías mesmo, e assim o traduz a RVR.

A casa.

Quer dizer, a família da dinastia. O Mesías, como se tinha prometido, seria descendente do David (ver com. Mat. 1: 1).

Servo.

Gr. páis, "menino" ou "servo" (ver com. vers. 54).

70.

Seu Santos profetas.

Todos os profetas tinham dado testemunho de Cristo (Luc. 24: 25, 27, 44; Juan 5: 39; Hech. 3: 21), e "inquiriram e diligentemente indagaram a respeito desta salvação, esquadrinhando que pessoa e que tempo indicava o Espírito de Cristo que estava neles" (1 Ped. 1: 10-11).

Desde o começo.

Melhor "desde tempos antigos" (BJ). Esta expressão é característica do Lucas (Hech. 3: 21; 15: 18). A primeira profecia sobre o Redentor foi apresentada em o jardim do Éden quando o homem pecou (Gén. 3: 15). Enoc falou com os de seu geração sobre o Mesías futuro (Jud. 14-15) e a cada geração sucessiva Deus lhe enviou testemunhas inspiradas para dar testemunho da certeza da salvação. Todos, sem exceção, foram testemunhas de Cristo (Hech. 3: 21; 1 Ped. 1:10-12).

71.

Salvação de nossos inimigos.

como resultado da transgressão, Israel havia 676 servido a uma nação estrangeira atrás de outra: Egito, Assíria, Babilônia, Persia, Grécia e finalmente Roma. A escravidão do opressivo jugo de Roma pesava fortemente sobre os judeus, e, sem dúvida, era necessário que fossem liberados das nações inimizades antes do estabelecimento do eterno reino messiânico (ver com. vers. 74). A obra do Mesías culminaria, na verdade, com o estabelecimento de seu reino (Dão. 2: 44; 12: 1; Mat. 25: 31-34; T. IV, pp. 30-31). Enquanto isso, "o reino de Deus" devia estabelecer-se no coração (Luc. 17: 20-21). Primeiro deviam ser liberados do poder do pecado (Mat. 1: 21), o qual, a sua vez, faria possível que fossem finalmente liberados do pagamento do pecado: a morte (Juan 3: 16; ROM. 6: 23). Só então os humanos poderiam gozar do eterno reino que Cristo deveu estabelecer (ver com. Mat. 4:17; 5:3; T. IV, pp. 30-31).

72.

Misericórdia.

A misericórdia de Deus oculta, em certo modo, "desde tempos eternos", agora devia manifestar-se (ROM. 16: 25-26). Durante incontáveis gerações, quem tinham habitado "em trevas e em sombra de morte" tinham esperado a encarnação da Misericórdia de Deus para que ele encaminhasse seus "pés por caminho de paz" (Luc. 1: 79).

Seu santo pacto.

trata-se do "pacto perpétuo" que foi revelado ao Adão e Eva no horta do Éden, ao Noé depois do dilúvio, ao Abraão e a sua descendência e aos fiéis de todas as idades (Gén. 9: 16; 17: 19; Lev. 24: 8; Heb. 13: 20). Aqui se faz principalmente referência ao pacto que foi feito com o Abraão e seus descendentes (Gén. 15: 18; 17: 4-7).

73.

Juramento.

Este "juramento" foi o que Deus fez ao estabelecer seu pacto com o Abraão (Gén. 22: 16-18; Heb. 6: 13-18). É uma das "duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta" (Heb. 6: 18); a outra é a promessa que o juramento confirma. Quando Deus ratificou o pacto com um juramento, usou uma costume humano para assegurar ao Abraão que a promessa divina era segura. O pacto eterno, o plano de salvação, dá-nos hoje um "fortísimo consolo" e "segura e firme âncora da alma" (Heb. 6: 18-19).

74.

Sem temor lhe serviríamos.

No contexto se vê que este "temor" é principalmente o temor a "nossos inimigos", ou seja a tirania dos conquistadores pagãos cuja crueldade e governo arbitrário estorvou muitas vezes o culto e o serviço de Deus. Quando nasceram Juan e Jesus, César e Herodes eram os principais "inimigos" do povo Judeu (ver com. Luc. 1: 5; Mat. 2: 1). É provável que Zacarías também refira-se ao temor obsessivo que enche o coração e impregna a vida de quem não conhecem "a paz de Deus, que ultrapassa todo entendimento" (Fil. 4: 7). Este é o temor às forças misteriosas e desconhecidas que controlam o destino da vida humana, e o temor ao grande dia do julgamento.

75.

Em santidade e em justiça.

Ver F. 4: 24. Pode dizer-se que nestes dois términos está compreendido tudo o dever do homem (Anexo 12: 13) e tudo o que Deus requer dele (Miq. 6: 8).

Todos nossos dias.

Quem serve a Deus "em santidade e em justiça" podem viver tendo confiança no futuro. Apesar das incertezas e das vicissitudes de a vida, podem gozar de paz mental e de segurança de ânimo e de coração. Vivem em meio das lutas e da inquietação como se estivessem na mesma presença de Deus, respirando a atmosfera pura e lhe vigorizem do céu.

76.

Profeta do Muito alto.

Aqui começa a parte principal do cântico profético do Zacarías. depois de falar na primeira seção do favor de Deus, Zacarías se dirige especificamente ao Juan, seu filho recém-nascido que seria o precursor do Mesías, o prometido mensageiro do Senhor. Com toda correção chama o Jesus "Filho do Muito alto" (vers. 32), e ao Juan "profeta do Muito alto". Cristo atestou que Juan era mais que profeta (Mat. 11: 9). Na verdade foi, em certo sentido, o major de todos os profetas (ver com. Luc. 1: 15, 17).

diante da presença do Senhor.

Juan mais tarde afirmou que as predições específicas da ISA. 40:3 e de Mau. 3: 1 se aplicavam a ele mesmo (Juan 1: 23; cf. Mat. 11: 10; Luc. 3: 4). O "Senhor" é aqui evidentemente o Mesías, e portanto se identifica a Cristo, ao menos neste caso, com o Jehová, o Senhor do AT (ver T. I pp. 180-182; ISA. 40: 3).

Preparar seus caminhos.

Esta foi a missão do Juan o Batista. Devia preparar o coração e a mente de as pessoas para que recebessem ao Mesías, fomentando o interesse nas profecias referentes a ele, afirmando que o tempo do cumprimento destas profecias tinha chegado, e insistindo ao arrependimento, mediante o qual os homens pudessem chegar a ser cidadãos do reino do Mesías.

77.

Conhecimento de salvação.

O mais natural é que o conhecimento preceda a 677 crença, de outro modo "como acreditarão naquele de quem não ouviram?" (ROM. 10: 14). Para ter fé em Jesus se necessita primeiro uma compreensão racional dos fatos fundamentais e dos princípios do plano da salvação. O homem para poder acreditar débito ter algo no que acreditar, e o principal propósito do ministério do Juan era colocar um firme fundamento para a crença de que Jesus do Nazaret era certamente o Mesías prometido, o "Cordeiro de Deus", o "Filho de Deus" (Juan 1: 36, 34). O Mesías é quem perdoa os pecados (Mat. 1: 21; 26: 28), e seu

precursor foi quem proporcionou o conhecimento do pecado. Lucas diz aqui claramente que a salvação da qual fala é a "salvação" pessoal de cada indivíduo e não a salvação política da nação. O homem é "destruído" por falta do conhecimento que salva; não por não havê-lo ouvido, mas sim por havê-lo rechaçado (Ouse. 4: 6).

78.

A íntima misericórdia.

Literalmente, "as vísceras de misericórdia" (BJ). Ver Fil. 2: 1; Couve. 3: 12. Os gregos pensavam que nas vísceras estava a sede das emoções tais como a ira, a ansiedade, a compaixão e o amor.

Visitou-nos.

A evidência textual se inclina (cf. P. 147) pelo texto "visitará-nos" (ver com. vers. 68).

A aurora.

Gr. anatol', "orto", "saída [de astros]", lugar onde saem os astros, ou seja o oriente. No NT se emprega usualmente a palavra anatol' com este sentido de direção cardeal (Mat. 2: 1; 8: 11; 24: 27; Apoc. 7: 2; 16: 12; etc.). Por sua relação com a saída do sol e dos astros, o oriente possivelmente era considerado pelos antigos como o mais importante dos pontos cardeais; a influência disto se vê no uso do verbo "orientar" ou "orientar-se".

Luc. 1: 78 é a única passagem do NT no qual a tradução normal de anatol' não é adequada. A tradução literal da frase em questão é "aurora do alto"; a VM interpreta "visitará-nos o Sol nascente, descendendo das alturas"; a BJ traduz "uma Luz da altura"; a RVA traduz literalmente "visitou-nos do alto o Oriente". Cabe assinalar que na LXX se emprega a palavra anatol' para traduzir a palavra hebréia tsémaj, "renovo", "broto", que no Zac. 3: 8 e Jer. 23: 5 se aplica ao Mesías. Embora no contexto do Luc. 1: 78 não se fala do crescimento de uma planta, é relativamente fácil ver o sentido messiânico da frase "aurora do alto". Mau. 4: 2 designa a Cristo como "Sol de justiça" (ver DTG 13, 428-429).

79.

Para dar luz.

A terminologia deste versículo se apóia claramente na profecia messiânica da ISA. 9: 2. A luz sempre foi o símbolo da presença divina (DTG 429), daquele que "habita em luz inacessível" (1 Tim. 6: 16; ver com. Gén. 3: 24; Luc. 1: 78). Jesus disse: "Eu sou a luz do mundo; que me segue, não andará em trevas, mas sim terá a luz da vida" (Juan 8: 12; cf. cap. 12: 36). Nosso Salvador é "aquela luz verdadeira, que ilumina a tudo homem" (Juan 1: 9). Mateo aplica as palavras da ISA. 9: 1-2 a Cristo (Mat. 4: 14-16). O gozo da salvação é para quem anda "em luz" (1 Juan 1: 7), porque então seu caminho "é como a luz da aurora, que vai em aumento até que o dia é perfeito" (Prov. 4: 18; ver com. Juan 1: 4-9).

Habitam em trevas.

Quem "habitam em trevas" ou "acham-se sentados" (NC) nelas, parecem

fazê-lo porque não podem ver por onde caminhar. Necessitam a "luz" que encaminhe seus "pés por caminho de paz". Os homens esperavam desconsolados, com olhos ofegantes, a vinda da Luz da vida, cuja chegada dissiparia as trevas e explicaria o mistério do futuro (DTG 24). Durante 4.000 anos a atmosfera da terra tinha estado carregada de escuras e sinistras nuvens de pecado e de morte. Por séculos não tinha aparecido na escuridão nenhuma estrela profética para guiar nas trevas aos que caminhavam por os desertos do tempo procurando o Príncipe de paz (DTG 23). Nós também nos acharemos sentados em trevas, desconsolados, sentindo que nossa vida está vazia e incompleta, a menos que nasça em nosso coração o luzeiro da manhã e alague nossa vida com a luz do dia eterno. (2 Ped. 1: 19).

Sombra de morte.

Ver com. Sal. 23: 4. Todos os homens têm cansado sob sentença de morte como resultado do pecado (ROM. 6: 23). Mas "assim como no Adão todos morrem, também em Cristo todos serão vivificados" (1 Cor. 15: 22). "Redimido-los de Jehová, os que redimiu que poder do inimigo, . . . andaram perdidos pelo deserto, pela solidão sem caminho; . . . moravam em trevas e sombra de morte" até que El Salvador "tirou-os das trevas e da sombra de morte" e "dirigiu-os por caminho direito" (Sal. 107: 2, 4, 10, 14, 7). 678

Encaminhar nossos pés.

Zacarías se incluiu a si mesmo entre aqueles cujos pés o Mesías devia encaminhar "por caminho de paz".

Caminho de paz.

Quer dizer, o caminho da salvação, o caminho que devem percorrer aqueles a quem o pecado inimizou com Deus para que possam uma vez mais estar em paz com ele (ROM. 5: 1,10; 2 Cor. 5: 18; F. 2: 16). Cristo, o "Príncipe de paz", obteve isto ao "expiar os pecados do povo" (Heb. 2: 17). "Deus estava em Cristo reconciliando consigo ao mundo" (2 Cor. 5: 19). "Muita paz têm os que amam sua lei" (Sal. 119: 165). Cristo veio para nos dar uma paz que o mundo não conhece nem pode oferecer (Juan 14: 27). Esta "paz de Deus, a qual ultrapassa todo entendimento" guardará nossos corações e pensamentos "em Cristo Jesus" (Fil. 4: 7). Quando Cristo entra no coração, sempre pronuncia as palavras "paz a vós" (Luc. 24: 36). Com esta verdade tão apropriada conclui o cântico do Zacarías (ver com. Juan 14: 27).

80.

E o menino crescia.

Isto se refere em primeiro lugar ao crescimento físico (cf. cap. 2: 40, 52). Se fez uma declaração similar respeito ao menino Samuel (1 Sam. 2: 26).

fortalecia-se em espírito.

Quer dizer, em inteligência e percepção moral (cf. 1 Sam. 2: 26; Luc. 2: 40, 52). O desenvolvimento simétrico das faculdades físicas, mentais e morais está bem ilustrado na vida do Juan, porque seus pais o criaram em "disciplina e admoestação do Senhor" (F. 6: 4). Hoje também temos o privilegio de viver em comunhão com Deus, de tal modo que possamos "esperar que o Espírito divino amoldará a nossos pequeñuelos, até desde os primeiros

momentos" (DTG 473; ver com. Luc. 1: 15, 24; 2: 52).

Lugares desertos.

Os lugares "desertos" onde Juan passou a maior parte de seu tempo "até o dia de sua manifestação", possivelmente se encontravam no "deserto da Judea" (Mat. 3: 1). Esta região despovoada, semiárida, agreste e montanhosa se encontra entre o mar Morto e a cúpula das montanhas do sul da Palestina, ou seja a ladeira oriental dessa cordilheira. É provável que esta fora a região onde mais tarde, durante 40 dias, Jesus jejuou e meditou na missão de sua vida. O deserto do Judá se achava perto do Hebrón, possível lar de Zacarías e Elisabet (ver com. Luc. 1: 23, 39). Os esenios, uma seita estrita e ascética do judaísmo, tinham colônias isoladas nesta zona do deserto, mas não há nenhuma evidência histórica de que Juan tivesse sido esenio (ver com. Mat. 3: 4). O profeta Amós viveu nas cercanias da Tecoa, pequena aldeia situada perto dos limites desta zona desértica (ver com. Amós 1:1).

Em anos posteriores Juan fez o voto de ser nazareo, de acordo à dedicação que seus pais tinham feito dele antes que nascesse (DTG 76-77). Os pais do Juan, que já eram de idade avançada quando ele nasceu (ver com. vers. 18), ao parecer morreram quando ainda era jovem. É possível que pouco depois disto Juan se retirou aos lugares solitários do deserto.
A solidão foi para o Juan um professor superior ao melhor rabino que Jerusalém pudesse oferecer, e o deserto foi um sala-de-aula melhor dotada que o palácio de Herodes ou os átrios do templo. As escolas rabínicas teriam preparado mau ao Juan para sua missão (DTG 76). Unicamente as águas tranqüilas podem refletir o céu estrelado, e, de igual maneira, só o coração que não está turbado pelas ondas e os redemoinhos deste mundo pode refletir perfeitamente a luz da "estrela do Jacob" (Núm. 24: 17). Juan escolheu como domicilio seu um lugar onde só se escutava a voz de Deus, onde em quietude podia aguardar diante do Senhor. Ali, na solidão do deserto, o silêncio de sua alma fazia mais clara a voz de Deus (DTG 330-331). Ali transcorreu sua vida, relativamente encerrada, até que chegou o momento quando devia iniciar seu ministério público.

Assim como o deserto foi a grande sala-de-aula de Deus para educar a líderes como Moisés, Amós e Juan o Batista, assim também as vicissitudes do deserto da vida podem proporcionar excelentes oportunidades para pôr a alma em harmonia com o céu. Os que Deus escolhe hoje para preparar o caminho para a vinda do Jesus, necessitam a equanimidade de espírito que se adquire com a percepção do invisível. A vida moderna não é propícia para a meditação a respeito da vontade e dos caminhos de Deus, revelados em sua Palavra e em seu trato providencial com os homens. A menos que encontremos tempo para escapar do bulício do mundo e nos encerremos com Deus, aguardando em silencio ante ele, possivelmente nunca escutemos o "assobio aprazível e delicado" que fala com nossa alma (DTG 330-331; cf. 1 Rei. 19: 12). Deveríamos nos propor passar cada vez menos tempo nas coisas terrenas e dedicar 679 cada vez mais tempo a caminhar com Deus como o fez o Enoc de antigamente. Como Juan, precisamos pôr nossa "olhe nas coisas de acima, não nas da terra" (Couve. 3: 2).

Manifestação.

Gr. anádeixis, "señalamiento", "manifestação pública". Os autores clássicos muitas vezes empregam a palavra anádeixis para referir-se à iniciação de quem tem sido designados para exercer postos públicos e também para

referir-se à dedicação de templos. Lucas emprega o verbo da mesma raiz, anadéiknumi ao referir-se à eleição dos setenta (cap. 10: 1). Juan era de família sacerdotal, e o sacerdote, como o estipula a lei do Moisés, devia iniciar seu ministério ao redor dos 30 anos de idade (ver com. Núm. 4: 3). É provável que a "manifestação" do Juan ocorreu quando tinha aproximadamente 30 anos, como foi também o caso do Jesus quando começou seu ministério (ver com. Luc. 3: 23).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

5-23 DTG 72-74

6, 8-9, 11 DTG 72

13 DTG 198

13-15 Lhe 258

13-19 DTG 72

14-15 CRA 265; MC 293

15 CRA 83; DTG 75, 123, 190; MeM 339; Lhe 80, 239

15-17 CM 341; FÉ 447

17 CRA 83; CV 273; DTG 76; 2JT 490; P 154, 259

20 DTG 74; P 24

22-23 DTG 74

32-33 CS 468; DTG 61; PP 819

35 DTG 16

38 DTG 73

46-47 7T 87

53 DTG 233; MC 50

57-80 DTG 74-78

64-66 DTG 74

65 DTG 72

67 DTG 74

72-74 DTG 78

76 DTG 72

76-79 DTG 74

76-80 CM 341; FÉ 448

78-79 MC 330

79 3JT 314; 5TS 174

80 DTG 75-76; HAd 116; 8T 331

CAPÍTULO 2

1 Censo de Augusto em todo o Império Romano. 6 O nascimento de Cristo. 8 Um anjo o anuncia aos pastores. 13 Multidão de anjos elogiam a Deus por isso. 21 Cristo é circuncidado. 22 María se desencarde. 28 Simeón e Ana profetizam sobre Cristo. 40 O menino cresce em graça e sabedoria, 46 fala no templo com os doutores da lei, 51 e obedece a seus pais.

1 ACONTECIO naqueles dias, que se promulgou um decreto de parte de Augusto César, que todo mundo fosse recenseado.

2 Este primeiro censo se fez sendo Cirenio governador de Síria.

3 E foram todos para ser recenseados, cada um a sua cidade.

4 E José subiu da Galilea, da cidade do Nazaret, a Judea, à cidade de David, que se chama Presépio, por quanto era da casa e família do David;

5 para ser recenseado com a María sua mulher, desposada com ele, a qual estava grávida.

6 E aconteceu que estando eles ali, cumpriram-se os dias de seu iluminação.

7 E deu a luz a seu filho primogênito, e o envolveu em fraldas, e o deitou em um pesebre, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

8 Havia pastores na mesma região, que velavam e guardavam as vigílias da noite sobre seu rebanho.

9 E hei aqui, lhes apresentou um anjo do Senhor, e a glória do Senhor os rodeou de resplendor; e tiveram grande temor.

10 Mas o anjo lhes disse: Não temam; porque hei aqui lhes dou novas de grande gozo, que será para todo o povo:

11 que lhes nasceu hoje, na cidade do David, um Salvador, que é CRISTO o Senhor.

12 Isto lhes servirá de sinal: Acharão ao menino envolto em fraldas, deitado em um pesebre. 680

13 E repentinamente apareceu com o anjo uma multidão das hostes celestiales, que elogiavam a Deus, e diziam:

14 Glória a Deus nas alturas, E na terra paz, boa vontade para com os homens!

15 Aconteceu que quando os anjos se foram deles ao céu, os pastores se disseram uns aos outros: Passemos, pois, até Presépio, e vejamos isto que há

acontecido, e que o Senhor nos manifestou.

16 Vieram, pois, apressadamente, e acharam a María e ao José, e ao menino deitado no pesebre.

17 E ao vê-lo, deram a conhecer o que lhes havia dito sobre o menino.

18 E todos os que ouviram, maravilharam-se do que os pastores lhes diziam.

19 Mas María guardava todas estas coisas, as meditando em seu coração.

20 E voltaram os pastores glorificando e elogiando a Deus por todas as coisas que tinham ouvido e visto, como lhes havia dito.

21 Cumpridos os oito dias para circuncidar ao menino, puseram-lhe por nome Jesus, o qual lhe tinha sido posto pelo anjo antes que fosse concebido.

22 E quando se cumpriram os dias da purificação deles, conforme à lei do Moisés, trouxeram-lhe para Jerusalém para lhe apresentar ao Senhor

23 (como está escrito na lei do Senhor: Todo varão que abrir a matriz será chamado santo ao Senhor),

24 e para oferecer conforme ao que se diz na lei do Senhor: Um par de tórtolas, ou dois filhotes de pomba.

25 E hei aqui havia em Jerusalém um homem chamado Simeón, e este homem, justo e piedoso, esperava a consolação do Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele.

26 E lhe tinha sido revelado pelo Espírito Santo, que não veria a morte antes que visse o Ungido do Senhor.

27 E movido pelo Espírito, veio ao templo. E quando os pais do menino Jesus o trouxeram para o templo, para fazer por ele conforme ao rito da lei,

28 tomou em seus braços, e benzeu a Deus, dizendo:

29 Agora, Senhor, despede-te de seu servo em paz, Conforme a sua palavra;

30 Porque viram meus olhos sua salvação,

31 A qual preparaste em presença de todos os povos;

32 Luz para revelação aos gentis, E glória de seu povo o Israel.

33 E José e sua mãe estavam maravilhados de tudo o que se dizia dele.

34 E os benzeu Simeón, e disse a sua mãe María: Hei aqui, este está posto para queda e para levantamento de muitos no Israel, e para sinal que será contradita

35 (e uma espada transpassará sua mesma alma), para que sejam revelados os pensamentos de muitos corações.

36 Estava também ali Ana, profetisa, filha do Fanuel, da tribo do Aser, de idade muito avançada, pois tinha vivido com seu marido sete anos desde seu

virgindade,

37 e era viúva fazia oitenta e quatro anos; e não se separava do templo, servindo de noite e de dia com jejuns e orações.

38 Esta, apresentando-se na mesma hora, dava graças a Deus, e falava do menino a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém.

39 depois de ter completo com todo o prescrito na lei do Senhor, voltaram para a Galilea, a sua cidade do Nazaret.

40 E o menino crescia e se fortalecia, e se enchia de sabedoria; e a graça de Deus era sobre ele.

41 Foram seus pais todos os anos a Jerusalém na festa da páscoa;

42 e quando teve doze anos, subiram a Jerusalém conforme ao costume da festa.

43 Ao retornar eles, acabada a festa, ficou o menino Jesus em Jerusalém, sem que soubessem José e sua mãe.

44 E pensando que estava entre a companhia, andaram caminho de um dia; e o procuravam entre os parentes e os conhecidos;

45 mas como não lhe acharam, voltaram para Jerusalém lhe buscando.

46 E aconteceu que três dias depois lhe acharam no templo, sentado no meio dos doutores da lei, lhes ouvindo e lhes perguntando.

47 E todos os que lhe ouviam, maravilhavam-se de sua inteligência e de seus respostas.

48 Quando lhe viram, surpreenderam-se; e lhe disse sua mãe: Filho, por que nos fez assim? Hei aqui, seu pai e eu lhe procuramos com angústia.

49 Então ele lhes disse: por que me buscavam? 681Não sabiam que nos negócios de meu Pai me é necessário estar?

50 Mas eles não entenderam as palavras que lhes falou.

51 E descendeu com eles, e voltou para o Nazaret, e estava sujeito a eles. E seu mãe guardava todas estas coisas em seu coração.

52 E Jesus crescia em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens.

1.

Aconteceu naqueles dias.

[Nascimento do Jesus, Luc. 2:1-7. Ver mapa P. 204; diagrama pp. 217, 224.] Isto é, pouco depois do nascimento do Juan o Batista. Jesus nasceu uns seis meses depois do Juan (cap. 1: 26, 56-57).

Decreto.

Este decreto se originou na Roma imperial (DTG 30). Nenhum historiador secular dessa época menciona este decreto, e portanto os críticos argumentaram durante muito tempo que Lucas se equivocou. Mas ultimamente apareceram papiros e inscrições que apóiam o relato do Lucas em todos os fatos essenciais mencionados nos vers. 1-3. Segundo os anais oficiais de Augusto (Cabeça de gado Gestae Divi Augusti I. 8) se sabe que este imperador ordenou que se fizessem, pelo menos, três censos gerais do Império Romano durante seu reinado: nos anos 28 A. C., 8 A. C. e 14 d. C. Nenhuma destas três datas parece coincidir com o censo ao qual se refere Lucas, mas é muito possível que a tensa situação política na Palestina e a encarniçada resistência dos judeus às imposições romanas atrasassem a execução do decreto imperial nessa parte do império. sabe-se com segurança que houve outros censos em outras partes do império que não se fizeram nas três datas indicadas, como por exemplo o censo do ano 12 A. C. nas Galias. Débito se ter em conta que nem os críticos pagãos nem os judeus, como Celso Porfirio, puseram em tecido de julgamento a precisão do relato do Lucas neste assunto. Até os que não aceitam ao Lucas como autor inspirado reconhecem que foi um hábil historiador, digno de confiança (ver com. cap. 1: 1-4). É difícil que um escritor tão esmerado como Lucas pudesse expor-se descuidadamente à crítica apresentando dados errôneos quanto a feitos bem conhecidos nesse momento (ver pp. 231-232; diagrama pp. 217-218, 224).

Augusto César.

Imperador de Roma desde ano 27 A. C. até 14 d. C. (ver pp. 39, 228; diagrama pp. 218, 224). Augusto, antes chamado Octavio, era sobrinho e filho adotivo de Julho César, quem foi assassinado no ano 44 A. C. Um decreto promulgado sob seu governo teria sua sanção mesmo que ele mesmo não o tivesse promulgado pessoalmente.

Mundo.

Gr. oikoumén', "mundo habitado". Aqui sem dúvida se refere ao mundo civilizado, que deve distinguir do mundo bárbaro que não era romano. Autores clássicos, tais como Polibio e Plutarco, empregam a palavra oikoumén' com este sentido.

Fosse recenseado.

Gr. apográfÇ, "registrar", "inscrever", "recensear". O verbo apográfÇ se refere ao que hoje se chama censo. O recenseamento antigo incluía a inscrição das propriedades e dos nomes, e servia usualmente como base para os impostos à propriedade.

2.

Primeiro.

Gr. prÇtos, empregado algumas vezes onde poderia esperar o uso de próteros, "anterior" (Juan 1: 15, 30; 15:18; 1 Juan 4: 19; etc.). É possível, embora gramaticalmente um pouco difícil, que aqui se empregue prÇtos com esse sentido. Lucas usa a forma adverbial prÇton para indicar que uma coisa passou antes que outra (cap. 6: 42; 9: 59; 21: 9; etc.). Embora poderia entender-se que este foi um censo anterior ao que se fez por ordem do Cirenio, o texto grego parece favorecer a interpretação de que este foi o primeiro censo, entendendo-se que depois houve outros.

Seja como for, não é possível duvidar de que Lucas tivesse razão ao afirmar que

houve um recenseamento de todo o Império Romano por ordem de Augusto. De este modo Lucas fica vindicado como historiador fiel. A Enciclopédia da Bíblia, da Editorial Garriga, sugere que no Lucas e Feitos a forma de relatar os acontecimentos, a documentação e o uso das fontes "honram a Lucas" e "todo isso é motivo de confiança" (S. V. "Feitos", couve. 1156-1157).

Cirenio.

Sentio Taciturno foi governador da província romana de Síria desde ano 9 A. C. até o ano 6 A. C.; aconteceu-o Quintilio Estou %parado, quem ocupou o cargo até algum tempo depois da morte do Herodes em abril de 4 A. C. Cirenio (Quirinio) ocupava esse posto no ano 6 d. C. (Josefo, Antiguidades xVIII. 1.1), embora não se sabe por quanto tempo, já tinha desempenhado esse carrego em Síria. Ver P. 231. 682

3.

Cada um a sua cidade.

Entre os romanos poderia ter bastado que cada homem se recenseasse na cidade onde estivesse residindo e não na cidade de seus antepassados. sabe-se que o recenseamento romano habitual não sempre se fazia na mesma forma em as províncias. Por exemplo, os galos eram recenseados por tribos. Um decreto que se conservou autorizando que se fizesse um censo romano no Egito, exigia que a gente se recenseasse em seu lugar de origem. Já que a genealogia das tribos era tão importante para os judeus, é possível que Herodes o Grande tivesse decidido que o recenseamento por tribos era o melhor procedimento para seu território. Seja como for, a menção desta forma de recenseamento é um testemunho indireto que mostra que Herodes foi o instrumento para que se levasse a cabo o decreto romano na Judea, e também estabelece a confiabilidade no relato do Lucas.

4.

E José subiu.

A inspiração não nos diz se José e María se davam conta de que a profecia indicava que o Mesías devia nascer em Presépio (ver com. vers. 5). Lucas simplesmente assinala que o cumprimento do decreto de Augusto motivou a viagem.

Cidade do David.

Assim chamada porque era a cidade dos antepassados do David (1 Sam. 17: 12, 58), e este foi seu cidadão mais ilustre.

Presépio.

Ver com. Gén. 35: 19; Mat. 2: 1. Este povo se encontra a 8 km ao sul de Jerusalém e, como Nazaret, está habitada hoje principalmente por árabes cristãos.

Da casa e família.

Embora esta afirmação se aplica aqui exclusivamente ao José, é claro que María também era da casa e da família do David (ver com. Mat. 1: 16, 18; Luc. 1: 27; cf. DTG 30).

5.

Com a María.

Não se diz por que razão María acompanhou ao José. Nem a lei romana nem a lei feijão exigiam que ela viajasse. Segundo a lei romana, as mulheres deviam pagar a taxa de recenseamento, mas não precisavam apresentar-se em pessoa. É possível que ela, que sabia que o nascimento de seu filho estava próximo, soubesse também que a profecia assinalava que teria que nascer em Presépio (Miq. 5: 2), e intencionalmente viajou com o José. Possivelmente tinham também a intenção de ficar em Presépio (DTG 47). Por outra parte, o Espírito Santo poderia lhe haver indicado que devia ir. que não pudessem encontrar lugar onde alojar-se poderia indicar que não tinham nenhuma propriedade ali. Nazaret era "sua cidade" (Luc. 2: 39). Os dois eram forasteiros em Presépio; não tinham lar, e "não foram reconhecidos nem honrados" (DTG 30).

Sua mulher.

"Com a María sua desposada", conforme o estabelece a evidência textual (P. 147); sem embargo, é provável que María não tivesse viajado com o José se não houvessem estado casados. Mateo sugere que José tomou a María por esposa imediatamente depois de que o anjo lhe disse que o fizesse (cap. 1: 24), antes da viagem a Presépio (ver com. cap. 2: 1).

6.

cumpriram-se os dias.

Quer dizer, segundo a promessa do anjo a María (cap. 1: 31). Ocorreu uns seis meses depois do nascimento do Juan o Batista (cap. 1: 36, 39, 56-57; ver com. cap.1: 39). Desconhece-se o ano exato e a estação do ano do nascimento do Jesus. Com referência ao ano de seu nascimento, ver pp. 231-233, e com relação à data dentro do ano, ver com. cap. 1:57; 2: 8.

7.

Seu filho primogênito.

Gr. prÇtótokos (ver com. Mat. 1: 18, 25; cf. com. Luc. 1: 35). Não há uma evidência direta de que María tivesse outros filhos depois do Jesus (ver com. Mat. 1: 25). O fato de que Jesus entregasse a sua mãe aos cuidados do Juan enquanto estava na cruz, sugere que nesse momento ela não tinha filhos vivos (ver com. Juan 19: 26).

Envolveu-o em fraldas.

O verbo grego pode também traduzir-se como "enfaixar". A modalidade de vestir aos meninos recém-nascidos evidentemente era diferente a que se usa hoje em Ocidente. Os meninos eram envoltos em fraldas e logo enfaixados com uma espécie de enfaixa para sustentar os fraldas. Os meninos hebreus recém-nascidos eram lavados com água, esfregados com sal, e logo envoltos e enfaixados (ver com. Eze. 16: 4).

Pesebre.

Não poderia haver-se achado um lugar mais humilde onde deitar ao menino Jesus. Ninguém pode dizer que tenha tido um começo mais desfavorável em sua vida.

José e María eram pobres nas coisas deste mundo (ver com. vers. 24), mas eram ricos em fé. Uma tradição que se remonta ao Justino Mártir (148 d. C.) situa o nascimento do Jesus em uma gruta, sobre a qual Constantino o Grande construiu a igreja do Natal. Segundo Elena do White, Jesus nasceu em um "tosco edifício" onde se dava "albergue às bestas" (DTG 30). Pensa-se que os artistas apresentam um boi e um asno nos quadros do Natal inspirados na ISA. 1: 3.

Não havia lugar.

Simplesmente por uma razão: 683 a estalagem estava cheia de hóspedes. Não se insinúa que o estalajadeiro fora pouco hospitalar. Nesta época a grande maioria dos judeus que viviam na Palestina possivelmente eram descendentes do Judá, Benjamim ou Leví; por isso é fácil entender por que as posadas da Judea estavam cheias.

Hospedaria.

Gr. katáluma, "estalagem"; "lugar onde alojar-se" (BJ). É provável que se tratasse de uma pequena estalagem para caravanas. Estas consistiam geralmente em um pátio aberto rodeado de um corredor ou pórtico ao qual davam as habitações. Os hóspedes levavam consigo tudo o que os fazia falta e se instalavam nas habitações ou em algum rincão do pórtico. Os animais e a bagagem permaneciam no pátio.

8.

Havia pastores.

[Os anjos e os pastores, Luc.2: 8-20. Ver mapa P. 204.] Estes homens singelos e piedosos passavam as silenciosas horas da noite falando do Mesías prometido e rogando por sua vinda (DTG 31). Parece que eram do pequeno mas fiel grupo que aguardava a "consolação do Israel" (vers. 25) e esperava "a redenção em Jerusalém" (Luc. 2: 38; ver com. Mat. 1: 18; Luc. 2: 25-26, 38). O céu sempre reparte luz e verdade a tais pessoas.

Só os que "têm fome e sede de justiça" podem esperar que serão saciados (Mat. 5: 6). Só acharão luz e verdade quem as busca (Mat. 7: 7; Heb. 9: 28). Não importa quão humilde seja nossa condição na vida, o mais importante é albergar no coração a "esperança bem-aventurada" (Tito 2: 13).

Os dirigentes do Israel foram deixados a um lado porque foram desleais à tarefa que lhes tinha encomendado, e seu lugar foi dado a um grupo de humildes e piedosos pastores. Mesmo que os sacerdotes e os rabinos de Jerusalém ouviram o relatório da visita dos anjos aos pastores, se negaram a acreditá-lo. A diferença dos pastores, não quiseram ir a Presépio a averiguar o ocorrido, e pontuaram como conto o relatório recebido (DTG 45).

Se se seguia o costume desse lugar, os pastores permaneciam nos campos de dia e de noite. Isso sugere que já tinham acontecido as chuvas de abril, e ainda não tinham chegado as de novembro (ver T. II, pp. 112-113), pois entre abril e novembro era quando as ovelhas estavam nos campos. Os invernos revistam ser frios e úmidos nas montanhas da Judea, e se tivesse sido inverno os pastores teriam procurado sem dúvida um maior amparo contra a inclemência do tempo, tanto para eles como para seus rebanhos. Se se considerarem em conjunto todas as evidências a respeito da data do nascimento do Jesus,

parece que o melhor é se localizá-la no outono, pois assim corresponderia melhor com a cronologia do contexto. Entretanto, isto não exclui a possibilidade de que o nascimento tivesse tido lugar em outra estação (ver com. cap. 1: 57).

Não foi a não ser até o século IV quando começou a observar-se em 25 de dezembro como o dia do nascimento do Jesus. Segundo o calendário Juliano, esta era a data do solstício de inverno, quando os dias começavam a alargar-se. Este acontecimento se festejava entre os pagãos com grandes celebrações conhecidas entre os romanos como saturnalias, em honra do renascimento de diversos deuses revestir. Na igreja ocidental foi onde pela primeira vez se associou o nascimento de Cristo com esta festa pagã.

Guardavam as vigílias.

É provável que isto indique que se alternavam, como o sugerem a BJ e a BC: "vigiavam por turno". Estes campos eram os mesmos onde David tinha cuidado os rebanhos de seu pai (DTG 31).

9.

Lhes apresentou.

O anjo possivelmente permaneceu no ar, sobre os pastores. Possivelmente se os apareceu de repente, sem prévio aviso.

Um anjo.

Esta missão transcendental pôde haver crédulo muito apropiadamente ao Gabriel, o líder das hostes angélicas (ver DTG 725; com. cap. 1: 19).

A glória.

Gr. dóxa, cuja primeira acepção é "esplendor". Possivelmente possa comparar-se com a glória que mais tarde se manifestou no momento da transfiguración (cap. 9: 31-32; ver com. ROM. 3: 23).

Tiveram grande temor.

A reação dos pastores é a que normalmente experimentam aqueles diante de quem se abre o véu que separa aos homens do mundo invisível. Em os dias do AT, pessoas que viram anjos algumas vezes pensaram que estes eram presságio de morte (Juec. 6: 22; 13: 21-22). Este anjo veio para anunciar liberação e gozo (Luc. 2: 10).

10.

Não temam.

Ver com. cap. 1: 13.

Dou-lhes novas.

Gr. euaggelízÇ, "proclamar boas novas", "anunciar boas notícias". As palavras "Evangelho", "evangelizar" e "evangelismo" derivam desta raiz. Os que 684 escreveram os relatos da vida do Jesus foram, pois, "evangelistas". O cristianismo anunciou desde seu mesmo começo as boas novas, o Evangelho do amor redentor, da salvação.

Para todo o povo.

De acordo com a comissão apostólica, os discípulos deviam ensinar "a todas as nações" o Evangelho de salvação(Mat. 28: 19).

11.

A cidade do David.

Ver com. vers. 4. Cristo nasceu no momento preanunciado (Gál. 4: 4) e no lugar preciso (ver com. Miq. 5: 2).

Salvador.

Gr. sÇt'r, título que implica a mesma idéia que o nome próprio "Jesus" (ver com. Mat.1: 1, 21).

Cristo o Senhor.

Embora já não estava talher com a glória do céu a não ser com "fraldas" (vers. 7, 12), o filho da María seguia sendo "Cristo o Senhor" (cf. Heb. 1: 6). O uso do título "Senhor" identifica a Cristo com o "Senhor" dos dias do AT (ver PP 381; DTG 35-36; com. Luc. 1: 76), término que equivale à expressão Mesías Jehová (ver com. Mat. 1: 1; T. I, P. 180-181).

12.

Servirá-lhes de sinal.

O texto grego diz: "E isto [será] para vós o sinal". Um sinal não é nas Escrituras necessariamente milagrosa (ver com. ISA. 7: 14). A "sinal" dada aos pastores foi o meio para identificar ao menino. O nascimento do menino de Presépio seria muito diferente do que esperavam os pastores de acordo a suas elevadas idéias sobre o Mesías.

Fraldas.

Ver com. vers. 7.

13.

Repentinamente apareceu.

Uma inumerável hoste de anjos se reuniu sobre as colinas de Presépio, esperando o anúncio angélico do nascimento do Salvador.

Hostes.

Gr. stratiá, "exército", "hoste", "banda", término comum para referir-se a um exército. Aqui se refere às filas da hoste Angélica (ver com. Sal. 24: 10; Jos. 5: 14).

14.

Glorifica a Deus.

O plano de Deus se originou com Deus e é apropriado que tanto os anjos como os homens lhe atribuam glória e louvor. Neste cântico dos anjos há um equilíbrio poético entre "glória" e "paz", entre "Deus" e "homens", entre "alturas" e "terra". O plano de salvação reconcilia a Deus com os homens dando paz aos homens e glória a Deus. Só pode haver paz quando a vontade de Deus se faz tanto na terra como no céu (Mat. 6: 10).

Paz, boa vontade para com os homens.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) o texto "na terra paz aos homens de boa vontade", quer dizer, os que tenham boa disposição para com Deus e para com seus próximos (ver com. Mig. 6: 8; Mat. 22: 36-40). Alguns manuscritos dizem: "boa vontade para os homens". Uma nota da BJ sugere a tradução "paz aos homens objeto da benevolência (divina)".

Cristo é a encarnada "boa vontade" de Deus, é o "Príncipe de paz" (ISA. 9: 6), Aquele que proclamou: "A paz vos sotaque, minha paz lhes dou... Não se turve seu coração, nem tenha medo" (Juan 14: 27). como resultado da vinda de Jesus temos o privilégio de ter "paz para com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (ROM. 5: 1). "O é nossa paz" (F. 2: 14). "A paz de Deus" é a que guarda nosso coração e nossos "pensamentos em Cristo Jesus" (Fil. 4: 7).

15.

Aconteceu.

Ver com. cap. 1: 8.

Passemos, pois.

Os pastores já não duvidavam nada quanto à verdade da mensagem do Gabriel. Atuaram imediatamente. Note-se como contrasta esta atitude com a vacilação do Zacarías (ver com. cap. 1: 18, 20).

16.

Apressadamente.

Os pastores não podiam ficar conforme até que pudessem ver eles mesmos a "sinal" prometido que confirmasse as palavras do anjo.

17.

Deram a conhecer.

Assim como o sol não pode deixar de brilhar, os pastores tampouco podiam ocultar a luz que tinha iluminado seus corações. As boas novas eram muito extraordinárias para que as ocultasse. O relatório da visita dos anjos aos pastores finalmente chegou para ouvidos dos sacerdotes, os anciões e os rabinos de Jerusalém, mas o receberam como se não merecesse ser considerado (DTG 44). Estes dirigentes estavam seguros de que Deus não podia havê-los passado a eles por alto, pois eram os professores religiosos da nação, para dar essa mensagem a um inculto grupo de humildes pastores (ver com. Mat. 2: 4). Mas todos aqueles em cujo coração Cristo nasça de novo hoje, repartirão como os pastores de Presépio, as boas novas a outros.

19.

Guardava.

María conservava vividamente todos estes fatos em sua memória; mas a diferença dos pastores, não ia por toda parte lhe contando a todos os que via as maravilhas que tinham ocorrido.

as meditando em seu coração.

María meditava nos diversos feitos relacionados com o nascimento de Cristo. comparando-os 685 com outros para entender melhor o significado de todo o ocorrido. Não só recordava claramente as palavras do Gabriel, mas também as comparava com o relatório dos pastores.

21.

Cumpridos os oito dias.

[Circuncisão do Jesus, Luc. 2: 21.] Quer dizer, ao oitavo dia, o primeiro dos quais era o do nascimento (ver com. cap. 1: 59).

Circuncidar ao menino.

A circuncisão foi um sinal para o Abraão, um "selo da justiça da fé" (ROM. 4: 11). A circuncisão significava que se recebiam os privilégios e as responsabilidades da relação do pacto; era uma promessa de obediência. Em esta ocasião Cristo, Autor do pacto e de seu sinal visível -o rito da circuncisão (PP 390, 418)-, foi circuncidado, e assim ficou submetido às demandas do pacto representado por ele. Nasceu "sob a lei" (Gál. 4: 4) e se submeteu a seus requerimentos.

Puseram-lhe por nomeie Jesus.

Ver com. Mat. 1: 1. Aos varões lhes punha nome no momento de circuncidá-los (Luc. 1: 59-66). O anjo Gabriel tinha informado a María já José que o menino devia chamar-se Jesus (Mat.1: 21; Luc. 1: 31).

22.

A purificação deles.

[Apresentação do Jesus no templo, Luc. 2: 22-38. Ver mapa P. 205.] A evidencia textual se inclina (cf. p.147) pelo texto como aparece na RVR e não por "a purificação dela" (RVA). A frase "deles" gramaticalmente poderia referir-se a María e ao Jesus, ou a María e ao José. Se se referir a mãe e filho, provavelmente deva entender-se que a dedicação do menino no templo estava estreitamente ligada com a purificação da mãe. Se a palavra "eles" compreende ao José e a María, é possível entender que José, como cabeça de família, era o responsável por que María cumprisse com os requerimentos rituais. A lei levítica estipulava que a mãe devia desencardir-se depois de 40 dias se tinha tido um varão, e depois de 80 dias se tinha tido uma menina (ver com. Lev. 12). Durante esse tempo devia permanecer em sua casa sem participar dos serviços religiosos públicos. A mãe devia ser desencardida; o menino não. Tanto a mãe como seu filho deviam apresentar-se ao sacerdote para a purificação dela e a apresentação do menino. Pelo tanto, foi dobro o propósito que levou a María, ao José e ao menino a Jerusalém,

a 8 km de Presépio. É evidente que José e María fizeram esta viagem antes da visita dos magos, porque dificilmente se teriam atrevido a ir a Jerusalém depois de dita visita. Além disso, abandonaram Presépio e se encaminharam ao Egito imediatamente depois da visita dos magos (Mat. 2: 12-15).

Conforme à lei.

Cristo nasceu "sob a lei" (Gál. 4: 4), e portanto obedeceu as leis que ele mesmo tinha dado ao Moisés 1.500 anos antes (PP 381, 390; ver com. Luc. 2: 21). Jesus, como substituto do homem, tinha que submeter-se "à lei em tudo detalhe" (DTG 34). É interessante notar que a palavra "lei" aparece cinco vezes neste capítulo (vers. 22-24, 27, 39) e só quatro vezes no resto do livro do Lucas.

Para lhe apresentar.

Todo primogênito varão devia ser consagrado ao Senhor. Isto se fazia em reconhecimento da promessa de Deus de que daria a seu Primogênito para redimir ao homem (cf. DTG 34), e para recordar e agradecer a liberação dos primogênitos durante o êxodo (ver com. Exo. 13: 2, 12; Núm. 3: 12-13). O primogênito devia ser redimido ou resgatado com dinheiro; a quantidade era 5 siclos (Núm. 18:15-16). Isto representava aproximadamente 20 denarios romanos, equivalentes a 20 dias de trabalho de um jornaleiro (ver P. 51).

23.

Como está escrito.

Ver Exo. 13: 2, 12, 15.

Todo varão.

Ver com. vers. 22.

24.

Oferecer.. um par de tórtolas.

Esta oferenda era para a purificação da María (ver com. vers. 22). Se José e María tivessem estado em condição econômica mais folgada teriam devotado um cordeiro como holocausto (Lev. 12: 6). Por esta razão apresentaram a oferenda de os pobres: uma tórtola para holocausto e outra como oferenda pelo pecado (Lev. 12: 8; ver com. Lev. 1: 14; 5: 7).

25.

Simeón.

A tradição que identifica a este piedoso ancião com o rabino Simeón, filho de Hillel e pai do Gamaliel, não tem base histórica. O rabino Simeón chegou a ser presidente do sanedrín no ano 13 d. C., 17 ou 18 anos depois do nascimento do Jesus. O Simeón do Luc. 2 era evidentemente já ancião (vers. 26, 29) quando nasceu Jesus, como o prova o fato de que lhe havia assegurado que viveria até ver o Mesías.

Justo e piedoso.

Simeón era "justo" em sua conduta para com seus próximos e "piedoso" de coração respeito a seus deveres para com Deus (ver com. Miq. 6: 8; Mat. 22: 36-40).

Esperava.

Parece que Simeón pertencia ao grupo de humildes e piedosos investigadores de as Escrituras, tais como Zacarías e 686 Elisabet (cap. 1: 6, 67), José (Mat. 1: 19), María (Luc. 1: 28), os pastores (DTG 31), Ana (Luc. 2: 37), os magos (Mat. 2: 11; DTG 41), José da Arimatea (Mar. 15: 43) e uns poucos mais (Luc. 2: 38). O céu anunciou a chegada do Mesías a aqueles fiéis que o esperavam (cf. Heb. 9: 28). Hoje também temos o privilégio de aguardar a "esperança bem-aventurada e a manifestação gloriosa de nosso grande Deus e Salvador Jesucristo" (Tito 2: 13).

A consolação do Israel.

Esta expressão era parte de uma oração judia comum: "eu veja a consolação de Israel", o qual equivalia a "viva eu para ver o Mesías". A expressão "consolação do Israel" reflete diversas profecias messiânicas do AT aonde fala-se do consolo da esperança messiânica (ver ISA. 12: 1; 40: 1; 49: 13; 51: 3; 61: 2; 66: 13; etc.).

26.

Não veria a morte.

Os piedosos de todas as épocas entesouraram a esperança de viver para ver o cumprimento da esperança messiânica. Deus quis que esta esperança esquilo vivamente no coração de seus fiéis, porque, mais que nenhuma outra coisa, esta esperança impulsa aos homens a santificar sua vida (1 Juan 3: 2-3). Sem embargo, os piedosos do tempo do Simeón tinham nas profecias a segurança de que sua geração veria o Mesías.

Ungido do Senhor.

Ou seja, o "Mesías do Jehová". A frase "Ungido do Senhor" (ver com. Mat. 1: 1) era um título judeu precristiano referente ao Mesías.

27.

Movido pelo Espírito, veio.

Como Simeón era "justo e piedoso" (vers. 25), tinha andado na luz com a qual o céu tinha iluminado seu caminho até esse momento, e seus olhos estavam abertos à possibilidade de receber maior luz. Quão diferente foi a situação do sacerdote que por um momento teve em seus braços ao menino Jesus (DTG 36). Como muitos de seus colegas sacerdotes, tinha estudado em vão as Escrituras (DTG 22), devido, em primeiro lugar, a que não estava disposto a viver segundo os princípios ali revelados (ver Ouse. 4: 6). O resultado foi que seus olhos espirituais estavam completamente cegos quando se encontrou cara a cara com a luz da vida (Juan 1: 7-11). Como não aproveitou a luz que já tinha sido revelada, não esteve preparado para receber maior luz.

28.

Benzeu a Deus.

Neste verbo está implícita a idéia de elogiar (cf. cap. 1: 64). Com referência ao significado no AT da expressão "benzer a Deus", ver com. Sal. 63: 4.

29.

Senhor.

Gr. despót's, "senhor", "amo", "dono". Para nós a palavra "déspota" tem uma conotação negativa, mas no original grego só indicava que tal personagem era dono ou amo de uma coisa ou de uma situação. devido à tendência da natureza humana, é comum e indubitável que quem tem poder absoluto abuse deste poder e se converta em um tirano; daqui o atual significado da palavra "déspota". Mas em relação com Deus, despót's não pode nunca ter o sentido que lhe dá o contexto pecaminoso e humano. Deus, como despót's do universo, é soberano, dono de tudo e absolutamente perfeito. Despót's aparece dez vezes no NT, e seis vezes se refere a Deus (Luc. 2: 29; Hech. 4: 24; 2 Tim. 2: 21; 2 Ped. 2: 1; Jud. 4; Apoc. 6: 10); as outras quatro vezes se refere ao dono ou amo de escravos (1 Tim. 6: 1-2; Tito 2: 9; 1 Ped. 2: 18). Por outra parte, é apropriado assinalar que a palavra que usualmente se emprega no NT para referir-se ao Senhor é kúrios, vocábulo que simplesmente denota a um superior, sem precisar o grau de superioridade. Muitas vezes a palavra kúrios só aparece como título respeitoso, assim como usamos hoje o título "senhor" para nos dirigir a alguém. Quanto ao uso de kúrios em relação com Cristo, ver com. Juan 13: 13; 20: 28.

Nos vers. 29-30, Simeón fala do que significa para ele o Mesías; nos vers. 31-32, pelo que significa para a humanidade.

Despede-te de seu servo.

"Pode... deixar que seu servo se vá" (BJ). Simeón obteve seu propósito: viver até ver aquele a quem tinha esperado. Não deseja nem pede nada mais; está preparado para que a morte o libere do serviço. Ver com. vers. 26.

Em paz.

O desejo do coração do Simeón se cumpriu quando, pela fé, viu no menino Jesus o cumprimento das promessas messiânicas do AT. No coração de todos os homens há um vazio que não pode encher-se, um desejo que não pode satisfazer-se, exceto com o Jesus. Não devêssemos descansar até que, como Simeón, também tenhamos visto pela fé ao "Ungido do Senhor".

30.

Salvação.

Gr. sÇt'rion, "salvação" (ver com. vers. 11). Na LXX se emprega a palavra sÇt'rion para traduzir a palavra hebréia shélem, "sacrifício de paz" (ver T. 1, P. 712).

31.

Todos os povos.

Lucas de novo faz referência à universalidade do convite evangélico (ver T. IV, pp. 30- 31). 687

32.

Luz.

Ver com. cap. 1: 78-79.

Para revelação.

"O véu que envolve a todas as nações" (ISA. 25: 7) seria tirado (ISA. 60: 1-3).

Os gentis.

O povo hebreu foi instruído desde seus mesmos começos quanto ao papel que lhes tinha sido atribuído como representantes do verdadeiro Deus ante as nações da terra. Este fato fundamental foi claramente enunciado na primeira promessa feita ao Abraão (Gén. 12: 3), e mais tarde repetido ao Isaac (Gén. 26: 4) e ao Jacob (Gén. 28: 14). Esta mesma verdade foi anunciada com maior claridade ao Israel quando o povo saiu do Egito e se preparava para entrar na terra prometida (Deut. 4: 6- 8; 28: 10; etc.). Os profetas sempre mostraram ao povo, de geração em geração, o alcance mundial de seu sagrado encargo (Sal. 98: 3; ISA. 42: 6; 49: 6; 53: 10; 56: 6- 7; 60: 1- 3; 61: 9; 62: 2; Zac. 2: 11; 8: 22; etc.). Cristo destacou repetidas vezes que seu ministério incluía tanto aos gentis como aos judeus (Mat. 12: 18, 21; Juan 12: 32, etc.). Ver T. IV, pp. 28-32.

Glória.

Aos judeus foram concedidos privilégios muito maiores que os que receberam outros povos, para que pudessem ser representantes capazes do verdadeiro Deus ante as nações da terra (T. IV, pp. 30-31). O ciclo não escolheu-os porque fossem mais sábios ou melhores que os outros povos, a não ser porque Deus viu conveniente fazer deles seus embaixadores especiais de luz e de verdade (Deut. 7: 7- 8). Seu progenitor, Abraão, foi um fervente investigador da verdade e, como tal, submeteu-se à direção de Deus. O Senhor está sempre disposto a trabalhar com os que estejam dispostos a deixar-se guiar por ele. A vantagem especial que tiveram os judeus como nação consistiu principalmente em que os escolheu como recipientes, custódios e arautos da verdade (ROM. 3: 1-2; 9: 4-5).

Povo.

Gr. laós, "povo", término que os autores do NT aplicam geralmente aos judeus ou à comunidade de crentes cristãos. A palavra "gentis" se traduz do grego éthnos, "uma multidão que vive junta", ou seja "nação". Em o NT éthnos está acostumado a empregar-se em relação com os povos não judeus.

33.

José e sua mãe.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) o texto "Seu pai e sua mãe" (BJ), o qual não necessariamente implica uma negação do nascimento virginal, que Lucas afirma clara e categoricamente (Luc. 1: 26-35; cf. Mat. 1: 18-25). Lucas fala aqui do José do ponto de vista legal e popular, mas de nenhum modo no sentido literal ou biológico (ver com. Mat. 1: 21, 24). Como

marido da María, José foi, para os efeitos práticos, o pai do Jesus desde o momento em que este nasceu; e dali em adiante, ou pelo menos da apresentação no templo, José foi considerado como pai do Jesus segundo o linguagem dessa época (Luc. 3: 23; 4: 22; Juan 6: 42). O primeiro dos deveres legais do José como pai do Jesus foi lhe pôr nomeie (Mat. 1: 21). Mais tarde, e por instrução divina, José fez as vezes de pai do menino (Mat. 2: 13, 19-22). Sendo que María mesma emprega o término "pai" para referir-se à relação do José com o Jesus (Luc. 2: 48), é evidente que é apropriado chamá-lo "pai" do Jesus. No vers. 27 Lucas inclui também a José ao referir-se aos "pais" do Jesus; mas é evidente que não o faz em o sentido literal, a não ser de acordo com uma forma popular de expressar-se inteiramente apropriada (DTG 61-62).

Estavam maravilhados.

Não surpreendidos, porque o anjo lhe tinha aparecido já ao José (Mat. 1: 20) e a María (Luc. 1: 26-27) para lhes dar uma mensagem similar. Além disso, Elisabet se tinha dirigido a María usando frases evidentemente inspiradas (vers. 41-45). José e María também tinham escutado o relato dos pastores (cap. 2: 20). Sua admiração aumentava com cada nova evidência de que o menino Jesus era o Mesías, à medida que o Espírito os fazia compreender cada vez mais claramente qual era a tarefa que seu Pai celestial lhes tinha atribuído. É também possível que se surpreenderam de que um estranho reconhecesse o grande secreto.

34.

Disse a sua mãe.

Parece que Simeón, iluminado pelo Espírito Santo, compreendeu o fato do nascimento virginal do Jesus. Não consta aqui que lhe tenha emprestado atenção alguma ao José.

Para queda e para levantamento.

Cristo disse que ele era "a pedra que desprezaram os edificadores" (Mat. 21: 42; ver com. Sal. 118: 22). "Devemos cair sobre a Rocha e ser quebrantados antes que possamos ser levantados em Cristo" (DTG 39).

Cristo é o grande Ímã de todas as idades: atrai para ele aos que são humildes e contritos de coração. Alguns, como Mateo, Zaqueo e María Madalena -geralmente considerados como "nos publique e pecadores"- sentiram-se poderosamente atraídos 688 pelo Médico que podia restaurar sua vida quebrantada. Outros, como os fariseus e escribas -que acreditavam não ter necessidade do Médico celestial-, foram afastados do Salvador pela perversidade de seu próprio espírito.

Sinal.

Gr. s'méion, "sinal", "objeto". Cristo é, como representante do céu, o símbolo da salvação; é o objeto vivente ou testemunha do amor do Pai, cuja missão na terra proporciona uma evidência irrefutável (Juan 3: 16; DTG 11).

35.

Espada.

Gr. romfáia, palavra que se emprega para designar uma espada grande como a típica espada da Tracia. Deve distinguir-se entre romfáia, a espada larga, e májaira, a espada curta romana, que aparece usualmente no NT. A espada de Goliat se descreve como romfáia na LXX. supõe-se que a romfáia era um arma mais formidável que a májaira, e se emprega aqui em forma figurada para descrever a dor que transpassou o coração da María ao pé da cruz (Juan 19: 25; DTG 693, 700). Esta é no NT a primeira vislumbre da paixão de Cristo refletida nas profecias da ISA. 52: 14; 53: 12. Estas misteriosas palavras do Simeón tiveram que ter penetrado na mente da María como um sombrio e estremecedor presságio do que aconteceria. Além disso, o fato de que Simeón se dirigisse só a María parece indicar que José não seria testemunha ocular da cena do Calvário.

Sua mesma alma.

María sem dúvida esperava, como todos os outros judeus, que Jesus reinaria em glorifica sobre o trono terrestre do David (cf. cap. 1: 32). Esta esperança, que compartilhavam até os discípulos de Cristo, só serviria para que a frustração pelo desenlace na cruz fora mais amarga. Mas Deus em sua misericórdia o deu este indício do que devia esperar.

Revelados.

Literalmente "descobertos", "tirado o véu".

36.

Ana.

Gr. Hánna, do Heb. Jannah (ver com. 1 Sam. 1: 2). Esta venerável anciã levava o mesmo nome da Ana, mãe do Samuel, fundador das escolas de os profetas. Segundo uma tradição que aparece em um evangelho apócrifo (Protoevangelio do Santiago, cap. 1-10), María foi criada no templo pela Ana quem, segundo a tradição, era sua mãe. Esta é simplesmente uma ficção. Não pode-se comprovar esta tradição e no relato evangélico não há nada que insinúe que as duas mulheres mencionadas já se conheciam. A contínua presença da Ana no templo fala eloqüentemente do amor com que servia ao Senhor. O feito de que Lucas mencione por nomeie a uma pessoa tão desconhecida no relato bíblico como foi Ana, é outro detalhe que atesta em favor da qualidade de seu registro evangélico.

Profetisa.

O dom da profecia foi concedido de vez em quando a mulheres piedosas, assim como aos homens. Entre as profetisas estiveram María (Exo. 15: 20), Débora (Juec. 4: 4), a esposa do Isaías (ISA. 8: 3), Hulda (2 Rei. 22: 14) e também as quatro filhas vírgenes do Felipe (Hech. 21: 9).

De idade muito avançada.

Literalmente "avançada em muitos dias". Ana tinha pelo menos 84 anos (ver com. vers. 37), e é provável que já passasse dos 100 anos.

37.

Oitenta e quatro anos.

O original grego não permite saber com certeza se Ana era uma viúva de 84 anos de idade, ou se era viúva desde fazia 84 anos, e os comentadores tampouco concordam quanto a isto. A BJ dá a entender que tinha 84 anos de idade, e a RVR, que tinha sido viúva durante 84 anos. Entretanto, os detalhes que se dão e as palavras que se empregam parecem indicar que os 84 anos se referem ao tempo durante o qual Ana tinha estado viúva. Se Ana se casou muito jovem, aos 15 anos, e estado casada por 7 anos, e logo tivesse permanecido viúva durante 84 anos, então teria tido 106 anos de idade, o qual não seria impossível. Mas se tivesse tido 84 anos, também a poderia haver considerado como "de idade muito avançada".

Não se apartava.

Alguns entenderam por isso, que Ana, como pensionista aposentada do templo, tinha uma habitação dentro do recinto do templo, possivelmente junto com outras viúvas, e que em pagamento de seu alojamento se dedicava ao ensino das jovens que vinham ao templo para receber instrução religiosa. Não se sabe se nos tempos do Jesus existia uma disposição tal. Outros pensam que a afirmação "não se separava do templo" deve entender-se no mesmo sentido em que os discípulos, depois da ascensão, "estavam sempre no templo, elogiando e benzendo a Deus" (Luc. 24: 53; Hech. 2: 46). É evidente que em este caso não se afirma que os discípulos residiam no templo, mas sim assistiam ali regularmente aos serviços religiosos e davam testemunho diante da gente que ali se reunia (Hech. 3: 1; 5:12, 20-21, 25, 42, etc.).
689

De noite e de dia.

Provavelmente se aluda aos serviços de culto matutinos e vespertinos. Não importa onde tivesse vivido Ana (ver com. "Não se apartava"), é evidente que assistia fielmente aos cultos de amanhã e de tarde. Sua vida estava consagrada ao serviço de Deus. Não tinha outros interesses que distraíram sua atenção. Pablo elogia uma vida tal como muito apropriada para a que "na verdade é viúva" (1 Tim. 5: 5).

38.

Na mesma hora.

Quer dizer, quando Simeón falava. Para ouvir o testemunho inspirado do Simeón a respeito do Jesus, o coração da Ana foi meio doido por uma percepção inspirada para que pudesse ver no menino Jesus ao Mesías prometido (DTG 37; cf. Mat. 16: 17). Duas testemunhas inspiradas confirmaram deste modo, na dedicação de Jesus, o que María e José já sabiam sobre o menino.

Dava obrigado.

O verbo grego que se emprega aqui conota a gratidão ou louvor que se dá em avaliação de uma dádiva ou um favor recebido. É, pois, evidente que Lucas se refere ao louvor da Ana simplesmente como uma expressão de gozo ao ver o Mesías.

Falava.

De acordo à força que expressa o tempo do verbo grego, Ana "falava continuamente". Antes tinha falado das profecias que antecipavam a vinda

do Mesías, mas agora podia falar por experiência pessoal que o Mesías já tinha vindo.

Os que esperavam.

Esta expressão revela que havia um pequeno e fervente grupo de pessoas que estudavam as profecias e sabiam que tinha chegado "o cumprimento do tempo" (Gal. 4: 4; cf. Dão. 9: 24-27; DTG 25-26; ver com. Luc. 2: 25).

Em Jerusalém.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) a omissão da preposição "em"; portanto também poderia ler-se "de Jerusalém", como o traduz a BJ. Se sugeriu que "a redendción de Jerusalém" seria então paralela com a "consolação do Israel" (vers. 25).

39.

depois de ter completo contudo.

[A volta ao Nazaret, Luc. 2: 39-40 = Mat. 2: 19-23. Comentário principal: Mateo e Lucas. Ver mapa P. 205.] Jesus, como judeu que era, nasceu "sob a lei" (Gál. 4: 4) e, portanto, cumpriu todos os requerimentos de "a lei do Senhor", como Lucas chama aqui às leis levíticas relacionadas com a purificação e a apresentação (Luc. 2: 22-24). Essas leis tinham sido dadas ao povo do Israel por mão do Moisés, mas seu Autor era Deus (Deut. 5: 31-33). Os Dez Mandamentos foram quão únicos Deus deu diretamente ao povo (Deut. 5: 22), no sentido de que os escreveu ele mesmo e não por meio do Moisés.

Voltaram.

Lucas não menciona a visita dos magos nem a fuga ao Egito, acontecimentos que aconteceram antes da volta a Galilea (Mat. 2: 1-23). Uma omissão similar de uma parte da narração aparece no Hech. 9: 26, onde Lucas insinúa que Saulo foi imediatamente de Damasco a Jerusalém; entretanto, é evidente por Gál. 1: 17-18 que houve um intervalo de três anos antes de que Pablo retornasse a Jerusalém; e é também evidente que a visita dos magos seguiu à dedicação no templo, porque tivesse sido incrível que José levasse a María e ao Jesus a Jerusalém depois de lhe haver advertido um anjo que devia fugir a Egito para escapar do Herodes (Mat. 2: 13). Quando a família retornou a Nazaret, Herodes já tinha morrido e seu filho Arquelao reinava em seu lugar (Mat. 2: 19-23). Arquelao reinou desde ano 4 A. C. até o ano 6 d. C. Pelo tanto, a volta ao Nazaret teve que ter ocorrido neste período, possivelmente pouco depois de haver-se iniciado o reinado do Arquelao.

Nazaret.

Ver com. Mat. 2: 23.

40.

O menino crescia.

Esta passagem descreve a infância do Jesus, até que teve 12 anos (vers. 42), assim como os vers. 51-52 descrevem sua adolescência e juventude. O desenvolvimento da natureza humana e da personalidade do Jesucristo seguiu em forma normal,

salvo que nunca cedeu ao pecado. Viveu dentro Á o círculo familiar como o faria qualquer menino e como qualquer jovem normal. Passou através dos anos que correspondem ao desenvolvimento físico, mental, espiritual e social como o faz tudo ser humano (ver com. vers. 52), com a condição de que nenhum enguiço danificou o processo de seu crescimento integral. Este desenvolvimento é um testemunho da verdadeira humanidade do Jesus, assim como sua perfeição testemunha de sua divindade.

fortalecia-se.

empregam-se as mesmas expressões com referência ao desenvolvimento do Juan o Batista (cap. 1: 80): "crescer" e "fortalecer-se". Tanto Juan como Jesus foram sãs e vigorosos.

enchia-se de sabedoria.

O processo do crescimento mental corria paralelo com o crescimento físico. Esta expressão sintetiza o crescimento intelectual, moral e espiritual do menino Jesus (ver com. vers. 52). 690

A graça.

Ou "favor", quer dizer a aprovação de Deus (ver com. vers. 52). Compare-se com o testemunho direto do Pai quando Jesus foi batizado (cap. 3: 22).

41.

Seus pais.

[O menino Jesus no templo, Luc. 2: 41-50. Ver mapa, P. 205; diagrama, P. 217.] A referência que aqui se faz ao José como um dos "pais" do Jesus, não contradiz em nada seu nascimento virginal, registrado explicitamente por Lucas (cap. 1: 31-35). Jesus aceitou durante sua infância o cuidado e o amparo paternal do José (ver com. Mat.1: 24), beneficiou-se com esse cuidado, e sendo já jovem estava "sujeito" ao José, assim como tudo jovem deve submeter-se a seu pai (Luc. 2: 51). Quando María se dirige ao Jesus (vers. 48) chama o José, "você pai".

Foram... a Jerusalém.

O tempo do verbo indica uma ação repetida, o qual mostra que José e María acostumavam ir a Jerusalém para assistir às festas religiosas anuais que ali se celebravam (ver com. Lev. 23: 2). No caso do José, seu assistência às três grandes festas era requerida pela lei (ver com. Exo. 23: 14-17; Deut. 16: 16), e o fato de que María acostumasse lhe acompanhar dá testemunho de sua dedicação às coisas espirituais, porque a participação das mulheres nas festas, apesar de ser recomendada, não era obrigatória.

A páscoa.

Esta é primeira das três grandes festas anuais, as outras eram Pentecostés e a festa dos tabernáculos (ver com. Exo, 23: 14-17; Lev. 23: 2). A páscoa comemorava a liberação dos hebreus da opressão de Egito, e portanto era um impressionante recordativo da série de dramáticos episódios mediante os quais Deus tinha convertido ao Israel em uma nação independente. A importância que tinha a páscoa para os judeus era tão grande, que sempre assistiam a ela embora lhes resultasse impossível ir a Jerusalém para as outras festas. Era o ponto culminante do ano religioso,

porque sem os acontecimentos que nesta festa se comemoravam haveriam permanecido como escravos dos egípcios. E não só isto, mas também, além disso, a páscoa simbolizava ao Mesías (1 Cor. 5: 7), a esperança de cuja vinda mantinha unida à nação e a sustentava de uma a outra geração.

42.

Doze anos.

Então, como agora, quando o menino judeu fazia doze anos de vida, era confirmado como "filho da lei" e ficava obrigado a observar pessoalmente as diversas cerimônias religiosas. O 12.º ano assinalava a transição da infância à juventude. Aos três anos de idade, dava-se aos meninos judeus a vestimenta com franjas prescrita pela lei do Moisés (ver com. Núm. 15: 38-41; Deut. 22: 12), e à idade de cinco anos deviam aprender de cor partes de a lei. Quando cumpriam o 12.º ano deviam levar as filacterias ou tefillin (ver com. Exo. 13: 9) nas horas da oração, como o exigia a tradição rabínica mas não a lei do Moisés (Mat. 23: 5). Jesus nunca aceitou como de origem divina as exigências destas tradições humanas (DTG 64). Segundo a Mishnah (Aboth 5. 21), os varões hebreus eram responsáveis pela observância dos mandamentos ao começar seu 13er ano, quer dizer, ao cumprir seu 12.º ano. Se Jesus nasceu no outono (setembro-novembro) do ano 5 A. C., o que parece provável (ver P. 231), então fez 12 anos no outono do ano 8 d. C., e a primeira páscoa da que pôde ter participado teria sido a do ano 9 d. C., na primavera.

Subiram.

Ver com. vers. 41. Quão judeus viajavam da Galilea ao Judá nos dias de Jesus, evitavam, se lhes era possível, tomar a rota mais curta que acontecia Samaria, devido à hostilidade entre judeus e samaritanos (DTG 451); pelo tanto, é provável que Jesus e seus pais tivessem feito a viagem por outra rota, possivelmente pelo caminho do vale do Jordão. Jesus já tinha completo 12 anos, e assistiu à festa da páscoa pela primeira vez; e é provável que esta fora sua primeira visita a Jerusalém desde sua dedicação, e que, pelo tanto, visse agora pela primeira vez o templo (DTG 57-58).

Conforme ao costume.

O cumprimento fiel de todos os requerimentos da lei era algo característico no José e María (ver com. Mat. 1: 19; Luc. 2: 21-24).

43.

Acabada a festa.

Era costume degolar o cordeiro pascal a última hora na tarde do dia 14 do Nisán, e o comiam essa mesma noite depois de pôr-do-sol, no dia 15 (ver a primeira Nota Adicional do Mat. 26). Nos dia 15 do Nisán era também o primeiro dia da festa dos pães sem levedura, a qual continuava até o 21. Estas datas, do 15 aos 21, celebravam-se como repouso, sem importar o dia da semana em que caíssem (ver com. Exo. 12: 16; Lev. 23: 67). Nos dia 16 se apresentava a oferenda balançada diante do Senhor. Se considerava que as cerimônias 691 de nos dias 14 aos 16 eram as mais importantes; e nos dia 17, quem tinha visitado Jerusalém para assistir à Festa, podiam retornar a sua casa se assim preferiam. Uma circunstância assinalada pelo Lucas (ver com. vers. 46) induziu a muitos comentadores a pensar que

María e José partiram neste momento; entretanto, a devoção com que observavam os requisitos da lei ritual (ver com. vers. 41-42) bem poderia havê-los induzido a permanecer em Jerusalém durante toda a festa e não unicamente durante o menor tempo permitido pelos rabinos. Ver diagramas P. 223.

ficou.

O espírito obediente do Jesus, sendo ainda menino, dava ao José e a María toda a razão para confiar nele. Sua mentalidade "viva e aguda" caracterizada por "uma reflexão e uma sabedoria que superavam a seus anos" (DIG 49), fazia que seu obediência não fora cega a não ser inteligente. Jesus, mesmo que era um menino, sempre estava atento aos desejos (o seus pais e se antecipava a satisfazê-los (DTG 60). Sempre parecia saber o que tinha que fazer, e era fiel em fazê-lo. Nesta ocasião María e José deram por sentado que se comportaria como o tinha feito no passado.

Nesta visita Jerusalém, Jesus compreendeu pela primeira vez, em um sentido especial, que era o Filho de Deus (DTG 57-58), e começou a perceber o que significava sua missão terrestre. Desejava sinceramente compreender em forma mais clara a natureza da missão que lhe tinha sido encomendada e ficou no templo, a casa terreno] de seu Pai celestial (Juan 2: 16), para desfrutar de uma maior comunhão com ele.

Os primeiros anos da vida foram ordenados Por Deus como o tempo quando os meninos devem aprender a pensar e a atuar por si mesmos e aceitar a responsabilidade de suas eleições. Quando são pequenos é necessário que dependam em boa medida de seus pais nestes assuntos, mas quando conclui a adolescência, espera-se que tenham assumido o papel de pessoas amadurecidas. Do mesmo começo, os pais deveriam procurar que seus filhos desenvolvam a capacidade de escolher com inteligência e de perceber sua responsabilidade pessoal; mas quando a infância se transforma em adolescência, o propósito de os pais deveria ser fomentar o progresso neste sentido tão rapidamente como o menino possa aceitar as responsabilidades da maturidade. Débito permitir-se aos meninos que façam suas próprias eleições e atuem com independência de seus pais logo que demonstrem a capacidade de fazê-lo em forma inteligente. Há poucos espetáculos que sejam mais tristes que ver um jovem que já entra na maturidade e que, entretanto, ainda está pacote a seus pais por suas limitações, próprias da infância, de escolher e atuar. Ninguém está menos preparado que tal jovem para assumir as responsabilidades próprias de a maturidade. Aos, jovens lhes deve ensinar ao mesmo tempo a apreciar e a considerar seriamente o conselho e a admoestação de seus pais e, através de a vida, a procurar beneficiar-se com a sabedoria e a experiência de outros (ver com. vers. 51).

Menino.

Gr. páis, "menino" ou "moço". No vers. 40 a palavra traduzida como "menino" é paidíon, diminutivo de páis.

José e sua mãe.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) o texto "seus pais". Assim o traduzem a BJ, BC e NC. (Ver com. vers. 41.)

Pensando.

Jesus nunca tinha dado a seus pais cita razão válida para que se inquietassem. Pensaram que ele conhecia os planos deles de retornar com "a companhia" e que sabia quando deviam partir.

Companhia.

Gr. sunodía , "grupo de viajantes" ou "caravana", da Sun, "junto com", e hodós, "caminho". Os que assistiam às diferentes festas anuais em Jerusalém, estavam acostumados a viajar era grandes grupos para acompanhar-se e proteger-se mutuamente. Todos os que foram de uma aldeia ou povo, com freqüência faziam planos para viajar, juntos em caravana. O bulício da partida de um grupo grande lhe teria dificultado ao José e a María comprovar com todos os parentes e amigos onde estava Jesus. Se, como alguns supõem, as mulheres foram juntas diante dos homens, não seria difícil que José e María se separassem pouco depois de empreender a marcha e que cada um deles pensava que, Jesus estava com o outro.

Caminho de um dia.

A viagem de volta ao Nazaret levaria vários dias, se tudo partia bem (ver com. vers. 42). Se retornaram pela rota do Jordão, no primeiro dia de viagem provavelmente teriam chegado só até o Jericó, a 27 km de Jerusalém.

Buscavam-lhe.

Procuraram persistente e minuciosamente. Já podemos imaginar qual não seria a crescente preocupação do José e da María enquanto procuravam, já tarde 692 esse dia, depois do "caminho de um dia", e seguiram procurando de parente em parente e de amigo em amigo por todo o lugar onde tinha acampado seu caravana. Esta busca deveram havê-la feito até bem entrada a noite; mas seus esforços foram em vão. Jesus não se encontrava em nenhuma parte.

46.

Três dias depois.

Quer dizer, três dias depois do momento quando pela primeira vez se deram conta de que Jesus não estava no grupo. Sem dúvida José e María se levantaram cedo à manhã seguinte para retornar a Jerusalém. Seu coração estava cheio de terríveis pressentimentos, pois recordavam bem os desesperados intentos do Herodes para matar ao menino. Se tinham chegado até o Jericó (ver com. vers. 44), agora tinham que subir mais de 900 m pelo escarpado caminho para Jerusalém. Chegaram à cidade, e passaram as poucas horas que os ficavam neste segundo dia procurando a seu filho; mas tudo foi em vão. A busca deste dia foi tão inútil como a das últimas horas do dia anterior. Ao terceiro dia continuaram procurando. Sua tristeza e angústia se converteram em gozo e alegria quando neste dia escutaram a voz do Jesus entre os que adoravam no templo. Este terceiro dia foi, segundo o cômputo judeu, o dia quando acharam ao Jesus no templo (DTG 60). Segundo este sistema de cômputo inclusivo, o primeiro dia e também o último dia de um determinado período se incluem embora não tenham transcorrido completos ao computar o número de dias transcorridos (ver pp. 239-242).

O templo.

Gr. hierón, palavra que se refere a todo o templo, incluindo os átrios e os aposentos do sagrado recinto que rodeavam o templo. O edifício propriamente do templo estava acostumado a chamar-se naós. Em um dos pátios ou dos aposentos dentro do prédio do templo funcionava uma escola rabínica, especialmente em épocas de festa.

Sentado.

A posição característica de que aprende (cf. Hech. 22: 3).

Doutores.

Literalmente "professores", quer dizer os rabinos ou escribas versados nas Sagradas Escrituras e na tradição oral (ver P. 57). Um dos que mais se tinha destacado na anterior geração de professores tinha sido Hillel o maior, fundador de uma influente escola do pensamento judeu. Shammai, professor da lei judia e mais conservador, distinguiu-se um pouco menos. Os "doutores" destacados em tempos de Cristo eram Gamaliel, professor do Saulo (Hech. 22: 3); Simeón, filho e sucessor do Hillel; Nicodemo (ver com. Juan 3: 1,10), e possivelmente José da Arimatea (ver com. Mat. 27:57). Possivelmente um ou mais destes estiveram presentes nesta ocasião, pois se sabe que eram professores ativos nessa época. Era comum encontrar a estes rabinos sentados entre seus alunos em algum dos salões ou pátios do templo, especialmente em dia sábado ou de festa. Alguns comentadores sugeriram que a menção dos "doutores" indica aqui que a festa dos pães sem levedura não havia concluído, E que José e María se retiraram antes, como o permitia a costume (ver com. Luc. 2: 43). Outros estudiosos supõem que era habitual que os professores da lei ensinassem aos que chegavam ao templo em qualquer momento ou ocasião.

lhes ouvindo.

Quer dizer, escutava a exposição que faziam das Escrituras e da tradição, suas perguntas e suas respostas às perguntas que lhes faziam. O método habitual de instrução rabínica era o de perguntas, respostas e debate.

lhes perguntando.

Quer dizer, como um estudante sincero e respeitoso. María e José haviam esperado que Jesus se relacionasse nesta visita Jerusalém com os rabinos, respeitados e sábios, e que os chegaria a respeitar emprestando maior atenção a seus ensinos (DTG 58). Entretanto, logo se fez evidente que a compreensão que tinha, Jesus das profecias era mais clara que a dos rabinos. Seus penetrantes pergunta lhes abriam os olhos a verdades que eles tinham passado por cima a respeito da missão do Mesías e do cumprimento nesse tempo de profecias que indicavam que o Mesías estava por aparecer (DTG 58-59; cf. 22, 37, 182-183, 201, 222).

Entre esses acontecimentos estava, sem dúvida, o do ano 6 d. C., quando o governante local, Arquelao, foi deposto, e Judea foi organizada por primeira vez como uma província governada diretamente por um procurador romano dependente do governador de Síria. Judea se tinha considerado como um Estado vassalo baixo sucessivos impérios estrangeiros; mas sempre tinha tido um governo local administrado por príncipes ou sacerdotes judeus (Zorobabel, Esdras, Nehemías e posteriormente os supremos sacerdotes), por sacerdotes-reyes

macabeos, e até em tempo de Roma com o rei Herodes, natural da região. Este novo ato teve que 693 ter feito que muitos acreditassem, devido à segasse palavra profético, que o Mesías devia aparecer logo. Anos antes o profeta tinha escrito: "Não será tirado o cetro da Juda, nem o legislador de entre seus pés, até que venha Siloh" (ver com. Gén. 49: 10; DTG 25, 78-79).

47.

maravilhavam-se.

Estes dirigentes religiosos não podiam explicar-se como um menino que, bem o sabiam, não tinha aprendido nas escolas dos rabinos (DTG 59; ver com. Juan 7: 15), tivesse a profunda compreensão das profecias que Jesus evidentemente tinha. Deus tinha sido seu professor por meio dos preceitos de María, mediante o estudo que Jesus mesmo tinha feito dos cilindros dos profetas e, agora, pelas impressões diretas de verdade, enquanto meditava em os átrios do templo (DTG 51, 58). O ensino dos rabinos tendia, como contraste, a obscurecer antes que a esclarecer verdade; fomentava a ignorância em vez de repartir conhecimento (DTG 49).

Sua inteligência.

maravilhavam-se de sua compreensão das Escrituras, especialmente das profecias que assinalavam a vinda do Mesías, a missão do Israel entre as nações e o estabelecimento do reino messiânico. Sua compreensão da Palavra de Deus não estava opacada pelas explicações torcidas e enganosas que estavam acostumados a dar os rabinos e os anciões. Jesus não só conhecia a letra das Escrituras mas também o espírito delas. Não fazia caso da interpretação rabínica. Seu pensamento não estava confundido pelos enganos.

Suas respostas.

Estes veneráveis professores fizeram um sinnúmero de perguntas ao Jesus tratando de sondar a profundidade de seu conhecimento das Escrituras, e ficaram maravilhados por suas respostas claras e lógicas, todas apoiadas nas Escrituras. Esses professores do Israel pensavam: Se Jesus, um menino sem instrução, possui uma compreensão tão profunda da lei e dos profetas, qual não seria sua capacidade se eles pudessem lhe prover de uma educação completa. Assim como um professor de canto se dá conta do potencial latente em uma voz naturalmente formosa, mas que não foi educada, eles, sem dúvida, vislumbravam no Jesus o maior professor que o Israel jamais tivesse tido.

48.

Quando lhe viram.

María e José estavam maravilhados do que tinham podido ouvir da conversação do Jesus com os doutores da lei. Mas mais que isso, ficaram atônitos pela aparência do Jesus: "Em seu rosto havia tina luz que os admirava. A divindade fulgurava através da humanidade" (DTG 60) por primeira vez, como testemunho da verdade de que o Filho do homem não era outro que o Filho de Deus (ver com. Mat. 1: 11, Nota Adicional do Juan 1).

Seu pai e eu.

José aparece por última vez em todo o relato evangélico como "pai" do Jesus. Como Jesus tinha compreendido sua relação com seu Pai celestial, era apropriado

que seu "pai" terrestre desaparecesse do quadro evangélico (ver com. vers. 51). O silêncio das Escrituras a respeito de, José desde este momento indica que não viveu para o começo do ministério público de Cristo (DTG 119). Com referência ao José como "pai" do Jesus, ver com. vers. 33.

49.

por que?

As palavras do Jesus não refletem ressentimento porque seus pais estivessem afligidos por ele, a não ser uma inocente surpresa de que tivessem experiente dificuldades e preocupação até encontrá-lo. por que lhes tinha resultado tão difícil achar a seu Filho? No que outra parte de Jerusalém podiam esperar encontrá-lo a não ser no templo? Eles conheciam seu interesse e dedicação às costure religiosas. por que o haviam "procurado com angústia? Acaso alguma vez tinha-lhes dado motivo de preocupação? Simplesmente, ficou-se no templo quando eles partiram. Ali o tinham deixado (DTG 58) e ali podiam esperar encontrá-lo de novo. Além disso, não lhes tinha escapado; foram-se deixando-o atrás. A culpa era de seus pais e não deviam havê-lo censurado. Sem embargo, o fato de que, Jesus compreendesse qual era a relação com seu Pai celestial não diminuía o sentido de seu dever para com seus pais terrestres (cf. vers. 51).

Nos negócios de meu Pai.

Literalmente "no de meu Pai". María acabava de referir-se ao José como "pai" do Jesus (vers. 48). Jesus não negou diretamente essa relação, mas afirmou claramente que o Deus do céu era seu Pai. Jesus compreendeu e proclamou pela primeira vez em sua vida que era o divino Filho de Deus. É digno de notar que Jesus afirmou sua deidade com estas palavras delas, que são as primeiras que se registram dele no Evangelho. A compreensão do mistério da obra que devia cumprir na terra nasceu em seu próprio coração (DTG 61); mas seus pais "não entenderam as palavras que lhes falou" (vers. 50).694

O plano da vida de Cristo "esteve diante dele, perfeito em todos seus detalhes" (DTG 121), antes de que viesse a esta terra. Assim como houve um momento preestabelecido para a encarnação (Gál. 4: 4; DTG 23), "cada acontecimento de sua obra tinha sua hora assinalada" (DTG 415). Entretanto, quando Jesus vicio à terra e enquanto andava entre os homens, foi guiado passo a passo pela vontade de seu Pai, que lhe era manifestada dia detrás dia (DTG 120-121). Com referência à vida de oração do Jesus, o meio pelo qual a condução divina se, fazia realidade em sua vida, ver com. Mar. 1: 35; 3: 13.

Jesus expressou vez detrás vez a idéia de que seu "tempo ainda" não havia "chegado" (Juan 7: 6, 8), mas durante a última páscoa disse: "meu tempo está perto" (Mat. 26: 18). Temos o privilégio de viver uma vida consagrada diariamente ao Pai assim como o fez Cristo, e de ser guiados no cumprimento da parte que nos atribuiu em seu grande plano (DTG 179; Juan 15: 10).

O Senhor Jesus tinha sido igual ao Pai durante toda a eternidade (ver com. Juan 1: 1-3), mas no momento da encarnação aceitou um papel subordinado ao Pai (ver Nota Adicional do Juan 1; com. Luc. 1: 31, 35; Juan 1: 14). Jesus compreendeu pela primeira vez neste momento -aos 12 anos de idade- que era o Filho do Pai celestial, e se deu conta de seu papel de homem entre os homens.

É-me necessário estar.

Jesus sempre tinha sido leal ao dever, sempre tinha completo fielmente todas as tarefas que lhe tinham atribuído. Ainda sendo menino, Jesus já compreendia que não devia fazer sua própria vontade, a não ser a vontade de seu Pai celestial (Mat. 7: 21; 26: 39; Juan 4: 34).

50.

Não entenderam.

Jesus tinha perguntado a seus pais: "Não sabiam ... ?"; mas eles "não entenderam" que lhes queria dizer que seu pai não era José, a não ser Deus. María sabia que Jesus "tinha negado que fora filho do José e se declarou Filho de Deus" (DTG 61), mas não captou o significado pleno de suas palavras, especialmente em sua aplicação à obra da vida de Cristo. Desde este momento a conduta de, Jesus foi um ministério para seus pais (DTG 69). O pronome "eles" sem dúvida se refere a María e ao José. Se até "eles" não puderam entender, o mesmo teve certamente que haver ocorrido aos doutores da lei e às outras pessoas pressente.

51.

Estava sujeito.

[Adolescência e juventude de Cristo, Luc. 2: 51-52. Ver mapa, P. 205: diagrama P. 217.] Quer dizer, obedecia-lhes. Embora Jesus claramente afirmava que não era filho do José, submeteu-se respetuosamente a ele, como se espera que um filho se submeta a seu pai enquanto permaneça sob o teto paterno. Durante 18 anos antes de ir-se de seu lar, Jesus compreendeu que era Filho de Deus; entretanto, durante esses 18 anos obedeceu sempre a quem era seus tutores terrestres. Como Filho de Deus poderia ter considerado que não estava sujeito à jurisdição paterna, mas como exemplo para todos os, jovens, foi obediente a seus pais humanos. Por isso é evidente que a resposta do Jesus (vers. 49) não significa que repudiasse a autoridade do José e da María.

Durante aqueles 18 anos Jesus foi conhecido pelos vizinhos como "o carpinteiro" do Nazaret (Mar. 6: 3) e o "filho do carpinteiro" (Mat. 13: 55). José morreu em algum momento dos 18 anos mencionados, pois ao terminar esse tempo se fala da "carpintaria que tinha sido do José" (DTG 84; cf. 118-119). A última referência bíblica indireta ao José no relato da vida de Cristo, acha-se no Luc. 2: 51 (ver com. vers. 48).

Guardava.

Gr. diat'réo, "guardar cuidadosamente". María se aferrava a estas "coisas" e entesourava-as fielmente em sua lembrança (ver com. vers. 19).

52.

Jesus crescia.

Os anos da infância, adolescência e juventude de Cristo foram anos de um desenvolvimento harmonioso de suas faculdades físicas, mentais e espirituais (Ed 11). A meta a qual aspirava era a de refletir perfeitamente o caráter de seu Pai celestial. Nele estava agora a humanidade perfeita, restaurada a a imagem de Deus. O breve ministério de três anos e meio foi precedido por

trinta anos de constante preparação. A declaração do vers. 40 se refere em primeiro lugar à infância do Jesus, enquanto que a do vers. 52 se refere particularmente a sua adolescência e juventude. fazem-se afirmações similares a respeito da juventude do Samuel (1 Sam. 2: 26) e do Juan o Batista (Luc. 1: 80).

As lendas a respeito da infância e da juventude do Jesus que aparecem nos evangelhos apócrifos, escritos nos primeiros séculos da era cristã, são diametralmente opostos à singela dignidade, a formosura e a força do relato bíblico. Algumas destas 695 lendas aparecem na obra apócrifa, 1 Infância 7: 1-35; 13: 1-13; 15: 1-7; 16: 1-16; 18: 1-19. Parece que Jesus não fez nenhum milagre antes de começar seu ministério público (cf. DTG 53, 55, 71).

Sabedoria.

Gr. sofía, "sabedoria", "entendimento", "prudência"; nesta palavra estão compreendidas as capacidades mentais mais elevadas. Aqui se fala da excelência mental em seu sentido mais elevado e mais amplo (ver com. cap. 1: 17). Sofía não só compreende o conhecimento mas também também a capacidade e o julgamento para implicar esse conhecimento às circunstâncias e às situações da vida. Para entender devidamente como Cristo fez frente aos problemas da vida, é importante reconhecer que não nasceu com conhecimento, entendimento e sabedoria, nem foi dotado dessas qualidades em forma sobrenatural, mas sim aumentou ou cresceu em sabedoria. "Todo menino pode aprender como Jesus" (DTG 51).

Estatura.

Jesus participou do melhor tipo de exercício, o exercício útil, que tem a virtude de repartir verdadeira força física e desenvolver plenamente as faculdades. Estas atividades na carpintaria o prepararam para levar seu porção das cargas da vida; assim se beneficiou E foi uma bênção para outros (DTG 52-53).

Graça para com Deus.

Desde que começou a raciocinar, Jesus cresceu constantemente em graça espiritual e em conhecimento da verdade. Crescia em força moral e entendimento pelas horas que passou sozinho em meio da natureza -especialmente durante as primeiras horas do dia- meditando, esquadrinhando as Escrituras e procurando a seu Pai em oração (DTG 69). No Nazaret, conhecida por sua maldade até nessa geração perversa, Jesus esteve sempre exposto à tentação e estava constantemente em guarda para conservar a pureza de seu caráter (DTG 52, 90).

Ao terminar seus anos de preparação para o serviço, o Pai deu testemunho dele: "Você é meu Filho amado; em ti tenho complacência" (cap. 3: 22). Era um exemplo vivente do que significa ser perfeito, como nosso "Pai que está nos céus é perfeito" (Mat. 5:48; DTG 52-53).

Quanto à maneira em que Jesus fez frente às tentações e as venceu, ver com. Mat. 4: 1-11; 26: 38-41; Luc. 2: 40; Heb. 2: 17; Material Suplementar do EGW sobre o Luc. 2: 40.

Os homens.

No concernente a sua personalidade, Jesus se distinguia por seu caráter especialmente amável (DTG 49, 219), uma paciência imperturbável (DTG 49-50), a

graça da cortesia desinteressada (DTG 49), a alegria e o tato (DTG 54, 66), a simpatia e a ternura (DTG 54-55) e a graça e modéstia juvenis (DTG 59). Da infância o único propósito de sua vida foi benzer a outros (DTG 51, 69, 71), e suas mãos voluntárias sempre estiveram dispostas a servi-los (DTG 65). Cumpria fielmente os deveres de filho, irmão, amigo e cidadão (DTG 52, 61).

O perfeito desenvolvimento do caráter sem pecado do Jesus, da infância até a juventude, é possivelmente o fato mais admirável de toda sua vida. Assombra à imaginação. E como se afirma que Jesus não teve oportunidades que Deus não esteja disposto a proporcionar a nossos filhos (DTG 50), bem poderíamos nos perguntar: "Como pode fazer-se isto" (Juan 3: 9).

Em primeiro lugar, "Jesus aceitou a humanidade quando a espécie [humana] se achava debilitada por quatro mil anos de pecado. Como qualquer filho do Adão, aceitou os efeitos da grande lei da herança" (DTG 32). Lhe permitiu "encarar os perigos da vida em comum com toda alma humana, brigar a batalha como a deve brigar cada filho da família humana, até a risco de sofrer a derrota v a perda eterna" (DTG 33). Em segundo lugar, o menino Jesus não foi dotado em forma sobrenatural com sabedoria superior a de outros meninos normais. Pensava, falava e atuava com a sabedoria de um menino (DTG 50-52; PVGM 61). "Mas em cada etapa de seu desenvolvimento era perfeito, com a singela e natural graça de uma vida isenta de pecado" (PVGM 61). Em terceiro lugar, o ambiente no qual se criou Jesus -a proverbial maldade do Nazaret- submeteu-o a "todos os conflitos que nós temos que encarar" (DTG 52; cf. 91), e entretanto, em sua infância e em sua juventude sua vida não foi manchada nem mesmo por um solo mau pensamento nenhuma má ação (DTG 67).

O caráter dos filhos é determinado em grande medida pelo preceito e o exemplo dos pais. Quando os meninos têm o privilégio de ver na vida de seus pais o reflexo da ternura, a justiça e a paciência de Deus, chegam a lhe conhecer como ele é (PP 316). O cultivo do amor aos pais terrestres, a confiança neles e o lhes obedecer, prepara 696 os filhos para amar a seu Pai celestial, confiar nele e lhe obedecer (ver PR 184-185; 4T 337; com. Mat. 1: 16). Se os pais se aproximarem humildemente ao Salvador, dispostos a deixar-se guiar por ele na educação de seus filhos, lhes promete que receberão suficiente graça para modelar o caráter de seus filhos, assim como fez-o María com o do menino Jesus (DTG 49; cf. 473).

Os pais que querem ver o caráter do Jesus refletido em seus filhos, deverão valer do caudal de conselhos inspirados que existem sobre este importante tema e aplicá-los com diligência e paciência dentro do círculo familiar (ver PVGM 58-67, 261-300; DTG 49-55, 64-71; MC 269-306). A semelhança do Abraão, mandarão "a seus filhos e a sua casa depois de si" (ver com. Gén. 18: 19) com bondade, paciência e compreensão (F. 6: 4: Couve. 3: 21), mas sempre com firmeza (ver com. Prov. 13: 24; 19: 18).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-3, 7 DTG 30

1-20 DTG 29-33

7-11 DTG 31

8-9 MC 379

10 Ev 284

10-11 DTG 198; Fé 252

10-14 CS 360; MeM 374

12-14 P 153

14 CS 50: DTG 31, 274, 744; HAp 462; OE 300, 484; PP 51; 6T 421; 8T 139; Lhe 252

18-20 DTG 32

21-38 DTG 34-40

22,24 DTG 34

25 CS 361

25-26 DTG 37

29-32 CM 342; DTG 37; FÉ 448

32 CS 361; DTG 430

34 DTG 198

34-35 DTG 37, 39; 4T 55

35 DTG 119

36, 38 DTG 37, 198

39-40 PP 643

40 CM 108, 113, 137; CN 173, 190, 323; DTG 49; Ed 73; FÉ 392, 418, 438, 443; HAd 262, 460; MC 311; MeM 307; MJ 76; PVGM 61; 8T 223

41-42 DTG 56

41-51 DTG 56-63

42-47 6T 75

43-45 DTG 59

46-47 Ev 107; FÉ 400

46-49 DTG 60

48-49 MC 12; OE 116

49 DTG 120, 450; FÉ 392; PVGM 225

51 FÉ 142, 393; 3T 566; 5T 42

51-52 FÉ 438; MeM 308

52 CM 109, 199, 342; CN 173, 190; DTG 49, 54; FÉ 392, 400, 448; HAd 262, 269; 1JT 115; MC 269; MeM 307; PVGM 61

CAPÍTULO 3

1 Predicación e batismo do Juan, 15 e seu testemunho quanto a Cristo. 20 Herodes encarcera ao Juan. 21 Cristo é batizado e recebe a aprovação do céu. 23 Idade e genealogia de Cristo a partir de seu pai José.

1 NO décimo quinto ano do império do Tiberio César, sendo governador de Judea Poncio Pilato, e Herodes tetrarca da Galilea, e seu irmão Felipe tetrarca da Iturea e da província do Traconite, e Lisanias tetrarca de Abilinia

2 e sendo supremos sacerdotes Anás e Caifás, veio palavra de Deus ao Juan, filho de Zacarías, no deserto.

3 E ele foi por toda a região contigüa ao Jordão, pregando o batismo do arrependimento para perdão de pecados,

4 como está escrito no livro das palavras do profeta Isaías, que diz:

Voz de que clama no deserto:

Preparem o caminho do Senhor;

Endireitem seus caminhos.

5 Todo vale se preencherá,

baixará-se todo monte e colina 697

Os caminhos torcidos serão endireitados,

E os caminhos ásperos aplainados;

6 E verá toda carne a salvação de Deus. 7 E dizia às multidões que saíam para ser batizadas por ele: OH geração de víboras! Quem lhes ensinou a fugir da ira vindoura?

8 Façam, pois, frutos dignos de arrependimento, e não comecem a dizer dentro de vós mesmos: Temos ao Abraham por pai; porque lhes digo que Deus pode levantar filhos ao Abraham até destas pedras.

9 E já também a tocha está posta à raiz das árvores; portanto, tudo árvore que não dá bom fruto se curta e se torna no fogo.

10 E a gente lhe perguntava, dizendo: Então, o que faremos?

1 1 E respondendo, disse-lhes: que tem duas túnicas, dê ao que não tem; e que tem o que comer, faça o mesmo.

12 Vieram também uns nos publique para ser batizados, e lhe disseram: Professor, o que faremos?

13 O lhes disse: Não exijam mais do que lhes está ordenado.

14 Também lhe perguntaram uns soldados, dizendo: E nós, o que faremos? E disse-lhes: Não façam extorsão a ninguém, nem caluniem; e lhes contente com seu salário.

15 Como o povo estava em expectativa, perguntando-se todos em seus corações se acaso Juan seria o Cristo,

16 respondeu Juan, dizendo a todos: Eu à verdade lhes batizo em água; mas vem um mais capitalista que eu, de quem não sou digno de desatar a correia de seu calçado; ele lhes batizará em Espírito Santo e fogo.

17 Seu aventador está em sua mão, e limpará sua era, e recolherá o trigo em seu celeiro, e queimará a palha em fogo que nunca se apagará.

18 Com estas e outras muitas exortações anunciava as boas novas ao povo.

19 Então Herodes o tetrarca, sendo repreendido pelo Juan por causa de Herodías, mulher do Felipe seu irmão, e de todas as maldades que Herodes havia feito,

20 sobre todas elas, acrescentou além esta: encerrou ao Juan no cárcere.

21 Aconteceu que quando todo o povo se batizava, também Jesus foi batizado; e orando, o céu se abriu,

22 e descendeu o Espírito Santo sobre ele em forma corporal, como pomba, e veio uma voz do céu que dizia: Você é meu Filho amado; em ti tenho complacência.

23 Jesus mesmo ao começar seu ministério era como de trinta anos, filho, depende acreditava-se, do José, filho do Elí,

24 filho do Matat, filho do Leví, filho do Melqui, filho da Jana, filho do José,

25 filho do Matatías, filho do Amós, filho do Nahúm, filho do Esli, filho do Nagai,

26 filho do Maat, filho do Matatías, filho do Semei, filho do José, filho do Judá,

27 filho da Joana, filho da Resa, filho do Zorobabel, filho do Salatiel, filho de Neri,

28 filho do Melqui, filho do Adi, filho do Cosam, filho do Elmodam, filho do Er,

29 filho do Josué, filho do Eliezer, filho do Jorim, filho do Matat,

30 filho do Leví, filho do Simeón, filho do Judá, filho do José, filho do Jonán,

filho do Eliaquim,

31 filho da Melea, filho do Mainán, filho da Matata, filho do Natán,

32 filho do David, filho do Isaí, filho do Obed, filho do Booz, filho de Salmão,
filho do Naasón,

33 filho do Aminadab, filho do Aram, filho do Esrom, filho do Fares, filho do Judá,

34 filho do Jacob, filho do Isaac, filho do Abraão, filho do Taré, filho do Nacor,

35 filho do Serug, filho do Regau, filho do Peleg, filho do Heber, filho de Sala,

36 filho do Cainán, filho do Arfaxad, filho do Sem, filho do Noé, filho do Lamec,

37 filho de Matusalém, filho do Enoc, filho do Jared, filho do Mahalaleel, filho de
Cainán,

38 filho do Enós, filho de Set, filho do Adão, filho de Deus.

1.

No décimo quinto ano.

[Predicación do Juan o Batista, Luc. 3:1-18 = Mat. 3:1- 12 = Mar. 1.-1-8.
Comentário principal: Mateo e Lucas. Ver diagrama P. 218.] Na antigüidade se computavam as datas dos acontecimentos segundo os anos do reinado dos reis ou citando os nomes dos funcionários baixo cuja jurisdição ocorriam os sucessos. Não havia uma cronologia universal que se possa comparar com a que usamos hoje. Os seis detalhes históricos que Lucas apresenta aqui ocasionam, em alguns aspectos, certos problemas cronológicos aos estudiosos 698 da Bíblia; entretanto, esses mesmos detalhes assinalam com certeza que Lucas era um historiador preciso e exato (ver com. cap. 1: 1-4), o qual atesta que seu Evangelho é digno de confiança. A principal dificuldade cronológica que há nesta passagem é fazer coincidir "o décimo quinto ano do império do Tiberio César" com outros dados cronológicos que existem da vida de Cristo e com o sistema de datas da era cristã. Com referência a este problema, ver pp. 234-238.

Embora esteja acostumado a considerar-se que Lucas era gentil, é possível que aqui empregasse a forma de cômputo cronológico comum entre os Judeus. Se se calcularem os anos do reinado computando o ano de outono a outono, sem contar como ano de ascensão ao trono a parte do ano entre a coroação e o ano novo (ver T. II, pp. 139-143) o primeiro ano do Tiberio teria terminado no outono (setembro-novembro) do ano 14 d. C. portanto, seu décimo quinto ano teria começado no outono do ano 27 d. C. e teria terminado no outono do ano 28 d. C. O batismo do Jesus ocorreu no outono do ano 27 (DTG 200), a começos do ano quinze do Tiberio. Esta data e sua relação com a profecia das 70 semanas se discute em com. Dão. 9: 25, 27. Ver também DTG 84-88.

Outro procedimento utilizado por alguns para determinar a data do começo do ministério de Cristo, apóia-se no Juan 2:13, 20, onde se situa a primeira páscoa do ministério público do Jesus no ano 46 do templo (Juan 2:20). Este problema se trata nas pp. 233-234. Com referência à expressão "como de trinta anos", ver com. Luc. 3:23.

Tiberio.

Ver P. 237. Exceto a menção de Augusto no Luc. 2:1, todas as referências que se fazem ao "César" nos Evangelhos se aplicam ao Tiberio César. Tiberio destacou-se por seus triunfos em diversas campanhas militares antes de que fora renomado governador militar das províncias, sendo aclamado como o "primeiro soldado do império". Foi reconhecido por sua estrita disciplina, por haver sido considerado no pagamento de impostos e por sua estrita economia na administração. Fomentou o comércio e as comunicações. Em sua honra, o mar da Galilea recebeu o nome de mar do Tiberias (Juan 6: 1; etc.). Ver diagramas 3, 11, pp. 218, 224.

Governador.

O governador ou procurador era um administrador de ordem eqüestre renomada por o imperador como governante de uma subdivisão de uma província. Nesse tempo Judea era uma subdivisão da província romana de Síria. (ver P. 67; com. Mat. 27:2).

Poncio Pilato.

Foi o quinto na série de procuradores nomeados por Roma depois da deposição e do desterro do Arquelao no ano 6 d. C. (ver com. Mat. 2: 22). Pilato aconteceu ao Valerio Grato aproximadamente no ano 26 d. C., e foi destituído pelo Tiberio no ano 36 d. C. por sua conduta indevida enquanto exercia o mando. Ver pp. 69-70; diagramas 3, 11, pp. 218, 224.

Herodes.

Herodes Antipas (ver com. Mat. 2:22), foi designado por seu pai, Herodes o Grande, como tetrarca da Galilea e Perea. Esta nomeação foi confirmado mais tarde como Augusto. A mãe do Herodes era samaritana. Este Herodes se casou com sua sobrinha Herodías, esposa de seu meio irmano (ver diagrama P. 40), matrimônio objetado pelos Judeus e pelo qual Herodes Antipas foi repreendido pelo Juan o Batista (Luc. 3:19-20). Jesus com toda propriedade o chamou "zorra" (cap. 13:31-32), e se referiu a sua má influência utilizando a figura "levedura do Herodes" (Mar. 8: 15). Pilato enviou ao Jesus ao Herodes Antipas durante o transcurso do julgamento do Salvador (Luc. 23:7-15). O nome Antipas é uma forma contraída do Antípater, avô do Herodes Antipas. Embora só era tetrarca, governou virtualmente como rei da morte de seu pai Herodes o Grande até que foi destituído ao redor do ano 39 d. C. (Josefo, Antiguidades xVII. 11. 4; Guerra il. 6. 3). Parece que por simples cortesia se permitiu-lhe ostentar o título de rei (Mar. 6:14; ver pp. 65-66; diagramas 3, 11, pp. 218, 224 e mapa frente à P. 353).

Tetrarca da Galilea.

Antipas fez cunhar moedas nas que aparecia com o título de "tetrarca". Ao princípio "tetrarca" era, estritamente falando, o governador da quarta parte de uma província, mas posteriormente o término se começou a usar para designar a qualquer governante que tivesse menos hierarquia que um rei.

Felipe.

Filho do Herodes o Grande (ver diagrama, P. 40) e provavelmente o mais justo e judicioso de todos os filhos do Herodes o Grande (Josefo, Antiguidades xVIII. 4. 6). casou-se com o Salomé, filha do Herodías e do Herodes Felipe I, pouco

depois do episódio registradoen Mar. 6:22-25 (Josefo, Antiguidades xVIII. 5. 4). Felipe foi o primeiro da família dos herodiaiios que fez gravar a efígie de 699 Augusto e do Tiberio nas moedas que ordenou cunhar. Os judeus consideraram que isso era idolatria, mas felizmente para seu Felipe súditos eram quase todos pagãos. Reconstruiu a cidade da Cesarea do Filipo ao pé do monte Hermóti, lhe pondo esse nomeie em comemoração ao Tiberio César e a si mesmo (Josefo, Antiguidades xVIII. 2. 1; Guerra iI. 9. 1). Reconstruiu a cidade da Betsaida Julias, a que pôs o nome da filha de Augusto. Em esta cidade, no extremo norte do mar da Galilea, viveram Pedro, Andrés e Felipe (Juan 1:44; 12:21). Felipe governou durante 37 anos, desde ano 4 A. C. até 34 D.C. (ver diagramas 3, 11, pp. 218, 224).

Iturea.

Região situada ao nordeste do mar da Galilea e ao leste da Cesarea do Filipo. Alguns pensaram que o nome deriva do Jetur, filho do Ismael (Gén. 25:15). Ver mapa frente à P. 353.

Traconite.

Região ao leste da Iturea. O nome evidentemente deriva do Gr. trajús, que significa áspero ou pedregoso, adjetivos que descrevem bem essa região. Seus soldados se destacaram como hábeis arqueiros.

Lisanias.

Os críticos da Bíblia afirmaram durante comprido tempo que o fato de que Lucas mencionasse ao Lisanias como tetrarca da Abilinia era um grave engano cronológico. Assinalavam que o único governante conhecido por esse nomeie nesse lugar foi um filho do Tolomeo, que tinha sido rei e não tetrarca, que seu capital esteve no Chalcis na Celesiria e não no Abilene, e que reinou do 40 até o 36 A. C. Embora deve admitir-se que não se têm maiores dados a respeito de Lisanias para confirmar a asseveração do Lucas, existem hoje suficientes evidencia quanto a este tetrarca, até o ponto de que na Enciclopédia da Bíblia (Barcelona: Editorial Garriga, 1964) afirma-se que "lhe deu a razão ao evangelista" (ver "Lisanias"). Josefo fala de "Abila do Lisanias" (Antiguidades xIX. 5. 1.) e da tetrarquía do Lisanias (Antiguidades xX. 7. 1; Guerra iI. 11. 5). encontrou-se uma medalha na qual se nomeia a um tal Lisanias como "tetrarca e supremo sacerdote". Sabe-se que durante o reinado de Tiberio a região da Abilinia foi governada por um tetrarca Lisanias; e finalmente se encontrou no Abilene uma inscrição que data do período compreendido entre os anos 14-29 d. C., na qual aparece Lisanias como tetrarca.

Abilinia.

Distrito situado entre Damasco e as montanhas do Antilíbano.

Supremos sacerdotes.

Caifás era oficialmente o supremo sacerdote, mas Anás, destituído pelos romanos, era respeitado pelo povo como supremo sacerdote (Juan 18: 13, 24; Hech. 4:6). O ofício de supremo sacerdote originalmente era hereditário e vitalício; mas durante o governo herodiano e o romano se nomeava e se destituía aos supremos sacerdotes em rápida sucessão. Um deles exerceu só durante um dia. Da coroação do Herodes o Grande no ano 37 A. C. até a queda de Jerusalém no ano 70 d. C., 28 pessoas ocuparam esse

sagrado posto, com um médio de uns quatro anos cada um.

2.

Anás.

Renomado supremo sacerdote pelo Quirinio, governador de Síria ao redor do ano 6 ou 7 d. C., E destituído no ano 14 ou 15 D.C. pelo Valerio Grato (Josefo, Antiguidades xVIII. 2. 2), quem precedeu ao Pilato como procurador da Judea. Anás teve cinco filhos; todos eles foram supremos sacerdotes como também foi seu genro Caifás. Este cargo foi ocupado intermitentemente por membros de seu família durante 50 anos depois que Anás foi destituído. Embora este já não exercia o supremo sacerdócio durante o ministério do Jesus, ainda seguia sendo considerado como legítimo supremo sacerdote por um bom número de seus compatriotas (Hech. 4:6).

Caifás.

Genro do Anás. Renomado supremo sacerdote pelo Valerio Grato ao redor do ano 18 ou 19 d. C. Ocupou o posto aproximadamente até o ano 36 d. C.; portanto, foi oficialmente supremo sacerdote durante todo o ministério do Jesus. Era saduceo, orgulhoso e cruel, prepotente e intolerante; mas seu caráter era débil e vacilante (Juan 11:49-50; DTG 497-498, 651). Ver diagramas 1, 3, pp. 217-218.

Juan.

Ver com. Mat. 3: 1. Só Lucas chama o Juan filho do Zacarías (Luc. 1:67). Parece que os dados cronológicos do Mat. 3:1 se aplicam ao momento quando foi "palavra de Deus ao Juan", quer dizer, quando Deus o chamou a cumprir a missão que lhe tinha atribuído e lhe deu a "palavra", ou mensagem específica que devia proclamar. Talvez Juan começou seu ministério perto da páscoa do 27 d. C. (ver diagrama P. 220).

O deserto.

Ver com. Mat. 3: 1. Os três Evangelhos sinóticos afirmam que Juan esteve "em o deserto" para fazer destacar que se separava dos lugares onde a gente estava acostumado a congregar-se. É provável que a "palavra de Deus" o fora dada ao Juan no deserto de 700 judea, pois ali tinha transcorrido uma grande parte de seu adolescência e os primeiros anos de sua juventude (ver com. Luc. 1:80); mas, em realidade, começou a pregar e a batizar na Perea, frente a Jericó (Juan 10:40; DTG106; ver com. Luc. 1:80; Juan 1:28).

3.

Região.

Gr. perí¡Çros, "região circundante", "região vizinha" (ver com. Mat. 3:1, 5). Juan começou a pregar e a batizar na Betábara, ao outro lado do Jordão" (ver com. Juan 1:28). Mais tarde, Juan aparece "junto ao Salim" (ver com. Juan 3:23); mas a maior parte de seu ministério se desenvolveu no deserto (DTG 191).

Pregando.

Gr. k'rússÇ, "proclamar". Juan proclamou o valor e a necessidade de batizar-se e

de abandonar o pecado (ver com. Mat. 3:2, 6) como uma preparação indispensável para a vinda do Mesías e de seu reino.

O batismo do arrependimento.

Ver com. Mat. 3: 2, 6; cf. ISA. 1: 16. O "arrependimento" pregado pelo Juan abrangia muito mais que a confissão dos pecados passados (Sal. 32: 1). Como demonstram-no suas palavras de admoestação (Luc. 3:9-14), o "arrependimento" devia ser seguido imediatamente por uma nova vida na qual deviam ficar em prática os princípios de justiça já revelados nas Escrituras (cf. Mig. 6:8).

Perdão.

Gr. áfesis, "remissão", "perdão", ou literalmente, "uma demissão". O arrependimento e a confissão, e portanto também o perdão, deviam preceder ao batismo, e eram os primeiros passos que deviam dar-se na preparação do "caminho do Senhor" para endireitar "seus caminhos", para preencher os vales e baixar os Montes do caráter (Luc. 3: 4-5; cf. Mat. 3: 6). Lucas emprega mais a palavra áfesis que todos os outros autores do NT juntos.

4.

Caminhos.

A palavra grega se refere a caminhos muito transitados.

5.

Todo vale.

Quer dizer, toda barranco ou garganta, todo lugar áspero do caminho. Só Lucas acrescenta os detalhes dos vers. 5-6, tirados da ISA. 40: 4-5. A obra que aqui descreve-se é uma ilustração apropriada da transformação de caráter que acompanha à genuína conversão. As alturas do orgulho e do poder humanos deviam ser abatidas (DTG 186; ver com. Mat. 3: 3).

6.

Verá toda carne a salvação.

Na ISA. 40: 5, de onde cita Lucas, lê-se: "E se manifestará a glória de Jehová, e toda carne, junto a verá". Quando Simeón contemplou ao menino Jesus no templo, exclamou: "Viram meus olhos sua salvação" (Luc. 2: 30). Jesus veio à terra a revelar a glória do caráter de Deus, e nós, ao contemplar "a glória do Senhor, somos transformados de glorifica em glorifica na mesma imagem" (2 Cor. 3: 18).

7.

Dizia.

O emprego do tempo verbal imperfeito indica que Juan falou muitas vezes, recalcando, sem dúvida, o mesmo tema. portanto, não deve entender-se que Lucas se refere aqui a um sermão específico, pregado pelo Juan em uma determinada ocasião, mas sim mas bem apresenta um resumo, de vários sermões, dos pontos especiais que impressionavam aos ouvintes (ver com. vers. 18).

Multidões.

Gr. ójlos, "multidão", "multidão".

Saíam.

Ver com. Mat. 3: 5.

Para ser batizadas.

Ver com. Mat. 3: 6.

Geração.

Gr. génn'MA, "descendência", prole". Estas palavras foram dirigidas especificamente aos fariseus e aos saduceos (ver com. Mat. 3: 7). As ilustrações concretas que usa Juan em seu predicación, pondo ênfase nas cenas comuns e cotidianas do campo, recordam-nos as mensagens de profetas do AT tais como Joel e Amós, e as parábolas de Cristo. Note-a rápida sucessão de figuras literárias: os operários que reparam um caminho, geração de víboras, frutos, a tocha posta ao tronco de uma árvore, o servo que desata o calçado de seu amo. um batismo de fogo, era-a com um aventador, seu montão de grão v o felpa levado pelo vento.

Quem lhes ensinou?

O profeta do deserto pôs em duvida com esta penetrante pergunta os motivos dos fariseus e dos saduceos. Seus motivos e seus ideais eram alheios aos princípios do reino dos céus. Nessa condição presente não receberiam uma melhor bem-vinda neste reino que a que se deu a uma ninhada de víboras na era em época de colheita (ver Luc. 3: 17; cf. com. Mat. 3: 7).

Ira vindoura.

Ver com. Mat. 3: 7; cf. Luc. 3: 18.

8.

Façam.

Ver com. Mat. 3: 8.

Por pai.

Em grego, a palavra traduzida como "pai" está em posição enfática.

9.

A tocha está posta.

Ver com. Mat. 3: 10.

10.

A gente.

Literalmente, "as multidões".

Perguntava.

A gente perguntava depois de cada discurso como poderia aplicar esses princípios aos problemas de sua própria vida. 701 A cada um Juan dava o conselho apropriado (vers. 10-14).

Que faremos?

As palavras do Juan o Batista, inspiradas pelo Espírito Santo, comoveram os corações até que a gente sentiu desejo de fazer algo imediatamente para preparar-se para a "ira vindoura" (vers, 7) e o reino de Deus (vers. 4). Um sermão que não comove aos ouvintes e produz uma resposta positiva, não há alcançado seu propósito. Juan era um poderoso evangelista. depois de exortar às pessoas a preparar-se para a vinda do Senhor, pediram-lhe que lhes explicasse como fazê-lo. Juan respondeu assinalando a cada pessoa ou grupo os pecados que acossavam-nos, indicando assim a cada um por onde devia começar. Josefo escreveu que Juan "era um homem bom, e mandava aos judeus a que praticassem a virtude, tanto em sua justiça mútua como em sua piedade para com Deus, e que logo procedessem a batizar-se" (Antiguidades xVIII. 5. 2).

11.

Túnicas.

Gr. jitÇn, a vestimenta interior que levava junto à pele, e não himátion, manto exterior que ficava sobre o jitÇn.

Dê.

De um verbo grego que significa "compartilhar".

12.

nos publique.

Gr. telÇn's, coletor de impostos", chamados publicani pelos romanos. A palavra telÇn's deriva de télos, "imposto", e Çnéomai, "comprar", literalmente "comprador de impostos". Os romanos não tinham empregados no governo para cobrar os impostos, mas sim vendiam ao que pagasse mais o direito de arrecadá-los dentro de uma determinada cidade ou província. Só os ricos podiam comprar esse direito, porque se exigia que o comprador pagasse certa soma ao tesouro real, sem importar a quantidade que fora finalmente arrecadada, e devia depositar certa fiança até que a soma fora paga. Os telÇnai (plural de telÇn's) estavam acostumados a subdividir entre subcontratistas a zona que os tinha sido atribuída, ou pagavam a outros para que fizessem o trabalho de arrecadar os impostos. Os "nos publique" que menciona o NT eram os funcionários que arrecadavam os impostos, e, com estranhas exceções, provavelmente eram judeus.

Os coletores de impostos eram representantes de um conquistador pagão, E por isso evocavam no povo uma lembrança extremamente triste do sob nível ao qual tinha descendido a nação judia. Um fato que aumentava a vergonha de os nos publique diante dos judeus, era a inescrupulosa prática que seguiam a maior parte desses desumanos parasitas de despojar às pessoas de toda moeda, por pequena que fora, que pudessem lhes tirar autorizados pela lei ou a constante presencia dos soldados romanos. Ao judeu que era "publicano"

consideravam-no traidor do Israel e lacaio dos odiados romanos. Se do ponto de vista dos Judeus era incorreto pagar impostos, quanto pior não seria então arrecadá-los! portanto, o publicano era excluído da sociedade e excomungado da sinagoga. Era considerado como um cão pagão e tratado como tal. O tolerava unicamente porque estava respaldado pelo poder romano (ver com. Mar. 2: 14; P. 68).

Professor.

Juan não só pregava como Cristo, mas sim além disso ensinava.

13.

Não exijam mais.

Nem Juan nem Cristo condenaram a ocupação de coletor de impostos. Jesus foi "amigo" dos nos publique (Mat. 11: 19) e se juntava com eles em reuniões sociais (Mat. 9: 10-13). Mas tanto Jesus como Juan exigiam justiça, honradez e bondade dos membros deste grupo que desejassem ser cidadãos do reino do céu.

Ordenado.

Deviam arrecadar só o que a lei lhes permitia, e ganhar uma soma razoável para manter-se, porque não havia -nem há- lugar no reino dos céus para os extorsionadores nem para os que são como lobos implacáveis.

14.

Soldados.

Literalmente "que serviam como soldados", possivelmente porque estavam de guarda em esse momento. Juan possivelmente estava pregando na Perea (ver com. Juan 1: 28), dentro da jurisdição do Herodes Antipas (ver com. Luc. 3: 1), e os soldados que se dirigiram a ele provavelmente eram judeus ao serviço de Herodes. Possivelmente foram enviados pelo Herodes para vigiar ao Juan, para acautelar uma revolta popular, ou talvez eram policiais que ajudavam aos coletores de impostos já mencionados. A palavra que se usa para nomeá-los poderia indicar que os "soldados" tinham sido destacados ali e não eram só uns curiosos. Provavelmente perguntaram com toda sinceridade: como soldados que eram, podiam entrar no reino dos céus, Juan lhes respondeu afirmativamente: poderiam entrar se cumpriam com os requisitos da cidadania do reino dos céus. Se os soldados tivessem sido romanos, provavelmente, Juan lhes houvesse dito que 702 acreditassem no verdadeiro Deus e se convertessem à fé judia.

O que faremos?

Em grego, a construção é enfática, como se os soldados houvessem perguntado: "e nós, o que faremos nós?" Esta ênfase poderia sugerir que os soldados estavam junto com os coletores de impostos que acabava de falar com o Juan (vers. 12-13).

Não façam extorsão.

Quer dizer "não exijam dinheiro de ninguém com violência ou intimidação". O abuso do poder que praticavam os soldados era o pecado dominante sobre o qual

deviam obter a vitória a fim de estar preparados para receber ao Príncipe que ia vir. Juan não condenou aos soldados por ser soldados, a não ser destacou que deviam exercer sua autoridade com justiça e misericórdia.

Salário.

Gr. opsÇnion, "salário", "soldada". Pablo utiliza a palavra opsÇnion em ROM. 6: 23 ao falar da "pagamento do pecado"; e pergunta aos crentes da igreja de Corinto: "Quem foi jamais soldado a seus próprios gastos [Gr. opsÇnion]"? (1 Cor. 9: 7). Evidentemente os soldados que se aproximaram do Juan eram mercenários e não recrutas.

15.

Estava em expectativa.

Gr. prosdokáÇ, "aguardar", "procurar" ou "esperar". Se usa o mesmo vocábulo grego ao falar do coxo que estava sentado à porta a Formosa, quem olhou ao Pedro e ao Juan "esperando receber deles algo" (Hech. 3: 2-5). A imaginação das multidões que escutavam ao Juan ardia com a ansiosa expectativa de que estivessem a ponto de cumpri-las profecias messiânicas a as quais ele se referia. Assim como aconteceu com os dois discípulos a quem Cristo lhes apareceu no caminho ao Emaús, cujos corações ardiam neles (Luc. 24: 32), a gente desejava com veemência a pronta aparição do Libertador do Israel. A mensagem do Juan captou a imaginação popular em uma forma tal que comoveu à nação e chegou até a mais remota aldeia e o mais afastado casario.

Perguntando-se todos.

Literalinente "estavam raciocinando" ou "estavam deliberando" (ver com. cap. 1: 29). "Andavam todos pensando em seus corações" (BJ). A comoção geral tinha chegado a seu máximo grau. A gente se perguntava qual seria o resultado de toda essa excitação. Josefo diz que as multidões que se reuniam para escutar ao Juan "comoviam-se grandemente ao escutar suas palavras", e que Herodes Antipas "temia que a grande influencia que Juan tinha sobre o povo pudesse lhe proporcionar o poder e a inclinação para produzir uma rebelião (pois pareciam estar preparados a fazer algo que ele lhes aconselhasse)" (Antiguidades xVIII. 5. 2). A missão que lhe tinha famoso ao Juan era a de despertar a mente dos homens de seu sonho de séculos, de acender em seu coração a esperança de que um novo dia estava por amanhecer e de impulsioná-los a preparar-se para Aquele que viria: o Desejado de todas as gente. Teve um êxito tão grande nesta obra que, sem dúvida, até pôde interessar aos dirigentes judeus para que investigassem sua mensagem (Juan 1: 19-25). Todos sabiam do Juan, e todos os que podiam fazê-lo, vinham a escutá-lo.

Se acaso Juan seria o Cristo.

Os dirigentes judeus muitas vezes exigiram ao Jesus que fizesse milagres como evidência de que era o Mesías (ver com. Mat, 12: 38, 16: 1; etc.); sem embargo, Juan "nenhum sinal fez" (Juan 10: 41). Sua áspera vestimenta não tinha nenhum parecido com a da realeza. Era, sem dada, da tribo do Leví (Luc. 1: 5), não da tribo do Judá como haviam dito os profetas que o seria o Cristo (ver com. Mat. 1: 1); entretanto, o povo estava preparado para aceitá-lo como ao Mesías se afirmava sê-lo, e até os representantes do sanedrín se perguntavam se não poderia acaso ser o Prometido (Juan 1: 19-21). A nação judia não poderia lhe haver feito maior elogio nem ter dado um testemunho

mais eloqüente sobre o poder de sua mensagem. Certamente, sua proclamação de a vinda do Mesías foi tão efetiva, que o povo acreditou que ele era o Mesías.

16.

Batizo em água.

Ver com. Mat. 3: 11.

Não sou digno de desatar.

Ver com. Mar. 1: 7.

A correia.

Ver com. Mar. 1: 7.

Calçado.

Ver com. Mat. 3: 11.

Batizará-lhes.

Ver com. Mat. 3: 11.

17.

Seu aventador.

Ver com. Mat. 3: 12.

18.

Outras muitas exortações.

Isto indica que o que se apresentou constitui um resumo da predicación do Juan o Batista, e não um relatório ao pé da letra de um sermão determinado (ver com. vers. 7).

19.

Herodes o tetrarca.

[Encarceramento do Juan, Luc. 3.-19-20 = Mat. 14:3-5. Comentário principal: Lucas. Ver mapa, P. 207; diagrama, P. 220]. Lucas relata aqui o encarceramento e a morte do Juan o Batista para completar sua narração a respeito de este antes de ocupar do ministério de Cristo. Parece que Juan não foi encarcerado a não ser até vários 703 meses, possivelmente um ano ou mais, depois do batismo do Jesus (DTG 185; cf. P. 203), perto da páscoa do ano 29 d. C. Permaneceu encarcerado até a primavera (março-maio) do ano 30, e foi decapitado umas poucas semanas antes da páscoa desse ano (DTG 327-328, 332; ver P. 66; diagramas 6 e 7, pp. 219-221; Nota Adicional do Lucas. 4).

Repreendido.

Segundo Josefo, os judeus em geral desaprovaram este matrimônio (Antiguidades

xVIII. 5. 4).

Herodías.

Filha do Aristóbulo e neta, do Herodes o Grande. Herodes Antipas se divorciou de sua esposa, filha do rei Aretas da Arábia, para casar-se com o Herodías (Josefo, Antiguidades xVIII. 5. 1). Ver com. vers. 1.

Do Felipe.

Este Herodes (ver diagrama P. 40) era meio irmão do Herodes Antipas, filho de Herodes o Grande e Mariamna (II), e não Felipe o tetrarca (ver com. vers. 1), filho do Herodes o Grande e da Cleopatra. Salomé era filha do primeiro Felipe e do Herodías. Felipe foi deserdado por seu pai Herodes o Grande, e viveu como um cidadão qualquer, primeiro em Jerusalém e depois em Roma.

20.

Acrescentou além disso.

Esta foi uma maldade muito grande que Herodes acrescentou a todas seus outras "maldades" que tinha cometido (vers. 19).

Encerrou ao Juan.

Juan foi encarcerado a começos da primavera o ano 29, possivelmente em março ou abril, depois de um ministério de uns dois anos (ver diagramas pp. 218-220; com. Mat. 3: 1). O fato de que fora encarcerado pelo Herodes Antipas significa que Juan foi detido quando estava pregando na parte oriental do Jordão, quer dizer na Perea (ver com. Luc. 3: 3).

Ao Herodes pareceu que o povo estava disposto a fazer algo que Juan lhe dissesse, e temeu que isto produzira uma revolta popular (Antiguidades xVIII. 5. 2; DTG 327). Josefo não menciona o assunto do Herodías em relação com o encarceramento do Juan, embora sim o menciona em outro lugar (Antiguidades xVIII. 5. 4). Josefo possivelmente registre a razão que deu Herodes publicamente para encarcerar ao Juan. Dificilmente Herodes teria anunciado que encarcerava a Juan por causa do assunto privado do Herodías, o qual os judeus em geral desaprovavam (ver DTG 185).

Cárcere.

Segundo Josefo (Antiguidades xVIII. 5. 2), Juan foi encarcerado na fortaleza do Machaeros, na Perea, ao leste do mar Morto. O lugar do Machaeros foi descoberto em 1807; ainda podem ver-se as ruínas dos calabouços. Sem embargo, em vista da seqüência dos acontecimentos narrados em Mar. 6:17-30 (cf. DTG 193-194), alguns eruditos acreditam que o aniversário do Herodes pôde haver-se celebrado no Tiberias, v portanto põem em dúvida a exatidão da afirmação do Josefo.

21.

Todo o povo.

[O batismo do Jesus, Luc. 3: 21-23ª = Mat. 3: 13-17 = Mar. 1: 9-11. Comentário principal: Mateo.] Uma hipérbole comum feijão, que possivelmente signifique que uma grande maioria dos que escutavam, batizavam-se. Mas, pelo menos,

certos fariseus e saduceos rechaçaram o batismo (Luc. 7: 30, 33; Mat. 21: 25, 32).

Orando.

Só Lucas registra que Jesus orou quando saiu da água. É apropriado que Lucas, quem com tanta freqüência menciona ao Jesus orando, assinalasse aqui este detalhe.

22.

Em forma corporal.

Unicamente Lucas descreve o Espírito Santo descendendo em forma de pomba.

Meu Filho amado.

Ver com. Mat. 3: 17. O Códice de Lábia inferiora grossa e alguns outros antigos autores e versões acrescentam "hoje te engendrei". Lucas afirma aqui a verdadeira deidade do Jesus, mas imediatamente procede a sua verdadeira humanidade (vers. 23-38). Mateo começa sua narração do Evangelho com a apresentação da genealogia do Jesus (ver com. Mat. 1: 1); Lucas, em troca, reserva sua genealogia para o momento quando Jesus empreende a missão de sua vida. Moisés também apresenta seu própria genealogia depois de registrar sua primeira atuação pública como porta-voz de Deus e dirigente do Israel (Exo. 6: 16-20)

23.

Ao começar.

Gr. árjomai, "começar" (Mat. 4: 17; Mar. 4: 1; Luc. 3: 8; Hech. 1: 1, 22; 10: 37; etc.). O problema não está tanto no sentido do verbo a não ser na forma verbal que se emprega, arjomenos, "começando", sem que haja referência exata a o que está começando. A palavra "ministério" não está no grego; foi acrescentada pelos revisores da RVR. Na RVA se traduziu: "Jesus começava a ser como de trinta anos". A BJ traduz: "Tinha Jesus, ao começar, uns trinta anos". De acordo ao contexto (vers. 1-22), que conclui com o batismo do Jesus, parece lógico supor que a passagem se refere ao começo de seu ministério E não ao começo de seu trigésimo ano.

Como de trinta anos.

Lucas não dá a idade precisa do Jesus quando foi batizado, a não ser 704 que faz notar que era "como de trinta anos". A declaração do Lucas poderia significar ou um ou dois anos mais ou menos que trinta. Entre os Judeus se considerava que aos 30 anos de idade um homem chegava à plena maturidade, e portanto podia assumir as responsabilidades da vida pública. Ver diagramas 1, 3, pp. 217-218.

Se Jesus nasceu no outono (setembro-novembro) do ano 5 A. C., o qual parece razoável (ver com. cap. 2: 6, 8), seu trigésimo ano segundo o cômputo judeu (ver com. cap. 2: 42) teria começado no outono do ano 25 e concluído no outono do ano 26 (ver com. vers. 1). Isto harmoniza plenamente com a declaração mais ou menos general do Lucas no sentido de que Jesus "era como de trinta anos" e com todos os dados cronológicos que se têm da vida de Jesus. portanto, parece que Lucas não faz aqui uma declaração cronológica precisa, a não ser simplesmente indica que Jesus tinha chegado à idade amadurecida

quando foi batizado e deu começo a seu ministério público.

Conforme se acreditava.

[Genealogia do Jesus, Luc. 3: 23b-38 = Mat. 1: 1-17. Comentário principal: Mateo e Lucas.] Do ponto de vista legal e segundo a crença popular, Jesus era filho do José (Juan 8: 41). Nos registros oficiais do templo de Jerusalém, Jesus estava registrado como primogênito do José e da María (Luc. 2: 21; DTG 36). O rápido proceder do José quando o anjo lhe disse que tomasse a María por esposa, sem dúvida protegeu o bom nome da María e do menino (ver com. Mat. 1: 24). Segundo os registros oficiais e ante a lei, Jesus era filho do José.

Filho.

Quanto à importância e ao valor do registro dos antepassados do Jesus para a gente dos tempos do NT, ver com. Mat. 1: 1. A genealogia que apresenta Lucas é diferente em vários pontos importantes da que apresenta Mateo, e essas diferenças significam para os modernos leitores da Bíblia um assunto bastante difícil de resolver. O problema consiste, em essência, no feito de que embora ambas as listas genealógicas se propõem apresentar aos antepassados do José, entretanto, diferem entre si não só quanto ao número de antepassados enumerados dentro de determinado período, mas também no referente à identidade da maioria dos mesmos. Os principais pontos de diferencia entre as duas listas são os seguintes:

1. Lucas enumera 41 descendentes do David, antepassados do Jesus; Mateo 26.

2. Com a exceção do Salatiel, Zorobabel, e José, marido da María, a lista de descendentes do David é totalmente diferente.

3. As duas genealogias convergem brevemente -com o Salatiel e Zorobabel-, mas Mateo identifica ao Salatiel como filho do Jeconías, em tanto que Lucas o cataloga como filho do Neri.

4. Mateo identifica ao José como filho do Jacob; Lucas, como filho do Elí.

Estas diferenças parecem ser, a primeira vista, discrepâncias maiúsculas entre as listas dadas pelo Mateo e Lucas. O problema se complica mais porque não se sabe absolutamente nada quanto a 60 das 64 pessoas nomeadas em ambas listas, e porque a informação que se tem a respeito dos outros quatro é escassa. Esta falta de informação faz que seja virtualmente impossível reconciliar as diferenças entre as duas listas. Entretanto, e por fortuna, sabe-se o suficiente a respeito dos antigos costumes judias e a maneira de pensar e de expressar-se desses tempos para proporcionar uma explicação inteiramente razoável de cada ponto de diferença, e para demonstrar assim que as discrepâncias bem podem considerar-se aparentes e não reais. consideram-se a continuação, em ordem, os diversos pontos de diferença:

1. Segundo já vimos, Mateo atribui 26 gerações, com um médio de 37 anos cada uma, ao período transcorrido entre a morte do David e o nascimento de Jesus. Lucas dá 41 gerações, o que daria um médio de 24 anos a cada uma. Segundo a cronologia adotada por este Comentário, David morreu no ano 971 A. C. (T. II, pp. 79, 146-148), e Cristo nasceu no ano 5 A. C. (P. 233) o que significa um intervalo de 966 anos. É possível explicar em parte a grande diferencia entre 26 e 41 gerações, caso que cada antepassado do Jesus na linhagem esboçada pelo Lucas, era, por término médio,

13 anos menor quando nasceu seu descendente que o antepassado médio de a lista do Mateo. Mas a diferença é muito grande para que possa explicar-se só com este argumento. Já que Mateo claramente há omitido, ao menos, quatro elos genealógicos nesses 966 anos, aonde pode fazer uma comparação com as listas do AT (ver com. Mat. 1: 8, 11, 17), é inteiramente possível que pudesse ter omitido aos 705 menos 11 do período intertestamentario (os 400 anos entre o Malaquías e o nascimento de Cristo), do qual se sabe muito pouco. Também poderia destacar-se que um período médio de 24 anos entre o nascimento de um homem e o de seu descendente é muito mais provável que um período de 37 anos. Esta observação tende a confirmar as 41 gerações do Lucas e a probabilidade de que Mateo chegou ao número de 26, mediante a omissão intencional de 15 nomes em sua lista (ver com. Mat. 1: 8, 11, 17).

2. Com exceção do Salatiel, Zorobabel e José, marido da María, as listas genealógicas apresentadas pelo Mateo e pelo Lucas evidentemente dão os antepassados do Jesus até o David seguindo duas linhas totalmente diferentes. Mateo segue a sucessão dos monarcas da família real desde o David até o cativeiro, e pode supor-se que o mesmo ocorre do cativeiro em adiante (ver com. Mat. 1: 17). Lucas parece seguir outro ramo da família, não a que reinou, mas sempre da família real, remontando-se ao Natán, outro filho do David e do Betsabé (1 Crón. 3: 5, onde se lê "Natán... filho de Bet-súa"; quanto à diferença de grafia entre "o Betsabé" e "Bet-súa". ver com. 2 Sam. 5: 14; com. Luc. 3: 31). O matrimônio entre membros da família real explica facilmente que a ascendência de Cristo possa remontar-se até o David por dois ramos familiares quase totalmente diferentes. Entretanto, isto não explica por que se apresentam os dois ramos (ver N.º 4).

3. Com referência ao problema apresentado pela convergência das duas listas no Salatiel e Zorobabel, depois dos quais outra vez se separam, ver com. vers. 27.

4. Ver com. "do José" e com. "filho do Elí".

Do José.

Lucas, como Mateo (ver com. Mat. 1: 16), evita cuidadosamente dizer que Jesus era filho do José. A expressão "conforme se acreditava", que constitui um parêntese, indica que não havia uma relação sangüínea direta, e também sugere que tanto a lei como a gente consideravam o Jesus como filho do José.

Os términos "pai" e "filho", "mãe" e "filha", "irmão" e "irmã", etc., empregavam-se usualmente entre os hebreus para incluir relações (o parentesco mais distantes que as que estas palavras representam atualmente (ver com. Gén. 29: 12; Núm. 10: 29; Deut. 15: 2; 1 Crón. 2: 7). portanto a palavra "filho", tal como se emprega na Bíblia, pode denotar relação por nacimierito (imediata ou remota), por adoção, por matrimônio em caso de levirato (ver com. Deut. 25: 5-9), ou simplesmente filho espiritual (2 Tim. 1: 2).

Filho do Elí.

José, cônjuge da María, evidentemente não podia ser o filho literal do Elí e de Jacob, segundo Mat. 1: 16. proposto-se duas explicações razoáveis e ambas harmonizam plenamente com o que se conhece dos costumes judias. Segundo uma explicação, ambas as listas dão os antepassados do José, uma por ascendência sangüínea, e a outra por adoção ou matrimônio segundo o levirato. Segundo a

outra explicação, Mateo dá os antepassados do José, e Lucas os da María, por a linhagem do pai desta.

Quem considera que ambas as listas se referem à linhagem do José, explicam que uma lista apresenta seus verdadeiros antepassados consangüíneos, enquanto que a outra dá seus antepassados por adoção em uma linhagem familiar aparentada. Se José foi literalmente filho do Jacob, como o diz Mateo, teve que chegar a ser filho do Elí de algum outro modo, não em um sentido literal. Se Elí não teve herdeiros, pôde ter adotado ao José, por meio de quem, segun o costume, feijão, ambas as linhagens podiam haver-se preservado. Segundo a segunda explicação, María era filha única do Elí, e quando José se casou com ela se converteu em filho e herdeiro legal do Elí em harmonia com as estipulações das leis do matrimônio em caso de levirato, dadas em tempos do Moisés (ver com. Deut. 25: 5-9; Mat. 22: 24).

24.

Matat.

Ver com. Mat. 1: 15. Nada mais se sabe a respeito das pessoas nomeadas em Luc. 3: 24-27, desde o Matat até a Resa, exceto que foram antepassados do Jesus. Não se mencionam na Bíblia, já que o canon do AT apenas se estende até o retorno dos judeus do cativeiro babilônico.

27.

Zorobabel.

Lucas diz que Zorobabel era filho do Salatiel, e Salatiel filho do Neri. Mateo diz que Zorobabel era filho do Salatiel, mas que Salatiel era filho do Jeconías (ver com. Mat. 1: 12). Bem pôde haver outro Zorobabel neste período (o nome significa "broto de Babilônia" ou "engendrado em Babilônia") cujo pai chamava-se Salatiel, mas esta possibilidade fica quase totalmente descartada, portanto, o problema que se apresenta aqui é comum às duas teorias generais que se dão para explicar as diferenças entre as duas listas genealógicas (ver com. Luc. 3: 23).

proposto-se várias soluções ao problema 706 da ascendência de Salatiel. Alguns sugeriram que Salatiel era o filho literal do Neri, mas filho do Jeconías (Joaquín; ver com. 1 Crón. 3: 16) por adoção. Outros hão sugerido que Salatiel, embora filho do Neri, chegou a ser o sucessor legal de Jeconías, possivelmente devido à extinção da família de este (ver com. Jer. 22: 30) ou por alguma outra razão. Também outros sugerem que uma filha do Jeconías se casou com o Neri, e que portanto Salatiel era filho do Neri e neto de Jeconías; mas que, segundo o costume judia, foi conhecido como filho de Jeconías. Quanto aos ascendentes do Zorobabel, tanto Lucas como Mateo o chamam filho do Salatiel de acordo com o Esd. 3: 2; 5: 2; Neh. 12: 1; e Hag. 1: 1, embora o texto masorético de 1 Crón. 3: 19 diz que Zorobabel era filho de Pedaías (ver com. 1 Crón. 3: 19; Esd. 2: 2); entretanto, a LXX diz em 1 Crón. 3: 19 que Salatiel era pai do Zorobabel, e é evidente que Lucas aqui segue a LXX era todos os casos em que lhe proporciona informação pertinente a sua lista genealógica (ver com. Luc. 3: 36).

Neri.

As pessoas nomeadas desde o Neri no vers. 27 até a Matata no vers. 31 não aparecem em nenhuma outra referência bíblica. O período compreendido entre

estas gerações se estende para trás do cativeiro babilônico até a divisão do reino do Salomón.

31.

Natán.

Natán foi filho do David e do Betsabé, nasceu em Jerusalém (ver com. 2 Sam. 5: 14).

32.

David.

Ver com. Mat. 1: 1, 6. Com referência aos nomes desde o David até o Abraão, que se registram no Luc. 3: 31-34, ver com, Mat. 1: 2-6-

34.

Taré.

Pai do Abraão (ver com. Gén. 11: 26-32).

Nacor.

Avô do Abraão (ver com. Gén. 11: 22).

35.

Serug.

Bisavô do Abraão (ver com. Gén. 11: 20).

Ragau.

Quer dizer, Reu (ver com. Gén. 11: 18).

Peleg.

Ver com. Gén. 11: 16.

Heber.

Ver com. Gén. 10: 21; 11: 14.

Sala.

Ver com. Gén. 11: 13.

36.

Cainán.

O nome do Cainán aparece aqui e na LXX, no Gén. 11: 12-13 e 1 Crón. 1: 1 8, cabelo não no texto masorético. O fato de que a transliteración grega destes nomes hebreus no Luc. 3: 34-38 seja idêntica a da LXX no Gén. 5: 5-32; 11: 10-24, sugere que Lucas seguiu a LXX nesta parte de seu

genealogia. Esta possibilidade é confirmada pelo fato adicional de que Lucas inclui o Cainán neste ponto, entre Sala e Arfaxad.

Arfaxad.

Ver com. Gén. 10: 22; 11: 12.

Sem.

Segundo filho do Noé (ver com. Gén. 5: 32; 11: 10-11).

Noé.

Ver com. Gén. 5: 29.

Lamec.

Ver com. Gén. 5: 25.

37.

Matusalém.

Ver com. Gén. 4: 18; 5: 25.

Enoc.

Ver com. Gén. 5: 22, 24.

Jared.

Ver com. Gén. 4: 18.

Mahalaleel.

Ver com. Gén. 4: 18.

Cainán.

Ver com. Gén. 5: 9. Este patriarca, filho do Enós, não deve confundir-se com o Cainán do Luc. 3: 36, que não aparece no texto masorético do AT (ver com. vers. 36).

38.

Enós.

Ver com. Gén. 4: 26.

Set.

Terceiro filho do Adão e Eva (ver com. Gen. 4: 25).

Adão.

Com referência ao significado do nome, ver com. Gén. 1: 26; 3: 17; Núm. 24: 3. Lucas começa sua genealogia com o nascimento sobrenatural do segundo ou

"último" Adão (1 Cor. 15: 45), e a conclui com a referência à criação do primeiro Adão.

Filho de Deus.

Lucas afirma aqui sua fé em Deus como Criador do homem e Autor da vida, Aquele que "dá a todos vida e fôlego e todas as coisas. E de um sangue há feito toda a linhagem dos homens" (Hech. 17:25-26). O homem foi criado ao principio à imagem de Deus. E pela fé no Jesucristo temos o privilégio de ser criados de novo a sua semelhança (2 Cor. 5: 17).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-18 DTG 72-83

7 PR 103

10-11 DTG 82

13 DTG 507

19 P 154

21-22 DTG 84-88

22 P 153, 155

23 4T 109

38 Ed 31, 126; PP 25 707

CAPÍTULO 4

1Tentación e jejum de Cristo. 13 Derrota a Satanás 14 e começa a pregar. 16 O povo do Nazaret se maravilha de suas palavras de graça. 33 Sã a um diabólico, 38 à sogra do Pedro 40 e a muitos outros doentes. 41 Os demônios confessam a Cristo, mas ele os repreende. 43 Prega em outras cidades.

1 Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão, e foi levado pelo Espírito ao deserto

2 por quarenta dias, e era tentado pelo diabo. E não comeu nada naqueles dias, passados os quais, teve fome.

3 Então o diabo lhe disse: Se for Filho de Deus, dava a esta pedra que se converta em pão.

4 Jesus, lhe respondendo, disse: Escrito está: Não só de pão viverá o homem, mas sim de toda palavra de Deus.

5 E lhe levou o diabo a um alto monte, e lhe mostrou em um momento todos os reino da terra.

6 E lhe disse o diabo: te darei toda esta potestad, e a glória deles; porque me foi entregue, e a quem quero a dou.

7 Se você prostrado me adorar, todos serão teus.

8 Respondendo Jesus, disse-lhe: Vete de mim, Satanás, porque escrito está: Ao Senhor seu Deus adorará, e a ele sozinho servirá.

9 E lhe levou a Jerusalém, e lhe pôs sobre o pináculo do templo, e lhe disse: Se é Filho de Deus, te jogue daqui embaixo;

10 porque escrito está:

A seus anjos mandará a respeito de ti, que lhe guardem;

11 e,

Nas mãos lhe sustentarão, Para que não tropece com seu pé

em pedra.

12 Respondendo Jesus, disse-lhe: Dito está: Não tentará ao Senhor seu Deus.

13 E quando o diabo teve acabado toda tentação, separou-se dele por um tempo.

14 E Jesus voltou no poder do Espírito a Galilea, e se difundiu sua fama por toda a terra de ao redor.

15 E ensinava nas sinagogas deles, e era glorificado por todos.

16 Veio ao Nazaret, onde se tinha criado; e no dia de repouso* entrou na sinagoga, conforme a seu costume, e se levantou ler.

17 E lhe deu o livro do profeta Isaías; e tendo aberto o livro, achou o lugar onde estava escrito:

18 O Espírito do Senhor está sobre mim, Por quanto me ungiu para dar

boas novas aos pobres; Enviou-me a sanar aos quebrantados de coração;

A apregoar liberdade aos cativos, E vista aos cegos;

A pôr em liberdade aos oprimidos;

19 A pregar o ano agradável do Senhor.

20 E enrolando o livro, deu-o ao ministro, e se sentou; e os olhos de todos na sinagoga estavam fixos nele.

21 E começou a lhes dizer: Hoje se cumpriu esta Escritura diante de vós.

22 E todos davam bom testemunho dele, e estavam maravilhados das palavras de graça que saíam de sua boca e diziam: Não é este o filho do José?

23 O lhes disse: Sem dúvida me dirão este refrão: Médico, te cure a ti mesmo; de tantas coisas que ouvimos que se feito no Capernaúm, faz também aqui em sua terra.

24 E acrescentou: De certo lhes digo, que nenhum profeta é aceito em sua própria terra.

25 E na verdade lhes digo que muitas viúvas havia no Israel nos dias do Elías, quando o céu foi fechado por três anos e seis meses, e houve uma grande fome em toda a terra;

26 mas a nenhuma delas foi enviado Elías, a não ser a uma mulher viúva na Sarepta do Sidón.

27 E muitos leprosos havia no Israel em tempo do profeta Eliseo; mas nenhum deles foi limpo, a não ser Naamán o sírio.

28 Para ouvir estas coisas, todos na sinagoga se encheram de ira;

29 e levantando-se, lhe jogaram fora da cidade, e lhe levaram até a cúpula do monte sobre o qual estava edificada a cidade deles, para lhe despenhar.
708

30 Mas ele passou por em meio deles, e se foi.

31 Descendeu Jesus ao Capernaúm, cidade da Galilea; e lhes ensinava nos dias de repouso.*

32 E se admiravam por sua doutrina, porque sua palavra era com autoridade.

33 Estava na sinagoga um homem que tinha um espírito de demônio imundo, o qual exclamou a grande voz,

34 dizendo: nos deixe; o que tem conosco, Jesus nazareno? vieste para nos destruir? Eu te conheço quem é, o Santo de Deus.

35 E Jesus lhe repreendeu dizendo: te cale, e sal dele. Então o demônio, lhe derrubando em meio deles, saiu dele, E não lhe fez mal algum.

36 E estavam todos maravilhados, e falavam uns aos outros, dizendo: O que palavra é esta, que com autoridade e poder manda aos espíritos imundos, e saem?

37 E sua fama se difundia por todos os lugares dos contornos.

38 Então Jesus se levantou e saiu da sinagoga, e entrou em casa do Simón. A sogra do Simón tinha uma grande febre; e lhe rogaram por ela.

39 E inclinando-se para ela, repreendeu à febre; e a febre a deixou, e

levantando-se ela imediatamente, servia-lhes.

40 Ao ficar o sol, todos os que tinham doentes de diversas enfermidades traziam-nos para ele; e ele, pondo as mãos sobre cada um deles, sanava-os.

41 Também saíam demônios de muitos, dando vozes e dizendo: Você é o Filho de Deus. Mas ele os repreendia e não lhes deixava falar, porque sabiam que ele era o Cristo.

42 Quando já era de dia, saiu e se foi a um lugar deserto; e a gente o procurava, e chegando aonde estava, detinham-lhe para que não se fora deles.

43 Mas ele lhes disse: É necessário que também a outras cidades anuncie o evangelho do reino de Deus; porque para isto fui enviado.

44 E pregava nas sinagogas da Galilea.

1.

Cheio do Espírito Santo.

[Tentação do Jesus, Luc. 4: 1-13 = Mat. 4: 1-11 = Mar. 1: 12-13. Comentário principal: Mateo.] Aqui se refere à recepção do Espírito Santo no momento do batismo (cf. cap. 3: 21-22).

Foi levado.

Melhor "era levado", o qual implica que a condução do Espírito Santo, a que se faz referência aqui, não se limitou à viagem ao deserto sitio que continuou durante sua permanência ali.

2.

Quarenta dias.

Mateo diz claramente que as três principais tentações ocorreram para o fim dos 40 dias (ver com. cap. 4: 2-3), feito que também se sefiala na última parte do Luc. 4: 2. Quando Jesus entrou no deserto, esteve encerrado, por assim dizê-lo, na glória do Pai; e quando a glória se retirou, ficou sozinho para lutar contra a tentação (DTG 93). As tentações de Satanás continuaram durante todos os 40 dias do jejum do Jesus. As três tentações mencionadas nos vers. 3-13 representam a culminação das mesmas, e tiveram lugar para o final desse período (ver 2SP 90).

3.

Esta pedra.

Satanás possivelmente assinalou uma determinada pedra cuja forma era semelhante ao pão redondo e chato, parecido sem dúvida ao que hoje se conhece como pão árabe (ver com. Mat. 4: 3).

5.

Um momento.

Gr. stigm', derivado do verbo stízÇ, que significa "cravar", "marcar com

ferro candente". Significa, portanto, "espetada" ou como "um abrir e fechar de olhos", um momento ou um "instante" (BJ).

6.

Foi-me entregue.

Satanás sugeria nesta forma que Adão, devido a seu pecado, tinha-lhe entregue o domínio e que os homens o tinham escolhido como seu "soberano" (DTG 89); por isso se apresentou como "príncipe deste mundo" (DTG 89). Em certo isso modo era verdade, mas Satanás esquecia a propósito que Adão tinha sido só o mordomo do Criador, e que, portanto, não podia lhe entregar o domínio do mundo (DTG 89). No grego os pronomes estão em forma enfática, como se o texto dissesse: "te darei... porque me foi entregue... você, se você adora-me , etc. É fácil, pois, imaginá-los gestos enfáticos de Satanás enquanto faz ao Jesus esta proposta.

10.

Que lhe guardem.

Gr. diafulássÇ, "guardar com cuidado" (ver com. Mat. 4: 6).

13.

Toda tentação.

Ver com. Mat. 4: 11.

Por um tempo.

Quer dizer, até que lhe apresentasse outra oportunidade conveniente. Cristo foi continuamente espreitado pelo tentador desde seus primeiros anos (DTG 52, 91). 709

14.

No poder.

Jesus começa seu ministério na Galilea, Luc. 4: 14-15 = Mat. 4: 12 = Mar. 1:14-15. Comentário principal: Mateo.] A palavra traduzida "poder" deriva do grego dúnamis, de onde também derivamos a palavra "dunamita" (ver com. cap. 1: 35). O Espírito Santo é o agente ativo tanto na criação (Gén. 1: 2) como na nova criação (Juan 3: 5). O reino de Deus devia vir "com poder" (Mar. 9: 1). O poder do Espírito Santo cobriu com sua "sombra" a María no momento da encarnação (Luc. 1: 35). Por meio do Espírito Santo ela recebeu a sabedoria necessária para cooperar com o céu em cl desenvolvo do caráter do Jesus (DTG 49). Mas em ocasião do batismo (o Cristo, o Espírito Santo descendeu sobre ele de um modo extraordinário e o encheu de poder divino para levar a cabo sua missão (ver com. Juan 3: 34). Mais tarde, se os prometeu aos discípulos que receberiam o poder do Espírito Santo, poder que capacitaria-os para dar testemunho da gloriosa mensagem de um Salvador crucificado e ressuscitado (Hech. 1: 8; cf. cap. 2: 1-4).

Fama.

Gr. f'm' "relatório", "fama", "renome", do verbo f'mim "falar". A fama de

uma pessoa se estende pelo que se diz dela. A fama do Jesus crescia a medida que as notícias a respeito dele se repetiam de boca em boca "por toda a terra de ao redor".

15.

Ensinava.

Para repartir a verdade, Jesus usava mais o meio do ensino que o da predicación. Segundo a define hoje, na predicación se faz uma apresentação mais formal da verdade que no ensino. Aquela proclama a verdade enquanto que esta trata de explicá-la. O ensino tende a ser mais efetiva que a predicación porque os ouvintes também participam, enquanto que na predicación são principalmente auditores passivos. de vez em quando, Jesus apresentava algum discurso mais formal, como o Sermão do Monte (Mat. 5 ao 7) e o sermão sobre o pão de vida (Juan 6: 25-59). Mas até em relação com o Sermão do Monte, o Evangelho diz que "abrindo sua boca lhes ensinava, dizendo" (Mat. 5: 2). Feliz o pregador que pode dar a seu predicación a qualidade adicional do ensino.

As sinagogas deles.

Quer dizer, as sinagogas da Galilea. Nas pp. 57-59 se apresenta uma descrição da sinagoga e de seu serviço. É provável que Lucas haja mencionado que Jesus ensinava na sinagoga antecipando-se assim ao episódio que está por narrar (vers. 16-30). Imediatamente depois de relatar o incidente ocorrido na sinagoga do Nazaret, narra outro que aconteceu na sinagoga de Capernaúm (vers. 31-37), e assinalando de novo que Jesus "pregava nas sinagogas da Galilea" (vers. 44).

Era glorificado.

Quer dizer, era "gabado" (BJ) ou "honrado". Galilea era um campo mais propício que Judea para a obra do Salvador (DTG 199). Em qualquer lugar que Jesus ia "grande multidão do povo lhe ouvia de boa vontade" (Mar. 12: 37).

16.

Ao Nazaret.

[Primeiro rechaço no Nazaret, Luc. 4:16-30. Ver mapa P. 208; diagrama pp. 219-221. ver Nota Adicional ao fim do capítulo.] Esta foi a primeira visita de Cristo ao Nazaret depois de ter deixado a oficina de carpinteiro no outono (setembro-novembro) do ano 27 d. C., quando iniciou seu ministério público (DTG 203). É provável que para então estivesse terminando a primavera do ano 29 (maio) que já tivesse transcorrido perto da metade de seu ministério público. Um ano mais tarde, provavelmente a começos da primavera do ano 30 d. C., Jesus voltou a visitar, e agora por última vez, esta cidade (DTG 207-208). A primeira visita só se registra no Luc. 4: 16-30; com referência à segunda, ver com. Mar. 6: 1-6. A mãe, os irmãos e as irmãs de Jesus viviam ainda no Nazaret (DTG 203), e sem dúvida se encontravam entre os adoradores na sinagoga nesse dia sábado.

criou-se.

Ver com. Mat. 2: 23; Luc. 2: 51-52.

No dia de repouso.

A singela declaração do Lucas de que Jesus habitualmente assistia aos sagrados serviços na sinagoga no dia sábado, dia que identifica especificamente como o sétimo da semana (cap. 23: 56 a 24: 1), assinala claramente qual é o dever do cristão que ama a seu Professor e quer seguir em suas pegadas (Juan 14: 15; 1 Ped. 2: 21). O fato de que Cristo guardasse quando esteve na terra o mesmo dia que observavam os Judeus, mostra também que não se perdeu a ordem dos dias desde que se deu a lei em o Sinaí, nem da criação. Cristo é "Senhor até do dia de repouso" (Mar. 2: 28); quer dizer, ele o fez (Gén. 2: 1-3; cf. Mar. 2: 27) reclama-o como seu portanto, seu exemplo ao guardá-lo é o modelo perfeito para o cristão, não só quanto ao tempo mas também também quanto à maneira de guardá-lo. 710 Além disso, não pode haver dúvida de que a semana, como a temos agora, foi-nos transmitida em forma ininterrupta dos tempos de Cristo, e que ao guardar hoje o sétimo dia da semana se guarda o dia sábado em que Cristo repousou. Desde esse tempo até agora houve milhões de judeus pulverizados em todo mundo civilizado, e teria sido impossível que todos eles simultaneamente cometessem um engano idêntico no cômputo do sétimo dia da semana.

A sinagoga.

A antiga sinagoga e seus serviços se descrevem nas pp. 57-59. Com referência às ruínas de uma sinagoga no Capernaúm, ver com. Juan 6: 59.

Conforme a seu costume.

Cristo tinha o hábito de assistir aos serviços regulares da sinagoga o dia sábado. Freqüentemente, mesmo que era muito jovem, nesta mesma sinagoga de Nazaret lhe pedia que lesse um passa e dos profetas, e de seu conhecimento íntimo das Escrituras extraía lições que comoviam o coração dos adoradores (DTG 54-55; cf. 51). Ao parecer, Jesus muitas vezes aproveitou a oportunidade que lhe proporcionava a reunião da gente nas sinagogas de Judea e da Galilea para lhes ensinar (Mat. 4: 23; 12: 9 13: 54; Mar. 1: 21; 6: 2; etc.; ver com. Luc. 4: 15), assim como o fez Pablo mais tarde no estrangeiro (Hech. 13: 14-15, 42).

levantou-se.

A reverência para a Palavra escrita exigia que permanecesse de pé o que a lia publicamente. Assim se liam a "lei e os profetas" (ver T. I, P. 40; T. V, pp. 58-59).

A ler.

Gr. anaginóskÇ, "ler", a palavra que se emprega no NT para referir-se à leitura pública das Escrituras (Hech. 13: 27; 15: 21; Couve. 4: 16; 1 Lhes. 5: 27) e à leitura privada (Mat. 24: 15; Luc. 10: 26; Hech. 8: 28). Era de esperar-se que pedisse ao Jesus que lesse as Escrituras e que pregasse um sermão ao retornar ao Nazaret, pois isto se podia pedir a qualquer israelita major de 12 anos. Jesus o tinha feito sendo ainda menino (DTG 54-55), e sua fama como pregador na Judea (Juan 3: 26, DTG 153) fez que seus coterráneos de Nazaret sentissem desejo de escutar o que tinha que dizer. Era costume que que lia a passagem escolhida dos profetas também apresentasse o sermão.

Lhe deu.

Isto o fazia o funcionariode a sinagoga, conhecido como jazzan, quem tinha o dever de tirar os sagrados cilindros do arca e entregar-lhe ao leitor, e logo devia colocá-los novamente no arca ao concluir a leitura (ver P. 58). Em harmonia com o ritual da sinagoga, o jazzan tirou do arca o cilindro dos profetas, tirou-lhe a cobertura, e, sem abri-lo, entregou-o ao Jesus. É evidente que Jesus não só falava o aramaico, o idioma comum do povo, mas também que também sabia bem o hebreu, idioma que para esse tempo já estava mais ou menos morto e se usava somente para fins religiosos. A passagem escolhida cada dia sempre se lia em hebreu.

Isaías.

acredita-se que em tempos daquele Jesus a quem lhe pedia que lesse a porção dos profetas e pregasse o sermão, podia escolher a seção que devia ler-se. Jesus pediu especificamente o cilindro do profeta Isaías (2SP 110). Ver Nota Adicional ao fim deste capítulo.

Tendo aberto.

A crítica textual se inclina (cf P. 147) pelo texto "tendo desenrolado".

Livro.

Gr. biblíon, "livro" ou "cilindro". A palavra Bíblia deriva do grego biblíon. Neste caso, o "livro" era um cilindro. Ver P. 113.

Achou o lugar.

Para encontrar em sem cilindro a leitura que se desejava, era necessário desenrolar com uma mão e ao mesmo tempo enrolar com a outra (ver foto do cilindro do Isaías do mar Morto, T. I, P. 37). Isaías 61: 1-2 estava quase ao final do cilindro.

Onde estava escrito.

A entrevista do Lucas concorda basicamente com a LXX na ISA. 61: 1-2ª, com a acréscimo de uma paráfrase de uma parte da ISA. 58: 6. É possível que Lucas tivesse consigo a LXX enquanto escrevia (ver com. cap. 3: 36). Entre os judeus era prática comum unir deste modo várias passagens bíblicas (ver com. Mar. 1: 2).

18.

O Espírito do Senhor.

Com referência ao papel do Espírito Santo no ministério terrestre do Jesus, ver com. Mat. 3: 16; 4: 1.

Está sobre mim.

Jesus recebeu o Espírito Santo citando foi batizado, para que o fora conferido o poder necessário para levar a cabo seu ministério terrestre (ver Luc. 3: 21-22; Juan 1: 32; Hech. 10: 38).

Ungiu-me.

Gr. jríÇ, "ungir", de onde também deriva o título "Cristo", quer dizer o Ungido ou "Mesías", que tem o mesmo sentido (ver com. Mat. 1: 1). dentro de seu contexto messiânico, este texto poderia traduzir-se: "Tem-me feito o Cristo", ou "tem-me feito o Mesías" (ver com. ISA. 61: 1).

Boas novas.

Ver com. Mar. 1: 1.

Os pobres.

Os pobres estavam acostumados a estar a mercê dos inescrupulosos funcionários, 711 comerciantes e vizinhos. Por outra parte, supunha-se geralmente que o sofrimento por ser pobre se devia à maldição de Deus, que a desgraça do pobre era por sua própria culpa. Eram poucos os que simpatizavam com a triste situação do pobre. O supremo amor do Jesus pelos pobres foi uma das grandes evidencia de que era o Mesías, e quando Juan adoecia na cárcere, Jesus lhe fez notar este fato (Mat. 11: 5). Os que padecem escassez dos bens deste mundo, muitas vezes estão conscientes de suas necessidades e de sua dependência de Deus, e portanto freqüentemente são suscetíveis a a predicación do Evangelho. O Evangelho do Jesus significa alívio para os pobres, luz para os ignorantes, cura para os enfermos e liberdade para os escravos do pecado.

A gente acreditava que todo aquele que se interessasse em aliviar as necessidades do pobre, era especialmente justo; e o dar esmolas chegou a ser quase sinônimo de ser justo (ver com. Hech. 10: 2-4; etc.). Mas muitas vezes acontecia que se davam esmolas não por simpatia nem inclinação a ajudar aos pobres, mas sim por o desejo de ganhar méritos (ver com. Mat. 6: 1-4; Juan 12: 5). Entretanto, a preocupação cordial e genuína pelos sentimentos e as necessidades de nossos próximos é uma das melhores evidencia da "religião pura" (Sant. 1: 27), de conversão sincera (1 Juan 3: 10, 14), de amor a Deus (1 Juan 3: 17-19; 4: 21) e de ser apto para entrar no reino dos céus (Mat. 25: 34-46).

Jesus possivelmente também estava pensando nos "pobres em espírito" (ver com. Mat. 5: 3), os que tinham necessidades espirituais e não materiais. Cristo prometeu os recursos infinitos do reino dos céus aos "pobres em espírito", aos que sentem sua necessidade espiritual. Há quem só sente a necessidade do que este mundo pode oferecer; e quando lhes prega o Evangelho deve despertar neles seu interesse pelas coisas espirituais (cf. Apoc. 3: 17-18). Os ricos em fé são aqueles que ouvem e aceitam a mensagem evangélico (ver com. Mat. 7: 24), e serão "herdeiros do reino" (Sant. 2: 5). O que vale é o tesouro nos céus (Luc. 12: 21, 33; 18: 22).

A sanar aos quebrantados de coração.

Esta frase aparece na LXX na ISA. 61: 1, mas a evidência textual estabelece sua omissão no texto do NT. A BJ, que segue os mais antigos manuscritos gregos, omite-a. Entretanto, esta declaração descreve corretamente o ministério do Jesus em favor de quem sofre amargas decepções, mas sobre tudo dos que, "quebrantados de coração", estão arrependidos de seus pecados. Os "quebrantados" desta passagem bem podem comparar-se com os que choram por seus pecados, quer dizer, os contritos de coração (ver com. Mat. 5: 4; cf. ROM. 7: 24). Jesus deveu sanar "aos quebrantados de coração".

Cativos.

Estes "cativos" não são os detentos comuns a não ser os que estiveram no cativeiro de Satanás em corpo, mente e espírito (ROM. 6: 16). Jesus não liberou ao Juan o Batista do cárcere. Estes "cativos" são os que adoecem em o cárcere de Satanás (1 Ped. 3: 19), os que foram apanhados no "laço do diabo" e foram postos "cativos a vontade dele" (2 Tim. 2: 26).

Cegos.

Não só os que estão cegos fisicamente mas também, além disso, os cegos espirituais (Mat. 15: 14; 23: 16-19, 26; Juan 9: 39-41).

A pôr em liberdade.

Esta é uma paráfrase da ISA. 58: 6 (ver com. Luc. 4: 17). Quando se lia em o livro dos profetas era permitido escolher porções de diferentes passagens; mas estava proibido fazê-lo quando se lia da lei.

Os oprimidos.

O verbo grego empregado nesta passagem significa "quebrar", "oprimir". Jesus deveu libertar aos homens da pesada carga do pecado e da opressão que significa o intento de obter a salvação mediante a observância de leis e regras. Jesus liberaria os judeus das opressivas restrições rabínicas (Mat. 23: 4; cf. cap. 11: 28-30).

19.

Ano agradável.

"Um ano de graça" (BJ), ou seja a era evangélica, quando os que sentem seu necessidade espiritual (os pobres em espírito), os de contrito coração (os quebrantados de coração), os que foram cativos do pecado e estiveram cegos às coisas espirituais, e os que foram feridos e oprimidos pelo maligno, podem esperar a liberação do pecado. O "ano agradável do Senhor" recorda o ano do jubileu, quando os escravos eram libertados, as dívidas eram canceladas, e as terras eram devolvidas a seus donos originais por herança (ver com. Lev. 25: 10, 15, 24).

Jesus concluiu aqui sua leitura da ISA. 61: 1-2. Mas não leu a frase seguinte que era para os patriotas judeus a culminação de toda a passagem: "o dia de vingança nosso Deus". Os judeus acariciavam a convicção de que a salvação era para eles e o castigo 712 para os gentis (Sal. 79: 6). A ideia feijão de que a salvação dependia da nacionalidade e não da entrega pessoal a Deus, cegou ao povo até tal ponto que não pôde compreender a verdadeira natureza da missão de Cristo e o induziu a rechaçá-lo. Esperavam que o Mesías apareceria como um poderoso príncipe à cabeça de um grande exército para vencer a todos os opressores dos judeus e para submeter a todo mundo à autoridade do Israel (DTG 22, 203).

Este engano fundamental surgiu porque os judeus deliberadamente passavam por alto as profecias que falavam de um Mesías que sofreria, e aplicavam mau aquelas que destacavam a glória de sua segunda vinda (DTG 22). O orgulho, o prejuízo e a opinião preconcebida induziram aos judeus a este estado de cegueira espiritual (DTG 46, 183, 209). Estavam cegos ante o fato de que o

que vale não é a quantidade de luz que brilha sobre uma pessoa, a não ser o uso que dá a essa luz. deleitavam-se na idéia de que o castigo de Deus estava reservado para outros, e até puderam haver-se surpreso de que Jesus nem sequer o mencionasse. Quando Jesus elogiou em seu sermão a fé dos pagãos, insinuando assim a falta de fé dos judeus, os ouvintes ficaram ressentidos e com ira (vers. 25-29).

Para mais comentários a respeito dos falsos conceitos que tinham os judeus em quanto ao reino messiânico, ver com. Mat. 3: 7; 4: 9; 5: 2-3; Luc. 1: 68. Com referência à verdadeira natureza do reino, ver com. Mat. 3: 2-3; 4: 17; 5: 2-3; Mar. 3: 14.

20.

Enrolando o livro.

Uma ação contrária a que se descreve no vers. 17: "tendo aberto" (ver com.)

Ministro.

Gr. hup'rét's, "ajudante", "servo", que serve a um amo ou a um superior. Lucas se refere sem dúvida ao jazzan, ou coroinha, encarregado de colocar o cilindro de novo no arca (ver com. vers. 17).

sentou-se.

O costume exigia que o leitor estivesse de pé para ler a lei e os profetas; mas para apresentar o sermão que seguia à leitura, o pregador sentava-se em uma cadeira especial, algumas vezes chamada "cadeira do Moisés". Essa cadeira estava sobre uma plataforma, perto do púlpito do qual se lia. Quando Jesus pregava e ensinava, com freqüência, e possivelmente em forma habitual, sentava-se (Mat. 5: 1; Mar. 4: 1; Luc. 5: 3; Juan 8: 2), costume que, ao menos em certas ocasiões, seguiram seus discípulos (Hech. 16: 13; ver P. 59).

Fixos.

Sem dúvida havia uma atmosfera de suspense causada pela extremada atenção (cf. Hech. 6: 15; 10: 4; etc.) e pela séria expressão do rosto do Jesus. Se produziu um efeito similar nas duas ocasiões quando Jesus desencardiu o templo (DTG 130-131, 542; ver com. Luc. 2: 48). Até o ar parecia vibrar de expectativa.

21.

Começou a lhes dizer.

O povo considerava o Jesus como rabino ou professor (Juan 1: 38, 49; 3: 2; 6: 25). Era, pois, de esperar-se que pedisse a um rabino visitante que pregasse o sermão, especialmente porque Nazaret era sua cidade e porque sendo ainda jovencito tinha lido as Escrituras nesta mesma sinagoga (ver com. Luc. 4: 16). É evidente que Lucas só apresenta uma muito breve síntese do que disse Cristo nesta ocasião, selecionando possivelmente os comentários que produziram o efeito descrito no vers. 22 e a violenta reação dos vers. 28-29.

Hoje.

Este anúncio fez compreender sem dúvida aos pressente que Jesus os considerava pobres, quebrantados, cativos, cegos e oprimidos (DTG 204). Durante seu ministério Jesus citou vez detrás vez aos profetas do AT, e afirmava: "Hoje se cumpriu esta Escritura diante de vós" (DTG 209).

Esta Escritura.

Quem afirma que Jesus nunca se considerou a si mesmo como o Mesías das profecias do AT, fariam bem em considerar esta passagem. Os judeus de tempos de Cristo entendiam que ISA. 61: 1-2 era evidentemente uma profecia messiânica.

22.

Todos davam bom testemunho.

A gente do Nazaret tinha ouvido informe sobre o poder que acompanhava à predicación do Jesus durante seu ministério na Judea (ver com. Mat. 4: 12). Agora essa mesma gente teve a oportunidade de sentir-se subjugada pelo encanto dessa predicación. deram-se conta de que os informe não tinham sido exagerados.

As palavras de graça.

Teve que haver-se dito muito mais que o que aqui se registra. A gente ficou fascinada e encantada com as palavras do Jesus, cheias de graça e encanto.

Não é este?

A forma da pergunta grega indica que se esperava uma resposta afirmativa. Esta pergunta não expressa incerteza, a não ser admiração. Tinham conhecido a Jesus através dos anos, mas chegaram a considerá-lo como a um homem comum, semelhante a qualquer, possivelmente com menos falta que eles. negaram-se a acreditar que Aquele a quem conheciam 713 tão bem pudesse ser o Prometido, e seu falta de fé os deixou turvados.

Filho do José.

Jesus era considerado usualmente como "filho do José" (ver com. cap. 2: 33, 41; 3: 23). A mãe do Jesus, seus irmãos e irmãs, ainda viviam no Nazaret (Mat. 13: 54-56; DTG 203), e sem dúvida estavam pressentem entre o público. É provável que enquanto a gente se perguntava "não é este o filho do José?", seus olhares se dirigissem espontaneamente para esses membros da família de Jesus. Só pode especular-se quanto aos pensamentos da María em uma ocasião como esta (Luc. 2: 34-35, 51).

23.

Sem dúvida.

Gr. pántÇs, "totalmente", "por todos os meios", "sem dúvida", ou "certamente" (BJ). O advérbio pántos se usa para destacar uma afirmação ou uma negação (Hech. 18: 21; ROM. 3: 9). Jesus contemplou os rostos dos que ali estavam reunidos, e conheceu no ato quais eram os pensamentos que os perturbavam. Seu esforço por dar a conhecer seus auditores a verdadeira atitude e condição deles (Luc. 3: 23-27) enfureceu-os ainda mais, e os induziu a que tentassem lhe tirar a vida. Jesus demonstrou muitas vezes que sabia ler os pensamentos dos homens, e dessa maneira provou sua divindade (ver com. cap.

2: 48).

Médico, te cure a ti mesmo.

Parece que este era um dito popular. A forma hebréia deste provérbio, diz: "Médico, padre sua própria claudicação". Esta idéia foi expressa sarcásticamente de várias maneiras tanto pelos gregos como por outros povos da antigüidade quando algum tratamento era ineficaz. Esta parte do discurso (vers. 23-27) foi a que demonstrou que Jesus conhecia os pensamentos secretos de seus ouvintes (DTG 205). Compare-se com uma afronta similar da qual foi objeto na cruz (Mat. 27: 42).

Os comentadores não concordam quanto ao sentido preciso que Jesus quis dar a este provérbio ante seus ouvintes. Alguns sugeriram que estava dando aos pensamentos deles o seguinte significado: "realizaste muitos milagres de cura e tem feito outros sinais ante outros [quer dizer, aos de Capernaúm], agora mostra um sinal em seu favor [ante os do Nazaret]. Afirma que é o Mesías da profecia; nos deixe ver alguns teus milagres". Muitas vezes se tentou que Jesus mostrasse alguma sinal, mas ele nunca satisfez esta exigência (Mat. 12: 38-39; Mar. 8: 11-12; Juan 6: 30-32).

Esta petição silenciosa permite entender que Jesus não tinha feito nenhum milagre nem em sua infância nem em sua juventude, como o afirmam os evangelhos apócrifos (ver com. Luc. 2: 52). Os habitantes do Nazaret lhe estavam pedindo que defendesse sua reputação diante deles; é como se lhe houvessem dito: "Demonstra aqui o que é".

Feito no Capernaúm.

Muitos comentadores consideraram que esta referência a milagres feitos em Capernaúm prova que este episódio ocorreu na última parte do ministério de Cristo na Galilea, e que o relato do Lucas a respeito da visita ao Nazaret corresponde com mesmo feito que se registra no Mat. 13: 54-58 e Mar. 6: 1-6. Entretanto, esta conclusão não se justifica porque o filho do nobre acabava de ser sanado no Capernaúm (embora Jesus estava no Caná nesse momento), e, além disso, a cidade se comoveu por esse sucesso (DTG 170). A cura do filho do nobre se feito vários meses antes desta visita o Nazaret (ver com. Juan 4: 53; diagrama pp. 220-221). Além disso, é indubitável que a gente de Galilea tivesse ouvido informe dos milagres realizados na Judea (Juan 4: 44-45; DTG 167). Fica claro que o ministério metódico e amplo do Capernaúm ainda não se tinha iniciado (ver com. Mat. 4: 12-13), embora Jesus já havia visitado a cidade brevemente (Luc. 4: 14-15; Juan 2: 12; ver Nota Adicional de Luc. 4).

24.

De certo.

Gr. am'n, "certamente", "verdadeiramente" (ver com. Gén. 15: 6; Deut. 7: 9; Mat. 5: 18).

Nenhum profeta.

Jesus veio a seus próprios concidadãos e não lhe receberam (Juan 1: 11). O orgulho lhes impediu de reconhecer a presença do Prometido no carpinteiro que tinham conhecido desde sua tenra infância (DTG 204).

25.

Três anos e seis meses.

Com referência à duração dessa fome, ver com. 1 Rei. 18: 1 (cf. Sant. 5: 17).

26.

A nenhuma delas.

Deus não pode fazer nada em favor dos que são duros de coração e incrédulos, que não sentem sua necessidade espiritual (ver com. Mat. 5: 3). Nossa posição diante de Deus se determina não pela abundância de luz que tenhamos recebido, mas sim pelo uso que lhe tenhamos dado (DTG 206). É interessante notar que Lucas, que escreveu principalmente para leitores gentis, é o único que registra estas palavras do Jesus nas quais elogia aos gentis crentes e condenação aos israelitas incrédulos. 714

Uma mulher viúva.

Ver 1 Rei. 17: 8-24.

Sarepta.

Cidade fenícia, situada a 24 km ao norte de Tiro; conhece-se hoje como Sarafán. Cristo relatou este episódio como sua primeira ilustração da verdade que desejava transmitir com o dito que tinha chamado no vers. 23. A falta de fé dos habitantes do Nazaret foi o que impediu que Jesus fizesse milagres ali (Mar. 6: 5-6). Não foi porque não pudesse fazê-los, mas sim porque eles não estavam preparados para receber as bênçõe que ele desejava lhes dar.

27.

Muitos leprosos.

Jesus apresenta uma segunda ilustração para o dito do vers. 23. O relato da cura do Naamán se encontra em 2 Rei 5: 1-19. Alguns dos "muitos leprosos... no Israel" aos quais Jesus aludiu, aparecem em 2 Rei 7: 3.

28.

Para ouvir.

Os habitantes do Nazaret não foram lentos em entender a aplicação das palavras que Jesus tinha pronunciado. Compreenderam claramente o que queria lhes dizer. Possivelmente recordaram alguns feitos da infância, a adolescência e a juventude do Salvador, quando sua lealdade ante o correto tinha condenado tacitamente a conduta erro deles (DTG 68). A repreensão implícita de Jesus nesta ocasião caiu duramente sobre seus corações maldispuestos. Seu coração ímpio se rebelou (cf. ROM. 8: 7), embora por um momento se deram conta dos defeitos de seu próprio caráter e de sua necessidade de verdadeiro arrependimento e conversão. O orgulho e o prejuízo obscureceram sua mente maldispuesta ante a luz da verdade que por um instante tinha penetrado a escuridão de sua alma.

encheram-se de ira.

Compreenderam que as palavras do Jesus os descreviam perfeitamente, e não quiseram escutar mais. Se o aceitavam, tinham que admitir que não eram melhores que os pagãos, a quem considerava como a cães, e isto não podiam admiti-lo. negaram-se a humilhar seu coração. Quão diferentes eram as palavras do Jesus das "coisas aduladoras" que estavam acostumados para ouvir! (ver com. ISA. 30: 10). Parece que os habitantes do Nazaret preferiam permanecer pobres, cegos e escravizados (cf. Luc. 4: 18). Embora foram tocados no mais íntimo de seu ser, sua má consciência reagiu rapidamente para silenciar as penetrantes palavras de verdade. O violento orgulho nacional se sentiu ofendido ante a idéia de que as bênções do Evangelho pudessem ser concedidas também aos pagãos, e devido a seu fanática intolerância estiveram dispostos a matar ao Príncipe da vida (cf. Hech. 3: 15).

29.

Levantando-se.

A gente do Nazaret terminou de escutar antes de que Jesus terminasse de falar. "Não lhe receberam" (Juan 1: 11). Seus corações abrigavam intenções homicidas, até em dia sábado, e estiveram preparados para aniquilar ao Jesus.

Cúpula do monte.

Literalmente, "a sobrancelha do monte", ou seja "crista do monte". O monte da Precipitação, lugar tradicional deste acontecimento, está a 3 km de Nazaret, muito mais distante que o caminho ou distância que era permitido andar em dia sábado. É muito mais provável que a gente o tivesse levado até um promontório de pedra calcária de 9 a 12 m de altura na parte sudoeste da aldeia, e ainda visível hoje, atrás do convento maronita.

30.

Passou por no meio.

Os anjos o cobriram e o levaram a um lugar seguro como o fizeram em outra ocasião (cf. Juan 8: 59), e assim como muitas vezes protegeram aos testemunhas do céu em todas as idades (DTG 207). Algo semelhante ocorreu em os casos do Lot (Gén. 19: 10-11) e do Eliseo (2 Rei. 6: 17-18), e também em os tempos modernos. Jesus "passou por no meio" da multidão sob a amparo de Santos anjos (DTG 207). Os que estiveram decididos a matar a Jesus, foram impedidos em várias ocasiões de levar a cabo suas ímpias intenções (Juan 7: 44-46; 10: 31-39), porque a obra de Cristo ainda não havia terminado, "porque ainda não tinha chegado sua hora" (Juan 7: 30).

foi.

Como já se fez notar, esta visita o Nazaret, a primeira do batismo de Jesus, possivelmente ocorreu por volta de fins da primavera ou começos do verão do ano 29 d. C. (ver com. vers. 16). Sua próxima e última visita a fez quase um ano mais tarde, a começos da primavera do ano 30 d. C., pouco antes da páscoa(ver com. Mar. 6: 1-6).

31.

Descendeu.

[Viaje ao Capernaúm, Luc. 4: 31a = Mat. 4: 13-17 = Mar. 1: 14-15. Comentário principal: Mateo.] Da aldeia do Nazaret situada nas montanhas, até Capernaúm, à beira do mar da Galilea, a 32 km de distância, descende-se de 349 m sobre o nível do mar a 209 m por debaixo deste nível. É possível que María e outros membros da família tenham acompanhado a Cristo ao Capernaúm.

Cidade da Galilea.

Possivelmente Lucas acrescentou 715 esta explicação em benefício de seus leitores, pois não todos conheciam a geografia da Palestina (ver P. 650).

Ensinava-lhes.

[O diabólico na sinagoga, Luc. 4:31b -37 = Mar. 1:21-28. Comentário principal: Marcos.] O pretérito imperfeito do verbo indica que Jesus ensinou repetidas vezes durante certo tempo. Jesus começou a ensinar na sinagoga do Capernaúm e provavelmente estabeleceu ali o centro de seu ministério.

Nos dias de repouso.

Este era o costume do Senhor Jesus (ver com. vers. 16).

32.

admiravam-se.

A admiração e o assombro eram a reação habitual ante o ensino do Jesus (Mat. 7: 28-29; 13: 54; Mar. 6: 2).

Autoridade.

Gr. exousía, "poder", "autoridade" (ver com. cap. 1: 35). Com referência à forma impressionante em que Jesus falava, ver DTG 204, 218-220.

33.

Na sinagoga.

Esta era possivelmente a sinagoga construída por um centurião romano para a gente de Capernaúm (cap. 7: 5).

Demônio.

Ver Nota Adicional do Marcos 1.

34.

nos deixe.

Gr. éa, considerado por alguns como imperativo do verbo eáÇ, "deixar", "permitir"; mas com maior probabilidade é como interjeição, exclamação de surpresa, desagrado, ira ou consternação. A BJ e BC traduzem: "Ah!"

35.

Não lhe fez mal.

Como bem poderia haver-se esperado (ver com. Mar. 1: 26). Só Lucas, o médico, registra este importante detalhe.

38.

Tinha uma grande febre.

[Jesus sã à sogra do Pedro, Luc. 4: 38-39 = Mat. 8: 14-15 = Mar. 1: 29-31. Comentário principal: Marcos.] É possível que a frase grega que expressa esta idéia fora um término médico. Segundo algumas fontes, a medicina grega dividia as febres em duas classes, "grandes" e "pequenas", ou seja, "altas" e "baixas".

39.

Inclinando-se para ela.

Como o tivesse feito um médico.

40.

Ao ficar o sol.

[Muitos som sanados ao ficar o sol, Luc. 4: 40-41 = Mat. 8: 16-17 = Mar. 1: 32-34. Comentário principal: Marcos.]

41.

Demônios.

Ver a Nota Adicional de Mar. 1.

Não lhes deixava falar.

Jesus obrigou imediatamente aos demônios a guardar silêncio, possivelmente porque esse testemunho poderia dar a entender que ele estava aliado com eles (ver com. Mar. 3: 11).

O Cristo.

Quer dizer, o Mesías. O artigo definido anteposto a "Cristo" faz que este nome seja um título e não só um nome próprio (ver com. Mat. 1: 1).

42.

Quando já era de dia.

[Jesus percorre Galilea pregando, Luc. 4: 42-44 = Mat. 4: 23-25 = Mar. 1: 35-39. Comentário principal: Marcos.]

Lugar deserto.

Gr. éremos (ver com. cap. 1: 80).

Detinham-lhe.

Quer dizer, desejavam impedir que Cristo os deixasse, e faziam quanto podiam para evitar que se fora.

44.

Da Galilea.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) o texto "da Judea". Lucas parece ter utilizado a palavra "Judea" em um sentido muito amplo, para referir-se a toda a Palestina. Como Lucas escreveu, em primeiro lugar, para gentis que não eram palestinos, possivelmente considerou que a palavra "Judea" lhes seria mais compreensível e, de todos os modos, suficientemente precisa para obter o que ele propunha-se (ver P. 650).

NOTA ADICIONAL DO Lucas 4

Há diferenças de opinião quanto a se o primeiro rechaço de Cristo em Nazaret ocorreu antes ou depois da páscoa do 29 d. C. Segundo uma posição, esta visita o Nazaret e os outros acontecimentos transcorridos até completar a primeira viagem pela Galilea ocorreram antes da páscoa. chega-se a esta conclusão fazendo concordar a viagem do Jesus da Judea a Galilea, mencionado no Mat. 4: 12 e Mar.1: 14 (por causa do encarceramento do Juan o Batista), com a viagem do Juan 4: 1-3 (devido às lutas entre os discípulos de Jesus e os do Juan).

Para apoiar esta posição se faz referência aos seguintes feitos: (1) A. T. Olmstead (Jesus in the Light of History, P. 281) afirma que Jesus leu ISA. 61: 1-3 "em 18 de dezembro do ano 28 d. C., e que esta leitura corresponde com o 62.º Séder do ciclo trienal de leituras da lei e os profetas para a sinagoga. (2) Desde não ser assim, haveria um estranho silêncio dos evangelistas sinóticos quanto aos acontecimentos transcorridos entre a páscoa do ano 28 e a do 29, em comparação com o relato detalhado do acontecido entre a páscoa do ano 29 e a do 30. (3) Lucas 716 nada diz quanto à presença dos discípulos com o Jesus durante esta visita o Nazaret. Se argumenta que depois da entrevista com o nobre no Caná, Jesus foi sozinho a Nazaret, depois de enviar a seus discípulos ao Capernaúm para que não fossem testemunhas do rechaço no Nazaret. Ver diagramas pp. 219-221.

Esta posição apresenta as seguintes dificuldades:

L. A afirmação do Olmstead de que Jesus leu na ISA. 61: 1-3 porque essa era a leitura que, segundo o ciclo trienal, devia ler-se esse sábado, apóia-se em uma lista de leituras de ciclos trienais que data aproximadamente do ano 600 d. C., lista que se encontrou na geniza (depósito de cilindros desgastados) da sinagoga Fustat, no Cairo. sabe-se que em um tempo se usou um ciclo trienal na Palestina, mas não há evidência alguma de que houvesse leituras específicas dos profetas atribuídas para na sábado na sinagoga, antes da destruição do templo no ano 70 d. C. Além disso, Olmstead cita ao Jacobo Mann (The Bible ás Read and Preached in the Old Synagogue, pp. 481, 569, 573) para apoiar a idéia de que a passagem da ISA. 61: 1-3 correspondia com o 62.º Séder, quando, na verdade, Mann chega à conclusão de que a leitura da ISA. 61: 1-3 não chegou a ser a passagem dos profetas, correspondente ao 62.º Séder do ciclo trienal, a não ser até muito depois dos tempos do NT (pp. 481-487). portanto, a idéia de que o 62.º Séder do ciclo trienal proporciona uma base válida para se localizar o primeiro rechaço do Nazaret, carece de fundamento. Por outra parte, segundo Elena do White (2SP 110), "ao final do culto", depois da leitura habitual dos profetas (ver P. 59) e da exortação do

ancião, "Jesus se levantou com tranqüila dignidade e pediu que lhe entregasse o livro do profeta Isaías". Parece que ele mesmo escolheu a passagem que ia a ler (ver T. V, pp. 59-60; dados bibliográficos da obra do Olmstead na P. 259).

2. A idéia de que o silêncio dos autores sinóticos requer que se situem os fatos do ministério na Galilea entre o primeiro rechaço do Nazaret e o fim da primeira viagem pela Galilea, e que isto corresponda com o ano transcorrido entre a páscoa do ano 28 e a do 29, é, no melhor dos casos, um argumento apoiado no silêncio, e portanto não é convincente. Juan guarda tanto silêncio sobre o ministério do Jesus na Galilea como o fazem os evangelistas sinóticos a respeito de seu ministério na Judea. Até onde saibamos, nenhum dos autores dos sinóticos foi testemunha ocular do ministério na Judea. O fato de que o ministério na Judea produzira pouco fruto em comparação com o ministério na Galilea (DTG 165, 199), possivelmente induziu aos autores dos sinóticos a ver pouca razão para relatar ampliamente este ministério (ver com. cap. 4: 23).

3. A terceira hipótese se apóia em um argumento de silêncio; portanto, tampouco é decisiva. Esta primeira posição carece, pois, de uma evidência positiva.

As razões que podem dar-se para se localizar o primeiro rechaço no Nazaret na primavera (março- maio) do ano 29 d. C., depois da páscoa, são as seguintes:

1. Juan diz claramente que o retiro da Judea a Galilea (cap. 4: 1-3) ocorreu como resultado da luta entre os discípulos do Juan o Batista e os do Jesus (cap. 3: 25-36; 4: 1-2), e insinúa com bastante claridade que Juan não estava no cárcere quando ocorreu essa questão (cap. 3: 23-26). Se Juan tivesse estado no cárcere e sua obra já tivesse concluído, não haveria razão alguma para que houvesse uma disputa, porque Jesus fazia e batizava "mais discípulos que Juan" (Juan 4: 1). Juan já não teria estado batizando se tivesse estado encarcerado, e dificilmente seus discípulos teriam começado a discutir quem era o major (Juan 3: 23, 26, 30; cf. cap. 4: 1). Quando "os discípulos do Juan vieram a ele com seus motivos de queixa.... a missão do Juan parecia estar a ponto de terminar"; mas se tivesse querido fazê-lo, "era-lhe ainda possível estorvar a obra de Cristo", pois ainda estava pregando e batizando. Mas no cárcere pouco poderia fazer para "estorvar a obra de Cristo" (DTG 150-151). Por estas razões, parece difícil supor que o retiro narrado nos sinóticos (Mat. 4: 12; Mar. 1: 14) corresponda com o do Juan 4: 1-3. O primeiro retiro se relacionou exclusivamente com o encarceramento do Juan, enquanto que o segundo está relacionado com a luta entre os dois grupos de discípulos.

2. O retiro do Jesus narrado nos sinóticos (Mat. 4: 12; Mar. 1: 14) e o começo de seu ministério na Galilea, são localizados especificamente (DTG 198-199 e DMJ 8-10) depois dos acontecimentos do Juan 5, que ocorreram na páscoa do ano 29 d. C. Segundo estas referências, o retiro mencionado pelos evangelistas sinóticos pode fazer-se corresponder 717 com o do Juan 4: 1-3 unicamente se o primeiro rechaço do Nazaret, o começo do ministério em Capernaúm, a chamada junta ao mar e a primeira viagem pela Galilea, não são considerados como parte do ministério na Galilea.

3.Jesús voltou a referir-se à mensagem da ISA. 61: 1-3 poucas semanas mais tarde na sinagoga do Capernaúm (DTG 220), e parece ter empregado palavras similares às que pronunciasse no Nazaret em diversas ocasiões posteriores

(DTG 203-204; cf. 209). portanto, parece que a leitura da ISA. 61: 1-3 em Nazaret e o sermão apoiado nessa passagem foram escolhidas pelo Jesus (ver P. 59; 2SP 1 10), e que usualmente pregava a respeito deste texto com o fim de expor a natureza e os propósitos de seu ministério.

portanto, parece preferível se localizar o primeiro rechaço do Nazaret na última parte da primavera (abril-maio) do ano 29 d. C. (ver pp. 183, 238; diagrama P. 219).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 DTG 89

1-4 Lhe 253

1-13 DTG 89-99

2 1JT 219, 416

3 P 155; Lhe 244

4 P 155; Lhe 244

5-8 P 156

5-13 DTG 100-105

6-7 DTG 103

7 5T 481

8 CS 55; DTG 103

10-12 P 156

16-17 DTG 203

16-19 MB 178

16-27 HAp 333

16-30 DTG 203-210

18 DC 10; CMC 168; CS 22, 375; DTG 395, 462, 763; Ed 109; Ev 423; 2JT 483; MB 82; MC 330, 349; PVGM 122; 8T 308

18-19 DTG 325; 1JT 367; PR 530; PVGM 342-343; 8T 134

18-22 DTG 203

21 DTG 208

22 FÉ 472

23-27 DTG 205

25 CS 370

27 PR 189

28-30 DTG 206

29-30 P 159

32 CS 394; DTG 218, 322, 416; Ed 77

33-36 CS 570

35 MC 60

36 CS 570

38 DTG 224; MC 19

43 MC 20

CAPÍTULO 5

1 Cristo ensina às pessoas da barco do Pedro. 4 Uma pesca milagrosa ensina ao Pedro que ele e seus companheiros serão pescadores de homens. 12 Cristo sã a um leproso; 16 ora em um lugar deserto; 18 sã a um paralítico; 27 chama o Mateo o publicano; 29 come com os pecadores, pois é o Médico das almas; 34 prediz os jejuns e aflições dos apóstolos depois de seu ascensão, 36 e compara aos discípulos temerosos e débeis com vasilhas velhas e vestidos quebrados.

1 ACONTECIO que estando Jesus junto ao lago do Genesaret, a multidão se amontoava sobre ele para ouvir a palavra de Deus.

2 E viu duas barcos que estavam perto da borda do lago; e os pescadores, tendo descendido delas, lavavam suas redes.

3 E entrando em uma daquelas barcos, a qual era do Simón, rogou-lhe que a separasse-me de terra um pouco; e sentando-se, ensinava da barco à multidão.

4 Quando terminou de falar, disse ao Simón: Rema mar dentro, e joguem suas jogue a rede para pescar.

5 Respondendo Simón, disse-lhe: Professor, toda a noite estivemos trabalhando, e nada pescamos; mas em sua palavra jogarei a rede.

6 E havendo-o feito, encerraram grande quantidade de peixes, e sua rede se rompia.

7 Então fizeram gestos aos companheiros que estavam na outra barco, para que viessem 718 a lhes ajudar; e vieram, e encheram ambas as barcos, de tal maneira que se afundavam.

8 Vendo isto Simón Pedro, caiu de joelhos ante o Jesus, dizendo: te aparte de mim, Senhor, porque sou homem pecador.

9 Porque pela pesca que tinham feito, o temor se deu procuração dele, e de todos os que estavam com ele,

10 e deste modo do Jacobo e Juan, filhos do Zebedeo, que eram companheiros do Simón.
Mas Jesus disse ao Simón: Não tema; a partir de agora será pescador de homens.

11 E quando trouxeram para terra as barcos, deixando-o tudo, seguiram-lhe.

12 Aconteceu que estando ele em uma das cidades, apresentou-se um homem cheio de lepra, o qual, vendo o Jesus, prostrou-se com o rosto em terra e lhe rogou, dizendo: Senhor, se quiser, pode me limpar.

13 Então, estendendo ele a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero; sei limpo. E imediatamente a lepra se foi dele.

14 E lhe mandou que não o dissesse a ninguém; a não ser vê, disse-lhe, te mostre ao sacerdote, e oferece por sua purificação, conforme mandou Moisés, para testemunho a eles.

15 Mas sua fama se estendia mais e mais; e se reunia muita gente para lhe ouvir, e para que lhes sanasse de suas enfermidades.

16 Mas ele se apartava a lugares desertos, e orava.

17 Aconteceu um dia, que ele estava ensinando, e estavam sentados os fariseus e doutores da lei, os quais tinham vindo de todas as aldeias da Galilea, e da Judea e Jerusalém; e o poder do Senhor estava com ele para sanar.

18 E aconteceu que uns homens que traziam em um leito a um homem que estava paralítico, procuravam lhe levar dentro e lhe pôr diante dele.

19 Mas não achando como fazê-lo por causa da multidão, subiram em cima da casa, e pelo telhado lhe baixaram com o leito, lhe pondo no meio, diante de Jesus.

20 Ao ver ele a fé deles, disse-lhe: Homem, seus pecados lhe são perdoados.

21 Então os escribas e os fariseus começaram a refletir, dizendo: Quem é este que fala blasfêmias? Quem pode perdoar pecados a não ser só Deus?

22 Jesus então, conhecendo os pensamentos deles, respondendo lhes disse: O que refletem em seus corações?

23 O que é mais fácil, dizer: Seus pecados lhe são perdoados, ou dizer: te levante e anda?

24 Pois para que saibam que o Filho do Homem tem potestad na terra para perdoar pecados (disse ao paralítico): te digo: te levante, toma seu leito, e vete a sua casa.

25 Imediatamente, levantando-se em presença deles, e tomando o leito em que estava deitado, foi a sua casa, glorificando a Deus.

26 E todos, sobressaltados de assombro, glorificavam a Deus; e cheios de temor, diziam: Hoje vimos maravilhas.

27 depois destas coisas saiu, e viu um publicano chamado Leví, sentado ao banco dos tributos públicos, e lhe disse: me siga.

28 E deixando-o tudo, levantou-se e lhe seguiu.

29 E Leví lhe fez grande banquete em sua casa; e havia muita companhia de nos publique e de outros que estavam à mesa com eles.

30 E os escribas e os fariseus murmuravam contra os discípulos, dizendo: por que comem e bebem conosco publique e pecadores?

31 Respondendo Jesus, disse-lhes: Os que estão sãs não têm necessidade de médico, a não ser os doentes.

32 Não vim a chamar justos, a não ser a pecadores ao arrependimento.

33 Então eles lhe disseram: Porquê os discípulos do Juan jejuam muitas vezes e fazem orações, e deste modo os dos fariseus, mas os teus comem e bebem?

34 O lhes disse: Podem acaso fazer que os que estão de bodas jejuem, entre tanto que o marido está com eles?

35 Mas virão dias quando o marido lhes será tirado; então, naqueles dias jejuarão.

36 Lhes disse também uma parábola: Ninguém curta um pedaço de um vestido novo e põe-o em um vestido velho; pois se o faz, não somente rompe o novo, a não ser que o remendo tirado dele não harmoniza com o velho.

37 E ninguém joga vinho novo em odres velhos; de outra maneira, o vinho novo romperá os odres e se derramará, e os odres se perderão.

38 Mas o vinho novo em odres novos se tem que jogar; e o um e o outro se conservam.

39 E nenhum que bebê do antigo, quer logo o novo; porque diz: O antigo é mejor.719

1.

Aconteceu.

[A pesca milagrosa, Luc. 5: 1-11 = Mat. 4: 18-22 = Mar. 1: 16-20. Comentário principal: Lucas. Ver mapa P. 208; diagrama P. 221; com referência aos milagres, pp. 198-203.] Lucas registra fora de ordem cronológica o chamada do Pedro, Andrés, Jacobo e Juan à beira do mar da Galilea. Este relato (vers. 1-11) deveria aparecer entre os vers. 32 e 33 do cap. 4 (ver com. Mat. 4: 23). Parece que Lucas distribui deste modo os relatos para apresentar juntos dois episódios relacionados com a predicación nas sinagogas -o primeiro no Nazaret (Luc. 4: 16-30), e o segundo no Capernaúm (vers. 31-37)- e para unir a chamada dos discípulos (cap. 5: 1-11) com seu relato da primeira viagem de predicación pela Galilea (vers. 12-15).

Lago.

Gr. límn', "lago", "lacuna", "lago". Lucas tinha conhecido em suas viagens mais de perto o mediterrâneo, e por isso nunca chama "mar" (Gr. thálassa) ao mar da Galilea, a não ser límn'. Os outros evangelistas sempre o chamam thálassa, "mar".

Genesaret.

Perto dali estava a fértil planície do Genesaret que provavelmente deu nomeie ao lago (Mat. 14: 34; Mar. 6: 53). A planície, situada entre as colinas e o lago, com o Capernaúm ao norte e Magdala pelo sul, mede 5 km de comprimento e 3 de largura. Por causa de seu clima semitropical produz nozes, figos, azeitonas, frutas cítricas e uvas. Em tempos do AT o lago do Genesaret era usualmente chamado mar do Cineret (Núm. 34: 11; Jos. 12: 3; etc.). Na época do Jesus o mar da Galilea ou lago do Genesaret, confinava com a zona mais rica e povoada de toda a Palestina. Embora a maior parte da população da Galilea era judia, a zona estava a bastante distância de Jerusalém, ponto central do judaísmo (ver com. Luc. 2: 42, 44); e estava, em certo modo, um pouco afastada dos prejuízos e os antagonismos do judaísmo. Em muitos sentidos era o lugar ideal para que Cristo realizasse sua obra.

amontoava-se.

Em vista do parecido aparente entre o sucesso narrado aqui e o do Juan 21: 1-17, alguns comentadores chegaram à conclusão de que os dois relatos são diferentes versões de um mesmo acontecimento; entretanto, o estudo cuidadoso do contexto mostra que isto não é possível (cf. DTG 749-756).

Era cedo pela manhã quando Jesus caminhou junto ao mar, entretanto a gente já se reunia ao redor dele. Isto atesta de sua fama ou de seu popularidade já antes dos milagrosos acontecimentos em um sábado ainda futuro (cap. 4: 31-41).

Palavra de Deus.

Quer dizer, conforme a apresentava Jesus em seu predicación e ensino. Seus palavras eram cheias de graça (cap. 4: 22), estavam cheias de poder vivificador (Juan 6: 63, 68), e a gente tinha fome das escutar. Como devem haver-se emocionado seus corações ao escutar a Aquele que era a Palavra de Deus encarnada! (ver com. Juan 1: 1-3).

2.

Barcos.

Uma das barcos mencionadas aqui era a do Pedro e Andrés; a outra era de Jacobo e do Juan.

Os pescadores.

Os quatro pescadores que logo se converteriam em pescadores de homens, junto com o Zebedeo e dois ou mais "jornaleiros" (Mar. 1: 20), acabavam de voltar de uma noite de pesca (Luc. 5: 5).

Lavavam suas redes.

antes das pendurar para que se secassem. A expressão "jogar a rede" (Mat. 4: 18; Mar. 1: 16) poderia referir-se a qualquer fase do trabalho da pesca. Só significa que eram pescadores. O cuidado das redes era tão importante como seu uso para pescar. Outros do grupo estavam remendando as redes (Mat. 4: 21; Mar. 1: 19), as preparando para a seguinte saída. Se se considerar que os verbos "jogar" e "remendar" são mas bem atividades gerais, não há discrepância alguma entre os diversos relatos (ver segunda Nota Adicional de

Mat. 3; cf. com. Mar. 5: 2; 10: 46; Luc. 7: 3; Nota Adicional do Luc. 7).

3.

Do Simón.

Do Simón Pedro (vers. 8). Para mais dados a respeito do Pedro e sua relação com os outros membros do grupo que aqui aparecem ocupados remendando suas redes, ver com. Mar. 3: 16.

Sentando-se.

Os professores acostumavam sentar-se ao dirigir-se a seus alunos, tanto nas escolas rabínicas como quando os rabinos repartiam instrução pública nos átrios do templo de Jerusalém. Os que ensinavam nas sinagogas também acostumavam sentar-se para fazê-lo (ver com. vers. 4: 20).

4.

Joguem.

Do verbo grego jaláÇ, que se usa para referir-se a baixar cargas ou botes. Em Hech. 27: 17 se traduz "arriaram as velas"; no vers. 30, "jogando o esquife". Com este mesmo verbo se descreve o descida do Pablo pelo muro de Damasco em uma cesta (Hech. 9: 25; 2 Cor. 11: 33). 720

5.

Professor.

Gr. epistát's, literalmente "que está sobre", um superintendente, um capataz. Lucas é o único evangelista sinótico que emprega esta palavra para aplicá-la ao Jesus. A palavra mais comum, usada freqüentemente pelo Lucas e os outros autores do Evangelho, é didáskalos, "que insígnia" (ver com. Juan 1: 32). Em realidade, Pedro era o epistát's ou chefe da empresa pesqueira das dois casais de irmãos e seus jornaleiros (ver com. Mar. 3: 16).

Toda a noite.

Os peixes podiam ver no dia as redes tendidas nas claras águas do mar da Galilea. O único momento favorável para a pesca era a noite.

Nada pescamos.

As águas do mar da Galilea abundavam em peixes, e a pesca era um trabalho comum nessa região. É possível que tivesse sido um caso pouco comum retornar sem ter pescado nada. Possivelmente poderia supor-se que o poder que uns minutos mais tarde proveu tal abundância de peixes, era o mesmo que tinha feito infrutíferos os constantes esforços da noite. Às vezes, a diligência que desdobramos usando só nossas próprias forças não dão nenhum fruto, porque os resultados que se desejam podem obter-se só mediante a cooperação com um poder superior. Entretanto, como parece que ocorreu neste caso, Deus pode intervir em nossos planos e esforços para que nos seja mais evidente e significativa a necessidade de cooperar com ele.

Mas.

Pedro tinha sido pescador possivelmente desde sua infância. Provavelmente lhe tinha ido bastante bem em sua empresa pois dispunha de um grupo de colaboradores. Como pescador experiente, Pedro possivelmente pensava que seu conhecimento da pesca era superior ao de Cristo, que tinha sido carpinteiro. Entretanto, por amor a seu Professor, e com uma confiança apoiada no que já habíale visto fazer a este, Pedro e seus companheiros acessaram ao pedido do Jesus. De todos os modos, não poderia ir pior que na noite passada.

Pedro e seus companheiros estavam, sem dúvida, desanimados, recordando seus esforços infrutíferos da noite anterior. Pedro e possivelmente também seus companheiros, tinham refletido durante as largas horas da noite no destino do Juan o Batista, detento agora por seis largos meses (ver com. cap. 3: 20). Possivelmente também pensaram em que Jesus não tinha podido ganhá-la confiança e o apoio dos dirigentes judeus durante o ano que tinha transcorrido, quando tinha dedicado a maior parte de seus esforços a Judea. Possivelmente também recordaram o caso recente do Nazaret, quando os próprios vizinhos do Jesus tinham tentado lhe matar. Cansados pelo infrutífero trabalho e com o coração torturado e tentado pelo demônio da incredulidade, Pedro e seus companheiros, como Jacob séculos antes, sem dúvida estavam preparados para exclamar: "Contra mim são todas estas coisas" (Gén. 42: 36). Entretanto, o desanimador episódio da noite estava a ponto de ser seguido por um fato que seria para o Pedro o pescador a evidência convincente da divindade de Cristo. Os desanimadores episódios da Judea e do Nazaret estavam deste modo a ponto de ceder ante os gloriosos êxitos da Galilea. Logo as multidões se amontoariam junto ao Jesus até o ponto de que às vezes precisaria esconder-se da gente para poder comer e dormir.

A rede.

Melhor "as redes".

6.

Havendo-o feito.

Pode supor-se que aqui o sujeito tácito é Pedro e Andrés. É possível que Juan e Jacobo estivessem na outra barco ou ainda se achassem arrumando seus jogue a rede na praia (vers. 7).

Grande quantidade de peixes.

Mais cedo não tinham podido pescar nada, agora estavam cooperando com o Jesus e o êxito que conseguiam ultrapassava suas mais acariciadas esperanças. Assim como Cristo não fez nada por si mesmo (Juan 5: 19, 30; 8: 28) quando viveu como homem entre os homens, assim também quem quer lhe seguir para ser pescadores de homens devem aprender que sem ele nada podem fazer (Juan 15: 5). Os esforços podem ser efetivos e permanentes, especialmente na obra de pescar homens, unicamente quando o poder divino se combina com o esforço humano. Compare-se este incidente com a pesca milagrosa em circunstâncias similares aproximadamente um ano e meio mais tarde (Juan 21: 11).

rompia-se.

Pedro e Andrés estavam a ponto de perder seu grande pesca. O fato de que a rede começasse a romper-se é sinal de que esta pesca era algo extraordinário baixo qualquer circunstância e especialmente de dia. Aqui se manifestava um poder divino que não podia ficar em dúvida, poder que impressionaria também aos

outros pescadores na borda.

7.

Fizeram gestos.

Possivelmente Pedro e Andrés estavam muito longe de seus companheiros 721 para que os ouvissem, mas não para que os vissem.

Companheiros.

Gr. métojos, "que compartilha". É provável que os companheiros fossem Santiago e Juan (vers. 10). No Heb. 3: 1, 14; 12: 8, a palavra métojos se traduz como "participante"; neste caso, com referência a que somos participantes com Cristo.

8.

Vendo isto Simón Pedro.

Pedro, que era um bom pescador e tinha passado possivelmente a maior parte de sua vida pescando nessas águas, deu-se conta imediatamente que tinha ocorrido um milagre. Pedro pensava que conhecia os hábitos dos peixes da Galilea, mas até os peixes de seu próprio lago pareciam estar submetidos ao Jesus. Agora ele também estava disposto a obedecer as ordens do grande Pescador de homens. Ver com. vers. 6, 9.

Caiu de joelhos.

Isto aconteceu enquanto as barcos estavam ainda no meio do lago e os outros ainda estavam assegurando o conteúdo das redes. Provavelmente Cristo ainda estava na barco do Simón (vers. 3).

te aparte de mim.

Sobre a consciência do Pedro pesou sobremaneira o reconhecimento de sua própria indignidade para estar associado com o Jesus. Entretanto, aferrou-se de Cristo, atestando silenciosamente que suas palavras refletiam um sentimento de completa indignidade e não o desejo de separar-se do Jesus (DTG 213).

Senhor.

Gr. kúrios, "senhor", título aplicado com freqüência ao Jesus, tanto pelo Lucas como pelos outros evangelistas (ver com. cap. 2: 29; cf. com. Juan 13: 13; 20: 28).

Homem pecador.

Um ladrão não pode menos que sentir-se inquieto em presença de um policial, embora o policial não saiba nada de seus atos criminais. Com quanta razão não deveria o pecador sentir-se envergonhado e indigno na presença de um Salvador perfeito! Este sentimento de indignidade é a primeira reação do coração humano quando Deus, por meio de seu Espírito, começa a transformar a vida e o caráter. Assim ocorreu ao Isaías quando, em visão, esteve na presença divina (ISA. 6: 5). Deus não pode fazer nada em favor do que não sente primeiro sua necessidade de salvação. Só os que têm fome e sede de justiça serão saciados (ver com. Mat. 5: 3, 6). Pedro compreendeu

profundamente, possivelmente pela primeira vez, sua própria necessidade espiritual.

9.

O temor se deu procuração dele.

"O assombro se deu procuração dele" (BJ). A alegria pela grande pesca-se desavença à medida que Pedro e seus companheiros puderam, com uma visão mais clara, ver além da evidência material do poder divino, a verdade invisível da qual o milagre dava um mudo testemunho.

10.

E deste modo do Jacobo e Juan.

nomeiam-se especificamente a dois dos companheiros do Pedro, e é de supor-se que Andrés, seu irmão, também estava ali. No vers. 9 aparecem como "todos os que estavam com ele". Lucas destaca que os quatro responderam do mesmo modo ante o milagre e apreciaram sua importância. O fato de que aqui, como também em outras passagens, nomeie-se primeiro ao Jacobo, poderia sugerir que ele era o major dos dois (DTG 259).

Zebedeo.

Ver com. Mat. 4: 21.

Companheiros.

Gr. koinonós, "associado", "sócio". Koinonós indica uma relação mais estreita que métojos (ver com. vers. 7).

Ao Simón.

Cf. Mat. 4: 18-22; ver com. Mar. 3: 16. Embora Jesus se dirigiu principalmente ao Simón, quem tinha sido o primeiro em captar o significado do milagre e também em responder ao mesmo, os outros sabiam que eles também estavam incluídos (Luc. 5: 11).

Pescador.

Gr. zÇgréÇ, de zÇós, "vivo" e agreúÇ, "tomar": "tomar vivo", "capturar". Nesse mesmo momento o grande Pescador estava "pescando" ao Pedro, Andrés, Jacobo e Juan. O milagre radicava em sua "rede". Seu propósito ao "pescar" vivos a estes quatro era que eles, a sua vez, "pescassem" a outros ainda vivos. A figura não era tão inteiramente nova, porque muito antes o profeta Jeremías tinha empregado um linguagem similar (Jer. 16: 16). Pedro, Andrés, Jacobo e Juan tinham sido presos na rede do Evangelho. Não podiam escapar; na verdade, não tinham nenhum desejo de escapar (ver com. Luc. 5: 8-9).

Que contraste! Os peixes que eles tinham pescado durante toda sua vida, morriam ao ser tirados da água. Mas a partir de agora em adiante seriam pescadores de homens "para que" tivessem "vida, e para que a" tivessem "em abundância" (Juan 10: 10; cf. Luc. 19: 10).

11.

Deixando-o tudo.

Aqui estavam os quatro sócios, donos da pesca mais abundante que jamais houvessem trazido para terra; mas no momento de seu maior êxito material, abandonaram a empresa (DTG 239). A pesar do alto significado do milagre, deve lhes haver demandado uma verdadeira medida de722 fé o deixar sua ocupação para levar uma vida incerta como seguidores de um professor itinerante, que até esse momento não parecia ter obtido muito êxito (DTG 211- 212). Mas Jesus, ao lhes proporcionar abundantes pescados, demonstrou seu poder para fazer frente às necessidades de seus seguidores, e acreditaram com humilde fé.

Os discípulos não vacilaram no mais mínimo. A decisão de dissolver seu bem-sucedida sociedade pesqueira para participar de uma sociedade muito mais elevada com Jesus como pescadores de homens, foi feita em forma foto instantânea e sabendo bem o que faziam. Não necessitaram tempo para refletir nem para fazer provisão para as necessidades de suas famílias (cf. Mat. 8: 19-22). Tinham arrojado seus barcos ao mar como simples pescadores; mas quando retornaram a terra se lançaram por fé "mar dentro", tal como Cristo os chamava, para pescar homens. Toda a noite tinham procurado em vão o que necessitavam para sustentar sua vida; agora, por amor a Cristo, estiveram dispostos a perder tudo o que a vida tinha para lhes oferecer, e ao fazê-lo começaram uma vida mais rica, mais abundante (cf. Mat. 10: 39). Tomaram a cruz do serviço, e seguiram nas pegadas do Jesus (ver com. Mar. 3: 14).

Como Pablo alguns anos mais tarde, estiveram preparados a considerar como perda todas suas posses terrestres, porque consideraram que "a excelência do conhecimento de Cristo Jesus" era de um valor imensamente maior. As coisas que antes lhes tinham parecido valiosas, agora lhes pareciam desprezíveis. a partir de agora em adiante sua sorte seria aprender do Jesus, ter comunhão com ele em seus sofrimentos e compartilhar com todos os homens o conhecimento do poder da ressurreição do Salvador (Fil. 3: 8-10). Acharam a pérola de grande preço; desfizeram-se de todos seus interesses e posses terrestres, e investiram todo seu capital material e intelectual na causa do reino dos céus (Mat. 13: 45-46).

Seguiram-lhe.

Até este momento, pelo menos três dos quatro -Pedro, Andrés e Juan- tinham acompanhado ao Jesus em forma intermitente. A chamada que haviam recebido dois outonos atrás no Jordão era um convite a reconhecer ao Jesus como o Mesías, o Cordeiro de Deus que tinha vindo a tirar o pecado do mundo (ver com. Juan 1: 35-50). Agora os chamava a unir sua vida e seu fortuna com a dele, não só como crentes mas também como aprendizes e operários. antes disto, nenhum do grupo se uniu ao Jesus plena e permanentemente (DTG 213). Não tinham sido discípulos permanentes, pois seu interesse estava dividido entre esta vida e a celestial. Mas a partir de agora seu tempo e seus talentos seriam consagrados a um serviço de dedicação exclusiva. Os quatro seguiram ao Jesus, não porque fossem muito ociosos para trabalhar com as mãos para ganhá-la vida, nem porque seus trabalhos físicos não tivessem tido êxito, a não ser devido a suas profundas convicções. Como os outros a quem Cristo chamou, foram ativos em seu ofício até que se pediu-lhes que deixassem tudo e seguissem ao Jesus.

Nenhum dos quatro teria sido considerado pelos sábios da nação possuidor de suficientes qualidades para ser professor. Eram humildes e os faltava conhecimento, mas essas características eram os requisitos prévios para ser discípulos do Jesus. O fato de que não tinham sido educados nos falsos conceitos dos rabinos, facilitaria-lhes mais aprender as lições

necessárias para convertê-los em hábeis operários no estabelecimento do reino dos céus (ver com. Mar. 3: 15). Embora às vezes eram lentos em aprender as lições que Jesus procurava lhes ensinar, estavam inteiramente consagrados a ele. O amor do Jesus gradualmente transformou seu coração e sua mente em proporção à entrega que cada um fez de si mesmo. Quando terminaram o período de instrução, já não eram incultos nem faltos de preparação, mas sim eram homens de discernimento penetrante e são julgamento. pareciam-se tanto a Jesus, que outros se davam conta de que tinham estado com ele (Hech. 4: 13).

A utilidade do operário na causa de Deus não depende tanto de um intelecto brilhante, como da consagração a Cristo e à tarefa que lhe corresponde efetuar. A influência de uma pessoa de grandes capacidades e inteligência superior geralmente se fará sentir, sem dúvida alguma, em um círculo mais amplo, sempre que essas capacidades estejam consagradas a Deus (PVGM 268). Sem embargo, Deus pode prescindir dessas capacidades com mais facilidade que de um coração amante, uma mente total e mãos bem dispostas. O mais importante de tudo no serviço de Deus, é que o eu seja posto 723 de lado e se dê lugar à ação do Espírito Santo sobre o coração (DTG 215).

12.

Aconteceu que estando ele.

[Jesus sã a um leproso, Luc. 5: 12-16 = Mat. 8: 2-4 = Mar. 1: 40-45. Comentário principal: Marcos.]

Cheio de lepra.

Lucas, como médico, é o único evangelista que mostra o avançado estado de a enfermidade. Esta condição fez que a cura fora ainda mais notável.

17.

Aconteceu um dia.

[Jesus sã a um paralítico, Luc. 5: 17-26 = Mat. 9: 2-8 = Mar. 2: 1-12. Comentário principal: Marcos.] Literalmente "em um dos dias".

Fariseus.

Lucas menciona agora pela primeira vez em seu Evangelho esta seita religiosa. Com referência aos fariseus, ver pp. 53-54.

Doutores da lei.

Melhor "professores da lei" (ver pp. 53-54; com. Mar. 1: 22). Cabe recordar que uma das acepções da palavra "doutor" é "que insígnia publicamente", e que esta palavra está relacionada com a palavra "doutrina", que significa "ensino". Deriva do latim doutor, "que insígnia", "professor". Os "doutores da lei" são, nos Evangelhos, geralmente chamados "escribas" (ver pp. 53, 57). Esses professores se ocupavam especialmente da exposição das leis escritas e orais da nação, e da aplicação dessas leis à vida. A maioria deles eram fariseus, porque estes eram os que se interessavam especialmente nos detalhes da lei.

Todas as aldeias.

Segundo Josefo havia mais de 200 cidades e aldeias na Galilea (Vida, 45). Pelo tanto, é provável que Lucas esteja utilizando uma hipérbole que se refere especificamente às aldeias visitadas por Cristo em seu recente gira por Galilea. Não há dúvida de que estes supostos professores da lei procuravam estorvar ao Jesus por em qualquer lugar ia, pois sua exposição da lei se opunha a a deles. Parece que se reuniram no Capernaúm para consultar com os dirigentes que tinham vindo da Judea e de Jerusalém, para decidir o curso de ação que deviam seguir respeito ao sentimento popular em favor de Cristo. Tinham vindo com o propósito de encontrar enganos nele para poder acusá-lo (ver com. Mar. 2: 6).

Jerusalém.

O fato de que Lucas mencione especificamente a Jerusalém além da Judea, demonstra que conhecia a prática judia de considerar Jerusalém como um distrito separado da Judea (cf. Hech. 1: 8; 10: 39). A cidade era uma área metropolitana, e não estava sob a jurisdição política da Judea. Cf. com. Luc. 4: 44.

Poder do Senhor.

Quer dizer, o poder do Espírito Santo (ver DTG 117, 233-234).

Estava com ele para sanar.

A menção específica da presença do Espírito Santo nesta ocasião não significa que Cristo só tinha poder para sanar em forma intermitente. Lucas simplesmente indica isto como uma introdução ao milagre que está a ponto de relatar.

24.

Potestad.

Literalmente "autoridade".

26.

Maravilhas.

Gr. parádoxa, de Pará, neste caso, "contrário a" e dóxa, "opinião". É dizer, o que é contrário ao que se crie ou se espera. "Paradoxo" tem um idêntico significado: "o que vai contra a opinião comum". Dos três autores dos sinóticos, só Lucas registra os três aspectos da reação da gente a este milagre: assombro, temor e gratidão a Deus. Ver P. 198.

27.

depois destas coisas.

[Chamada do Leví Mateo, Luc. 5: 27-28 = Mat. 9: 9 = Mar. 2: 13-14. Comentário principal: Marcos.]

Viu.

Gr. theáomai, "contemplar", "olhar com atenção". Cristo observou intensamente ao Mateo como se estivesse estudando seu caráter.

28.

Deixando-o tudo.

Só Lucas registra este detalhe da narração. Mateo não voltou para seu negócio, pois não podia fazê-lo nem sequer transitoriamente como o haviam feito Pedro, Andrés e Juan durante o primeiro ano e meio depois de conhecer Cristo no Jordão (ver com. Juan 1: 35-45).

29.

Grande banquete.

[O banquete do Mateo, Luc. 5: 29-32 = Mat. 9: 10-13 = Mar. 2: 15-17. Comentário Principal: Marcos.] Ou "grande recepção". Lucas usa a mesma palavra grega no cap. 14: 13. Este vocábulo só aparece estas duas vezes no NT.

30.

Murmuravam.

Gr. goggúzÇ, palavra onomatopéica que, segundo alguns, imita o som das pombas que parecem estar continuamente murmurando ou discutindo por alguma coisa.

nos publique e pecadores.

Em grego se emprega um só artigo definido para estes dois essenciais, colocando assim aos duas em uma mesma categoria. Segundo os fariseus, entre estes dois grupos não havia nenhuma diferença. O "publicano" era automaticamente "pecador", simplesmente por ser coletor de impostos (ver com. cap. 3: 12). 724

33.

Jejuam muitas vezes.

[Pergunta-a sobre o jejum, Luc. 5: 33-39 = Mat. 9: 14-17 = Mar. 2: 18-22. Comentário principal: Marcos.]

36.

Não harmoniza.

Só Lucas explica que o emplastro é de um tecido diferente a do vestido velho, e que o aspecto do vestido com emplastro é pouco estético. Toda esta trabalho não resulta, pois o vestido novo fica arruinado por haver lhe tirado um pedaço, e o velho não fica melhor a pesar do remendo.

39.

Nenhum.

Só Lucas acrescenta este comentário adicional de Cristo. Embora o versículo não

aparece em alguns manuscritos antigos, a evidência textual favorece seu

inclusão.

É melhor.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) o texto "o velho é bom", é dizer agradável. que está acostumado ao vinho velho o encontra bom em comparação com o novo, e portanto mais agradável. Cristo diz que o que está acostumado ao vinho velho o encontra agradável, cai-lhe bem, e isso o basta. Não quer modificar seus hábitos. Esta parábola ilustra os arraigados prejuízos dos fariseus.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-3 DTG 211

1-11 DTG 211-216

4 Ev 48, 272; FÉ 121; MC 152; 7T 61

4-5 DTG 212

6-11 DTG 212

8 DMJ 12

12 DTG 231

12-28 DTG 227-237

15 CH 527

15-16 DTG 330

17 DTG 233; MC 50

17-20 DTG 233

18-20 MC 49-50

20 DTG 235; 7T 96

21 8T 202; TM 68

26 DTG 236; 3JT 70; MC 52

27-28 MC 381; PVGM 324

27-39 DTG 238-247

28 DTG 238

29 DTG 239

31 FÉ 275; PVGM 122

34 DTG 242

36-37 DTG 244

39 DTG 245

CAPÍTULO 6

1 Por meio das Escrituras, da razão e de um milagre, Cristo reprova a os fariseus sua cegueira quanto à observância do sábado. 13 Escolhe aos doze apóstolos, 17 sã aos doentes, 20 e, frente à multidão, apresenta a seus discípulos bem-aventuranças e maldições, 27 insígnia como devemos amar a nossos inimigos, 46 e como unir a obediência -as boas obras- com a recepção da Palavra, para que no dia da prova final não caiamos como a casa edificada sobre a areia, sem fundamento.

1 ACONTECIO em um dia de repouso,* que passando Jesus pelos semeados, seus discípulos arrancavam espigas e comiam, as esfregando com as mãos.

2 E alguns dos fariseus lhes disseram: por que fazem o que não é lícito fazer nos dias de repouso?*

3 Respondendo Jesus, disse-lhes: Nem mesmo isto têm lido, o que fez David quando teve fome ele, e os que com ele estavam;

4 como entrou na casa de Deus, e tomou os pães da proposição, dos quais não é lícito comer a não ser só aos sacerdotes, e comeu, e deu também a os que estavam com ele?

5 E lhes dizia: O Filho do Homem é Senhor até do dia de repouso.*

6 Aconteceu também em outro dia de repouso,* que ele entrou na sinagoga e ensinava; e estava ali um homem que tinha seca a mão direita.

7 E lhe espreitavam os escribas e os fariseus, para ver se no dia de repouso* sanaria-o, a fim de achar do que lhe acusar.

8 Mas ele conhecia os pensamentos deles; e disse ao homem que tinha a mão seca: te levante, e te ponha no meio. E ele, levantando-se, ficou em pé.

9 Então Jesus lhes disse: Perguntarei-lhes uma coisa: É lícito em dia de repouso* fazer bem, ou fazer mau? salvar a vida, ou tirá-la? 725

10 E olhando-os a todos ao redor, disse ao homem: Estende sua mão. E ele o fez assim, e sua mão foi restaurada.

11 E eles se encheram de furor, e falavam entre si o que poderiam fazer contra Jesus.

12 Naqueles dias ele foi ao monte a orar, e passou a noite orando a Deus.

13 E quando era de dia, chamou a seus discípulos, e escolheu a doze deles, a os quais também chamou apóstolos:

14 ao Simón, a quem também chamou Pedro, ao Andrés seu irmão, Jacobo e Juan, Felipe e Bartolomé,

15 Mateo, Tomam, Jacobo filho do Alfeo, Simón chamado Zelote,

16 Judas irmano do Jacobo, e Judas Iscariote, que chegou a ser o traidor.

17 E descendeu com eles, e se deteve em um lugar plano, em companhia de seus discípulos e de uma grande multidão de gente de toda Judea, de Jerusalém e da costa de Tiro e do Sidón, que tinha vindo para lhe ouvir, e para ser sanados de suas enfermidades;

18 e os que tinham sido atormentados de espíritos imundos eram sanados.

19 E toda a gente procurava lhe tocar, porque poder saía dele e sanava a todos.

20 E elevando os olhos para seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós os pobres, porque seu é o reino de Deus.

21 Bem-aventurados os que agora têm fome, porque serão saciados.
Bem-aventurados os que agora choram, porque rirão.

22 Bem-aventurados serão quando os homens lhes aborreçam, e quando lhes apartarem de si, e lhes vituperem, e desprezem seu nome como mau, por causa do Filho do Homem.

23 Lhes goze naquele dia, e lhes alegre, porque hei aqui seu galardão é grande nos céus; porque assim faziam seus pais com os profetas.

24 Mas ai de vós, ricos! porque já têm seu consolo.

25 Ai de vós, os que agora estão saciados! porque terão fome. Ai de vós, os que agora riem! porque lamentarão e chorarão.

26 Ai de vós, quando todos os homens falem bem de vós! porque assim faziam seus pais com os falsos profetas.

27 Mas os que ouvem, digo-lhes: Amem a seus inimigos, façam bem a os que lhes aborrecem;

28 benzam aos que lhes amaldiçoam, e orem pelos que lhes caluniam.

29 Ao que te fira em uma bochecha, lhe apresente também a outra; e ao que lhe estorvo a capa, nem mesmo a túnica lhe negue.

30 A qualquer que te peça, lhe dê; e ao que tome o que é teu, não peça que devolva-lhe isso.

31 E como querem que façam os homens com vós, assim também façam vós com eles.

32 Porque se amarem aos que lhes amam, que mérito têm? Porque também os pecadores amam aos que os amam.

33 E se fizerem bem aos que lhes fazem bem, que mérito têm? Porque também os pecadores fazem o mesmo.

34 E se emprestarem a aqueles de quem espera receber, que mérito têm?
Porque também os pecadores emprestam aos pecadores, para receber outro tanto.

35 Amem, pois, a seus inimigos, e façam bem, e emprestem, não esperando de

isso nada; e será seu galardão grande, e serão filhos do Muito alto; porque ele é benigno para com os ingratos e maus.

36 Sede, pois, misericordiosos, como também seu Pai é misericordioso.

37 Não julguem, e não serão julgados; não condenem, e não serão condenados; perdoem, e serão perdoados.

38 Dêem, e lhes dará; medida boa, apertada, remexida e transbordando darão em seu regaço; porque com a mesma medida com que medem, eles voltarão a medir.

39 E lhes dizia uma parábola: Acaso pode um cego guiar a outro cego? Não cairão ambos no fossa?

40 O discípulo não é superior a seu professor; mas tudo o que for aperfeiçoado, será como seu professor.

41 por que miras a palha que está no olho de seu irmão, e não joga de ver a viga que está em seu próprio olho?

42 Ou como pode dizer a seu irmão: Irmão, me deixe tirar a palha que está em seu olho, não olhando você a viga que está em teu olho? Hipócrita, primeiro saca a viga de seu próprio olho, e então verá bem para tirar a palha que está em o olho de seu irmão.

43 Não é boa árvore o que dá maus frutos, nem árvore má o que dá bom fruto.

44 Porque cada árvore se conhece por seu fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem das sarças se vendimian uvas. 726

45 O homem bom, do bom tesouro de seu coração tira o bom; e o homem mau, do mau tesouro de seu coração tira o mau; porque da abundância do coração fala a boca.

46 por que me chamam, Senhor, Senhor, e não fazem o que eu digo?

47 Todo aquele que vem para mim, e ouça minhas palavras e as faz, indicarei-lhes a quem é semelhante.

48 Semelhante é ao homem que ao edificar uma casa, cavou e afundou e pôs o fundamento sobre a rocha; e quando veio uma inundação, o rio deu com ímpeto contra aquela casa, mas não a pôde mover, porque estava fundada sobre a rocha.

49 Mas o que ouviu e não fez, semelhante é ao homem que edificou sua casa sobre terra, sem fundamento; contra a qual o rio deu com ímpeto, e logo caiu, e foi grande a ruína daquela casa.

1.

Em um dia de repouso.

[Os discípulos recolhem espigas no dia de repouso, Luc. 6: 1-5 = Mat. 12: 1-8 = Mar. 2: 23-28. Comentário principal: Marcos.] A RVA diz: "em um sábado segundo do primeiro". Esta expressão aparece em muitos manuscritos antigos como sabbaton deuteróprÇton, que literalmente significa "um sábado segundo-primeiro". Não se pode saber o que significava esta expressão, pois não é

do todo lógica nem tampouco aparece em nenhum outra passagem, nem bíblico nem secular. Alguns conjeturaram que poderia ser o segundo sábado depois de a páscoa; outros, que era o primeiro sábado do segundo ano de uma série de sete anos; outros sugerem que se trataria de uma simples distinção dos outros sábados mencionados no cap. 4: 16, 31. Nenhuma destas explicações tem grande valor, portanto, deve admitir-se que não se sabe o que é um sábado "segundo-primeiro". Por outra parte, a evidência textual se inclina (cf. P. 147) pela variante curta: "em um sábado", tal como está na RVR.

5.

E lhes dizia.

O Códice de Lábia inferiora grossa (século V-VI) coloca o vers. 5 imediatamente depois do vers. 10, e em seu lugar coloca um curioso versículo que carece de apoio textual: "O mesmo dia, vendo trabalhar a um em dia de sábado, disse-lhe: 'Amigo, se souber o que faz, é ditoso; mas se não sabe, é maldito e transgressor da Lei' ". Esta interpolação, embora interessante, não tem valor algum para a exegese bíblica. Parece que foi redigida para lhe dar uma base bíblica à observância do domingo.

6.

Em outro dia de repouso.

[O homem da mão seca, Luc. 6: 6-11 = Mat. 12: 9-14 = Mar 3: 1-6. Comentário principal: Marcos e Lucas. Ver mapa P. 208; com referência a milagres, pp. 198-203.] As Escrituras não dão nenhum indício para situar cronologicamente o episódio relatado nos vers. 6-11. Se se cotejar só com Mat. 12: 9, poderia concluir-se que a cura da mão seca ocorreu o mesmo dia do acontecimento no semeado de trigo; mas Lucas esclarece que aconteceu "em outro dia de repouso". Além disso, Jesus e seus discípulos voltavam para casa, depois do culto na sinagoga, quando passaram pelo semeado (DTG 251), enquanto que nesta ocasião estavam na sinagoga (Mat. 12: 9). Parece que nos três Evangelhos sinóticos se agruparam certas passagens de conflitos entre o Jesus e os dirigentes judeus tendo em conta o tema e não a ordem cronológico, para destacar a crescente oposição dos escribas e dos fariseus para o Jesus e sua obra. Ver pp. 181-182, 268.

Ensinava.

Lucas é o único que registra que Cristo apresentou o que hoje chamaríamos o sermão (ver com. cap. 4: 16-17, 20-21).

Emano direita.

Só Lucas, com o olho profissional do médico, anota este detalhe. Não se sabe se só a mão estava paralisada ou atrofiada, ou se o estavam a mão e o antebraço. A palavra grega que se traduz "mão" pode também incluir o antebraço, e assim a usavam os autores gregos. Este foi o quinto encontro que se registra entre o Jesus e os fariseus depois do começo de seu ministério na Galilea (ver com. Mar. 2: 24).

7.

Espreitavam.

Os que observavam ao Jesus tão cuidadosamente possivelmente tinham vindo com esse propósito específico. Os espiões seguiram muito de perto a Cristo em todo o resto de seu ministério na Galilea.

Os escribas e os fariseus.

Com referência a estes grupos, ver pp. 53-54, 57. É provável que em qualquer sinagoga grande e em qualquer sábado, houvesse escribas e fariseus; sem embargo, é provável que pelo menos alguns dos pressente estivessem ali como espiões com o propósito específico de observar ao Jesus e informar de tudo o que fazia e dizia (ver com. Mar. 2: 6). 727

Se no dia de repouso o sanaria.

Compare-se com as curas do diabólico na sinagoga do Capernaúm (Mar. 1: 21-28), a do paralítico no lago da Betesda (Juan 5: 1-16), a do cego no lago do Siloé (Juan 9: 1-7), a da mulher que tinha estado doente durante 18 anos (Luc. 13: 10-17) e a do hidrópico (cap. 14: 1-6). além destes milagres feitos publicamente em dia sábado, Cristo também sanou à sogra do Pedro em sua casa (Mar. 1: 29-31). Registram-se sete curas milagrosas em dia sábado, incluindo a cura do homem da mão seca; portanto, de 20 casos específicos de cura registrados nos Evangelhos, a terceira parte corresponde a milagres feitos em dia sábado (ver pp. 200-203; com. Juan 5: 16).

A fim de achar.

Os escribas e os fariseus estavam decididos a encontrar a maneira de pôr fim ao ministério do Jesus. Estavam empenhados em acusar o de algo.

8.

O conhecia os pensamentos deles.

Ver com. Mar. 2: 8. Como os espiões seguiam ao Jesus, não tinha nenhuma dificuldade em conhecer a tendência do pensamento deles em relação com algo que ele pudesse fazer. Sua mesma presença os delatava, e, como se isso não fora suficiente, a expressão de seu rosto os desmascarava. Mas isto não significa, como o afirmam alguns críticos, que Jesus não tinha um poder sobrenatural para ler os pensamentos dos homens. Há vários casos nos quais indubitavelmente demonstrou uma compreensão sobrenatural do processo do pensamento de diversas pessoas (Juan 8: 6-9; 13: 21-30; DTG 425, 611).

te levante, e te ponha no meio.

O homem não só devia ficar de pé, mas também situar-se em outro lugar para que todos os que estivessem na sinagoga pudessem vê-lo facilmente. Provavelmente se parou ao fundo, ou em um rincão, ou possivelmente perto de uma coluna. Por outra parte, Jesus talvez estava à frente da sinagoga nesse momento, e sem dúvida o convidou a aproximar-se do lugar onde ele estava de pé ou sentado. Há um notável contraste entre a candura, a franqueza e a sinceridade do Jesus e torcido-los e intrigantes intentos dos escribas e dos fariseus para espiar o que ele fazia e para lhe pôr armadilhas.

9.

Perguntarei-lhes.

Segundo o relato do Mateo, parece que os fariseus já tinham feito a pergunta quanto à autoridade para curar em dia sábado (Mat. 12: 10).

É lícito?

Ver com. Mar. 2: 24. demonstrou-se outra vez que as leis rabínicas estavam em conflito com as necessidades da humanidade. Os que afirmam hoje que Jesus não deu importância à lei de Deus, quer dizer, que por preceito e por exemplo se separou-se dos requisitos do quarto mandamento, unem-se aos escribas e aos fariseus e compartilham seu mesmo espírito. Quando Jesus concluiu sua vida terrestre, afirmou: "guardei os mandamentos de meu Pai" (Juan 15: 10).

Fazer bem, ou fazer mau.

Ou seja, beneficiar ou prejudicar. Segundo Mateo, os escribas e os fariseus já o tinham perguntado ao Jesus se era lícito sanar em dia sábado (Mat. 12: 10). Os regulamentos rabínicos distinguiam cuidadosamente entre os casos de enfermidade crônica e aqueles nos quais havia perigo imediato de morte. Certas enfermidades se consideravam mais graves que outras, e quem as padecia podiam receber a ajuda que necessitavam. feito-se muito pouca provisão para aliviar em sábado a dor que fora causado por uma enfermidade crônica, ou para atender a quem tinha sofrido por comprido tempo, como era o caso do homem que Jesus estava por sanar. É provável que a lei se interpretasse em uma forma mais ou menos liberal, e que as pessoas que sofriam de muitas outras enfermidades recebessem atenção em dia sábado. Para maior informação aproxima dos preceitos rabínicos para o cuidado dos doentes em sábado, ver Mishnah Shabbath 14. 4; 22. 6.

Salvar a vida.

Segundo outra máxima judia, não fazer o bem equivalia a machucar; descuidar a vida era tirá-la. Mas a vida deste homem não estava em perigo, e seu cura poderia adiar-se até depois do sábado. Entretanto, Jesus afirmou que não podia ser mau fazer o bem em dia sábado. Segundo o ponto de vista do Jesus, não aproveitar a oportunidade de aliviar ao que sofria equivalia a fazer o mau. Os escribas e os fariseus estavam pensando em seu insignificante regra que seria violada; Jesus estava dirigindo sua atenção ao princípio fundamental comprometido. Não salvar uma vida seria tirá-la; não fazer o que melhorasse a vida, seria diminui-la (Sant. 4: 17). Esta era uma ampliação do princípio do sexto mandamento, explicado por Cristo no Sermão do Monte (ver com. Mat. 5: 21-24), e o sexto mandamento não contradizia em nada ao quarto. na sábado, disse Jesus, foi feito para o homem (Mar. 2: 27); 728 e os atos de misericórdia e de necessidade estavam inteiramente a tom com seus propósitos .

Os fariseus e escribas tinham intentos homicidas no coração. Sua acusação era parte de seu plano para tirar a vida ao Jesus (ver com. Luc. 6: 11; cf. Hech. 3: 15), e Jesus, sabendo o que pensavam, conhecia também o que estavam tramando para destrui-lo (Luc. 6: 8). Jesus pensava possivelmente nisto quando falou de tirar a vida, e procurou dirigir a atenção ao feito de que sua maldade fazia que eles fossem quem na verdade quebrantavam na sábado.

Mateo acrescenta a importante ilustração mediante a qual Cristo lhes fez notar o que estavam dispostos a fazer por um animal, mas não em favor de um ser humano (Mat. 12: 11-12). Alguns deles estavam dispostos a deixar sofrer a um homem, mas evitavam o sofrimento de um animal. É obvio, faziam-no

para que o dono do animal não se prejudicasse economicamente. Só um falso conceito a respeito de Deus poderia induzir a ditar regulamentos sabáticos que o atribuem menor valor à vida humana que a animal.

10.

Olhando-os a todos ao redor.

depois de afirmar claramente qual era o princípio fundamental que estava em jogo, Jesus fez uma pausa para dar tempo a que suas palavras sortissem efeito. Seu olhar penetrante percorreu lentamente o público espectador, possivelmente para reforçar a lição e afirmá-la no coração tanto de seus amigos como de seus inimigos. Como tinha ocorrido quando Jesus limpou o templo, seu olhar afligiu aos que estavam ali reunidos com uma sensação de pavor, como se tivessem estado ante o tribunal de injustiça divina, na presença daquele que tinha feito na sábado e que tinha que julgá-los no dia último (DTG 131; cf. 541). Todos os olhos estavam fixos no Jesus e no homem que estava a seu lado. O princípio em jogo tinha sido claramente enunciado; agora Jesus estava a ponto de romper o impressionante silêncio ao atuar em harmonia com esse princípio.

Estende sua mão.

Jesus pediu ao homem que fizesse o que até esse momento tinha sido completamente incapaz de fazer, e o homem o fez. Assim demonstrou sua fé no poder do Jesus. Obedeceu o mandato daquele que também tinha disposto a observância do sábado, e fisicamente ficou são. A cooperação do esforço humano com o poder divino é essencial para o homem, tanto na vida física como na espiritual. Se não existir essa cooperação, não pode haver saúde física nem espiritual.

11.

Furor.

Gr. ánoia, literalmente "sem razão", da partícula a, alfa privativa, "sem" e nóus, "mente", "razão". Era uma fúria irrazonable. Esses homens estavam fora de si. De acordo aos fariseus, esta era, pelo menos, a quinta transgressão do Jesus contra as leis rabínicas do começo de seu ministério na Galilea (ver com. Mar. 2: 24). Seus inimigos se enfureceram, seu ofuscamiento raiava em demência. O mesmo espírito que possuiu ao diabólico (ver Nota Adicional de Mar. 1) estava endurecendo o coração deles.

Falavam entre si.

Não puderam conter-se; sua ira se transbordou, e começaram a discutir o que fariam frente a esta situação. Mas estavam frente a um dilema: Jesus havia enunciado claramente um princípio que eles não podiam negar, e o povo estava de parte do Jesus. Segundo o relato do Marcos, parece que nem sequer puderam esperar até o fim do culto, mas sim saíram antes de que se dispersasse a congregação para discutir o assunto (ver com. cap. 3: 6).

O que poderiam fazer.

O sanedrín tinha decidido antes, na primavera (março-maio) do ano 29 d. C., matar ao Jesus, e tinha enviado espiões para que o seguissem e informassem tudo o que dizia e fazia (DTG 184; Juan 5: 18; ver com. Mar. 2: 6). A

decisão já se tomou, e só ficava ver como se poderia levar a cabo esse ato com certo aspecto de legalidade. As reações do povo e de seus dirigentes eram notavelmente opostas. A inveja, a malícia e o ódio dos escribas e dos fariseus aumentavam em proporção direta com a crescente maré de popularidade que rodeava o ministério do Jesus na Galilea. A mãe e os irmãos do Jesus compreenderam mais tarde o iminente perigo que corria, e lhe aconselharam que deixasse seu ministério devido à oposição que causava (ver com. Mat. 12: 46).

12.

Naqueles dias.

[Eleição dos doze apóstolos, Luc. 6: 12-16 = Mar. 3: 13-19. Comentário principal: Marcos.] Quer dizer, pouco depois do episódio registrado nos vers. 6-11.

A orar.

Lucas parece haver-se impressionado especialmente pela vida de oração de Jesus. refere-se a ela mais que os outros evangelistas. Quanto à vida de oração do Jesus, ver com. Mar. 3: 13. 729

14.

Simón.

até agora Lucas se referiu ao Pedro como Simón (cap. 4: 38; 5: 3-5, 10), menos uma vez, quando o chama Simón Pedro (cap. 5: 8). Após está acostumado a chamá-lo Pedro (cap. 8: 45, 51; 9: 20, 28, 32-33; 12: 41; etc.).

16.

Chegou a ser o traidor.

Até este momento Judas é traidor só em potência. Quando foi eleito não manifestava tendência para a traição. Sem dúvida, ele mesmo não compreendia que certos rasgos de seu caráter, latentes e maus, se eram fomentados, o levariam a uma culminação tão infame de sua vida (ver com. Mar. 3: 19).

17.

E descendeu.

[Sermão do Monte, Luc. 6: 17-49 = Mat. 5: 1 a 8: 1. Comentário principal: Mateo.] Desceu do monte onde tinha passado a noite em oração antes de escolher e ordenar aos doze (ver com. Mar. 3: 13).

Um lugar plano.

Ver DTG 265; com. Mat. 5: 1.

19.

Procurava lhe tocar.

Ver com. Mar. 3: 10.

Poder.

Gr. dúnamis, "poder" (ver com. cap. 1: 35). As formas verbais "saía" e "sanava", que correspondem exatamente com o texto grego, indicam que o "poder" divino saía continuamente do Jesus. O poder divino irradiava de Jesus sempre que fora necessário. "O mesmo ar estava como eletrizado de poder espiritual" (A. T. Robertson, Word Pictures in the New Testament, T. 2, P. 86). Este mesmo poder está hoje ao alcance dos representantes de Cristo.

20.

Elevando os olhos.

Ver com. Mat. 5: 2.

Bem-aventurados.

Lucas registra quatro das oito bem-aventuranças dadas pelo Mateo. Para estabelecer a comparação das duas séries de bem-aventuranças, ver com. Mat. 5: 3. Lucas apresenta com as quatro bem-aventuranças quatro ayes (Luc. 6: 24-26).

Vós os pobres.

Lucas parece lhe dar às bem-aventuranças uma aplicação mais literal ou material que Mateo (ver com. Mat. 5: 3). Esta interpretação literal se faz ainda mais evidente nos ayes que registra (ver com. Luc. 6: 24). Entretanto, este relato breve e literal das bem-aventuranças deveria ler-se à luz da exposição mais completa e detalhada do Sermão do Monte tal como o registra Mateo. O agudo contraste entre a pobreza, a fome e a perseguição que se sofrem "agora" e a bem-aventurança futura (vers. 21, etc.), a primeira vista poderia parecer que lhe dá um torcido materialista às palavras de Cristo. Mas dentro do contexto de todo o Sermão do Monte (ver com. Mat. 5: 2), é claro que não é assim. Cristo simplesmente faz notar o contraste entre a situação atual de quem procura o reino e sua condição depois de entrar no reino.

22.

Eles separem de si.

Possivelmente seja uma referência à exclusão da sinagoga (Juan 9: 22, 34; 12: 42; 16: 2). No Talmud se descrevem com muitos detalhes as razões por as quais se excluía a uma pessoa da sinagoga e a maneira em que se levava a cabo essa excomunhão (Mo'ed Qatan 15a, 16a, 16b, 17a). As proscrições foram de um mínimo de trinta dias até a excomunhão permanente. que tinha sido excomungado devia andar como se tivesse estado de duelo, e a demais gente não devia aproximar-se de menos de quatro cotovelos (1,80 m) de ele. tratava-se de um castigo social e religioso. Embora os documentos que descrevem estes castigos são posteriores à época do Jesus, é possível que reflitam costumes conhecidos já no século I d. C.

Desprezem seu nome.

Quer dizer, desprezem-no. refere-se à circulação de relatórios falsos e maliciosos (1 Ped. 4: 14).

Filho do Homem.

Ver com. Mar. 2: 10.

24.

Ai de vós!

O contraste entre a bênção e o ai parece ter sido característico da literatura judia. É provável que se originasse com as bênções e as maldições do Deuteronomio (cap. 27 e 28). Compare-se também com os ayes pronunciados por Cristo sobre os escribas e fariseus (Mat. 23).

Ricos.

A pouca importância que Jesus dava às coisas materiais da vida (ver com. Mat. 5: 3) o fazia perder o afeto da classe social que considerava que a riqueza e o prestígio eram os principais propósitos da vida (Mat. 6: 1-6; etc.), embora El Salvador procurava apresentar a salvação a todas as classes sociais, tão ricos como pobres. Foram relativamente poucos os ricos que se fizeram amigos do Jesus, entre estes são notáveis exceções Nicodemo e José da Arimatea. Jesus procurava persuadir aos homens a que acumulassem tesouros no céu e não na terra (Mat. 6: 33-34; Luc. 12: 13-33), para que seu coração pudesse estar mais estreitamente ligado ao céu. As riquezas resultaram ser em muitos casos, para quem as possuía, uma barreira insuperável para entrar no céu (Mar. 10: 23, 25; Luc. 18: 24-25).

Têm.

Gr. apéjÇ, "receber", "ter". Como o ilustram os papiros, em um contexto como 730 este, este término pode indicar o cancelamento de uma conta.

Consuelo.

Gr. parákl'sis, "consolo". Aqui se refere à felicidade ou ao bem-estar que tem-se quando as coisas andam bem (ver com. Mat. 5: 4).

25.

Saciados.

Os que se saciaram das boas coisas desta vida (cf. cap. 16: 19-31).

26.

Falem bem de vós.

Isto é justamente o contrário de "eles vituperarem" (vers. 22). Aqui aparece outra de as paradoxos que põe de manifesto a grande diferencia entre o cristianismo e o mundo, entre seus ideais e os ideais do mundo. Os homens revistam falar bem de quem possui riquezas ou poder e podem responder às lisonjas em tal forma que beneficiem ao lisonjeiro.

Assim faziam seus pais.

Compare-se com o duro trato que seus antepassados tinham dado aos profetas do Senhor (vers. 23).

27.

Digo-lhes.

Ver com. Mat. 5: 22.

Amem a seus inimigos.

Ver com. Mat. 5: 43-44.

28.

Benzam aos que lhes amaldiçoam.

Ver com. Mat. 5: 43.

Eles caluniam.

"Eles maltratam" (BJ). Ver com. Mat. 5: 43-44.

29.

Ao que te fira.

Ver com. Mat. 5: 39.

30.

A qualquer que te peça, lhe dê.

Os quatro verbos principais deste versículo estão em tempo presente, que no grego não se aplica a ações que se fazem só uma vez, a não ser ao que faz-se em forma repetida ou habitual. portanto, aqui se fala de "dar" continuamente, idéia que concorda perfeitamente com o tenor do Sermão do Monte. A instrução de dar "a qualquer que te peça" não quer dizer que o cristão deva dar tudo o que lhe peça indiscriminadamente ou sem ter em conta a necessidade. Em harmonia com a forma verbal e a substância do Sermão do Monte, Cristo quis dizer que deveríamos dar em forma habitual. O cristão deve ter um propósito generoso que esteja preparado a dar e feliz de fazê-lo, segundo a necessidade que invólucro o pedido e sua própria capacidade para fazer frente a essa necessidade (ver com. Mat. 5: 42). O cristão responderá favoravelmente, pelo general, aos pedidos de ajuda que lhe façam. Não dará a contra gosto nem se negará a fazê-lo, como o fazem os de duro coração. Estará disposto a cooperar com outros e não a opor-se a eles.

31.

Como querem.

Ver com. Mat. 7: 12.

32.

Amam aos que lhes amam.

Ver com. Mat 5: 43-47.

Pecadores.

Para a mentalidade judia, "pecador" era o que não conhecia a lei, ou a conhecia mas não a guardava. portanto, todos os gentis eram pecadores, e também os judeus coletores de impostos, as rameiras, etc.

33.

Fazem bem.

Ver com. Mat. 5: 44-46.

34.

Se emprestarem.

Mateo não registra esta passagem a respeito dos empréstimos. O empréstimo do qual se fala aqui é o de um transação comercial na qual se dá dinheiro a interesse.

Receber outro tanto.

Quer dizer, receber de volta o capital e junto com ele, é obvio, o interesse estipulado.

35.

Amem, pois, a seus inimigos.

Ver com. Mat. 5: 44-46.

Não esperando.

Gr. apelpízÇ, palavra que só aparece aqui no NT. Na literatura grega clássica sempre significa "desesperar-se-se", ou "perder a esperança". Sem embargo, dentro deste contexto, parece que requer uma tradução similar a a da RVR e a BJ ("sem esperar nada"). A crítica textual se inclina (cf. P. 147) pelo texto "não desesperando para nada" ou "não desesperando para ninguém". "Nada" aparece em mais MSS que "ninguém".

O texto da RVR e o da BJ parecem apoiar-se mais na tradução da Vulgata: "não esperando disso nada", mais que no grego mesmo. Apoiando-se em a Vulgata, a Igreja Católica proibiu durante séculos o empréstimo de dinheiro a interesse, e como resultado os judeus se converteram nos grandes prestamistas e banqueiros da Europa. Com referência aos princípios bíblicos que regem o empréstimo de dinheiro a interesse, ver com. Exo. 22: 25.

O contexto do Luc. 6: 30-35 indica claramente que Cristo não se refere ao interesse nos empréstimos, a não ser ao grande princípio de que os cristãos deveriam dar a outros (vers. 30), tratar a outros em forma eqüitativa (vers. 31), fazer o bem a outros (vers. 31, 35), e amar a outros (vers. 32), sem calcular previamente a probabilidade de receber de novo o que se deu ou até mais do que se deu. Os cristãos devem ajudar até em casos aparentemente desesperado-se (na literatura grega se emprega o verbo apelpízÇ ao referir-se a um médico que se desespera ante um caso sem esperança e sem solução). A ajuda deve apoiar-se na necessidade, não na perspectiva de obter proveito

invirtiendo em boas obras. O cristão nunca deve cansar-se de fazer o bem (Gál. 6: 9), nem tampouco deveria sentir que seu trabalho foi "em vão" (1 Cor. 15: 58).

731

Seu galardão.

Cristo destacou que haverá galardões para o que viva rectamente, não primariamente como incentivos -embora, bem entendidos, são realmente incentivos-, a não ser para demonstrar que embora os homens não apreciem os elevados princípios que impulsionam aos cidadãos do reino celestial, contudo Deus conhece e aprecia. O finalmente acabará com o reinado do pecado e restabelecerá os assuntos deste mundo em harmonia com os mesmos princípios por os quais seus "filhos" padecem injustiças neste mundo atual. O mais elevado motivo de um cristão não é viver a vida melhor para ganhar certos galardões, embora estes possam ter seu lugar adequado, a não ser viver a vida melhor pelo fato de que é intrinsecamente uma vida melhor. O cristão encontra a satisfação essencial ao viver em harmonia com os grandes e eternos princípios do reino dos céus.

Filhos.

O parecido moral que têm com Deus prova que são seus filhos. São-o porque pensam, falam e vivem em harmonia com os princípios divinos (ver com. Mat. 5: 45).

Muito alto.

Gr. hupsistós, "muito alto". "Filhos do Muito alto" corresponde, segundo Lucas, com "filhos de seu Pai que está nos céus" (Mat. 5: 45). O equivalente hebreu de hupsistós é 'elyon (ver com. Gén. 14: 18; Núm. 24: 16).

Os ingratos.

Cristo não se preocupa tanto porque estas pessoas não apreciam as bondades que manifestam-lhes os cidadãos do reino dos céus, mas sim pela atitude básica dos ingratos. Apesar de tudo, Deus é ainda bondoso com eles, e os filhos de Deus na terra -os que se parecem com seu Pai celestial em caráter moral- farão o mesmo (ver com. Juan 8: 44).

Maus.

Em grego um artigo serve para dois adjetivos, o qual indica que os ingratos e maus som um só grupo e não dois. As bondades que Deus estende se apóiam em sua própria bondade como doador, e não na bondade dos que recebem. Algumas vezes ocorre que o favor que lhe estende ao mais indigno e falto de avaliação acordada nele o desejo de escapar das cadeias do pecado e o impulsiona a permitir que Deus transforme seu caráter.

36.

Misericordiosos.

Ou "compassivos". O grau de mérito que o próximo possa ter ou deixar de ter, de maneira nenhuma deve determinar a atitude e as ações do cristão para com ele. A força motriz desta classe de vida está em que o

cristão é filho de Deus por meio de Cristo, cujo amor lhe "constrange" ou controla (2 Cor. 5: 14).

37.

Não julguem.

Ver com. Mat. 7: 1-2

Perdoados.

Ver com. Mat. 6: 14-15.

38.

Regaço.

Gr. kólpos, "seio", "peito", "regaço", ou também a folha do manto que se ajustava com o cinto e se empregava como bolso (Exo. 4:6; Sal. 79:12; Prov. 6:27; ver com. Sal. 65:6).

Com a mesma medida.

Ver com. Mat. 7: 2.

39.

Dizia-lhes uma parábola.

Está acostumado a considerar-se que aqui começa a segunda parte do Sermão do Monte tal como o registra Lucas. Dezesseis das ilustrações empregadas neste sermão, como o registram Mateo e Lucas, podem classificar-se como parábolas, embora só a que se dá aqui leva essa designação. A definição de parábolas aparece na P. 193.

Pode um cego guiar?

A forma da pergunta em grego indica que se espera uma resposta negativa. O cego não pode ser guia de outro cego.

Não cairão ambos?

A forma da pergunta grega indica que se espera uma resposta positiva. Ocorrerá, sem dúvida, alguma desventura.

40.

O discípulo.

Quer dizer, o aluno não é superior ao professor. Isto é similar ao dito que afirma que uma correnteza não se eleva por cima do nível da fonte. Um provérbio chinês diz que o estudante não pode avantajar a seu professor. O contexto do vers. 39 sugere que o professor corresponde cego que quer guiar ou ensinar a outro cego, e o discípulo corresponde com o que é guiado. A moral é singela: quem pretende ensinar a outros, devem ter uma clara percepção dos temas que se propõem ensinar. Se não o fazem, alcançarão, no melhor dos casos, só um muito baixo nível.

Esta parábola ilustra a mesma lição apresentada na metáfora dos vers.
41-42: uma pessoa que trata de tirar a palha ou lasca do olho de seu irmão,
quando tem uma viga em seu próprio olho. É necessário ver com claridade antes de
que se possa ajudar a outros.

Aperfeiçoado.

Gr. katartízÇ, "preparar", "educar", "completar", "aperfeiçoar". A BJ
traduz: "que esteja bem formado". O verbo grego também se emprega como um
término 732 médico para descrever a ação de reduzir um osso quebrado.

Será como seu professor.

Quer dizer, não será melhor que seu professor (cf. vers. 39).

41.

Palha.

Ver com. Mat. 7: 3.

Joga de ver.

Do verbo grego katanoéÇ, "fixar a mente em", ou seja "considerar com
atenção", "observar", "compreender".

42.

me deixe tirar.

Ver com. Mat. 7: 4. que tem a viga no olho fala com estudada
cortesia ao que tem a palha no olho, como se oferecesse lhe fazer um favor.
Pretende ser "irmão" dessa pessoa, mas em realidade é um "hipócrita".

Hipócrita.

Ver com. Mat. 7: 5.

44.

conhece-se.

Ver com. Mat. 7: 16.

45.

O homem bom.

Ver com. Mat. 7: 12, 16.

46.

Senhor, Senhor.

Ver com. Mat. 7: 21-22.

47.

Todo aquele que vem para mim.

Quer dizer, tudo o que queria ser discípulo do Jesus, assim como os doze que tinham sido escolhidos esse mesmo dia, e nesse momento estavam sentados junto a Cristo (ver com. Mat. 5: 1).

48.

Ao edificar uma casa.

Ver com. Mat. 7: 24-25.

Não a pôde mover.

Quer dizer, não foi suficientemente forte para sacudi-la ou movê-la.

Fundada sobre a rocha.

A evidência textual (cf. P. 147) favorece o texto "bem edificada" (BJ).

49.

Ouviu e não fez.

Ver com. Mat. 7: 26.

Caiu.

Melhor "desabou-se" (BJ). Ver com. Mat. 7: 27.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

3-4 DTG 251

12 CN 396; DTG 258, 330; Ev 481; 1JT 219; 2JT 126; OE 269, 335; 4T 373; 3TS 379

12-13 DMJ 9

12-16 DTG 257-264

16 CS 47

17-19 DMJ 9; DTG 265

20 MB 185

22-23 1T 285; 2T 491

24 2T 492

26 CS 154; 8T 124; 2T 491

31 CN 243; COES 199; Ed 284

35 DMJ 64,66; DTG 277; MC 159

35-36 MC 330; 8T 286

36 CMC 171; 2JT 521

38 CMC 40, 54; DMJ 22; DTG 214, 339; Ed 99, 135; FÉ 338; HAp 278; MC 159; PR 176; PVGM 64, 308

43 DMJ 108

48 4T 117

48-49 DTG 550

CAPÍTULO 7

1 Cristo acha uma fé maior no centurião gentil que entre os judeus,
10 e, ainda ausente, sã ao servo daquele. 11 Ressuscita ao filho da viúva de
Naín. 19 Com seus milagres responde aos mensageiros do Juan, 24 e expressa à
gente sua opinião quanto ao Juan. 30 Denúncia aos judeus, quem não se
convenceram nem com a predicación e testemunho do Juan nem com a do Jesus. 36
A ação da María Madalena serve para mostrar que Jesus é amigo dos
pecadores, que os libra do pecado e os perdoa se se arrependem e exercem
fé.

1 DESPUES que teve terminado todas suas palavras ao povo que lhe ouvia, entrou em
Capernaúm.

2 E o servo de um centurião, a quem este queria muito, estava doente e a
ponto de morrer.

3 Quando o centurião ouviu falar do Jesus, enviou-lhe uns anciões dos
judeus, lhe rogando que viesse e sanasse a seu servo.

4 E eles vieram ao Jesus e lhe rogaram com solicitude, lhe dizendo: É digno de
que lhe conceda isto;

5 porque ama a nossa nação, e nos edificou uma sinagoga.

6 E Jesus foi com eles. Mas quando já não estavam longe da casa, o
centurião enviou a ele uns amigos, lhe dizendo: Senhor, não 733 te incomode, pois
não sou digno de que entre sob meu teto;

7 pelo que nem mesmo me tive por digno de vir a ti; mas dava a palavra, e meu
servo será são.

8 Porque também eu sou homem posto sob autoridade, e tenho soldados baixo
minhas ordens; e digo a este: Vê, e vai; e ao outro: Vêem, e vem; e a meu servo:
Faz isto, e o faz.

9 Para ouvir isto, Jesus se maravilhou dele, e voltando-se, disse às pessoas que o
seguia: Digo-lhes que nem mesmo no Israel achei tanta fé.

10 E ao retornar a casa os que tinham sido enviados, acharam são ao servo
que tinha estado doente.

11 Aconteceu depois, que ele ia à cidade que se chama Naín, e foram com ele

muitos de seus discípulos, e uma grande multidão.

12 Quando chegou perto da porta da cidade, hei aqui que levavam a enterrar a um defunto, filho único de sua mãe, a qual era viúva; e havia com ela muita gente da cidade.

13 E quando o Senhor a viu, compadeceu-se dela, e lhe disse: Não chore.

14 E aproximando-se, tocou o féretro; e os que o levavam se detiveram. E disse: Jovem, te digo, te levante.

15 Então se incorporou o que tinha morrido, e começou a falar. E o deu a sua mãe.

16 E todos tiveram medo, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós; e: Deus visitou seu povo.

17 E se estendeu a fama dele por toda Judea, e por toda a região de ao redor.

18 Os discípulos do Juan lhe deram as novas de todas estas coisas. E chamou Juan a dois de seus discípulos,

19 e os enviou ao Jesus, para lhe perguntar: É você o que tinha que vir, ou esperaremos a outro?

20 Quando, pois, os homens vieram a ele, disseram: Juan o Batista nos há enviado a ti, para te perguntar: É você o que tinha que vir, ou esperaremos a outro?

21 Nessa mesma hora sanou a muitos de enfermidades e pragas, e de espíritos maus, e a muitos cegos deu a vista.

22 E respondendo Jesus, dê disse: Vão, façam ter sabor do Juan o que viram e ouvido: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho;

23 e bem-aventurado é aquele que não ache tropeço em mim.

24 Quando se foram os mensageiros do Juan, começou a dizer do Juan à gente: O que salgaram a ver o deserto? Um cano sacudida pelo vento?

25 Mas o que salgaram a ver? A um homem e talher de vestimentas delicadas? Hei aqui, os que têm vestimenta preciosa e vivem em deleites, nos palácios dos reis estão.

26 Mas o que salgaram a ver? A um profeta? Sim, digo-lhes, e mais que profeta.

27 Este é de quem está escrito: Hei aqui, envio meu mensageiro diante de você face, O qual preparará seu caminho diante de ti.

28 Lhes digo que entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta que Juan o Batista; mas o mais pequeno no reino de Deus é maior que ele.

29 E todo o povo e os nos publique, quando o ouviram, justificaram a Deus, batizando-se com o batismo do Juan.

30 Mas os fariseus e os intérpretes da lei desprezaram os intuitos de Deus respeito de si mesmos, não sendo batizados pelo Juan.

31 E disse o Senhor: A que, pois, compararei os homens desta geração, e a que são semelhantes?

32 Semelhantes som aos moços sentados na praça, que dão vozes uns a outros e dizem: Tocamo-lhes flauta, e não dançaram; vos endechamos, e não choraram.

33 Porque veio Juan o Batista, que nem comia pão nem bebia vinho, e dizem: Demônio tem.

34 Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: Este é um homem comilão e bebedor de vinho, amigo de nos publique e de pecadores.

35 Mas a sabedoria é justificada por todos seus filhos.

36 E um dos fariseus rogou ao Jesus que comesse com ele. E tendo entrado em casa do fariseu, sentou-se à mesa.

37 Então uma mulher da cidade, que era pecadora, ao saber que Jesus estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume;

38 e estando detrás dele a seus pés, chorando, começou a regar com lágrimas seus 734 pés, e os enxugava com seus cabelos; e beijava seus pés, e os ungia com o perfume.

39 Quando viu isto o fariseu que lhe tinha convidado, disse para si: Este, se fora profeta, conheceria quem e que classe de mulher é a que lhe toca, que é pecadora.

40 Então respondendo Jesus, disse-lhe: Simón, uma coisa tenho que te dizer. E lhe disse: Dava, Professor.

41 Um credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denarios, e o outros cinqüenta;

42 e não tendo eles com o que pagar, perdoou a ambos. Dava, pois, qual de eles lhe amará mais?

43 Respondendo Simón, disse: Penso que aquele a quem perdoou mais. E o disse: Rectamente julgaste.

44 E voltado para a mulher, disse ao Simón: Vê esta mulher? Entrei em sua casa, e não deu-me água para meus pés; mas esta regou meus pés com lágrimas, e os há enxuto com seus cabelos.

45 Não me deu beijo; mas esta, desde que entrei, não cessou que beijar meus pés.

46 Não ungiu minha cabeça com azeite; mas esta ungiu com perfume meus pés.

47 Pelo qual te digo que seus muitos pecados lhe são perdoados, porque amou muito; mas aquele a quem lhe perdoa pouco, pouco ama.

48 E lhe disse: Seus pecados lhe são perdoados.

49 E os que estavam junto sentados à mesa, começaram a dizer entre sim: Quem é este, que também perdoa pecados?

50 Mas ele disse à mulher: Sua fé te salvou, vê em paz.

1.

Depois que teve terminado.

[Jesus sã ao servo de um centurião, Luc. 7: 1-10 = Mat. 8: 5-13. Comentário principal: Lucas. Ver mapa p.209; diagrama P. 221; com referência a milagres, ver pp. 198-203.] Os acontecimentos registrados nos vers. 1-10 seguiram ao Sermão do Monte (ver com. Mat. 8: 2) e puderam ter ocorrido o mesmo dia. No Luc. 7: 1 se registra a mudança de lugar: do Sermão do Monte ao lugar da cura do servo do centurião. Outros exemplos deste tipo de transições aparecem no Luc. 4: 30, 37, 44; 5: 11, 16, 27; 6: 12; Isto etc. ocorreu possivelmente a fins do verão (setembro) do ano 29 d. C. (ver DMJ 8-10,43; com. Mat. 5: 1), e os acontecimentos relatados talvez aconteceram na tarde do dia.

Suas palavras.

Especificamente, o Sermão do Monte (Luc. 6: 20-49; cf. Mat. 7: 28).

Entrou no Capernaúm.

Aqui se fala possivelmente do que fez Jesus ao voltar de apresentar o Sermão do Monte, como o indica o contexto (DTG 282-283). Com referência a Capernaúm como sede do ministério na Galilea, ver com. Mat. 4: 13. Parece que a delegação de anciões que levavam o pedido do centurião se encontrou com Jesus enquanto este retornava à cidade.

O relato paralelo no Mat. 8: 5-13 pareceria conter várias diferenças, mas ao comparar os dois relatos se vê que não são discrepâncias reais, mas sim se trata, simplesmente, de diferentes versões do mesmo episódio. As passagens que registram a conversação são quase idênticos, e as diferenças aparecem principalmente na passagem da narração. Em ambos os casos a atenção se centra na grande fé do centurião gentil (ver com. Luc. 7: 9). O aspecto extraordinário consiste em que o beneficiado com este milagre não estava na presença imediata de Cristo quando foi sanado.

2.

Servo.

Gr. dóulos, "escravo".

Centurião.

Gr. hekatontárj's, "comandante de cem"; quer dizer, o capitão de uma companhia que no exército romano se denominava centúria. O número de soldados na centúria era aproximadamente de 100. É provável que o centurião deste relato estivesse a cargo de uma centúria de soldados romanos que serviam como policiais para o Herodes Antipas, tetrarca da Galilea. Conforme se desprende da narração (ver com. vers. 5-6, 9), o centurião não era partidário judeu. Todos os centuriões mencionados no NT parecem ter sido pessoas de caráter

digno de elogio (Mar. 15: 39, 44-45; Luc. 23: 47; Hech. 10: 22; 22: 26; 23: 17, 23-24; 24: 23; 27: 43).

A quem este queria muito.

"Muito querido" (BJ). Do Gr. éntimos, "honrado", "prezado", "querido". Em Luc. 14: 8 a palavra éntimos se traduz como "distinto"; no Fil. 2: 29, "em estima"; em 12: 4, 6, "preciosa". Nos papiros, a palavra éntimos é empregada para descrever a soldados que emprestaram um vasto e distinto serviço. Este servo era muito estimado pelo centurião, sem 735 dúvida pelo valioso serviço que lhe tinha emprestado. A palavra mesma não necessariamente implica afeto pessoal, mas neste caso se sugere um vínculo carinhoso entre centurião e escravo (DTG 282).

Estava doente.

Ver com. Mat. 4: 24. A paralisia comum não está acostumado a ser tão dolorosa como a enfermidade descrita no Mat. 8: 6, onde se diz que o servo estava "paralítico, gravemente atormentado". portanto, sugeriu-se que o dor e a paralisia acompanhavam a alguma enfermidade similar à febre reumática.

3.

Quando... ouviu.

O que o centurião sabia do Jesus se limitava aos informe que lhe haviam chegado das grandes assinale do Salvador. Nunca tinha visto o Jesus antes desta ocasião (DTG 282).

Anciões.

Podem ter sido cidadãos principais da aldeia ou dirigentes da sinagoga local (ver P. 57), ou possivelmente ambas as coisas. Devido ao proceder amigável do centurião (vers. 5), estava em boas relações com os anciões, a pesar de que não era judeu. Como conhecia perfeitamente o proceder habitual dos judeus para com os gentis (ver com. Mat. 7: 6), o centurião pôde haver tido dúvidas quanto à forma em que responderia Jesus a um pedido que o fazia diretamente alguém alheio a sua raça. Como possivelmente tinha vivido episódios desagradáveis com diversos dirigentes judeus, temia que seu pedido fora rechaçado. Seguindo o costume do antigo Próximo Oriente, correspondia fazer os acertos valendo-se de um intermediário, o qual se supunha que estava em condições de conseguir o que de outra maneira não se concederia. Possivelmente estes eram os anciões da mesma sinagoga a qual Jesus assistia quando estava no Capernaúm (ver com. Luc. 4: 16).

Aqui aparece a diferença mais notável entre os relatos do Mateo e do Lucas. Lucas registra que o centurião enviou duas delegações -primeiro a dos "anciões" (vers. 3) e logo a de "uns amigos" (vers. 6)-; Mateo não menciona a nenhuma das duas, mas sim diz que o centurião mesmo veio ao Jesus (cap. 8: 5). É provável que Mateo, tendo em conta que as delegações falavam em nome do centurião, simplifica o relato apresentando as palavras dos mensageiros do centurião como se tivessem sido pronunciadas pelo centurião mesmo. Ainda está acostumado a dizer-se, como em tempos antigos, que uma pessoa que tem autoridade faz algo quando, na verdade, são seus subordinados os que fazem o trabalho. Por exemplo, diz-se que Pilato açoitou ao Jesus (Juan 19: 1); mas evidentemente os açoites foram jogo de dados por um subordinado, por ordem do Pilato.

É provável que as duas delegações -a dos "anciões" e a dos "amigos"- se tenham aproximado do Jesus, mas que quando era evidente que o Professor se dirigia à casa do centurião, este saiu em pessoa, e quando se encontrou com o Jesus repetiu virtualmente a mesma mensagem que tinha enviado com os "anciões" e os "amigos". Além disso, cabe assinalar que Lucas tinha razões especiais para mencionar qualquer gesto amigável de parte dos dirigentes do Israel para com o Jesus (ver Nota Adicional ao fim do capítulo). Cf. com. Luc. 5: 2.

Sanasse.

Gr. diasÇzÇ, "fazer passar com segurança", "salvar". O centurião queria que Jesus fizesse passar a seu fiel escravo a salvo por essa enfermidade.

4.

Rogaram-lhe.

Gr. parakaléÇ, "rogar", verbo mais expressivo que a forma verbal traduzida "lhe rogando", no vers. 3, que significa mas bem "pedir".

Com solicitude.

Gr. spoudáios, "insistentemente" (BJ), "com urgência". O assunto era urgente porque o servo estava "a ponto de morrer" e não havia tempo que perder.

É digno.

O centurião mesmo se considerava indigno (vers. 6-7), mas os anciões o consideravam "digno" (vers. 4) de receber este favor. Quando se é consciente da própria indignidade, é-se digno do mais alto elogio. Mas parece que em o caso do centurião este autorreconocimiento diante do Jesus era mais que humildade. O centurião acreditava no verdadeiro Deus, mas ainda não era partidário, e aos olhos dos judeus seguia sendo pagão e, portanto, não podia participar dos serviços religiosos (ver com. vers. 2, 5). Era, sem dúvida, humilde de coração ante Deus, e possivelmente consciente da forma como o consideravam os judeus, procurou lhe evitar ao Jesus um momento embaraçoso ao obrigá-lo a entrar em uma casa de gentis. No melhor dos casos, isto seria repulsivo para um judeu piedoso, e sem dúvida faria que ficasse legalmente poluído (Juan 18: 28). Um judeu que era chamado por ordem direta de um funcionário romano, estava obrigado a responder essa ordem, porque uma negativa era interpretada como desacato à autoridade legalmente constituída. O centurião, verdadeiramente piedoso e humilde, procurou possivelmente lhe evitar 736 também ao Jesus essa difícil situação. A humildade do centurião era tão real como prática (ver com. Luc. 7: 6).

5.

Ama a nossa nação.

Por isso era "digno" para os anciões (ver com. vers. 4). O centurião era provavelmente o que se conhecia como um "partidário da porta"; quer dizer, um que acreditava no verdadeiro Deus e nos preceitos da fé judia, mas que não tinha aceito a circuncisão, o sinal do pacto (ver com. Gén. 17: 10- 11), e não praticava os ritos cerimoniosos da religião judia. diz-se que no século I D.C. havia muitos milhares de gentis no Império Romano que eram "partidários da porta". Tinham aprendido a admirar e a respeitar o culto

comparativamente puro dos judeus e estavam convencidos de que esse culto era superior ao dele. Posteriormente muitos desses partidários se converteram plenamente ao judaísmo (ver P. 63).

Uma sinagoga.

Literalmente "a sinagoga", possivelmente a mesma sinagoga da qual eram "anciões" os mensageiros do centurião. Possivelmente fora a sinagoga a qual Cristo estava acostumado a assistir quando estava no Capernaúm e onde começou seu ministério. A BJ traduz melhor a construção enfática deste versículo: "O mesmo nos há edificado a sinagoga". O centurião talvez construiu a sinagoga com seu próprio dinheiro. Segundo uma inscrição do século II d. C., certo funcionário pagão do Egito ajudou aos judeus a levantar uma sinagoga no Atribis. Se registram também outros casos similares.

6.

Foi.

Melhor "ia com eles" (BJ). Jesus não acompanhou aos enviados até a casa do centurião, conforme se deduz pelo relato (Luc. 7: 7; cf. Mat. 8: 5).

Amigos.

É possível que esta segunda delegação estivesse composta de romanos, possivelmente relacionados pessoalmente com o centurião. Talvez Jesus seguiu caminhando para a casa do centurião apesar das mensagens de protesto quanto à indignidade do centurião, porque finalmente saiu ele mesmo (DTG 283). Em vista de que a segunda delegação se encontrou com o Jesus não longe da casa, e que Jesus seguiu avançando depois de ter recebido a este segundo grupo, o centurião deve haver-se encontrado com o Jesus muito perto de sua casa.

Não sou digno.

Ver com. vers. 4. Embora o centurião afirmava que era indigno, Jesus mais tarde disse dele: "Nem mesmo no Israel achei tanta fé" (vers. 9). A notável fé de este suposto pagão o fazia muito mais digno à vista do céu que qualquer dos compatriotas do Jesus. É extremamente interessante comprovar que Jesus e os dirigentes judeus, quem tantas vezes estavam em pleno desacordo, pudessem afirmar a dignidade de um gentil. Suas razões para fazê-lo eram sem dúvida diferentes: os "anciões" aprovavam as obras do centurião, mas Jesus elogiava sua fé. Possivelmente aqui se acha implícita a verdade de que quando na vida se unem a fé e as obras, uma pessoa pode ser muito estimada tanto Por Deus como pelo homem. São muito escassos os dirigentes estimados tanto por amigos como por inimigos, por pessoas de diferentes partidos ou idéias políticas. É difícil achar um professor que seja apreciado por todos seus alunos, tanto pelos que deve qualificar com notas baixas como por aqueles que qualifica com notas altas. É algo estranho encontrar um dirigente religioso que seja apreciado por todos os setores de sua congregação.

Teto.

Gr. stég', "cobertura".

7.

Digno.

Ver com. vers. 4, 6. Os escrúpulos de consciência, quanto ao que o centurião equivocadamente considerava como uma atitude do Jesus com respeito a os gentis (ver com. vers. 4), possivelmente foram os que lhe impediram de atrever-se a solicitar a boa vontade do Jesus e até a apresentar-se pessoalmente ante ele; entretanto, aproximou-se do professor, e as palavras dos vers. 7- 8 apresentam o que ele mesmo disse ao Jesus (DTG 283).

A palavra.

O centurião considerava que a ordem do Jesus para curar a seu servo seria suficiente para obter o que estava pedindo. Isto assinalou os alcances da fé do centurião. Este não exigiu nem esperou, como o nobre do Capernaúm um ano antes, "sinais e prodígios" que fortalecessem sua confiança no poder de Jesus (ver com. Juan 4: 48).

Será são.

Como o leproso, cuja grande fé lhe fez exclamar "se quiser, pode me limpar" (Mat. 8: 2), o centurião parecia compreender que tudo o que se precisava era que Jesus quisesse que o escravo fora liberado das garras da enfermidade.

8.

Também eu.

O centurião chegou a compreender, por isso tinha ouvido, que Jesus representava a autoridade e o poder do céu, assim como ele, um oficial do exército, representava o poder e a autoridade de Roma.

Soldados sob minhas ordens.

Assim como o centurião era representante do governo romano 737 e obedecia seus ordens, assim também os soldados que estavam sob suas ordens reconheciam seu autoridade, e lhe obedeciam. Sabia receber ordens e também as dar, e ver que essas ordens se cumprissem. Uma palavra de seus superiores significava que devia obedecer, e sua palavra exigia a obediência de seus subordinados. Como o centurião já tinha aprendido a reconhecer ao verdadeiro Deus como governante de céu e terra, reconheceu ao Jesus como o representante de Deus. Sem dúvida sabia da cura do filho do nobre um ano antes (Juan 4: 46-53), e deveu ter ouvido dos muitos milagres que Jesus fazia desde que estabeleceu no Capernaúm o centro de seu ministério na Galilea. Como no caso do filho do nobre (Juan 4: 50), uma palavra do Jesus bastaria, e a cura podia fazer-se sem importar a distância. Entretanto, como na cura do leproso, o centurião se perguntava se Jesus estaria disposto a responder favoravelmente a seu pedido (ver com. Mar. 1: 40). O leproso tinha sido descartado pela sociedade devido a sua enfermidade. É provável então que o centurião sentisse que não era socialmente aceitável para os judeus por causa de sua raça.

9.

maravilhou-se.

Gr. thaumázÇ, "admirar-se" , "maravilhar-se". A fé que tinha o centurião de que bastaria uma só palavra do Jesus, era extraordinária. O fato de que o

centurião nunca tinha visto o Jesus nem tinha conversado com ele, fazia que sua fé fora até mais notável, especialmente devido à lentidão dos judeus e até dos mesmos discípulos de Cristo para demonstrar fé nele (Mat. 6: 30; 8: 26; 14: 31; 16: 8; cf. Mar. 4: 40; Luc. 8: 25; 12: 28; 17: 6). Mas o fato de que o centurião era, do ponto de vista judeu, um gentil, fez que sua fé fora incrivelmente grande. Um ano mais tarde, Jesus elogiou à mulher cananea, a qual também era gentil (cf. Luc. 4: 24-27), por sua grande fé (Mat. 15: 28).

Gente que lhe seguia.

Era a multidão que, com toda probabilidade esse mesmo dia, tinha escutado o Sermão do Monte (ver com. Mat. 8: 1; Luc. 7: 1). Se assim foi, este milagre teria a virtude de confirmar as palavras que Jesus tinha pronunciado e a deixar uma viva impressão no pensamento da gente.

Nem mesmo no Israel.

Lucas omite aqui o comentário de Cristo registrado pelo Mateo no cap. 8: 11-12, quanto a grande reunião dos gentis no reino dos céus, mas registra uma declaração similar em outra ocasião (Luc. 13: 28-29). Mais tarde Pablo expressou a mesma verdade de um modo similar (ROM. 9: 7-8; 11: 15, 17, 25). Deve destacar-se que nos dois casos de cura feitos por pedido de gentis -que aqui se registra e o da filha da mulher cananea (Mat. 15: 21-28)-, a cura teve lugar como recompensa de uma grande fé e apesar da distância. portanto, não houve uma relação íntima com os gentis. Possivelmente isto pôde ter sido uma concessão aos prejuízos dos discípulos. Como preparação para a predicación do Evangelho em todo mundo, era essencial que Jesus demonstrasse que os gentis eram dignos de compartilhar os benefícios do reino que tinha vindo a estabelecer; mas não era indispensável que o Senhor ofendesse innecesariamente a sensibilidade judia pelo contato com os gentis. Se tivesse procedido de outra maneira, poderia ter suscitado os prejuízos judeus e embaraçado sua missão. Um pastor ou ministro estará consciente de que embora ele não abrigue prejuízos, muitas vezes lhe será necessário tomar em conta os prejuízos de outros quando trabalha a favor das almas.

Tanta fé.

Ver com. vers. 8. A grande fé do centurião é o ponto culminante do relato. Possivelmente possa considerar-se que ao elogiar ao centurião Cristo estava insinuando sua completa conversão nesse momento ou mais tarde. O fato de que Cristo não tivesse achado uma fé tão grande indica que seu ministério anterior havia tido já alguma duração (ver com. vers. 1).

10.

Os que tinham sido enviados.

Provavelmente aqui estão incluídos tanto os "anciões" como os "amigos" ou por o menos os últimos. Não tiveram que caminhar muito (ver com. vers. 6) para poder comprovar o milagre imediatamente.

São.

Gn hugiáinÇ, "ter saúde", término médico comum (cf. Luc. 5: 31; 3 Juan 2).

Que tinha estado doente.

A crítica textual se inclina (cf. P. 147) pela omissão desta frase.

11.

Depois.

[Jesus ressuscita ao filho da viúva do Naín, Luc. 7: 11-17. Ver mapa P. 209; diagrama P. 221; com referência aos milagres, pp. 198-203.] Embora alguns MSS dizem "ao dia seguinte", a evidência textual se inclina pelo texto "depois" ou "continuando" (BJ), sem especificar um dia.

Ia.

Assim começa a segunda grande viagem missionária pelas aldeias e os povos de Galilea, possivelmente a começos do outono (outubro) 738 do ano 29 d. C. (ver com. Mat. 4: 12; 5: 1; Mar. 1: 39). A segunda excursão começou no Capernaúm, centro de as atividades do Jesus durante seu ministério na Galilea (ver com. Mat. 4: 13), no máximo só uns poucos dias depois da designação dos doze discípulos e a apresentação do Sermão do Monte (ver com. Mat. 5: 1; Luc. 7: 1). A primeira excursão tinha concluído antes, durante o mesmo verão (ver com. Mat. 4: 23; Mar. 1: 39; 2: 1; Luc. 4: 16).

depois de ter inaugurado formalmente o reino da graça divina mediante a designação dos doze (ver com. Mat. 5: 1), e de ter proclamado a lei fundamental e o propósito do reino no Sermão do Monte, Cristo empreendeu sua segunda excursão pela Galilea para demonstrar, por preceito e exemplo, a natureza de seu reino e a amplitude dos benefícios que oferecia à humanidade.

Como ocorreu com a primeira excursão (ver com. Mar. 1: 39-40), é evidente que os evangelistas só registraram os fatos mais significativos e impressionantes (cf. Juan 20: 30-31; 21: 25). A primeira aldeia mencionada nesta viagem é Naín (ver com. "Naín"), embora Jesus provavelmente atendeu as necessidades de a gente e ensinou em outras aldeias pelo caminho. Não se sabe se seguiu uma rota direta ou não, mas o mais provável é que tivesse visitado vários lugares antes de chegar ao Naín. Tampouco se sabe se a "grande multidão" acompanhou-o mais à frente do Naín.

Depois do milagre no Naín, seguiu seu ministério na borda ocidental do mar da Galilea, durante o qual Jesus pronunciou as parábolas registradas em Mat. 13. Essa noite, enquanto Cristo e os discípulos cruzavam o mar, se levantou uma grande tormenta (ver com. Mat. 8: 23-27), e à manhã seguinte se produziu o encontro com os endemoninhados da Gadara (ver com. Mar. 5: 1- 20). Mais tarde, possivelmente esse mesmo dia, Jesus retornou ao Capernaúm para assistir à festa do Mateo (Mar. 2: 15-17; DTG 310), sanou à mulher que tocou seu manto e ressuscitou à filha do Jairo (ver com. Mar. 5: 21-43). Jesus demonstrou deste modo, em sua segunda excursão, seu poder sobre a morte, sobre os elementos naturais e sobre os espíritos satânicos. Em uma série de parábolas expôs os princípios do reino dos céus e sua ação entre os homens. Neste viagem os doze receberam, como ajudantes de Cristo, uma valiosa preparação em a metodologia do evangelismo, preparação que logo -na terceira viagem-, tiveram oportunidade de pôr em prática.

Naín.

Esta aldeia não se menciona em nenhum outra passagem bíblica nem em nenhuma fonte secular, mas está acostumado a identificar-se com o Nein, uma aldeia que está situada na ladeira norte de uma colina a pouca distância da planície do Esdraelón. Nein está localizada a 40 km ao sudoeste do sítio da antiga Capernaúm e a 8 km ao sul do Nazaret. A menos de um km de dita aldeia se encontra um antigo cemitério de tumbas cavadas na rocha.

12.

Perto da porta.

A uns dez minutos de caminho para o leste da aldeia do Nein ainda se encontra um antigo cemitério cujas tumbas foram escavadas na rocha. Esta foi a primeira ocasião, conforme se registra, na qual o Senhor da vida se encontrou cara a cara com a morte, e triunfou sobre ela.

Unico.

Gr. monogenés, "único", "único em seu gênero" (ver com. Juan 1: 14).

Viúva.

O fato de que a mulher era viúva e este fora seu único filho, apresentava uma situação extremamente triste.

Muita gente da cidade.

A difícil situação da viúva evidentemente comoveu o coração dos aldeãos, e muitos deles ou possivelmente a maior parte, acompanhavam-na ao enterro. A simpatia deles pela viúva achou eco na simpatia do grande Doador de a vida.

13.

O Senhor.

Esta é uma das relativamente poucas vezes nas quais os evangelistas chamam o Jesus, "Senhor".

compadeceu-se.

O amor e a compaixão do Jesus aparecem com freqüência como um motivo para realizar seus milagres (Mat. 14: 14; 15: 32; 20: 34; Mar. 1: 41; 8: 2; etc.). Os lábios da viúva não fizeram nenhuma petição e, até onde se saiba, nenhum rogo se elevou de seu coração. Mas Jesus, com sua simpatia pela humanidade sufriente, respondeu a oração silenciosa, assim como o faz ainda muitas vezes em nosso favor.

Não chore.

Também pode traduzir-se, "deixa de chorar". À viúva sobrava razão para estar profundamente triste. Mas Jesus estava a ponto de lhe dar o maior gozo possível, e não era apropriado que seguisse derramando lágrimas, a menos que fossem de gozo. antes de ressuscitar ao Lázaro, de fazer o milagre de restituir a vida, Jesus também procurou inspirar esperança e confiança (Juan 11: 23-27).

14.

Tocou o féretro.

O féretro, um ataúde aberto dentro do qual estava o corpo envolto em um tecido, encabeçava a procissão 739 fúnebre (DTG 285). Nos tempos do NT é provável que este ataúde fosse feito de vime (ver com. Mar. 6: 43). Jesus tocou o féretro para indicar que se detiveram os que o levavam. Segundo a lei do Moisés, o contato com os mortos ou até tocar o féretro, causava uma contaminação cerimoniosa durante sete dias (ver com. Núm. 19: 11). Mas para o Jesus -que não conhecia nem o pecado nem a contaminação, e era a Fonte da vida- não havia contaminação pelo contato com a morte.

te digo.

Em grego, como em castelhano, a construção é enfática. Jesus só havia dita asa mãe: "Não chore"; mas ao filho lhe ordenou: "te levante". Jesus tinha direito de lhe pedir à mãe que não chorasse mais porque tinha o poder de repreender à morte, a causa de seu pranto.

15.

Deu-o.

A mãe viúva tinha perdido a seu filho por causa da morte, e não podia recuperá-lo. Mas agora se apresenta o Doador da vida e o devolve. Compare-se este caso com a cura do filho diabólico que foi devolvido a seu pai (cap. 9: 42).

16.

Glorificavam a Deus.

O pretérito imperfeito indica que continuavam glorificando a Deus. Quando a gente se recuperou de seu assombro, seu primeiro pensamento foi elogiar a Deus.

Um grande profeta.

Este fato sem dúvida lhes recordou casos similares de tempos passados. Frente a eles estava a evidência incontrovertível do poder divino, e chegaram à conclusão de que o instrumento humano por meio de quem se manifestou devia ser um profeta. Compare-se também com a promessa messiânica do Deut. 18: 15 e a reação dos judeus ante o Juan (Juan 1: 21), e mais tarde ante o Jesus (Juan 6: 14; cf. cap. 4: 19; 7: 40).

Todo cristão que chora pela perda de seus seres amados, pode dançar consolo na compaixão que Jesus sentiu pela viúva do Naín (ver com. vers. 13), e tem o privilégio de consolar-se com a segurança de que esse mesmo Jesus ainda "vela com toda pessoa que chora junto a um ataúde" (DTG 286). O que tem em sua mão as chaves da morte e do sepulcro (Apoc. 1: 18), quebrantará um dia as ataduras que aprisionam a seus amado, e os libertará para sempre das garras do grande inimigo da raça humana (ver 1 Cor. 15: 26; 2 Tim. 1: 10).

17.

Fama.

Também poderia traduzir-se: "O que se dizia dele, propagou-se por toda Judea" (BJ). A notícia do ocorrido se propagou por toda a região circunvizinha.

Judea.

Lucas usa este término para referir-se a toda a Palestina, inclusive Galilea e Perea, como também o que usualmente consideramos como Judea (ver com. cap. 1: 5).

18.

Os discípulos do Juan.

[Os mensageiros do Juan o Batista, Luc. 7: 18-23 = Mat. 11: 2-6. Comentário principal: Lucas. Ver mapa p.209.] Os discípulos do Juan estavam perplexos, e falaram-lhe de "a fama" ou "o que se dizia" de todas as maravilhosas obras de Jesus. A inserção deste dado neste ponto, sugere que foi especificamente o relatório da ressurreição do jovem do Naín o que moveu a Juan a enviar alguns de seus discípulos ao Jesus com uma pergunta (vers. 19). Até este momento Juan tinha estado no cárcere aproximadamente uns seis meses, e permaneceria ali mais ou menos esse mesmo lapso antes de que fora executado (ver com. Mat. 4: 12; Luc. 3: 19-20).

A dois de seus discípulos.

Literalmente a "certos dois de seus discípulos". Pergunta-a quanto ao messianismo do Jesus se originou com os discípulos do Juan, não com o Juan mesmo (DTG 185-186), e Juan ficou perturbado porque estes discípulos fossem incrédulos quanto ao testemunho que ele tinha dado de que Jesus era realmente o Prometido (DTG 187). Se os mesmos discípulos do Batista duvidavam de seu mensagem, como podia esperar-se que outros acreditassem? Havia algumas costure que Juan não entendia: a verdadeira natureza do reino messiânico, e por que razão Jesus não fazia nada para liberar o do cárcere. Mas apesar das dúvidas que assaltavam-no, Juan não perdeu sua fé de que Jesus era na verdade o Cristo (DTG 187; cf. vers. 24). A decepção e a ansiedade turvavam a alma do solitário encarcerado, mas Juan se absteve de discutir essas suas perplexidades com seus discípulos.

19.

Enviou-os ao Jesus.

Juan enviou a seus dois discípulos ao Jesus com a esperança de que uma entrevista pessoal com o Jesus confirmaria sua fé, que lhe trariam uma mensagem que fortalecesse a fé de seus outros discípulos, e que ele mesmo pudesse receber um mensagem pessoal do Jesus para esclarecer seus próprios pensamentos. Se Juan estava no cárcere do Machaeros, ao leste do mar Morto (ver com. cap. 3: 20), os dois mensageiros provavelmente tiveram que viajar pelo caminho do vale do Jordão, e quando chegaram a Galilea facilmente poderiam 740 ter perguntado onde se encontrava Jesus nesse momento. Caminharam pelo menos 120 km de ida e outros tantos de vinda, com seis dias de caminho em total, pelo menos. Isto quer dizer que estiveram ausentes não menos de uma semana, e possivelmente mais se se inclui o dia que passaram com o Jesus, porque sem dúvida não viajaram de dia sábado.

É você?

A estrutura da pergunta no grego destaca o pronome pessoal.

que tinha que vir.

Gr. ho erjómenos, "que vem", expressão utilizada usualmente para referir-se ao Mesías, possivelmente apoiada originalmente em Sal. 118: 26 (cf Mat. 3: 11; 21: 9; Mar. 11: 9; Luc. 19: 38; ver com. Juan 6: 14; 11: 27). Também se emprega ho erjómenos para referir-se à segunda vinda de Cristo (Mat. 23: 39; Luc. 13: 35; Heb. 10: 37; Apoc. 1: 4, 8).

Deus permite que até seus melhores e mais leais servos passem por momentos de angustia para fortalecer sua fé e confiança nele. Algumas vezes, quando é necessário para o desenvolvimento do caráter ou para o bem da causa de Deus em a terra, permite que passem por vicissitudes que poderiam sugerir que ele os há esquecido. Assim ocorreu ao Jesus quando pendurava da cruz (Mat. 27: 46; DTG 701-702).Assim aconteceu ao Job (Job 1: 21; 13: 15). Até o Elías, protótipo de Juan o Batista (ver com. Mau. 4: 5; Mat. 17: 10), passou por momentos de desânimo (1 Rei. 19: 4). Tudo isto ajuda a entender facilmente que o episódio do Juan no cárcere, durante um ano, aproximadamente, foi permitido pela misericordioso providência de Deus para animar a muitos milhares que em séculos posteriores sofreriam o martírio (DTG 196). Deus sabia que a fé do Juan não vacilaria (1 Cor 10: 13), e portanto fortaleceu ao profeta para que perseverasse. Juan permaneceu firme até o fim, até no cárcere e frente a a morte; e por isso aparece como uma "tocha que ardia e iluminava" (Juan 5: 35); e com sua fortaleza e sua paciência iluminou o escuro atalho dos mártires do Jesus através dos séculos.

Agora cabe perguntar-se como Juan pôde dizer: "É necessário que ele cresça, mas que eu mingúe" (Juan 3: 30), e aceitar, sem murmurar, os meses de solidão em o calabouço, e finalmente a morte à mãos do Herodes. O segredo era que "o toque do amor divino lhe tinha transformado" (DTG 151). Seu coração estava em harmonia com Deus. Estava disposto a ser fiel a sua missão apesar de que até certo ponto tinha compreendido mal a natureza do reino de Cristo, engano que compartilhava com seus contemporâneos (DTG 186). Até os discípulos do Jesus pensaram depois da ressurreição, que ele estava a ponto de estabelecer seu glorioso reino na terra (Hech. 1: 6; cf. Mat. 24: 3). Cristo disse aos fariseus: "O reino de Deus não virá com advertência,... porque hei aqui o reino de Deus está entre vós" (Luc. 17: 20-21). Com muita freqüência hão surto perplexidades por compreender equivocadamente uma declaração profética da Bíblia. As opiniões preconcebidas dos discípulos foram as que, a pesar do que o Senhor tinha procurado lhes ensinar, converteram a morte e sepultura do Jesus em uma experiência tão amarga para eles (DTG 380, 717, 739). Seu caso pode nos servir de lição para que estudemos com diligência tudas as mensagens que Deus nos enviou com relação na hora de crise que temos por diante (CS 652, 656; TM 114).

Outro.

O que Jesus fazia e dizia, seus sermões e seus milagres, não eram exatamente o que Juan tinha esperado. Jesus parecia estar de acordo com rodear-se de um grupo de discípulos e andar por toda parte ensinando e sanando às pessoas (DTG 186). Juan estava atormentado com dúvidas; queria saber se Jesus era o Mesías, porque o Professor não se rendia ao conceito popular do que o Mesías faria e diria quando viesse. O que Juan perguntava, em certo modo, era se Jesus seria a classe do Mesías que deviam esperar.

20.

Enviou-nos.

Os dois mensageiros provavelmente não se deram conta que tinham sido enviados principalmente para seu próprio benefício (ver com. vers. 19). Provavelmente Juan também desejava prepará-los para que derrubassem seus afetos e seu serviço ao Jesus. Sem dúvida, estes dois estiveram entre os discípulos de Juan que, uns seis meses mais tarde, uniram-se a Cristo (DTG 328).

21.

Nessa mesma hora.

Os dois mensageiros acharam ao Jesus entre a multidão em algum lugar de Galilea. Os que sofriam de diversas enfermidades se abriam passo por entre a multidão para chegar até onde Jesus estava (DTG 187). Sem dúvida, Jesus saudou cortesmente aos discípulos do Juan, mas evitou responder sua pergunta, e silenciosamente seguiu com sua obra de cura.

O método que Cristo usou para responder a pergunta apresentada pelos dois mensageiros, tem, como todos seus métodos, uma grande importância 741 para os pastores e professores. O poderia ter dado uma resposta teológico, prática e correta, apoiada por numerosas entrevistas dos profetas; mas não o fez. Havia um "caminho mais excelente" (1 Com 12: 31) que era, de uma vez, muito mais impressionante e permanente em seus resultados. É digno de notar-se que a suprema evidência que Cristo apresentou de sua divindade foi a perfeita adaptação de seu ministério às necessidades da sufriente e perdida humanidade (DTG 188; cf. 373-374).

Cristo não sempre utilizou o método que usou neste momento ao responder aos discípulos do Juan. Em uma ocasião posterior, depois de sua ressurreição, ocultou sua identidade da vista natural dos dois discípulos que foram caminho a Emaús, com o propósito de dirigir sua vista espiritual ao feito de que os acontecimentos relacionados com sua morte e sua ressurreição eram o cumprimento das profecias. Sua instrução prática tirada das Escrituras, proporcionou neste caso a mais poderosa evidência possível da razão pela qual seus seguidores deviam ter fé nele (DTG 740).

Os dois mensageiros enviados pelo Juan tinham ouvido "a fama" pelo que se dizia quanto ao ministério do Jesus (vers. 17-18); mas agora viram com seus próprios olhos e já não puderam duvidar da verdade do que tinham ouvido. O método que Cristo empregou para lhes responder ilustra também outro princípio importante do ensino da verdade: Apresentou a prova, e deixou que os discípulos do Juan tirassem suas próprias conclusões. Não foi dogmático, não os obrigou a tomar sua palavra como resposta, nem afirmou que qualquer que dissesse o contrário estava equivocado. Suas mentes ficaram em completa liberdade de julgar este assunto de acordo com o que a profecia havia dito que faria o Mesías (ver com. vers. 22) e o que ele mesmo estava fazendo (vers. 21).

Enfermidades e pragas.

Ver com. Mat. 4: 23; Mar. 3: 10.

Espíritos maus.

É importante assinalar que Lucas, o médico, distingue cuidadosamente entre os que estão poseídos do demônio e aqueles cuja aflição é nitidamente corporal.

Este fato exclui a possibilidade de que tivesse confundido uns com outros como o afirmaram alguns (ver cap. 6: 17-18; 7: 2; 8: 27-36; Nota Adicional de Mar. 1).

Deu.

Gr. jarízomai, "conceder um favor", ou "dar bondosamente", de járis, "graça", "favor", "dom" (ver com. cap. 1: 30). Quando Jesus devolvia a alguém a saúde, não o fazia em forma mecânica ou rotineira, mas sim mas bem como uma expressão de seu compassivo interesse e o sentimento de seu grande coração de amor para todos os homens.

22.

Respondendo Jesus.

Quando já terminava o dia, Jesus se dirigiu aos dois enviados e lhes deu um mensagem para que o levassem a que os tinha enviado, mensagem que satisfez as inquietações do Juan e de seus discípulos (DTG 188). Todas as dúvidas foram postas a um lado, embora pudesse haver aspectos do reino de Cristo que não fossem totalmente compreendidos.

Façam ter sabor do Juan.

A resposta de Cristo à pergunta dos dois discípulos do Juan é uma paráfrase da ISA. 61: 1, passagem reconhecida entre os judeus dos tempos de Cristo como definidamente messiânico (ver com. Luc. 4: 18-21). Não poderia haver-se dado uma resposta mais impressionante.

Cristo não mencionou o "dia de vingança", nem no Nazaret nem nesta ocasião (ver ISA. 61: 2; Luc. 4: 19). Na mensagem para o Juan, Jesus tampouco disse nada a respeito da "liberdade" para os "cativos" (ISA. 61: 1). Essa referência facilmente poderia entender-se mau e criar no coração do Juan a falsa esperança de que poderia ser sacado do cárcere. Na resposta de Cristo se achava implícita a explicação de que não tinha vindo a destruir aos pecadores (ver Luc. 9: 56; Juan 3: 17; 12: 47), a não ser a restaurá-los física, mental e espiritualmente. Tinha vindo para que tivessem "vida... em abundância" (Juan 10: 10). Juan tinha perguntado ao Jesus: "É você o que tinha que vir?"; e a resposta do Jesus poderia parafrasear-se assim: "Sim, sou o que tinha que vir; mas não sou a classe do Mesías que tinham esperado".

O que viram e ouvido.

Não há melhores testemunhas que os que vêem pessoalmente. Cristo fez que estes mensageiros fossem testemunhas oculares da obra que estava fazendo em favor do corpo e da alma da gente (cf. Luc. 1: 2; Juan 1: 14; 2 Ped. 1: 16; 1 Juan 1: 1-2).

Aos pobres.

Os camponeses e jornaleiros, os pobres e incultos, recebiam pouca atenção de os orgulhosos fariseus e os doutos rabinos, quem reservava sua atenção especialmente para as pessoas ricos e de influência. A gente comum, de coração receptivo e fé singela, era a que se sentia atraída a Cristo e "o ouvia de boa vontade" (Mar. 12: 37). Os pobres 742 entre os judeus nos dias de Cristo não só sofriam escassez de bens terrestres, mas também além disso eram oprimidos e afligidos pelos que ocupavam posições de poder e de influência

(ver com. Mat. 5: 3; P. 57).

Evangelho.

Quer dizer, as boas novas (ver com. Mar. 1: 1).

23.

Bem-aventurado é aquele.

Quer dizer, feliz ou ditoso (ver com. Mat. 5: 3). Jesus repreendeu brandamente a Juan, sob a grata forma de uma bênção, mas com palavras cujo significado seria claro para ele e os discípulos que lhe levariam a mensagem (DTG 189). Esta bênção, apresentada depois da paráfrase da ISA. 61: 1 (ver com. Luc. 7: 22), era toda a mensagem pessoal que Cristo tinha para lhe enviar ao profeta encarcerado. Foi a resposta de Cristo ao desejo implícito do Juan de receber uma palavra pessoal de consolo e alegria (DTG 188). Até onde o registram os Evangelhos, este foi o último contato entre o Jesus e Juan.

Ache tropeço.

Gr. skandalízÇ, "fazer tropeçar" (ver com. Mat. 5: 29). Muitos judeus dos tempos de Cristo "tropeçaram na pedra de tropeço [Gr. skándalon]", é dizer, no Jesus (ROM. 9: 32-33), assim como havia dito o profeta Isaías que aconteceria (ver com. ISA. 8: 14). Jesus veio "ao seu, e os seus não o receberam" (Juan 1: 11; DTG 22, 184, 355-359). Até os discípulos de Cristo tropeçaram às vezes por causa dele (DTG 342-343), e devido a este tropeço Judas entregou ao Jesus (DTG 666). Os discípulos se escandalizaram na noite da traição, e "lhe deixando, fugiram" (Mat. 26: 31, 56).

24.

Começou a dizer.

[Jesus elogia ao Juan, Luc. 7: 24-35 = Mat. 11: 7-30. Comentário principal: Mateo.]

25.

Talher de vestimentas delicadas.

Quer dizer, vestido de roupas esplêndidas.

Em deleites.

Quer dizer, em luxúrias, "com brandura" (BJ).

29.

Todo o povo.

Alguns pensam que os vers. 29 e 30 são um comentário inspirado do Lucas, e não parte do discurso do Jesus a respeito do Juan o Batista. Outros entendem que estes versículos são palavras pronunciadas pelo Jesus mesmo. Este Comentário adota a segunda posição.

nos publique.

Ver com. cap. 3: 12.

Quando o ouviram.

Ao Juan o Batista.

Justificaram.

Do verbo grego dikaióÇ, que aqui significa "reconhecer a justiça de Deus". A gente justificou a Deus respondendo à mensagem divina que foi dado por meio do Juan o Batista. Reconheceram que o que Juan dizia era verdade e que, como profeta, tinha direito de lhes exigir certos deveres.

Batizando-se.

Ver com. Mat. 3: 6. A aceitação do batismo do Juan era o reconhecimento público do fato de que quem se batizava entendiam que Deus falava por meio do Juan.

Batismo do Juan.

Ver com. Mat. 3: 6. O batismo cristão seguiu o modelo do batismo de Juan (Juan 3: 22-23; 4: 1-2). Entretanto, a igreja cristã primitiva parece ter acreditado que o batismo do Juan não era suficiente (Hech. 18: 25; 19: 1-5). Seu batismo era essencialmente um símbolo do arrependimento, e se denominou-o "batismo de arrependimento" (Mar. 1: 4; etc.). O batismo cristão simboliza o arrependimento (Hech. 2: 38), mas além disso confessa a fé no Jesucristo como Filho de Deus (Hech. 8: 36-37) e também a recepção do Espírito Santo (Hech. 10: 44-48; 19: 1-6). Juan havia predito claramente que Jesus batizaria com o Espírito Santo (Mat. 3: 11; cf. Hech. 11: 16); mas isto não significa que o batismo do Juan não tivesse a aprovação do Espírito Santo.

30.

Fariseus.

Ver pp. 53-54.

Intérpretes da lei.

Ver com. Mar. 1: 22; 2: 16. Eram os estudantes e expositores da lei feijão.

Os intuitos de Deus.

A cada grupo das pessoas que tinham vindo para ser batizadas Juan havia esboçado, com certos detalhes, o que deviam fazer para produzir "frutos dignos de arrependimento" (ver com. Mat. 3: 7-8; Luc. 3: 10-14). É provável que alguns dos dirigentes religiosos tivessem sido batizados, mas no melhor dos casos, foram poucos os que aceitaram este rito administrado por Juan. negaram-se a admitir que eram pecadores e que precisavam arrepender-se (ver com. Mat. 3: 6). O batismo do Juan significava arrependimento, mas como eles não sentiam nenhuma necessidade de cumprir esse requisito não foram batizados por ele.

31.

Disse o Senhor.

A evidência textual (cf. p.147) estabelece a omissão destas palavras. Aparecem na Vulgata e em uns poucos manuscritos gregos posteriores. há-se sugerido que esta frase foi inserida aqui porque se acreditava que os vers. 29 e 30 eram um comentário adicional do Lucas, e era necessário indicar que do vers. 31 falava novamente Jesus (ver com. vers. 29). 743

36.

Um dos fariseus.

[Jesus no lar do Simón o fariseu, Luc. 7: 36-50 = Mat. 26: 6-13 = Mar. 14: 3-9 = Juan 12: 1-9. Comentário principal: Mateo e Lucas. Ver mapa P. 214; diagrama P. 223; Nota Adicional ao final do capítulo.]

Rogou.

Jesus tinha curado ao Simón da lepra (Mat. 26: 6; DTG 511), e como desejava expressar sua gratidão preparou um banquete e convidou ao Jesus como hóspede de honra. Esse banquete se celebrou na Betania o dia antes da entrada triunfal do Jesus em Jerusalém (DTG 511; cf. 523), menos de uma semana antes da crucificação. Além disso, Lázaro, que tinha sido ressuscitado de entre os mortos não mais de dois meses antes, a fins do inverno 30-31 d. C. (ver com. Juan 11: 1), era também um convidado de honra junto com o Jesus (DTG 511). Jesus bondosamente aceitava a hospitalidade tanto dos fariseus como dos nos publique (Luc. 5: 29; 19: 5; cf. cap. 11: 37; 14: 1).

sentou-se à mesa.

Literalmente "reclinou-se [à mesa]" (ver com. Mar 2: 15). Simón estava a um lado do Jesus e Lázaro ao outro quando os convidados se reclinaram para participar da comida (DTG 512).

37.

Uma mulher.

María da Betania, conhecida também como María Madalena (ver Nota Adicional ao final do capítulo).

Alabastro.

Uma pedra relativamente branda que podia ser esculpida para fazer taças, caixas, copos e frascos. Os antigos frascos de perfume estavam acostumados a esculpir-se em pedra calcária de uma cor cinza translúcida.

Perfume.

O perfume comum na Palestina se fazia de azeite de oliva ao qual lhe acrescentava especiarias ou outras substâncias aromáticas. O perfume da María era "de nardo puro de muito preço" (Mar 14: 3; Juan 12: 3), extraído possivelmente das fragrantes raízes da Nardostachys jatamansi, planta que cresce a grandes alturas nas montanhas dos Himalayas, e que em tempos antigos se usava para preparar perfumes e remédios (ver com. Cant. 1: 12). Se o perfume da María provinha

das montanhas do norte da Índia, não é de sentir saudades que fora de muito valor (Juan 12: 3, 5), pois representava 300 denarios romanos (1.168,5 g de prata), o equivalente do jornal de 300 dias para um operário dessa época (ver com. Mat. 20: 2). Um presente tão valioso, digno dos reis da terra, representava um grande sacrifício pessoal de parte da María (DTG 513, 517).

38.

Estando detrás dele a seus pés.

Os convidados a um banquete estavam acostumados a tirá-las sandálias antes da comida, e reclinavam-se sobre o flanco esquerdo em divãs que estavam a três lados de a mesa, apoiando o cotovelo esquerdo nela e os pés no extremo inferior do divã, afastados da mesa (ver com. Mar. 2: 15). Deste modo resultava relativamente fácil que María pudesse ungir os pés do Jesus sem que fora vista até que o aroma do perfume encheu a habitação.

Regar.

Melhor "molhar", "umedecer".

Com lágrimas.

María possivelmente não teve a intenção de derramar lágrimas de gozo e gratidão sobre os pés do Jesus, mas ao ajoelhar-se para ungi-los não pôde as deter, e as lágrimas molharam os pés do Jesus antes de que pudesse ungi-los com o perfume.

Cabelos.

Usualmente se considerava que era uma desgraça que uma mulher se soltasse o cabelo em público. Entretanto, possivelmente porque não estava preparada para fazer frente à necessidade imprevista de uma toalha, empregou seu cabelo para secar os pés do Jesus.

Beijava.

Segundo o grego, assim como o castelhano, María beijou mais de uma vez os pés de Jesus (cf. vers. 45). Em muitos países o beijo segue sendo hoje uma forma comum de saudar-se (ver com. Mat. 26: 49). Abraçar os pés de uma pessoa e beijá-los era uma demonstração inteiramente apropriada e respeitável que significava avaliação (ver com. Mat. 28: 9).

Ungia-os.

Ver com. Mat. 6: 17.

39.

Disse para si.

Simón estava reclinado junto ao Jesus e foi um dos primeiros em detectar o perfume e ver o que estava ocorrendo. Como bom anfitrião, não disse nada; mas em silêncio criticou ao Jesus por permitir que essa mulher realizasse sua ação de gratidão sem repreendê-la.

Profeta.

Um par do MSS dizem "o profeta", o qual se referiria ao "Profeta" predito pelo Moisés no Deut. 18: 15 (ver com. Deut. 18: 15; Juan 1: 21); entretanto, a evidência textual se inclina pela omissão do artigo. A construção da frase condicional no grego sugere que Simón tinha chegado à conclusão de que Jesus não podia ser profeta, porque se o fora, saberia, depende ele, que classe de mulher era María.

Que classe de mulher.

Parece que Simón não sabia que Jesus estava bem informado de "que classe de mulher" era María. É provável que Simón não soubesse grande coisa da vida de María depois de que ele a humilhou (DTG 519), 744 circunstância que tende a confirmar a idéia (ver Nota Adicional ao fim do capítulo) de que María se tinha afastado da Betania para evitar o abafado de sua família e sua vergonha pessoal.

40.

Respondendo Jesus.

Jesus falou em resposta à pergunta que Simón se fazia em silêncio.

41.

Um credor.

[Os dois devedores, Luc. 7: 41-43. Com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] A palavra grega empregada aqui equivale a "prestamista". Esta breve parábola se refere à gratidão que se sente por ter recebido as bênções da salvação. A parábola se apóia sem dúvida no princípio fundamental de que a avaliação pelas bênções recebidas está em proporção direta com a necessidade que se sente de receber essas bênções. Só o que chega até o ponto de sentir que é completamente necessitado ante Deus está em condições mentais apropriadas para apreciar o que Deus faz por ele, já seja material ou espiritualmente. que não sente necessidade da ajuda divina, confia em sua própria capacidade e em seus próprios recursos, e busca em eles a solução para os problemas que enfrenta. Por esta razão Deus muitas vezes permite que seus filhos terrestres esgotem seus recursos antes de intervir para lhes proporcionar a ajuda divina. Se interviesse antes de que sejam conscientes de sua completa impotência, não apreciariam verdadeiramente as bênções concedidas, não seriam induzidos a confiar na sabedoria e a bondade de Deus; e seu caráter seguiria sendo imperfeito e continuariam confiando em seus próprios recursos e sua capacidade para fazer frente aos problemas da vida.

Assim ocorreu com o Simón. Jesus o tinha curado da lepra e desejava, com toda razão, "manifestar sua gratidão" (Mat. 26: 6; DTG 511); mas era o agradecimento de um homem para outro homem, e não a gratidão do homem para com o Deus infinito. O caráter do Simón "não tinha sido transformado, seus princípios não tinham trocado" (DTG 511); em síntese, não estava convertido. portanto, o propósito básico da cura de sua lepra não tinha sido alcançado ainda. O proceder do Simón para com o Jesus era similar ao do Nicodemo, quem reconheceu ao Jesus como um professor vindo de Deus, mas sem reconhecer seu necessidade pessoal de nascer "de novo" (ver com. Juan 3: 2-3). Nesta etapa de sua vida religiosa, ambos eram como os auditores representados na parábola

pela terra pedregosa (ver com. Mat. 13: 5).

Quinhentos denarios.

Ou seja 1.947,5 g de prata. Recorde-se que o salário de um jornaleiro era um denario por dia (ver com. Mat. 20: 2).

42.

Não tendo eles com o que pagar.

Os dois devedores não podiam pagar dívidas tão grandes para eles. Mas sim havia uma enorme diferencia na forma em que cada um considerou o cancelamento de sua dívida. Ao que devia menos talvez lhe teria sido mais fácil ganhar dinheiro para pagar sua dívida; mas ao que devia mais lhe tivesse sido muito difícil pagar seu dívida. Parece que o que devia os 500 denarios romanos (ver com. vers. 41) estava tão endividado que tinha poucas esperanças de poder pagar tudo o que devia, enquanto que o que devia só 50 denarios poderia pagá-los se lhe dava o tempo. Entretanto, aos dois chegou o momento de pagar sua dívida, e parece que a única alternativa que ficava era a de vendê-los como escravos (ver com. Mat. 18: 25).

43.

Penso.

A resposta era evidente como ocorreu com outras parábolas e ensinos de Jesus. Em alguns aqueles casos a quem se dirigia a lição eram relutantes para aceitá-la; mas outros recebiam imediatamente a lição tão claramente ensinada (Mat. 21: 31, 41, 45; Luc. 10: 36-37).

Perdoou mais.

Ver com. vers. 42. Simón ditou sua própria sentença. El Salvador contudo tato tinha induzido ao orgulhoso fariseu a compreender que seu pecado -quando seduziu a María- tinha sido maior que o pecado dela, assim como 500 denarios eram uma soma muito maior que 50 (DTG 519-520).

44.

Voltado para a mulher.

Embora Cristo olhou a María ao falar, suas palavras estavam dirigidas ao Simón. Este fato poderia significar que Jesus queria que sua afirmação fora uma repreensão para o Simón e, de uma vez, uma expressão de gratidão a María por seu ato de bondade. Esta deferência deve ter sido muito mais significativa para María que uma só palavra que depois lhe houvesse dito em privado, porque Jesus a honrou em presença de quem considerava que tinham uma razão válida para desprezá-la e ignorá-la.

Não me deu água.

No grego se apresentam estes essenciais -água (vers. 44), beijo (vers. 45) e azeite (vers. 46)- em primeiro lugar para destacá-los: "água, não me deu;... beijo, não me deu..." É muito estranho que Simón 745 não tenha dada água a seus convidados, porque é bastante duvidoso que tivesse convidado a suas hóspedes para que participassem da hospitalidade e a mesa de seu lar, e logo lhes houvesse

negado essas cuidados menores se estas tivessem correspondido ao anfitrião. O mais provável é que o contraste que Jesus estabeleceu entre o Simón e María não foi tanto entre um dever passado por cima e um dever completo, como entre um favor descuidado e um favor concedido. Simón foi hospitalar, mas poderia fazer mais do que fez. María executou seu ato de gratidão não como uma obrigação, mas sim como expressão de um coração transbordante de amor e gratidão.

45.

Não cessou.

Gr. dialéipÇ, "cessar". Quando se usa com o advérbio de negação significa "fazer constantemente", possivelmente em forma repetida.

46.

Azeite.

Gr. élaion, "azeite", geralmente de oliva. Simón não tinha ungido ao Jesus nem sequer com o azeite mais comum da Palestina; em troca, María tinha usado múron, "perfume" ou 'ungüento" do mais caro que se podia comprar (ver com. vers. 37). Simón não tinha gasto nem sequer o azeite mais comum para a cabeça de Cristo, enquanto que María tinha derramado do mais caro aos pés do Professor. Este imenso contraste refletia a atitude do coração de cada um. A hospitalidade do Simón era insignificante em comparação com a ilimitada gratidão da María.

47.

São perdoados.

O amor a Cristo leva a perdão, pois o amor por ele conduz à contrição e à confissão. O amor que María albergava em seu coração para Cristo era o resultado do perdão que lhe tinha concedido previamente (ver Nota Adicional ao final deste capítulo). Simón talvez sentia pouco amor por Cristo porque seus pecados ainda não tinham sido perdoados, pois, como Nicodemo (ver com. Juan 3: 3-7), não se considerava como um pecador necessitado do perdão divino.

48.

São perdoados.

Melhor "foram perdoados e ficam perdoados". María já tinha recebido o perdão de seus pecados.

49.

Também.

A palavra grega kaí pode traduzir-se "e", "também", "até" ou "até" (BJ).

50.

Sua fé te salvou.

A fé do homem sempre deve reclamar as bênções do perdão, porque "sem fé é impossível agradar a Deus" (Heb. 11: 6). O sentimento da necessidade

e da dependência de Cristo deve acompanhar à fé (ver com. Mat. 5: 3 Luc. 5: 8).

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 7

Muitos comentadores opinam que o episódio registrado no Luc. 7 não deveria identificar-se com o banquete que se descreve e Mat. 26: 6-13; Mar. 14: 3-9 e Juan 12: 1-9. Algumas das razões mais importantes par opinar assim, são: (1) duvida-se que María da Betania pudesse ter sido uma mulher como a que descreve Lucas, pois o que se registra e quanto a María da Betania em outra passagem de os Evangelhos parece impedir esta identificação. (2) duvida-se que um fariseu, especial mente um que vivia tão somente a 3 km d Jerusalém, convidasse publicamente ao Jesus, a menos de uma semana da crucificação, especialmente quando ele mesmo não acreditava totalmente no messianismo do Jesus. (3) acham-se diferenças aparentemente irreconciliáveis entre o relato do Lucas e o dos outros três Evangelhos, diferenças que pesam mais que os muitos parecidos que têm.

Terá que admitir que estas dificuldades não devem considerar-se à ligeira; sem embargo, a conclusão apoiada nos pontos já enumerados não deveria ser determinante. Isto se vê pelas seguintes considerações.

1. Juan identifica a María, irmã da Marta e do Lázaro, como a que ungiu os pés do Jesus, e seu relato do episódio é evidentemente paralelo ao do Mateo e do Marcos, quem, como Lucas, não a mencionam por nome. Possivelmente se deva a que a mulher, uma piedosa cristã, vivia ainda quando se escreveram os Evangelhos sinóticos. Os autores dos três sinóticos, acreditando que devia incluir-se este relato, puderam ter decidido, com bondade cristã, não mencionar o nome dela. Mas Juan possivelmente não se sentiu obrigado a esse silêncio porque seu Evangelho foi escrito várias décadas mais tarde (ver P. 174), possivelmente muitos anos depois da morte de dita mulher. É digno de notar-se que Juan, o único que menciona por nomeie a María, é também o único que omite o nome do Simón.

Lucas (cap. 10: 39, 42) e Juan (cap. 11: 1-2, 19-20, 28, 31-32, 45; 12: 3) mencionam a María da Betania e a identificam como irmã 746 da Marta e de Lázaro. María, conhecida como María Madalena, que provavelmente era de Magdala, aldeia situada na borda ocidental do mar da Galilea (ver Mat. 15: 39; DTG 371), aparece entre as mulheres que acompanharam ao Jesus no segundo viaje pela Galilea (Luc. 8: 1-3), e é mencionada pelos quatro evangelistas em relação com a morte, sepultura e ressurreição do Jesus (Mat. 27: 56, 61; 28: 1; Mar. 15: 40, 47; 16: 1, 9; Luc. 24: 10; Juan 19: 25; 20: 1, 11, 16, 18). Em algum momento antes da segunda excursão pela Galilea, Jesus tinha expulso de ela sete demônios (Luc. 8: 2; cf. Mar. 16: 9).

Se acaso María da Betania se foi de sua casa como resultado de sua vida vergonhosa, poderia haver-se ido a Magdala, possivelmente com amigos ou parentes que viviam ali. Muitos dos fatos registrados do ministério do Jesus em Galilea transcorreram perto da planície do Genesaret, onde se encontrava Magdala. É possível que durante uma das primeiras visitas do Jesus a Magdala, tivesse liberado a María dos demônios que a possuíam. depois de acompanhar ao Jesus na segunda excursão pela Galilea, ela, já transformada, poderia ter retornado a Betania e ter vivido novamente ali. Esta possibilidade não prova, é obvio, que María da Betania e María da Magdala são uma mesma pessoa, mas mostra como é possível que assim tivesse sido. Toda a informação que aparece nos relatos evangélicos pode facilmente entender-se seguindo esta explicação.

2. A idéia de que Jesus não tinha amigos entre os dirigentes do Israel ao aproximar o fim de seu ministério, carece de validez. Nicodemo, "principal entre os judeus" (Juan 3: 1), defendeu corajosamente ao Jesus em um concílio de os principais sacerdotes e fariseus (Juan 7: 45-53). E sua influência se torna de ver nessa ocasião -na festa dos tabernáculos do ano 30 d. C., uns seis meses antes da crucificação-, porque seu conselho prevaleceu e o grupo se retirou sem obter seu objetivo (Juan 7: 53; DTG 424). Na crucificação, o momento mais indicado para que os homens tivessem sentido medo de dar-se a conhecer como seguidores do Jesus, quando "todos os discípulos, lhe deixando, fugiram" (Mat. 26: 56), e quando Pedro, seu mais ardente defensor, negou-lhe repetidas vezes (Mat. 26: 69-75), José da Arimatea, outro "membro nobre do concílio" (ver com. Mar. 15: 43), publicamente proporcionou um lugar onde sepultar ao Jesus e, junto com o Nicodemo, fiscalizou sua sepultura diante de todos (Mat. 27: 57-60; Juan 19: 38-40). Muitos dos governantes acreditavam em Jesus neste momento (DTG 497, 647), mas não o confessavam por temor a ser excomungados (Juan 12: 42), embora sem dúvida depois da ressurreição muitos deles se fizeram cristãos (Hech. 6: 7).

3. Os supostos pontos de diferença entre os diferentes relatos não são tão importantes como podem parecer, e não impedem que se considere que o episódio relatado é o mesmo. Só Lucas diz que o anfitrião do Jesus em esta ocasião era fariseu, mas isto não é estranho, pois havia muitos fariseus, e o autor decidia se identificava ou não a uma pessoa como fariseu. Lucas é o único evangelista que faz referência a outras duas ocasiões quando Cristo comeu em casa de fariseus (cap. 11: 37; 14: 1). Parece que Lucas considerava que a relação do Jesus com os fariseus em um plano amistoso e social era um feito digno de notar-se, e isto explicaria por que registra aqui o fato de que o anfitrião era fariseu.

Não é estranho que Lucas examine a reação do Simón ante o acontecido, enquanto que os outros evangelistas não mencionam este aspecto do relato, e só destacam a reação do Judas. Se Lucas teve alguma razão especial para introduzir este relato neste ponto de seu Evangelho e não perto do fim do ministério de Cristo, como o fazem os outros evangelistas, dificilmente haveria registrado a atitude do Judas e a lição que Cristo procurou lhe ensinar, pois o fazê-lo teria parecido inapropriado a esta altura do relato evangélico. Teria apresentado ao Judas com uma atitude e umas características que ainda não desenvolveram-se manifiestamente, e o relato, na forma como o apresentam os outros três evangelistas em um momento posterior de seus narrações, só teria servido para confundir aos leitores se Lucas o tivesse inserido aqui. Ver pp. 181-182.

Há muitos detalhes do relato do Lucas que são mencionados por um ou mais de os outros três evangelistas: (1) Todos concordam em que houve um banquete, (2) e em que a pessoa que ungiu ao Jesus foi uma mulher. (3) Os três sinóticos concordam em que o perfume estava em um frasco de alabastro; Juan não menciona o frasco. (4) Nem Lucas nem Mateo dizem que classe de perfume se usou, mas Marcos 747 e Juan dizem que era de "nardo". (5) Tanto Lucas como Juan mencionam o unção dos pés do Jesus, (6) e o fato de que María usou seu cabelo como toalha para secar os pés do Jesus. (7) Os três evangelistas sinóticos dizem que o nome do anfitrião era Simón. Estes parecidos não necessariamente provam que o episódio relatado pelo Lucas deva identificar-se com o que registram os outros três evangelistas, mas tendem a aumentar o grau de probabilidade nesse sentido.

Se aceitarmos que o banquete em casa do fariseu que se registra no Lucas é o

mesmo que teve lugar na casa do Simón na Betania, surgem duas perguntas: (1) por que Lucas inseriu este incidente relativamente perto do começo de seu relato evangélico, tão longe de seu verdadeiro contexto cronológico? (2)por que é seu relato tão diferente do dos outros três Evangelhos em vários aspectos importantes? O contexto do Lucas proporciona uma resposta satisfatória e convincente para estas perguntas.

Lucas escreve em primeiro lugar para cristãos gentis que não residiam em Palestina (ver P. 650). depois de mencionar repetidas vezes que os dirigentes judeus se opunham a Cristo (cap. 5: 17, 21, 30, 33; 6: 2, 7, 11; etc.), Lucas sem dúvida temia que seus cultos leitores gentis se perguntassem como poderia esperar-se que eles acreditassem em Cristo se o tinham rechaçado todos os dirigentes de sua própria nação, os quais evidentemente tinham estado em melhores condicione para julgar suas afirmações messiânicas. Isto possivelmente explique por que Lucas seja o único dos quatro evangelistas que menciona três casos específicos quando Jesus comeu em casa de um fariseu (cap. 7: 36; 11: 37; 14: 1), assim como também outros casos de aparente amizade entre o Jesus e certos dirigentes judeus (ver com. cap. 7: 3).

O contexto imediato do relato do Lucas sobre o banquete em casa do Simón, faz ainda mais compreensível a razão pela qual Lucas inseriu o relato neste momento de sua narração. Acaba de registrar que os dirigentes haviam rechaçado tanto a mensagem do Juan o Batista como o do Jesus (vers. 30-35); não todos os dirigentes, mas evidentemente a grande maioria. portanto, em este ponto de seu relato da vida de Cristo, Lucas pôde haver sentido a necessidade de assinalar que alguns dos dirigentes simpatizavam com ele. Além disso, neste mesmo capítulo Lucas registra a mediação amistosa de certos "anciões dos judeus" (vers 3). Lucas apresenta, imediatamente depois de este fato, as circunstâncias que levaram a Cristo a admitir que os dirigentes do Israel tinham rechaçado tanto a ele como ao Juan o Batista (vers. 11-35). É possível que Lucas registrasse, imediatamente antes e depois dos vers. 11-35, a simpatia de alguns dos dirigentes judeus para acalmar qualquer suspeita de seus leitores de que Jesus não fora o Mesías porque seu própria nação o tinha rechaçado.

Se se aceitar que esta é a razão pela qual Lucas inseriu o relato do banquete do Simón entre os primeiros capítulos do relato evangélico e não em seu verdadeiro contexto cronológico, então se explica o motivo para a diferença principal entre o relato do Lucas e o dos outros três evangelistas. É evidente então que não tinha sentido que Lucas registrasse a reação do Judas nem as referências a iminente morte de Cristo. O ponto principal era, portanto, destacar o proceder do Simón, um dos dirigentes do Israel. Mas para os outros três evangelistas o proceder de Judas é o que tem significado dentro do contexto onde aparece a narração que fazem desse fato. O relato da reação do Judas e da de Simón não se excluem mutuamente, mas sim se complementam, e não se contradizem embora ambas as reações fossem apresentadas por um ou mais dos evangelistas.

No Desejado de todas as gente, pp. 511-516, identifica-se claramente o banquete celebrado em casa do Simón, relatado no Lucas, com o banquete na casa do Simón da Betania, que aparece nos outros Evangelhos. Simón de Betania é identificado com o Simón do relato do Lucas (DTG 511-512, 519). Além disso, a mulher anônima no relato do Lucas é identificada como María de Betania (DTG 512-514, 519) e com a María Madalena, de quem Jesus tinha jogado sete demônios (DTG 521). Além disso, afirma-se que Simón foi o que em algum momento anterior tinha induzido a María a pecar (DTG 519). Simón já havia

declarado sua fé no Jesus como profeta, tinha-o reconhecido como um professor enviado de Deus e esperava que pudesse ser o Mesías (DTG 511; cf. Juan 3: 1-2). Mas ainda não o tinha aceito como El Salvador, e este episódio foi o momento decisivo em que aceitou a salvação (DTG 520-521).748

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-17 DTG 282-287

4-5 MC 42

4-7 MC 41

4-9 DTG 282

5-6 DTG 283

11-15 DTG 284

14 DTG 286

16-17 DTG 286

19-28 DTG 185-197

21-23 DTG 188

23 DTG 189

30 DTG 546

36-50 DTG 511-522

38 DTG 513

39-43 DTG 519

43 DC 35; 2T 75

44-45 DTG 520

47 DTG 520; FÉ 275; MC 137; PP 818; PVGM 166

48 PP 818

CAPÍTULO 8

2 Mulheres que servem a Cristo com seus bens. 4 depois de que Cristo houve pregado em diferentes lugares, acompanhado pelos doze, apresenta as parábolas do sembrador 16 e do castiçal; 21 logo declara quem é sua mãe e quem seus irmãos. 22 Repreende o vento; 26 expulsa de um homem uma legião de demônios e estes entram em uma manada de porcos; 37 mas é rechaçado pelos gadarenos. 43 Cristo sã à mulher doente com fluxo de sangue, 49 e ressuscita à filha do Jairo.

1 ACONTECIO depois, que Jesus ia por todas as cidades e aldeias, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze com ele,

2 e algumas mulheres que tinham sido sanadas de espíritos maus e de enfermidades: María, que se chamava Madalena, da que tinham saído sete demônios,

3 Juana, mulher da Chuza intendente do Herodes, e Susana, e outras muitas que o serviam de seus bens.

4 Juntando uma grande multidão, e os que de cada cidade vinham a ele, disse-lhes por parábola:

5 O sembrador saiu a semear sua semente; e enquanto semeava, uma parte caiu junto ao caminho, e foi pisada, e as aves do céu a comeram.

6 Outra parte caiu sobre a pedra; e nascida, secou-se, porque não tinha umidade.

7 Outra parte caiu entre espinheiros, e os espinheiros que nasceram junto com ela, afogaram-na.

8 E outra parte caiu em boa terra, e nasceu e levou fruto a cento por um.
Falando estas coisas, dizia a grande voz: que tem ouvidos para ouvir, ouça.

9 E seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: O que significa esta parábola?

10 E ele disse: lhes é dado conhecer os mistérios do reino de Deus;
mas aos outros por parábolas, para que vendo não vejam, e ouvindo não entendam.

11 Esta é, pois, a parábola: A semente é a palavra de Deus.

12 E os de junto ao caminho são os que ouvem, e logo vem o diabo e estorva de seu coração a palavra, para que não criam e se salvem.

13 os de sobre a pedra são os que tendo ouvido, recebem a palavra com

gozo; mas estes não têm raízes; acreditam por algum tempo, e no tempo da prova se apartam.

14 A que caiu entre espinheiros, estes são os que ouvem, mas indo-se, são afogados pelos afãs e as riquezas e os prazeres da vida, e não levam fruto.

15 Mas a que caiu em boa terra, estes são os que com coração bom e reto retêm a palavra ouvida, e dão fruto com perseverança.

16 Ninguém que acende uma luz a cobre com uma vasilha, nem a põe debaixo da cama, mas sim a põe em um castiçal para que os que entram vejam a luz.

17 Porque nada há oculto, que não tenha que ser manifestado; nem escondido, que não tenha que ser conhecido, e de sair a luz.

18 Olhem, pois, como ouvem; porque a tudo o que tem, lhe dará; e a todo o que não tem, até o que pensa ter lhe tirará.

19 Então sua mãe e seus irmãos vieram 749 a ele; mas não podiam chegar até ele por causa da multidão.

20 E lhe avisou, dizendo: Sua mãe e seus irmãos estão fora e querem

verte.

21 O então respondendo, disse-lhes: Minha mãe e meus irmãos são os que ouvem a palavra de Deus, e a fazem.

22 Aconteceu um dia, que entrou em uma barco com seus discípulos, e lhes disse: Passemos ao outro lado do lago. E partiram.

23 Mas enquanto navegavam, ele dormiu. E se desencadeou uma tempestade de vento no lago; e se alagavam e perigavam.

24 E vieram a ele e despertaram, dizendo: Professor, Professor, que perecemos! Despertando ele, repreendeu ao vento e às ondas; e cessaram, e se fez bonança.

25 E lhes disse: Onde está sua fé? E atemorizados, maravilhavam-se, e se diziam uns aos outros: Quem é este, que até aos ventos e às águas manda, e lhe obedecem?

26 E atracaram à terra dos gadarenos, que está na ribeira oposta a Galilea.

27 Ao chegar ele a terra, veio a seu encontro um homem da cidade, diabólico desde fazia muito tempo; e não vestia roupa, nem morava em casa, a não ser nos sepulcros.

28 Este, ao ver o Jesus, lançou um grande grito, e prostrando-se a seus pés exclamou a grande voz: O que tem comigo, Jesus, Filho do Deus Muito alto? Lhe rogo que não me atormente.

29 (Porque mandava ao espírito imundo que saísse do homem, pois fazia muito tempo que se deu procuração dele; e lhe atavam com cadeias e grilos, mas rompendo as cadeias, era impelido pelo demônio aos desertos.)

30 E lhe perguntou Jesus dizendo: Como te chama? E ele disse: Legião. Porque muitos demônios tinham entrado nele.

31 E lhe rogavam que não os mandasse ir ao abismo.

32 Havia ali uma marmita de muitos porcos que pastavam no monte; e lhe rogaram que os deixasse entrar neles; e lhes deu permissão.

33 E os demônios, saídos do homem, entraram nos porcos; e a marmita se precipitou por um despenhadeiro ao lago, e se afogou.

34 E os que apascentavam os porcos, quando viram o que tinha acontecido, fugiram, e indo deram aviso na cidade e pelos campos.

35 E saíram a ver o que tinha acontecido; e vieram ao Jesus, e acharam ao homem de quem tinham saído os demônios, sentado aos pés do Jesus, vestido, e em seu cabal julgamento; e tiveram medo.

36 E os que o tinham visto, contaram-lhes como tinha sido salvado o diabólico.

37 Então toda a multidão da região ao redor dos gadarenos lhe rogou que partisse deles, pois tinham grande temor. E Jesus, entrando na

barco, voltou-se.

38 E o homem de quem tinham saído os demônios lhe rogava que lhe deixasse estar com ele; mas Jesus lhe despediu, dizendo:

39 Te volte para sua casa, e conta quão grandes costure tem feito Deus contigo. E ele se foi, publicando por toda a cidade quão grandes costure tinha feito Jesus com ele.

40 Quando voltou Jesus, recebeu-lhe a multidão com gozo; porque todos o esperavam.

41 Então veio um varão chamado Jairo, que era principal da sinagoga, e prostrando-se aos pés do Jesus, rogava-lhe que entrasse em sua casa;

42 porque tinha uma filha única, como de doze anos, que se estava morrendo. E enquanto ia, a multidão lhe oprimia.

43 Mas uma mulher que padecia de fluxo de sangue desde fazia doze anos, e que tinha gasto em médicos tudo que tinha, e por nenhum tinha podido ser curada,

44 lhe aproximou por detrás e tocou o bordo de seu manto; e imediatamente se deteve o fluxo de seu sangue.

45 Então Jesus disse: Quem é o que me há meio doido? E negando todos, disse Pedro e os que com ele estavam: Professor, a multidão te aperta e oprime, e diz: Quem é o que me há meio doido?

46 Mas Jesus disse: Alguém me há meio doido; porque eu conheci que saiu poder de mim.

47 Então, quando a mulher viu que não tinha ficado oculta, veio tremendo, e prostrando-se a seus pés, declarou-lhe diante de todo o povo por que causa o havia meio doido, e como imediatamente tinha sido sanada.

48 E lhe disse: Filha, sua fé te salvou; vê em paz.

49 Estava falando ainda, quando veio um de casa do principal da sinagoga a lhe dizer: Sua filha morreu; não incomode mais ao Professor.

50 Ouvindo-o Jesus, respondeu-lhe: Não tema; crie somente, e será salva.

51 Entrando na casa, não deixou entrar em ninguém consigo, a não ser ao Pedro, a Jacobo, ao Juan, e ao pai e à mãe da niña.750

52 E choravam todos e faziam lamentação por ela. Mas ele disse: Não chorem; não está morta, mas sim dorme.

53 E se burlavam dele, sabendo que estava morta.

54 Mas ele, tomando a da mão, clamou dizendo: Moça, te levante.

55 Então seu espírito voltou, e imediatamente se levantou; e ele mandou que se desse-lhe de comer.

56 E seus pais estavam atônitos; mas Jesus lhes mandou que a ninguém dissessem o

que tinha acontecido.

1.

Depois.

[Segunda excursão pela Galilea, Luc. 8:1-3 = Mat. 9: 35. Comentário principal: Lucas. Ver mapa P. 209; diagrama P. 221.] Gr. kathex's, "um depois do outro", "continuando" (ver com. cap. 1: 3). Lucas evidentemente não se refere aqui ao relato do cap. 7: 36-50 como se fora anterior ao que está a ponto de narrar, a não ser a sua relação com o ministério na Galilea que começa com o cap. 4: 14. É provável que os vers. 1-3 do cap. 8 descrevam toda a segunda excursão pela Gatilea, da qual já se relatou um episódio (cap. 7: 11-17), e se refiram a ela de um modo geral. Se se desejar um resumo dos eventos relacionados com a segunda excursão pela Galilea, ver com. Mat. 5: 1; com. Luc. 7: 11. A segunda excursão pela Galilea ocupou a maior parte, se não toda a primeira parte do outono (outubro) do ano 29 d. C.

Ia.

Gr. diodéuÇ, "viajar através [de uma região]".

Todas as cidades e aldeias.

O que expressa aqui o grego é que Jesus ia de cidade em cidade e de aldeia em aldeia; a palavra "todas" não está nos MSS gregos. "Ia por caminhos e povos" (BJ). Havia mais de 200 cidades, aldeias e povos na Galilea, e teria sido difícil, por não dizer impossível, visitá-los todos, até em forma rápida, no curto período abrangido por este itinerário missionário.

Anunciando o evangelho.

Ver com. Mar. 1: 1; Luc. 1: 19.

Reino de Deus.

Ver com. Mat. 3: 2; 4: 17. Durante a primeira parte de seu ministério em Galilea, Jesus tinha proclamado: "O reino dos céus se aproximou" (Mat. 4: 17; Mar. 1: 15); mas seu reino já o tinha estabelecido formalmente entre a primeira e a segunda excursão (ver com. Mat. 5: 1; Mar. 3: 13). Agora sai a proclamar o estabelecimento do reino e a demonstrar os benefícios deste reino para o homem (ver com. Luc. 7: 11).

Os doze.

É provável que na primeira excursão pela Galilea Jesus tivesse levado consigo só a alguns dos doze discípulos (ver com. Mar. 1: 39); mas na terceira excursão os enviou de dois em dois e ele saiu com outros discípulos (ver com. Mat. 9: 36).

2.

Algumas mulheres.

Uma das características do Evangelho do Lucas é que menciona freqüentemente o ministério de Cristo em favor das mulheres da Palestina, e o serviço de algumas delas para o Jesus. Isto era algo novo, porque o

papel que a mulher judia desempenhava na vida pública tinha sido relativamente pequeno, embora, em casos isolados, profetas como Eliseo haviam auxiliado a mulheres e tinham sido atendidos por elas.

Lucas é o único evangelista que registra muitos dos detalhes dos começos da vida do Jesus, e com freqüência o faz refiriéndose às mulheres implicadas: María, Elisabet e Ana. Em outras passagens menciona à viúva do Naín, à mulher do banquete do Simón, às mulheres aqui nomeadas, a Marta, a certa mulher paralítica, como também à filha do Jairo e à mulher doente que foi sanada nessa mesma ocasião. Em Feitos menciona a Safira, Priscila, Drusila, Berenice, Tabita, Rode, Luta e várias outras. É como se Lucas estivesse afirmando que o Evangelho do reino dos céus era tanto para as mulheres como para os homens, e que a parte delas na proclamação das boas novas era tão importante como a dos homens. Parece que dentro dos grupos judeus estritamente religiosos -os fariseus, saduceos e outros-, as mulheres não desempenhavam nenhum papel; não recebiam nenhum benefício direto nem tampouco o repartiam.

depois da segunda excursão de Cristo pela Galilea a amplitude de seu ministério estendeu-se rapidamente, e o grupo de homens que o acompanhavam aumentou muito em comparação com os que tinham estado na primeira excursão. Isto indevidamente significava mais gastos e mais trabalho para proporcionar alimento, vestido, etc. Cristo nunca fez milagres para seu próprio benefício (ver com. Mat. 4: 3, 6), a não ser para ajudar a outros. No concernente a seus necessidades materiais, Jesus e seus discípulos eram sustentados tendo como base o princípio que "o operário é digno de 751 seu alimento" (Mat. 10: 10). Além disso, as multidões que se amontoavam ao redor do Jesus e de seus discípulos durante esses meses de tanta expectativa, freqüentemente quase os privava do tempo necessário para comer ou dormir (Mar. 3: 7-12, 20). Às vezes El Salvador tinha que ocultar-se das multidões (Mar. 1: 45; 4: 36; 6: 31) para poder descansar umas horas. Todas estas circunstâncias proporcionavam uma oportunidade para que as mulheres que tinham acreditado no Jesus lhe ajudassem em sua obra.

Sanadas.

Tinham sido curadas antes da segunda excursão pela Galilea.

Espíritos maus.

Pelo menos María Madalena tinha sido liberada dos demônios; possivelmente outras também o tinham sido.

Enfermidades.

Gr. asthéneia, "enfermidade", "debilidade".

María, que se chamava Madalena.

Ver Nota Adicional do cap. 7. Nos Evangelhos sinóticos sempre se menciona em primeiro lugar a María Madalena quando seu nome aparece junto ao de outras mulheres (Mat. 27: 56, 61; 28: 1; Mar. 15: 40, 47; 16: 1; Luc. 24: 10). Isto poderia indicar sua fervente dedicação ao Jesus. Sua gratidão não era só emocional (ver com. Luc. 7: 38, 44), a não ser era muito prática. Esta María se chama Madalena para distinguir a das outras Marías, que eram várias. O nomeie María aparece com freqüência no NT Deriva do nome hebreu Miryam, transliterado Miriam em algumas versões (ver com. Mat. 1: 16). O nome Madalena provavelmente significa que María vivia na aldeia da Magdala (ver

com. Mat. 15: 39) quando Jesus a encontrou e a liberou do poder dos demônios.

3.

Juana.

Nada se sabe desta mulher fora do que se menciona aqui e no cap. 24: 10, onde seu nome aparece outra vez junto ao da María Madalena. Era esposa do "intendente do Herodes", e pelo tánto deve ter sido uma pessoa de recursos e influência.

Chuza.

De este se sabe só que era "intendente" ou "administrador" do Herodes. O administrador ou mordomo ocupava uma posição importante na casa a qual servia (ver com. Mat. 20: 8).

Susana.

Nome que significa "lírio". Nada mais se sabe desta mulher. Os hebreus a vezes punham a suas filhas nomes de flores ou de árvores.

Serviam-lhe.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) o texto "serviam-lhes" (BJ), o qual significa que serviam ao Jesus e aos discípulos, sobre tudo aos doze (vers. 1).

Seus bens.

Quer dizer, "suas posses". Jesus e seus discípulos dispunham de um fundo comum (ver com. Juan 13: 29; cf. cap. 12: 6), e parece que estas discípulas ajudavam a que o fundo não se esgotasse. Pode dizer-se que este grupo de piedosas mulheres foi a primeira sociedade missionária feminina da igreja cristã.

4.

Juntando uma grande multidão.

[Sermão perto do mar (Parábolas), Luc. 8: 4-18 = Mat. 13: 1-53 = Mar. 4: 1-34. Comentário principal: Mateo.]

11.

A palavra de Deus.

Quer dizer, a palavra que vem de Deus ou é pronunciada Por Deus.

16.

Acende uma luz.

Ver com. Mat. 5: 14-16. Só Marcos e Lucas registram esta parábola como parte do sermão junto ao mar (Luc. 8: 4-18; Mar. 4: 1-34). Mateo não a incluiu possivelmente porque já se referiu ao mesmo tema, apresentado por Cristo como parte do Sermão do Monte (Mat. 5: 14-16), embora a aplicação é

diferente nessa passagem. Mais tarde, Lucas repete uma parábola de Cristo que, em essência, é igual (cap. 11: 33), embora com uma aplicação diferente a qualquer das duas apresentações anteriores do tema. Certas lições aqui registradas pelo Lucas foram também repetidas por Cristo em outras ocasiões (ver com. cap. 8: 17-18).

17.

Nada há oculto.

Cf. Mat. 10: 26; Mar. 4: 22; Luc. 12: 2. A lição que Cristo deduziu da parábola da luz e do castiçal é diferente da que apresentou em relação com o mesmo tema no Sermão do Monte. Cristo aparece aqui como o portador da luz da verdade para dissipar as trevas da mente dos homens em quanto a Deus e ao reino dos ciclos (ver com. Mat. 13: 11). Não há "mistério" ou "segredo" importante para a salvação que seja "escondido" ou oculto para os que escutam atentamente (Luc. 8: 18).

18.

Olhem.

Ver com. Mat. 11: 15; 13: 13.

que tem.

Ver com. Mat. 13: 12; cf. Mat. 25: 29; Mar. 4: 25; Luc. 6: 38; 19: 26. Cristo pronunciou esta mesma verdade em numerosas ocasiões a começos e ao final de seu ministério.

19.

Vieram a ele.

[A mãe e os irmãos do Jesus, Luc. 8: 19-21 = Mat. 12: 46-50 = Mar. 3: 31-35. Comentário principal: Mateo.]

22.

Aconteceu um dia.

[Jesus calma a tempestade, Luc. 8: 22-25 Mat 8: 18, 23-27 = Mar. 4: 35-41. Comentário principal: Mateo.]

23.

desencadeou-se uma tempestade.

Cf. Mar. 4: 37: "levantou-se uma grande tempestade".

24.

Professor.

Gr. epistát's (ver com. cap. 5: 5). 752

26.

Atracaram à terra dos gadarenos.

[O diabólico da Gadara, Luc. 8: 26-39 = Mau. 8: 28 a 9: 1 = Mar. 5: 1-20. Comentário principal: Marcos.] Aqui, como no Marcos, figura um sozinho diabólico; enquanto que no Mateo são dois. A evidência textual sugere (cf. P. 147) "gerasenos" em vez de gadarenos. Ver com. Mar. 5: L.

31.

Abismo.

Ver com. Mar. 5: 10.

40.

Quando voltou Jesus.

[A filha do Jairo, e a mulher que tocou o manto do Jesus, Luc. 8: 40-56 = Mat. 9: 18-26 = Mar. 5: 21-43. Comentário principal: Marcos.]

42.

Unica.

Gr. monogen's, "única" (ver com. Juan 1: 14; cf. com. Luc. 1: 35). É interessante notar que Lucas usa a palavra monogen's três vezes, e que em dois ocasiões se refere à ressurreição dos mortos: a ressurreição do filho da viúva do Naín (ver com. Luc. 7: 12) e da filha do Jairo, registrada aqui. A terceira vez que Lucas emprega a palavra monogenes é em relação com a cura do moço diabólico (cap. 9: 38). Para os habitantes do Próximo Oriente, o filho único é o que deve conservar o nome da família e, portanto, desempenha uma muito importante responsabilidade. A morte de tal filho era considerada como uma verdadeira tragédia. Para os israelitas era uma terrível desgraça a extinção de uma família (ver com. Deut. 25: 6).

43.

Tinha gasto... tudo.

Embora em muitos MSS falta esta frase, a evidência textual (cf. P. 147) sugere sua inclusão. Os que acreditam que não estava no original do Lucas, supõem que a ética profissional do autor, como médico que era, impulsionou-o a não repetir o que Marcos havia dito: que os médicos lhe tinham feito mais mal que bem (Mar. 5: 26).

45.

Diz: Quem é o que me há meio doido?

A evidência textual se inclina (cf. P. 147) pela omissão desta pergunta. Estas palavras aparecem na Vulgata, mas não nos manuscritos gregos mais antigos.

55.

Espírito.

Gr. pnéuma, "vento", "fôlego" ou "espírito", do verbo pnéo, "sopro" ou "respirar". Quando pnéuma se utiliza para referir-se a seres inteligentes se está usando uma sinédoque, figura literária mediante a qual se designa uma costure pelo nome de uma de suas partes, geralmente a mais característica. Em pnéuma não há nada intrínseco que possa entender-se como alguma entidade consciente do homem capaz de existir fora do corpo, e o uso da mesma palavra no NT tampouco insinúa em nada este conceito. Esta idéia se apóia principalmente nos preconceptos de quem acredita, a priori, que uma entidade consciente sobrevive ao corpo quando a pessoa morre, e portanto vêem em palavras como "espírito" e "alma" a comprovação de suas idéias preconcebidas. O equivalente de pnéuma no AT é a palavra hebréia rúaj (ver com. Núm. 5: 14).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 Ev 43

4-15 PVGM 16-41

5 PVGM 24

11 Ed 100, 247; PVGM 23

14 1JT 363; PVGM 31, 33; 4T 286, 391

15 PVGM 38; 40

18 SC 115; 5T 694

22-39 DTG 300-309

24 DTG 301

28, 35 DTG 304

40-56 DTG 310-314

45-46 DTG 312; MC 39

48 DTG 312; MC 40, 84

50 DTG 310 753

CAPÍTULO 9

1Cristo envia a seus apóstolos a pregar e fazer milagres. 7 Herodes deseja ver a Cristo. 17 Cristo alimenta a cinco mil; 18 pergunta que opinião tem o mundo dele, 22 prediz sua morte, 23 e aconselha a todos que imitem seu paciência. 28 A transfiguración. 37 Cristo cura ao lunático. 43 Fala outra vez a seus discípulos, quanto a sua morte; 46 lhes recomenda a humildade, 51 e ordena-lhes mostrar mansidão com todos, sem desejos de vingança. 57 Condicione para seguir a Cristo.

1 TENDO reunido a seus doze discípulos, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para sanar enfermidades.

2 E os enviou a pregar o reino de Deus, e a sanar aos doentes.

3 E lhes disse: Não tomem nada para o caminho, nem estribilho, nem alforja, nem pão, nem dinheiro; nem levem duas túnicas.

4 E em qualquer casa onde entrem, fiquem ali, e dali saiam.

5 E em qualquer lugar que não lhes receberam, saiam daquela cidade, e sacudam o pó de seus pés em testemunho contra eles.

6 E saindo, passavam por todas as aldeias, anunciando o evangelho e sanando por toda parte.

7 Herodes o tetrarca ouviu de todas as coisas que fazia Jesus; e estava perplexo, porque diziam alguns: Juan ressuscitou que os mortos;

8 outros: Elías apareceu; e outros: Algum profeta dos antigos há ressuscitado.

9 E disse Herodes: Ao Juan eu fiz decapitar; quem, pois, é este, de quem ouço tais coisas? E procurava lhe ver.

10 Voltados os apóstolos, contaram-lhe tudo o que tinham feito. E tomando-os, retirou-se à parte, a um lugar deserto da cidade chamada Betsaida.

11 E quando a gente soube, seguiu-lhe; e ele lhes recebeu, e lhes falava do reino de Deus, e sanava aos que precisavam ser curados.

12 Mas o dia começava a declinar; e aproximando-os doze, disseram-lhe: Despede às pessoas, para que vão às aldeias e campos de ao redor, e se alojem e encontrem mantimentos; porque aqui estamos em lugar deserto.

13 O lhes disse: lhes dêem vós de comer. E disseram eles: Não temos mais que cinco pães e dois pescados, a não ser que nós vamos a comprar mantimentos para toda esta multidão.

14 E eram como cinco mil homens. Então disse a seus discípulos: Façam sentar em grupos, de cinqüenta em cinqüenta.

15 Assim o fizeram, fazendo-os sentar a todos.

16 E tomando os cinco pães e os dois pescados, levantando os olhos ao céu, benzeu-os, e os partiu, e deu a seus discípulos para que os pusessem diante da gente.

17 E comeram todos, e se saciaram; e recolheram o que lhes sobrou, doze cestas de pedaços.

18 Aconteceu que enquanto Jesus orava à parte, estavam com ele os discípulos; e perguntou-lhes, dizendo: Quem diz a gente que sou eu?

19 Eles responderam: Uns, Juan o Batista; outros, Elías; e outros, que algum profeta dos antigos ressuscitou.

20 O lhes disse: E vós, quem dizem que sou? Então respondendo Pedro, disse: O Cristo de Deus.

21 Mas ele lhes mandou que a ninguém dissessem isto, encarregando-lhe rigorosamente,

22 e dizendo: É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas, e seja descartado pelos anciões, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, e que seja morto, e ressuscite ao terceiro dia.

23 E dizia a todos: Se algum quer vir em detrás de mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz cada dia, e me siga.

24 Porque tudo o que queira salvar sua vida, perderá-a; e tudo o que perca sua vida por causa de mim, este a salvará.

25 Pois o que aproveita ao homem, se vontade todo mundo, e se destrói ou se perde a si mesmo?

26 Porque o que se envergonhasse de mim e de minhas palavras, de este se envergonhará o Filho do Homem quando vier em sua glória, e na do Pai, e dos Santos anjos. 754

27 Mas lhes digo na verdade, que há alguns dos que estão aqui, que não gostarão da morte até que vejam o reino de Deus.

28 Aconteceu como oito dias depois destas palavras, que tomou ao Pedro, ao Juan e ao Jacobo, e subiu ao monte a orar.

29 E enquanto isso que orava, a aparência de seu rosto se fez outra, e seu vestido branco e resplandecente.

30 E hei aqui dois varões que falavam com ele, os quais eram Moisés e Elías;

31 quem apareceu rodeados de glória, e falavam de sua partida, que ia Jesus a cumprir em Jerusalém.

32 E Pedro e os que estavam com ele estavam rendidos de sonho; mas permanecendo acordados, viram a glória do Jesus, e aos dois varões que estavam com ele.

33 E aconteceu que apartando-se eles dele, Pedro disse ao Jesus: Professor, bom é para nós que estejamos aqui; e façamos três ramagens, uma para ti, uma para Moisés, e uma para o Elías; não sabendo o que dizia.

34 Enquanto ele dizia isto, veio uma nuvem que os cobriu; e tiveram temor ao entrar na nuvem.

35 E veio uma voz da nuvem, que dizia: Este é meu Filho amado; a ele ouçam

36 E quando cessou a voz, Jesus foi achado sozinho; e eles calaram, e por aqueles dias não disseram nada a ninguém do que tinham visto.

37 Ao dia seguinte, quando descenderam do monte, uma grande multidão os saiu ao encontro.

38 E hei aqui, um homem da multidão clamou dizendo: Professor, rogo-te que veja meu filho, pois é o único que tenho;

39 e acontece que um espírito toma, e de repente dá vozes, e lhe sacode com violência, e lhe faz jogar espuma, e lhe danificando, com muita dificuldade se separa de

ele.

40 E roguei a seus discípulos que lhe jogassem fora, e não puderam.

41 Respondendo Jesus, disse: OH geração incrédula e perversa! Até quando tenho que estar com vós, e lhes tenho que suportar? Traz aqui a seu filho.

42 E enquanto se aproximava o moço, o demônio lhe derrubou e lhe sacudiu com violência; mas Jesus repreendeu ao espírito imundo, e sanou ao moço, e se devolveu-o a seu pai.

43 E todos se admiravam pela grandeza de Deus. E maravilhando-se todos de todas as coisas que fazia, disse a seus discípulos:

44 Façam que lhes penetrem bem nos ouvidos estas palavras; porque acontecerá que o Filho do Homem será entregue em mãos de homens.

45 Mas eles não entendiam estas palavras, pois lhes estavam veladas para que não entendessem-nas; e temiam lhe perguntar sobre essas palavras.

46 Então entraram em discussão sobre quem deles seria o major.

47 E Jesus, percebendo os pensamentos de seus corações, tomou a um menino e o pôs junto a si,

48 e lhes disse: Qualquer que receba a este menino em meu nome, me recebe; e qualquer que me recebe , recebe ao que me enviou; porque o que é mais pequeno entre todos vós, esse é o maior.

49 Então respondendo Juan, disse: Professor, vimos a um que jogava fora demônios em seu nome; e o proibimos, porque não segue conosco.

50 Jesus lhe disse: Não o proíbam; porque o que não é contra nós, por nós é.

51 Quando se cumpriu o tempo em que ele tinha que ser recebido acima, afirmou seu rosto para ir a Jerusalém.

52 E enviou mensageiros diante dele, os quais foram e entraram em uma aldeia dos samaritanos para lhe fazer preparativos.

53 Mas não lhe receberam, porque seu aspecto era como de ir a Jerusalém.

54 Vendo isto seus discípulos Jacobo e Juan, disseram: Senhor, quer que mandemos que descenda fogo do céu, como fez Elías, e os consuma?

55 Então voltando-se ele, repreendeu-os, dizendo: Vós não sabem do que espírito são;

56 porque o Filho do Homem não veio para perder as almas dos homens, a não ser para as salvar. E se foram a outra aldeia. 57 Indo eles, alguém lhe disse em o caminho: Senhor, seguirei-te aonde quer que vá.

58 E lhe disse Jesus: As zorras têm guaridas, e as aves dos céus ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde recostar a cabeça.

59 E disse a outro: me siga. O lhe disse: Senhor, me deixe que primeiro vá e

enterre a meu pai.

60 Jesus lhe disse: Deixa que os mortos enterrem a seus mortos; e você vê, e anuncia o reino de Deus. 755

61 Então também disse outro: Seguirei-te, Senhor; mas me deixe que me despeça primeiro dos que estão em minha casa.

62 E Jesus lhe disse: Nenhum que pondo sua mão no arado olhe para trás, é apto para o reino de Deus.

1.

Tendo reunido a seus doze.

[Terceira excursão pela Galilea, Luc. 9: 1-6 = Mat. 9: 36 a 11: 1 = Mar 6: 7-13. Comentário principal: Mateo.] Com referência à designação dos doze, ver com. Mar. 3: 13-19.

7.

Herodes o tetrarca.

[Morte do Juan o Batista, Luc. 9: 7-9 = Mat. 14: 1-2, 6-12 = Mar. 6: 14-29. Comentário principal: Marcos.]

Estava perplexo.

Gr. diaporéÇ, "estar perplexo" (cf. com. Mar. 6: 20).

9.

Ao Juan eu fiz decapitar.

Cf. Mar. 6: 17-29.

Procurava lhe ver.

Herodes estava procurando uma oportunidade favorável para entrevistar ao Jesus, mas sem comprometer, como ele acreditava, a dignidade de seu cargo como rei. Parece que Herodes se entrevistou algumas vezes com o Juan o Batista (DTG 185, 193-195) e dá a impressão que não via razão para não poder entrevistar-se com Jesus. Mas como Nicodemo (DTG 141), Herodes acreditava que seria humilhante que uma pessoa tão importante como ele procurasse publicamente ao Jesus. Pode ser que considerava como sérias as afirmações do Jesus, e procurava seu conselho. Bem sabia Herodes como reagiria Herodías ante tal entrevista. E por fim Herodes teve a oportunidade de ver o Jesus cara a cara (cap. 23: 8); mas quando o fez, seu orgulho ferido fez que rechaçasse ao Salvador.

10.

Voltados os apóstolos.

[Alimentação dos cinco mil, Luc. 9: 10-17 = Mat. 14: 13-21 = Mar. 6: 30-44 = Juan 6: 1-14. Comentário principal: Marcos.]

18.

Enquanto Jesus orava.

[Retiro a Cesarea do Filipo, Luc. 9: 18-27 = Mat. 16: 13-28 = Mar. 8: 27 a 9: 1. Comentário principal: Mateo.] Entre os vers. 17 e 18 está o que se há chamado "a grande omissão" do Lucas. Aqui Lucas omite tudo o que se registra no Mat. 14: 22 a 16: 12; Mar. 6: 45 a 8: 26 e Juan 6: 25 a 7: 1; quer dizer, os seguintes relatos: quando Jesus caminhou sobre o mar, o sermão do pão de vida, as disputas com os fariseus, a viagem a Fenícia, a cura do surdo-mudo, a alimentação dos 4.000 e a cura do cego da Betsaida. E para equilibrar sua grande omissão, Lucas inclui o que às vezes se chama "a grande inserção", a qual abrange do cap. 9: 51 até o 18: 14, e que se refere, quase em sua totalidade, a assuntos que não aparecem em nenhum outro Evangelho (ver com. cap. 9: 51).

22.

O Filho do Homem.

Quanto ao relato que dá o contexto dos vers. 22-27, ver com. Mat. 16: 21. Cf. com. Mat. 16: 21-28.

28.

Como oito dias depois.

[A transfiguración, Luc. 9: 28-36 = Mat. 17: 1-13 = Mar. 9: 2-13. Comentário principal: Mateo.] Com referência ao cômputo dos oito dias, ver pp. 239-241.

31.

Partida.

Gr. êxodos, "êxodo"; de ex, "fora de", e hodós, "caminho" (ver Heb. 11: 22; 2 Ped. 1: 15). Uma referência à sorte que aguardava o Jesus.

32.

Permanecendo acordados.

Os discípulos estavam rendidos pelo cansaço da viagem, a ascensão ao monte e a hora tardia (ver com. Mat. 17: 1).

33.

Professor.

Gr. epistát's (ver com. cap. 5: 5).

35.

Meu Filho amado.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) o texto: "Este é meu Filho, meu Eleito" (BJ).

37.

Ao dia seguinte.

[Jesus sã a um moço diabólico, Luc. 9: 37-43 = Mat. 17: 14-21 = Mar. 9: 14-29. Comentário principal: Marcos.] Só Lucas diz especificamente que a cura do moço diabólico ocorreu ao dia seguinte da transfiguración.

38.

Unico.

Gr. monogenés (ver com. Luc. 7: 12; 8: 42; Juan 1: 14).

39.

De repente.

Gr. extáifn's, "inesperadamente", "repentinamente".

Sacode-lhe com violência.

Gr. sparássÇ, "rasgar", "convulsionar" (ver com. Mar. 1: 26). "Faz-lhe retorcer-se tornando espuma" (BJ).

43.

E maravilhando-se todos.

[Uma viagem secreta pela Galilea, Luc. 9: 43b-45 = Mat. 17: 22-23 = Mar. 9: 30-32. Comentário principal: Marcos.] A segunda parte do vers. 43, que começa com as palavras citadas, deveria incluir-se no vers. 44 como parte do que segue. A divisão dos versículos neste caso dificulta a compreensão de a transição que há na passagem.

44.

Façam que lhes penetrem bem nos ouvidos.

Simplesmente "recordem".

45.

Estavam-lhes veladas.

Não porque Jesus assim o quisesse, pois em repetidas ocasiões 756

tinha procurado explicar dito tema. Estava-lhes velado porque se negavam a entender (ver com. Mar. 9: 32). Não desejavam compreender, e, como resultado, não podiam captá-lo (ver com. Mat. 13: 13).

Para que não as entendessem.

A palavra grega hína que se traduz "para que", com o sentido de propósito, pode também traduzir-se com a idéia de resultado, "de modo que". "Estava-lhes velado de modo que não o entendiam" (BJ). Um exemplo do uso de hína para indicar resultado e não propósito, aparece em 1 Lhes. 5: 4 (cf. ROM. 11: 11; Gál.

5: 17; Luc. 1: 43; Juan 6: 7).

46.

Entraram em discussão.

[Humildade, reconciliação e perdão, Luc. 9: 46-50 = Mat. 18: 1-35 = Mar. 9: 33-50. Comentário principal: Mateo e Marcos.]

48.

Em meu nome.

Ver com. Mat. 18: 5.

Grande.

É possível que todos sejam "grandes" se nos atenemos à maneira como Cristo define a grandeza (ver com. Mat. 5: 5).

51.

Quando se cumpriu o tempo.

[Começo do ministério na Perea, Luc. 9: 51-56 = Mat. 19: 1-2 = Mar. 10: 1. Comentário principal: Mateo e Lucas. Ver mapa P. 212; diagramas 5 e 7, pp. 219, 221.] Ver com. Luc. 2: 49. O ministério de Cristo estava por concluir. Faltavam só uns seis meses para sua crucificação.

Esta seção do Lucas (cap. 9: 51 a cap. 18: 14), que representa quase uma terceira parte do livro, é chamada algumas vezes "a grande inserção" ou "grande interpolação", porque registra sucessos que não aparecem nos outros Evangelhos. Os outros evangelistas guardam um silêncio quase total a respeito de esta fase do ministério do Jesus (ver com. cap. 9: 18).

Recebido acima.

Gr. analambánÇ, "receber acima". Este é o verbo que se emprega usualmente para referir-se à ascensão de Cristo (Hech. 1: 2, 11, 22; 1 Tim. 3: 16; etc.; cf. Luc. 24: 50-51).

Afirmou seu rosto.

Cada episódio da vida e a missão do Jesus ocorreu, de principio a fim, como cumprimento de um plano que tinha existido antes de que Jesus viesse à terra, e cada acontecimento teve seu momento específico (ver com. cap. 2: 49). Jesus havia dito que sua hora não tinha chegado (Juan 2: 4; 7: 6, 8; etc.). O tinha repetido justamente antes da recente festa dos tabernáculos (ver com. Juan 7: 6), quando falou do momento quando devia ir a Jerusalém e ser recebido acima. Nesta sua última viagem desde a Galilea, Jesus estava consciente do propósito de chegar até a cruz (ver com. Mar. 10: 32). Um espírito similar impulsionou ao Pablo em sua última viagem a Jerusalém (ver Hech. 20: 22-24; cf. 2 Tim. 4: 6-8). Jesus sabia o que estava diante dele, mas não fez nenhum esforço por evitá-lo nem adiá-lo. Ver com. Mat. 19: 1.

Para ir a Jerusalém.

Do momento quando Jesus partiu da Galilea por última vez, os evangelistas falam de que vai a Jerusalém para enfrentar-se aos acontecimentos que lhe aguardam ali (cap. 9: 51, 53; 13: 22; 17: 11; 18: 31; 19: 11, 28). Durante este tempo Jesus esteve em forma intermitente na Judea, mas passou pouco tempo em Jerusalém ou Judea para que a crise não se precipitasse antes de tempo. Esta última viagem a Jerusalém, lento (DTG 458) e com rodeios (DTG 449), demorou vários meses.

52.

Enviou mensageiros.

Especificamente Jacobo e Juan (vers. 54; DTG 451). Nesta ocasião parece que os mensageiros foram diante do Jesus para fazer os acertos para o alojamento. Entretanto, esta também pode ser uma referência à publicidade que Jesus corretamente procurava em um esforço por atrair a atenção de tudo Israel, como antecipação de sua iminente crucificação (DTG 449). Este foi o propósito específico do Jesus quando mais tarde enviou aos setenta (ver com. cap. 10: 1).

Uma aldeia dos samaritanos.

A rota mais curta entre a Galilea e Judea atravessa as colinas da Samaria. Dois anos antes Jesus tinha tomado esta mesma rota para o norte, desde a Judea a Galilea (ver com. Juan 4: 3-4). Os judeus procuravam muitas vezes tomar a rota mais larga que ia pelo vale do Jordão, especialmente durante as festas que atraíam grandes multidões a Jerusalém, para evitar o contato com os samaritanos. Entretanto, Jesus dedicou parte do resto de seu ministério a a região da Samaria (ver com. Juan 11: 54), e às cidades e aldeias de Samaria foi onde primeiro enviou aos setenta (DTG 452). Como deviam ir de dois em dois, "a toda cidade e lugar aonde ele tinha que ir" (Luc. 10: 1), o mesmo Senhor teve que ter visitado muitas partes do território samaritano.

53.

Não lhe receberam.

Negaram-lhe o alojamento por uma noite (DTG 451). Entre os judeus e os samaritanos existia um ódio intenso (Juan 4: 9). Com referência à origem de os samaritanos, ver com. 2 Rei. 17: 23-41; e quanto às vicissitudes posteriores entre judeus 757 e samaritanos e a origem da inimizade existente entre eles, ver Neh. 4: 1-8; 6: 1-14.

Como de ir a Jerusalém.

Literalmente "seu rosto estava indo a Jerusalém". O fato de passar por Samaria rumo à Judea, como o faziam muitas vezes os judeus da Galilea, com o propósito de adorar a Deus em Jerusalém, insinuava a inferioridade da religião samaritano, e portanto os samaritanos o consideravam como um insulto.

54.

Jacobo e Juan.

Ver com. Mar. 3: 17. Estes dois irmãos foram os mensageiros enviados com antecipação para fazer os acertos necessários (DTG 451), mas o duro trato

que tinham recebido dos aldeãos enchia seu coração de rancor. É evidente que Jacobo e Juan eram de gênio iracundo, característica pela qual Cristo os tinha chamado "filhos do trovão" (ver com. Mar. 3: 17). Juan se tinha encarregado pouco antes de repreender severamente a um que ele considerava como inimigo (ver com. Mar. 9: 38-41).

Mandemos que descenda fogo.

Estavam perto do monte Carmelo (DTG 451), e os discípulos facilmente recordaram as severas medidas do profeta Elías contra os que não se haviam arrependido (1 Rei. 18: 17-46). Possivelmente também recordaram a ocasião quando Elías mandou que descendesse fogo do céu para destruir a alguns empedernidos inimigos de Deus (ver com. 2 Rei. 1: 10-13).

Como fez Elías.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) a omissão desta frase; sem embargo, há pouca dúvida de que esta idéia não estivesse no pensamento de Jacobo e Juan enquanto falavam.

55.

Repreendeu-os.

O espírito manifestado pelo Jacobo e Juan era completamente alheio ao espírito de Cristo, e seu resultado só podia ser um estorvo para a obra do Evangelho. Jesus tinha advertido pouco antes aos discípulos que não impedissem a obra de quem simpatizava com ele (vers. 49-50); e nesta ocasião lhes aconselha que não devem castigar a quem não mostre simpatia. O espírito de vingança não é o espírito de Cristo. Tudo tento de obrigar pela força a quem atua contra nossas idéias, é uma demonstração do espírito de Satanás, e não de Cristo (DTG 451). O espírito de fanatismo e de intolerância religiosa é ofensivo à vista de Deus, especialmente quando é manifestado por quem afirmam que lhe amam e lhe servem.

Não sabem.

A evidência textual se inclina por (cf. P. 147) a omissão da segunda parte do vers. 55 e a primeira parte do vers. 56. Deste modo se entende que o texto original haveria dito: "Voltando-se, repreendeu-lhes; e se foram a outro povo" (BJ). Entretanto, a idéia que se expressa nestas declarações está plenamente em harmonia com outras afirmações dos Evangelhos (Luc. 19: 10; etc.; cf. Mat. 5: 17).

56.

Outra aldeia.

Talvez outra aldeia samaritana que lhes demonstrasse mas simpatia. Cristo deu aqui um exemplo da instrução que anteriormente tinha dado aos discípulos (Mat. 10: 22-24). Alguns sugeriram que esta outra aldeia pôde ter sido a do Sicar ou alguma inclina próxima, cujos habitantes tinham ouvido cristo em outra ocasião e eram amigáveis com ele (Juan 4: 39-42).

57.

Indo eles.

[Demandas da vocação apostólica, Luc. 9: 57-62. Cf. com. Mat. 8: 19-22; 16: 24-25; Luc. 14: 25-33.] Está acostumado a explicar-se que os vers. 57-62 se referem ao mesmo episódio que se registra no Mat. 8: 19-22, e se dá esta explicação dizendo simplesmente que Mateo e Lucas se localizaram a narração em diferentes pontos de seus respectivos relatos. Entretanto, esta explicação não é convincente. Quanto às razões para considerar que os relatos do Mat. 8: 19-22 e Luc. 9: 57- 62 são registros de episódios separados e diferentes, ver com. Mat. 8: 19. Cada relato é apropriado dentro de seu próprio ambiente e contexto.

No caminho.

No Mat. 8: 19-22 Jesus e seus discípulos estavam a ponto de embarcar-se para cruzar o lago; aqui foram "no caminho", quer dizer, foram viajando por terra. Em realidade, foram rumo a Jerusalém (ver com. Mat. 19: 1; cf. Luc. 9: 51).

59.

Disse a outro.

Na passagem similar do Mateo, o homem, a quem Jesus dirigiu o conselho que segue, ofereceu-se para seguir ao Jesus. Aqui Jesus ordena ao homem a que siga-o.

60.

Você vê, e anuncia.

A ênfase parece ser este: Se não estar espiritualmente morto, seu dever é ir a pregar o reino de Deus. Deixa o enterro dos que estão fisicamente mortos a aqueles que estão espiritualmente mortos.

61.

Mas me deixe.

Esta desculpa indica vacilação, indecisão, possivelmente inclusive falta de vontade para fazer o sacrifício que se exige aos discípulos de Cristo.

Que me despeça.

Esta despedida equivalia a algo mais que uma breve volta à casa. Segundo a costume do Próximo Oriente, podia levar meses ou até anos arrumar os assuntos domésticos. Já não ficavam mais que unos758seis meses do ministério de Jesus, e se este possível discípulo tinha o plano de alguma vez seguir ao Jesus, devia fazê-lo sem demora. que queria ser discípulo se propunha deixar ao Jesus para despedir-se de todos seus velhos amigos, e estes poderiam convencer o de que não se unisse com o Jesus. Os requerimentos de Deus são mas importantes que os dos homens, embora se trate dos parentes próximos (Mat. 12: 48-49; 19: 29). Este homem possivelmente queria gozar por última vez dos prazeres da vida antes de deixá-lo tudo para seguir ao Jesus. Estes sentimentos eram muito diferentes aos do Eliseo quando foi chamado a seguir ao Elías. A resposta de Eliseo foi imediata; sua demora para despedir-se de seus pais foi só momentânea (ver com. 1 Rei. 19: 20).

Os que estão em minha casa.

Seus parentes poderiam tentar convencê-lo, assim como a mãe e os irmãos de Jesus tinham procurado apartar o do caminho do dever (ver com. Mat. 12: 46).

62.

Olhe para trás.

que "olhe para trás" não se está concentrando na tarefa que tem à mão. No melhor dos casos não é mais que operário morno (ver com. Mat. 6: 24; Luc. 14: 26-28). Jesus tinha afirmado "seu rosto para ir a Jerusalém" (Luc. 9: 51), e qualquer que pensasse lhe seguir, indispensablemente devia ser firme em seu decisão (cf. Juan 11: 16). Apesar de tudo, quando chegou o momento da prova dos doze, todos eles "lhe deixando, fugiram" (Mat. 26: 56). Mas todos -menos Judas- voltaram com o tempo. Para ser discípulo de Cristo é essencial que haja uma dedicação absoluta e indivisa. que quer abrir um sulco reto em qualquer ramo do serviço de Deus, deve lhe dedicar à sua tarefa atenção constante e de todo coração.

O provérbio do vers. 62 se tinha conhecido durante séculos no Próximo Oriente. Hesíodo, poeta grego do século VII A. C., escreveu: "que quer arar sulcos retos não deve olhar a seu redor" (Os trabalhos e os dias, il. 60).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-6 DTG 315-325

2 CM 356; MeM 233

6 CM 356

7-10 DTG 326-331

10-17 DTG 332-339

13 PR 182

18-27 DTG 378-387

23 3JT 365, 383; MC 150; 6T 248-249, 449; TM 124,177

26 HAp 27; PR 531

28-36 DTG 388-392

32 DTG 389

35 P 164; PR 170

37-45 DTG 393-398

41 DTG 395

43 DTG 396

46-48 DTG 399-410

49 2JT 162

51-52 DTG 450

51-53 HAp 431

52-54 ECFP 75

53-56 DTG 451; 2T 566

54 SR 268

54-56 CS 627; HAp 431

55-56 ECFP 76

56 DTG 535; MC 12; PVGM 167

58 MC 149

59-62 3T 500

60 Ev 239

62 EC 108; PR 166, 169 759

CAPÍTULO 10

1 Cristo envia aos setenta a fazer milagres e a pregar; 17 os admoesta a ser humildes, e por que devem regozijar-se. 21 Elogia a seu Pai por sua salvação 23 e magnifica o estado feliz de sua igreja. 25 Insígnia ao interprete da lei como obter a vida eterna, e por meio da parábola do bom samaritano, a considerar como próximo seu a tudo o que necessite de sua ajuda. 41 Repreende a Marta, e elogia a María, sua irmã.

1 DESPUES destas coisas, designou o Senhor também a outros setenta, a quem enviou de dois em dois diante dele a toda cidade e lugar aonde ele tinha que ir.

2 E lhes dizia: A colheita à verdade é muita, mas os operários poucos; portanto, roguem ao Senhor da colheita que envie operários a sua colheita.

3 Vão; hei aqui eu vos envio como cordeiros em meio de lobos.

4 Não levem bolsa, nem alforja, nem calçado; e a ninguém saúdem pelo caminho.

5 Em qualquer casa onde entrem, primeiro digam: Paz seja a esta casa.

6 E se houver ali algum filho de paz, sua paz repousará sobre ele; e se não, voltará-se para vós.

7 E posem naquela mesma casa, comendo e bebendo o que lhes dêem; porque o operário é digno de seu salário. Não lhes passem de casa em casa.

8 Em qualquer cidade onde entrem, e lhes recebam, comam o que lhes ponham diante;

9 e sanem a quão doentes nela haja, e lhes digam: aproximou-se de
vós o reino de Deus.

10 Mas em qualquer cidade onde entrem, e não lhes recebam, saindo por seus
ruas, digam:

11 Até o pó de sua cidade, que se pegou a nossos pés, o
sacudimos contra vós. Mas isto saibam, que o reino de Deus se aproximou
a vós.

12 E lhes digo que naquele dia será mais passível o castigo para a Sodoma, que
para aquela cidade.

13 Ai de ti, Corazín! Ai de ti, Betsaida! que se em Tiro e no Sidón se
fizessem os milagres que se feito em vocês, tempo terá que
sentadas em cilício e cinza, teriam se arrependido.

14 portanto, no julgamento será mais passível o castigo para Tiro e Sidón, que
para vocês.

15 E você, Capernaúm, que até os céus é levantada, até o Hades será
abatida.

16 O que a vós ouça, me ouça; e o que a vós despreza, me
despreza; e o que me despreza , despreza ao que me enviou.

17 Voltaram os setenta com gozo, dizendo: Senhor, até os demônios se nos
sujeitam em seu nome.

18 E lhes disse: Eu via satanás cair do céu como um raio.

19 Hei aqui lhes dou potestad de pisar serpentes e escorpiões, e sobre toda
força do inimigo, e nada lhes danificará.

20 Mas não lhes regozijem de que os espíritos lhes sujeitam, a não ser lhes regozije de
que seus nomeie estão escritos nos céus.

21 Naquela mesma hora Jesus se regozijou no Espírito, e disse: Eu te elogio,
OH Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeu estas coisas dos
sábios e entendidos, e as revelaste aos meninos. Sim, Pai, porque assim lhe
agradou.

22 Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece quem é
o Filho a não ser o Pai; nem quem é o Pai, a não ser o Filho, e aquele a quem o
Filho o queira revelar.

23 E voltando-se para os discípulos, disse-lhes à parte: Bem-aventurados os olhos
que vêem o que vós vêem;

24 porque lhes digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós
vêem, e não o viram; e ouvir o que ouvem, e não o ouviram.

25 E hei aqui um intérprete da lei se levantou e disse, para lhe provar: Professor,
fazendo que coisa herdarei a vida eterna?

26 O lhe disse: O que está escrito na lei? Como os?

27 Aquele, respondendo, disse: Amará ao Senhor seu Deus com todo seu coração, e com toda sua alma, e com todas suas forças, e com toda sua mente; e a seu próximo como a ti mesmo.

28 E lhe disse: Bem respondeste; faz isto, e viverá.

29 Mas ele, querendo justificar-se a si mesmo, disse ao Jesus: E quem é meu prójimo?760

30 Respondendo Jesus, disse: Um homem descendia de Jerusalém ao Jericó, e caiu em mãos de ladrões, os quais lhe despojaram; e hiriéndole, foram-se, lhe deixando meio morto.

31 Aconteceu que descendeu um sacerdote por aquele caminho, e lhe vendo, passou de comprido.

32 Deste modo um levita, chegando perto daquele lugar, e lhe vendo, passou de comprido.

33 Mas um samaritano, que ia de caminho, veio perto dele, e lhe vendo, foi movido a misericórdia;

34 e aproximando-se, enfaixou suas feridas, lhes jogando azeite e veio; e lhe pondo em sua cavalgadura, levou-o a hospedaria, e cuidou dele.

35 Outro dia ao partir, tirou dois denarios, e os deu ao estalajadeiro, e lhe disse: cuide-me isso e tudo o que gaste de mais, eu lhe pagarei isso quando retornar.

36 Quem, pois, destes três te parece que foi o próximo de que caiu em mãos dos ladrões?

37 O disse: que usou de misericórdia com ele. Então Jesus lhe disse: Vê, e faz você o mesmo.

38 Aconteceu que indo de caminho, entrou em uma aldeia; e uma mulher chamada Marta recebeu-lhe em sua casa.

39 Esta tinha uma irmã que se chamava María, a qual, sentando-se aos pés do Jesus, ouvia sua palavra.

40 Mas Marta se preocupava com muitos quehaceres, e aproximando-se, disse: Senhor, não te dá cuidado que minha irmã me deixe servir sozinha? lhe diga, pois, que me ajude.

41 Respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, trabalhada em excesso e turvada está com muitas coisas.

42 Mas só uma coisa é necessária; e María escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.

1.

Outros setenta.

[Missão dos setenta, Luc. 10: 1-24. Cf. com. Mat. 9: 36 a 11: 1. Ver mapa P. 212; diagrama P. 221.] Os setenta foram designados além dos doze, e não além de "outros setenta" já enviados.

A palavra "também" parece referir-se à missão dos doze um ano antes. Com referência ao momento e às circunstâncias que rodearam a missão dos setenta, ver com. Mat. 19: 1. A evidência textual se inclina (cf. P. 147) por o número "setenta" e "setenta e dois". O fato de que não se volte a mencionar aos setenta poderia indicar que esta foi uma designação transitiva. Parece que este grupo foi designado na Perea, mas os setenta (ou setenta e dois) foram enviados primeiro à região da Samaria (DTG 452). Tinham acompanhado a Jesus na terceira excursão pela Galilea, quando os doze já tinham saído em seu primeira missão, de dois em dois (DTG 452).

Desde dois em dois.

Assim como tinha enviado aos doze (ver com. Mar. 6: 7). Este costume parece haver-se feito comum na obra missionária da igreja primitiva (Hech. 13: 2; 15: 27, 39-40; 17: 14; 19: 22). Compare-se também com a missão de dois dos discípulos do Juan (Luc. 7: 19).

Aonde ele tinha que ir.

Esta viagem missionária tem as características de uma campanha evangelística cuidadosamente organizada. O fato de que os setenta fossem enviados a certos lugares escolhidos significa que Jesus já tinha decidido onde ir nos meses que ficavam (ver com. cap. 2: 49). O fato de que os setenta tivessem ido primeiro às aldeias e aos povos da Samaria, indica que Jesus deveu ter levado a cabo ali um ministério relativamente extenso durante o inverno (dezembro-fevereiro) de 30-31 d. C. O amigável proceder do Jesus para com a gente da Samaria, manifestado em sua conversa com a mulher do Sicar e seu ministério em favor da gente dessa vizinhança (Juan 4: 5- 42), devem haver ajudado muito a desfazer o prejuízo. Essa conversa tinha tido lugar uns dois anos antes deste momento, possivelmente durante o inverno de 28-29 d. C. Nessa ocasião "muitos... acreditaram nele" (Juan 4: 39, 41). O ministério dos setenta em favor do povo samaritano prepararia aos discípulos para seu trabalho posterior nessa região (Hech. 1: 8). Os apóstolos tiveram ali um destacado êxito depois da ressurreição do Jesus (DTG 453).

2.

A colheita.

As instruções repartidas pelo Jesus aos setenta foram similares em grande medida às que tinha dado anteriormente aos doze. Não podemos saber se o que Lucas registra é uma versão abreviada das instruções do Jesus em esta ocasião, ou se foram realmente mais breves que as que receberam os doze. Com referência a estas instruções, ver com. Mat. 9: 37-38; 10: 7-16.

3.

Vão.

Ver com. Mat. 10: 5-6. Jesus havia dito antes: "Também tenho outras ovelhas que761no são deste redil" (Juan 10: 16). Nesta ocasião enviou aos setenta para procurar algumas dessas ovelhas perdidas.

Como cordeiros.

Nas instruções aos doze (Mat. 10: 16) diz "como a ovelhas" (cf. Juan

21: 15-17).

4.

Não levem bolsa.

Compare-se com a instrução dada aos doze (ver com. Mat. 10: 9-10).

Nem alforja.

Gr. P'ra, "bolsa de couro", "alforja", muitas vezes usada pelos viajantes para levar roupa ou provisões.

Calçado.

Melhor "sandálias". No vers. 7 Jesus explica a razão pela qual os prohíbe levar estas coisas, geralmente consideradas como indispensáveis pelos viajantes.

A ninguém saúdem pelo caminho.

Os setenta deviam limitar-se a saudar nas casas que teriam que visitar (Luc. 10: 5; ver com. 2 Rei. 4: 29). As saudações no Próximo Oriente revistam ainda hoje ser complicados e compridos. Ao Salvador ficava relativamente pouco tempo de vida, e a missão dos setenta devia fazer-se com rapidez. Foram enviados a proclamar "o reino de Deus" (Luc. 10: 9), e os negócios do Rei exigiam pressa. Com referência à obra dos setenta como arautos do Rei, cf. com. Mat. 3: 3; Luc. 3: 5.

5.

Paz.

O desejar-se paz era a forma comum da saudação no Próximo Oriente (ver com. Jer. 6: 14; Mat. 10: 13), que ainda se usa hoje.

6.

Filho de paz.

Este hebraísmo descreve ao que é digno de receber a paz que lhe deseja, e também se sente inclinado a receber, e hospedar aos missionários e a escutar sua mensagem.

7.

Naquela mesma casa.

Ver com. Mat. 10: 11.

O operário.

Ver com. Mat. 10: 10; cf. Deut. 25: 4. Esta declaração do Jesus é uma das poucas que cita Pablo (1 Tim. 5: 18).

De casa em casa.

Ver com. Mat. 10: 11.

8.

O que lhes ponham diante.

Os discípulos não deviam ser gulosos, nem pedir mantimentos que o dono de casa não tinha preparados, nem ser depreciativos negando-se a comer o que se os serviria. Alguns entendem às vezes que estas instruções do Jesus aos setenta permitem aos cristãos de hoje comer de tudo o que lhes sirva o que convida-os, embora sejam mantimentos especificamente proibidos nas Escrituras. Mas deve recordar-se que os setenta não foram a lares de gentis onde se serviam mantimentos proibidos, a não ser a casas de judeus e samaritanos. Ambos povos se atiam rigorosamente às instruções do Pentateuco quanto a os mantimentos limpos e imundos (ver com. Lev. 11).

9.

Reino de Deus.

Ver com. Mat. 3: 2; 4: 17; 5: 2-3; Luc. 4:19. Compare-se com a mensagem do Juan o Batista (Mat. 3: 2) e o do Jesus mesmo (Mar. 1: 15). Este era também o mensagem dos doze (Mat. 10: 7).

13.

Corazín.

Ver com. Mat. 11: 21-24. Como um prelúdio aos comentários que Jesus mesmo fará no Luc. 10: 16, menciona a certas cidades que tinham rechaçado seu mensagem.

Cilício.

Gr. sákkos, "saco" ou "cilício", um tecido áspero. Possivelmente a palavra seja do Heb. Ñaq (ver com. Gén. 42:25; Est. 4: 1).

15.

Até os céus é levantada.

Esta afirmação provavelmente deveria ler-se como uma pergunta. "Até o céu te vais elevar?" (BJ). Compare-se com o espírito que animou a Satanás (ISA. 14:13-15).

Hades.

Gr. hádÇ's, "sepulcro" ou "morte", quer dizer, o reino dos mortos (ver com. Mat. 11:23; 16:18; cf. ISA. 14:15). No dia do grande julgamento final, os homens não serão condenados porque acreditaram no engano, mas sim porque descuidaram as oportunidades que o céu lhes proporcionou para conhecer a verdade (DTG 454).

16.

A vós ouça.

Ver com. Mat. 10:40.

17.

Voltaram os setenta.

Compare-se com a volta dos doze (ver com. Mar. 6:30).

Com gozo.

Sua missão tinha tido grande êxito.

Os demônios nos sujeitam.

Até onde nos indica isso o registro, Jesus não havia comissionado especificamente aos setenta para que jogassem fora demônios (cf. vers. 9) como o tinha feito com os doze (Mat. 10: 1). Entretanto, este aspecto de seu ministério é o que mais parece ter impressionado aos setenta.

seu nome.

Ver com. Mat. 10: 18, 40. Apesar de estar cheios de santo gozo, os setenta reconheciam que o poder do Jesus, que obrava através deles, era o que fazia possível o êxito.

18.

Via.

Gr. theoréÇ, "contemplar", "notar-se em", vocábulo que com freqüência implica uma contemplação tranqüila, intensa e continuada de um objeto (cf. Juan 2:23; 4:19).

Satanás.

Gr. Satanás, do Heb. sátan, "adversário".

Cair do céu.

Cf. ISA. 14:12-15; Juan 12:31-32; Apoc. 12:7-9, 12. Satanás já era um inimigo vencido. Com esta declaração Jesus 762 se antecipava a sua crucificação, quando o poder de Satanás seria quebrantado (DTG 633, 706; cf. 638); e viu também o tempo quando o pecado e os pecadores já não existiriam. Os setenta haviam sido testemunhas da expulsão de Satanás da vida de muitos homens; Jesus contemplava sua derrota total.

Como um raio.

Como um raio enceguecedor que rapidamente se extingue.

19.

Dou-lhes potestad.

Esta promessa se repete em Mar. 16: 18 e seu cumprimento se acha no Hech. 28: 3-5.

Força do inimigo.

A palavra que se traduz "força" é dúnamis: "força", "capacidade", e não exousía: "autoridade" ou "potestad" como foi dada aos setenta (ver com. cap. 1: 35). "Potestad" é exousía; "força" é dúnamis. Satanás tinha dúnamis, "força" sobre a qual os discípulos tinham que exercer exousía: "autoridade" (ver com. Mat. 10: 1).

Nada lhes danificará.

No grego há um negativo extremamente enfático, que corresponderia aproximadamente a dizer: "ninguém, nunca lhes danificará".

20.

Não lhes regozijem.

A capacidade de fazer milagres em si mesmo não assegura a vida eterna (Mat. 7:22-23).

Escritos nos céus.

No livro da vida (Fil. 4:3; Apoc. 20:12, 15; 21:27; 22:19), aonde estão inscritos os nomes dos que chegarão ao reino dos céus.

21.

Naquela mesma hora.

Quer dizer, quando voltaram os setenta.

Espírito.

A evidência textual se inclina (cf. P. 147) pelo texto "Espírito Santo".

22.

Queira-o revelar.

Ver com. Mat. 11:27.

23.

Bem-aventurados.

Gr. makários, "feliz", "ditoso" (ver com. Mat. 5:3).

25.

Um intérprete da lei.

[O bom samaritano, Luc. 10:25-37. Com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Jesus vai em sua última viagem da Galilea a Jerusalém (ver com. Mat. 19: 1). O relato dá a entender que o acontecimento aconteceu no Jericó. O episódio, do qual tinham sido protagonistas o samaritano e a vítima do roubo, tinha ocorrido fazia pouco tempo (DTG 462).

Imediatamente depois do encontro com o intérprete da lei e da narração da história do bom samaritano, Jesus esteve na Betania depois de viajar desde o Jericó (DTG 483). É possível que estivesse em caminho a Jerusalém para assistir à festa da dedicação (ver com. Mat. 19:1; cf. Juan 10:22-38), e depois retornasse a Perea (Juan 10: 39-40). Juan situa a ressurreição do Lázaro (Juan 11: 1-46) imediatamente depois de que Jesus se retirou a Perea (cap. 10: 39-40).

Para lhe provar.

Pergunta-a que lhe fez o intérprete da lei ao Jesus tinha sido cuidadosamente pensada pelos dirigentes religiosos (DTG 460).

Professor.

No sentido de "pessoa que insígnia". Como o intérprete é um professor profissional da lei, apresenta ao Jesus um problema que os escribas discutiam muito.

Fazendo que coisa?

Pergunta-a do intérprete da lei revela que seu conceito da justiça era completamente equivocado. Para ele, como para a maioria dos judeus de seu tempo, ganhar a salvação consistia essencialmente no que ordenavam os escribas. Considerava, portanto, que a salvação se podia obter por meio das obras.

Eterna.

Gr. aiÇnios (ver com. Mat. 13: 39).

26.

Como os?

O intérprete devia saber a resposta a sua própria pergunta. Era professor da lei judia, e por conseguinte era inteiramente apropriado que tivesse a oportunidade de responder. A pergunta do Jesus não necessariamente implica uma repreensão. Era um ato de cortesia lhe dar a oportunidade de responder sua própria pergunta.

27.

Amará.

O intérprete da lei cita aqui ao Deut. 6: 5 (cf. cap. 11: 13). Cf. Mat. 22: 36-38, onde Jesus dá mais tarde a mesma resposta à mesma pergunta que o fez outro intérprete da lei. As palavras do Deut. 6: 5 eram recitadas amanhã e tarde por todo judeu piedoso como parte da shema' (ver P. 59), e eram levadas nas filacterias (ver com. Exo. 13: 9). Os judeus, que percebiam o significado profundo da lei (ver com. Deut. 31: 9; Prov. 3: 1), compreendiam sem dúvida que seus preceitos não eram arbitrários, mas sim estavam apoiados nos princípios fundamentais do reto, os quais bem podem resumir-se no mandamento de amar.

Amar a Deus, no sentido que aqui se apresenta e se insinúa, é dedicar a seu serviço todo o ser, os afetos, a vida, as faculdades físicas e o

intelecto. Esta classe de amor é "o cumprimento da lei" (ROM. 13: 10); é a classe de amor no qual a pessoa permanece quando, pela graça de Cristo, decide observar os mandamentos do Jesus (Juan 14:15; 15: 9-10). Deus enviou a seu Filho ao mundo com o propósito específico de fazer que possamos guardar a lei neste sentido e com este espírito. Deste modo "a justiça da 763 lei" pode cumprir-se "em nós" (ROM. 8:3-4). que verdadeiramente conhece deus, guardará seus mandamentos porque o amor de Deus aperfeiçoou-se nele (1 Juan 2:4-6; ver com. Mat. 5:48).

Coração.

Aqui com o sentido de "inclinação", "desejo", "mente".

Alma.

Ver com. Mat. 10:28.

Próximo.

Gr. pl'síon (ver com. vers. 36). O intérprete da lei cita ao Lev. 19: 18, onde o próximo é evidentemente um compatriota israelita; mas Jesus obviamente amplia-a definição até incluir os samaritanos e, portanto, aos não judeus (ver com. Luc. 10:36).

28.

Bem respondeste.

Quando Jesus mais tarde deu a mesma resposta à pergunta de outro intérprete da lei, que tinha perguntado o elogiou lhe dizendo: "Bem, Professor, verdade há dito" (Mar. 12:32). A resposta de Cristo tinha passado por cima os extensos comentários, orais e escritos, sobre a lei e até todos os preceitos específicos da lei. Cada preceito da lei, no sentido mais amplo e também no mais estrito da palavra (ver com. Prov. 3: 1), refiriéndose a os Dez Mandamentos, é uma expressão, extensão e aplicação do princípio do amor (ver com. Luc. 10: 27). A resposta do intérprete da lei era inteiramente correta; o que lhe faltava era discernimento espiritual para aplicar este principio a sua vida (ver com. Mat. 5: 17-22). Conhecia a letra da lei, mas não conhecia seu espírito. Este conhecimento só se obtém quando os princípios da lei são aplicados à vida (ver com. Juan 7: 17).

Faz isto.

No grego este imperativo destaca a idéia de continuidade; é como se dissesse: "Faz isto, e segue fazendo-o". Aparentemente a dificuldade do intérprete de a lei, como a do jovem rico, era que pensava que tinha guardado todas essas costure desde sua juventude (Mat. 19:20); mas ao mesmo tempo sentia que o faltava algo em sua vida espiritual. A justiça legal nunca satisfaz a alma porque carece de algo vital até que o amor de Deus se empossa da vida (2 Cor. 5:14). Só quando uma pessoa entrega por completo à influência desse amor (ver com. Luc. 10:27) poderá verdadeiramente observar o espírito de a lei (ROM. 8: 3-4).

Vivirás.

Viver no pleno sentido da palavra, tão aqui como no mundo futuro (ver com. Juan 10:10); entretanto, o contexto mostra que Jesus se referia em

primeiro lugar à vida eterna (Mat. 19:16-17; Luc. 10:25).

29.

Justificar-se.

Este intérprete da lei, como o jovem rico (Mat. 19: 16-22), não estava satisfeito com o conceito farisaico da justiça (DTG 460). Compreendia sem dúvida, como o jovem rico, que lhe faltava algo que inconscientemente sentia que Jesus podia lhe proporcionar. Mas, como Nicodemo (ver com. Juan 3:2-3), vacilava em admiti-lo até a se mesmo; e, portanto, para evadir em sua parte convicção íntima, procedeu a justificar-se fazendo parecer que amar ao próximo apresentava grandes dificuldades (DTG 461).

Quem é meu próximo?

Ver com. Mat. 5:43. O propósito desta pergunta era evitar a convicção e justificar-se a si mesmo (DTG 461). Quando uma pessoa faz perguntas sutis de as quais é óbvio que sabe a resposta ou poderia sabê-la, geralmente é porque reconhece que é culpado de algo (cf. Juan 4:18-20), e busca alguma razão ou pretexto para não fazer o que sua consciência lhe diz que deve fazer. Conforme pensava esse intérprete, os pagãos e os samaritanos estavam excluídos da categoria de "próximo"; a única dúvida que tinha era saber a qual de seus compatriotas israelitas podia considerar como próximo.

30.

Um homem.

Este incidente era verídico (DTG 462), e provavelmente muitos sabiam em Jericó, onde viviam o sacerdote e o levita, atores destacados no incidente (ver com. vers. 25, 31). Segundo o Desejado de todas as gente, o levita e o sacerdote estavam presentes nesta ocasião (P. 462).

Descendia de Jerusalém.

O verbo "descender" descreve corretamente a viagem de Jerusalém, a mas de 792 m sobre o nível do mar, ao Jericó, a 213 m sob o nível do mar. O caminho principal de Jerusalém ao Jericó segue em parte para o Wadi Qelt, que atravessa as colinas áridas e desabitadas do deserto da Judea. Este caminho estreito e tortuoso, encerrado algumas vezes por altos ravinas, era perigoso para os viajantes pois a zona, cheia de covas e esconderijos, era guarida de delinqüentes e ladrões.

Hiriéndole.

Possivelmente o golpearam porque tentou lhes fazer resistência.

31.

Aconteceu que.

Melhor "casualmente" (BJ) ou "por coincidência".

Descendeu.

De Jerusalém ao Jericó (ver com. vers. 30).

Um sacerdote.

O sacerdote e o levita 764 retornavam de seu período de serviço no templo (PVGM 314; cf. com. cap. 1: 5, 9, 23).

Passou de comprimento.

Passou como se não tivesse visto nada, mas em realidade não se deteve porque não o importava o que via. Sua hipocrisia se converteu em um manto para não fazer o que lhe causasse moléstias. O desafortunado viajante, nu e ferido (vers. 30, 34), sem dúvida estava talher de terra e de sangue. Se este infeliz tivesse estado morto, tocá-lo nada mais tivesse significado contaminação ritual para o sacerdote ou o levita (Núm. 19:11-22); além disso, existia a possibilidade de que fora samaritano ou gentil. E de um modo ou outro era ilegal que um sacerdote tocasse o cadáver de qualquer que não fora um parente próximo (Lev. 21: 1-4). Muitas de tais desculpas passaram sem dúvida pelo pensamento destes homens enquanto tratavam de justificar sua conduta.

32.

Chegando perto... e lhe vendo.

Parece que o levita foi um pouco mais considerado que o sacerdote, ou possivelmente mais curioso. aproximou-se do homem ferido antes de seguir seu caminho (DTG 462).

33.

Um samaritano.

O fato de que o samaritano viajasse por um território estrangeiro para ele, fez que seu ato de misericórdia fora ainda mais notável. Nesse distrito era provável que o desafortunado viajante fora judeu, membro da raça que sentia uma acérrima inimizade contra os samaritanos. O samaritano sabia que se ele tivesse sido o ferido atirado junto ao caminho, não poderia ter esperado misericórdia de um judeu. Entretanto, o samaritano, com bastante risco para si mesmo pela possibilidade de que os assaltantes voltassem a atacar, decidiu ajudar à indefesa vítima.

A misericórdia manifestada pelo samaritano reflete de um modo muito real o espírito que moveu ao Filho de Deus a vir a este mundo para resgatar à humanidade. Deus não estava obrigado a resgatar ao homem cansado. Poderia haver passado por cima aos pecadores, assim como o sacerdote e o levita passaram de comprido sem ajudar ao desafortunado viajante no caminho ao Jericó. Mas o Senhor esteve disposto a ser "tratado como nós merecemos a fim de que nós pudéssemos ser tratados como ele o merece" (DTG 16-17).

34.

Feridas.

Gr. tráuma, de onde derivam os vocábulos "trauma", "traumatismo", etc.

Azeite e vinho.

Eram os remédios caseiros comuns na antiga a Palestina. Algumas vezes se mesclavam os dois e se usavam como ungüento.

Hospedaria.

Gr. pandojeíon, de pás, "todos" e déjomai, "receber"; um lugar onde se recebe a todos, neste caso, aos componentes de uma caravana. Pandojeíon se refere a uma estalagem, enquanto que katáluma (Luc. 2: 7) é mas bem, em términos generais, um alojamento. É provável que a "estalagem" (BJ) onde o samaritano levou a desafortunado viajante estivesse no Jericó ou perto dali, pois não há aldeias de importância entre Jerusalém e Jericó.

35.

Dois denarios.

Quer dizer, 7,79 g de prata, possivelmente algo mais de um dólar ou, melhor, o equivalente de dois dias de trabalho (ver P. 51).

Estalajadeiro.

Gr. pandojéus, que administra um pandojeíon (ver com. vers. 34).

Eu lhe pagarei isso.

Eram sem dúvida os dois denarios só a primeira cota do que o samaritano tinha que pagar. Passariam vários dias antes de que o viajante ferido-se recuperasse o suficiente para poder continuar sua viagem (vers. 30). Pelo tanto, o bondoso samaritano se fez cargo do estranho. Pôde ter raciocinado que este episódio tinha ocorrido na Judea, que a vítima possivelmente era um judeu, que o estalajadeiro era judeu, e que portanto ele, como samaritano, havia completo já com sua responsabilidade; mas não foi assim. O interesse do samaritano não foi passageiro: fez mais do que se poderia ter esperado que fizesse. Seu interesse no desconhecido foi além da obrigação mínima que se podia esperar que assumisse qualquer transeunte.

Quando retornar.

Provavelmente em sua viagem de volta. A confiança que o estalajadeiro teve no samaritano, sugerir que este era um comerciante que estava acostumado a passar pelo Jericó e era conocído do estalajadeiro.

36.

Próximo.

Gr. pl'síon, literalmente "próximo". O sacerdote, o levita e o samaritano tinham estado perto do desventurado viajante em seu momento de necessidade; mas só um deles atuou como próximo. Ser bom próximo não depende tanto de proximidade como de vontade para compartilhar as cargas alheias. Ser bom próximo é a expressão prática do princípio do amor para o que o necessita (ver com. vers. 27).

37.

Usou.

Gr. poiéÇ, "fazer" (cf. vers. 25). Pensamentos de misericórdia nada mais, em tais circunstâncias, não teriam tido nenhum valor; só valiam os fatos.

O intérprete compreendeu imediatamente a moral 765 do relato. Sua pergunta recebeu uma resposta apropriada e efetiva (vers. 29). Com este relato autêntico Jesus evitou toda discussão legal quanto a quem pode ser nosso próximo (ver com. vers. 29). O próximo é simplesmente qualquer que necessita ajuda.

O ser bom vizinho ou próximo tinha salvado a vida de um dos próximos do intérprete da lei, possivelmente um de seus amigos. O intérprete não achou nada que criticar na resposta do Jesus a sua pergunta. Evidentemente reconheceu no íntimo de sua alma que a definição que Jesus tinha dado de próximo era quão única valia. Como intérprete da lei, sem dúvida podia apreciar mais plenamente que os outros pressente a profunda compreensão que Jesus tinha do verdadeiro significado da lei (ver com. vers. 26-28). Como professor teve que ter apreciado o tato com o qual Jesus respondeu seu pergunta. Em todo caso desapareceu o prejuízo que tinha contra Jesus (PVGM 313).

Vê, e faz você.

O grego coloca o pronome "você" em posição enfática. O imperativo "faça"-se traduz do verbo poiéÇ, traduzido como "usar" na primeira parte do versículo. O intérprete da lei tinha respondido: "que fez misericórdia"; e Jesus lhe respondeu: "Vê, e faz você o mesmo". Em outras palavras, se o intérprete da lei queria saber o que era ser verdadeiramente um bom próximo, tinha que tomar como exemplo a conduta do samaritano. Esta é a essência da verdadeira religião (Miq. 6: 8; Sant. 1: 27). Nossos próximos precisam sentir o apertão de "uma mão cálida" e o companheirismo de "um coração cheio de ternura" (PVGM 320). Deus "permite-nos chegar a nos relacionar com o sofrimento e a calamidade para nos tirar de nosso egoísmo" (PVGM 320-321). Ser bom próximo sempre que tivermos a oportunidade de sério, é para nosso bem eterno (cf. Heb. 13: 2).

38.

Entrou em uma aldeia.

[Jesus visita a Marta e a María, Luc. 10: 38-42. Ver mapa P. 213.] Lucas não dá o nome desta aldeia, mas evidentemente era Betania (Juan 11:1). Esta foi a primeira visita do Jesus a esse lugar (DTG 483). Acabava de chegar pelo caminho do Wadi Qelt, desde o Jericó (DTG 483; ver com. Luc. 10: 30), e parece que foi pouco depois do incidente relatado nos vers. 25-37 (ver com. vers. 25). depois desta ocasião, Jesus visitou com freqüência o lar da María, Marta e Lázaro (DTG 482). Registram-se pelo menos outras duas visitas na narração evangélica (Juan 11: 17; 12: 1-3). É provável que tivesse estado ali várias vezes mais (Mat. 21: 17; Mar. 11: 1, 11; Luc. 19: 29).

Marta.

Para uma breve descrição do caráter da Marta, ver com. vers. 41. Marta era evidentemente a maior das duas irmãs e a que administrava a casa. Foi ela a que "recebeu-lhe em sua casa".

39.

María.

Ver Nota Adicional do cap. 7. Marta, a cujo cargo estava a casa, era por natureza mais prática, enquanto que María se preocupava mais das coisas espirituais que das materiais. Marta sem dúvida "preocupava-se" pelas necessidades materiais da casa (ver com. Mat. 6: 25- 34), enquanto que María procurava "primeiro o reino de Deus e sua justiça" (Mat. 6:33). Não se menciona ao Lázaro, irmão da Marta e María, nesta ocasião; mas era um de os fiéis discípulos do Jesus (DTG 482).

Sentando-se aos pés.

Sentar-se aos pés de alguém se refere tanto à posição física como ao feito de aprender dessa pessoa, embora neste caso podem estar compreendidas ambas as idéias (Hech. 22: 3; cf. Deut. 33: 3).

40.

preocupava-se.

Marta estava "atarefada" (BJ) e molesta pela pressão dos muitos detalhes de a atenção de seus convidados.

Não te dá cuidado?

É provável que Marta soubesse por experiência que não ganharia lhe falando diretamente a María. Se Jesus tinha tanta influência sobre a María, conforme podia ver-se, possivelmente ele poderia conseguir com a María o que Marta não podia obter. Compare-se com o caso de que pediu ao Jesus que persuadisse a seu irmão para que dividisse a herança familiar (cap. 12: 13-14). Marta não só culpou a María em seu rogo ao Jesus, mas sim indiretamente o censurou a ele. Insinuou que o verdadeiro problema era que ao Jesus não importava a situação e não tinha intenção de fazer nada a respeito, que lhe agradava mais que María o escutasse a ele antes que ajudar a sua irmã a preparar a comida.

41.

Marta, Marta.

A repetição do nome pode indicar afeto ou preocupação. Cf. Luc. 22: 31; Hech. 9: 4.

Trabalhada em excesso.

Gr. merimnáÇ, "estar ansioso", "cuidar-se de", "preocupar-se de"; refere-se à preocupação interior, mental, que era a verdadeira causa da impaciência de Marta com a María. Jesus tinha pronunciado uma clara admoestação contra isto mesmo no Sermão do Monte (onde o verbo merimnáÇ se766 traduz "trabalhar em excesso-se": Mat. 6: 25, 28, 31, 34). Os que se convertem em seguidores do Jesus deveriam evitar o espírito de constante preocupação que impulsionou a Marta a fazer seu impaciente pedido ao Jesus.

Turvada.

Vocábulo que se refere à conduta exterior da Marta, que reflete seus sentimentos íntimos. Interiormente estava "trabalhada em excesso", e, como resultado, externamente "turvada". Se só procurássemos cultivar essa tranqüilidade interior que Marta tanto necessitava, poderíamos evitar muita preocupação desnecessária.

Muitas coisas.

Uma singela hospitalidade teria bastado para o Jesus. O não exigia preparativos complicados.

42.

Mas só uma coisa é necessária.

Cf. cap. 18: 22, "ainda te falta uma coisa". Marta era diligente, exata e enérgica, mas lhe faltava o espírito tranqüilo e piedoso de sua irmã María (DTG 483). Não tinha aprendido a lição do Mat. 6: 33: pôr o reino de Deus em primeiro lugar em suas preocupações e esforços, pospondo as coisas materiais a um segundo plano (ver com. vers. 24-34).

A boa parte.

como resultado de suas próprias experiências, María tinha aprendido a lição que sua irmã Marta ainda tinha que aprender (ver Nota Adicional do cáp. 7).Alguns consideram que com a expressão "a boa parte", Jesus fazia um hábil trocadilho para estabelecer contraste com o prato mais saboroso de a mesa. "A boa parte" -quão único Marta necesítaba- era e é uma preocupação mais profunda por conhecer o reino dos dos céus.

Não lhe será tirada.

As coisas materiais nas quais Marta se interessava podiam lhe ser tiradas (cap. 12: 13-21; 16: 25-26). María estava acumulando seu inesgotável "tesouro em os céus", "onde ladrão não chega, nem traça destrói" (Luc. 12: 33; ver com. Mat. 6: 19-21).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 DTG 452; Ev 47, 57

1-24 DTG 449-459

2 MC 36; MJ 20; OE 28; 1T 368, 473; 2T 116

3 DTG 320

5 DTG 318

7 Ev 359; 5T 374; 8T 142 8-9 MC 99; MM 253

9 CM 356; Ev 43; MM 249; 3TS 267

10-15 DTG 453

10-16 4T 197

16 1T 360; 3T 450

17 MC 99

17-19 DTG 454; MC 62

19 DMJ 101

20 CS 534; DTG 456

21-22 DTG 457

25 DTG 465

25-26 CS 656

25-28 DTG 460; FÉ 419; PVGM 310; 5T 359

25-30 MB 47

25-37 DTG 460-466; PVGM 310-321; 3T 523; 4T 57

26 MC 14; PVGM 21

27 CM 309; CMC 224,310; EC 463; Ed 14, 224; FÉ 436; 1JT 514; 2JT 138; OE 449; PP 312; PR 60; PVGM 29-30; 2T 45, 153, 168, 170; 3T 246, 546; 4T 50; 6T 303, 447; 8T 64, 139, 164; 9T 212; TM 446; 3TS 266, 269, 371

27-28 Ev 180

28 DTG 461, 465; 3T 534

29 DTG 464; MeM 239; PVGM 310, 321; SC 51

29-35 PVGM 312

29-37 MB 46-54; SC 239; 3TS 269

30-32 DTG 462

30-37 8T 59

31-32 3T 530

33-34 3T 531

33-35 2JT 514

33-37 DTG 463

36-37 DMJ 38; MeM 194, 239; PVGM 313

37 DTG 465

38-42 DTG 482-494; 2JT 405

39 CM 339; 2JT 125; MM 332; SC 156; TM 225, 349

39-42 TM 351

39,42 FÉ 132; MC 364; 8T 319

40-42 DTG 483; MB 161 767

CAPÍTULO 11

1Cristo insígnia a orar, e com persistência. 11 Assegura que Deus nos dará boas coisas. 14 Sã a um diabólico e mudo, e repreende aos fariseus blasfemos. 28 Quais são bem-aventurados. 29 Cristo prega às pessoas, 37 e repreende a limpeza só exterior dos fariseus, os escribas e intérpretes da lei.

1 ACONTECIO que estava Jesus orando em um lugar, e quando terminou, um de seus discípulos lhe disse: Senhor, insígnia nos a orar, como também Juan ensinou a seus discípulos.

2 E lhes disse: Quando orarem, digam: Pai nosso que está nos céus, santificado seja seu nome. Venha seu reino. Faça-se sua vontade, como no céu, assim também na terra.

3 Nosso pão de cada dia, dêem-nos isso hoje.

4 E nos perdoe nossos pecados, porque também nós perdoamos a todos os que nos devem. E não nos meta em tentação, mas libra nos do mal.

5 Lhes disse também: Quem de vós que tenha um amigo, vai a ele a meia-noite e lhe diz: Amigo, me empreste três pães,

6 porque meu amigo veio a mim de viagem, e não tenho o que lhe pôr diante;

7 e aquele, respondendo de dentro, diz-lhe: Não me incomode; a porta já está fechada, e meus meninos estão comigo em cama; não posso me levantar, e dar-lhe isso

8 Lhes digo, que embora não se levante dar-lhe por ser seu amigo, entretanto por seu importunidad se levantará e lhe dará tudo o que necessite.

9 E eu lhes digo: Peçam, e lhes dará; procurem, e acharão; chamem, e se vos abrirá.

10 Porque todo aquele que pede, recebe; e o que busca, acha; e ao que chama, lhe abrirá.

11 Que pai de vós, se seu filho lhe pedir pão, dará-lhe uma pedra? ou se pescado, em lugar de pescado, dará-lhe uma serpente?

12 Ou se lhe pedir um ovo, dará-lhe um escorpião?

13 Pois se vós, sendo maus, sabem dar boas dádivas a seus filhos, quanto mais seu Pai celestial dará o Espírito Santo aos que se o peçam?

14 Estava Jesus jogando fora um demônio, que era mudo; e aconteceu que saído o demônio, o mudo falou; e a gente se maravilhou.

15 Mas alguns deles diziam: Pelo Beelzebú, príncipe dos demônios, joga fora os demônios.

16 Outros, para lhe tentar, pediam-lhe sinal do céu.

17 Mas ele, conhecendo os pensamentos deles, disse-lhes: Todo reino dividido

contra si mesmo, é assolado; e uma casa dividida contra si mesmo, cai.

18 E se também Satanás está dividido contra si mesmo, como permanecerá seu reino? já que dizem que pelo Beelzebú jogo eu fora os demônios.

19 Pois se eu jogar fora os demônios pelo Beelzebú, seus filhos por quem jogam-nos? portanto, eles serão seus juizes.

20 Mas se pelo dedo de Deus jogo eu fora os demônios, certamente o reino de Deus chegou a vós.

21 Quando o homem forte armado guarda seu palácio, em paz está o que possui.

22 Mas quando vem outro mais forte que ele e lhe vence, tira-lhe todas seus arma em que confiava, e reparte o bota de cano longo.

23 O que não é comigo, contra mim é; e o que comigo não recolhe, esparrama.

24 Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares secos, procurando repouso; e não achando-o, diz: Voltarei para minha casa de onde saí.

25 E quando chega, acha-a varrida e adornada.

26 Então vai, e toma outros sete espíritos piores que ele; e entrados, moram ali; e o último estado daquele homem deve ser pior que o primeiro.

27 Enquanto ele dizia estas coisas, uma mulher de entre a multidão levantou a voz e lhe disse: Bem-aventurado o ventre que te trouxe, e os seios que mamou.

28 E ele disse: Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus, e a guardam.

29 E apinhando-as multidões, começou a dizer: Esta geração é má; demanda sinal, mas sinal não lhe será dada, a não ser o sinal do Jonás. 768

30 Porque assim como Jonás foi sinal aos ninivitas, também o será o Filho do Homem a esta geração.

31 A reina do Sul se levantará no julgamento com os homens desta geração, e os condenará; porque ela veio dos fins da terra para ouvir a sabedoria do Salomón, e hei aqui mais que Salomón neste lugar.

32 Os homens do Nínive se levantarão no julgamento com esta geração, e a condenarão; porque a predicación do Jonás se arrependeram, e hei aqui mais que Jonás neste lugar.

33 Ninguém põe em oculto a luz acesa, nem debaixo do almud, a não ser no castiçal, para que os que entram vejam a luz.

34 O abajur do corpo é o olho; quando seu olho é bom, também todo você corpo está cheio de luz; mas quando seu olho é maligno, também seu corpo está em trevas.

35 Olhe pois, não aconteça que a luz que em ti há, seja trevas.

36 Assim, se todo seu corpo estiver cheio de luz, não tendo parte alguma de trevas, será tudo luminoso, como quando um abajur te ilumina com seu

resplendor.

37 Logo que teve falado, rogou-lhe um fariseu que comesse com ele; e entrando Jesus na casa, sentou-se à mesa.

38 O fariseu, quando o viu, sentiu saudades de que não se lavou antes de comer.

39 Mas o Senhor lhe disse: Agora bem, vós os fariseus limpam o de fora do copo e do prato, mas por dentro estão cheios de rapacidade e de maldade.

40 Néscios, que fez o de fora, não fez também o de dentro?

41 Mas dêem esmola do que têm, e então todo lhes será limpo.

42 Mas ai de vós, fariseus! que dizimam a hortelã, e a arruda, e toda hortaliça, e passam por cima a justiça e o amor de Deus. Isto lhes era necessário fazer, sem deixar aquilo.

43 Ai de vós, fariseus! que amam as primeiras cadeiras nas sinagogas, e as saudações nas praças.

44 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! que são como sepulcros que não se vêem, e os homens que andam em cima não sabem.

45 Respondendo um dos intérpretes da lei, disse-lhe: Professor, quando diz isto, também nos afrontas .

46 E ele disse: Ai de vós também, intérpretes da lei! porque carregam a os homens com cargas que não podem levar, mas vós nem mesmo com um dedo tocam-nas.

47 Ai de vós, que edificam os sepulcros dos profetas a quem mataram seus pais!

48 De modo que são testemunhas e consentidores dos fatos de seus pais; porque à verdade eles os mataram, e vós edificam seus sepulcros.

49 Por isso a sabedoria de Deus também disse: Enviarei-lhes profetas e apóstolos; e deles, a uns matarão e a outros perseguirão,

50 para que se demande desta geração o sangue de todos os profetas que derramou-se da fundação do mundo,

51 do sangue do Abel até o sangue do Zacarías, que morreu entre o altar e o templo; sim, digo-lhes que será demandada desta geração.

52 Ai de vós, intérpretes da lei! porque tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entraram, e aos que entravam o impediram.

53 Lhes dizendo ele estas coisas, os escribas e os fariseus começaram a lhe estreitar em grande maneira, e a lhe provocar a que falasse de muitas coisas;

54 espreitando-se, e procurando caçar alguma palavra de sua boca para lhe acusar.

1.

Estava Jesus orando.

[Jesus e a oração, Luc. 11: 1-13.] Lucas não registra nada definido assim que ao momento ou o lugar deste incidente. Há quem considera que estes versículos são paralelos com o Mat. 6: 6-15; 7: 1-11 e que não são a não ser outra apresentação do que disse Jesus quanto à oração no Sermão do Monte. Por outra parte, é muito provável que se trate de uma ocasião diferente e posterior, na qual Jesus falou do mesmo tema (PVGM 105-106; DMJ 87). Se Lucas segue a seqüência cronológica, isto pôde ter ocorrido pouco depois de a visita a Betania (cap. 10: 38- 42). Se assim foi, teria acontecido em relação com a visita do Jesus a Jerusalém para assistir à festa da dedicação, quando se tentou lhe apedrejar (DTG 436; ver com. Luc. 17: 1; Juan 10: 22, 31, 33). Este fato pôde ter ocorrido em Jerusalém ou, se não, em algum lugar de Perea. Com relação aos acontecimentos que transcorreram neste mesmo tempo, ver com. Mat. 19: 1. Isto bem pôde ter ocorrido cedo pela 769 amanhã, pois era a hora do dia quando Jesus estava acostumado a orar (PVGM 105). Nesta ocasião os discípulos tinham estado ausentes por um curto tempo (PVGM 105), possivelmente tinham sido enviados pelo Jesus para cumprir alguma missão (ver com. Luc. 10: 1) ou talvez tinham visitado seus lares (DTG 224). Com referência à vida pessoal de oração do Jesus, ver com. Mar. 1: 35; 3: 13.

Insígnia nos a orar.

Quando os discípulos escutaram a maneira em que Jesus orava, comunicando-se intimamente com seu Pai celestial assim como se comunica um amigo com outro, ficaram grandemente impressionados. Suas orações eram diferentes das dos dirigentes religiosos de seu tempo, muito diferentes de tudo que tinham ouvido. A oração formal, expressa em declarações fixas e como se fora dirigida a um Deus impessoal muito distante, não tem a realidade e a vitalidade que devem caracterizar à verdadeira oração. Os discípulos pensaram que se só pudessem orar como Jesus orava, aumentaria-se muitíssimo sua eficácia como discípulos. Como Jesus lhes tinha ensinado por preceito (Mat. 6: 7-15) e por exemplo (Luc. 9: 29) como orar, parece que nesta ocasião o pedido veio de parte de alguns discípulos que não tinham estado com o Jesus em ocasiões passadas quando tinha falado da oração. A palavra "discípulos" não necessariamente tem que circunscrever-se só aos doze. Estes discípulos podem ter sido dos setenta. Em resposta ao pedido "insígnia nos a orar", Jesus apresentou uma oração modelo, uma parábola que ilustra o espírito da oração e algumas admoestações para estimular a fidelidade e a diligência na oração (cap.11: 2-13).

Como também Juan ensinou.

O NT não diz em nenhuma parte que Juan ensinou a seus discípulos a orar. Mas teria sido muito natural que os discípulos do Juan, depois de unir seus interesse com os discípulos de Cristo (ver com. Mar. 6: 29), contassem as coisas que tinham aprendido de seu primeiro professor.

2.

Digam.

Esta oração bem poderia haver-se chamado "oração dos discípulos", porque não é exatamente a classe de oração que Jesus teria pronunciado em seu próprio favor. Parece muito mais apropriada em boca de mortais pecadores. Por exemplo, Jesus não tinha necessidade de pedir perdão por seus pecados. Com referência a esta

oração, tal como a apresentou Jesus em outra ocasião, ver com. Mat. 6: 9-13; PVGM 106.

nosso pai.

Jesus ensinou aos homens a dirigir-se a Deus usando este novo nome, para que sua fé se fortalecesse e ficassem impressionados com a íntima relação que têm o privilégio de gozar em comunhão com ele (PVGM 107-108).

5.

Quem de vós?

Com referência às lições que Jesus deduziu desta parábola, ver com. vers. 8. Quanto às circunstâncias sob as quais Jesus pronunciou a parábola, ver com. vers. 1. E em relação com o ensino do Jesus por meio de parábolas e aos princípios que devem seguir-se para as interpretar, ver pp. 193-197.

A meia-noite.

No Próximo Oriente algumas vezes se viaja de noite durante a estação calorosa. Além disso, o amigo que chegava de visita (vers. 6) pôde haver-se demorado em forma inesperada e inevitável, de modo que chegou a meia-noite.

6.

meu amigo.

Um detalhe importante é que o homem não pedia para ele a não ser para um amigo necessitado (ver com. vers. 8).

Não tenho o que lhe pôr diante.

Isto explica por que o homem foi procurar ajuda a meia-noite. A compreensão de que por nós mesmos nada podemos fazer (Juan 15:5), devesse, da mesma maneira, impulsionamos a ir a grande Fonte de alimento espiritual (Juan 6: 27-58). Os que queiram cultivar amizade com outros para fazê-los conhecer grande Amigo de todos os homens, sentem muitas vezes a falta desse pão celestial que tão ardentemente desejam repartir a outros.

7.

Não me incomode.

O homem respondeu com estas palavras não por mesquinharia a não ser, evidentemente, por não querer incomodar-se. Uma vez que o homem decidiu levantar-se da cama, proporcionou a seu visitante noturno todo o pão que necessitava (vers. 8).

Os homens podem pensar às vezes que Deus prefere que seu povo não o incomode, mas seu verdadeiro caráter de Pai solícito, amante e generoso, está claramente exposto nos vers. 9-13. A falta de vontade do amigo para levantar-se e dar o que fazia falta não representa de maneira nenhuma a Deus (cf. vers. 13). A lição da parábola não se deriva por comparação mas sim por contraste.

Está fechada.

É como se houvesse dito: está fechada e permanecerá fechada. Antigamente fechar e assegurar uma porta não era tão fácil como fazê-lo hoje

Estão comigo em cama.

Em muitas partes do Próximo Oriente todos os membros 770 da família dormem, ainda hoje, em uma habitação, em colchões sobre o piso, ou em camas baixas parecidas com plataformas. Se um membro da família se levantava, todos despertavam facilmente.

Não posso.

Não era que não podia, mas sim não estava disposto a satisfazer o pedido de seu amigo.

8.

Seu importunidad.

Gr. anaidéia, literalmente "falta de vergonha", "persistência", "impudência". O dono de casa rechaçou vez detrás vez os urgentes pedidos de seu visitante de meia-noite (PVGM 109), mas este não aceitou sua negativa. "Na fé genuína há um bem-estar, uma firmeza de princípios e uma invariabilidad de propósito que nem o tempo nem as provas podem debilitar" (PVGM 113). A parábola insígnia de novo por contraste e não por comparação (ver com. vers. 7), porque Deus está sempre disposto a conceder a seus filhos terrestres o que é bom para eles. Não necessita que o convençam para que faça algo bom que de outros modos não estaria disposto a fazer. Deus conhece nossas necessidades, e pode as satisfazer completamente. Sempre tem o desejo de nos dar "muito mais abundantemente do que pedimos ou entendemos" (F. 3:20).

9.

Peçam.

Com referência aos vers. 9-13, ver com. Mat. 7:7, 11. A oração não consiste tanto em persuadir a Deus a que aceite nossa vontade quanto a algo, a não ser em descobrir qual é sua vontade a respeito. O conhece nossas necessidades antes de que lhe peçamos, e mais ainda: sabe o que é o que nos convém; mas nós, por contraste, muitas vezes nos damos conta com dificuldade o que é o que necessitamos. Freqüentemente acreditam que necessitamos o que não necessitamos, e que até pode nos resultar daninho; e também ocorre o contrário: que desconheçamos quais são nossas verdadeiras necessidades (cf. PVGM 111). A oração porá nossa vontade e, com ela, nossa vida, em harmonia com a vontade de Deus (PVGM 109). A oração é o meio divinamente estabelecido para educar nossos desejos. O verdadeiro propósito da oração não é obter uma mudança em Deus, a não ser produzir uma mudança em nós para que desejemos tanto "o querer como o fazer, por sua boa vontade" (Fil. 2:13).

Deus enviará uma resposta a cada petição que faça com humildade e fé o que pede com sinceridade. Deus pode responder afirmativamente ou negativamente, e a vezes sua resposta é que esperemos. Haverá ocasiões em que a resposta à oração deve atrasar-se, porque é necessário que haja uma mudança em nossos corações diante de Deus antes de que ele possa respondê-la (DTG 170). Há certas condições para que Deus possa responder a oração, e se parecer que demora, deveríamos nos perguntar se a dificuldade não estiver acaso em nós.

Ofendemos a Deus se nos impacientarmos com ele quando não cumprimos com as condições que são indispensáveis para que lhe seja possível responder a oração.

É obvio, a lição central da parábola é: a perseverança na oração. A parábola também apresenta a classe de pedidos nos quais o Senhor aconselha perseverança: orações cujo propósito é beneficiar a nossos próximos e difundir o reino de Deus. "Tudo o que Cristo recebeu de Deus, podemos recebê-lo também nós" (PVGM 115). A inconstância na oração não agrada a Deus, pois nele "não há mudança, nem sombra de variação" (Sant. 1:17). que é inconstante na oração realmente não espera nada de Deus. "que dúvida... não pense... que receberá coisa alguma do Senhor" (Sant. 1:6-7).

14.

Jogando fora um demônio.

[Um diabólico cego e mudo; o pecado imperdoável, Lucas 11: 14-32 = Mat. 12: 22-45 = Mar. 3: 20-30. Comentário principal: Mateo.] Se este caso que narrar Lucas e a conversação que segue devem considerar-se equivalentes à passagem paralelo do Mateo, o que parece provável, então é evidente que Lucas não seguiu uma estrita ordem cronológica. O episódio registrado pelo Mateo ocorreu quase um ano e meio antes do momento indicado pelo contexto no qual Lucas registra este sucesso (ver com. Mat. 12: 22; Luc. 11: 1). A grande similitude entre ambos relatos que, com exceção do Luc. 11: 16, 27-28, são quase idênticos, parece indicar que o fato registrado aqui pelo Lucas é o mesmo, e não outro relacionado com o ministério na Perea (ver com. vers. 1). Se se tratar de dois episódios, então devem ter sido quase idênticos, inclusive o debate que seguiu.

16.

Outros, para lhe tentar.

Ver com. Mat. 12: 38-42; 16: 1.

24.

O espírito imundo.

Ver com. Mat. 12: 43-45.

27.

Uma mulher.

A mulher evidentemente tinha escutado "estas coisas", quer dizer, o que Jesus acabava de dizer; portanto, os 771 vers. 27-28 estão unidos ao que precede. Neste ponto do relato, Mateo (cap. 12:46) narra a chegada da mãe e dos irmãos do Jesus, episódio que Lucas registra no cap. 8:19-21. Possivelmente sua chegada impulsionou à mulher a fazer o comentário que aqui se registra.

28.

Antes.

Jesus não contradiz o elogio que essa mulher faz da María. Esta, como toda boa mãe, merece honra, e compartilha a honra de um filho digno em tudo sentido. Jesus nem aprova nem desaprova o que diz a mulher; mas sim destaca quão inadequado é o conceito dela no que ao reino dos céus se refere. Se Jesus tivesse tido a intenção de que seus discípulos, ou os cristãos em geral, rendessem culto a María, este elogio de uma estranha o teria proporcionado a oportunidade ideal para apresentar tal ensino ou, por o menos, para expressar uma cordial aprovação do que se havia dito, como fez-o quando Pedro reconheceu que era o Filho de Deus (ver com. Mat. 16:17). Segundo as Escrituras, é muito importante que o cristão reconheça a deidade de Jesus; mas nem sequer se insinúa a mais vaga idéia de venerar a María (ver com. Mat. 1: 18, 25; 12: 48, 50; Luc. 1: 28, 47). No Mat. 12: 46-50 parece dá-la impressão do que o parentesco espiritual é mais importante que o parentesco carnal.

29.

Esta geração é má.

Com referência aos vers. 29-32, ver com. Mat. 12: 38-42. Não há certeza de que o relato do Lucas seja o mesmo que se narra no Mat. 12: 38-42 ou um acontecimento posterior relacionado com o ministério na Perea (ver DTG 452; com. Luc. 11: 1, 33).

33.

Ninguém põe em oculto.

[O abajur do corpo, Luc. 11:33-36. Cf. com. Mat. 5:15; Mat. 6:22-23.] O feito de que Lucas já tivesse registrado o que disse Jesus a respeito do abajur e sua luz no sermão junto ao mar (ver com. cap. 8:16), insinúa que o que se apresenta no cap. 11: 33-36 foi apresentado em algum momento posterior, relacionado possivelmente com o ministério na Perea. É indubitável que Jesus repetiu em este momento muito do que já tinha ensinado (DTG 452). Isso também poderia significar que nos vers. 14-32 se registram feitos ocorridos na Perea (ver com. vers. 14, 29).

37.

Um fariseu.

[Jesus acusa a fariseus e a intérpretes da lei, Luc. 11:37-54. Cf. com. Mat. 23:1-39; Luc. 20:45-47.] Não parece que haja razão para pensar que a ocasião que se descreve nos vers. 37- 54 seja a mesma que se registra em Mat. 23: 1-39 e Luc. 20: 45-47. A frase, "logo que lhes teve falado" (cap. 11: 37) parecesse unir o resto do capítulo com o que o precede. Jesus se acha aqui comendo em casa de um fariseu, enquanto que na outra ocasião estava nos átrios do templo em Jerusalém (ver com. Mat. 23: 38; 24: 1). Este episódio ocorreu uns "poucos meses" (PVGM 199) antes do fim do ministério do Jesus (ver com. Luc. 12: 1).

Não deve nos surpreender que Jesus utilizasse materiais muito parecidos em uma e outra ocasião. Os pregadores muitas vezes empregam o mesmo material para seus sermões, com variações maiores ou menores segundo as ocasiões. Não há razão para pensar que Jesus não fizesse o mesmo ao apresentar suas mensagens. Na verdade, seria muito estranho que ao ensinar de aldeia em aldeia e de distrito em distrito nunca tivesse repetido as mesmas verdades gerais. Tampouco deve sentir saudades o

parecido verbal entre os relatos que, conforme o mostra claramente o contexto, foram apresentados em ocasiões diferentes. Muitos eruditos supõem que os evangelistas escreveram apoiando-se em documentos já existentes. Lucas mesmo diz que fez uma investigação diligente (Luc. 3: 1) antes de escrever seu livro, o qual sugere a existência de tradições orais e escritas. O fato de que um ou mais evangelistas tivessem aproveitado uma dessas fontes e, por o tanto, usado palavras muito similares para narrar um mesmo feito, não significa que os evangelistas não tivessem sido guiados pelo Espírito Santo. Débito destacar-se, além disso, que os autores dos Evangelhos não se propuseram apresentar em seus relatos uma exata cronologia da vida do Jesus (ver Material Suplementar do EGW sobre 2 Ped. 1: 21). Embora o episódio descrito no Luc. 11: 37-54 parece que é diferente do que se registra no Mat. 23: 1-39, seu grande parecido permite dar o comentário principal em relação com a narração do Mateo.

Comesse com ele.

Com referência aos costumes judias quanto às comidas, ver com. Mar. 2:15.

38.

sentiu saudades.

A BJ possivelmente traduza com maior claridade: "Mas o fariseu ficou admirado vendo que tinha omitido as abluções antes de comer". Ver com. Mat. 22: 4. Em 772 quanto à importância e a maneira em que se celebrava o rito do lavamiento das mãos, ver com. Mar. 7: 1-8; e com referência às ensinos do Jesus sobre este assunto, ver com. Mar. 7: 9-23.

39.

Limpam o de fora.

No que se refere aos vers. 39-40, ver com. Mat. 23: 25.

Rapacidade.

Gr. harpag' "rapacidad,rapiña", "", "saque", "roubo". A palavra harpag' se traduz "despojo" no Heb. 10: 34. A forma adjetiva hárpax, emprega-se para referir-se aos lobos "rapazes" (ver com. Mat. 7: 15) e aos "ladrões" (Luc. 18: 11; 1 Cor. 5: 10; 6: 10).

40.

Néscios.

Gr. áfrÇn, "insensato", "néscio". Este adjetivo deriva do essencial afrosún', "necedad", "insensatez".

41.

Dêem esmola.

Cf. cap. 12: 33. O significado do vers. 41 não é claro. A expressão tá enónta, traduzida "o que têm", não aparece a não ser aqui no NT, e não se pode saber com exatidão o que Jesus quis dizer com ela. O grego parece

referir-se mas bem a "o que está dentro", quer dizer, ao conteúdo do "copo", ou do "prato", ou do que havia dentro dos fariseus (vers. 39). Se Jesus se refere ao conteúdo do copo ou do prato, está sugiriendo que a generosidade com os pobres é uma melhor maneira de evitar a verdadeira contaminação que a escrupulosa limpeza cerimoniosa dos recipientes nos quais se guarda a comida; e se se refere aos fariseus, quer dizer que o espírito de generosidade e de preocupação pelos pobres é um melhor modo de alcançar a limpeza de coração que a entristecedora preocupação pelas minúcias do tradicionalismo (ver com. Mar. 7: 7). Compare-se com o conselho do Jesus ao jovem rico (Luc. 18: 22-23).

Será-lhes limpo.

Ver com. Mar. 7: 19. O significado destas palavras parece ser que disso modo seriam puros à vista de Deus, e que quando prevalecesse essa condição não teriam que preocupar-se de nada mais. Entretanto, alguns consideram que estas palavras são irônicas porque segundo os fariseus uma pessoa era poda quando tinha dado esmolas.

42.

Ai de vós!

Ver com. Mat. 23: 13.

Hortelã.

Ver com. Mat. 23: 23.

Arruda.

Alguns manuscritos dizem "eneldo", como aparece no Mat. 23: 23; mas a evidencia textual estabelece (cf. P. 14) o texto "arruda" (rota graveolens). Segundo a Mishnah (Shebi'ith 9.1), a arruda não precisa ser dizimada.

43.

As primeiras cadeiras.

Ver com. Mat. 23:6.

44.

Escribas e fariseus, hipócritas.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão desta frase. Com referência aos escribas e os fariseus, ver pp. 53, 57; e quanto à palavra "hipócritas", ver com. Mat. 6: 2.

Sepulcros que não se vêem.

O tempo tinha apagado toda evidência externa dos sepulcros, e se podia andar por cima deles "sem sabê-lo" (BJ). O contato com os mortos causava contaminação ritual.

45.

Um dos intérpretes da lei.

Este detalhe específico do relato do Lucas não aparece na passagem correspondente do Mat. 23: 27. Os intérpretes eram os escribas. Como Lucas escrevia para os gentis, que possivelmente poderiam compreender mal o sentido específico da palavra hebréia "escribas", usa a expressão "intérpretes da lei".

Também nos afrontas .

A maioria dos escribas eram fariseus. Os fariseus constituíam uma seita religiosa os escribas, ou intérpretes da lei, erán os expositores profissionais da lei. Na passagem paralelo do Mat. 23, Jesus se dirige tanto a fariseus como a escribas do começo. Esta é outra indicação de que Lucas aqui registra um episódio ocorrido em outra ocasião e que não é o mesmo que relata Mateo, a pesar do grande parecido entre ambos (ver com. vers. 37).

46.

Carregam aos homens.

Ver com. Mat. 23:4.

47.

Edificam os sepulcros.

Com referência aos vers. 47-48, ver com. Mat. 23:29-30.

49.

Sabedoria de Deus.

Ver com. Mat. 23: 34. Em 1 Cor. 1: 24, 30 Jesus é a "sabedoria de Deus" feita carne, mas é duvidoso que nesta passagem Jesus fale de si mesmo. O mais provável é que se refira ao que faz Deus em sua sabedoria. Não se conhece nenhum livro que leve este título.

50.

Esta geração.

Ver com. Mat. 12: 39; 23: 3; 24: 34.

Os profetas.

Com referência aos vers. 50 - 51, ver com. Mat. 23: 35-36.

A fundação do mundo.

Cf. Mat. 13: 35; 25: 34; Apoc. 13: 8.

52.

A chave da ciência.

Cf. com. Mat. 23: 13. A "chave da ciência" é a chave que abre a porta ao verdadeiro conhecimento: o conhecimento da salvação, como o mostra claramente o contexto desta passagem e de 773 Mat. 23: 13. Quanto a um uso similar da palavra "chave", ver com. Mat. 16: 19.

53.

lhes dizendo ele estas coisas.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) o texto "quando saiu dali" (BJ).

Os escribas e os fariseus.

Com referência aos escribas e os fariseus ver pp. 53, 57; e quanto aos esforços feitos previamente por eles para impedir a obra do Jesus, ver com. Mat. 4: 12; Mar. 2: 24; Luc. 6: 6-7, 11; etc.

54.

Para lhe acusar.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão destas palavras. Os espiões enviados pelo sanedrín tinham seguido ao Jesus durante dois anos por em qualquer lugar que tinha ido na Galilea e Judea (DTG 184; ver com. vers. 53). Agora estavam mais ativos que nunca. Mas os espiões não tinham ouvido nada que de algum jeito pudesse usar-se contra Jesus, a menos que deliberadamente torcessem e interpretassem mal suas palavras (ver com. Mat. 26: 59-63).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 DMJ 89; 3JT 425; PVGM 105

1-13 PVGM 105-115

4 DMJ 113

5-6 HAd 406; MB 222

5-8 PVGM 106

7-9 DTG 458

9 3JT 194; PVGM 148

9-10 CH 380

9-13 PVGM 142; TM 387

11-12 P 21; 1T 71

11-13 CM 184

13 CS 531; DMJ 112; FÉ 434, 537; HAp 41; 1JT 22; 3JT 212; 1T 120; 5T 157

21 3JT 14; 5T 309

28 FÉ 339; 4T 59

35 PR 61; 3T 59, 65

37-52 TM 73

42 P 166; 2T 85

52 2JT 317; 3T 441; TM 106

54 PVGM 12; TM 106

CAPÍTULO 12

1Cristo insígnia a seus discípulos a evitar a hipocrisia dos fariseus e a não sentir temor de pregar sua doutrina. 13 Admoesta às pessoas contra a avareza, por meio da parábola do rico que aumentava muito seus bens. 22 Não devemos nos preocupar com as coisas materiais, 31 a não ser procurar o reino de Deus, 33 dar esmolas 36 e estar preparados para receber a nosso Senhor quando venha. 41 Os ministros de Cristo devem cumprir com seu dever 49 e não surpreender-se pela perseguição. 54 Todos devem aproveitar este tempo de graça, 58 porque é algo terrível morrer sem haver-se reconciliado com Deus.

1 NISTO, juntando-se por milhares a multidão, tanto que uns aos outros se atropelavam, começou a dizer a seus discípulos, primeiro: lhes guarde da levedura dos fariseus, que é a hipocrisia.

2 Porque nada há encoberto, que não tenha que tirar o chapéu; nem oculto, que não tenha que saber-se.

3 portanto, tudo o que hão dito em trevas, à luz se ouvirá; e o que falastes ao ouvido nos aposentos, proclamará-se nos terraços.

4 Mas lhes digo, meus amigos: Não temam aos que matam o corpo, e depois nada mais podem fazer.

5 Mas lhes ensinarei a quem devem temer: Temam a aquele que depois de haver tirado a vida, tem poder de jogar no inferno; sim, digo-lhes, a este temam.

6 Não se vendem cinco pajarillos por dois quartos? Contudo, nenhum deles está esquecido diante de Deus.

7 Pois até os cabelos de sua cabeça estão todos contados. Não temam, pois; mais valem vós que muitos pajarillos.

8 Lhes digo que todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem lhe confessará diante dos anjos de Deus;

9 mas o que me negar diante dos homens, será negado diante dos anjos de Deus.

10 A todo aquele que dijere alguma palavra contra o Filho do Homem, será-lhe perdoado; mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado. 774

11 Quando vos trajeren às sinagogas, e ante os magistrados e as

autoridades, não lhes preocupem com como ou o que terão que responder, ou o que terão que dizer;

12 porque o Espírito Santo lhes ensinará na mesma hora o que devam dizer.

13 Lhe disse um da multidão: Professor, dava a meu irmão que parta comigo a herança.

14 Mas lhe disse: Homem, quem me pôs sobre vós como juiz ou partidor?

15 E lhes disse: Olhem, e lhes guarde de toda avareza; porque a vida do homem não consiste na abundância dos bens que possui.

16 Também lhes referiu uma parábola, dizendo: A herdade de um homem rico tinha produzido muito.

17 E ele pensava dentro de si, dizendo: O que farei, porque não tenho onde guardar meus frutos?

18 E disse: Isto farei: derrubarei meus celeiros, e os edificarei maiores, e ali guardarei todos meus frutos e meus bens;

19 e direi a minha alma: Alma, muitos bens tem guardados para muitos anos; te repouse, come, bebe, te regozije.

20 Mas Deus lhe disse: Néscio, esta noite vêm a te pedir sua alma; e o que há provido, de quem será?

21 Assim é o que faz para si tesouro, e não é rico para com Deus.

22 Disse logo a seus discípulos: portanto lhes digo: Não lhes trabalhem em excesso por sua vida, o que comerão; nem pelo corpo, o que vestirão.

23 A vida é mais que a comida, e o corpo que o vestido.

24 Considerem os corvos, que nem semeiam, nem sigam; que nem têm despensa, nem celeiro, e Deus os alimenta. Não valem vós muito mais que as aves?

25 E quem de vós poderá trabalhando em excesso-se acrescentar a sua estatura um cotovelo?

26 Pois se não poderem nem mesmo o que é menos, por que lhes trabalham em excesso pelo resto?

27 Considerem os lírios, como crescem; não trabalham, nem fiam; mas lhes digo, que nem mesmo Salomón com toda sua glória se vestiu como um deles.

28 E se assim viu Deus a erva que hoje está no campo, e amanhã é arremesso ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?

29 Vós, pois, não lhes preocupem com o que têm que comer, nem pelo que têm que beber, nem estejam em ansiosa inquietação.

30 Porque todas estas coisas procuram as gente do mundo; mas seu Pai sabe que têm necessidade destas coisas.

31 Mas procurem o reino de Deus, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas.

32 Não temam, manada pequena, porque a seu Pai agradou lhes dar o reino.

33 Vendam o que possuem, e dêem esmola; lhes faça bolsas que não se envelheçam, tesouro nos céus que não se esgote, onde ladrão não chega, nem traça destrói.

34 Porque onde está seu tesouro, ali estará também seu coração.

35 Estejam rodeados seus lombos, e seus abajures acesos;

36 e vós sede semelhantes a homens que aguardam a que seu senhor retorne de as bodas, para que quando chegar e chame, abram-lhe em seguida.

37 Bem-aventurados aqueles servos aos quais seu senhor, quando vier, ache velando; de certo lhes digo que se aterá, e fará que se sentem à mesa, e virá a lhes servir.

38 E embora venha à segunda vigília, e embora venha à terceira vigília, se achá-los assim, bem-aventurados são aqueles servos.

39 Mas saibam isto, que se soubesse o pai de família a que hora o ladrão tinha que vir, velaria certamente, e não deixaria minar sua casa.

40 Vós, pois, também, estejam preparados, porque à hora que não pensem, o Filho do Homem virá.

41 Então Pedro lhe disse: Senhor, diz esta parábola a nós, ou também a todos?

42 E disse o Senhor: Quem é o mordomo fiel e prudente ao qual seu senhor porá sobre sua casa, para que a tempo lhes dê sua ração?

43 Bem-aventurado aquele servo ao qual, quando seu senhor venha, ache-lhe fazendo assim.

44 Na verdade lhes digo que lhe porá sobre todos seus bens.

45 Mas se aquele servo dissesse em seu coração: Meu senhor demora para vir; e começasse a golpear aos criados e às criadas, e a comer e beber e embriagar-se,

46 virá o senhor daquele servo em dia que este não espera, e à hora que não sabe, e lhe castigará duramente, e lhe porá com os infiéis.

47 Aquele servo que conhecendo a vontade de seu senhor, não se preparou, nem fez conforme a sua vontade, receberá muitos açoites. 775

48 Mas o que sem conhecê-la fez coisas dignas de açoites, será açoitado pouco; porque a todo aquele a quem se deu muito, muito lhe demandará; e ao que muito lhe tenha crédulo, mais lhe pedirá.

49 Fogo devi jogar na terra; e o que quero, se já se acendeu?

50 De um batismo tenho que ser batizado; e como me angustio até que se cumpra!

51 Pensam que vim para dar paz na terra? Digo-lhes: Não, a não ser dissensão.

52 Porque daqui em diante, cinco em uma família estarão divididos, três contra dois, e dois contra três.

53 Estará dividido o pai contra o filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra sua nora, e a nora contra sua sogra.

54 Dizia também à multidão: Quando vêem a nuvem que sai do poente, logo dizem: Água vem; e assim acontece.

55 E quando sopra o vento do sul, dizem: Fará calor; e o faz.

56 Hipócritas! Sabem distinguir o aspecto do céu e da terra; e como não distinguem este tempo?

57 E por que não julgam por vós mesmos o que é justo?

58 Quando for ao magistrado com seu adversário, procura no caminho te arrumar com ele, não seja que te arraste ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e o oficial te meta no cárcere.

59 Te digo que não sairá dali, até que tenha pago até a última branca.

1.

Nisto.

[Advertência contra os fariseus, Luc. 12: 112.] Estas palavras introduções estabelecem uma clara relação entre o discurso registrado no cap. 12 e o episódio na casa de um fariseu, narrado no cap. 11. Em ocasiões anteriores Jesus tinha apresentado uma grande parte do ensino que aparece em o cap. 12 (ver DTG 375, 452), mas todo este capítulo parece ser um discurso apresentado imediatamente depois do episódio na casa do fariseu (ver com. cap. 11: 53-54). Ainda ficavam uns meses antes de que terminasse o ministério terrestre do Jesus (PVGM 199). Luc. 12: 2-9, 51-53 é similar ao Mat. 10: 26-36; é uma parte das instruções dadas aos doze. Luc. 12: 22-34, 57-59 é muito parecido ao Mat. 6: 25-34, 19-21; 5: 25-26. Luc. 12: 39- 46 é semelhante ao Mat. 24: 43-51, e Luc. 12: 54-56 é similar ao Mat. 16: 2-3. O tema de todo o cap. 12 do Lucas é a sinceridade e consagração que débito caracterizar ao verdadeiro seguidor do Jesus, em contraste com a hipocrisia de os fariseus.

Por milhares a multidão.

Literalmente "havendo-se reunido por miríades a multidão". A palavra grega muriás significa literalmente "dez mil", mas aqui se emprega para descrever um grande número (ver este mesmo uso no Hech. 21: 20).

atropelavam-se.

Um detalhe concreto para destacar quão numerosa era a multidão.

Primeiro.

O ensino que segue foi dada primeiro aos discípulos, mas também tinha o propósito de ser ouvida pelos milhares do povo. O advérbio "primeiro" deve relacionar-se com a frase "começou a dizer a seus discípulos", e não com a frase que começa "lhes guarde".

lhes guarde.

Ver com. Mat. 16: 5-9. No episódio no lar do fariseu, os discípulos tinham visto a levedura dos fariseus em ação (Luc. 11: 37-54).

Hipocrisia.

Anteriormente Jesus tinha definido a levedura dos fariseus como a doutrina deles mesmos (Mat. 16: 12), quer dizer, suas crenças e ensinos. A palavra "levedura" se aplica aqui em primeiro lugar a sua maneira de viver. Na teoria ("doutrina") e na prática ("hipocrisia") -por preceito e por exemplo- a influência dos fariseus apartava aos homens de Deus e da verdade. Quanto a "hipócrita", ver com. Mat. 6: 2; 23: 13.

2.

Nada há encoberto.

Com referência aos vers. 2-9, ver com. Mat. 10: 27-33.

3.

Aposentos.

A palavra grega se refere a habitações interiores ou lugares onde se guardavam coisas.

5.

Inferno.

Gr. géenna (ver com. Mat. 5: 22; Jer. 19: 2).

6.

Cinco pajarillos.

Na passagem paralelo do Mat. 10: 29 se diz: "vendem-se dois pajarillos por um quarto".

Quartos.

Gr. assárion (ver P. 51; com. Mat. 10: 29).

8.

Confessar.

Gr. homologéÇ significa "dizer o mesmo", "concordar". Nesta passagem, tem o sentido de "declarar publicamente", "reconhecer", "declarar-se de parte de alguém".

10.

Alguma palavra contra.

Ver com. Mat. 12: 32. 776

Filho do Homem.

Ver com. Mat. 1: 1; Mar. 2: 10.

11.

Os magistrados e as autoridades.

Com referência aos vers. 11-12. ver com. Mat. 10: 19-20.

13.

Disse-lhe um.

[A insensatez das riquezas, Luc. 12: 13-34. Com referência a parábolas, ver pp. 193-197.] Era um da multidão (vers. 1), que tinha escutado as claras acusações do Jesus contra os escribas e fariseus (cap. 11: 39-52; PVGM 198-199), e seu conselho aos discípulos quanto ao que deviam fazer quando fossem levados ante os magistrados (cap. 12: 11; cf. PVGM 198). Este homem supunha que se Jesus pudesse lhe falar com seu irmão com a mesma autoridade, não se atreveria a desobedecer o que Jesus lhe ordenasse (PVGM 199). Pensava que o Evangelho do reino não era mais que um meio para favorecer seus próprios interesses egoístas. Compare-se com a atitude do Simón o Mago para a salvação (Hech. 8: 9-24). Quanto à localização cronológica deste episódio, ver com. vers. 1.

Dava a meu irmão.

Evidentemente ambos os irmãos eram ambiciosos; se não tivesse sido assim dificilmente tivessem estado brigando pela herança.

Que parta comigo a herança.

Segundo a lei mosaica a respeito das heranças, o irmão maior recebia dois porções dos bens de seu pai, enquanto que cada um dos outros irmãos recebiam só uma porção (ver com. Deut. 21: 17). Neste caso possivelmente foi o irmão menor quem recorreu ao Jesus objetando que seu irmão maior recebesse a dobro porção que a lei lhe atribuía (PVGM 234).

14.

Homem.

A forma em que Jesus se dirige ao que lhe tinha feito o pedido poderia sugerir certa severidade (ver Luc. 22: 58, 60; ROM. 2: 1; 9: 20).

Juiz ou partidor.

O reino que Jesus tinha vindo a proclamar não era "deste mundo" (Juan 18: 36). O nunca comissionou a seus discípulos que fossem autores de uma mudança social, por muito importante que este pudesse ser, nem tampouco em nenhum momento

tentou decidir judicialmente entre os homens (Juan 8: 3-11). Jesus, como os profetas de antigamente (Miq. 6: 8; etc.), expôs claramente os princípios que devem governar as relações de cada um com seu próximo (ver com. Mat. 5: 38-47; 6: 14-15; 7: 1-6, 12; 22: 39; etc.); mas deixou a administração da justiça civil exclusivamente às autoridades civis devidamente constituídas. Em nenhum caso se separou desta regra, e quem fala em seu nome deveriam seguir seu exemplo neste sentido e também em outros (PVGM 186).

15.

Avareza.

Gr. pleonexía (ver com. Mar. 7: 22). A avareza pode definir-se como um desejo desmedido pelas coisas materiais, especialmente das que pertencem a outro. O homem que se dirigiu a Cristo não necessitava mais riquezas; o que precisava era que a avareza o fora tirada de seu coração para que as riquezas não lhe preocupassem tanto. Sem avareza em seu coração, não haveria nenhuma disputa que arrumar. Jesus foi, como sempre, à raiz da dificuldade, e propôs uma solução que impediria que se levantassem problemas similares no futuro. Não apresentava remédios passageiros como os que propõe hoje o evangelho social. O que mais necessitam os homens não é um salário melhor ou maiores lucros. Necessitam uma mudança de coração e de pensamento que conduza-os a procurar "primeiro o reino de Deus e sua justiça" para que sintam plena confiança de que as coisas indispensáveis para a vida os "serão acrescentadas" (ver com. Mat. 6: 33).

A abundância dos bens.

Ver com. Mat. 6: 24-34. O materialismo se encontra na raiz de muitos de os maiores problemas do mundo atual, e é a base da maior parte das filosofias políticas e econômicas, e portanto é a causa de uma grande parte dos conflitos entre classes e nações que afligem à humanidade. O descontente com o que temos cria o desejo de obter mais obrigando a outros a ceder tudo ou parte do que têm. Mas, em vez disso, todos devem trabalhar honestamente. A avareza é a causa de muitos dos problemas insolúveis do mundo.

O pedido de que procurou o Jesus para que assumisse o papel de juiz da conduta de seu irmão, foi motivado pelo mesmo espírito de avareza que impulsiona a alguns industriais a obter maiores lucros sem deter-se pensar em quão médios utilizam para as obter, e que também faz que muitos trabalhadores exijam salários sempre maiores, sem considerar o valor de sua própria contribuição à produção da riqueza nem as possibilidades de seu empregador de poder pagar. É exatamente o mesmo espírito que move a determinados grupos e interesses a pedir leis que lhes sejam favoráveis, sem preocupar-se como afetarão a outros grupos do 777 país; é o mesmo espírito que leva a uma nação a impor sua vontade sobre outros povos, sem preocupar-se com os interesses ou desejos deles. Este é o mesmo espírito que muitas vezes destrói os lares, conduz à delinqüência juvenil e se acha presente em numerosos crímenes.

Deus pede a todos os que querem lhe amar e lhe servir que considerem as coisas materiais da vida em sua verdadeira perspectiva, e que as subordinem às coisas de valor eterno (ver com. Mat. 6: 24-34; Juan 6: 27). A maioria pensa que à medida que aumentam as riquezas aumenta a felicidade; mas não é necessariamente assim. A felicidade não depende das coisas que se possui, mas sim de

a maneira de pensar e do que sente o coração (ver com. Anexo 2: 1-11).

16.

Uma parábola.

Quanto ao ensino do Jesus por meio de parábolas e os princípios que regem sua interpretação, ver pp. 193-197. Esta parábola, narrada só por Lucas, ilustra o princípio enunciado no vers. 15: as coisas materiais não são o mais importante da vida (cf. com. Mat. 19: 16-22); e bem poderia titular-se: "A loucura de uma vida consagrada a adquirir riquezas".

A herdade.

Melhor "os campos" (BJ). O homem sepulta a semente na terra e a cuida da melhor forma possível, mas é Deus quem faz crescer a semente (ver com. Mar. 4: 26-29). O homem pode favorecer o processo do crescimento, mas é Deus quem o dá (1 Cor. 3: 6-7). O envia a luz do sol e a chuva (ver com. Mat. 5: 45), e benze os esforços do homem dando "tempos frutíferos" (Hech. 14: 17). antes de que o Israel entrasse na terra prometida, Deus lhe advertiu que não esquecesse que era ele quem dá ao homem o poder de adquirir riquezas (Deut. 8: 11-18). Entretanto, o homem sempre se inclinou a atribuir o mérito do que Deus lhe concedeu, dizendo em seu coração: "Meu poder e a força de minha mão me trouxeram esta riqueza" (Deut. 8: 17). Este é um engano fatal. Aquele cujo coração não está agradecido a Deus, envaidecerá-se em seu raciocínio e "seu néscio coração" será "entrevado" (ROM. 1: 21). É sábio em sua própria opinião, mas néscio à vista de Deus (ROM. 1: 22). Se persistir em tal conduta acabará por eliminar completamente a Deus de seu pensamento, e irá em detrás da felicidade material e do prazer físico (ROM. 1: 23-32). Converterá-se em amador de prazeres mais que de Deus (2 Tim. 3: 4).

17.

Pensava dentro de si.

Considerava o assunto desde vários pontos de vista; e depois de pensá-lo bem chegou, segundo seu parecer, a uma conclusão lógica.

Não tenho onde guardar.

Esta clara realidade deveria havê-lo induzido a pensar nos muitos que necessitam os bens que Deus lhe tinha concedido com tanta abundância. Mas seus interesses egoístas o cegavam para não ver as necessidades de seus próximos (ver com. cap. 16: 19-31).

18.

Meus frutos.

Note o afã de possuir: "meus frutos", "meus celeiros", "meus bens", "minha alma" (cf. Ouse. 2: 5). Todos seus pensamentos giravam sobre si mesmo. Evidentemente não compreendia que "ao Jehová disposta o fica ao pobre" (Prov. 19: 17).

19.

Alma.

Ver com. Mat. 10: 28.

te repouse.

Este homem já amassou uma fortuna e está por retirar-se de seus actvidades. Dedicará-se a desfrutar das boas coisas da vida sem pensar mais em trabalhar.

Come, bebe, te regozije.

Está seguro de que tem mais que suficiente para que lhe alcance durante o resto de sua vida, e passará seus dias divertindo-se como o fez o filho pródigo no país longínquo, esquecendo a Deus e a seus próximos (ver com. Luc. 15: 13; cf. Anexo 8: 15).

20.

Néscio.

Ver com. cap. 11: 40. Jesus não diz que Deus lhe dirigiu pessoalmente estas palavras ao "néscio" nem que lhe fez compreender o significado do nome que o dava, assim como tampouco afirmou que a conversação entre o rico e o "pai Abraham" (cap. 16: 24-31) era realmente certa. A conversação se acrescenta em ambos os casos para benefício dos que estão escutando a parábola, para que possam captar o princípio divino que se ilustra com ela. Compare-se com a conversação das árvores do bosque (Juec. 9: 8-15).

Vêm a te pedir.

Alguns sugerem que esta forma impessoal é uma perífrasis rabínica para evitar o emprego do nome divino (ver com. cap. 15: 7). Outros supõem que o sujeito tácito é "os que causam a morte" (Job 33: 22).

21.

Para si tesouro.

Qualquer que pensa e faz planos só para si mesmo, carece de bom julgamento (ver com. cap. 11: 40) diante de Deus. O Evangelho do reino tem o propósito de apartar os pensamentos dos homens de si mesmos, e elevá-los a Deus e projetá-los para seus próximos. Com referência ao princípio aqui comprometido, ver com. cap. 12: 15. 778

Para com Deus.

Quer dizer, à vista de Deus. O "néscio" não tem feito tesouros no céu (ver com. Mat. 6: 19-23).

22.

Disse logo.

depois de responder ao que tinha interrompido seu discurso, Jesus se dirige novamente à multidão em geral e a seus discípulos em particular (ver com. vers. 1, 13).

Não lhes trabalhem em excesso.

"Não andem preocupados" (BJ) ou "não estejam angustiados" (ver com. Mat. 6: 25). Em relação com o comentário do Luc. 12: 22-34, ver com. Mat. 6: 19-21, 25-33.

25.

Acrescentar a sua estatura.

Ver com. Mat. 6: 27.

33.

Bolsas.

Gr. ballántion, "bolsa", especialmente a de levar o dinheiro (cf. cap. 10: 4).

35.

Estejam rodeados seus lombos.

[O servo vigilante, Luc. 12: 35-59. Com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Aqui se aconselha estar alerta para qualquer emergência (ver com. Sal. 65: 6). A nota tónica desta breve parábola é a vigilância. Jesus insígnia aqui publicamente pela primeira vez a respeito de sua segunda vinda. O fim de seu ministério terrestre já se divisa. portanto, procura preparar a seus discípulos para sua ascensão e seu retorno podendo e glória. Esta parábola destaca a necessidade que temos de viver corretamente porque o Professor vem.

36.

Aguardam.

Não esperam ociosamente, a não ser em vigilância e diligente preparação. Compare-se com a parábola das dez vírgenes (Mat. 25: 1-12).

37.

Bem-aventurados.

"Felizes" ou "ditosos" (BJ). Ver com. Mat. 5: 3.

De certo.

Ver com. Mat. 5: 18.

Aterá-se.

Ver com. Sal. 65: 6. Fará-o como prêmio por sua fidelidade e lealdade para ele.

38.

Segunda vigília.

Aproximadamente entre as 9 da noite (21 horas) e a meia-noite (ver com. Mat. 14: 25).

Terceira vigília.

Aproximadamente da meia-noite até as 3 da madrugada.

39.

O pai de família.

Gr. oikodespót's, "dono de casa" (ver com. cap. 2: 29).

Minar.

Parece referir-se à ação do ladrão que perfura a parede de barro da casa para poder entrar. Cf. Eze. 12: 5, 12.

41.

Pedro lhe disse.

Pedro, como de costume, por sua própria iniciativa atua como porta-voz dos doze (ver com. Mat. 14: 28; 16: 16; 17: 4).

Ou também a todos.

Estavam pressentem tanto os doze como a multidão (ver com. vers. 1), e Pedro evidentemente se perguntava se a advertência que Jesus tinha dado quanto a a necessidade de vigiar tinha especial aplicação para os discípulos como "servos" do "pai de família", ou se aplicava à multidão em geral.

42.

Mordomo fiel e prudente.

Com referência aos vers. 42-46, ver com. Mat. 24: 45-51.

47.

Conhecendo a vontade de seu senhor.

Ver com. Mat. 7: 21-27. Deus julga a responsabilidade de uma pessoa por seu conhecimento do dever, o que inclui a verdade que poderia ter conhecido mas que não aproveitou (Eze. 3: 18-21; 18: 2-32; 33: 12-20; Luc. 23: 34; Juan 15: 22; 1 Tim. 1: 13; Sant. 4: 17).

49.

Fogo devi jogar.

Com referência aos vers. 49-53, ver com. Mat. 10: 34-36.

E o que quero?

O significado do resto do vers. 49 não é claro. Uma possível tradução seria: "Quanto desejaria que já estivesse aceso!" (BJ).

50.

Um batismo.

Evidentemente não se trata de seu batismo pelo Juan três anos antes, mas sim do "batismo" de sua morte (ver com. Mat. 3: 11). Quando o verbo "batizar"-se usa figuradamente como aqui, pode significar "inundar-se em" circunstâncias, submeter-se a algo. A frase espanhola "batismo de fogo" ilustra bem este significado.

54.

Quando vêem a nuvem.

Com referência aos vers. 54-56, ver com. Mat. 16: 2-3.

57.

Não julgam.

Com referência aos vers. 57-59, ver com. Mat. 5: 25-26.

58.

Adversário.

Gr. antídikos, "que se opõe" em um pleito, por conseguinte, "inimigo", "adversário".

Oficial.

Aquele a quem lhe devia pagar a multa. que não podia pagá-la, era encarcerado. Com referência à antigo costume de encarcerar ao que não pagava uma dívida, ver com. Mat. 18: 25.

59.

Branca.

Gr. leptón, uma moeda de cobre de muito pouco valor (ver P. 51; cf. cap. 21: 2).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 DTG 375; PVGM 68

1-7 EV 176

2 MC 387

3-7 P 27 779

6-7 4T 564

8-9 5T 437

11 FÉ 202

13 PVGM 198; 9T 216

13-21 PVGM 198-203

14 9T 217

14-21 PVGM 200-201

15 1JT 472; PP 530; PVGM 203; 3T 547

15-21 3T 545

15-23 2T 662

16-21 EC 33; 1JT 382; 2T 199

17-21 5T 260

18-19 PVGM 201

19 CMC 246; 3JT 75

20 CMC 149; PP 725; PVGM 278

20-21 PVGM 202

21 1JT 522; 2T 196, 233, 246, 280, 681; 3T 546; 4TS 70

22-26 Ev 176

23 CN 344; Ed 196

24 CN 57; Ed 113

27 DC 67

27-31 Ev 176

30 DMJ 84

32-34 DTG 459

33 CH 18, CMC 44, 91, 120, 132, 157; Ed 140; FÉ 210; 1JT 59, 68, 382; 2JT 43, 330,496; 3JT 350; MC 166; OE 442; P 57, 95; PVGM 305, 308; 1T 169, 175, 192; 2T 242, 280, 676, 681; 3T 90, 546; 5T 259; 7T 295; 8T 35; TM 401

33-34 2JT 166; OE 356

33-40 3JT 75

35 Ev 346; FÉ 366; HAp 45; 2JT 403; 3JT 310-311, 352; MeM 224; OE 372

36 CS 480

36-37 P 19, 55; 2T 195

36-38 2T 192

37 DTG 588; 3JT 434; 1T 69; 5T 485

42 DTG 588; Ev 254, 274, 317; 2JT 386; 2T 557, 642; 6T 65; TM 146

47 1JT 498; PVGM 288; SC 47; 5T 160

47-48 CMC 143; MJ 127; 8T 96

48 Ev 409; HAp 272; 1JT 372; 3JT 184; PP 445, 568; PVGM 209, 297; SR 168; 1T 170; TM 462

CAPÍTULO 13

1 Cristo prega o arrependimento apoiado na experiência dos galileos e de outros. 6 A figueira estéril não permanecerá. 11 Saneamento da mulher encurvada. 18 As parábolas da semente de mostarda e da levedura mostram o poder da palavra de Cristo nos corações dos escolhidos. 24 Exortação a entrar pela porta estreita, 31 e reprovação contra Herodes e Jerusalém.

1 NESTE mesmo tempo estavam ali alguns que lhe contavam a respeito dos galileos cuja sangre Pilato tinha misturado com os sacrifícios deles.

2 Respondendo Jesus, disse-lhes: Pensam que estes galileos, porque padeceram tais coisas, eram mais pecadores que todos os galileos?

3 Lhes digo: Não; antes se não lhes arrependem, todos perecerão igualmente.

4 Ou aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre no Siloé, e os matou, pensam que eram mais culpados que todos os homens que habitam em Jerusalém?

5 Lhes digo: Não; antes se não lhes arrependem, todos perecerão igualmente.

6 Disse também esta parábola: tinha um homem uma figueira plantada em sua vinha, e deveu buscar fruto nela, e não o achou.

7 E disse ao viñador: Hei aqui, faz três anos que devo buscar fruto nesta figueira, e não o acho; corta-a; para que inutiliza também a terra?

8 O então, respondendo, disse-lhe: Senhor, deixa-a ainda este ano, até que eu cave ao redor dela, e a abone.

9 E se desse fruto, bem; e se não, cortará-a depois.

10 Ensinava Jesus em uma sinagoga no dia de repouso;*

11 e havia ali uma mulher que desde fazia dezoito anos tinha espírito de enfermidade, e andava encurvada, e em nenhuma maneira se podia endireitar.

12 Quando Jesus a viu, chamou-a e lhe disse: Mulher, é livre de sua enfermidade.

13 E pôs as mãos sobre ela; e ela se endireitou logo, e glorificava a Deus.

14 Mas o principal da sinagoga, zangado de que Jesus tivesse sanado no dia de repouso,* disse às pessoas: Seis dias há em que se deve trabalhar; em

estes, pois, venham e sede sanados, e não em dia de repouso.* 780

15 Então o Senhor lhe respondeu e disse: Hipócrita, cada um de vós não
desata no dia de repouso* seu boi ou seu asno do pesebre e o leva a beber?

16 E a esta filha do Abraham, que Satanás tinha pacote dezoito anos, não se o
devia desatar desta ligadura no dia de repouso?*

17 Ao dizer ele estas coisas, envergonhavam-se todos seus adversários; mas todo o
povo se regozijava por todas as coisas gloriosas feitas por ele.

18 E disse: A que é semelhante o reino de Deus, e com o que o compararei?

19 É semelhante ao grão de mostarda, que um homem tomou e semeou em sua horta;
e cresceu, e se fez árvore grande, e as aves do céu aninharam em seus ramos.

20 E voltou a dizer: A que compararei o reino de Deus?

21 É semelhante à levedura, que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de
farinha, até que tudo teve fermentado.

22 Passava Jesus por cidades e aldeias, ensinando, e encaminhando-se a Jerusalém.

23 E alguém lhe disse: Senhor, são poucos os que se salvam? E ele lhes disse:

24 Lhes esforce a entrar pela porta estreita; porque lhes digo que muitos
procurarão entrar, e não poderão.

25 Depois que o pai de família se levantou e fechado a porta, e
estando fora comecem a bater na porta, dizendo: Senhor, Senhor, nos abra,
o respondendo lhes dirá: Não sei de onde são.

26 Então começarão a dizer: diante de ti comemos e bebeu, e em
nossas praças ensinou.

27 Mas lhes dirá: Digo-lhes que não sei de onde são; lhes aparte de mim todos
vós, fazedores de maldade.

28 Ali será o pranto e o ranger de dentes, quando virem ao Abraham, ao Isaac,
ao Jacob e a todos os profetas no reino de Deus, e vós estejam
excluídos.

29 Porque virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e se
sentarão à mesa no reino de Deus.

30 E hei aqui, há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos.

31 Aquele mesmo dia chegaram uns fariseus, lhe dizendo: Sal, e vete daqui,
porque Herodes te quer matar.

32 E lhes disse: Vão, e digam a aquela zorra: Hei aqui, jogo fora demônios e faço
curas hoje e amanhã, e ao terceiro dia termino minha obra.

33 Entretanto, é necessário que hoje e amanhã e depois de amanhã siga meu caminho;
porque não é possível que um profeta mora fora de Jerusalém.

34 Jerusalém, Jerusalém, que matas aos profetas, e apedreja aos que lhe são

enviados! Quantas vezes quis juntasse seus filhos, como a galinha a seus pintinhos debaixo de suas asas, e não quis!

35 Hei aqui, sua casa lhes é deixada deserta; e lhes digo que não me verão, até que chegue o tempo em que digam: Bendito o que vem em nome do Senhor.

1.

Neste mesmo tempo.

[A justiça e a misericórdia de Deus, Luc. 13: 1-9. Com referência a parábolas, ver pp. 193-197.] Usualmente, Lucas emprega esta frase para mostrar que há uma estreita relação com a seção anterior (ver com. cap. 12: 1). É provável que esse fato ocorresse no inverno (dezembro-fevereiro) 30-31 d. C. Jesus tinha estado falando dos sinais dos tempos.

Estavam ali.

Ou também, "chegaram". A massacre tinha ocorrido pouco tempo antes (PVGM 167-168), e poderia ser que os que falavam agora deste assunto a Cristo fossem os primeiros em dar a notícia do ocorrido.

Alguns que lhe contavam.

Não se sabe quem eram estas pessoas nem por que davam este relatório. Não há uma razão aparente para pensar que tivessem motivos ocultos.

Os galileos.

Esta massacre não é mencionada especificamente por nenhum autor, exceto Lucas, embora Josefo se refere a muitas massacres similares cometidas pelo Pilato e vários outros administradores da província da Judea (Antiguidades xVII. 9. 3; xVIII. 3. 2; xX. 5. 3; Guerra iI. 2. 5; 9. 4). Uma massacre de adoradores samaritanos no monte Gerizim poucos anos mais tarde, no ano 36 d. C., induziu ao César a destituir ao Pilato (Antiguidades xVIII. 4. 1-2).

Tinha misturado.

Foram mortos enquanto ofereciam os sacrifícios.

2.

Mais pecadores que todos.

Esta resposta dá a entender que os mensageiros e o público reunido ao redor do Jesus consideravam que a matança era, pelo menos em certo 781 grau, um castigo divino para os que tinham morrido (cf. Job 4: 7-8; 8: 4, 20; 22: 5; Juan 9: 1-2). Mas Jesus negou enfaticamente esta idéia. Sempre que surgia a oportunidade de fazê-lo, Jesus contradizia a idéia popular de que o sofrimento é sempre e necessariamente um castigo pelo pecado. A tendência a pensar que Deus causa os acidentes ou as desgraças procede de Satanás, quem procura por este meio induzir aos homens a que pensem que Deus é um Pai duro e cruel.

3.

Arrependem.

O tempo do verbo grego indica uma ação continuada, portanto Jesus aqui os insiste a perseverar no arrependimento. O castigo pelo pecado se consumará no grande julgamento final. Jesus não condena nem ao Pilato nem aos galileos. Se algum dos judeus estava esperando que Jesus condenasse a crueldade do Pilato, ficou decepcionado. O cristão, se assim o desejar, pode aprender de todas as vicissitudes a caminhar melhor e com coração humilde diante de Deus. Os fracassos, as desgraças e as calamidades, já sejam alheias ou próprias, podem lhe ensinar ao humilde e receptivo filho de Deus lições preciosas que não se aprendem de nenhum outro modo.

4.

A torre no Siloé.

Esta torre provavelmente estava perto do lago do Siloé, e, sem dúvida, formava parte das fortificações de Jerusalém. Com referência ao lago do Siloé, ver T. I, P. 129; T. II, P. 89; com. 2 Rei. 20: 20; Neh. 3: 15; Juan 9: 7.

Culpados.

Gr. ofeilét's, "devedor", empregado no sentido de "culpado" ou também refiriéndose a um que ofendeu. Não se usa o adjetivo hamartolós, traduzido "pecadores" no vers. 2 (cf. Mat. 6: 12; Luc. 7: 41).

5.

Arrependem-lhes.

Ver com. vers. 3.

6.

Esta parábola.

Com referência ao ensino do Jesus por meio de parábolas e os princípios que regem a interpretação das mesmas, ver pp. 193-197. Nesta parábola Jesus quis ensinar a relação entre a misericórdia e a justiça divina (PVGM 167). Além disso, apresenta-se a paciência de Deus frente à necessidade que tem o homem de arrepender-se oportunamente.

Uma figueira.

A parábola da figueira ilustra apropiadamente a verdade de que Deus ama até aos que não dão frutos, mas que sua misericórdia pode finalmente esgotar-se. A figueira devia ser atalho se não produzia um fruto aceitável (cf. ISA. 5: 1-7). A figueira representa, em sentido general, a cada pessoa; e em um sentido especial, à nação judia.

Em sua vinha.

Até o dia de hoje é comum ver figueiras entre os vinhedos da Palestina.

Não o achou.

Ver com. Mar. 11: 13.

7.

Faz três anos.

O dono da vinha tinha calculado que a figueira demoraria três anos em dar fruto, e este tempo já tinha transcorrido. Tinha-lhe dado ampla oportunidade para levar fruto, se é que alguma vez o ia produzir.

Inutiliza também.

A figueira não só não dava fruto mas também ocupava um terreno que de outro modo podia ser produtivo. A nação judia tinha chegado ao ponto em que não só era inútil no cumprimento do papel que Deus lhe tinha designado, mas sim também se tinha convertido em um obstáculo na predicación a outros do plano de salvação (ver PVGM 170; T. IV, pp. 33-34).

8.

Deixa-a.

sugeriu-se que os três anos do vers. 7 se referem, em forma figurada, a os três primeiros anos do ministério do Jesus. O ano que transcorria nesse momento (o 4.º) seria então o ano de graça, pois já tinham transcorrido mais de três anos do batismo do Jesus (ver com. Mat. 4: 12), e subtraíam só uns poucos meses para sua crucificação (ver com. Luc. 13: 1). A misericórdia de Deus seguia esperando e exortando à nação judia para que arrependesse-se e aceitasse ao Jesus como o Mesías. Mas junto à prolongação da misericórdia estava a advertência implícita de que esta oportunidade seria a última.

Eu cave... e a abone.

O viñador sem dúvida lhe tinha dedicado tanto cuidado da figueira como aos outras árvores da vinha. Mas neste último intento por ajudá-la para que produzira fruto, parece que fez mais que nunca antes (ver ISA. 5: 1-4; com. Mat. 21: 37).

9.

Se diere fruto, bem.

Literalmente "se diere fruto no futuro". A declaração fica em suspense. trata-se de uma reticência, figura de retórica que consiste em deixar incompleta uma declaração ou não concluir uma explicação, para que se entenda melhor o que se cala e às vezes mais do que se diz. "A ver se der fruto para o ano que vem ... ; se não, cortará-a" (NC).

Se não.

Nada se diz quanto ao resultado final da prova.

10.

Ensinava Jesus.

[Jesus sã a uma mulher no dia de repouso, Luc. 13: 10-17. Com referência a os milagres, ver pp. 198-203.] É provável 782 que isto ocorresse na Perea, uns meses antes da crucificação (ver com, vers. 1). Esta é a última vez que se menciona nos Evangelhos que Jesus ensinou em uma sinagoga. Assim que à descrição da sinagoga e seus serviços, ver pp. 57-60; e em relação com uma ocasião anterior quando Jesus foi acusado pelos dirigentes religiosos por ter sanado em uma sinagoga em dia sábado, ver com. Mar. 3: 1-6. Para outros feitos ocorridos na sinagoga, ver Luc. 4: 16-30; Mar. 1: 21-28. Em quanto a outra cura feita em sábado, ver Juan 9: 1-14. Nas pp. 200-203 aparece uma lista dos milagres realizados em sábado.

No dia de repouso.

Gr. em toís sábbasin, literalmente "nos sábados". Entretanto, não deve entender-se como plural, mas sim como um sábado específico. Esta era a maneira comum de expressar-se nessa época.

11.

Andava curvado.

Gr. sugkúptÇ, "encurvar-se" como se se levasse uma carga. Este verbo também aparece como término médico para referir-se à curvatura da coluna.

12.

É livre.

Ou "fica livre" (BJ).

13.

Pôs as mãos.

Ver com. Mar. 1: 31; 7: 33; cf. Luc. 4: 40; 5: 13; 8: 54; 22: 51.

14.

Principal.

Ver P. 58; com. Mar. 5: 22.

Disse.

O grego diz "respondeu". Até onde se saiba, ninguém lhe tinha falado ao principal da sinagoga nem lhe tinha perguntado nada. Respondeu à situação criada pela cura da mulher doente, e neste sentido, o que disse foi uma "resposta" (ver com. cap. 14: 3).

Às pessoas.

O principal da sinagoga estava zangado com o Jesus; mas evidentemente não se atrevia a atacá-lo em forma pessoal e por isso se dirigiu às pessoas.

Seis dias há.

Segundo os regulamentos rabínicos podia atender-se em dia sábado a um doente em

caso de que perigasse sua vida (Mishnah Yoma 8. 6); mas não era lícito emprestar cuidados especiais a um doente crônico em dia sábado. Esta mulher possivelmente havia assistido a essa sinagoga durante os 18 anos de sua enfermidade, e por isso seu caso não se considerava urgente. Este modo de raciocinar indica que a mulher poderia ter esperado até depois do sábado (ver com. Mar 1: 32-33; 3: 1-6; Juan 5: 16).

15.

Hipócrita.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) o uso do plural, "hipócritas". Jesus se dirigiu ao principal da sinagoga e a todos os que o apoiavam ou simpatizavam com ele. Com referência à palavra que se traduz como "hipócrita", ver com. Mat. 7: 5; 6: 2.

Pesebre.

A palavra traduzida como "pesebre" aparece só aqui e no Luc. 2: 7, 12, 16 (ver com. cap. 2: 7).

16.

Filha do Abraham.

Não só era um ser humano, e portanto de valor imensamente maior que um animal, mas sim também pertencia à raça escolhida. É provável que este argumento tivesse efeito na gente e servisse para fazer calar ao principal da sinagoga (vers. 17), embora não necessariamente o convencesse de que estava equivocado.

Satanás tinha pacote.

Cf. ISA. 61: 1-3; Isaías diz que o Mesías libertaria aos cativos de Satanás. Estas palavras do Jesus não necessariamente significam que a mulher tinha sido atacada a propósito por Satanás. Possivelmente só queria dizer que Satanás é o grande responsável por toda enfermidade.

17.

O povo se regozijava.

O interesse do Jesus pela mulher levava implícita uma repreensão para o principal da sinagoga, quem, conforme parece, não tinha feito nada em favor de a mulher durante os 18 anos de sua enfermidade. zangou-se com o Jesus (vers. 14); mas a gente se regozijou.

18.

O reino de Deus.

[Crescimento do reino dos céus, Luc. 13: 18-30. Cf. com. Mat. 13: 31-33; com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Ver com. Mat. 3: 2; 5: 2-3; Mar. 3: 14; Luc. 4: 19.

19.

Grão de mostarda.

Aqui Cristo repete uma das parábolas que tinha pronunciado junto ao mar de Galilea quase um ano e meio antes (DTG 452; ver com. Mat. 13: 31-32).

21.

Levedura.

Outra parábola que Jesus provavelmente tinha pronunciado em diferentes ocasione (ver com. Mat. 13: 33).

22.

Encaminhando-se a Jerusalém.

Ver com. Mat. 19: 1. Não se sabe se esta jornada é parte do comprido viaje desde Galilea a Jerusalém, passando pela Samaria e Perea, ou se se trata de outra viagem posterior da Perea a Jerusalém. A última vez que saiu da Galilea provavelmente foi algum tempo antes disto, e possivelmente deveria considerar-se como uma viagem à parte. Embora as atividades do Jesus tiveram seu centro na Perea e Samaria durante os últimos seis meses de ministério, visitou Betania e Jerusalém em várias oportunidades; mas só por curto tempo por causa da inimizade dos dirigentes judeus. Ver com. Luc. 9: 51.

23.

Alguém lhe disse.

Não se sabe quem foi o que falou. 783

Poucos os que se salvam.

Esta era uma pergunta abstrata, teórica e teológico que se discutia com muito entusiasmo (ver 2 Esdras 8 [lib. IV, Vulgata latina], livro de fins do século I d. C.).

24.

lhes esforce.

Gr. agÇnízomai "lutar"; relacionado com o essencial agÇn, "luta", "luta", "pleito" e também com o essencial agÇnía, "angústia". "Agonia" e "agonizar" derivam deste vocábulo grego. O sentido primário do verbo agÇnízomai é o de lutar em uma competência atlética para conquistar o prêmio, e por isso chegou a ter o sentido geral de "lutar" ou "esforçar-se". AgÇnízomai se usa algumas vezes no NT para referir-se à luta do cristão para entrar no reino dos céus (1 Cor. 9: 25; Couve. 1: 29). Em 1 Tim. 6: 12 e 2 Tim. 4: 7 se traduz "brigar", e se emprega para referir-se à batalha da vida cristã. No Juan 18: 36 também se traduz "brigar". Ver com. Mat. 7: 13-14.

Jesus não respondeu diretamente à pergunta que lhe tinha feito (vers. 23); e em troca, apoiou sua resposta na verdade de que nosso principal preocupação não deve ser quantos se salvarão mas sim nós mesmos sejamos salvos. Jesus ensinou na parábola da semente de mostarda, que muitos entrarão no reino (ver com. Mat. 13: 31-32); e na parábola da

levedura destacou a influência transformadora do Evangelho sobre a vida, e como essa influência prepara para o reino eterno (ver com. Mat. 13: 33).

25.

Fechado a porta.

Com referência a este versículo, ver com. Mat. 25: 1-13; e quanto à importância da porta fechada, ver com. Mat. 25: 7.

Não sei de onde são.

Ver com. Mat. 7: 23; 25: 12.

26.

Em nossas praças ensinou.

Ver com. Mat. 7: 22.

27.

lhes aparte de mim.

Ver com. Mat. 7: 23.

Fazedores de maldade.

Ver com. Mat. 7: 21-28.

28.

O pranto e o ranger de dentes.

Ver com. Mat. 8: 12; 13: 42.

Vós estejam excluídos.

Ver com. Mat. 22: 11-14; cf. Luc. 16: 22-23.

29.

Virão do oriente.

Jesus cita aqui, em parte, as palavras da ISA. 49: 12, que se referem à reunião dos gentis na casa de Deus (ver T. IV, pp. 28-35).

Sentarão-se.

Literalmente "reclinarão-se"; esta era a posição que se acostumava nas festas (ver com. Mar. 2: 15). Quando os judeus se referiam às delícias do reino messiânico, estavam acostumados a falar de sentar-se à mesa da festa do Mesías (ver com. Luc. 14: 15; cf. Apoc. 19: 9).

30.

E primeiros que serão últimos.

Jesus repetiu este ensino em diversas ocasiões (Mat. 19: 30; 20: 16), como uma advertência para quem se considerava seguros de sua admissão no reino do Mesías porque eram filhos do Abraão. Os que tinham tido a melhor possibilidade para entrar não tinham aproveitado suas oportunidades (ver T. IV, pp. 28-35), a não ser tinham descuidado as vantagens que lhes tinham concedido (ver com. Luc. 14: 18-24). Os gentis, a quem os judeus desprezavam e consideravam indignos e não aptos para entrar no reino, em muitos casos obteriam com maior facilidade um lugar na mesa messiânica, pela singela razão de que tinham aproveitado melhor suas oportunidades que os judeus.

31.

Aquele mesmo dia.

[Lamento do Jesus sobre Jerusalém, Luc. 13: 31-35.] A evidência textual estabelece (cf. P. 147) o texto: "naquela mesma hora"; "naquele momento" (BJ). Lucas está acostumado a empregar esta expressão para indicar uma relação temporária muito próxima com a narração imediata que precede. Com referência às circunstâncias deste episódio, ver com. vers. 1.

Fariseus.

Ver pp. 53-54. Os fariseus em conjunto eram agora inimigos do Jesus, e estavam decididos a fazê-lo morrer. Ver com. Mat. 19: 30; 20: 18-19.

Sal, e vete daqui.

Isto ocorreu, conforme parece, no território do Herodes Antipas, que compreendia Galilea e Perea (ver com. cap. 3: 1). Como Jesus havia partido da Galilea por última vez umas semanas antes (ver com. Mat. 19: 1-2), nesta ocasião deve ter estado na Perea.

Herodes te quer matar.

Aproximadamente um ano antes, Herodes fazia matar ao Juan o Batista (ver com. Mar. 6: 14-29). Mas como Herodes temia ao Jesus (ver com. Mat. 14: 1-2) e de uma vez tinha desejos de lhe ver (Luc. 23: 8), é muito pouco provável que realmente procurasse matá-lo. Os fariseus possivelmente se valeram deste ardil com o intento de assustar ao Jesus para que se fora da Perea a Judea, onde eles poderiam capturá-lo. Os dirigentes dos judeus tinham estado tramando durante quase dois anos a morte do Salvador (DTG 184, 367; Juan 11: 53-54, 57; ver com. Mat. 15: 21), e os judeus fazia 784 pouco tinham tentado duas vezes lhe apedrejar (Juan 8: 59; 10: 31; 11: 8).

32.

Aquela zorra.

Possivelmente disse isto para dar mais realce à astúcia do Herodes que a sua rapacidade. Ver. P. 65. Alguns suspeitam que o qualificativo "zorra" poderia mas bem referir-se à manobra dos fariseus (ver com. vers. 31).

Hoje e amanhã.

A hora do Jesus ainda não tinha chegado; ainda tinha uma obra que terminar.

Ao terceiro dia.

Esta é uma ilustração muito clara do costume comum no Próximo Oriente de empregar o cômputo inclusivo. Segundo o cômputo judeu, o terceiro dia era o dia depois de manhã (vers. 33); mas segundo nosso uso, esse é o segundo dia. Com referência ao cômputo inclusivo, ver T. 1, pp. 191-192; T. V, pp. 239-242. Entretanto, aqui Cristo fala em forma figurada sobre o tempo quando seu ministério teria que terminar. É momento, embora mais distante que os três dias, estava próximo.

Termino minha obra.

Gr. teleióumai, forma passiva do verbo teleióÇ, "terminar", "completar", "acabar", "aperfeiçoar" (ver com. Mat. 5: 48), quer dizer, "sou completado". Jesus talvez se estava refiriendo a sua morte, com a qual completaria ou aperfeiçoaria seu ministério terrestre. Segundo Heb. 2: 10, Jesus foi aperfeiçoado por meio do sofrimento (cf. Heb. 5: 9). Em sua oração intercessora, antes de entrar no horta do Getsemaní, Jesus declarou: "Hei acabado [do verbo teleióÇ] a obra que me deu que fizesse" (Juan 17: 4). Com referência ao plano esboçado previamente para a vida do Jesus, ver com. Luc. 2: 49.

33.

É necessário que... siga meu caminho.

Ver com. cap. 2: 49. Jesus devia continuar com sua obra atribuída, e não interromperia seu ministério por causa do Herodes. O dia é o tempo habitual para caminhar e trabalhar.

Fora de Jerusalém.

Jesus não quis dizer que os profetas não podiam morrer fora de Jerusalém, a não ser que Jerusalém era a cidade que matava aos profetas, como o explica de imediato no vers. 34. Jesus não tinha temor de que algo lhe ocorresse enquanto trabalhava no território que governava Herodes, pois sabia perfeitamente que morreria em Jerusalém.

34.

Jerusalém, Jerusalém.

Com referência aos vers. 34-35, ver com. Mat. 23: 37-39.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-9 PVGM 167-172

2-3 PVGM 168

5 Ev 135

6 DTG 537; 3T 534

6-7 DTG 458; PVGM 169; 5T 250

6-9 DTG 537; 3JT 184

7 CS 31, 660; 1JT 522; 2JT 33, 255; PVGM 172; SC 113; 2T 89; 3T 191; 4T 317; 5T 81, 185, 352

7-8 2T 421

7-9 4T 188

8 PVGM 170

9 PVGM 170, 172

18-19 PVGM 54-57

20-21 PVGM 68-74

23 2T 294

24 CM 279; DMJ 119; FÉ 124; 1JT 33; MeM 351; PR 61; PVGM 222; 1T 484; 2T 446, 480; 3T 527; 4T 218; 5T 17; 8T 65

25 Ed 257; FÉ 355

26-27 DTG 766; PVGM 340

34-35 DMJ 127; 1JT 567; PVGM 189

35 DTG 209; P 292; 5T 126 785

CAPÍTULO 14

2 Cristo cura em sábado a um hidrópico; 7 insígnia a humildade 12 e a tratar com atenção os pobres. 15 Por meio da parábola da grande janta demonstra que os que menosprezam a Palavra de Deus serão excluídos do céu. 25 Quem queira ser discípulos de Cristo e levar sua cruz, devem antes pesar bem seus responsabilidades, para que depois não se dele separem vergonhosamente, 34 e convertam-se em seres inúteis como o sal que perdeu seu sabor.

1 ACONTECIO um dia de repouso,* que tendo entrado para comer em casa de um governante, que era fariseu, estes lhe espreitavam.

2 E hei aqui estava diante dele um homem hidrópico.

3 Então Jesus falou com os intérpretes da lei e aos fariseus, dizendo:
É lícito sanar no dia de repouso?*

4 Mas eles calaram. E ele, tomando, sanou-lhe, e lhe despediu.

5 E dirigindo-se a eles, disse: Quem de vós, se seu asno ou seu boi cai em algum poço, não o tirará imediatamente, embora seja em dia de repouso?*

6 E não lhe podiam replicar a estas coisas.

7 Observando como escolhiam os primeiros assentos à mesa, referiu aos convidados uma parábola, lhes dizendo:

8 Quando for convidado por algum a bodas, não se sente no primeiro lugar,

não seja que outro mais distinto que você esteja convidado por ele,

9 e vindo o que convidou a ti e a ele, diga-te: Dá lugar a este; e
então comece com vergonha a ocupar o último lugar.

10 Mas quando for convidado, vê e sente-se no último lugar, para que
quando vier o que te convidou, diga-te: Amigo, sobe mais acima; então
terá glória diante dos que se sintam contigo à mesa.

11 Porque qualquer que se enaltece, será humilhado; e o que se humilha, será
enaltecido.

12 Disse também ao que lhe tinha convidado: Quando fizer comida ou jantar, não
chame a seus amigos, nem a seus irmãos, nem a seus parentes, nem a vizinhos ricos;
não seja que eles a sua vez voltem a convidar, e seja recompensado.

13 Mas quando fizer banquete, chama os pobres, os manetas, os coxos e os
cegos;

14 e será bem-aventurado; porque eles não lhe podem recompensar, mas te será
recompensado na ressurreição dos justos.

15 Ouvindo isto um dos que estavam sentados com ele à mesa, disse-lhe:
Bem-aventurado o que coma pão no reino de Deus.

16 Então Jesus lhe disse: Um homem fez uma grande janta, e convidou a muitos.

17 E na hora do jantar enviou a seu servo a dizer aos convidados: Venham,
que já tudo está preparado.

18 E todos a uma começaram a desculpar-se. O primeiro disse: comprei uma
fazenda, e preciso ir ver a; rogo-te que me desculpe.

19 Outro disse: comprei cinco juntas de bois, e vou provar os; rogo-te
que me desculpe.

20 E outro disse: Acabo de me casar, e portanto não posso ir.

21 Voltado o servo, fez saber estas coisas a seu senhor. Então zangado o
pai de família, disse a seu servo: Vê logo pelas praças e as ruas da
cidade, e traz aqui aos pobres, os manetas, os coxos e os cegos.

22 E disse o servo: Senhor, feito-se como mandou, e ainda há lugar.

23 Disse o senhor ao servo: Vê pelos caminhos e pelos cercas, e força-os
a entrar, para que se encha minha casa.

24 Porque lhes digo que nenhum daqueles homens que foram convidados,
gostará de meu jantar.

25 Grandes multidões foram com ele; e voltando-se, disse-lhes:

26 Se algum vem para mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e
irmãos, e irmãs, e até também sua própria vida, não pode ser meu discípulo.

27 E o que não leva sua cruz e vem em detrás de mim, não pode ser meu discípulo.

28 Porque quem de vós, querendo edificar uma torre, não se sinta primeiro e calcula os gastos, a ver se tiver o que necessita para acabá-la?

29 Não seja que depois que tenha posto o 786 alicerce, e não possa acabá-la, todos os que o vejam comecem a fazer brincadeira dele,

30 dizendo: Este homem começou a edificar, e não pôde acabar.

31 Ou que rei, ao partir à guerra contra outro rei, não se sinta primeiro e considera se pode fazer frente com dez mil ao que vem contra ele com vinte mil?

32 E se não poder, quando o outro está ainda longe, envia-lhe uma embaixada e o pede condições de paz.

33 Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo.

34 Bom é o sal; mas se o sal se hiciere insípida, com o que se amadurecerá?

35 Nem para a terra nem para o depósito de lixo é útil; arrojam-na fora. que tem ouvidos para ouvir, ouça.

1.

Um dia de repouso.

[Jesus come em casa de um fariseu, Luc. 1: 1-15. Com referência a milagres, ver pp. 198-203.] Não há indicação alguma quanto ao tempo nem ao lugar quando ocorreu este fato, exceto seu contexto no Evangelho do Lucas dá a entender que pôde ter acontecido em Perca, entre a festa da dedicação no inverno (dezembro-fevereiro) 30-31 d. C., e a páscoa da primavera seguinte. Nos dias de Cristo parece que era muito comum que os judeus recebessem visitas para comer em sábado. Sem dúvida o alimento se preparava o dia anterior e se guardava quente ou se comia frio. Era ilícito acender fogo em dia sábado (ver com. Exo. 16: 23; 35: 3), portanto, toda comida devia prepará-la véspera do sábado (ver com. Exo. 16: 23). Estava acostumado a considerar-se que uma festa a qual se convidavam amigos era um símbolo das bênções da vida eterna (ver com. Luc. 14: 15; cf. PVGM 173).

Um governante, que era fariseu.

Compare-se com uma ocasião anterior em que Jesus aceitou um convite de um fariseu para comer em sua casa (cap. 11: 37-54). Este relato sugere que o anfitrião do Jesus nesta ocasião era um rabino rico e influente. Não se registra nos Evangelhos que Jesus rechaçasse alguma vez um convite, já fora de um fariseu ou de um publicano (ver com. Mar. 2: 15-17).

Estes lhe espreitavam.

Nesta ocasião sem dúvida havia espiões pressente (ver com. cap. 11: 54), observando com más intenções (ver com. cap. 6: 7). Não se sabe se esses acechadores as tinham arrumado para que o hidrópico estivesse ali. Mas sabiam, por episódios passados, que Jesus não vacilava em sanar a uma pessoa em dia sábado, passando por cima a tradição legal deles, e provavelmente pensaram que o faria de novo. Nos relatos evangélicos se registram sete

curas feitas em sábado, e esta é sétima e última (ver Luc. 4: 33-36, 38-39; 6: 6-10; 13: 10-17; 14: 2-4; Juan 5: 5- 10; 9: 1-14).

2.

Hidrópico.

Gr. hudrÇpikós, término médico que deriva da palavra grega húdÇr, "água". Descreve a condição de que tem uma acumulação excessiva de líquido nos tecidos do corpo. A palavra só aparece aqui no NT. Este é o único exemplo registrado de que um caso tal chamasse a atenção do Jesus. O homem possivelmente veio por sua própria vontade com a esperança e ser sanado, embora o relato não diz que se apresentou ao Jesus para que o sanasse. És possível -como alguns o sugeriram- que alguns fariseus pressente tivessem arrumado tudo para que o doente estivesse ali, com o propósito de lhe tender uma armadilha a Jesus para que o sanasse em sábado. Parece que a cura ocorreu antes de que os convidados se sentassem à mesa (vers. 7).

3.

Jesus falou.

No grego diz que Jesus "respondendo, disse". Não havia nada ao qual responder, exceto aos pensamentos de quão fariseus observavam para ver o que faria. Em hebreu se usa o verbo "responder" usualmente em situações nas quais em nosso idioma não se empregaria (ver com. cap. 13: 14).

Aos intérpretes da lei e aos fariseus.

No grego só aparece um artigo definido para os dois essenciais. Isto indica que foram tratados como pertencentes a um mesmo grupo, não a dois (cf. cap. 7: 30, onde aparece o artigo definido duas vezes no grego). Com referência aos intérpretes da lei e aos fariseus, ver pp. 53-54, 57.

É lícito?

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) o texto "é lícito ou não?" (ver BJ, BC e NC).

4.

Calaram.

Cessou a conversação; ninguém respondeu. Conforme parece, compreenderam que nada ganhariam falando e se refugiaram no silêncio, o qual produziu um ambiente

de suspense. Não se atreviam a dizer que era "lícito", porque seus regulamentos rabínicos pareciam 787 proibir a cura em um caso como este, mas tampouco atreviam-se a dizer que era ilícito. Parece que ao Lucas agrada destacar as ocasiões quando os inimigos do Evangelho tiveram que calar (Luc. 20: 26; Hech. 15: 12; 22: 2).

Despediu-lhe.

Gr. apolúÇ, "liberar", "despedir", "soltar". Parece que isto ocorreu antes de a comida (cf. vers. 7). Jesus possivelmente se despediu do homem para lhe evitar a confusão e dificuldade que em uma oportunidade recente os dirigentes judeus o

tinham ocasionado a outro doente curado em dia sábado (ver Juan 9).

5.

Seu asno.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) o texto "asno" e "filho" (ver BJ e NC).

6.

Não lhe podiam replicar.

Os que criticavam ao Jesus estavam derrotados. Não queriam admitir que os importava mais um boi ou um asno que uma pessoa.

7.

Primeiros assentos.

Com referência aos costumes judias nos banquetes, ver com. Mar. 2: 15-17. Segundo o Talmud (Berakoth 46b), os principais assentos eram os que estavam junto ao anfitrião. Em uma ocasião posterior Jesus repreendeu aos escribas e fariseus, entre outras coisas, por procurar os primeiros assentos (Mat. 23: 6).

Uma parábola.

Uma "parábola" não é necessariamente um relato; pode ser simplesmente um dito curto e significativo (ver pp. 193-194). É provável que a "parábola" que agora nos ocupa se apoiasse no que Jesus estava observando: a maneira em que sentavam-se os convidados. Viu que alguns escolhiam os melhores assentos. Houve aqui, conforme parece, uma disputa similar a dos discípulos durante a último jantar (ver com. cap. 22: 24).

9.

Ultimo lugar.

Os melhores lugares já tinham sido ocupados, e só ficavam os menos importantes.

10.

Sente-se.

Literalmente "te recline".

Os que se sintam.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) o texto "todos os que se sintam", "todos os comensais" (BJ e NC).

11.

Qualquer que se enaltece.

Aqui aparece um dito repetido pelo Jesus em várias formas (Mat. 18: 4; 23: 12; Luc. 18: 14; etc.). O princípio que aqui se enuncia ataca a raiz do orgulho: o desejo de elogiar-se ante outros. O orgulho é, junto com o egoísmo, a raiz de tudo pecado. Jesus mesmo deu o exemplo supremo de humildade (ISA. 52: 13-14; Fil. 2: 6-10).

Humilhado.

Aquele cujo principal objetivo na vida é favorecer seus interesses pessoais, encontra-se freqüentemente com outros que o obrigam a conformar-se com uma posição inferior.

Enaltecido.

Mas o que esquece seus interesses pessoais e se ocupa de animar e ajudar a outros, é muitas aquele vezes a quem seus próximos sentem prazer em honrar. Até mais: a humildade é, evidentemente, o passaporte para entrar no elogio no reino dos céus; enquanto que o desejo de enaltecer-se é uma infranqueável barreira que impede de entrar no reino (cf. ISA. 14: 12-15; Fil. 2: 5-8).

12.

Comida.

Gr. áriston, era originalmente a primeira comida do dia, ou seja o café da manhã; posteriormente se designou assim ao almoço.

Jantar.

Gr. deípnon, pelo general o jantar ou comida da noite.

Não chame a seus amigos.

No grego diz: "Não tenha por costume convidar sempre só a seus amigos". Jesus não diz que não se convide aos amigos, mas sim admoesta contra os motivos egoístas que induzem a muitos a convidar só a aqueles de quem esperam receber cuidados similares. Jesus insistiu à hospitalidade cuja base é um interesse genuíno nas necessidades do próximo, já sejam de alimento ou de amizade. Assinalou que esta classe de hospitalidade receberá seu galardão na vida futura, embora não seja recompensada nesta vida.

Voltem a convidar.

Em retribuição ao convite recebido.

13.

Chama os pobres.

Segundo a lei mosaica, atender aos pobres era um dever (ver com. Deut. 14: 29). Necessitado-los não deviam ser esquecidos.

14.

Ressurreição dos justos.

A explícita menção da ressurreição dos justos, sugere que também haverá uma ressurreição dos injustos (Juan 5: 29; Hech. 24: 15).

15.

Ouvindo isto.

Quanto às circunstâncias da resurección sob as quais foram pronunciadas as palavras do vers. 15, ver com. vers. 1.

Bem-aventurado.

Feliz ou "ditoso" (BJ, BC e NC). Ver com. Mat. 5: 3. O dever pouco grato apresentado pelo Jesus nos vers. 12-14, produziu este tento de desviar a conversação para temas mais agradáveis (PVGM 174). É possível que a referência feita pelo Jesus à ressurreição (vers. 14) impulsionasse a esse convidado a expressar-se nessa forma aparentemente piedosa. O fariseu que falou deleitava-se em contemplar a recompensa do 788 proceder correto, mas não tinha interesse em fazer o bem. Desejava desfrutar das bênçõs do reino dos céus, mas não estava disposto a cumprir com suas responsabilidades. Não estava disposto a cumprir com as condições essenciais para entrar no reino; mas não parece ter tido dúvida alguma de que lhe concederia um posto de honra na grande festa do reino (PVGM 174).

que vírgula.

Com referência ao significado da expressão "reino de Deus", ver com. Mat. 5: 2-3; Mar. 3: 14; Luc. 4: 19. O modismo judeu "comer no reino de Deus" significa gozar do céu (cf. ISA. 25: 6; Luc. 13: 29). O que disse o convidado era, indubitavelmente, correto; e todos sabiam que o era, mas o espírito com que o disse e o motivo que o insistiu a dizê-lo eram inteiramente errôneos. Cheio de complacência, que falava dava por sentado que receberia um convite.

16.

Uma grande janta.

[Parábola da grande janta, Luc. 14: 16-24. Cf com. Mat. 22: 1-14. Com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Jesus descreve aqui as abundantes bênçõs do reino dos céus mediante o símbolo de um grande banquete, símbolo que evidentemente era comum para seus ouvintes (ver com. vers. 15). Não contradiz a veracidade da declaração do fariseu (vers. 15), mas sim põe em dúvida a sinceridade do que a fez. O fariseu era, em realidade, um dos que nesse mesmo momento estavam rechaçando o convite evangélico (ver com. vers. 18, 24).

Há muitas similitudes entre esta parábola e a da festa de bodas do filho do rei (Mat. 22: 1- 14), mas também há muitas diferenças; e são também muito diferentes as circunstâncias nas quais foram pronunciadas. Esta parábola foi apresentada na casa de um fariseu, enquanto que a do Mat. 22 foi pronunciada em um momento em que tentavam capturar ao Jesus (Mat. 21: 46).

Convidou a muitos.

Este primeiro convite à festa evangélica, foi a que estendeu aos judeus através de todo o AT (ver T. IV, pp. 28-34). Refere-se

especificamente aos repetidas chamadas de Deus ao Israel, feitos por meio dos antigos profetas (ver com. vers. 21-23).

17.

Enviou a seu servo.

Pode considerar-se que Jesus era, em um sentido especial, o "servo" enviado a anunciar: "tudo está preparado". Evidentemente se acostumava que o anfitrião enviasse um servo quando a festa estava por começar, para recordar aos convidados seu convite. Segundo Tristram (Eastern Customs, P. 82), o mesmo se fazia em seu tempo (1822-1906). Se o convidado se esqueceu ou não sabia quando devia ir à festa, este recordativo lhe permitiria preparar-se e chegar a tempo. No ambiente do Próximo Oriente, onde ainda hoje a hora não tem tanta importância como no mundo ocidental, esse recordativo servia para evitar possíveis desgostos tanto ao convidado como ao anfitrião.

18.

Todos a uma.

Dá a impressão de que os convidados se puseram de acordo para desprezar a seu amável anfitrião. É obvio, foram mais de três os convidados à festa (vers. 16); mas parece que Jesus enumerou estas três desculpas como exemplo do que o servo ouviu em qualquer lugar ia. Há um exemplo similar (cap. 19: 16-21) no qual se apresentam vários casos e no que há mais de três pessoas envoltas.

Começaram.

Cada convidado apresentou seu próprio pretexto, mas nenhum tinha uma razão aceitável; em cada caso, a verdadeira razão era, indubitavelmente, que o convidado tinha mais interesse em alguma outra coisa que teria que pospor se assistia à festa. As desculpas também denotavam falta de avaliação pela hospitalidade e a amizade de que dava a festa. Os que rechaçaram a convite à festa evangélica davam mais valor aos interesses temporários que às coisas eternas (Mat. 6: 33).

Em muitos países se considera que rechaçar um convite -salvo quando é realmente impossível aceitá-la- é desprezar a amizade que se oferece (ver com. vers. 17).

comprei uma fazenda.

Este pretexto, embora fora certo, era uma débil desculpa, pois já havia comprado a fazenda. Não há dúvida de que o comprador tinha examinado cuidadosamente o campo antes de fechar o negócio.

19.

Cinco juntas de bois.

Neste caso também já se feito a compra. O comprador só desejaria assegurar-se de que realmente tinha feito um bom negócio, e bem poderia haver adiado essa comprovação se seriamente desejava assistir à festa.

20.

Não posso ir.

que apresentou a terceira desculpa parece que foi mais descortês que os outros. Aqueles, com aparente cortesia, tinham pedido desculpas por não ir; mas este 789 simplesmente disse que não podia ir. Alguns sugerem que esta negativa se apoiava no fato de que a um homem lhe concediam certas isenções dos deveres civis e militares durante o primeiro ano de vida matrimonial (ver com. Deut. 24: 5), e que portanto disse: "Não posso ir". Entretanto, essas isenções não o eximiam das relações sociais normais, e qualquer tento por ficar eximido não era mais que um falso pretexto. A desculpa deste terceiro convidado não tinha realmente maior valor que a dos dois primeiros.

21.

Zangado.

Enquanto o servo enumerava, uma atrás de outra, as débeis desculpa, o amável anfitrião foi às nuvens. Em um primeiro momento todos tinham aceito seu convite e, devido a essa aceitação, fazia os preparativos para a festa. Mas agora que se feito todos os preparativos e o jantar estava lista, parecia haver uma conspiração para envergonhá-lo (ver com. vers. 18). Além disso, fazia gastos consideráveis para preparar a festa.

Deus, que prepara a festa celestial, sem dúvida não se zanga como os seres humanos. Entretanto, com tudo o que tem feito para proporcionar à perdida humanidade as bênções da salvação, seu amante coração deve sentir-se muito triste quando os homens dão pouca importância a seu amável convite para participar da justiça divina e do favor celestial. Todos os recursos do céu foram investidos na obra da salvação, e o menos que podem fazer os seres humanos é apreciar e aceitar o que Deus proporcionou.

Vê logo.

É evidente que o invitador não deseja ver que seus custosos comestíveis se percam. Se seus melhores amigos decidirem não aceitar a demonstração de sua boa vontade, de boa vontade convidará a desconhecidos para que a recebam. Note-se também que sua ação harmoniza com o conselho dado pelo Jesus imediatamente antes de apresentar esta parábola (vers. 12-14), conselho que não foi bem recebido pelos convidados à festa na qual Jesus se achava e que impulsionou a um deles a trocar o tema da conversação (ver com. vers. 15).

As praças e as ruas.

O convite evangélico foi primeiro dada ao povo judeu, representado aqui como habitantes de uma "cidade". Os principais cidadãos, que haviam desprezado o convite, eram os dirigentes judeus, alguns dos quais estavam nesse momento reunidos com o Jesus em uma festa em casa de um fariseu (ver com. vers. 1). Quão convidados desprezaram o convite representavam à aristocracia religiosa do Israel. depois deste rechaço, o amável anfitrião se afastou de seus amigos preferidos para os desconhecidos da "cidade", os membros desamparados e algumas vezes desprezados da sociedade. Residiam na mesma "cidade" dos convidados, e portanto eram judeus; mas alguns deles eram nos publiquem e pecadores, homens e mulheres a quem os aristocratas da nação consideravam como emparelha. Entretanto, tinham fome e sede do Evangelho (ver com. Mat. 5: 6).

Os pobres, os manetas.

Os judeus supunham usualmente que quem sofria dificuldades financeiras ou corporais não gozavam do favor de Deus; e portanto, essas pessoas muitas vezes eram desprezadas e descuidadas por seus próximos (ver com. Mar. 1: 40; 2: 10). Supunha-se que Deus as tinha descartado e por isso a sociedade também considerava-as como emparelha. Jesus nega nesta parábola que tais pessoas eram desprezadas Por Deus, e afirmou que não deviam ser desprezadas por seus próximos, nem mesmo quando seus sofrimentos pudessem dever-se a seu próprio pecado ou conduta imprudente. Afligido-los pela pobreza e por deficiências físicas parecem representar aqui principalmente aos que estão em bancarrota moral e espiritual. Não têm boas obras próprias que oferecer a Deus em troca das bênções da salvação.

22.

Ainda há lugar.

O servo se deu conta de que o amável anfitrião sem dúvida desejava que fossem ocupados todos os lugares de seu banquete; e o mesmo ocorre no caso da grande festa evangélica. Deus não criou a terra "em vão" (ver com. ISA. 45: 18), como um deserto vazio, mas sim a criou para que fora habitada como eterno lar de uma raça humana feliz. O pecado adiou por um tempo o cumprimento desse propósito, mas finalmente se alcançará (PP 53). A cada indivíduo que nasce neste mundo lhe oferece a oportunidade de participar de a festa evangélica e de viver para sempre na terra renovada. Esta parábola insígnia claramente que a oportunidade que rechaça um será aceita imediatamente por outro (cf. Apoc. 3: 11).

23.

Os caminhos... e os cercas.

Os primeiros convidados à festa evangélica foram os judeus (ver com. vers. 16, 21). Deus os chamou 790 primeiro, não porque os amasse mais que aos outros homens nem porque fossem mais dignos, mas sim para que compartilhassem com outros os sagrados privilégios que lhes tinham sido encomendados (ver T. IV, pp. 27-40).

Jesus se relacionou muitas vezes conosco publique e pecadores, emparelha-os da sociedade, para consternação dos dirigentes judeus (ver com. Mar. 2: 15-17). Durante seu ministério na Galilea trabalhou fervorosamente em favor de os que espiritualmente eram pobres e defeituosos, "pelos caminhos e pelos cercados" da Galilea (ver com. Luc. 14: 21). Mas quando a gente da Galilea rechaçou-o na primavera (março-maio) do ano 30 d. C. (ver com. Mat. 15: 21; Juan 6: 66), Jesus ministró em repetidas ocasiões a gentis e a samaritanos como também a judeus (ver com. Mat. 15: 21). Entretanto, a convite evangélico para os que estavam "pelos caminhos e pelos cercas" refere-se em primeiro lugar à apresentação do convite do Evangelho a os gentis depois que a nação judia rechaçou finalmente o convite evangélica, rechaço que culminou com o apedrejamento do Esteban (ver T. IV, pp. 35-38; Hech. 1: 8). "Os caminhos e os cercas" da parábola estavam fora da "cidade", e portanto representam apropiadamente as regiões que não eram judias, quer dizer, os pagãos (ver com. Luc. 14: 21). Quando os apóstolos encontraram que seus compatriotas lhes opunham em sua evangelização ao mundo, voltaram-se para os gentis (Hech. 13: 46-48; cf. ROM. 1: 16; 2: 9).

Força-os.

Gr. anagkázÇ, "obrigar", "impor", já seja por força ou por persuasão. Alguns entenderam que esta afirmação justifica o uso da força para converter aos homens a Cristo; mas o fato de que Jesus mesmo nunca recorresse ao uso da força para obrigar aos homens a acreditar nele, e que nunca ensinou a seus discípulos a que assim o fizessem, e que a igreja apostólica tampouco o fez, demonstra que Jesus não queria que suas palavras se interpretassem assim. Jesus ensinou muitas vezes a seus discípulos, por preceito e por exemplo, que evitassem controvérsias e represálias pelas injúrias que recebessem (ver com. Mat. 5: 43-47; 6: 14-15; 7: 1-5, 12; etc.), já fora como indivíduos ou como arautos autorizados do Evangelho (ver com. Mat. 10: 14; 15: 21; 16: 13; 26: 51-52; Luc. 9: 55). Os discípulos não só não deviam perseguir a outros (Luc. 9: 54- 56), mas sim deviam suportar a perseguição com mansidão (ver com. Mat. 5: 10-12; 10: 18- 24, 28).

Com a frase "força-os a entrar" Jesus simplesmente quis destacar a urgência do convite e a força premente da graça divina; pelo tanto, a bondade e o amor deviam ser a força motriz (PVGM 186-187). O verbo anagkázÇ se emprega com um sentido similar quando Jesus "fez a seus discípulos entrar na barco" (Mat. 14: 22). Existe uma enorme diferencia entre o constante convite a que Jesus se referia, e recorrer à força física que muitos chamados cristãos em séculos passados consideraram uma medida apropriada, e que alguns que invocam o nome de Cristo empregariam hoje se tivessem poder para fazê-lo.

A parábola mesma prova que em nenhum momento se recorreu à violência para conseguir convidados à festa. Se o invitador tivesse querido utilizar a força a teria usado com o primeiro grupo de convidados. Os convites à festa evangélica sempre estão precedidas das palavras "que queira" (Apoc. 22: 17). Esta parábola não sanciona não a teoria de que a perseguição religiosa é um meio para levar aos homens a Cristo. O uso da força ou da perseguição em assuntos religiosos, em qualquer forma ou quantidade é uma política inspirada por Satanás e não por Cristo.

encha-se minha casa.

Ver com. vers. 22. O dono de casa tinha convidado a muitos (vers. 16); e, além disso, quando o servo saiu pelas praças e as ruas da cidade não pôde encontrar suficientes pessoas para encher a sala de festa (vers. 22).

24.

Nenhum daqueles.

O anfitrião da parábola é quem faz a enérgica declaração de que serão excluídos todos os que originalmente foram convidados. Mas isto não significa que o céu exclui arbitrariamente a ninguém. O amável anfitrião simplesmente anula seu convite original, que tinha sido tão rudamente rechaçada. Evidentemente sua casa agora estava enche (vers. 23), e não havia mais lugar. Mas no reino dos céus sempre haverá amplio lugar para todos os que queiram entrar (ver com. vers. 22).

Jesus não ensinou por meio desta parábola que as riquezas terrestres são necessariamente incompatíveis com o reino dos céus, mas sim o desmedido afeto pelos bens terrestres desqualifica a uma pessoa para entrar no céu; na verdade, priva-a do desejo 791 das coisas celestiales. Uma pessoa

não pode servir a "dois senhores" (ver com. Mat. 6: 19-24). Quem dedica seus primeiros e melhores esforços para acumular posses terrestres e gozar dos prazeres mundanos, ficarão fora porque o desejo de seu coração está centrado nas coisas terrestres e não nas celestiales (cf. Mat. 6: 25-34). Cobiçar as coisas terrestres finalmente mata o desejo pelas coisas celestiales (ver com. Luc. 12: 15-21); e quando pede a quão ambiciosos compartilhem seu riqueza acumulada, partem tristes (ver com. Mat. 19: 21-22). "Dificilmente entrará um rico no reino dos céus" (Mat. 19: 23), pela singela razão de que geralmente não tem suficiente desejo de entrar ali.

Gostará de meu jantar.

Nó gostariam do jantar nem que trocassem de parecer. A salvação consiste no convite que Deus estende e a aceitação do homem. Ambas se complementam. Nenhuma das duas pode ser efetiva sem a outra. As Escrituras apresentam repetidas vezes a possibilidade de que quem haja desprezado a graça de Deus, possivelmente pareçam trocar de opinião quando já é muito tarde; quer dizer, quando já não se ouvir mais o convite evangélico Ver. 8:20; Mat. 25: 11-12; Luc. 13: 25). Este convite finalmente conclui, não porque se haja transposto algum prazo fixado pela misericórdia de Deus mas sim porque os excluídos já chegaram a uma decisão final e definitiva. Se mais tarde trocassem de parecer, deveria-se nada mais a sua compreensão de que hão eleito mal no que concerne aos resultados finais, mas não a que repentinamente hajam sentido um sincero desejo de viver obedecendo a Deus.

25.

Grandes multidões.

[O que costa seguir a Cristo, Luc. 14: 25-35. Com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Não se registra nada definido quanto ao momento, ao lugar, nem às circunstâncias da apresentação do conselho desta seção. É provável que o que se registra aqui fora apresentado a começos do ano 31 d. C., possivelmente na Perea (ver com. vers. 1). As multidões de novo amontoavam-se ao redor do Jesus, como o tinham feito durante seu ministério público na Galilea (ver com. Mat. 5: 1; Mar. 1: 28, 37, 44-45; 2: 2, 4; 3: 6-10; etc.). Neste momento, perto do fim do ministério do Jesus, parece que havia uma convicção crescente em muitos de que Jesus estava a ponto de proclamar-se, em rebelião contra Roma, como o caudilho do Israel (ver com. Mat. 19: 1- 2; 21: 5, 9-11). Sem dúvida muitos lhe tinham seguido com intenções sinceras, mas é provável que a maioria o fazia por curiosidade ou por motivos egoístas.

Voltando-se.

Enquanto a multidão ia um dia em detrás do Jesus, parece que ele se deteve; se deu volta para olhar a de frente, e expôs os princípios registrados nos vers. 26-35. Muitos dos que seguiam ao Jesus eram, mais que uma ajuda, um estorvo para sua causa. Jesus aconselhou a todos a pensar seriamente no que estavam fazendo.

26.

Se algum.

Jesus expõe agora os seguintes quatro princípios: (1) que ser seu discípulo significa também o levar a cruz, vers. 26-27; (2) que o custo de seu ser

discípulo deve calcular-se cuidadosamente, vers. 28-32; (3) que todas as ambições pessoais e as posses terrestres devem colocar-se sobre o altar do sacrifício, vers. 33; (4) que o espírito de sacrifício deve ser permanente, vers. 34-35.

Não aborrece a seu pai.

O uso bíblico desta declaração indica claramente que não se ordena aborrecer no sentido comum da palavra. "Aborrecer" muitas vezes deve entender-se como um hebraísmo que significa chamar menos" (Deut. 21: 15-17). Este sentido vê-se claramente na passagem paralelo onde Jesus diz: "que ama a pai ou mãe mais que a mim, não é digno de mim" (Mat. 10: 37). É evidente que Cristo apresentou esta hipérbole para destacar em forma concreta ante seus seguidores que em todo momento devem lhe dar ao reino dos céus o primeiro lugar em seus vistas. repete-se o princípio que deve reger quanto aos bens materiais: a que lhe daremos o primeiro lugar na vida (ver com. Mat. 6: 19-34).

Não pode ser meu discípulo.

Não é que não queira sê-lo; é que "não pode sê-lo". que tem interesses pessoais que sejam superiores à lealdade a Cristo e à dedicação a seu serviço, será-lhe impossível fazer o que Cristo pede dele. O convite do reino deve ter o primeiro lugar sempre e em todas as circunstâncias. O serviço do Jesus pede a renúncia total e permanente ao eu. Com referência a os vers. 26-27, ver com. Mat. 10: 37-38.

27.

Leva sua cruz.

Melhor "leva sua própria cruz" (ver com. Mat. 10: 38-39). Os ouvintes do Jesus sabiam o que era a crucificação, pois segundo Josefo (Antiguidades xII. 5. 4), havia 792 sido introduzida em tempos do Antíoco Epífanes (segundo século A. C.).

28.

Quem de vós?

As parábolas geme as dos vers. 28-32 constituem uma advertência contra a tendência de tomar livianamente as responsabilidades de ser discípulo de Cristo. Quão convidados primeiro aceitaram o convite à festa para logo trocar de opinião quando surgiram outros interesses, não haviam considerado seriamente o convite antes de aceitá-la. Estas duas parábolas aplicavam-se especialmente a sortes pessoas.

Uma torre.

A "torre" podia ser um edifício grande e custoso (cf. cap. 13: 4) ou construir-se com ramos (cf. 21: 33). Neste caso é evidente a referência a a primeira classe. No lugar onde Jesus estava ensinando possivelmente havia ocorrido algo similar ao que ele apresentava na parábola.

Calcula os gastos.

Não tem sentido começar algo que não se pode completar. Um projeto

semelhante absorveria tempo e energia sem esperança de nenhuma recompensa apropriada. Ser discípulo de Cristo equivale a renunciar completa e permanentemente às ambições pessoais e aos interesses mundanos. que não está disposto a percorrer todo o caminho, nem mesmo deveria começar.

29.

Fazer brincadeira.

A falta de previsão não só leva a fracasso mas também à vergonha.

30.

Este homem.

O adjetivo "este" às vezes se usa para manifestar desprezo ou sarcasmo ao referir-se a uma pessoa (ver com. cap. 15: 2, 30).

31.

Que rei?

Com referência ao significado desta parábola e a sua relação com o resto do discurso, ver com. vers. 28. A ilustração anterior foi tirada do mundo de os negócios; esta, do mundo político. As duas ilustram a mesma verdade.

Vinte mil.

O rei que tinha só dez mil soldados parece estar em desvantagem frente ao que tinha vinte mil; mas poderia haver outros fatores, além da superioridade numérica, que poderiam fazer possível a vitória.

33.

Assim, pois.

Jesus apresenta claramente, como de costume, qual é a lição que se propunha ensinar mediante seus parabolas. Ser discípulo dele implica colocar completamente sobre o altar tudo o que o homem tem nesta vida -planos, ambições, amigos, parentes, posses, riquezas-, algo e todas as coisas que possam interferir com seu serviço para o reino dos céus

(cf. cap. 9: 61-62). Tal foi o caso do apóstolo Pablo (Fil. 3: 8-10).

34.

Bom é o sal.

Com referência aos vers. 34-35, ver com. Mat. 5: 13; cf. Mar. 9: 50. O sabor do sal representa aqui o espírito de consagração. Jesus afirma que não tem sentido ser seu discípulo sem este espírito de dedicação.

35.

que tem ouvidos.

Ver com. Mat. 11: 15.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 PVGM 173

10 MC 379

11 4T 379; 5T 638

12-14 DMJ 95; MC 272; OE 529; PVGM 173

12-24 PVGM 173-189

13 PVGM 305

13-14 MeM 207

14 OE 536

15 PVGM 176

15-20 PVGM 175

16-21 1JT 362

16-23 MB 257

17 Ev 16, 64, 281; FÉ 366; 1JT 251; 2JT 529, 531; 3JT 87, 207, 302; PVGM 189; 2T 225-226; 6T 72; 7T 15; 8T 72, 153; TM 234

17-18 1JT 362

17-20 PVGM 177

18 CH 507; 1JT 465; OE 204; 5T 369

18-20 2T 39

20 HAd 319

21 PVGM 178

21-23 MB 126

21-24 2T 40

22-23 PVGM 178-179

23 C (1949) 29, 33; C (1967) 38, 59; CH 390; CM 424; Ev 34, 38-39, 42, 44, 48-49, 88, 109, 320, 335; FÉ 366, 529; HAp 293; 2JT 386, 517; 3JT 302; MB 77, 103, 269; MC 106, 121; MM 312; OE 195, 363; PVGM 180, 186, 189; SC 51; 6T 66, 76, 83; 8T 216; TM 199

24 DTG 458; PVGM 188, 249

28 CMC 287, 295; Ev 67; 3JT 121; 8T 191

28-30 CMC 295

30 TM 177

33 DC 43; FÉ 125; 1JT 377; 5T 83 793

CAPÍTULO 15

1 As parábolas da ovelha perdida, 8 da moeda perdida 11 e do filho pródigo.

1 SE APROXIMAVAM do Jesus todos os nos publique e pecadores para lhe ouvir,

2 e os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este aos pecadores recebe, e com eles come.

3 Então ele lhes referiu esta parábola, dizendo:

4 Que homem de vós, tendo cem ovelhas, se perder uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e vai depois da que se perdeu, até encontrá-la?

5 E quando a encontra, põe-a sobre seus ombros contente;

6 e ao chegar a casa, reúne a seus amigos e vizinhos, lhes dizendo: lhes goze comigo, porque encontrei minha ovelha que se perdeu.

7 Lhes digo que assim haverá mais gozo no céu por um pecador que se arrepende, que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

8 Ou que mulher que tem dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a abajur, e varre a casa, e busca com diligencia até encontrá-la?

9 E quando a encontra, reúne a seus amigas e vizinhas, dizendo: lhes goze comigo, porque encontrei a dracma que tinha perdido.

10 Assim lhes digo que há gozo diante dos anjos de Deus por um pecador que arrepende-se.

11 Também disse: Um homem tinha dois filhos;

12 e o menor deles disse a seu pai: Pai, me dê a parte dos bens que corresponde-me; e lhes repartiu os bens.

13 Não muitos dias depois, juntando-o todo o filho menor, foi longe a uma província apartada; e ali desperdiçou seus bens vivendo perdidamente.

14 E quando todo o teve esbanjado, veio uma grande fome naquela província, e começou a lhe faltar.

15 E foi e se aproximou a um dos cidadãos daquela terra, o qual o enviou a sua fazenda para que apascentasse porcos.

16 E desejava encher seu ventre das algarrobas que comiam os porcos, mas ninguém lhe dava.

17 E voltando em si, disse: Quantos jornaleiros em casa de meu pai têm

abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!

18 Me levantarei e irei a meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti.

19 Já não sou digno de ser chamado seu filho; me faça como a um de seus jornaleiros.

20 E levantando-se, veio a seu pai. E quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e foi movido a misericórdia, e correu, e se tornou sobre seu pescoço, e o beijou.

21 E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e contra ti, e já não sou digno de ser chamado seu filho.

22 Mas o pai disse a seus servos: Tirem o melhor vestido, e lhe vistam; e ponham um anel em sua mão, e calçado em seus pés.

23 E tragam o bezerro gordo e matem, e comamos e façamos festa;

24 porque este meu filho morto era, e reviveu; perdeu-se, e é achado. E começaram a regozijar-se.

25 E seu filho maior estava no campo; e quando veio, e chegou perto da casa, ouviu a música e as danças;

26 e chamando um dos criados, perguntou-lhe o que era aquilo.

27 O lhe disse: Seu irmão veio; e seu pai tem feito matar o bezerro gordo, por lhe haver recebido bom e são.

28 Então se zangou, e não queria entrar. Saiu portanto seu pai, e o rogava que entrasse.

29 Mas ele, respondendo, disse ao pai: Hei aqui, tantos anos te sirvo, não te havendo desobedecido jamais, e nunca me deste nem um cabrito para me gozar com meus amigos.

30 Mas quando veio este seu filho, que consumou seus bens com rameiras, há feito matar para ele o bezerro gordo.

31 O então lhe disse: Filho, você sempre está comigo, e todas minhas coisas são tuas.

32 Mas era necessário fazer festa e nos regozijar, porque este seu irmão era morto, e reviveu; perdeu-se, e é achado. 794

1.

aproximavam-se.

[Parábola da ovelha perdida, Luc. 15: 1-7. Cf. com. Mat. 18: 12-14; Juan 10: 1-18. Com referência a parábolas, ver pp. 193-197.] A posição que ocupam as parábolas deste capítulo no Evangelho do Lucas, é a única informação que temos quanto ao momento e o lugar quando foram apresentadas. Nos cap. 9: 51 aos 19: 28 se registram acontecimentos relacionados com o ministério na Perea (ver com. Luc. 9: 51; Mat. 19: 1-2), possivelmente desde fins do outono (novembro-dezembro) do ano 30 até começos de

a primavera (março-abril) do ano 31. Parece que, pelo menos, as duas primeiras parábolas do cap. 15, e possivelmente também a terceira, foram pronunciadas em uma mesma ocasião (PVGM 151), nos campos de pastoreio de Perea (PVGM 145). Neste momento só faltavam uns dois meses para a crucificação (ver com. Mat. 19: 1-2; Luc. 10: 25; 11: 37; 12: 1). Jesus expôs nestas parábolas o significado deste acontecimento.

Todos os nos publique e pecadores.

O grego tem um artigo para cada nome, pelo qual devem considerar-se como grupos diferentes. Em alguns casos os considera como um só grupo (ver com. cap. 5: 30). Com referência aos nos publique e coletores de impostos, ver com. cap. 3: 12. É provável que entre os "pecadores" estivessem os que não pretendiam procurar a justiça de acordo à forma prescrita pela tradição rabínica, junto com as rameiras, os adulteros e outros cujas vistas violavam abertamente a lei. Os estritos fariseus também consideravam que o povo comum, o 'am há'árets, "gente da terra", que não tinha tido o privilégio de receber uma educação rabínica eram pecadores e estavam excluídos de ser considerados como respeitáveis. O nome fariseu (ver P. 53) significa que os membros desse partido se consideravam superiores ao povo comum, e se dava por sentado que eram mais justos que a gente comum.

O emprego da palavra "todos" poderia referir-se ao feito de que em qualquer lugar Jesus ia durante esta parte de seu ministério, os nos publique e os pecadores da região se congregavam para escutá-lo. Este interesse desgostava ainda mais a os escribas e fariseus, porque estes desprezavam a essa classe de gente, a qual, a sua vez fugia daqueles. Os dirigentes religiosos estavam irritados porque Jesus tratava com simpatia a esses desprezados da sociedade (ver com. Mar. 2: 15-17), e porque eles a sua vez respondiam (PVGM 145).

2.

E os fariseus e os escribas.

"Os fariseus e os escribas" mencionam-se aqui como dois grupos diferentes, assim como "os nos publique e pecadores" do vers. 1 constituíam também dois grupos. Com referência aos escribas e aos fariseus, ver pp. 53-54, 57. Alguns de os que nesta ocasião criticaram ao Jesus, mais tarde lhe aceitaram como seu Mesías (PVGM 151).

Murmuravam.

Gr. diagoggúzo, forma enfática do verbo goggúzo, "murmurar", "queixar-se" (ver com. Luc. 5: 30; Mat. 20: 11). Sem dúvida, alguns eram espiões comissionados por o sanedrín para seguir ao Jesus em qualquer lugar fora, para escutar, observar, e informar o visto (ver DTG 184; com. Luc. 11: 54). Com referência às raciocine pelas quais se queixaram, ver PVGM 145; com. vers. 1. É paradoxal que os que se consideravam exemplos de justiça se sentissem tão incômodos em presença do Jesus, enquanto que os que não pretendiam ser religiosos se sentiam atraídos ao Salvador (PVGM 144). A diferença radicava sem dúvida na hipocrisia dos primeiros e na ausência de fingimento nos segundos (Luc. 18: 9-14). Os uns não sentiam nenhuma necessidade das bênçõe que Jesus oferecia; os outros percebiam sua necessidade e não tentavam ocultá-la (ver com. Mat. 5: 3; Mar. 2: 5; Luc. 4: 26; 5: 8). Os uns estavam contentes com sua própria justiça; os outros sabiam que não tinham justiça própria que oferecer. Nós faríamos bem em nos perguntar como nos sentimos na presença de Jesus.

Este.

É provável que esta maneira de referir-se ao Jesus fora depreciativa (ver com. Luc. 14: 30; cf. Mat. 9: 3; 12: 24; 26: 71; Mar 2: 7; Luc. 7: 39; 14: 30; 18: 11; 22: 56, 59; Juan 6: 52).

Aos pecadores recebe.

Os escribas e os fariseus rechaçavam a quem, consideravam pecadores; mas Jesus os recebia. Em uma ocasião anterior, Jesus tinha enfrentado esta acusação com a afirmação de que ele não havia "vindo a chamar justos, a não ser a pecadores, ao arrependimento" (ver com. Mar 2: 17). Parece que os escribas e os fariseus estavam insinuando que Jesus preferia relacionar-se com semelhantes pessoas; porque a maneira em que viviam estas era compatível com a vida dele. Jesus odiava o pecado, mas amava ao pecador; enquanto que os fariseus e os escribas abrigavam o pecado, mas odiavam ao pecador. Jesus evidentemente amava aos pecadores, e estes críticos procuravam dar a impressão 795 de que, portanto, amava os pecados cometidos pelos pecadores (ver com. Luc. 15: 1). Jesus não demonstrava que se sentia socialmente superior a esses emparelha da respeitável sociedade; mas parecia preferir o trato com eles antes que com os dirigentes religiosos. Para esses pecadores só tinha palavras de ânimo; para os escribas e fariseus, que se consideravam justos, tinha unicamente palavras de censura e condenação (Luc. 14: 3-6, 11; ver com. Mar. 3: 4; Luc. 14: 4). Com referência a outras ocasiões nas quais os dirigentes judeus se queixaram de que Jesus se tratava conosco publique e pecadores, ver Luc. 7: 34, 37.

3.

Esta parábola.

Em outra ocasião e com um motivo diferente, Jesus apresentou uma parábola similar (Mat. 18: 12-14). Durante seu ministério na Perea parece como se Jesus o tivesse emprestado especial atenção às classes sociais deserdadas e desprezadas (ver com. Luc. 14: 21); e nesse período muita de seu ensino se dirigiu a sortes classes ou foi dada com referência a elas. As parábolas do cap. 15 destacam o cuidado de Deus para com aqueles a quem os homens muitas vezes desprezam, os esforços divinos por ganhar sua confiança, e o gozo de Deus quando respondem a suas exortações.

É importante assinalar que as três parábolas apresentam diferentes aspectos do problema do pecado e da salvação, e que nenhuma delas é completa em si mesma. Em cada uma das parábolas, perdido-o se encontra e é restaurado; e assim, em cada caso, Jesus justifica seu proceder para com os pecadores e seus esforços em benefício deles. As duas primeiras parábolas são as gemam, e destacam o esforço que fazem os homens para recuperar uma propriedade perdida e o gozo que sentem ao ter êxito. A primeira parábola destaca o cuidado do pastor, e portanto o valor intrínseco de uma alma à vista de Deus. A segunda parábola ilustra este último ponto de uma maneira diferente. A terceira parábola ilustra e destaca o processo mediante o qual o que está perdido encontra o caminho para retornar a Deus. Jesus muitas vezes respondia perguntas ou críticas relatando parábolas, como o fez nesta ocasião. Com referência ao ensino do Jesus por meio de parábolas e aos princípios que regem sua interpretação, ver pp. 193-197.

4.

Que homem de vós?

A cria de ovelhas era comum nas colinas da Perea, e nesta ocasião é indubitável que muitos dos que escutavam recordaram experiências quando tinham ido procurar ovelhas perdidas. A maior parte das parábolas do Jesus apoiavam-se em experiências pessoais de seus ouvintes ou no que conheciam (ver P. 194).

Cem ovelhas.

Em tempos do Jesus se considerava que este era um rebanho grande.

Se perder uma delas.

A perda de uma ovelha poderia parecer algo relativamente pequeno, mas para o dono do rebanho a perda de só uma ovelha era motivo de séria preocupação (cf. Juan 10: 10). Os pastores da Palestina estavam acostumada conhecer cada ovelha e cuidavam-nas uma por uma e não em conjunto; não só isto, mas também a perda de uma só ovelha equivalia a uma diferença apreciável em seus ganhos. É evidente que a ovelha da parábola se perdeu devido a sua própria ignorância e necedad, e já perdida era completamente impotente para retornar ao redil. Se dava conta que estava perdida, mas não sabia o que fazer. A ovelha perdida representa ao pecador individualmente e ao mundo em geral (PVGM 149). Esta parábola insígnia que Jesus teria morrido mesmo que tivesse existido tão somente um pecador (ver com. Juan 3: 16), assim como morreu pelo único mundo que pecou (ver com. Luc. 15: 7).

Deserto.

Gr. ér'mos, "deserto", "lugar desolado". Como adjetivo, a palavra ér'mos significa "solitário", "deserto", "desolado". Refere-se a um lugar sem habitantes (ver com. cap. 1: 80), e, portanto, terra sem cultivar ou incultivable. Mas aqui se fala dos campos de pastoreio da Perea, os colinas, os vales e as quebradas. É provável que este "deserto" não fora um lugar muito perigoso, e deixar ali as 99 ovelhas não demonstrava descuido ou despreocupação. Segundo o relata Mateo, o pastor deixou as ovelhas "nos Montes" (BJ). Ver com. cap. 18: 12.

Vai depois da que se perdeu.

Segundo a parábola, se o pastor não saía a procurar à ovelha, seguiria perdida; portanto, ele devia tomar a iniciativa para que a ovelha fora devolvida ao rebanho e ao redil. A efetividade da salvação não consiste em que nós procuremos deus, a não ser em que ele nos busca . Poderíamos buscá-lo eternamente por nossos próprios meios, mas jamais o encontraríamos. Qualquer ensino que afirme que o cristianismo não é mais que um intento humano para encontrar a Deus, passa completamente por alto o fato de que Deus é quem 796 busca ao homem (ver com. Juan 3: 16; cf. Mat. 1: 21; 2 Crón. 16: 9).

5.

Põe-a sobre seus ombros.

É evidente que o pastor põe a ovelha sobre seu pescoço e apóia o peso em ambos os ombros (ISA. 40: 11; 49: 22; 60: 4; 66: 12). Não arreganha à ovelha, não

toca-a, e nem sequer vai guiando; leva-a sobre seus ombros.

6.

lhes goze comigo.

Por muito agradecido que estivesse o pobre animal, o gozo do pastor é muitíssimo maior que o da ovelha.

7.

Haverá mais gozo no céu.

Os judeus usavam diversas expressões (ver com. cap. 12: 20), entre as quais estava o término "céu", para não pronunciar o nome de Deus. Os rabinos ensinavam que o pecador tinha que arrepender-se antes de que Deus estivesse disposto a amá-lo ou a lhe emprestar atenção. O conceito que tinham de Deus era, com muita freqüência, que Satanás desejava que tivessem. Pensavam que Deus concedia seu afeto e bênções só aos que lhe obedeciam e que os negava a aqueles que não lhe obedeciam. Jesus procurou mostrar a verdadeira natureza do amor de Deus (ver com. vers. 12) por meio da parábola do filho pródigo (vers. 11-32). O propósito único da missão do Jesus na terra poderia resumir-se, sem dúvida, na afirmação de que deveu revelar ao Pai (ver com. Mat. 1: 23). Compare-se com a expressão, "gozo diante dos anjos" (Luc. 15: 10).

Um pecador que se arrepende.

O amor divino teria impulsionado ao Jesus a fazer seu grande sacrifício embora tivesse sido em benefício de um solo pecador (PVGM 146, 154-155; ver com. Juan 3: 16). Note-a delicada relação entre este "pecador" e os "pecadores" do vers. 1. Não nos arrependemos para que possamos receber o amor de Deus, pois já era nosso quando ainda fomos pecadores (ROM. 5: 8). A "benignidade" de Deus manifestada em seu amor e em sua paciência é a que nos conduz ao arrependimento (ROM. 2: 4; cf. Fil. 2: 13).

Justos.

Há duas formas de interpretar esta expressão. Lhe pode dar seu exato sentido literal: há mais gozo pelo pecador que se arrepende que pelos justos que já se arrependeram e não têm por que arrepender-se outra vez; mas também pode entender-se que Jesus falava com certa ironia. Os fariseus e os escribas estavam orgulhosos de ser mais justos que os outros (cap. 18: 11-12), e quando Jesus falou de "justos" era natural que acreditassem que estavam nesta categoria, pois pensavam que não tinham do que arrepender-se (ver com. Juan 3: 4). portanto, se os fariseus e os escribas eram justos, quão pecadores eles desprezavam tinham que ser, necessariamente, os que necessitavam o amor e as cuidados que Jesus lhes concedia. Por esta razão não justificava-se a atitude crítica dos escribas e dos fariseus (PVGM 148-149). Com referência a outra resposta dada pelo Jesus em circunstâncias similares, ver Luc. 5: 31-32.

8.

Ou que mulher?

[Parábola da moeda perdida, Luc. 15: 8-10. Cf. Mat. 13: 44-46. Com

referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Para conhecer as circunstâncias que prepararam o ambiente para a apresentação desta parábola e sua relação com as parábolas da ovelha perdida e do filho perdido, ver com. vers. 3-4. A primeira parábola foi dirigida manifiestamente aos homens pressente, e é possível que esta fora dirigida especialmente às mulheres que escutavam (cf. Mat. 13: 33; Luc. 17: 35).

Na parábola da ovelha perdida o dono atuou por lástima ao animal e também por seu próprio interesse financeiro. Mas na parábola da moeda a mulher não sente compaixão. Ela só podia culpar a seu próprio descuido por ter perdido a moeda, e seu desejo de recuperá-la-se apoiava exclusivamente em seu interesse pessoal. A ovelha era culpado, em certo sentido, de haver-se extraviado; mas ninguém podia culpar à moeda de haver-se perdido. Esta parábola realça o valor intrínseco de uma alma, e o fato de que um pecador perdido tem tanto valor à vista de Deus que ele a buscará diligentemente até recuperá-la.

Dez dracmas.

Gr. drajm´, moeda grega que tinha aproximadamente o mesmo valor do denario romano (ver P. 51). Quanto ao valor aquisitivo do denario, ver com. Mat. 20: 2.

O número dez não tem um significado especial; aparece muitas vezes como número redondo (1 Sam. 1: 8; Anexo 7: 19; ISA. 5: 10; Amós 6: 9, etc.). Jesus empregou este número em várias parábolas (Mat. 25: 1, 28; Luc. 19: 13, 16-17). É possível que as dez moedas tivessem formado parte da dote da mulher e representassem suas economias. Possivelmente as tinha trocado de lugar quando limpava a casa.

Se perder uma dracma.

Seu descuido ocasionou a perda. A moeda não sabia que estava 797 perdida. Além disso, perdeu-se dentro da casa, não nos Montes, como a ovelha, nem em uma "província apartada" como o filho pródigo.

Acende o abajur.

As casas da Palestina tinham usualmente uma só habitação e a única luz natural entrava pela porta ou por janelas gradeadas. O dona-de-casa necessitava certamente luz artificial, embora fora de dia, para achar um objeto pequeno.

Varre a casa.

Muitas das casas de campo na Palestina ainda têm piso de terra. Em uma habitação escura com piso de terra seria fácil perder uma moeda e difícil encontrá-la. Provavelmente teria sido necessário procurá-la cuidadosamente para achá-la.

9.

lhes goze comigo.

O gozo que se compartilha com outros cresce no coração do que o compartilha. Tudo o que tenha encontrado algo valioso que temia que lhe tivesse perdido para sempre, pode compreender o gozo desta mulher (cf. ROM. 12: 15). Mas

na terra não há um gozo semelhante ao que se sente quando se encontra a um pecador perdido e o leva ao Jesus.

10.

Há gozo.

Ver com. vers. 7.

11.

Um homem.

[Parábola do filho pródigo, Luc. 15: 11-32. Com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Quanto às circunstâncias nas quais se pronunciou esta parábola e sua relação com as duas parábolas anteriores, ver com. vers. 3-4, 8. Embora não se tem indicação alguma quanto ao lugar nem ao tempo de a apresentação desta parábola, é razoável pensar que foi dada ao mesmo tempo que as duas que a precedem, ou muito pouco depois.

Esta é possivelmente a mais famosa de todas as parábolas do Jesus. Consta de dois partes: a primeira (vers. 11-24) põe de relevo as emoções do pai do filho pródigo, seu amor pelo jovem e seu gozo quando este retornou. A segunda parte (vers. 25-32) é uma repreensão para os que, como o irmão maior, estavam ofendidos pelo amor e o gozo do pai. É provável que a segunda parte fora a resposta de Cristo à falação dos escribas e os fariseus (vers. 2). As parábolas da ovelha perdida e da moeda perdida dão realce à parte de Deus na obra da redenção, enquanto que a parábola do filho pródigo destaca a parte que tem o ser humano em responder ao amor de Deus e atuar em harmonia com ele. Os judeus tinham uma compreensão completamente equivocada da natureza do amor divino (ver com. vers. 7). O filho menor representa na parábola aos nos publique e os pecadores; e o maior, aos escribas e os fariseus.

12.

O menor.

Este jovem, evidentemente cansado das restrições e sentindo possivelmente que seu liberdade era indevidamente limitada por um pai que só se preocupava com seus próprios interesses egoístas, desejava, por sobre todas as coisas, fazer o que mais lhe agradava. Sabia perfeitamente o que queria, ou, pelo menos, pensava que sabia. Mas que não sabia é evidente pelo fato de que quando voltou "em si" (vers. 17) trocou completamente seu proceder. Mas neste momento nem se entendia a si mesmo nem entendia a seu pai. E o pior de tudo era que não entendia nem apreciava o fato de que seu pai o amava, e que todas as decisões e regulamentos de seu pai se apoiavam sobre algo que ao final seria o melhor para seus filhos. O relato deixa em claro que o pai era sábio e pormenorizado, e de uma vez justo, misericordioso e muito razoável. Entretanto, o inexperiente jovem pensava que tinha o direito indisputável de aproveitar todos os privilégios por ser filho, mas sem levar nenhuma de seus responsabilidades. depois de pensá-lo bem decidiu que o único curso de ação que resolveria o problema, na forma que ele pensava que devia resolver, era abandonar seu lar e ir-se solo para viver a seu desejo. O proceder que escolheu era uma violação direta do quinto mandamento (Exo. 20: 12). Com referência aos fatores que afetam as responsabilidades dos filhos para com seus pais e as destes para com seus filhos, ver com. cap. 2:

52.

A parte dos bens.

sabe-se que o costume judia em tempos do Jesus permitia a partilha da propriedade enquanto vivia o pai, mas isto não era usual. O que o filho menor exigiu a seu pai era completamente incorreto. É evidente que a conduta do filho equivalia a uma falta de confiança em seu pai e a um rechaço total de sua autoridade.

Que me corresponde.

Esta expressão aparece usualmente nos papiros gregos, e se refere a um privilegio ao qual tinha ou podia ter direito uma pessoa, ou a uma obrigação a qual tinha que fazer frente.

Repartiu-lhes.

Segundo a lei, e com toda razão, o pai poderia não ter mimado à irrazonable exigência de seu filho; entretanto, a concedeu. O pai acessou, o qual 798 demonstra seu bom julgamento paterno, e permite compreender que a má eleição que fez o filho não se devia a uma atitude intransigente do pai. Há momentos quando parece que o melhor que um pai pode fazer é permitir que um jovem irrefletido faça o que queira para que aprenda por experiência própria quais são os funestos resultados de sua eleição.

Segundo a lei do Moisés, o filho maior devia receber dobro quantidade dos bens paternos, enquanto que cada um dos filhos menores recebia só uma quantidade (ver com. Deut. 21: 17). A quantidade adicional que recebia o filho maior tinha por objeto lhe proporcionar os recursos necessários para que pudesse desempenhar suas responsabilidades como chefe de família. Se um pai tinha só dois filhos, como ocorreu neste caso (vers. 11), o filho menor devia receber uma terceira parte dos bens do pai. Entretanto, a propriedade familiar que se repartia enquanto vivia o pai, pelo general permanecia intacta até a morte de este. Mas o filho menor exigiu que se dividisse a propriedade e também que lhe desse sua parte. Conforme se deduz do relato (vers. 13), o jovem converteu toda sua parte da propriedade em dinheiro ou em objetos de valor fáceis de levar.

13.

O filho menor.

O filho menor que se vai do lar paterno representa aos nos publique e os pecadores (vers. 1), quem tinha quebrado os laços que os uniam com seu Pai celestial e não faziam alarde de ser leais a Deus.

Uma província apartada.

O jovem não se conformou estabelecendo-se perto de seu lar, onde de vez em quando recordaria a seu pai e o conselho paterno. Procurou liberar-se de todas as restrições do lar; sem dúvida, desejava esquecer tudo. A "província apartada" representa, portanto, alojamento de Deus e esquecimento dele.

Desperdiçou seus bens.

Gastou rapidamente os bens que com tanto entusiasmo tinha juntado (ver com.

vers. 12). Sua consciência aparentemente estava adormecida, e na "província apartada", onde podia esquecer do conselho e a condução de seu pai, não havia nada que lhe impedisse de fazer exatamente o que lhe agradava. De acordo com seu conceito do que era viver, vivia a suas largas.

Vivendo perdidamente.

"Perdidamente", do Gr. asÇtÇs, "desenfrenadamente", "em forma dissoluta". É um advérbio que tem um prefixo negativo: a, "sem", e o adjetivo sÇs, "são", "íntegro". A maneira de viver do jovem se caracterizou pelo esbanjamento ou pelo desenfreio moral, ou por ambos. O filho maior da parábola destacou a segunda destas possibilidades quando falou do que tinha feito seu irmão menor (vers. 30). Entretanto, a vida de relaxamento moral está acostumado a incluir esbanjamento dos bens. A forma em que o jovem gastou seus recursos, que parecem ter sido abundantes, revela seu conceito da vida. Segundo o parecia, o homem vem ao mundo só com o fim de conseguir tudo o que possa, sem a obrigação de contribuir em nada.

14.

Quando todo o teve esbanjado.

Sua fortuna lhe tinha parecido tão grande, que pensou que podia gastar livremente sem necessidade de repor o dinheiro. Mas sua fortuna tinha desaparecido repentina e inesperadamente. E para piorar sua situação, "veio uma grande fome naquela província". Se tivesse sido diligente em aumentar seus recursos e cuidadoso em seus gastos, é provável que a fome não lhe haveria causado graves dificuldades. Mas é evidente que não tinha esperado a pobreza e a fome.

Começou a lhe faltar.

Os amigos de tempos melhores desapareceram quando se desatou a tormenta. Sem dúvida se pareciam muito ao pródigo: viviam para sua complacência própria. Mas o jovem era estrangeiro, recém-chegado, e nesses tempos difíceis, sem dúvida para todos, pareceu-lhes que apenas se podiam fazer frente a suas próprias necessidades. A liberalidade do jovem (ver com. vers. 13) não lhe tinha ganho nem sequer um amigo do qual pudesse depender em sua hora de necessidade.

15.

aproximou-se.

Gr. kolláÇ, "unir-se a", "pegar-se a". O pródigo se vendeu virtualmente a um que tinha muito pouco que lhe oferecer.

Um dos cidadãos.

Como o jovem estava em uma "província longínqua", é provável que este cidadão fora gentil e pagão.

Sua fazenda.

Este cidadão tinha evidentemente uma boa propriedade.

Para que apascentasse porcos.

Dificilmente poderia haver um trabalho mais degradante para um judeu, para quem o porco era um animal imundo. O jovem não poderia haver-se humilhado mais. Possivelmente não estava capacitado para um emprego melhor. É evidente que em sua casa não tinha ocupado seu tempo provechosamente aprendendo algum ofício, e sua vida dissoluta (vers. 13) tinha-o convertido em um desamparado pela sociedad.799

16.

Encher seu ventre.

É muito claro que nem sequer podia ganhar o suficiente para comer, e se viu reduzido a triste situação de que lhe parecia apetecível a comida dos porcos. Suas ambições não eram agora superiores às dos porcos. Em verdade, nos dias de sua vida dissoluta, suas ambições tampouco tinham sido mais elevadas; mas não se deu conta até que sentiu verdadeira fome.

Algarrobas.

Gr. kerátion, "cuernecito". Este é o nome que lhe dava ao fruto do algarrobo devido à forma de suas vagens. A algarroba foi chamada "pão de San Juan", porque segundo a tradição, constituía a base da alimentação do Juan o Batista (ver Nota Adicional do Mat. 3). depois de tirar as sementes para o consumo humano, as vagens se usavam como alimento para os animais domésticos. O algarrobo ainda se cultiva na Palestina.

17.

Voltando em si.

Algumas pessoas parecem ir, à deriva levados pelas correntes da vida, sem pensar seriamente até que se enfrentam com a morte. O jovem pródigo tinha estado, sem dúvida, fora de si, mas sua terrível necessidade o obrigou a voltar em si. Quem vive, ou mas bem existem, exclusivamente em um nível físico nada mais, não têm a capacidade de compreender as lições da vida exceto quando estas lhes apresentam sob a forma de necessidades, desejos ou dores físicos. Este jovem tinha vivido fora de si, mas agora voltou em sim. encontrou-se a si mesmo -indubitavelmente uma experiência nova- e começou a compreender quão néscio tinha sido.

!Quantos jornaleiros!

Note-se que se fala de "jornaleiros" e não de escravos. É provável que o jovem tivesse desprezado ou até maltratado aos jornaleiros de seu pai. Agora a sorte de um jornaleiro na casa de seu pai lhe parecia extremamente desejável. Em a prática, era um escravo que se estava morrendo de fome. A liberdade de a qual se gabou, finalmente tinha resultado ser a pior classe de escravidão, o qual tinha ocorrido sempre, mas o jovem não se deu conta. Este era o ponto culminante de uma vida vivida segundo a filosofia do mundo materialista. Sua condição era o resultado de seu próprio proceder. Para o pródigo agora começava a cobrar significado a sabedoria da filosofia que seu pai tinha da vida.

18.

Levantarei-me.

Possivelmente tanto moral como fisicamente. levantou-se da letargia e da desespero que tinham escurecido sua vida com a sinistra ameaça do desastre e a desolação. Ainda não tinha um conceito correto da natureza do amor de seu pai. Mas a justiça de seu pai tinha produzido a desesperada-se esperança de que o trataria assim como tratava a seus jornaleiros.

pequei.

Parece que não lhe ocorreu a possibilidade de inventar algum pretexto para justificar sua conduta, nem muito menos culpar a seu pai pelo ocorrido. Seu condição atestava que seu pai sempre tinha tido razão e que ele se havia equivocado. Sua confissão devia ser honrada e completa.

Contra o céu.

A instrução religiosa que tinha recebido em casa de seu pai não tinha sido inteiramente esquecida. Compreendia que qualquer falta contra sua próximo era conceituada pelo céu como se se cometeu contra Deus (Gén. 39:9). Tinha estado violando abertamente todo o tempo os princípios do quinto mandamento, e possivelmente os dos outros mandamentos.

19.

Já não sou digno.

Não se sentia digno de apresentar uma razão para que lhe desse trabalho na imóvel familiar. Não podia pretender que a houvesse, porque era evidente que não podia lhe pedir nada a seu pai.

Como a um de seus jornaleiros.

Pediria que lhe concedesse trabalho como um favor e não como um direito. Não tinha direitos. Antes não tinha estado disposto a submeter-se como filho à disciplina paterna; agora estava disposto a submeter-se à disciplina que seu pai, como dono da propriedade, aplicava a seus servos. Virtualmente havia renunciado a seu pai, e poderia haver-se esperado que o pai, com toda justiça, deserdasse-o como a filho. Entretanto, existia a possibilidade de que o aceitasse como servo.

20.

Levantando-se, veio.

Evidentemente, o pródigo atuou sem demora, e assim que fez sua decisão, a levou a cabo. Na parábola o filho é o que toma a iniciativa para voltar ao pai. Parece como se fora a eleição do filho e não o amor do pai o que efectúa a reconciliação. Por isso alguns chegaram à conclusão errônea de que Jesus ensina que o primeiro passo na reconciliação é que a pessoa volte para Deus por sua própria vontade, e não que é o amor de Deus o que primeiro a atrai. Entretanto, esta conclusão viola mais de um princípio fundamental na interpretação das parábolas de Cristo (ver pp. 193-197). Além disso, nas parábolas da 800 ovelha perdida e da moeda perdida, Jesus claramente expôs a verdade que aqui fica em dúvida: que a iniciativa para alcançar a salvação e a reconciliação provém de Deus. Além disso, nenhuma parábola apoiada nas relações humanas comuns pode refletir perfeitamente todos os aspectos do amor e da misericórdia de Deus. Deus deu a seu Filho ao mundo antes de que os homens acreditassem nessa dádiva (Juan 3: 16), e as

Escrituras ensinam especificamente que até o desejo de fazer o correto é implantado no coração humano Por Deus (Fil. 2: 13).

Viu-o seu pai.

Jesus insinúa que o pai estava esperando que o filho voltasse. Parece que o pai conhecia tão bem o caráter e a disposição de seu filho, que sabia que mesmo que lhe tinha dado sua parte da fortuna familiar e se havia despedido dele, faltavam-lhe os rasgos essenciais de caráter que o permitiriam fazer de sua aventura um êxito. Evidentemente tinha raciocinado que cedo ou tarde o jovem voltaria em si (ver com. vers. 17), que refletiria. E reconheceu a seu filho mesmo que estava longe e talher de farrapos. Nos vers. 20-24 Jesus mostra a seus ouvintes o caráter do pai, e nos vers. 11-19 descreve o caráter do filho menor.

Correu.

O pai poderia ter esperado que seu filho chegasse até onde ele estava, mas não o fez, mas sim demonstrou seu desejo e o gozo de seu coração correndo ao encontro de seu filho.

tornou-se sobre seu pescoço.

Quer dizer, abraçou-o. O filho não havia dito nada até este momento, mas o feito de que retornasse em tão deplorável estado falava com maior eloqüência que as palavras que pudesse ter pronunciado. Tampouco se diz nada assim que ao que o pai pôde haver dito a seu filho, mas as ordens que deu aos servos mais suas manifestações de amor paternal, eram também mais eloqüentes que as palavras que pôde ter pronunciado.

21.

pequei.

Ver com. vers. 18.

De ser chamado seu filho.

A evidência textual (cf. P. 147) favorece o aplique: "me faça como a um de vocês jornaleiros". Mas o pai tinha outros planos: trataria-o como a um filho e não como a um jornaleiro.

22.

Tirem.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a inclusão da palavra "rapidamente". "Tragam às pressas o melhor vestido" (BJ).

Vestido.

Gr. stol', objeto masculino, exterior e ampla que chegava até os pés.
Estavam acostumados a usá-la-as pessoas de hierarquia. Do primeiro momento o pai o recebeu como filho e não como servo. O pai já havia talher ao jovem com seu próprio manto para que não se vissem seus farrapos, e lhe evitar a vergonha de que nem sequer os servos da casa o vissem vestido desse modo (PVGM 160).
Não é provável que os servos tivessem acompanhado a seu senhor quando saiu

correndo a receber a seu filho, e que portanto a ordem de tirar o melhor vestido fora dada quando pai e filho se aproximavam da casa.

Um anel.

Uma evidência mais de que o pai ainda o considerava como seu filho. É provável que este fora um anel de selar (ver com. Est. 3: 10; 8: 2); se o era, o fato de ficar o indicaria ainda mais claramente que tinha sido recebido novamente como membro da família. Não há dúvida de que o jovem fazia muito que tinha vendido ou empenhado o anel que antes usava.

Calçado.

Quer dizer "sandálias" (ver com. Mat. 3: 11). Os servos usualmente andavam descalços. O calçado é outro sinal de que o pai recebia ao pródigo arrependido como filho e não como servo. O melhor vestido, o anel e o calçado não eram coisas necessárias, a não ser objetos especiais de seu favor. O pai não só supriu as necessidades de seu filho, mas também o honrou, e ao fazê-lo demonstrou o amor e o gozo que enchiam seu coração. Com esta parábola Jesus justificou a bem-vinda que dava aos pecadores que se reuniam ao redor dele (ver com. vers. 1), e repreendeu aos escribas e aos fariseus pela atitude severo que tinham assumido contra ele por havê-los recebido (ver com. vers. 2).

24.

Meu filho morto era.

Para o pai tinha estado "morto" literal e figuradamente, devido à dolorosa separação entre ambos. Com referência ao uso figurado da palavra "morto", ver com. cap. 9: 60.

Começaram a regozijar-se.

O jovem se encontrou não na condição de servo, como o tinha esperado, a não ser como convidado de honra em um banquete celebrado para festejar sua volta. Tal festa normalmente duraria várias horas.

25.

Seu filho maior.

Na parábola não se diz nada mais em forma direta quanto ao filho menor. Sua restauração se completou, e a lição da parábola no que concernia a ele -a benigna bem-vinda que o céu concede ao pecador que retorna e se arrepende- é clara. Até este momento 801 Jesus justificou sua atitude de simpatia para os nos publique e os pecadores (ver com. vers. 2). O resto da parábola (vers. 25-32) refere-se à atitude dos fariseus e dos escribas para os pecadores (ver com. vers. 2), a qual se representa com a atitude do irmão maior para o menor. Esta parte da parábola foi apresentada como uma repreensão a aqueles hipócritas que se consideravam justos e murmuravam pela maneira como Jesus tratava aos que desprezava a sociedade (vers. 2).

No campo.

Estava trabalhando como devia fazê-lo um filho obediente (Mat. 21: 28-31). Os

escribas e fariseus também estavam trabalhando intensamente com a esperança de ganhar a herança que o Pai celestial concede aos filhos fiéis; mas serviam a Deus não por amor (ver com. Mat. 22: 37), mas sim como um dever e para ganhar a justiça por suas obras. Esta mesma atitude tinha existido entre seus antepassados nos dias do Isaías (ISA. 1: 11-15) e do Malaquías (Mau. 1: 12-14). Em lugar de uma verdadeira obediência, ofereciam a Deus uma falsificação: o cumprimento meticuloso das tradições humanas (ver com. Mar. 7: 6-13), sem ter em conta as palavras do Samuel, que "o obedecer é melhor que o sacrifício, e o emprestar atenção que a grosura dos carneiros" (1 Sam. 15: 22; cf. com. Mat. 7: 21-27).

A música.

Gr. sumfÇnía, literalmente "sons ao uníssono"; deste vocábulo deriva a palavra "sinfonia". SumfÇnía pode significar música produzida por vários instrumentos ou por várias vozes, ou também pode referir-se no nome de um instrumento (ver com. Dão. 3: 5). É provável que se chamaram músicos profissionais para animar a festa. É evidente que o pai não economizou esforços para fazer que a volta de seu filho, perdido portanto tempo, fora a ocasião de celebrar um grande festejo, cuja notícia testemunharia ante todos quão vizinhos o filho tinha sido reincorporado à família.

28.

zangou-se.

Assim se zangavam os escribas e os fariseus com o Jesus (vers. 2). A irritação do filho maior estabelece um agudo contraste com o imenso gozo do pai (ver com. vers. 20, 22).

Não queria entrar.

O grego, como o castelhano, indica que sua atitude negativa se prolongou. A pesar dos rogos de seu pai, seguia aborrecido com este e com seu irmão.

29.

Sirvo-te.

O problema era que o irmão maior atuava como servo e não como filho. Afirmava que a propriedade de seu pai lhe correspondia por direito, pois a tinha ganho; e estava zangado (vers. 28) com seu pai por não reconhecer o que considerava como seu direito por ser o filho maior.

Não te havendo desobedecido jamais.

Observava rigorosamente todos os requisitos externos que como filho o correspondia obedecer, mas não compreendia em nada o verdadeiro espírito da obediência. Seu serviço não era mais que o cumprimento servil das formas externas da piedade filial.

Nunca me deste.

O grego diz: "nunca me deu", como se queria destacar a diferença do trato do pai entre o pródigo e ele, o filho maior. Consciente ou inconscientemente, o filho maior estava ciumento pela atenção que se o emprestava a seu irmão, e é provável que sentisse que toda essa atenção o

correspondia a ele. queixou-se de que nunca tinha sido recompensado, nem sequer com um "cabrito", muito menos com um "bezerro gordo". Sem dúvida também sentia temor de que ao ser restaurado seu irmão menor, o pai pudesse dar a este irmão esbanjador uma parte da propriedade que agora legalmente o pertencia a ele (ver com. vers. 12). O irmão maior possivelmente insinuava que até o bezerro gordo era legalmente dele, e que o pai não tinha direito de tomar nem esse bezerro nem nenhuma outra costure sem seu consentimento.

me gozar com meus amigos.

Com estas palavras pareceria insinuar, além disso, que sua sorte tinha sido triste e que, em certo modo, invejava a seu irmão a vida que tinha levado. Não se tinha gozado no serviço de seu pai; em realidade, não parecia nem mesmo sentir-se feliz com a companhia de seu pai, mas sim preferia a de seus "amigos".

30.

Este seu filho.

Esta expressão revela desprezo e sarcasmo (ver com. cap. 14: 30; 15: 2). O filho maior se nega a chamar seu irmão ao filho menor. burla-se fríamente do pai chamando-o "seu filho". Intimamente possivelmente se sentia mais justo que seu pai ou seu irmão.

consumou seus bens.

Cf. vers. 12.

Com rameiras.

Não se diz se o irmão maior estava seguro de que assim tinha ocorrido, ou se era só uma hipótese dela.

31.

Filho.

Gr. téknon, "menino", "filho". O pai não emprega aqui a palavra huiós, "filho", mas sim se dirige ao filho maior com este término 802 mais afetuoso, téknon. É como se lhe houvesse dito: "meu querido moço".

Você sempre está comigo.

O filho menor não tinha estado "sempre" com ele, e esta era a razão da festa. Compare o regozijo do pastor por ter achado a ovelha perdida com o gozo que sente pelas que não se extraviaram do redil (ver com. vers. 4, 7). Entretanto, o pai segue expressando que sente o mesmo amor por seu filho maior, mesmo que não houvesse ocasião de demonstrá-lo por meio de uma festa.

Todas minhas coisas são tuas.

Quando o pai dividiu sua propriedade e lhe entregou ao filho menor a parte que o correspondia, também lhe tinha entregue ao filho maior as duas partes que o correspondiam como primogenitura (ver com. vers. 12). Isto demonstra que era falsa a acusação de que o pai tinha sido mesquinho com ele (vers. 29). A

propriedade era agora do filho maior e ele poderia haver-se gozado com seus amigos se assim o tivesse querido. Com isto o pai lhe assegura que seus direitos de nenhum modo serão afetados pelo retorno de seu irmão. Se isso for o que o molesta, pode desprezar seus temores e unir-se ao festejo. O pai prova, um depois de outro, que todos os argumentos do filho maior carecem de validez, e o convida a unir-se para dar a bem-vinda a seu irmão (ver com. vers. 28).

32.

Era necessário.

O filho menor não merecia, na verdade, a recepção que tinha recebido; mas o pai afirmava que era correto e necessário lhe dar ao jovem uma alegre bem-vinda. A festa não foi dada porque o filho menor tivesse méritos; era simplesmente a expressão do gozo do pai, e correspondia que o irmão maior também participasse desse gozo. E conforme o disse Jesus, esta devia ser também a atitude dos escribas e dos fariseus para os pecadores. O afeto do pai com seu filho que portanto tempo tinha estado perdido, não diminuía em nada seu amor pelo filho maior. Seu amor os incluía os dois, a pesar das evidentes falta de ambos. Felizmente o amor de nosso Pai celestial para conosco não se apóia em quanto possamos merecer seu grande amor

Este seu irmão.

Em resposta à expressão de desprezo empregada pelo irmão maior, "este seu filho" (vers. 30), o pai utiliza uma expressão de tenro rogo: "você irmão". Neste rogo do pai ao filho maior, Jesus apresenta seus próprios rogos aos escribas e aos fariseus. Ama-os tanto como aos nos publique e os pecadores (vers. 1-2). Não têm que sentir-se ofendidos por sua atitude para esses desventurados que despreza a sociedade. Não têm por que temer por seus próprios direitos e privilégios. Mas sim é necessário que troquem seu atitude para Deus e seus próximos. Compare-se com a parábola do bom samaritano (Luc. 10: 25-37) e a experiência do jovem rico (Mat. 19: 16-22).

Não se diz nada quanto ao que ocorreu depois. Não se sabe se o filho maior trocou de atitude ou se o filho menor se conduziu em forma honorável. Nenhuma destas coisas era importante para as lições que Jesus desejava ensinar por meio desta parábola. Na verdade, a parábola ainda se desenvolvia, e seu resultado final estava em mãos dos ouvintes (PVGM 164).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 PVGM 144-145

1-7 2 T 21

1-10 PVGM 144 -155

2 OE 179; PVGM 148

4 OE 189; PVGM 145-146; 2T 21

4-5 Ev 16

4-6 CM 153; FÉ 273; 2JT 407; 2T 218

4-7 1JT 303; 2JT 246

4-10 4T 264; 7T 241

5-7 2T 22

6-7 2JT 407; OE 190; PVGM 148

7 FÉ 274; HAp 124; 1JT 360; MB 262; MeM 125, 245, 316; NB 208, 397; PVGM 28, 189; 2T 219; 5T 629; 6T 462; TM 151

8 1JT 303; PVGM 151

8-10 2JT 247; MC 120

9-10 1JT 304; PVGM 151

10 CMC 363; FÉ 210; MB 98; MC 394; MJ 20; OE 513

11-13 PVGM 156

11-24 Ev 46

11-32 MJ 406; PVGM 156-166

12 1JT 305

13 PVGM 157

13-20 1JT 305

17-19 PVGM 159

18-19 DC 54 803

19-20 5T 632

20 DC 54; MJ 95; PVGM 160

20-24 1JT 307

21 TM 151

21-23 PVGM 160

24 DTG 459

24-30 PVGM 163

25-32 1JT 307

30-31 PVGM 164

32 DTG 459; PVGM 164,166

CAPÍTULO 16

1 A parábola do mordomo infiel. 14 Cristo reprova a hipocrisia dos fariseus avaros. 19 O rico glutão e Lázaro o mendigo.

1 DISSE também a seus discípulos: Havia um homem rico que tinha um mordomo, e este foi acusado ante ele como esbanjador de seus bens.

2 Então lhe chamou, e lhe disse: O que é isto que ouço a respeito de ti? Dá conta de sua mordomia, porque já não poderá mais ser mordomo.

3 Então o mordomo disse para si: O que farei? Porque meu amo me tira a mordomia. Cavar, não posso; mendigar, dá-me vergonha.

4 Já sei o que farei para que quando me tirar da mordomia, recebam-me em suas casas.

5 E chamando a cada um dos devedores de seu amo, disse ao primeiro: Quanto deve a meu amo?

6 O disse: Cem barris de azeite. E lhe disse: Toma sua conta, sente-se logo, e escreve cinqüenta.

7 Depois disse a outro: E você, quanto deve? E ele disse: Cem medidas de trigo. O lhe disse: Toma sua conta, e escreve oitenta.

8 E elogiou o amo ao mordomo mau por ter feito sagazmente; porque os filhos deste século são mais sagazes no trato com seus semelhantes que os filhos de luz.

9 E eu lhes digo: Ganhem amigos por meio das riquezas injustas, para que quando estas faltem, eles recebam nas moradas eternas.

10 O que é fiel no muito pouco, também no mais é fiel; e o que no muito pouco é injusto, também no mais é injusto.

11 Pois se nas riquezas injustas não foram fiéis, quem lhes confiará o verdadeiro?

12 E se no alheio não foram fiéis, quem lhes dará o que é seu?

13 Nenhum servo pode servir a dois senhores; porque ou aborrecerá ao um e amará ao outro, ou estimará ao um e menosprezará ao outro. Não podem servir a Deus e às riquezas.

14 E ouviam também todas estas coisas os fariseus, que eram avaros, e se burlavam dele.

15 Então lhes disse: Vós são os que lhes justificam a vós mesmos diante dos homens; mas Deus conhece seus corações; porque o que os homens têm por sublime, diante de Deus é abominação.

16 A lei e os profetas eram até o Juan; após o reino de Deus é anunciado, e todos se esforçam por entrar nele.

17 Mas mais fácil é que passem o céu e a terra, que se frustre uma til da lei.

18 Tudo o que repudia a sua mulher, e se casa com outra, adultera; e o que se

casa com a repudiada do marido, adultera.

19 Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e de linho fino, e fazia cada dia banquete com esplendidez.

20 Havia também um mendigo chamado Lázaro, que estava jogado à porta de aquele, cheio de chagas,

21 e ansiava saciar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham e lhe lambiam as chagas.

22 Aconteceu que morreu o mendigo, e foi levado pelos anjos ao seio de Abraham; e morreu também o rico, e foi sepultado.

23 E no Hades elevou seus olhos, estando em torturas, e viu de longe ao Abraham, e ao Lázaro em seu seio.

24 Então ele, dando vozes, disse: Pai Abraham, tenha misericórdia de mim, e envia ao Lázaro para que molho a ponta de seu dedo em água, e refresque meu língua; porque estou atormentado nesta chama.

25 Mas Abraham lhe disse: Filho, te lembre que recebeu seus bens em sua vida, e Lázaro 804 também males; mas agora este é consolado aqui, e você atormentado.

26 além de tudo isto, uma grande sima está posta entre nós e vós, de maneira que os que queriam passar daqui a vós, não podem, nem de lá passar para cá.

27 Então lhe disse: Rogo-te, pois, pai, que lhe envie à casa por mim pai,

28 porque tenho cinco irmãos, para que lhes ateste, a fim de que não venham eles também a este lugar de tortura.

29 E Abraham lhe disse: Ao Moisés e aos profetas têm; ouçam-nos.

30 O então disse: Não, pai Abraham; mas se algum for a eles de entre os mortos, arrependerão-se.

31 Mas Abraham lhe disse: Se não ouvir ao Moisés e aos profetas, tampouco se persuadirão embora algum se levantasse dos mortos.

1.

Disse também.

[Parábola do mordomo infiel, Luc. 16: 1-18. Com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Não se dá nenhuma informação específica nem do lugar, nem do tempo, nem das circunstâncias relacionadas com a apresentação das parábolas e dos ensinos do cap. 16. Entretanto, as primeiras palavras parecem indicar que o que aqui se registra transcorreu pouco depois do que narra-se no cap. 15, e possivelmente na mesma ocasião. Faltavam apenas uns meses para que concluíra o ministério de Cristo, pois estava transcorrendo janeiro ou fevereiro do ano 31 d. C. Quando Jesus apresentou estes ensinos, tal vez se encontrava em Perca, ao leste do Jordão (ver com. cap. 15: 1).

A seus discípulos.

Como tantas vezes tinha ocorrido (ver com. Mat. 5: 1-2), Jesus se dirigiu primeiro a seus discípulos, embora também outros puderam ter estado pressente. Também agora, como no Lucas 15 (vers. 2), havia fariseus pressente (cap. 16: 14), e finalmente Jesus lhes falou em forma direta (vers. 15; ver com. vers. 9). Também havia nos publique entre os ouvintes, e a parábola tinha um significado especial para estes, muitos dos quais sem dúvida eram ricos.

Um homem rico.

Lucas é o único que registra esta parábola, e o mesmo pode dizer-se também de boa parte do registro do ministério de Cristo na Perea (ver com. Mat. 19: 1-2; Luc. 9: 51). Esta parábola e a seguinte -a do rico e Lázaro- se referem ao uso das oportunidades pressente vinculadas com a vida futura (Luc. 16: 25-31), especialmente à administração das coisas materiais. A primeira parábola foi dirigida especificamente aos discípulos, enquanto que a segunda foi pronunciada principalmente para benefício dos fariseus. A primeira ilustra um princípio vital de uma mordomia honrada: o uso sensato e diligente das oportunidades atuais. A segunda enfoca o problema da mordomia de um ponto de vista negativo; outro tanto fazem as parábolas do amigo que chama meia-noite (cap. 11: 5-10) e a do juiz injusto (cap. 18: 1-8).

Na primeira parábola Jesus pede aos homens que não pensem mais nas coisas temporários a não ser nas eternas (PVGM 301). Entre os nos publique tinha ocorrido um caso similar pouco tempo antes (PVGM 302), e os nos publique pressente possivelmente sentiram-se muito impressionados ao escutar a narração do Jesus.

Para os comentadores esta parábola é, geralmente, difícil de explicar, especialmente pelo aparente elogio que recebe o mordomo infiel (vers. 8). Estes problemas se devem a que se tenta dar um determinado significado a cada detalhe da parábola, por exemplo, que o "homem rico" representa a Deus. Esta parábola não deve interpretar-se em forma alegórica. Um dos princípios fundamentais da interpretação de parábolas é que não deve tentar-se dar um significado especial a cada detalhe. Com referência a princípios de interpretação, ver pp. 193-194. Jesus queria que esta parábola ensinasse uma verdade específica: a que assinala nos vers. 8-14.

Um mordomo.

O encarregado de administrar uma casa ou determinados bens. Conforme se deduz do contexto, este "mordomo" era livre e não escravo como o eram alguns mordomos. Se tivesse sido escravo teria passado a ser escravo de outro amo, e não precisaria haver-se preocupado por ganhá-la vida depois de que fora despedido de seu trabalho. Além disso, se tivesse sido escravo, não teria estado em liberdade para desenvolver o plano que se propunha (vers. 4).

Esbanjador.

Ao mordomo o acusavam de roubar sistematicamente a seu senhor (PVGM 301), e as acusações parecem ter estado tão bem fundadas que seria despedido antes de que tivesse oportunidade de dar conta de 805 sua mordomia (vers. 2). O mordomo pôde ter dissipado ou esbanjado os bens por negligência ou por incapacidade, mas a astúcia que revela nos vers. 4-8 dá a entender que era muito hábil, tanto como para poder atender bem seus próprios interesses.

Dá conta de sua mordomia.

Devia ajustar suas contas e entregar os resultados a seu amo, quem os examinaria para decidir quais acusações eram certas contra seu mordomo.

3.

Disse para si.

Enquanto o mordomo ajustava suas contas para entregar-lhe a seu senhor, começou a pensar no que podia fazer.

Não posso.

Quer dizer "não tenho forças", "não sou capaz", "não me ânimo".

4.

Já sei.

Evidentemente o mordomo era culpado e sabia que não podia justificar-se. Se tivesse sido honrado em sua mordomia, não é provável que neste momento tivesse recorrido a manejos ardilosos similares a aqueles dos quais era acusado. Ao parecer, tinha estado vivendo de suas fraudes, e agora forjava um plano ainda mais ardiloso para que o fora possível seguir vivendo com folga. Enquanto o mordomo pudesse fazê-lo, seguiria utilizando sua autoridade como um médio para resolver seu futuro incerto.

Recebam-me.

O mordomo pensou então nos devedores de seu amo (vers. 5). Se as engenharia para que contraíram uma dívida pessoal com ele.

5.

Chamando a cada um.

"Convocando um por um aos devedores de seu senhor" (BJ). O mordomo levou a cabo seu plano em forma sistemática e diligente. Se tivesse empregado a mesma diligência e habilidade que usou em benefício próprio para fazer prosperar os negócios de seu senhor, teria obtido o êxito em vez do fracasso. Em troca José, como servo em casa do Potifar, demonstrou rasgos de caráter que o tornaram muito valioso aos olhos de seu senhor (Gén. 39: 1-6). Fez prosperar os bens de seu amo egípcio como se tivessem sido os seus, e foi subido ao cargo de mordomo da casa do Potifar.

Quanto deve?

Dá a impressão que o mordomo, por causa de incompetência ou descuido, não tinha registros completos de tudo seus transações comerciais ou não tinha nenhum registro delas. De ser assim, facilmente poderia negociar-se fraudulentamente com os que tinham comprado os bens de seu senhor, para defraudá-lo e beneficiar-se a si mesmo e aos compradores.

6.

Barris.

Gr. bátos, deriva do Heb. bath, medida de líquidos equivalente aproximadamente a 22 lt (ver T. I, P. 176). portanto, 100 batos equivaleriam a 2.200 lt, dívida relativamente grande.

Azeite.

Sem dúvida azeite de oliva, comum na Palestina e nos países vizinhos.

Conta.

Literalmente "o escrito". Refere-se a documentos comerciais, possivelmente ao nota promissória assinado pelo devedor.

Logo.

Evidentemente eram muitos os que comercializavam com o mordomo, e para que seu plano funcionasse bem, devia levá-lo a cabo sem demora.

7.

Medidas.

Gr. kóros, deriva do Heb. kor, uma medida de capacidade para áridos de 220 lt (ver T. I, P. 176). Os cem coros de trigo equivaleriam a 22.000 lt, também uma dívida grande.

8.

Elogiou o amo.

Estas palavras não são um comentário feito pelo Lucas -como o afirmaram alguns-, a não ser uma parte da parábola do Jesus. que elogiou ao mordomo foi o rico do vers. 1. É totalmente inconcebível que Jesus tivesse dado um elogio semelhante ao fraudulento plano do mordomo infiel para extorquir a seu senhor (PVGM 302). O conceito que Jesus tinha deste mordomo se torna de ver nestas palavras: "mordomo mau". Entretanto, posto que este elogio é o ponto culminante da parábola, é evidente que Jesus encontrou no louvor do rico para seu mordomo algo útil para ensinar uma lição aos discípulos e aos que escutavam. O relato mostra claramente qual era o ensino chave. O rico não justificou a fraude de seu mordomo, pois o estava despedindo por ser fraudulento; entretanto, a astúcia com que havia culminado sua carreira delitiva o hábil estelionatário do mordomo era tão impressionante, e a minuciosidad com a qual tinha levado a cabo seu plano era tão digna de propósitos mais nobres, que o rico não pôde menos que admirar a astúcia e a diligência de seu ex-mordomo.

Por ter feito sagazmente.

Quer dizer, do ponto de vista de seus interesses pessoais tinha sido sagaz conquistando amigos que se sentiriam comprometidos com ele no futuro. O advérbio fronímÇs, traduzido "sagazmente" como sua forma adjetival, frónimÇs (Mat. 7: 24; 10: 16), derivam de fr'n, "mente". Nós diríamos que o mordomo as tinha engenhado muito bem. Tinha sido bom previdente, riscando planos hábeis e ardilosos 806 para seu futuro. Sua sagacidade ou astúcia consistiu essencialmente em aproveitar ao máximo suas oportunidades enquanto as tinha a

mão. Se o mordomo tivesse demorado tanto no acerto de contas com os devedores de seu senhor como o tinha feito antes ao dirigir seus negócios, não teria tido êxito em seu delituoso plano.

Os filhos deste século.

Século se considera aqui do ponto de vista do tempo e dos acontecimentos temporários. Os que vivem para este século [mundo] ficam aqui em contraste com os que vivem para o mundo vindouro: "os filhos de luz".

Mais sagazes.

Os que vivem exclusivamente para esta vida, muitas vezes se esforçam mais para adquirir o que ela lhes oferece, que os cristãos que se preparam para alcançar o que Deus dará a quem escolhe lhe servir. É uma debilidade humana emprestar mais atenção à forma em que podemos nos servir a nós mesmos antes que à maneira de servir a Deus e a nossos próximos (PVGM 304-305).

O cristão deve caracterizar-se por seu zelo, mas seu zelo deveria ser "conforme a ciência"

(ROM. 10: 2). Deve ter um verdadeiro sentido dos valores para que possa destacar-se (ver com. Mat. 6: 24-34).

No trato com seus semelhantes.

O grego diz, "em sua geração"; a BJ traduz, "para suas coisas". São mais sagazes "em [esta] sua geração" porque é a única época na qual se interessam e para a qual vivem (ver com. Mat. 23: 36).

Filhos de luz.

Cf. Juan 12: 36; F. 5: 8; 1 Lhes. 5: 5. Jesus também empregou expressões tais como "filhos de Deus" (Mat. 5: 9; Luc. 20: 36; Juan 11: 52), "filhos do reino" (Mat. 8: 12; 13: 38), "filhos de seu Pai" (Mat. 5: 45), para referir-se aos que aceitavam seus ensinos e punham o reino dos céus em o primeiro lugar em suas vidas (ver com. Mat. 6: 33).

9.

Ganhem amigos.

Jesus se dirige agora aos fariseus pressente (PVGM 303; vers. 14), quem como dirigentes da nação judia eram, em um sentido especial, mordomos de a verdade e das bênçõe que Deus tinha concedido a seu povo escolhido (ver T. IV, pp. 28-30). Como mordomos do céu, os dirigentes do Israel tinham estado dissipando os "bens" que lhes tinham crédulo, e não passaria muito tempo antes de que lhes pedisse que prestassem conta de sua mordomia.

Jesus não estava insinuando que o céu pode comprar. A verdade a qual dirige a atenção é que deveríamos aproveitar as oportunidades pressente para assegurar nosso bem-estar eterno. Somos só mordomos das posses materiais que nesta vida chegam a nossas mãos, e Deus nos há crédulo estes bens para que possamos cultivar os princípios de uma mordomia fiel. Tudo o que temos nesta vida é alheio, quer dizer, é de Deus e não nosso (Luc. 16: 12; cf. 1 Cor. 6: 19). Devemos gastar as coisas materiais que nos foram confiadas em fazer prosperar os interesses de

nosso Pai celestial, as aplicando às necessidades de nossos próximos (Prov. 19: 17; Mat. 19: 21; 25: 31-46; Luc. 12: 33) e a predicación do Evangelho (1 Cor. 9: 13; 2 Cor. 9: 6-7).

Riquezas injustas.

Ver com. Mat. 6: 24. Esta frase sugere que não todas as riquezas se obtêm em forma lícita, e que se for assim se convertem em um desprezível "vil metal". O uso das riquezas ganhas deshonestamente também pode ser objetável.

Quando estas faltem.

Apoiando-se em certos MSS tardios, a RVA diz: "quando faltarem", ou seja "quando morrerem". Mas a Bíblia não ensina que os homens são recebidos "em morada-las eternas" quando morrem, a não ser quando voltar nosso Senhor (Juan 14: 3). A evidência textual estabelece (cf. P. 147) o texto da RVR e a BJ: "quando estas faltem"; "estas" refere-se às riquezas. Quando se acabou a fonte de ganhos do mordomo (Luc. 16: 3), então pensou em seu futuro (vers. 4). O importante da parábola não é o fracasso do mordomo em seu trabalho nem tampouco sua morte, a não ser seu hábil método para resolver o problema de a perda de seus ganhos. Por isso se diz que quando faltarem as riquezas, os amigos receberão aos previdentes em suas moradas.

10.

O muito pouco.

Uma insinuação de que as riquezas são "o muito pouco". Deve destacar-se novamente que Jesus não elogiou as fraudes do mordomo (ver com. vers. 8). Para que os discípulos ou quem escutava não tomassem esta parábola como uma possível desculpa para não ser honrados, Jesus declarou claramente a profunda verdade de que todos os que queiram ser seus discípulos, devem caracterizar-se por uma completa integridade e diligência. Segundo o Midrash (Rabbah, com. Exo. 3: 1), Deus não lhe dá ao homem algo grande até havê-lo provado em algo pequeno; depois o sobe ao que é grande. O Midrash 807 põe como exemplo as supostas palavras de Deus ao David: "foste achado digno de confiança com suas ovelhas; vêem pois, e apascenta minhas ovelhas".

No mais é fiel.

Será ascendido (ver com. Mat. 25: 21).

11.

O verdadeiro.

Quer dizer, as riquezas espirituais (Sant. 2: 5). Compare-se com o conselho que dá Cristo de não trabalhar "pela comida que perece, mas sim pela comida que a vida eterna permanece" (Juan 6: 27). Jesus tinha advertido a seus ouvintes pouco antes, em seu ministério na Perea, de não amontoar tesouros a não ser ser ricos "para com Deus" (Luc. 12: 21).

12.

O alheio.

Uma das lições mais importantes que o homem deve aprender é que todo o

dinheiro e as coisas materiais que possa possuir não são suas devido a sua própria sabedoria e capacidade, mas sim Deus as emprestou. O Senhor solenemente advertiu ao Israel contra esse engano fatal, e lhe recordou que Deus é quem dá a os homens "o poder para fazer as riquezas" (ver com. Deut. 8: 18).

O fracasso do Israel como nação se deveu em grande parte a que não soube aproveitar o ensino que lhe deu quanto a isto (ver T. IV, pp. 34-35).
Esta é uma verdade sempre vigente: quando os homens não honram a Deus nem apreciam que as boas coisas da vida procedem de sua generosa mão, se envaidecem em seu raciocínio e seu néscio coração se entreva (ROM. 1: 21).
Só somos mordomos de Deus.

O que é seu.

Jesus se refere agora à vida eterna e às bênçõe e gozos correspondentes como se fossem nossos. Somos "herdeiros de Deus e coherederos com Cristo" (ROM. 8: 17). Quando Cristo retorne em glória, estenderá a todos os fiéis o generoso convite de vir e herdar "o reino preparado para" eles "da fundação do mundo" (Mat. 25: 34).

13.

Nenhum servo.

Ver com. Mat. 6: 24. Exceto a palavra "servo", vocábulo adequado ao contexto para referir-se ao servo ou mordomo da parábola, a declaração de Jesus é idêntica a que aparece no Mat. 6: 24. Devesse recordar-se que muito pelo que Jesus já tinha acostumado se repetiu durante seu ministério na Perea (DTG 452). Não há razão para pensar que Lucas ou Mateo puderam ter inserido esta afirmação desconjurada dentro do relato evangélico.

14.

Ouviam também todas estas coisas.

O que segue (vers. 14-31) é evidentemente a continuação do que ocorreu nesta mesma ocasião (vers. 1-13).

Fariseus.

Ver pp. 53-54.

Avaros.

Gr. filárguros, "amador de prata". Esta palavra aparece no NT só aqui e em 2 Tim. 3: 2. Alguns hão dito que se aplicava melhor aos saduceos que a os fariseus, tal como aparece aqui, pois afirmam que os saduceos eram os mais ricos da sociedade judia. Mas Jesus não se refere só à posse de riquezas. Ter estas não impede a entrada do homem no céu, a não ser o amor imoderado por elas e o uso equivocado que lhes dê. Nada impede que o pobre seja avaro ou ambicioso. Em outras ocasiões, Jesus acusou abertamente a os fariseus de ser ambiciosos (ver com. Mat. 23: 14). Segundo a maneira de pensar dos fariseus, a riqueza era uma evidência das bênçõe divinas; mas, como um contraste, Jesus nem tinha posses (ver com. Mat. 8: 20) nem tampouco desejava as obter (ver com. Mat. 6: 24-34). Neste respeito, como também em outros, os princípios do Jesus e os dos fariseus eram diametralmente opostos.

burlavam-se dele.

Os fariseus compreenderam sem dúvida que Jesus se estava dirigindo a eles (vers. 9-13; ver com. vers. 9). Parece que esta seqüência de relatos, que começa no cap. 15: 1, registra o que Jesus ensinou em uma só ocasião (ver com. cap. 15: 1; 16: 1, 14). Se assim for, então os fariseus haviam estado pressente do começo (ver cap. 15: 2) e Jesus lhes dirigiu as parábolas da ovelha perdida, da moeda perdida e do filho pródigo para defender seu interesse nos nos publique e os pecadores (cap. 15: 1-3).

15.

Justificam-lhes.

Compare-se com o caso de um intérprete da lei que quis justificar-se perguntando quem era seu próximo (cap. 10: 25-29). Os fariseus tinham obtido persuadir às pessoas da validez de sua teoria: que a riqueza era uma recompensa da retidão. Tinham defendido habilmente sua posição e, pelo menos os que tinham certa quantidade dos bens deste mundo, achavam satisfação com tal teoria.

Deus conhece seus corações.

Ver 1 Sam. 16: 7; 1 Crón. 28: 9. O problema dos fariseus consistia em que eram hipócritas (ver com. Mat. 6: 2; 7: 5); mas sua 'justiça" não era mais que uma deslumbrante aparência (ISA. 64: 6; Mat. 23: 13-33).

Abominação.

Gr. bdélugma, "coisa detestável" 808 "abominação". Compare-se com o uso de bdélugma no Apoc. 17: 4-5; 21: 27.

16.

A lei e os profetas.

Quer dizer, os escritos canônicos do AT (Mat. 5: 17; 7: 12; 22: 40; Luc. 24: 27, 44; Hech. 13: 15; 28: 23; ver com. Luc. 24: 44).

Até o Juan.

Isto é, até o Juan o Batista. "Até" Juan, que pregava o reino de Deus, os sagrados escritos do AT foram a principal guia do homem para a salvação (ROM. 3:1-2). A palavra "até" (Gr. méjri) não indica em nada, como sugerem-no alguns expositores superficiais das Escrituras, que a lei e os profetas -quer dizer, os escritos do AT- perderam sua força ou seu valor quando Juan começou a pregar. O que Jesus ensinou com estas palavras era que "até" o ministério do Juan os homens só tinham tido "a lei e os profetas". O Evangelho não veio para substituir ou anular o que Moisés e os profetas tinham escrito, a não ser para complementar esses escritos, reforçá-los e confirmá-los (ver com. Mat. 5: 17-19). O Evangelho não ocupa o lugar do AT, mas sim se soma a ele. "A morte reinou desde o Adão até [méjri] Moisés" (ROM. 5: 14), mas sabemos bem que a morte continuou depois do Moisés.

O NT nunca diminui o valor do AT; pelo contrário: no AT foi onde os crentes do NT encontraram a mais firme confirmação de sua fé. O AT era, em

verdade, a única Bíblia que tinha a primeira geração de cristãos nos dias do NT (ver com. Juan 5: 39). Eles não desprezavam o AT como o fazem hoje alguns que se chamam cristãos, mas sim o honravam e o amavam. Não há dúvida de que Jesus estava afirmando nesta ocasião que os escritos do AT eram suficientes para guiar aos homens ao céu (Luc. 16: 29-31). Os que ensinam que as Escrituras do AT carecem de valor e de autoridade para os cristãos, estão ensinando contra o que Jesus ensinou. Pablo afirmava que seus ensinos não incluíam "nada fora das coisas que os profetas e Moisés disseram que tinham que acontecer" (Hech. 26: 22); e em seu ensino, se referia constantemente à "lei do Moisés" e a "os profetas" (Hech. 28: 23).

No Sermão do Monte Jesus deixou muito em claro que seus ensinos de nenhuma maneira deslocavam às do AT. Declarou enfaticamente que não tinha vindo a tirar das Escrituras do AT a mais mínima "j" nem "til" (ver com. Mat. 5: 18). Quando declarou, "mas eu lhes digo" (Mat. 5: 22), o contraste que estabeleceu entre os ensinos do AT e seus próprios ensinos não era com a intenção de diminuir o valor ou importância das primeiras, a não ser para liberar as dos estreitos conceitos dos judeus de seu tempo e de as ampliar e lhes dar força.

Após.

Desde que Juan o Batista começou a proclamar o reino de Deus, tinha começado a brilhar uma luz adicional sobre o caminho da salvação, e os fariseus não tinham desculpa alguma para ser avaros (vers. 14). Tinham tido suficiente luz no AT (vers. 29-31), mas tinham rechaçado essa luz (Juan 5: 45-47). Agora adotaram a mesma atitude para a luz maior que brilhava através da vida e dos ensinos do Jesus (Juan 1: 4; 14: 6).

Todos.

Jesus provavelmente se refira às grandes multidões que lhe seguiam em qualquer lugar que ia na Perea (ver com. cap. 12: 1; 14: 25; 15: 1). Havia um enorme interesse em sua pessoa, em seus milagres e em seus ensinos, embora algumas vezes esse interesse não estava bem encaminhado.

esforçam-se.

Gr. biázÇ, "empregar ou aplicar força". Com referência ao significado deste passagem, ver com. Mat. 11: 12-13.

17.

Mais fácil é.

Ver com. Mat. 5: 18.

frustre-se.

Gr.píptÇ, "cair". A BJ traduz: "que não caia um ápice da lei".

Uma til.

Gr. keráia, "cuernecito", "ganchito", "ápice". Ver com. Mat. 5: 18. A til era um risco miúdo para distinguir entre duas letras parecidas como a G e a C maiúsculas.

A lei.

Segundo o modo de expressá-los judeus, "a lei" era toda a vontade revelada de Deus, especialmente os escritos do Moisés (ver com. Deut. 31: 9; Prov. 3: 1). Quando esta palavra se usa sozinha no NT, pode considerar-se como um término geral que abrange todo o AT. Marción, professor cristão cismático que viveu no segundo século da era cristã, pôs em sua versão dos Evangelhos "minha palavra" em lugar de "a lei", para evitar a evidente referência às Escrituras do AT e à aprovação que Jesus lhes deu. Marción se considerava um fervente seguidor do Pablo, mas não aceitava nada que fora judeu, nem sequer o AT. Foi um dos primeiros cristãos em tomar a posição de que o AT não tem valor nem significado para o crente cristão.

18.

Repudia a sua mulher.

Ver com. Mat .809 5: 27-32; cf. Mat. 19: 9; 1 Cor. 7: 10-11. O adultério continua sendo adultério mesmo que os homens o legalizem. Há quem afirmam que no registro evangélico do Luc. 16: 14-18 este evangelista agrupou várias sentenças isoladas do Jesus, pronunciadas em diferentes ocasione. Mas não se dão conta que há um pensamento que une a todo o capítulo e o converte em um discurso unificado e sistemático. Segundo o vers. 15, os fariseus e seus ensinos eram "abominação" diante de Deus; mas esta situação não se devia a que não tivessem suficiente luz, pois tinham tido "a lei e os profetas" desde antigamente (vers. 16), e recentemente tinham recebido o Evangelho. No vers. 17 Jesus afirma a unidade fundamental de seus ensinos com as do AT, e no vers. 18 apresenta uma ilustração desse fato. No Sermão do Monte, Jesus já tinha apresentado estes mesmos exemplos como uma evidência de que seus ensinos não invalidavam as do AT (ver com. Mat. 5: 17-19, 27-32).

19.

Um homem rico.

[O rico e Lázaro, Luc. 16: 19-31. Com referência a parábolas, ver pp. 193-197.] A respeito do pouco que se sabe quanto às circunstâncias que rodearam a apresentação da parábola, ver com. vers. 1, 14. É evidente que esta parábola foi dirigida especialmente aos fariseus (cap. 15: 2; 16: 14), embora os discípulos (cap. 16: 1), os nos publique e os pecadores (cap. 15: 1), e sem dúvida um grande público (ver com. cap. 12: 1; 14: 25; 15: 1) também estavam pressentem.

Jesus continua nesta parábola com a lição que apresentou na parábola do mordomo infiel (cap. 16: 1-12): que a maneira como se usam as oportunidades nesta vida determinará o destino futuro (ver com. vers. 1, 4, 9, 11-12). Esta parábola tinha sido especialmente dirigida aos discípulos (ver com. vers. 1); mas no vers. 9 Jesus se dirige aos fariseus pressente (ver com. vers. 9). Estes, entretanto, negaram-se a aceitar os ensinos de Jesus a respeito da mordomia e se burlaram dele (vers. 14). Jesus então destacou que era possível que fossem honrados pelos homens, mas que Deus lia seu coração como um livro aberto (ver com. vers. 15). Tinham tido suficiente luz, por muito tempo tinham gozado do ensino da lei e dos profetas, e do ministério do Juan a luz adicional do Evangelho os tinha sido dada (ver com. vers. 16). Nos vers. 17-18 Jesus afirma que os

princípios expostos em "a lei" são imutáveis, posto que Deus não troca, e dá um exemplo desta sublime verdade. A seguir apresenta a parábola do rico e Lázaro para mostrar que o destino se decide nesta vida de acordo ao uso dos privilégios e oportunidades que se tenham (PVGM 204). "Um homem rico" representa em primeiro lugar a todos os que utilizam mal as oportunidades da vida, e em sentido coletivo também à nação judia que, como o rico, estava cometendo um engano fatal (PVGM 211). A parábola consiste de dois cenas: alguém representa esta vida (vers. 19-22); a outra, a vida futura (vers. 23-31). A parábola do mordomo infiel apresentava o problema em forma positiva, quer dizer, do ponto de vista de um que tinha feito os preparativos para o futuro. A parábola do rico e Lázaro apresenta o mesmo problema, mas do ponto de vista negativo, quer dizer, destacando a atitude de outro que não fez os preparativos necessários. O rico se equivocou ao pensar que a salvação se apoiava em ser descendente do Abraão e não na preparação individual (cf. Eze. 18).

A parábola do rico e Lázaro deve interpretar-se, como toda outra, em harmonia com seu contexto e com o sentido geral das Escrituras. Um dos princípios mais importantes de interpretação é que cada parábola tinha o propósito de ensinar uma verdade fundamental, e necessariamente tem um significado intrínseco, a não ser para lhe dar forma ao relato. Quer dizer, não deve insistir-se em que os detalhe de uma parábola têm um significado literal em o que a verdades espirituais se refere, a menos que o contexto deixe em claro que esse significado é parte integral da intenção original. Deste princípio se deduz este outro: não é sábio apresentar os detalhes de uma parábola para ensinar uma doutrina. Só pode ser tomada como base doutrinal o ensino fundamental da parábola -conforme se deduz claramente de seu contexto e se confirma pelo sentido geral das Escrituras-, junto com os detalhes que se explicam no contexto mesmo. Ver pp. 193-194. A hipótese de que Jesus queria que esta parábola ensinasse que os homens, bons ou maus, recebem ao morrer sua recompensa, estes viola dois princípios.

Conforme o mostra claramente o contexto (ver o anterior), esta parábola tinha o propósito de ensinar que o destino futuro fica 810 determinado pelo modo em que os homens aproveitam as oportunidades nesta vida. Jesus não estava tratando aqui o estado do homem na morte nem o tempo quando se darão as recompensas. Simplesmente estava fazendo uma clara distinção entre esta vida e a vindoura, e mostrando a relação da uma com a outra. Além disso, interpretar que esta parábola ensina que os homens recebem sua recompensa imediatamente depois de morrer, contradiz claramente o que Jesus mesmo ensinou: "o Filho do Homem virá na glória de seu Pai com seus anjos, e então pagará a cada um conforme a suas obras" (ver com. Mat. 16: 27; 25: 31-41; cf. 1 Cor. 15: 51-55; 1 Lhes. 4: 16-17; Apoc. 22: 12; etc.). Uma das regras mais importantes de interpretação é: os relatos e as expressões figuradas devem entender-se à luz das afirmações literais das Escritura a respeito das verdades às quais se faz referência. Até aqueles que procuram fazer que esta parábola ensine algo contrário a seu contexto imediato e ao sentido geral dos ensinos de Cristo, admitem que muitos dos detalhes da parábola são figurados (ver com. vers. 22-26).

Caberia então perguntar-se por que Jesus introduziu uma parábola com ilustrações figuradas que não representam com exatidão uma verdade tão claramente exposta em outras passagens bíblicas, e especialmente nas próprias declarações literais do Professor. A resposta é que Jesus estava falando às pessoas de acordo com o que ela conhecia. Muitos dos pressente, sem ter o menor apoio do AT, tinham chegado a acreditar na doutrina de que os mortos estão conscientes entre a morte e a ressurreição (PVGM 206-207).

Esta falsa crença, que não aparece no AT -nem tampouco no NT-, impregnava, em geral, a literatura judia posterior ao exílio (ver pp. 84-103), e como muitas outras crenças tradicionais se converteu em parte do judaísmo no tempo do Jesus (ver com. Mar. 7:7-13). Nesta parábola Jesus simplesmente se valeu de uma crença popular para apresentar com claridade uma importante lição que desejava inculcar em seus ouvintes. Também deve destacar-se que na parábola anterior -a do mordomo infiel (Luc. 16:1-12)-, Jesus nem tinha aprovado nem condenado a má ação do mordomo, embora sua conduta foi o ponto central do relato (ver com. vers. 8).

O conhecido comentário bíblico International Critical Commentary diz o seguinte em relação com o vers. 22: "sustenta-se o princípio geral de que a bem-aventurança e a desventura depois da morte são determinados pela conduta anterior à morte; mas os detalhes do quadro são tirados das crenças judias quanto à condição das almas no Seol [ver com. Prov. 15:11], e não devem entender-se como uma confirmação dessas crenças".

Algumas vezes se faz notar que Jesus não diz que o relato do rico e de Lázaro é uma parábola, ao menos tal como a apresenta Lucas (embora o antigo Códice de Lábia inferiora grossa diz que se trata de uma parábola), enquanto que no caso de outras parábolas está acostumadas identificar-lhe como tais (Mat. 13: 3, 24, 33, 44-45, 47). Mas deveria destacar-se que embora Jesus com freqüência começava uma parábola dizendo que era uma parábola ou que o reino dos céus se assemelhava a uma pessoa ou a uma coisa nas circunstâncias que a seguir relatava, não sempre o fazia (Luc. 15: 8, 11 ; 16: 1). O mesmo ocorre com várias parábolas do AT, como as do Juec. 9: 8-15 e 2 Rei 14: 9; mas ninguém se atreve a dizer -e menos a acreditar- que porque essas parábolas não se identificam claramente como tais, devem tomar-se literalmente. A falácia de tal argumento é evidente quando se lêem as poucas referências citadas.

Sem dúvida, Jesus queria que os fariseus se vissem si mesmos neste rico, e que no desventurado caso de este contemplassem um quadro de seu próprio e triste fim (ver com. vers. 14). Compare-se a este rico com o da parábola anterior (vers. 1). A palavra grega plóusios, "rico", aparece na Vulgata latina como dives, "rico", o qual deu origem à tradição popular de que o rico se chamava Dives. Segundo o P75, manuscrito grego de princípios do século III, chamava-se Neu'S. O rico tem outros nomes em outras versões. Possivelmente lhe deu um nome para que não só o tivesse o mendigo mas também também o rico.

Púrpura.

Gr. porfúra, "tecido de cor púrpura" ou "vestido feito com tecido de cor púrpura". É possível que aqui se faça referência a um manto exterior de grande preço (Gr. himátion, ver com. Mat. 5: 40), tingido de cor púrpura. A cor púrpura era a cor da dignidade real. A palavra porfúra originalmente se referiu a certa espécie de moluscos, os murex, comuns no Mediterrâneo, de 811 onde se obtinha a anilina de cor púrpura. Este término, ou seu equivalente, aplicou-se depois ao tecido tinto de púrpura ou a um objeto feito desse tecido (Mar. 15: 17, 20; Hech. 16: 14; Apoc. 17: 4; etc.). Usavam-se três tons desta anilina: púrpura, escarlate e azul.

Linho fino.

Gr. bússos, "linho", ou tecido feito de linho. É provável que aqui se refira à objeto interior, a "túnica" (Gr. jitÇ´n; ver com. Mat. 5: 40), feita de linho egípcio. Bússos se referia originalmente à planta do linho, e logo se

aplicou ao tecido feito do linho. A púrpura era a cor da dignidade real, e o linho fino era o tecido de luxo (Apoc. 18: 12; 19: 8, 14).

20.

Um mendigo.

Gr. ptÇjós, "mendigo", "pobre" (ver com. Mat. 5: 3). PtÇjós deriva do verbo ptÇssÇ´, "agachar-se", "andar agachado como mendigo".

Lázaro.

Gr. lhes laçar, nome derivado do substantivo comum hebreu 'O'azar (ver com. Exo. 6: 23), que significa "Deus ajudou". Deve destacar-se que o nome corresponde bem com a condição espiritual do que o levava. Esta é a única vez que se registra que Jesus desse nome a um dos personagens de uma parábola, procedimento necessário neste caso devido ao diálogo que há na parábola (Luc. 16: 23-31). Poucas semanas mais tarde Jesus ressuscitou ao Lázaro de Betania (Juan 11: 1-46), mas não há relação entre o mendigo da parábola e que foi objeto do maior milagre do Jesus.

Jogado à porta.

O rico teve muitas oportunidades para socorrer ao Lázaro, mas não o fez. Evidentemente não tratou mal ao desventurado que, sem dúvida o supunha o rico, estava sofrendo um castigo de Deus. Sua atitude foi similar a que expressou Caín quando respondeu: "Sou eu acaso guarda de meu irmão?" (Gén. 4: 9). Não maltratou ao Lázaro, mas não foi misericordioso com ele. Adotou uma posição negativa frente a suas responsabilidades nesta vida, em vez de assumir uma atitude positiva. Não conhecia o verdadeiro significado do segundo grande mandamento da lei, que ordena amar ao próximo (ver com. Mat. 5: 43; 22: 39; 25: 35-44). Este rico, como a nação judia, não estava fazendo nenhum bem positivo, e por isso era culpado de um grave mal. apropriava-se de todas as vantagens que o céu lhe tinha concedido desfrutando só delas para seu próprio prazer e complacência (PVGM 234).

Cheio de chagas.

O fato de que Lázaro estivesse "jogado à porta", sugere que era inválido e não podia transladar-se sozinho.

21.

Ansiava saciar-se.

Por isso estava à porta. Sua necessidade era grande, e o rico podia supri-la. No relato não há nada que sugira que Lázaro se queixasse de Deus por seu pobreza e sofrimento. Parece que como Job, agüentou tudo com paciência e valor.

As migalhas que caíam.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) o texto "o que caía da mesa" (BJ), quer dizer, os restos de comida (ver com. Mar. 7: 28). É evidente que o rico nunca fez esforço algum para dar alimento ao Lázaro.

Lambiam-lhe.

O relato não diz se isto aliviava sua contínua dor ou o piorava, embora seja mais provável o segundo. Se assim foi, esta seria a culminação da angústia do pobre sufriente. Provavelmente não podia evitar que os cães que rondavam famintos pelas ruas (ver com. Mat. 7: 6; 15: 26) lambessem-lhe as chagas.

22.

Foi levado pelos anjos.

Cf. Mat. 24: 31. Com referência aos princípios que regem a interpretação do Luc. 16: 25-31, ver com. vers. 19. Deve recordar-se que o propósito desta parábola é comparar as oportunidades que se têm nesta vida e o uso que faz-se delas, com a recompensa ou castigo na vida futura. O destino fica decidido quando a pessoa morre, e os homens devem aproveitar seus oportunidades nesta vida se querem gozar das bênções da vida vindoura.

Seio do Abraham.

Expressão tipicamente judia, que equivale a "paraíso". Na antiga literatura judia algumas vezes aparece Abraão dando a bem-vinda aos que chegam ao paraíso. Jesus descreveu o paraíso como um lugar aonde "virão muitos do oriente e do ocidente, e se sentarão com o Abraham" na festa "em o reino dos céus" (ver com. Mat. 8: 11; Luc. 14: 15).

Com referência ao Jesus "no seio do Pai", ver com. Juan 1:18. Abraão era o pai dos judeus (Juan 8: 39, 56), e estes na prática tinham chegado a procurar a salvação no Abraão antes que em Deus (ver com. Luc. 16: 24). Acreditavam que Abraão dava a bem-vinda a seus filhos no paraíso em uma forma muito parecida com a que agora, às vezes, representa-se ao Pedro recebendo aos cristãos na porta do céu.

Foi sepultado.

Os que afirmam que este 812 relato deve tomar-se em forma literal e não como uma parábola, deveriam fixar-se que se o rico foi literal e corporalmente ao tortura, então Lázaro foi também levado imediatamente ao céu em forma literal e corporal. Entretanto, os corpos do Lázaro e do rico voltaram para pó de onde tinham sido originalmente tomados (Gén. 2: 7; 3: 19; Anexo 12: 7).

23.

Hades.

Gr. hád's, "sepulcro" ou "morte" (ver com. Mat. 11: 23). O hád's é a morada de todos, bons ou maus, até que chegue a ressurreição; pelo tanto, literalmente Lázaro também devia estar ali.

Seus olhos.

O rico jaz sem vida no hád'S. Não pode ver (ver com. vers. 24).

Torturas.

Gr. nos apóie, "tortura", "tortura", da mesma raiz do verbo basanízÇ, que se emprega para descrever a quem sofre intensamente por alguma enfermidade (Mat. 8: 6), pela agitação das ondas do mar (Mat. 14: 24), e também se aplica à fadiga que experimentaram os discípulos ao remar (Mar. 6: 48). Também emprega-se para referir-se a uma tensão psíquica (2 Ped. 2: 8) e ao "tortura" que sofriam os espíritos malignos quando tiveram que enfrentar-se com o Jesus (Mat. 8: 29; Mar. 5: 7; Luc. 8: 28). portanto, nos apóie, em singular, indica uma grande angustia, agitação ou aflição.

A crença de que a gente ao morrer vai a um lugar a sofrer torturas, não tem nenhum apóio na Bíblia. As Sagradas Escrituras ensinam com claridade que os mortos nada sabem (Anexo 9: 5; ver com. Sal. 146: 4). Jesus comparou a morte com um sonho (Juan 11: 11, 14). Se se deduzir por esta parábola que Jesus ensinou que os ímpios quando morrem são levados a certo lugar para ser atormentados, então se acostuma tacitamente que Jesus está contradizendo o que ensinou claramente em outras ocasiões a respeito dos mortos, e também contradiz o que a Bíblia ensina a respeito deste tema. Os pecadores sofrerão no inferno da géenna os torturas do fogo (ver com. Mat. 5: 22), e não no hád's (sepulcro). Quando Jesus apresentou ao rico como se estivesse "atormentado nesta chama" (Luc. 16: 24) no hád's, claramente estava falando em forma figurada, e, portanto, suas palavras não se podem interpretar em forma literal. Quanto aos princípios de interpretação que regem a explicação desta parábola, ver com. vers. 19.

Viu... ao Abraham.

Estão acaso tão perto o céu e o inferno que se possa falar desde um ao outro, e que os que estão no céu podem contemplar o sofrimento de seus amigos e amado no inferno sem poder aliviar sua tortura, enquanto que os que estão no inferno podem observar a sorte dos justos no céu? Não. Entretanto, isto é o que esta parábola ensina se se interpreta literalmente (ver com. vers. 19). Mas os que acreditam que é literal, se apressam a acrescentar que o "seio" do Abraão é só uma figura literária porque os Santos não descansam literalmente em seu seio. Além disso admitem que a proximidade do céu com o inferno, que aqui aparece como muito real, é também somente figurada. Mas do momento em que admitem que estas e outras declarações são evidentemente figuradas e não devem tomar-se em forma literal, estão assentindo que toda a parábola é figurada. E se não quererem admitir que é figurada, então se vêem obrigados a confessar que sua decisão quanto às partes que devem considerar-se em forma figurada se apóia só em uma eleição arbitrária, e não em nenhum princípio de interpretação claramente definido e conseqüente.

Lázaro em seu seio.

Ver com. vers. 22.

24.

Pai Abraham.

Abraão aparece na parábola como se presidisse sobre o hád's (ver com. vers. 23). O rico se dirige ao Abraão como se fora Deus. Sofre embora seja descendente do patriarca, e vai a ele como acudisse um filho a seu pai.

Envia ao Lázaro.

Evidentemente, o rico supõe que, a seu mandato, Lázaro deve ser enviado ao hades, o qual equivaleria, em certo sentido, a continuar a relação que tinha sustentado com ele na terra.

A ponta de seu dedo.

Quem procura achar argumentos nesta parábola para provar a doutrina de a imortalidade da alma, não podem explicar por que as almas têm dedos. O corpo do Lázaro estava na tumba, inclusive também seus dedos. É incrível que um espírito desencarnado tivesse dedos -que não deve ter-, que molhasse-os em água, e logo tocasse uma língua inexistente de outro espírito desencarnado. Evidentemente, Jesus estava narrando algo imaginário, cujo propósito era ensinar claramente uma verdade específica quanto à relação que existe entre esta vida e a futura (ver com. vers. 19), e que não tinha a intenção de que suas palavras fossem tomadas em sentido literal. O rico, que sofre figuradamente no hád's, aceitaria de boa vontade o menor 813 alívio de suas torturas; deseja agora uma gota de água fresca assim como Lázaro, enquanto ambos viviam, desejava os resíduos da mesa do rico (ver com. vers. 21). Se o rico tinha olhos (vers. 23) e língua de verdade (vers. 24), e Lázaro tinha dedos (vers. 24), haveria então que afirmar que quando morrem as pessoas, boas ou más, recebem imediatamente o que merecem como seres reais, isto é, com todas as partes de seu corpo. Entretanto, a parábola mesma insígnia claramente que não recebem sua recompensa imediatamente depois de morrer, pois seus corpos estavam na tumba, aonde não há fogo (ver com. vers. 22).

Atormentado nesta chama.

Quanto à evidência de que dita recompensa não se recebe imediatamente depois da morte, a não ser quando Jesus volte visivelmente para este mundo, e mais ainda, depois do milênio quando os ímpios sofrerão o castigo do fogo do inferno, ver com. vers. 19. Com referência ao fogo eterno, ver com. Mat. 5: 22.

25.

Filho.

Gr. téknon (ver com. cap. 15: 31).

Recebeu.

Tinha recebido em vida todos os bens que qualquer pudesse desejar, sem preparar-se para a vida futura. Aplicou em forma inversa o princípio do Mat. 6: 33: tinha procurado primeiro "todas estas coisas" esperando, entretanto, que Deus encontraria alguma maneira de lhe acrescentar mais tarde o céu. Compare-se com o caso do rico néscio (ver com. Luc. 12: 16-21) e o ensino do Jesus quanto a fazer-se tesouros no ciclo (ver com. Mat. 6: 19-21). O rico tinha recebido toda a recompensa que tinha que receber (ver com. Mat. 6: 2). Sua conta no céu mostrava que estava em bancarrota moral. Deve destacar-se que foi castigado não por haver poseído riquezas (ver com. vers. 19), mas sim por as haver usado mau. Esbanjou-as egoístamente; não as pôs ao serviço de Deus e de seus próximos (cf. Mat. 19: 21-22; 25: 25-30). Não é pecado ser rico; Abraão foi muito rico (Gén. 13: 2). Mas o rico desta parábola simplesmente preferiu esquecer que era responsável pela maneira em que usava suas riquezas.

Lázaro também males.

Assim como o rico não foi castigado porque era rico, Lázaro tampouco recebeu a recompensa no céu somente porque tinha sido pobre nesta terra. O que determina o destino é o caráter moral, não as posses materiais.

26.

além de tudo isto.

A resposta do Abraão ao pedido do rico tem duas partes. Na primeira (vers. 25), Abraão lhe diz que não seria correto lhe conceder sua petição; na segunda (vers. 26), assinala-lhe que a condição do mundo vindouro faz impossível conceder-lhe Sima.

Sima.

Gr. jásma, "abismo", "espaço amplo", "imensidão", palavra derivada de um verbo que significa "bocejar", "abrir a boca". O "abismo" que os separava representa a enorme diferencia de caráter moral entre o rico e Lázaro (PVGM 213). O abismo que se há interposto entre os dois realça o fato de que depois da morte não se pode modificar o caráter. Então será muito tarde para melhorá-lo (ISA. 26: 10). O abismo que impedia ao rico participar da bem-aventurança do seio do Abraão se formou nesta vida, por não ter usado devidamente as oportunidades que lhe haviam apresentado para desenvolver o caráter correto (PVGM 215).

27.

Rogo-te, pois.

O rico insinúa que não recebeu uma advertência clara da sorte que o esperava ao morrer.

Envie-lhe.

O rico não pode comunicar-se com seus parentes vivos, e Abraão não permite a Lázaro que o faça.

29.

Ao Moisés e aos profetas.

Quer dizer, as Escrituras do AT. Esta era a forma em que usualmente se fazia referência aos escritos canônicos do AT nos dias do Jesus (ver com. vers. 16). Jesus destacou uma e outra vez que em assuntos de fé e de doutrina as Escrituras são de valor supremo, e as recomendou a seus ouvintes, como o faz aqui, como uma guia segura para a salvação (ver Mat. 5: 17-19; Luc. 24: 25, 27, 44; Juan 5: 39, 45-47).

ouçam-nos.

Segundo a admoestação do Jesus, dada aqui como conselho do Abraão ao rico, as Escrituras do AT constituíam para a gente de seu tempo uma guia segura para alcançar a salvação, e sobre o mais à frente, uma fonte autorizada de informação para os que estavam e estão vivos. O rico tinha sido advertido ampliamente quanto à sorte que aguardava os que preferiam viver como ele tinha vivido. Se lhe tivesse dado luz adicional ao respeito também a teria rechaçado (ver com. vers. 31).

30.

Não, pai Abraham.

O rico não aceita a decisão do Abraão; insinúa que sabe mais que Abraão. É evidente que não tinha aceito que o AT era uma evidência convincente, e dúvida que seus cinco irmãos possam aceitá-la. Os que dão pouca importância a 814 as mensagens do AT fariam bem em emprestar atenção à sorte do rico de esta parábola, quem apesar de ter tido acesso ao Moisés e aos profetas não tinha tirado deles nenhum benefício.

Se algum for.

Como já se indicou ao comentar o vers. 19, o rico representa não só aos que não aproveitam as oportunidades que recebem nesta vida para desenvolver o caráter e para fazer o bem aos próximos, mas também à nação judia que, em conjunto, estava seguindo a mesma conduta (ver T. IV, pp. 32-35).

A evidência adicional que o rico exigia, refletia os diversos pedidos de os escribas e os fariseus para que Jesus lhes mostrasse um sinal. A vida, os ensinos e as obras do Jesus eram uma evidência convincente de seu divindade para todos aqueles que tivessem motivos sinceros (cf. com. Mat. 15: 21; 16: 1); mas o tipo de evidência que Jesus lhes oferecia não era o que eles desejavam ou procuravam.

31.

Se não ouvir.

Ver com. vers. 30. Os que não se deixassem impressionar pelos claros ensinos da verdade eterna que se encontram nas Escrituras, não receberiam uma impressão mais favorável nem pelo major de todos os milagres. Poucas semanas depois de relatar esta parábola -e como se fora uma resposta ao desafio de os dirigentes judeus que pediam uma evidência maior que a que até esse momento tinham recebido-, Jesus ressuscitou a um homem chamado Lázaro. Mas esse mesmo milagre impulsionou ainda mais aos dirigentes da nação a intensificar seu complô para tirar a vida ao Jesus (ver com. Juan 11: 47-54). E não só isso, mas sim também pensaram que era necessário acabar com o Lázaro para proteger seu já insustentável posição (Juan 12: 9-10; DTG 512). Deste modo os judeus demonstraram literalmente a verdade do que Jesus afirmou aqui: que os que rechaçavam o AT rechaçariam a luz maior, até o testemunho de alguém que se levantasse de entre os mortos.

Persuadirão-se.

Não se convenceriam de que deviam arrepender-se (vers. 30).

Embora algum se levantar.

Poucas semanas depois de tudo isto, nosso Senhor ressuscitou ao Lázaro (ver com. Juan 11: 1) para proporcionar a quem persistia em lhe criticar a concessão do pedido expresso pelo rico da parábola. Mas, assim como Jesus pôs em lábios do "pai Abraão" a advertência dirigida ao rico, assim também a maioria dos judeus se negaram a acreditar nele. E mais ainda: esse mesmo milagre foi o que, na verdade, impulsionou-os definidamente, mais que antes, a tramar a morte do Jesus (Juan 11: 47-54).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 1JT 381; PVGM 301

1-2 MC 247

1-9 PVGM 301-308

2 CMC 119, 184; HAd 333; 1JT 364, 369, 548, 560; 2JT 167; OE 282, 511; PVGM 307; 2T 280, 501, 510, 518, 570-571, 648, 684, 689; 3T 119, 544; 4T 612, 619; 5T 156; 7T 176, 295

2-9 CMC 105; PVGM 301-302

5 3JT 78; MJ 304; 9T 245

8 CMC 155; 1JT 455; PVGM 304; 4T 389

9 Ed 140; PVGM 306, 308; 1T 539, 542; 2T 664; 3T 117

9-11 1JT 70

9-12 1T 538

10 CH 409; CN 113, 142; Ed 55, 57, 110; HAd 268, 352; 1JT 509, 511, 566, 580, 589; 2JT 438; MB 160; MeM 177; MJ 141, 146, 226, 228; MM 177, 205; PP 224, 620; PR 163, 166,171, 358; PVGM 209, 290; 2T 48, 78, 84, 309, 312; 3T 22, 224, 556; 4T 186, 337, 572; 5T 414; TM 291

10-11 FÉ 152

11 1JT 386, 511; MB 19; 2T 250

11-12 TM 291

11-13 1JT 70

14-15 1T 539 17 DTG 274

19-21 PVGM 204

19-31 MB, 180; PVGM 204-215; 1T 539

20-21 2T 197 22-26 PVGM 206

26 Ev 450

27-31 PVGM 207

29, 31 PP 383

31 DTG 374, 740 815

CAPÍTULO 17

1Cristo admoesta admoesta a não ofender a ninguém, 3 e a perdoar-se mutuamente. 6

O poder da fé. 7 Como unimos a Deus; não Deus a nós; 11 Cristo sã
aos dez leprosos. 22 Sobre o reino de Deus e a vinda do Filho do Homem.

1 DISSE Jesus a seus discípulos: Impossível é que não venham tropeços; mas ai de
aquele por quem vêm!

2 Melhor o fora que lhe atasse ao pescoço uma pedra de moinho e se o
jogasse no mar, que fazer tropeçar a um destes pequeñitos.

3 Olhem por vós mesmos. Se seu irmão pecar contra ti, lhe repreenda; e se
arrependesse-se, lhe perdoe.

4 E se sete vezes ao dia pecar contra ti, e sete vezes ao dia voltar para ti,
dizendo: Arrependo-me; lhe perdoe.

5 Disseram os apóstolos ao Senhor: nos aumente a fé.

6 Então o Senhor disse: Se tivessem fé como um grão de mostarda, poderiam
dizer a este sicómoro: te desarraigue, e planta lhe no mar; e lhes obedeceria.

7 Quem de vós, tendo um servo que altar ou apascenta ganho, ao voltar
ele do campo, logo lhe diz: Passa, sente-se à mesa?

8 Não lhe diz mas bem: me prepare o jantar, te rodeie, e me sirva até que haja
comido e bebido; e depois disto, come e bebe você?

9 Acaso dá graças ao servo porque fez o que lhe tinha mandado? Penso
que não.

10 Assim também vós, quando tiverem feito tudo o que lhes foi ordenado,
digam: Servos inúteis somos, pois o que devíamos fazer, fizemos.

11 Indo Jesus a Jerusalém, passava entre a Samaria e Galilea.

12 E ao entrar em uma aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos,
os quais se pararam de longe

13 e elevaram a voz, dizendo: Jesus, Professor, tenha misericórdia de nós!

14 Quando ele os viu, disse-lhes: Vão, lhes mostre aos sacerdotes. E aconteceu que
enquanto foram, foram limpos.

15 Então um deles, vendo que tinha sido sanado, voltou, glorificando a
Deus a grande voz,

16 e se prostrou rosto em terra a seus pés, lhe dando obrigado; e este era
samaritano.

17 Respondendo Jesus, disse: Não são dez os que foram limpos? E os nove,
onde estão?

18 Não houve quem voltasse e desse glória a Deus a não ser este estrangeiro?

19 E lhe disse: te levante, vete; sua fé te salvou.

20 Perguntado pelos fariseus, quando tinha que vir o reino de Deus, eles
respondeu e disse: O reino de Deus não virá com advertência,

21 nem dirão: Gelo aqui, ou gelo ali; porque hei aqui o reino de Deus está entre vós.

22 E disse a seus discípulos: Tempo virá quando desejarão ver um dos dias do Filho do Homem, e não o verão.

23 E lhes dirão: Gelo aqui, ou gelo ali. Não vão, nem os sigam.

24 Porque como o relâmpago que ao fulgurar resplandece de um extremo do céu até o outro, assim também será o Filho do Homem em seu dia.

25 Mas primeiro é necessário que padeça muito, e seja descartado por esta geração.

26 Como foi nos dias do Noé, assim também será nos dias do Filho do Homem.

27 Comiam, bebiam, casavam-se e se davam em casamento, até o dia em que entrou Noé no arca, e veio o dilúvio e os destruiu a todos.

28 Deste modo como aconteceu nos dias do Lot; comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam, edificavam;

29 mas o dia em que Lot saiu da Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, e destruiu-os a todos.

30 Assim será o dia em que o Filho do Homem se manifeste.

31 Naquele dia, que esteja no terraço, e seus bens em casa, não descenda a tomá-los; e o que no campo, deste modo não volte atrás.

32 Lhes lembre da mulher do Lot.

33 Tudo o que procure salvar sua vida, perderá-a; e tudo o que a perca, a salvará.

34 Lhes digo que naquela noite estarão duas em uma cama; um será tomado. e o outro será dejado.816

35 E duas mulheres estarão moendo juntas; a uma será tomada, e a outra deixada.

36 Dois estarão no campo; um será tomado, e o outro deixado.

37 E respondendo, disseram-lhe: Onde, Senhor? O lhes disse: Onde estivesse o corpo, ali se juntarão também as águias.

1.

Disse Jesus.

[Perdão e fé, Luc. 17:1-6.] Nada se diz quanto ao tempo nem ao lugar onde ocorreu esta parte do relato do Lucas. Não parece haver relação direta com o capítulo anterior no que a contido se refere, e mais ainda: os fariseus, a quem Jesus se dirigiu antes (ver com. cap. 16:14), parecem estar ausentes agora (Luc. 17:1-19). Registra-se uma viagem (cap. 17: 11) antes de que apareçam de novo os fariseus no relato (vers. 20), portanto é muito

provável que houvesse uma transição de tempo e de lugar entre os cap. 16 e 17. Segundo o que se registra no cap. 17, parece que neste viaje Jesus passou pela Samaria até os limites da Galilea, e finalmente de novo até o outro lado do Jordão, a Perea (ver com. Luc. 17: 11; mapa P. 213).

A falta de uma conexão clara entre as diversas subdivisões das instruções repartidas nos vers. 1 - 10, induziu a alguns a pensar que aqui Lucas refere o essencial do que foi apresentado em diversas ocasiões. Isto é muito possível, mas também pode ser que Lucas haja registrado aqui os pontos culminantes dos ensinos do Jesus a seus discípulos durante o transcurso desta viagem. Ao mesmo tempo, é possível descobrir uma relação básica entre as diversas partes, mas é discutível que haja, unidade de pensamento nesta seção. Nos vers. 1-2 Jesus afirma que é pecado induzir a outros a pecar, e nos vers. 3-4 indica aos discípulos o dever de perdoar a outros quando os ofendem. Os vers. 5-6 se referem a a fé como algo essencial para poder viver os princípios do Evangelho; e em os vers. 7- 10 se narra uma parábola que ilustra os princípios evangélicos. Com referência aos vers. 1-2, ver com. Mat. 18:6-7.

Tropeços.

Gr. skándalon, "motivo de tropeço" (ver com. Mat. 5:29).

3.

Olhem.

Com referência aos vers. 3-4, ver com. Mat. 18:15-22. Não perdoar a outros é uma forma de lhes induzir a cair em imprudências e pecados. Luc. 17:1-2 se refere a nossos pecados contra outros; os vers. 3-4 correspondem a nossa atitude quando outros pecam contra nós. Não devemos ser tropeço para outros, e ao mesmo tempo devemos ser misericordiosos com eles quando nos fazem tropeçar.

Contra ti.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a ausência destas palavras (não estão na BJ nem no BC), embora o contexto indica que evidentemente Jesus se refere a este tipo de falta.

4.

Sete vezes.

Ver com. Mat. 18: 21-22.

5.

Os apóstolos.

Não é claro se Lucas distinguir aqui entre os doze como "apóstolos" e os outros que geralmente seguiam ao Jesus como "discípulos" (vers. 1). Os vers. 5-6 se referem ao poder da fé.

nos aumente a fé.

Ver com. Mat. 17: 20. O contexto sugere que este pedido provavelmente foi feito em outro momento que o que se descreve no Luc. 17:1-4 (ver com. vers. 1).

Parece que os "apóstolos" sentiam que tinham certa medida de fé, mas compreendiam que não era suficiente.

6.

Fé.

Ter fé, disse Jesus, não significa quantidade a não ser qualidade. Uma pessoa tem fé ou não a tem. Uma quantidade ínfima de fé é suficiente para levar a cabo tarefas aparentemente impossíveis. O que importa na fé não é tanto a quantidade, mas sim seja verdadeira.

Sicómoro.

Gr. sukáminos, "amoreira negra" (Morus nigra), que só aparece aqui no NT. O nome do sicómoro do Luc. 19:4 (ver comentário respectivo) deriva do Gr. sukomoréa. Nenhum das árvores corresponde com o que usualmente se denomina "sicómoro" nas Américas.

Planta lhe no mar.

É provável que Jesus escolhesse a propósito uma ilustração tão difícil que parecesse absurda. Evidentemente não tinha a intenção de que seus discípulos realizassem truques de magia dessa classe. Esta ilustração é similar a do camelo que não pode passar pelo olho de uma agulha (ver com. Mat. 19:24). As duas coisas são tão difíceis que literalmente resultam impossíveis, e, pelo tanto, Jesus não se propunha que seus discípulos as considerassem literais. Nenhum dos milagres de Cristo foi dessa classe.

7.

Quem de vós?

[O dever do servo, Luc. 17: 7-10. Com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Parece que esta breve parábola foi apresentada em resposta ao pedido registrado no vers. 5, embora esta relação 817 não é segura. A fé capacita aos homens para cumprir com seu dever como filhos de Deus (ver com. vers. 10). Se não existir esta relação com o vers. 5, a parábola possivelmente foi apresentada aos discípulos em outro momento da viagem descrita brevemente no vers. 11 (ver com. vers. 1).

Servo.

Gr. dóulos, "escravo".

Altar.

A casa do amo provavelmente estava na aldeia, e suas terras, a pouca distância. Os servos geralmente se foram pela manhã a trabalhar nos campos, e retornavam de noite (ver com. Núm. 35: 4; Rut 2: 3; 3: 4; 4: 1).

Logo.

Gr. euthéÇs, "imediatamente" (ver com. Mar. 1: 10). O advérbio euthéÇs, modifica a forma verbal "passa"; quer dizer, que o amo não lhe diz imediatamente que acontecer a mesa, mas sim passe imediatamente à mesa.

8.

Não lhe diz mas bem?

A construção da frase em grego indica que se espera uma resposta positiva (ver com. cap. 6: 39). Compare-se com a resposta negativa que se espera no cap. 17: 9.

te rodeie.

Ver com. Sal. 65: 6.

9.

Acaso dá obrigado?

A construção da frase em grego indica que se espera uma resposta negativa à pergunta (ver com. cap. 6: 39). Compare-se com a resposta positiva que se espera no Luc. 17: 8.

Penso que não.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão desta frase. (A omitem a BJ, BC e NC.)

10.

Servos inúteis somos.

Quer dizer, não merecemos nenhum elogio especial. O amo recebeu o que eles devem-lhe, mas nada mais digno de mencionar-se. Não foi beneficiado por seu serviço até o ponto de que deve sentir-se obrigado a honrar os de uma maneira especial. Têm seu jornal, e isso é tudo o que devem esperar. Não tem nenhuma obrigação particular para com eles. Em outras palavras, Jesus tinha direito de esperar muito de seus discípulos, e Deus tem direito de esperar muito de nós hoje. Quando fazemos para ele o melhor que podemos, não por isso fica em dívida conosco, pois só temos feito o que nos corresponde fazer.

Pablo reflete o espírito do verdadeiro serviço quando destaca que tudo o que sofreu e suportou pela causa de Cristo não é nada de que deva glorificar-se (1 Cor. 9: 16). Seu serviço foi motivado por um profundo sentido de obrigação a seu Professor. Quando pregava o Evangelho estava cumprindo com uma imperiosa obrigação: "Ai de mim se não anunciarei o evangelho!" (1 Cor. 9:16).

11.

Indo Jesus a Jerusalém.

[Dez leprosos som limpos, Luc. 17:11- 19. Cf. com. Mar. 1:40-45; ver mapa P. 213; diagrama P. 221; com referência a milagres, pp. 198-203.] Parece que esta viagem, que se menciona brevemente, foi uma excursão, primeiro pela Samaria, depois pelos limites da Galilea, e depois provavelmente cruzando o Jordão, pela Perea, para chegar finalmente a Jerusalém. Se assim foi, é possível, segundo o sugeriram alguns, que esta viagem deve ser o mesmo que se menciona no Juan 11: 54, durante o qual Jesus e seus discípulos se retiraram para o norte

desde a Betania e Jerusalém para evitar a manifesta hostilidade que se produziu a raiz da ressurreição do Lázaro (vers. 53). Este viaje para o norte os teria levado até os limites da Galilea. Deste modo, embora Jesus em verdade se ia afastando de Jerusalém, estava fazendo a última excursão que finalmente o levaria de novo a esta cidade e à cruz. É provável que durante o transcurso deste viaje Jesus também permanecesse na Samaria por um breve lapso com seus discípulos, dedicando pelo menos parte do tempo a ministrar às pessoas ali. A esta viagem talvez seguiu um breve período em Perea, de onde Jesus passou pelo Jericó e Betania para assistir à última páscoa.

Entre.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) o texto dia méson, "entre" em vez de diá mésou, "por meio de" (RVA). Lucas não parece referir-se agora a uma viagem através da Samaria e da Galilea, de onde Jesus tinha partido por última vez (ver com. Mat. 19:1-2) poucas semanas ou meses antes, a não ser a uma viagem pelo limite entre as duas regiões mencionadas.

12.

Dez homens.

Os leprosos não estavam dentro da aldeia, pois isto não lhes era permitido. Se aproximaram do Jesus quando estava a ponto de entrar na aldeia. Possivelmente viviam juntos em alguma rústica choça nos campos, a certa distância da aldeia. Com referência à lepra, às restrições que se impunham aos leprosos, à atitude dos judeus para com os que tinham lepra e as estipulações rituais que se aplicavam a quem se curava dessa enfermidade, ver com. Mar. 1:40-45, onde se registra o primeiro caso de que Jesus sanasse a um leproso.

pararam-se de longe.

Como o exigia a lei. Aos leprosos não lhes permitia que se aproximassem 818a outras pessoas, nem sequer nos caminhos. Estes leprosos foram mais cuidadosos em observar a lei do isolamento que o leproso mencionado em Mar. 1:40-45.

13.

Professor.

Gr. epistátes (ver com. cap. 5: 5).

14.

lhes mostre.

Como o exigia a lei do Moisés (ver com. Mar. 1:44).

Enquanto foram.

A cura dependia de que atuassem com fé. Não foram sanados enquanto permaneceram em presença do Jesus, a não ser quando procederam a cumprir as instruções do Professor. Quando se separaram do Jesus ainda eram leprosos. Se tivessem aguardado uma evidência visível de que tinham sido sanados antes de

partir para Jerusalém, onde seriam declarados limpos, é evidente que a cura nunca teria ocorrido. Era necessário que atuassem por fé, como se já tivessem sido sanados, antes de que a cura se efetuasse. que não se amealha ao Senhor com fé não deve esperar "que receberá coisa alguma do Senhor" (Sant. 1: 7; cf. Heb. 11: 6). A obediência manifesta que há fé, porque "a fé sem obras é morta" (Sant. 2: 17- 20). que tem uma fé genuína viverá de acordo com todos os mandatos de Deus; mas sem fé é impossível e inútil obedecer. Fé e obediência se complementam; a uma não pode existir sem a outra (Sant. 2: 17).

15.

Um deles.

Só um (cf. vers. 17).

Glorificando a Deus.

Um deles compreendeu que o poder divino o tinha liberado das ataduras de sua espantosa enfermidade, e pôs em primeiro lugar o mais importante: glorificou a Deus. Este samaritano se destaca no registro evangélico como um modelo de gratidão.

16.

prostrou-se rosto em terra.

Esta é a típica posição de súplica e gratidão no Próximo Oriente, já seja para com Deus ou para com uma pessoa (ver com. Est. 3:2).

Era samaritano.

Os outros nove possivelmente acreditaram que como eram filhos do Abraão, mereciam ser curados. Mas este samaritano, que possivelmente considerava que não merecia a bênção da saúde que tão repentina e inesperadamente tinha recebido, apreciou o dom que o céu lhe tinha concedido. Os que se esquecem de agradecer a Deus pelas bênções que recebem e não apreciam verdadeiramente o que Deus faz por eles, correm o grave perigo de esquecê-lo por completo (ROM. 1: 21-22).

17.

Os nove, onde estão?

Uma clara evidência de que a Deus agrada se apreciarmos as bondades recebidas de sua mão. Os nove deveriam ter estado profundamente agradecidos, mas era evidente que não o estavam. Pelo menos não expressaram nenhuma avaliação.

18.

Estrangeiro.

Outros exemplos de cura de pessoas não feijões aparecem no Luc. 7: 1-10; Mat. 15: 21-28; Mar. 7: 31-37; 8: 22-26. Com referência ao significado da palavra "estrangeiro" no AT, ver com. Exo. 12: 19, 43, 45; 20: 10; Núm. 9: 14; Deut. 10: 19; 14: 21, 29.

19.

Sua fé.

Ver com. cap. 17: 14.

20.

Perguntado pelos fariseus.

[A vinda do Reino, Luc. 17: 20-37. Cf. com. Mat. 24: 3, 26-41.] Não sabemos se os fariseus se encontraram com o Jesus durante esta viagem (ver com. vers. 11) ou depois de sua chegada a Perea. É provável que transcorresse então o mês de março do ano 31 d. C., no máximo umas poucas semanas antes da páscoa. Compare-se este episódio com anteriores exigências dos fariseus para obter informação do Juan o Batista (Juan 1: 19-22) e do Jesus (Mat. 16: 1; Mar. 2: 16; Juan 2: 18).

Quando tinha que vir o reino.

Tinham transcorrido quase quatro anos desde que Juan o Batista começasse a proclamar que "o reino dos céus" aproximou-se (Mat. 3: 2; ver com. vers. 1). A gente da Galilea tinha escutado ao Jesus proclamando o mesmo mensagem pelo menos durante dois anos (ver com. Mat. 4: 12; Mar. 1: 15). Agora os fariseus se aproximam de perguntar quanto tempo mais devem esperar antes de ver uma evidência concreta de que o reino verdadeiramente estava por chegar. Ao fazer esta demanda, os fariseus estavam desafiando a autenticidade do messianismo do Jesus e insinuavam que era um falso mesías.

De Deus.

Conforme pode ver-se, o conceito equivocado dos fariseus sobre o reino messiânico foi o que os impulsionou a fazer esta pergunta (ver com. cap. 4: 19). Entendiam que o reino de Deus era uma organização política, e que o Mesías Rei seria um governante temporário que dominaria todas as nações e as subjugaria ao governo judeu (ver T. IV, pp. 27-40). Seus egoístas sonhos ainda não se materializaram, e portanto estavam seguros de que o "reino" ainda não tinha chegado. O reino ainda era futuro para eles.

Não virá com advertência.

Melhor "não vem o reino de Deus com observação"; quer dizer, não pode observar-se sua vinda. O reino do qual Juan e Jesus tinham falado 819 -o reino da graça- já se encontrava presente; mas os cegos fariseus não o tinham detectado porque só estavam observando a aparência externa das coisas (1 Sam. 16: 7). Não tinham visto nenhum sinal que pudesse lhes dar a entender que se aproximava a classe de reino que eles esperavam. necessitava-se discernimento espiritual para perceber a vinda do reino da graça divina ao coração dos homens (ver com. Luc. 17: 21).

21.

Entre vós.

O grego pode entender-se "entre vós" ou "dentro de vós". Há-se discutido qual significado convém ao contexto. A única outra vez que se

emprega a palavra que aqui se traduz "entre", tem claramente o sentido de "dentro" e não de "entre" (Mat. 23: 26). O reino da graça divina certamente não estava no coração dos fariseus, e este fato induziu a muitos comentadores a preferir a tradução "entre vós". Entretanto, Jesus claramente se estava dirigindo aos fariseus (ver com. Luc. 17: 20). Por outra parte, deveria notar-se que apesar disso, a declaração do Jesus não precisa entender-se com o sentido de "entre". Simplesmente poderia lhes haver estado dizendo que o reino de Deus não é algo que alguém pode esperar que verá observando cuidadosamente com os olhos, mas sim para descobri-lo terá que encontrá-lo dentro do coração de cada um.

22.

Disse a seus discípulos.

Não se sabe se isto foi em presença dos fariseus (ver com. vers. 20-21) ou em algum momento posterior quando Jesus esteve sozinho com seus discípulos. Parece que a conversa dos vers. 22-37 foi pronunciada imediatamente depois dos comentários dos vers. 20-21 ou pouco depois.

Tempo virá.

O discurso dos vers. 22-37 se refere ao reino futuro da glória e não ao reino atual da graça divina (ver com. Mat. 4: 17; 5: 2-3). Jesus há afirmado que o reino da graça já está presente, que foi estabelecido e que atua no coração dos homens (Luc. 17: 21). Mas adverte agora a seus discípulos que o reino de glória, o qual os fariseus erroneamente acreditavam que era o tema do ensino do Jesus, ainda é futuro; "tempo virá" contrasta com "está entre vós" (vers. 21).

Desejarão ver.

Desejariam ver o estabelecimento real do reino da glória quando vier o Filho do homem (ver com. Mat. 25:31). Jesus fala aqui do desejo do coração de tudo verdadeiro discípulo de que chegue o pleno cumprimento do reino vindouro. O desejo dos doze se intensificaria à medida que meditassem nas oportunidades que tinham tido no passado ao caminhar e falar com seu amado Professor (DTG 467), mas que nesses momentos não tinham apreciado plenamente. Jesus estava agora com eles, mas muitos não estimavam devidamente seu presença. Quando os fora tirado, sua avaliação do privilégio de estar com ele aumentaria grandemente. antes de sua partida lhes prometeria voltar outra vez (Juan 14:1-3), e em sua ausência desejariam ardentemente sua prometido volta.

Filho do Homem.

Ver com. Mat. 1: 1; Mar. 2: 10.

Não o verão.

Porque o momento da segunda vinda não tinha chegado ainda.

23.

Gelo aqui.

Ver com. Mat. 24: 23, 26. Quando Jesus venha pela segunda vez, sua aparição não circunscreverá-se a um lugar específico, mas sim será universal.

Nem o sigam.

Já tinham surto muitos falsos mesías, e apareceriam muitos mais. Teudas, a quem tinham seguido quatrocentos homens e Judas da Galilea, quem "levou em detrás de si a muito povo", possivelmente podem haver-se contado entre os falsos mesías (Hech. 5: 36-37). O deserto era com freqüência o lugar onde se congregavam estes entusiastas agitadores políticos. A pesar do intenso desejo dos discípulos de que seu Professor voltasse, não deviam deixar-se enganar pensando que um mesías arrivista e militar pudesse ser o Cristo.

24.

Como o relâmpago.

Ver com. Mat. 24: 27. A volta do Jesus virá repentina e inesperadamente como um relâmpago (cf. 1 Lhes. 5: 1-5), mas em forma visível e dramática.

25.

Primeiro é necessário que padeça.

A cruz devia preceder à coroa (ver com. Mat. 16: 21; Mar. 9: 31; etc.). Os discípulos não deviam esperar imediatamente o reino de glória (ver com. Mat. 25: 31).

Descartado por esta geração.

Ver com. Mat. 11: 16; 23: 35-38.

26.

Como foi.

Ver com. Mat. 24: 37.

27.

Comiam.

Enquanto os antediluvianos levavam a cabo suas atividades normais, veio o dilúvio e os surpreendeu. Não esperavam uma mudança tão brusca e repentina. Estavam absortos em suas atividades e prazeres mundanos, adormecidos por uma falsa sensação de segurança. Não estavam suficientemente 820 preocupados com o que viria (ver com. Gén. 6: 5-13; cf. 2 Ped. 2: 5).

28.

Os dias do Lot.

Ver com. Gén. 18: 20-21; cf. 2 Ped. 2: 7-8.

29.

Fogo e enxofre.

Ver com. Gén. 19: 24-25; cf. 2 Ped. 3: 7, 10-12; Apoc. 20: 9.

30.

Filho do Homem.

Ver com. Mat. 1: 1; Mar. 2: 10; cf. Luc. 17: 22.

manifeste-se.

Gr. apokalúptÇ, "descobrir", portanto, "manifestar-se". A palavra "apocalipse" deriva do verbo apokalúptÇ, e significa "revelação". O verbo refere-se aqui à revelação do Filho do homem em poder e glória, assim como algumas vezes o essencial apokálupsis, "apocalipse", refere-se à vinda do Jesus (ver 1 Cor. 1: 7; 2 Lhes. 1: 7; 1 Ped. 1: 7, 13).

31.

Naquele dia.

Compare-se com a dobro profecia do Mat. 24: 15-20, segundo a qual o caso dos cristãos que estivessem vivendo em Jerusalém quando a cidade caísse ante os romanos no ano 70 d. C., em certa medida representaria o dos cristãos antes da segunda vinda de Cristo (ver com. Mat. 24: 16-17).

No terraço.

Ver com. Mat. 24: 17.

Seus bens.

As posses materiais têm pouco valor quando a vida está em perigo, e procurar as salvar pode levar a perda da vida. Ao Lot de nada o valeram as posses que tinha na Sodoma quando teve que fugir. Pôde alegrar-se de ter escapado com vida (ver com. Gén. 19: 17).

32.

lhes lembre da mulher do Lot.

A esposa do Lot se converteu em um muito triste exemplo dos resultados do desmesurado apego às coisas materiais desta vida. Seu desejo de aferrar-se a as coisas que acabava de deixar na Sodoma lhe causou sua morte (ver com. Gén. 19: 26).

33.

Salvar sua vida.

Quer dizer "salvar-se a si mesmo". Ver com. Mat. 16: 25. Esta grande paradoxo do cristianismo expressa uma das grandes verdades eternas do Evangelho (ver com. Mat. 6: 33).

35.

Duas mulheres.

Ver com. Mat. 24: 41.

36.

Dois estarão.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) a omissão do vers. 36. Sem embargo, não há dúvida de que se encontrou no Mat. 24: 40 (ver o comentário).

37.

Onde, Senhor?

Quer dizer "em que circunstâncias?" Parece que os discípulos ficaram perplexos quanto ao tempo quando ocorreriam as coisas das quais Cristo os falava e a maneira em que aconteceriam (ver com. Mat. 24: 3).

Onde estivesse o corpo.

Parece que Jesus usou aqui um dito comum nessa época para responder à pergunta dos discípulos (ver com. Mat. 24: 28).

Águias.

Gr. aetós, "águia", mas que neste caso poderia referir-se a "abutres". As águias não revistam juntar-se em grupos nem se alimentam de carniça como os abutres (ver com. Hab. 1: 8).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

3 PVGM 194-195

3-4 PVGM 195

5 COES 79; MJ 119

10 Ev 433; MB 332; 2T 465; 3T 526; 4T 228; 7T 209

12-16 DTG 313, 452; 2JT 108; MC 96; MeM 175

12-19 3T 179

20-21 3JT 144

20-22 DTG 467

26 FÉ 221; 1JT 398, 508; PP 93; TM 129

26-27 1JT 509; 2JT 122

26-28 FÉ 317; PR 529

26-30 3T 162; Lhe 251

28 PP 162

28-30 CH 24; PP 162; 3TS 134

29 OE 132

30 PP 94

33 5TS 171

35-36 TM 23 821

CAPÍTULO 18

3 A viúva importuna. 9 O fariseu e o publicano. 15 Uns meninos são gastos a Cristo. 18 O jovem rico não segue a Cristo por causa de suas riquezas. 28 A recompensa de quem deixe tudo por seguir a Cristo. 31 Cristo prediz seu morte, 35 e lhe devolve a vista a um cego.

1 TAMBIEN lhes referiu Jesus uma parábola sobre a necessidade de orar sempre, e não deprimir,

2 dizendo: Havia em uma cidade um juiz, que nem temia a Deus, nem respeitava a homem.

3 Havia também naquela cidade uma viúva, a qual vinha a ele, dizendo: me faça justiça de meu adversário.

4 E ele não quis por algum tempo; mas depois disto disse dentro de si: Embora nem temo a Deus, nem tenho respeito a homem,

5 entretanto, porque esta viúva me é molesta, farei-lhe justiça, não seja que vindo de contínuo, esgote-me a paciência.

6 E disse o Senhor: Ouçam o que disse o juiz injusto.

7 E acaso Deus não fará justiça a seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Demorará-se para lhes responder?

8 Lhes digo que logo lhes fará justiça. Mas quando vier o Filho do Homem, achará fé na terra?

9 A uns que confiavam em si mesmos como justos, e menosprezavam aos outros, disse também esta parábola:

10 E dois homens subiram ao templo a orar: a gente era fariseu, e o outro publicano.

11 O fariseu, posto em pé, orava consigo mesmo desta maneira: Deus, dou-te obrigado porque não sou como os outros homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem até como este publicano;

12 jejum duas vezes à semana, dou dízimos de tudo o que ganho.

13 Mas o publicano, estando longe, não queria nem mesmo elevar os olhos ao céu, mas sim se golpeava o peito, dizendo: Deus, sei propício a mim, pecador.

14 Lhes digo que este descendeu a sua casa justificado antes que o outro; porque qualquer que se enaltece, será humilhado; e o que se humilha será enaltecido.

15 Traziam os meninos para que os tocasse; o qual vendo os discípulos, repreenderam-lhes.

16 Mas Jesus, chamando-os, disse: Deixem aos meninos vir para mim, e não se o impeçam; porque dos tais é o reino de Deus.

17 De certo lhes digo, que o que não recebe o reino de Deus como um menino, não entrará nele.

18 Um homem principal lhe perguntou, dizendo: Professor bom, o que farei para herdar a vida eterna?

19 Jesus lhe disse: por que me chama bom? Nenhum há bom, a não ser só Deus.

20 Os mandamentos sabe: Não adulterará; não matará; não furtará; não dirá falso testemunho; honra a seu pai e a sua mãe.

21 O disse: Tudo isto o guardei desde minha juventude.

22 Jesus, ouvindo isto, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tem, e dá-o aos pobres, e terá tesouro no céu; e vêem, me siga.

23 Então ele, ouvindo isto, ficou muito triste, porque era muito rico.

24 Ao ver Jesus que se entristeceu muito, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!

25 Porque é mais fácil passar um camelo pelo olho de uma agulha, que entrar um rico no reino de Deus.

26 E os que ouviram isto disseram: Quem, pois, poderá ser salvo?

27 O lhes disse: O que é impossível para os homens, é possível para Deus.

28 Então Pedro disse: Hei aqui, nós deixamos nossas posses e lhe seguimos.

29 E ele lhes disse: De certo lhes digo, que não há ninguém que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, pelo reino de Deus,

30 que não tenha que receber muito mais neste tempo, e no século vindouro a vida eterna.

31 Tomando Jesus aos doze, disse-lhes: Hei aqui subimos a Jerusalém, e se cumprirão 822 todas as coisas escritas pelos profetas sobre o Filho do Homem.

32 Pois será entregue aos gentis, e será ludibriado, e afrontado, e cuspido.

33 E depois que lhe tenham açoitado, matarão-lhe; mas ao terceiro dia ressuscitará.

34 Mas eles nada compreenderam destas coisas, e esta palavra lhes era encoberta, e não entendiam o que lhes dizia.

35 Aconteceu que aproximando-se Jesus ao Jericó, um cego estava sentado junto ao caminho mendigando;

36 e para ouvir a multidão que passava, perguntou o que era aquilo.

37 E lhe disseram que passava Jesus nazareno.

38 Então deu vozes, dizendo: Jesus, Filho do David, tenha misericórdia de mim!

39 E os que foram diante lhe repreendiam para que calasse; mas ele clamava muito mais: Filho do David, tenha misericórdia de mim!

40 Jesus então, detendo-se, mandou lhe trazer para sua presença; e quando chegou, perguntou-lhe,

41 dizendo: O que quer que te faça? E ele disse: Senhor, que receba a vista.

42 Jesus lhe disse: Recebe-a, sua fé te salvou.

43 E logo viu, e lhe seguia, glorificando a Deus; e todo o povo, quando viu aquilo, deu louvor a Deus.

1.

Uma parábola.

[Parábola da viúva e o juiz injusto, Luc. 18: 1-8. Cf. com. cap. 11: 5-8; com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Esta parábola foi apresentada com toda probabilidade quando Jesus repartiu o ensino registrado no cap. 17: 20-37 (ver com. vers. 20; cf. PVGM 129-130). É provável que nesse tempo estivesse transcorrendo o mês de março do ano 31 d. C., pouco tempo depois da ressurreição do Lázaro (ver com. vers. 11, 20) e só umas poucas semanas antes da última páscoa. O lugar foi possivelmente algum sítio da Perea. Parte do ensino precedente (ver com. vers. 20) tinha sido dirigida diretamente aos fariseus, e por isso é provável que ainda estivessem pressente. Entretanto, Jesus se tinha estado dirigindo a seus discípulos (cap. 17: 1; cf. 16: 1) quando os fariseus lhe interromperam com a pergunta sobre o tempo da vinda do reino (cap. 17: 20). É provável que depois disto Jesus tenha dirigido outra vez sua atenção em primeiro lugar aos discípulos. Em realidade, depois de responder especificamente a pergunta de os fariseus (vers. 21), Jesus, ao menos em parte, já havia se tornado a dirigir aos discípulos (ver com. vers. 22).

Deve se ter em conta que a admoestação de orar sempre e sem deprimir segue imediatamente ao tema do tempo de crise que precederá ao segundo advento (cap. 17: 22-37), especialmente do ponto de vista dos enganos destinados a desencaminhar aos escolhidos. O mesmo ocorre com uma advertência similar no cap. 21: 36 (cf. Mar. 13: 33).

A necessidade de orar sempre.

Esta parábola se aplica especificamente ao caso do povo de Deus nos últimos dias (PVGM 129), como uma advertência contra os enganos aos quais deverá fazer frente e à perseguição que terá que sofrer. A segunda vinda e o tempo de prova que a precederá fazem indispensável "orar sempre sem desfalecer" (BJ). A oração é, mais que um dever, uma necessidade. Jesus não fala aqui de orar sem fazer esforços práticos para cooperar com os agentes celestiales, com o propósito de conseguir o que se pede em oração mas descuidando a responsabilidade pessoal (ver com. "não deprimir"). Jesus

quer dizer que não devemos deixar de orar quando se atrasam as respostas a nossas orações (vers. 7-8). Orar sempre também significa viver de tal modo, dia detrás dia e hora detrás hora, que possamos estar em constante relação com Deus. Com referência aos princípios que regem a interpretação das parábolas, ver pp. 193-194. A respeito da vida de oração do Jesus, ver com. Mar. 1: 35; 3: 13. Quanto a outros ensinos do Jesus a seus discípulos, referentes à oração, ver com. Luc. 11: 1-9. Compare-se também com a ensino dado no Mat. 9: 38.

Não deprimir.

Jesus admoesta aos discípulos a não cansar-se de orar nem a desanimar-se na oração. A Mishnah se refere ao costume de orar três vezes ao dia (Berakoth 4. 1). Duas vezes correspondiam com as horas do oferecimento do sacrifício por todo o Israel na manhã e na tarde, e do incenso diante do véu (ver com. Luc. 1: 9-10). O costume de orar três vezes ao dia parece que foi adotada pelos cristãos (Didajé 8). Na segunda metade do século IV, proibiram-se expressamente as orações feitas cada hora (Tanchuma, fólio 15. 3).823

2.

Em uma cidade um juiz.

Literalmente "certo juiz em certa cidade". Jesus era muito cuidadoso ao usar uma ilustração deste tipo. assegurou-se de que seus ouvintes não pudessem referi-la a determinado juiz. Os inimigos do Jesus teriam aproveitado imediatamente qualquer oportunidade para acusar o de debilitar a confiança em o governo (ver com. cap. 23: 2).

Nem temia a Deus.

Este juiz evidentemente fazia o que lhe parecia. Não demonstrava amor a Deus nem a seus próximos; tampouco respeitava nenhuma das duas pranchas da lei (ver com. Mat. 22: 34-40).

3.

Uma viúva.

Na antiga sociedade do Próximo Oriente a viúva estava acostumada ser a mais necessitada de todas as pessoas, especialmente se não tinha filhos que defendessem seus direitos. Esta viúva parece que não tinha a ninguém que a protegesse. Além disso, tampouco dispunha de recursos para subornar ao endurecido juiz nem nada que oferecer em pagamento para que lhe fizesse justiça. O salmista representa a Deus como "defensor de viúvas" (Sal. 68: 5). Santiago diz que "a religião pura. . . é. . . visitar. . às viúvas em suas tribulações" (Sant. 1: 27). Um de os ayes pronunciados por Cristo contra os fariseus se deveu a que devoravam "as casas das viúvas" (ver com. Mat. 23: 14; cf. com. Job 22: 9).

me faça justiça.

Ver PVGM 131. É evidente que o marido da viúva lhe tinha deixado uma propriedade, possivelmente hipotecada, mas alguém se negava a devolver-lhe no tempo estipulado pela lei (ver com. Lev. 25: 23-25). A viúva, ao não ter quem defendesse seus direitos, sem dúvida dependia completamente do sentido de justiça e de misericórdia do juiz; mas este nem era justo nem misericordioso.

Era justamente o contrário de Deus; refletia o caráter de Satanás.

Adversário.

Gr. antídikos, "opositor", vocábulo também empregado como término legal para designar ao oponente em um pleito judicial. Pelo general se refere ao acusado, mas pode também referir-se ao demandante (ver com. Mat. 5: 25). Satanás é o antídikos do cristão (1 Ped. 5: 8; cf. Zac. 3: 1-4). Antídikos também aparece na LXX em 1 Sam. 2: 10, onde se traduz como "adversário", e no Est. 8: 1 onde se traduz como "inimigo".

4.

depois disto.

depois de negar-se a fazer justiça "por algum tempo", a persistência da viúva o cansou.

dentro de si.

Ver com. vers. 11.

Nem temo a Deus.

Ver com. vers. 2.

5.

Esta viúva me é molesta.

A persistência em apresentar seu pedido era a única arma que a viúva tinha a sua disposição. Sua grande necessidade não despertou o sentido de justiça ou de misericórdia do juiz (ver com. vers. 3); mas a persistência da viúva provocou sua impaciência. Em um instante e com pouco esforço de sua parte, poderia ter ordenado que se fizesse justiça, mas não o fez até que foi mais fácil fazer justiça que deixar de fazê-la.

Farei-lhe justiça.

Ver com. vers. 3. Não por um sentido de justiça nem por simpatia pela situação difícil dela, a não ser para evitar-se maiores inconvenientes. Não respeitava a lei e era completamente indiferente ao sofrimento e à opressão.

Esgote-me a paciência.

Literalmente "golpeie-me debaixo do olho", "deixe-me o olho negro"; quer dizer, me atormente, termine-me de cansar. Sem dúvida, o juiz emprega esta frase em sentido figurado.

6.

Injusto.

Este adjetivo descreve exatamente a opinião do Jesus a respeito de um juiz de esta classe, assim como descreve o que pensava do mordomo infiel (ver com. cap. 16: 8).

7.

E acaso?

A construção grega da pergunta indica que se espera uma; resposta positiva (ver com. cap. 6: 39). A lição da parábola se apóia no agudo contraste entre o caráter do juiz injusto e o de um Deus justo e misericordioso. Se o juiz finalmente respondeu ao pedido da viúva movido por motivos egoístas, quanto mais responderá Deus a quem apresenta seus petições. Com referência a um contraste similar, ver com. Mat. 15: 26-27. Se a persistência consegue resultados positivos com um juiz injusto, não há dúvida de que a mesma virtude não passará inadvertida e sem recompensa diante de um Deus justo.

Seus escolhidos.

Ver Sal. 105: 6, 43; ISA. 43: 20; 65: 15.

Clamam a ele dia e noite.

Quer dizer, contínua ou persistentemente (ver com. vers. 1). Compare-se com o pedido de justiça das almas que Juan viu debaixo do altar (Apoc. 6: 9- 10).

Demorará-se para lhes responder?

Aos escolhidos pode lhes parecer algumas vezes que Deus demora em responder (Hab. 1: 2), mas na verdade está obrando apressadamente. Põe em ação forças que farão o que ele considera que convém aos escolhidos, e estas forças podem atuar muito tempo antes de que os resultados se vejam. Além disso, Deus algumas 824 vezes pode demorar o fazer julgamento de seus escolhidos para que os que os perseguem possam ter tempo e oportunidade de arrepender-se. Deus ama tanto aos perseguidores como aos perseguidos. Não "retarda sua promessa", mas ao mesmo tempo não quer "que nenhum pereça" (2 Ped. 3: 9). Por outra parte, o caráter se aperfeiçoa por meio da prova (ver com. Job 23: 10) e às vezes Deus pode demorar a resposta a nossas petições para que haja oportunidade de que o caráter se desenvolva (DTG 170; PVGM 138, 140). A demora também serve para aumentar nosso sentimento de necessidade, sem o qual muitas vezes é impossível que Deus obre em nosso favor (PVGM 118). Com referência à atitude de Deus para com seus escolhidos que sofrem injustamente e à atitude que eles deveriam assumir em tais circunstâncias, ver 1 Ped. 2: 20-24.

8.

Digo-lhes.

Estas palavras destacam a conclusão que aqui se apresenta.

Quando vier.

Esta é uma das primeiras referências diretas que fez nosso Senhor de seu segunda vinda, a qual já tinha feito uma breve alusão uns seis meses antes (Mat. 16: 27). A parábola do joio, apresentada aproximadamente um ano e meio antes deste momento, fala do "Filho do Homem" que envia a seus anjos para separar o joio do trigo (ver com. Mat. 24: 31), mas não se refere diretamente à volta do Jesus a esta terra (ver Mat. 13: 40-43; cf.

Luc. 17: 22-30).

Alguns comentadores não viram a relação entre a declaração de que quando o Filho do homem venha encontrará muito pouca fé na terra, e a parábola anterior. Pensam que se trata de um dito isolado do Jesus, e que Lucas incidentalmente inseriu aqui. Quem toma esta posição não se deram conta que "o Filho do Homem" "fará justiça" a seus escolhidos quando retornar (vers. 7-8). Este é um fato claramente ensinado em outras passagens da Escritura em relação com sua vinda (Mat. 16: 27; Apoc. 22: 12). Nessa ocasião Cristo se apresentará como juiz (Mat. 25: 34-46; ROM. 2: 16; 2 Tim. 4: 1, 8; 1 Ped. 4: 5; Apoc. 19: 11).

Filho do Homem.

Ver com. Mat. 1: 1; Mar. 2: 10.

Achará fé na terra?

Melhor "achará a fé na terra?" As circunstâncias imediatamente anteriores à vinda de Cristo serão tais, que parecerá que o mal há triunfado e que Deus deixou a seus escolhidos para que sofram e caiam diante de seus inimigos (CS 688). Poucas semanas depois de apresentar esta parábola, quando Jesus falou dos sinais de sua vinda, advertiu a seus discípulos que sofreriam uma "grande tribulação" (Mat. 24: 21) que os provaria até o extremo (vers. 22); mas que os escolhidos perseverariam até o fim e seriam salvos (vers. 13).

Confiavam em si mesmos.

Embora não os nomeia em forma direta, é evidente que Jesus se referia a os fariseus. Isto se enfatiza pelo fato de que é um fariseu o que, na parábola, é posto como exemplo de um que confiava em si mesmo como justo e menosprezava aos outros. Os escribas e os fariseus tinham estado pressente quando Jesus estava ensinando (ver com. cap. 15: 2; 16: 14; 17: 20), e é provável que estivessem pressentem agora também. Lucas indica em seu introdução à parábola que esta estava dirigida a quem tinha confiança em si mesmos e não em Deus (cap. 18: 8-9). A fé deles era uma falsa confiança, em contraste com a verdadeira fé que Deus quereria que desenvolvessem. A descrição que Pablo faz de si mesmo como fariseu (Fil. 3: 4-6), ilustra a mentalidade dos fariseus que "confiavam em si mesmos".

Como justos.

Quer dizer, segundo suas próprias normas de justiça, as quais os fariseus, pelo general, observavam rigorosamente, ou pelo menos pretendiam observar. A normatiza farisaica de justiça consistia na estrita observância das leis do Moisés e das tradições rabínicas. Em essência, era justificação por obras. O conceito farisaico, legalista, da justiça, apoiava-se na hipótese de que a salvação devia ganhar observando certas regras de conduta, e quase não emprestava atenção à necessária consagração do coração a Deus e à transformação dos motivos e dos propósitos da vida. Os fariseus realçavam a letra da lei, mas ignoravam o espírito dela. O conceito de que a conformidade externa aos requerimentos divinos era todo o que Deus pedia, sem considerar o motivo que impulsionava a cumpri-los, dava forma a sua maneira de pensar e de viver. Jesus tinha advertido em diversas ocasiões a seus discípulos e a outros contra este conceito formalista da salvação (ver com. Mat. 5: 20; 16: 6; Luc. 12: 1).

Menosprezavam.

Gr. exouthenéo, "desprezar", "menosprezar", "ter em pouco". Este verbo se traduz como "menosprezar" em 825 Luc. 23: 11; ROM. 14: 10; 2 Cor. 10: 10; e como "reprovar" no Hech. 4: 11. Quem se considera como exemplos de virtude tendem a considerar a seus próximos com menosprezo ou desdém.

Os outros.

Melhor "outros" (BJ). Quer dizer, os fariseus tratavam com desprezo a todos os que não aceitavam sua definição da justiça nem regiam sua vida de acordo com ela.

9.

Esta parábola.

[Parábola do fariseu e o publicano, Luc. 18: 9-14; com referência a parábolas, ver pp. 193-197.] Não há uma clara relação entre esta parábola e a anterior sobre o juiz injusto, e não há como saber se as duas foram sortes na mesma ocasião. Esta parábola, como a anterior, possivelmente foi apresentada durante o mês de março do ano 31 D.C., em algum lugar da região da Perea.

10.

Dois homens.

Jesus não quis dizer que não houvesse outros pressente, mas sim só menciona a os dois a quem se refere a parábola. Um deles se considerava santo, e foi ao templo para elogiar-se diante de Deus e dos homens. O outro se considerava pecador, e foi ao templo para confessar seu pecado diante de Deus, para suplicar sua misericórdia e obter o perdão.

Subiram.

usa-se este verbo possivelmente para referir-se à ascensão das partes mais baixas da cidade até o monte Moriah. Para os fariseus assistir na hora da oração pela manhã e pela tarde, assim como aos outros serviços do templo, era um ato de mérito que tinha o propósito de ganhar o favor de Deus e a aprovação dos homens. A respeito dos atos religiosos celebrados com este fim, Jesus disse: "já têm sua recompensa" (ver com. Mat. 6: 2). Um espírito de verdadeira humildade ante Deus e nossos próximos é uma das melhores evidencia de conversão (ver com. Mig. 6: 8).

Orar.

Provavelmente na hora da oração matutina ou vespertina (ver com. cap. 1: 9-10). Ainda depois do Pentecostés alguns dos apóstolos parecem haver seguido o costume de assistir ao serviço do templo nas horas de oração (Hech. 3: 1; cf. cap. 10: 3).

Fariseu.

Ver pp. 53-54. Nesse tempo, o fariseu representava o mais alto nível de religiosidade judia.

Publicano.

Ver P. 68. Por outra parte, o publicano representava o nível mais desço da escala social feijão.

11.

Posto em pé.

Esta posição era comum na oração (1 Sam. 1: 26; 1 Rei. 8: 14, 22; Mat. 6: 5; Mar. 11: 25; ver com. Neh. 8: 5; Dão. 6: 10).

Consigo mesmo.

"Em seu interior" (BJ). Quer dizer, em forma inaudível, possivelmente só com movimentos de lábios ou em voz muito baixa. O fariseu possivelmente se estava dirigindo a si mesmo e não a Deus. É possível que o fariseu se houvesse afastado a certa distância dos outros adoradores reunidos nos átrios do templo, como se tivesse sido muito bom para juntar-se com eles até na oração.

Deus, dou-te obrigado.

Sem dúvida, o que na verdade queria dizer era: "Deus, devesse estar agradecido de ter uma pessoa como eu entre os que vieram a te adorar. Sou incomparablemente superior às pessoas comum".

Os outros homens.

Melhor "outros homens" (BJ); quer dizer, o resto dos seres humanos (ver com. vers. 9). A gente comum estava longe de alcançar a elevada norma de justiça própria do fariseu. Sempre é perigoso determinar a medida de nossa justiça nos comparando com nossos próximos, não importa qual seja o estado deles (ver com. Mat. 5: 48). Em notável contraste com a atitude do fariseu, Pablo se considerou como o primeiro dos pecadores (1 Tim. 1: 15).

Ladrões.

Gr. hárpax, "ladrão"; como adjetivo significa "rapaz" (ver com. Mat. 7:15; Luc. 11: 39). O fariseu continua então com uma contagem dos defeitos que não possui, crédulo em que assim será mais estimado Por Deus. Apresenta uma lista de alguns pecados dos quais não é culpado. Está agradecido por seus próprias virtudes e não pela justiça e a misericórdia de Deus. Está agradecido de que mediante seu esforço diligente se manteve estritamente dentro da letra da lei, mas parece desconhecer totalmente o espírito que deve acompanhar à verdadeira obediência para que seja aceitável a Deus.

Injustos.

Não tinha quebrantado manifiestamente a lei.

Adúlteros.

Ver com. Mat. 5: 27-32.

Nem mesmo como este publicano.

É possível que a palavra "este" se utilize não só para designar ao publicano, a não ser para expressar certo desprezo para ele (ver com. cap. 14: 30; 15: 2). "Este publicano" destacava-se porque podia ser visto até "estando longe" do resto da multidão, em outro lugar (cap. 18: 13). Quando o fariseu descobriu a presença desse patife desprezado pela sociedade, pensou em sua oração: "Aí tem, Senhor, 826 um exemplo do que quero dizer: esse desprezado coletor de impostos. Regozijo-me de não ser um pícaro como ele".

12.

Jejum duas vezes.

depois de apresentar a lista dos pecados de que não era culpado, o fariseu passou a enumerar as virtudes das quais se orgulhava especialmente, virtudes que sem dúvida considerava que lhe comprariam a salvação. Segundo os fariseus, se uma pessoa fazia suficientes atos meritórios, podia cancelar seu dívida de más ações. Os fariseus se orgulhavam de jejuar (ver com. Mat. 6: 16-18) mais do que requeria a lei e de ser mais escrupulosos em seus dízimos do que demandava a lei (ver com. Mat. 23: 23). Pareciam acreditar que a Deus agradava que eles fizessem esse esforço adicional, voluntário, mais lá do que requeria o dever.

O jejum se praticava as segundas-feiras e as quintas-feiras, especialmente nas sete semanas que transcorriam entre a páscoa e Pentecostés, e nos dois meses que separavam o fim da festa dos tabernáculos, o 22 do sétimo mês, da festa da dedicação, o 25 do nono mês (ver T. II, P. 112; T. I, pp. 722-723; Lev. 23: 2-42; com. Juan 10: 22).

Os cristãos fervorosos jejuavam mais tarde em quarta-feira e sexta-feira em certas épocas do ano, para evitar que os confundisse judeus que jejuavam as segundas-feiras e as quintas-feiras. Na Didajé (8. 1), documento cristão não canônico do século II, faz-se a advertência: "Seu jejum não seja feito em comum com os hipócritas, porque eles jejuam no segundo e no quinto dia da semana; mas vós jejuem o quarto dia e no dia da preparação".

Dízimos de tudo.

Até das coisas que não se mencionavam especificamente na lei mosaica referente ao dízimo (ver com. Mat. 23: 23); coisas tais como "a hortelã e o eneldo e o cominho". Isso era possivelmente mais do que exigia o ensino rabínico.

13.

Estando longe.

Provavelmente estava longe do fariseu e de outros adoradores porque sabia que todos o olhavam mau. Outros não se sentiriam alegres de ter que estar perto de um publicano (ver com. cap. 3: 12).

Elevar os olhos.

Jesus levantou o olhos pelo menos uma vez para orar (Juan 17: 1). Compare-se com a descrição do Ezequiel 18: 6, 15; cf. vers. 12, na qual um justo é que não levantou "seus olhos aos ídolos". Acostumava-se orar de pé, com as mãos levantadas o céu (1 Rei. 8: 22; Sal. 28: 2; 63: 4; 134: 2; 1 Tim. 2: 8).

golpeava-se o peito. A atitude do coletor de impostos atestava da sinceridade de suas palavras e dava uma vívida expressão a seu sentimento de pequenez. sentia-se indigno até de orar, mas a compreensão de sua necessidade impulsionava-o a fazê-lo.

Sei propício.

Quer dizer "sei misericordioso", "tenha compaixão" (BJ). Ver com. Mat. 5: 7. A primeira condição para ser aceito Por Deus é sentir a necessidade, ter a convicção de que sem a misericórdia divina estaríamos completamente perdidos (PVGM 122). Em contraste com o fariseu, o publicano sem dúvida pensou em muitos pecados, e sabia que os tinha praticado; pensou nas virtudes e sabia que não possuía nenhuma delas. Como o apóstolo Pablo, sentia-se pecador (1 Tim. 1: 15), que necessitava desesperadamente a graça divina. A misericórdia é um aspecto do amor divino, aspecto que não se manifestou e que portanto não podia haver-se conhecido plenamente até que o pecado entrou no universo. A misericórdia é a expressão do amor divino manifestado a quem não o merecem. A palavra grega que se traduz como "sei propício" parece ter um significado muito parecido ao da palavra hebréia jésed (ver Nota Adicional do Salmo 36), que está acostumado a traduzir-se como "misericórdia" (1 Crón. 16: 34; Sal. 5 1: 1; 52: 1; 136: 1- 26; 138: 2).

Pecador.

Literalmente "o pecador" (cf. 1 Tim. 1: 15). O coletor de impostos fala como se não houvesse outros pecadores, como se ele fora o único. coloca-se em uma classe à parte como o fariseu. Não é tão virtuoso como os outros, é o pecador. O fariseu se considerava muito superior a outros (Luc. 18: 11); o publicano se considerava muito inferior aos outros.

14.

Digo-lhes.

Jesus com freqüência empregou esta expressão para apresentar a declaração de uma verdade importante ou para lhe dar maior realce. Também a empregou para apresentar a conclusão de um raciocínio ou de uma parábola. Lucas registra repetidas vezes a expressão "digo-lhes" (cap. 4: 25; 9: 27; 10: 24; 12: 51; 13: 3, 5, 27; 17: 34; 18: 8, 14; 19: 40).

Justificado.

Quer dizer, aceito Por Deus e declarado justo diante dele. O fariseu acreditava que era justo (vers. 9), mas Deus não o considerava assim. O publicano se sentia pecador (ver vers. 13), e este reconhecimento abriu o caminho para que Deus o declarasse sem pecado, 827 um pecador justificado pela misericórdia divina (ver com. vers. 13). A diferença estava na atitude dos dois para consigo mesmos e para com Deus.

Antes que.

O fariseu se desqualificou a si mesmo de modo que não pôde receber a misericórdia e a graça de Deus. Sua presunção fechou a porta de seu coração às ricas correntes do amor divino que produziram gozo e paz no publicano. A oração do fariseu não podia ser aceita Por Deus porque não estava acompanhada pelo incenso dos méritos do Jesucristo (ver PP 365-367;

com. Exo. 30: 8).

enaltece-se.

Ver com. Luc. 14: 11; Mar. 9: 35. A origem da luta entre o orgulho e a humildade se encontra na raiz mesma do conflito entre o bem e o mal.

Com o Luc. 18:14 conclui a "grande inserção" do Lucas, nome que muitas vezes lhe dá à seção compreendida entre os capítulos 9: 51 e 18: 14 (ver com. cap. 9: 51), pois nenhum outro evangelista registra a maior parte dos episódios e dos ensinos que aparecem nesta parte do relato.

15.

Os meninos.

[Jesus benze aos meninos, Luc. 18: 15-17 = Mat. 19: 13-15 = Mar. 10: 13-16. Comentário principal: Mateo.] A palavra grega que se traduz como "meninos" se refere mas bem aos pequenos ou infantes.

17.

De certo.

Ver com. Mat. 5: 18.

Como um menino.

Cf. Mat. 18: 2-4.

18.

Um homem principal.

[O jovem, rico, Luc. 18: 18-30 = Mat. 19: 16-30 = Mar. 10: 17-31. Comentário principal: Mateo.]

24.

entristeceu-se muito.

A evidência textual sugere (cf. P. 147) a inclusão desta frase, embora falta em vários MSS importantes.

31.

Subimos a Jerusalém.

[Jesus anuncia novamente sua morte, Luc. 18: 31-34 = Mat. 20: 17-19 = Mar. 10: 32-34. Comentário principal: Mateo.] Este episódio se conhece geralmente como o terceiro anúncio da morte do Jesus, mas no que concerne ao Evangelho do Lucas é o sexto. Os primeiros dois anúncios se produziram durante o transcurso dos seis meses de retiro que seguiram à rejeição público do Jesus na Galilea (cap. 9: 22, 44), entre a páscoa do ano 30 d. C. e a festa dos tabernáculos do mesmo ano. Depois, durante o transcurso do ministério na Perea relatado extensamente por este evangelista (cap. 9: 51 a 18: 14) -uma fase do ministério de Cristo não registrada em nenhum outro

Evangelho (ver com. cap. 9: 51)-, Lucas registra três vezes mais nas quais Jesus se referiu, pelo menos em forma indireta, a sua iminente paixão e morte (cap. 12: 50; 13: 33; 17: 25). Estas três ocasiões adicionais ocorreram nos seis meses que seguiram à festa dos tabernáculos do ano 30 d. C.

34.

Nada compreenderam.

Lucas se detém mais que os outros sinóticos na completa falta de compreensão dos discípulos quanto às tristes verdades que Jesus procurava lhes esclarecer. Isto se devia simplesmente a que a mente deles estava cheia de idéias equivocadas quanto à natureza do reino que Jesus tinha vindo a estabelecer. Era evidente que não queriam nem pensar em nenhum assunto que não concordasse com suas idéias preconcebidas sobre o tema (DTG 501-502).

35.

Um cego.

[Um cego do Jericó recebe a vista, Luc. 18: 35-43 = Mat. 20: 29-34 = Mar. 10: 46-52. Comentário principal: Marcos.]

39.

Os que foram diante.

"Os que estavam à frente". Esta descrição proporciona um detalhe interessante quanto à formação do grupo que viajava com o Jesus. "Os que foram diante" bem podiam ter sido parte do grupo do Jesus, e não simplesmente alguns de quão curiosos sempre se reuniam ao redor dele, nem sequer alguns dos peregrinos que subiam a Jerusalém pelo mesmo caminho onde ia Jesus (ver com. Mar. 10: 47).

42.

Salvou-te.

Quer dizer "sanou-te".

43.

Todo o povo.

Lucas aqui acrescenta algo que não mencionam nem Mateo nem Marcos: a reação dos que viram o milagre. Os dirigentes judeus com freqüência atribuíam o poder do Jesus ao diabo (ver com. Mat. 12: 24); mas a gente comum acreditava -em agudo contraste- que o poder do Jesus provinha de Deus porque sua percepção não estava cegada pelos prejuízos.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 MC 171

1-8 PVGM 129-143

3 PVGM 130, 134

7 PVGM 135; 5T 524

7-9 CS 689; DTG 458; 1JT 63; 2JT 520; PP 202; PVGM 140 828

8 CW 98; PP 92; 5T 167, 232

9 PVGM 116

9-14 PVGM 116-127

11 DMJ 12; DTG 458; ECFP 9; 1JT 165; OE 147; PVGM 116-117; 6T 399

11-14 1T 331

12 2JT 211

12-13 PVGM 116-117

13 DC 29, 40; CMC 170; DMJ 12; DTG 458; Ev 215; 2JT 521; MeM 19; OE 225; 1T 26; 5T 638

14 PVGM 117, 127

15-17 DTG 472-476

16 CN 464, 535; HAd 250; 1JT 147; MC 28; Lhe 257

18-23 DTG 477-481

18-30 PVGM 322-326

22 1T 207

25 1JT 41

27 DTG 508

30 5T 42

31-34 DTG 501-505

37 2JT 500; MC 74

41 4T 178

CAPÍTULO 19

1 Zaqueo o publicano. 11 A parábola das dez minas (moedas). 28 Cristo entra triunfante em Jerusalém; 41 chora pela cidade; 45 expulsa aos compradores e vendedores do templo, 47 e insígnia diariamente nele. Os governantes procuram matá-lo, mas não o fazem por medo ao povo.

1 TENDO entrado Jesus no Jericó, ia passando pela cidade.

2 E aconteceu que um varão chamado Zaqueo, que era chefe dos nos publique, e rico,

3 procurava ver quem era Jesus; mas não podia por causa da multidão, pois era pequeno de estatura.

4 E correndo diante, subiu a uma árvore sicómoro para lhe ver; porque tinha que passar por ali.

5 Quando Jesus chegou a aquele lugar, olhando para cima, viu-lhe, e lhe disse: Zaqueo, date pressa, descende, porque hoje é necessário que eu pose em sua casa.

6 Então ele descendeu às pressas, e lhe recebeu contente.

7 Ao ver isto, todos murmuravam, dizendo que tinha entrado em posar com um homem pecador.

8 Então Zaqueo, posto em pé, disse ao Senhor: Hei aqui, Senhor, a metade de meus bens dou aos pobres; e se em algo defraudei a algum, se o devolvo quadruplicado.

9 Jesus lhe disse: Hoje veio a salvação a esta casa; por quanto ele também é filho do Abraham.

10 Porque o Filho do Homem deveu buscar e a salvar o que se perdeu.

11 Ouvindo eles estas coisas, prosseguiu Jesus e disse uma parábola, por quanto estava perto de Jerusalém, e eles pensavam que o reino de Deus se manifestaria imediatamente.

12 Disse, pois: Um homem nobre se foi a um país longínquo, para receber um reino e voltar.

13 E chamando dez servos deles, deu-lhes dez minas, e lhes disse: Negociem enquanto isso que venho.

14 Mas seus concidadãos lhe aborreciam, e enviaram atrás dele uma embaixada, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós.

15 Aconteceu que voltado ele, depois de receber o reino, mandou chamar ante ele a aqueles servos aos quais tinha dado o dinheiro, para saber o que havia negociado cada um.

16 Veio o primeiro, dizendo: Senhor, sua mina ganhou dez minas.

17 O lhe disse: Está bem, bom servo; por quanto no pouco foste fiel, terá autoridade sobre dez cidades.

18 Veio outro, dizendo: Senhor, sua mina produziu cinco minas.

19 E também a este disse: Você também sei sobre cinco cidades.

20 Veio outro, dizendo: Senhor, aqui está sua mina, a qual tive guardada em um lenço;

21 porque tive medo de ti, por quanto é homem severo, quer toma o quer não pôs, e siga o que não semeou.

22 Então lhe disse: Mau servo, por sua própria boca te julgo. Sabia que eu era homem

829 severo, que tomo o que não pus, e que sigo o que não semeei;

23 por que, pois, não pôs meu dinheiro no banco, para que ao voltar eu, o tivesse recebido com os interesses?

24 E disse aos que estavam pressentem: lhe tirem a mina, e dêem ao que tem as dez minas.

25 Eles lhe disseram: Senhor, tem dez minas.

26 Pois eu lhes digo que a tudo o que tem, lhe dará; mas ao que não tem, até o que tenha lhe tirará.

27 E também a aqueles meus inimigos que não queriam que eu reinasse sobre eles, tragam para cá, e decapitem diante de mim.

28 Dito isto, ia diante subindo a Jerusalém.

29 E aconteceu que chegando perto do Bet-fagé e da Betania, ao monte que se chama dos Olivos, enviou dois de seus discípulos,

30 dizendo: Vão à aldeia de em frente, e ao entrar nela acharão um pollino pacote, no qual nenhum homem montou jamais; desatem, e tragam.

31 E se alguém lhes perguntarei: por que o desatam? responderão-lhe assim: Porque o Senhor o necessita.

32 Foram os que tinham sido enviados, e acharam como lhes disse.

33 E quando desatavam o pollino, seus donos lhes disseram: por que desatam o pollino?

34 Eles disseram: Porque o Senhor o necessita.

35 E o trouxeram para o Jesus; e tendo jogado seus mantos sobre o pollino, subiram ao Jesus em cima.

36 E a seu passo tendiam seus mantos pelo caminho.

37 Quando chegavam já perto da baixada do monte dos Olivos, toda a multidão dos discípulos, gozando-se, começou a elogiar a Deus a grandes vozes por todas as maravilhas que tinham visto,

38 dizendo: Bendito o rei que vem no nome do Senhor; paz no céu, e glória nas alturas!

39 Então alguns dos fariseus de entre a multidão lhe disseram: Professor, repreende a seus discípulos.

40 O, respondendo, disse-lhes: Digo-lhes que se estes calassem, as pedras clamariam.

41 E quando chegou perto da cidade, ao vê-la, chorou sobre ela,

42 dizendo: OH, se também você conhecesse, ao menos neste seu dia, o que é para sua paz! Mas agora está encoberto de seus olhos.

43 Porque virão dias sobre ti, quando seus inimigos lhe rodearão com cerca, e sitiarão-lhe, e por toda parte lhe estreitarão,

44 e derrubarão a terra, e a seus filhos dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, por quanto não conheceu o tempo de sua visitação.

45 E entrando no templo, começou a jogar fora a todos os que vendiam e compravam nele,

46 lhes dizendo: Escrito está: Minha casa é casa de oração; mas vós a fizeram cova de ladrões.

47 E ensinava cada dia no templo; mas os principais sacerdotes, os escribas e os principais do povo procuravam lhe matar.

48 E não achavam nada que pudessem lhe fazer, porque todo o povo estava suspense lhe ouvindo.

1.

Tendo entrado Jesus no Jericó.

[Jesus e Zaqueo, Luc. 19: 1-10. Ver mapa P. 213; diagrama P. 221.] Com referência ao tempo, às circunstâncias e ao marco histórico deste incidente, ver com. Mar. 10: 46. É provável que o encontro do Jesus com Zaqueo ocorresse a semana antes da páscoa do ano 31 d. C., quando Jesus ia rumo a Jerusalém.

2.

Zaqueo.

Gr. Zakjáios, que deriva do Heb. Zakkai, e significa "puro". No AT aparece uma pessoa de nome "Zacai" (Esd. 2: 9; Neh. 7: 14), que corresponde com Zakkai. Não há razão para pensar que o relato do Zaqueo seja tão somente outra versão do relato da chamada do Mateo, como o afirmaram alguns comentadores modernos, e menos ainda porque Lucas registra ambos os episódios (cap. 5: 27-32). É evidente que Zaqueo era judeu (cap. 19: 9). Pressente-os protestaram porque Jesus se associava com ele por ser pecador, e não porque fora gentil (ver com. vers. 7; com. Mar. 2: 14-15).

Chefe dos nos publique.

Gr. arjitelÇn's, palavra composta que significa "chefe de coletores de impostos". Compare-se com a palavra arjieréus, "supremo sacerdote" (Mar. 2: 26). Possivelmente poderíamos dizer hoje que Zaqueo era o diretor da arrecadação de impostos da região e que, como tal, estava 830 encarregado de arrecadar os impostos e os direitos alfandegários na importante cidade fronteiriça de Jericó, que era a entrada de todo o trânsito que cruzava o rio Jordão desde o este. O vau do Jordão que se encontra a 8 km ao leste do Jericó, era um dos três pontos importantes entre o mar da Galilea e o mar Morto, onde se podia cruzar o rio até na primavera. Lucas menciona com freqüência a os coletores de impostos (cap. 3: 12; 5: 27; 7: 29; 15: 1; 18: 10), e

sempre fala favoravelmente desses emparelha da sociedade, em harmonia com seu característica ênfase no fato de que Jesus era amigo dos pobres, os oprimidos e os desprezados da sociedade.

Rico.

Os coletores de impostos, respaldados pelo poder de Roma, estavam acostumados a exigir às pessoas mais do que era legal (ver P. 68; com. cap. 3: 12).

3.

Procurava ver quem era Jesus.

É possível que Zaqueo por algum tempo tivesse estado sentindo desejos de ver Jesus, de saber quem era essa pessoa tão renomada. O começo do ministério do Juan o Batista se desenvolveu na Betábara ou "Betania, ao outro lado do Jordão" (BJ), provavelmente não longe do Jericó (ver com. Mat. 3: 2; Juan 1: 28). Zaqueo tinha sido um de quão muitos tinham ido lhe ouvir pregar (DTG 507). É também factível que tivesse estado entre os nos publique que perguntaram ao Juan: "Professor, o que faremos?" (Luc. 3: 12). Zaqueo ficou impressionado com a mensagem do Juan, e embora nesse momento não estivesse plenamente convertido, as palavras do Juan começaram a atuar como levedura em seu coração (DTG 507). Zaqueo tinha ouvido falar antes do Jesus e começou então sua obra de confissão e restituição (DTG 507-508). Sentia um intenso desejo de ter a oportunidade de ver o Jesus e de aprender mais perfeitamente do Professor o caminho da vida. Até certo ponto já havia posto em prática o Evangelho em sua própria vida atuando em harmonia com os preceitos enunciados no Lev. 25: 17, 35-37 (ver com. Luc. 19: 8). Compare-se com o caso do Mateo (ver com. Mar. 2: 13-14).

Não podia por causa da multidão.

As estreitas ruas das antigas cidades, muitas vezes apenas mais largas que uma braça, faziam mais difícil a solução do problema do Zaqueo. Mas este de maneira nenhuma se daria por vencido.

4.

Correndo diante.

Zaqueo ouviu a notícia da chegada do Jesus quando o Professor entrou na cidade do Jericó (DTG 507). devido a que as multidões passavam pela cidade em caminho à celebração da páscoa, o chefe dos coletores de impostos (ver com. vers. 2), sem dúvida tinha estado com mais trabalho que de costume. Entretanto, abandonou tudo para poder ver o Jesus.

Subiu.

Este procedimento não era de tudo correto para um cavalheiro bem vestido como Zaqueo. Entretanto, esteve disposto a ser considerado estranho com tal de não perder a oportunidade de contemplar, embora fora por um momento, ao que tanto tinha desejado ver. É provável que a árvore ao qual subiu Zaqueo estivesse em o lado ocidental da cidade (ver com. Mar. 10: 46) e não em uma das estreitas ruas (ver com. Luc. 19: 3).

Sicómoro.

Gr. sukomoréa, Ficus sycomorus, "sicómoro". Acredita-se que sukomoréa deriva de súkon, "figo", e de moréa, "amoreira", porque as folhas desta árvore se parecem às folhas da amoreira e seu fruto ao da figueira. É uma árvore de ramos baixas e estendidas que dá boa sombra. Seria estranho encontrar árvores como este nas estreitas ruas das antigas cidades, mas era comum encontrá-los junto ao caminho à porta da cidade (ver com. Mar. 10: 46). Ver com. Amós 7: 14; Luc. 17: 6.

5.

Viu-lhe.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão de "viu-lhe".

eu pose.

O verbo empregado no grego pode referir-se a uma visita de certa duração no dia, ou a passar a noite, Esta é a única vez que se registra que Jesus convidasse-se a si mesmo a casa de alguém. Um homem da posição do Zaqueo certamente tinha amplas comodidades para receber visitas, e Jesus sabia que Zaqueo não se sentiria molesto embora as visitas lhe chegassem inesperadamente. Não nos diz como reconheceu Jesus ao Zaqueo para poder chamá-lo por seu nome. É muito possível que algum dos que estavam ali lhe desse a informação, mas o mais provável é que se trata de um caso de conhecimento sobrenatural similar ao que se apresenta no Juan 1: 47. Jesus sabia que receberia uma calorosa bem-vinda. Zaqueo tinha desejado ardentemente ter a oportunidade de ver o Jesus (Luc. 19: 3), e teve que haver-se sentido muito honrado e satisfeito ao ter o privilégio de receber em sua própria casa ao grande Professor. Jesus sabia tudo isto, e foi à casa do coletor de impostos com o propósito 831 específico de instrui-lo no caminho do reino (DTG 509-510).

6.

Contente.

Literalmente "regozijando-se", do Gr. jáirÇ (ver com. cap. 1: 28).

7.

Murmuravam.

Gr. diagoggúzÇ, forma enfática do verbo goggúzÇ, também traduzido como "murmurar" (ver com. Mat. 20: 11; Luc. 5: 30). Sem dúvida estavam presentes em a multidão muitos habitantes do Jericó a quem Zaqueo ou seus agentes virtualmente tinham roubado, e que o consideravam como ladrão.

8.

Posto em pé.

Conforme parece, Zaqueo ia caminhando com o Jesus, mas para ouvir as irados protestos da multidão (vers. 7) deu-se volta para fazer frente a seus acusadores, e se dirigiu ao Jesus.

A metade de meus bens.

A disposição a desprender-se voluntariamente da riqueza que tinha adquirido

em forma injusta era uma das melhores evidencia possíveis que poderia haver dado de sua conversão. "Nenhum arrependimento que não obre uma reforma é genuíno" (DTG 509). Compare-o que fez voluntariamente Zaqueo com a negativa do jovem rico de desprender-se de suas riquezas quando lhe pediu que fizesse-o (ver com. Mat. 19: 21-22). O caso do Zaqueo demonstrou que um rico sim podia entrar no reino dos céus (ver com. Mat. 19: 23-26).

Os pobres.

Entre os judeus se considerava que socorrer aos pobres era um ato muito importante de piedade e de religião prática. Deus tinha dado instruções específicas para que os pobres fossem socorridos (Lev. 19: 10, 15; 25: 35-43; Est. 9: 22; ROM. 15: 26; ver com. Mat. 5: 3).

defraudei.

Zaqueo já tinha começado a devolver seus lucros fraudulentas (ver com. vers. 3); e agora se propôs restituir cabal e sistematicamente tudo o que havia obtido ilícitamente. Isto superaria o que seus piores acusadores na multidão -os sacerdotes, escribas e fariseus- pudessem dizer de sua própria conduta. O comércio do templo proporcionava a estes inumeráveis oportunidades para defraudar a todos os que deviam render culto (ver com. Mat. 21: 12).

Devolvo-o quadruplicado.

Se a restituição era voluntária, a lei do Moisés demandava que só se acrescentasse um quinto da quantidade que se defraudou (Lev. 6: 5; Núm. 5: 7). Mas uma restauração quatro vezes maior era um dos castigos extremos em caso de furto, pois equivalia, além disso, à perda do valor dos bens roubados (Exo. 22: 1; ver com. 2 Sam. 12: 6). A soma que devia devolver-se era, pelo general, o dobro do roubado, se a propriedade ou o dinheiro roubado-se achavam em poder do ladrão (Exo. 22: 4, 7). A quantidade que Zaqueo prometeu devolver era a melhor evidencia possível de que seu coração tinha experiente uma mudança.

9.

Hoje.

Isto possivelmente se refira à decisão refletida na confissão e a promessa de Zaqueo (vers. 8), em vista da transformação que já tinha ocorrido em seu vida.

Esta casa.

Os membros da casa do Zaqueo se beneficiaram pela decisão que ele tomou.

O também.

Cf. cap. 13: 16. A sociedade judia tinha catalogado ao Zaqueo como a um ser desprezível; tinha-o pontuado de pecador (cap. 19: 7), e portanto incapacitado para receber as recompensas que os judeus consideravam automáticas para todos os descendentes literais do pai Abraão. Mas Jesus, com palavras que todos podiam entender, inscreve-o agora no livro do favor divino. Com referência ao conceito judeu a respeito da importância e do valor de ser descendente literal do Abraão, ver com. Mat. 3: 9; Juan 8:

39.

10.

O Filho do Homem.

Ver com. Mat. 1: 1; Mar. 2: 10.

A procurar e a salvar.

Ver com. Mat. 1: 21; 10: 6; Luc. 15: 6, 9, 20.

O que se perdeu.

Ver com. Mat. 1: 21. A gente bem poderia esperar encontrar-se aqui com a frase "os que se perderam", quer dizer todos os pecadores. Mas Jesus não só deveu resgatar ao homem, mas também a tudo o que se perdeu por causa do pecado do homem. O mundo será restaurado a sua formosura edénica e será habitado por uma raça sem pecado, e tudo o que se perdeu também será renovado "nos tempos da restauração de todas as coisas" (Hech. 3: 21).

11.

Ouvindo eles.

[Parábola das dez minas, Luc. 19: 11-28. Cf. com. Mat. 25: 14-30; com referência às parábolas, ver pp. 193-197.] Estas palavras indicam a estreita relação que há entre a parábola das minas e o que Jesus havia dito em casa do Zaqueo (vers. 9-10). portanto pode deduzir-se que possivelmente foi apresentada na casa do Zaqueo ou perto dali, no Jericó, ou talvez pouco depois em alguma pausa no caminho do Jericó a Betania, distante 24 km. É provável que para este tempo transcorresse na semana anterior à páscoa do ano 31 d. C. 832 Com referência às circunstâncias e os acontecimentos que precederam a apresentação desta parábola, ver com. Mat. 20: 17.

Prosseguiu Jesus e disse.

Literalmente "acrescentando disse". Esta expressão aparentemente redundante era característica no hebreu, e em vários casos aparece no grego do NT possivelmente como uma indicação da influência do hebreu nos Evangelhos (Luc. 20: 11-12; Hech. 12: 3; etc.; cf. Gén. 4: 2; 8: 12; 25: 1; Job 29: 1).

Perto de Jerusalém.

Apesar de que Jesus havia dito repetidamente a seus discípulos que ia a Jerusalém para morrer (ver com. Mat. 16: 21; 20: 17-19; Mar. 9: 31; Luc. 18: 31), estes seguiam acariciando a esperança de que ele seria proclamado como rei do Israel e aceitaria o trono do David. Esta falsa esperança tinha causado contínuas discussões entre eles a respeito de quem seria o primeiro no reino (ver com. Mar. 9: 33-40; Mat. 20: 20). Um ano antes se feito na Galilea um intento popular de coroar ao Jesus como rei (ver com. Mat. 14: 22; Mar. 6: 42; Juan 6: 15; DTG 340- 341). O sentimento popular favorecia cada vez mais tal proceder, e sem dúvida os discípulos fomentavam esta idéia como o haviam feito naquela ocasião anterior. A base deste conceito equivocado aproxima dos propósitos de Cristo, era a falsa esperança messiânica ensinada pelos rabinos, esperança que se apoiava, a sua vez, na falsa interpretação das profecias messiânicas do AT (T. IV, pp. 28-36; ver com. Luc. 4: 19; cf. ROM.

11: 25; 2 Cor. 3: 14-16).

Eles pensavam.

O falso conceito do reino messiânico, tão desejado os discípulos do Jesus e também por seus compatriotas em geral, proporcionou a ocasião para o relato desta parábola. Os discípulos esperavam confidencialmente que o reino estabeleceria-se durante a próxima páscoa, festa que comemorava a liberação do Israel do Egito e que, mais que qualquer outra festa nacional, assinalava o nascimento da nação hebréia.

O reino de Deus.

Com referência à verdadeira natureza do reino de Cristo, ver com. Mat. 3: 2-3; 4: 17; 5: 2-3; e quanto ao falso conceito referente a esse reino, ver com. Luc. 4: 19. Cada uma das parábolas de Cristo foi pronunciada com o propósito de ilustrar alguma verdade específica respeito a seu reino, e mais freqüentemente sobre o reino da graça divina no coração dos homens; mas também, como o fez aqui, com referência ao estabelecimento do reino de glória.

manifestaria-se imediatamente.

A emoção dos discípulos aumentava com cada passo rumo a Jerusalém. Jericó dista 27 km de Jerusalém, e como Jesus e seus discípulos viajavam desde esta cidade a Jerusalém é evidente que estavam relativamente perto da cidade. É provável que os discípulos consideravam que esta era a marcha triunfal a Jerusalém, e que ali tomariam o reino e colocariam a seu Professor em o trono do Israel. sentiam-se seguros deste acontecimento devido a várias declarações recentes do Jesus (ver com. cap. 18: 31).

12.

Um homem nobre.

Jesus se está refiriendo aqui evidentemente a si mesmo. Há muito parecido entre esta parábola, conhecida como a parábola das minas, e a parábola de os talentos, registrada no Mat. 25: 14- 30; mas há também diferenças igualmente notáveis. Alguns sugeriram que se trata de duas versões de um mesmo relato, mas as diferenças entre as duas parábolas e as circunstâncias nas quais foram apresentadas fazem que esta conclusão seja insustentável (ver com. Mat. 25: 14). Com referência aos parecidos entre as duas parábolas, ver comentário da parábola dos talentos (Mat. 25: 14-30). As observações que aqui se fazem do Lucas se referem principalmente a aqueles aspectos que diferem da parábola dos talentos.

Foi a um país longínquo.

Possivelmente Jesus apoiou esta parábola em um ou mais episódios históricos bem conhecidos por seus ouvintes (ver com. cap. 15: 4). O primeiro episódio provável é uma viagem feito pelo Herodes o Grande a Roma no ano 40 A. C. para fazer frente às ambições do Antígono e para conseguir que fora instituído como rei da Judea. O senado romano rechaçou as pretensões do Antígono e confirmou ao Herodes como rei (Josefo, Antiguidades, xIV. 14. 1-5; Guerra I. 14. 2-4). Mas há um paralelo mais próximo em um segundo episódio que muitas vezes se sugere como a base histórica desta parábola. trata-se da viagem do Arquelao, filho de Herodes o Grande, a Roma, para conseguir a confirmação de que seria rei de

Judea em lugar de seu pai. Mas seu direito ao título real foi negado por César Augusto (Josefo, Antiguidades xVII. 8. 1; 9. 3; 11. 4; Guerra iI. 1. 1; 6. 1-3).

Voltar.

Ver com. Mat. 20: 14.

13.

Dez servos deles.

Os servos representam 833 aos discípulos e a todos os cristãos a quem Cristo confiou seus interesses na terra durante sua ausência no "país longínquo" (ver com. Mat. 16: 19). O número dez que Jesus emprega aqui, e que utilizou em repetidas ocasiões, não tem nenhum significado especial (ver com. Luc. 15: 8).

Minas.

Gr. mn~, palavra que deriva do Heb. maneh, "mina" (ver T. 1, pp. 172-173). Em tempos de Cristo, a mn~, "mina" era uma sexagésima parte de um talento de prata, e equivalia a 100 dracmas (ver com. cap. 15: 8), ou seja o Jornal de 100 dias de trabalho (ver com. Mat. 20: 2). A mina pesava 385 g de prata. Compare-se com os "talentos" da outra parábola (ver com. Mat. 25: 15).

Negociem enquanto isso que venho.

A quantidade de 385 g de prata parece representar um capital muito pequeno. Quando o homem retornou se referiu a uma mina como "pouco" (Luc. 19: 17); sem embargo, este era o meio de provar a habilidade de cada servo com o fim de lhe atribuir mais tarde maiores responsabilidades. A declaração "enquanto isso que venho", indica que o homem pensava estar ausente por um período indefinido. Jesus indicava por meio destas palavras que ele também permaneceria ausente por um tempo considerável antes de retornar para recompensar aos seus (cf. Mat. 25: 15).

14.

Seus concidadãos lhe aborreciam.

Na aplicação desta parábola ao reino dos céus (vers. 11), o homem representa ao Jesus e os cidadãos representam aos judeus. Não havia, pois, motivo algum para o ódio que os judeus sentiam para o Jesus (ver com. Sal. 69: 4; Juan 1: 11). Com referência às razões pelas quais o odiavam, ver com. Juan 6: 60-61, 66.

Não queremos.

Os judeus não queriam aceitar a Cristo como seu rei Quando declararam ante Pilato: "Não temos mais rei que César" (Juan 19: 15), seu rechaço de Cristo foi completo.

15.

Voltado ele.

A parábola dos talentos apresenta a conduta dos servos durante a ausência do patrão (Mat. 25: 16-18), e também menciona que o amo retornou "depois de muito tempo" (vers. 19).

Mandou chamar.

Mateo acrescenta que o propósito do senhor ao chamá-los era ajustar contas. Mas o homem dos talentos desejava saber como se desempenharam seus servos na administração de sua propriedade, pois tinha planos de lhes atribuir responsabilidades como magistrados em seu reino, a cada um segundo a habilidade que tivesse demonstrado.

16.

O primeiro.

Cf. Mat. 25: 20. Aqui se apresentam só três dos dez, como exemplos de os diferentes graus de êxito que tinham alcançado. O primeiro tinha muito que informar, o segundo algo que informar, e o terceiro nada que informar. Em a parábola dos talentos só aparecem três servos desde o começo, e os três tiveram que prestar contas.

Sua mina.

Cada um dos servos reconhece que a mina que foi confiada ainda é propriedade de seu senhor.

ganhou dez minas.

Melhor "ganhou dez minas mais". Houve um ganho de mil por cento sobre o capital investido. Em vez do capital inicial de uma mina (385 g de prata), o servo tinha agora onze minas (4.235 g de prata), ou seja o equivalente de 1.100 dias de trabalho (ver com. vers. 13). O primeiro servo tinha demonstrado habilidades pouco comuns em seus negócios; isto refletia sua dedicação a seu senhor e sua diligência no trabalho.

17.

Está bem, bom servo.

O servo da parábola dos talentos recebe o qualificativo de "fiel" e de "bom" (Mat. 25: 21). Mas é provável que com isto não se queria indicar uma verdadeira diferença, pois o "senhor" imediatamente elogia assim ao primeiro servo: "sobre pouco foste fiel" (ver com. Mat. 25: 21).

Autoridade sobre dez cidades.

A habilidade administrativa demonstrada pelo primeiro servo era uma evidência de que lhe podiam confiar os assuntos de uma pequena província do reino do senhor. Nem foi aposentado, nem lhe atribuiu uma pensão, nem lhe concedeu nenhuma recompensa material. Sua recompensa consistiu em uma responsabilidade maior, foi promovido a um posto mais elevado, e sem dúvida de maior hierarquia. Tinha passado a prova com notável êxito (ver com. Luc. 19: 13; cf. com. Mat. 25: 21).

18.

Cinco minas.

Quer dizer, um ganho de 500 por cento (ver com. vers. 17). O segundo servo agora tinha seis minas, ou seja 2.310g de prata.

19.

Sobre cinco cidades.

Sua promoção foi proporcional à capacidade que tinha demonstrado (ver com. vers. 17).

20.

Veio outro.

Quer dizer, outro dos dez (Luc. 19: 13; cf. Mat. 25: 24).

Aqui está sua mina.

Mas na parábola dos talentos o terceiro servo disse: "aqui tem o que é teu" (ver com. Mat. 25: 25).

tive guardada.

Tinha cuidado muito 834 bem a mina que lhe tinha sido confiada; nem a havia perdido nem a tinha esbanjado.

Lenço.

Gr. soudárion, do latim sudarium, da raiz latina suor, "suor". Este "tecido" (BJ) era parte da indumentária pessoal, e provavelmente corresponda ao que hoje chamamos "lenço". Em alguns papiros se menciona o soudárion como parte do enxoval de uma noiva.

21.

Tive medo.

A causa principal do medo deste servo era sua atitude equivocada para seu senhor, quem evidentemente tinha esperado que cada servo fizesse o melhor de sua parte, e não queria aceitar nada menos. Não havia dúvida de que o servo era preguiçoso. A prova a qual o tinha submetido seu amo era de tal natureza, que se a tivesse aproveitado lhe teria ajudado a vencer esse defeito.

Severo.

Gr. aust'rós, "estrito", "exigente", "severo", "austero". A preguiça deste servo, como podia causar no senhor uma reação diferente?

Toma o que não pôs.

O que o servo em realidade diz é, "de todos os modos vais tomar qualquer coisa que eu tenha ganho e não receberei nenhuma recompensa por meus esforços. portanto, de que valia que me incomodasse?" As recompensas que se deram ao primeiro e ao segundo servo, demonstram que a dificuldade se devia ao terceiro servo e não a seu senhor (ver com. Mat. 25: 24).

22.

Mau servo.

Tinha abusado da confiança de seu senhor e descuidado as oportunidades que se deram-lhe para triunfar. Quem não faça nada com os talentos que lhes hão sido confiados são servos maus diante de Deus, e, sem dúvida, colherão a recompensa dos ímpios. Na parábola dos talentos o terceiro servo é censurado por ser negligente e "mau" (ver com. Mat. 25: 26).

Por sua própria boca.

Não fazia falta examinar mais os fatos. O terceiro servo tinha demonstrado que era totalmente indigno de confiança. Os que sempre culpam a outros por seus fracassos, manifestam claramente seus próprios defeitos de caráter. Demonstram que não lhes pode confiar nenhum tipo de responsabilidades importantes.

Julgo-te.

Quer dizer, "condeno-te" (ver com. Mat. 7: 1).

Sabia.

O resto do versículo poderia considerar-se como uma pergunta: "sabia você ... ?" O fracasso deste servo não se deveu a ignorância, a não ser a preguiça. Sabia o que tinha que fazer mas não o fez. Sabia que seu senhor lhe exigiria estritas contas do uso que tinha dado à oportunidade que lhe tinha concedido; e se sabia por que não fez nada? Evidentemente poderia havê-lo feito. Nisto estava sua culpa (ver com. Sant. 4: 17).

23.

por que, pois?

Já que sabia o que lhe esperava quando voltasse seu senhor, o menos que poderia fazer era pôr o dinheiro a trabalhar para ele, embora ele mesmo não estivesse disposto a fazê-lo. por que aceitou o dinheiro se não tinha intenções de fazer algo com ele? Poderia haver o dado a outro servo que pudesse havê-lo usado em forma útil.

O banco.

Gr. trápeza, "mesa"; a mesa do cambista ou prestamista (Mat. 21: 12; Mar. 11: 15; Juan 2:15), que, portanto, equivale a "banco". A palavra "banco" para referir-se a uma instituição bancária também deriva do lugar aonde se faziam os transações. Ao servo lhe haveria flanco muito pouco esforço levar o dinheiro a um dos prestamistas da cidade. portanto, sua maneira de proceder não só o identificava como insensato e preguiçoso mas sim além disso dava a impressão de que deliberadamente se proposto privar a seu amo da ganho que lhe correspondia (ver com. Mat. 25: 27).

Interesses.

Com referência ao ensino bíblico sobre o pagamento e pagamento de interesses, ver com. Exo. 22: 25.

24.

Os que estavam pressentem.

Possivelmente alguns dos acompanhantes do homem, e não os outros servos. Estar diante de um superior significava estar em seu serviço (1 Rei 10: 8; ver com. Dão. 1: 19).

lhe tirem a mina.

Evidentemente não lhe infligiu nenhum castigo exceto o da sanção de obrigá-lo a devolver o capital improdutivo que lhe tinha sido crédulo (ver com. vers. 26).

Dêem ao que tem.

O talento não utilizado foi dado ao primeiro servo, não tanto como recompensa mas sim porque tinha demonstrado que faria mais com ele que os outros. Que o homem entregasse seu dinheiro e seus interesses em mãos de quem soubesse aproveitar melhor as oportunidades que lhes davam, simplesmente mostrava que tinha a habilidade de dirigir bem os negócios. O primeiro servo tinha agora 12 minas, ou seja 4.620 g de prata. Isto era o dobro do que tinha o segundo servo. O rei não exigiu a devolução do capital nem dos interesses, mas sim os deixou em mãos destes servos para que seguissem aumentando-os (cf. Mat. 25: 28). 835

25.

Disseram-lhe.

Não é bem claro se os que protestaram foram os que acompanhavam ao homem (ver com. vers. 24), ou se foram os que escutaram a parábola de lábios de Jesus. Se foi isto último, todo o vers. 25 seria então uma espécie de parêntese na narração.

26.

A tudo o que tem.

Com referência a este princípio apresentado em forma de paradoxo, ver com. Mat. 13: 12; 25: 27. Esta é a explicação do homem quanto à razão pela qual entregou a mina improdutiva ao que já tinha mais que qualquer dos outros servos.

Lhe tirará.

Ao servo preguiçoso simplesmente o priva do capital que lhe havia crédulo; mas seu análogo na parábola dos talentos foi além disso castigado severamente (ver com. Mat. 25: 30).

27.

Aqueles meus inimigos.

Quer dizer, os que se rebelaram em ausência do nobre e tinham procurado impedir que recebesse seu reino (ver com. vers. 14).

Decapitem.

Gr. katasfasÇ "matar", "degolar". É claro que os que se haviam oposto ao nobre não se reformaram, que ainda se opunham a seu governo, e a única forma de proteger a paz e a segurança do reino era desfazer-se deles totalmente.

28.

Subindo.

Quer dizer, avançando desde o Jericó no vale do Jordão (ver com. vers. 11). Em 28 km o caminho sobe mais de 1.000 m (ver com. cap. 10: 30). A rápida transição do relato do Lucas parece deixar pouco tempo entre os sucessos ocorridos no Jericó (vers. 1-28) e a entrada triunfal (vers. 29-44).

29.

Aconteceu.

[A entrada triunfal em Jerusalém, Luc. 19: 29-44 = Mat. 21: 1-11 = Mar. 11: 1-11 = Juan 12: 12- 19. Comentário principal: Mateo.] Só Lucas relata a culminação da entrada triunfal, a qual teve lugar na cúpula do monte dos Olivos (vers. 41-44).

33.

Seus donos.

Só Lucas observa que foram os donos do pollino (cf. Mat. 21: 2) os que protestaram aos dois discípulos enviados para buscá-lo.

37.

Perto da baixada.

Vindo da Betania, do topo do monte dos Olivos, descende-se ao vale do Cedrón e depois sobe um pouco até a cidade de Jerusalém.

Elogiar a Deus.

O Sal. 122 era um dos preferidos dos peregrinos. Recitavam-no ou cantavam quando viam as torres da cidade de Jerusalém. Suas palavras eram muito apropriadas: "Nossos pés estiveram dentro de suas portas, OH, Jerusalém" (Sal. 122: 2, 7; ver DTG 56). Esta ocasião, na qual os que acompanhavam a Jesus pensavam que logo seria coroado como rei do Israel, sem dúvida se emprestou para um regozijo sem precedentes.

38.

Paz no céu.

Cf. cap. 2: 14.

39.

Alguns dos fariseus.

A noite anterior os dirigentes do Israel faziam planos para matar a Jesus. Judas se tinha reunido com eles pela primeira vez, aborrecido pela repreensão implícita nas palavras que Jesus lhe tinha dirigido em casa de Simón, na Betania (DTG 512, 516-517; ver com. Mat. 21: 1). O fato de que grandes multidões abandonavam os serviços no templo para ver o Jesus (DTG 525), especialmente em vésperas da páscoa, era um sombrio presságio da perda do poder dos dirigentes religiosos da nação, quem agora temiam que Jesus permitisse à multidão que o coroasse como rei (DTG 526-527).

Professor.

Com o sentido de um que insígnia. Até os inimigos do Jesus empregaram este título. Os dirigentes se negavam a admitir o que acreditava o povo: que Jesus tinha que ser pelo menos "o profeta" (cf. Mat. 21: 11). O término "professor" não envolvia reconhecimento de poder divino nem de autoridade divina.

41.

Chegou perto.

Quer dizer, quando chegou de onde podia ver a cidade de Jerusalém, a qual ficava para o oeste do monte dos Olivos, ao outro lado do estreito vale do Cedrón.

Ao vê-la.

Do topo do monte dos Olivos (CS 19) podia-se ver o templo e todo o resto da cidade. A cúpula do monte dos Olivos está aproximadamente a 100 m sobre a zona do templo. De ali também sem dúvida se podia ver o Calvário, não longe da porta das ovelhas, por onde Jesus teria que passar (DTG 528-529). A resplandecente formosura do templo com seu branco mármore e douradas cúpulas que brilhavam sob o sol da tarde, deve ter sido um panorama inspirador para os judeus (DTG 527-528). Era natural que o coração de todos os verdadeiros filhos e filhas do Israel se enchessem de orgulho e gozo ao ver pela primeira vez a Santa Cidade. Mas Jesus chorou publicamente porque via o que a multidão não podia ver: o terrível fim de Jerusalém a mãos dos exércitos romanos, a uns escassos quarenta anos mais tarde.

42.

O que é para sua paz.

Quer dizer, as coisas 836 que os dirigentes e o povo precisavam saber para evitar a calamidade e assegurar a paz e a prosperidade. Entre estas coisas estavam os requerimentos que Deus esperava que os judeus cumprissem para que ele pudesse honrá-los plenamente como nação e fazer deles seus representantes ante as nações. Com referência ao esboço do glorioso destino que Deus tinha famoso para o Israel, ver T. IV, pp. 28-33. Jesus viu claramente por uma parte o que o Israel poderia ter sido; e por outra, o que seria dele (DTG 529-530).

Está encoberto.

Quer dizer, não se levaria a cabo.

43.

Virão dias.

O olhar do Jesus penetrou o futuro com divina previsão, e viu os exércitos romanos que rodeavam a cidade de Jerusalém e a assolavam. Dois dias mais tarde, na ladeira ocidental do monte dos Olivos, falou brevemente com seus discípulos sobre o futuro de Jerusalém (Mar. 13: 3; ver com. Mat. 24: 15-20).

Seus inimigos.

Neste caso, os romanos (ver com. cap. 21: 20).

Cerca.

Gr. járax, "estaca", "paliçada". Josefo (Guerra vi. 2; iX. 2; xI. 4 a xII. 2) descreve com detalhes o cumprimento desta profecia. Quando os romanos sitiaram a Jerusalém, construíram primeiro um aterro com terra e madeira; os judeus o destruíram, e então os romanos o substituíram com um muro.

Sitiarão-lhe.

Os romanos rodearam a Jerusalém e finalmente a conquistaram pela fome. Quando a fome chegou ao ponto de se desesperar a seus habitantes, as legiões romanas entraram na cidade e tomaram.

44.

A terra.

Ver com. Mat. 24: 2.

Pedra sobre pedra.

É provável que seja esta uma hipérbole para indicar uma completa destruição.

Visitação.

Ver com. Sal. 8: 4; 59: 5. O castigo sobreviria pelos pecados da nação, especialmente por ter rechaçado aos mensageiros de misericórdia que Deus lhes tinha enviado uma e outra vez (ver com. Mat. 23: 34-35). A retribuição por todos estes crímenes viria "sobre esta [essa] geração" (ver com. Mat. 23: 36-37; Luc. 19: 41).

45.

Entrando no templo.

[Segunda purificação do templo, Luc. 19: 45-48 = Mat. 21: 12-17 = Mar. 11: 15-19. Comentário principal: Mateo.]

E compravam nele.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão da frase "e compravam no". Ver com. Mat. 21: 12.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 DTG 506

1-10 DTG 506-510

3 DTG 507

5 PVGM 188

5-7 DTG 508

8 5T 339

8-10 DTG 508

9 DTG 510

10 CM 27; COES 76; Ev 338; FÉ 183, 199, 206; HAp 373; MC 72, 354; MeM 309; MM 301; 2T 27, 224, 467; NB 271-272; 3T 49; 4T 377; 5T 603; 8T 310

13 CM 237; CMC 122; FÉ 229; 1JT 364; 2T 668

14 PR 103; TM 476

16 CMC 118; 5TS 172

16-20 2T 285

20 CMC 131; FÉ 83; 2JT 167; 3JT 67; 3T 57; 8T 55

20-23 CMC 44

29-44 DTG 523-532

37-40 P 109; TM 101

39-40 DTG 527

40 CS 456; CW 38; 2JT 162; P 244; SR 373; 1T 57; 8T 55

41 CS 20, 24; DTG 528, 530, 538; 2JT 11 4; 3JT 218; 1T 505; 4T 191; 5T 72, 258

42 DTG 529; PVGM 243; 4T 187; 5T 73, 76-77, 258; TM 416

42-44 CS 19; DTG 530

44 CS 360, 362; DTG 202, 580; 2JT 534; 3JT 59, 333; NB 452; PVGM 243; 4T 187, 191; 5T 72; TM 408

45-48 DTG 540-543 837

CAPÍTULO 20

1 Cristo afirma sua autoridade com uma pergunta sobre o batismo do Juan. 9 A parábola da vinha. 19 O imposto para o César: 27 Cristo convence aos saduceos que negavam a ressurreição. 41 por que Cristo é filho do David. 45 Aconselha a seus discípulos a cuidar-se dos escribas.

1 SUCEDIO um dia, que ensinando Jesus ao povo no templo, e anunciando o evangelho, chegaram os principais sacerdotes e os escribas, com os anciões,

2 e lhe falaram dizendo: nos diga, com que autoridade faz estas coisas? ou quem é o que te deu esta autoridade?

3 Respondendo Jesus, disse-lhes: Farei-lhes eu também uma pergunta; me respondam:

4 O batismo do Juan, era do céu, ou dos homens?

5 Então eles discutiam entre si, dizendo: Se dissermos, do céu, dirá: por que, pois, não o creísteis?

6 E se dissermos, dos homens, todo o povo nos apedrejará; porque estão persuadidos de que Juan era profeta.

7 E responderam que não sabiam de onde fosse.

8 Então Jesus lhes disse: Eu tampouco lhes direi com que autoridade faço estas coisas.

9 Começou logo a dizer ao povo esta parábola: Um homem plantou uma vinha, a arrendou a lavradores, e se ausentou por muito tempo.

10 E a seu tempo enviou um servo aos lavradores, para que lhe dessem do fruto da vinha; mas os lavradores lhe golpearam, e lhe enviaram com as mãos vazias.

11 Voltou a enviar outro servo; mas eles a este também, golpeado e afrontado, enviaram-lhe com as mãos vazias.

12 Voltou a enviar um terceiro servo; mas eles também a este jogaram fora, ferido.

13 Então o senhor da vinha disse: O que farei? Enviarei a meu filho amado; possivelmente quando virem a ele, terão-lhe respeito.

14 Mas os lavradores, ao lhe ver, discutiam entre si, dizendo: Este é o herdeiro; venham, lhe matemos, para que a herdade seja nossa.

15 E lhe jogaram fora da vinha, e lhe mataram. O que, pois, fará-lhes o senhor da vinha?

16 Virá e destruirá a estes lavradores, e dará sua vinha a outros. Quando eles ouviram isto, disseram: Deus nos libere!

17 Mas ele, olhando-os, disse: O que, pois, é o que está escrito:

A pedra que desprezaram os edificadores

veio a ser cabeça do ângulo?

18 Tudo o que cair sobre aquela pedra, será quebrantado; mas sobre quem ela cair, esmiuçará-lhe.

19 Procuravam os principais sacerdotes e os escribas lhe jogar emano naquela hora, porque compreenderam que contra eles havia dito esta parábola; mas temeram ao povo.

20 E espreitando-se enviaram espiões que se simulassem justos, a fim de lhe surpreender em alguma palavra, para lhe entregar ao poder e autoridade do governador.

21 E lhe perguntaram, dizendo: Professor, sabemos que diz e insígnias rectamente, e que não faz acepção de pessoa, mas sim insígnias o caminho de Deus com verdade.

22 Nos é lícito dar tributo ao César, ou não?

23 Mas ele, compreendendo a astúcia deles, disse-lhes: por que me tentam?

24 Me mostrem a moeda. De quem tem a imagem e a inscrição? E respondendo disseram: Do César.

25 Então lhes disse: Pois dêem ao César o que é do César, e a Deus o que é de Deus.

26 E não puderam lhe surpreender em palavra alguma diante do povo, mas sim maravilhados de sua resposta, calaram.

27 Chegando então alguns dos saduceos, os quais negam haver ressurreição, perguntaram-lhe,

28 dizendo: Professor, Moisés nos escreveu: Se o irmão de algum muriere tendo mulher, e não deixar filhos, que seu irmão se case com ela, e levante descendência a seu irmão.

29 Houve, pois, sete irmãos; e o primeiro tomou esposa, e morreu sem filhos.

30 E tomou o segundo, o qual também morreu sem filhos.

31 Tomou o terceiro, e assim todos os sete, e morreram sem deixar descendência.

32 Finalmente morreu também a mulher. 838

33 Na ressurreição, pois, de qual deles será mulher, já que os sete a tiveram

por mulher?

34 Então respondendo Jesus, disse-lhes: Os filhos deste século se casam, e dão-se em casamento;

35 mas os que forem tidos por dignos de alcançar aquele século e a ressurreição de entre os mortos, nem se casam, nem se dão em casamento.

36 Porque não podem já mais morrer, pois são iguais aos anjos, e são filhos

de Deus, ao ser filhos da ressurreição.

37 Mas quanto a que os mortos têm que ressuscitar, até Moisés o ensinou em
a passagem da sarça, quando chama o Senhor, Deus do Abraham, Deus do Isaac e
Deus do Jacob.

38 Porque Deus não é Deus de mortos, mas sim de vivos, pois para ele todos vivem.

39 Lhe respondendo alguns dos escribas, disseram: Professor, bem há dito.

40 E não ousaram lhe perguntar nada mais.

41 Então ele lhes disse: Como dizem que o Cristo é filho do David?

42 Pois o mesmo David diz no livro dos Salmos:

Disse o Senhor a meu Senhor:

Sente-se a minha mão direita,

43 Até que ponha a seus inimigos

por estrado de seus pés.

44 David, pois, chama-lhe Senhor; como então é seu filho?

45 E lhe ouvindo todo o povo, disse a seus discípulos:

46 Lhes guarde dos escribas, que gostam de andar com roupas largas, e amam as
saudações nas praças, e as primeiras cadeiras nas sinagogas, e os
primeiros assentos nos jantares;

47 que devoram as casas das viúvas, e por pretexto fazem largas orações;
estes receberão maior condenação.

1.

Aconteceu.

[Os dirigentes desafiam a autoridade do Jesus, Luc. 20: 1-8 = Mat. 21: 23-27 =
Mar. 11: 27-33. Comentário principal: Mateo.]

6.

Apedrejará-nos.

Quer dizer "matarão-nos nos apedrejando".

9.

Um homem.

[Os lavradores malvados, Luc. 20: 9-19 = Mat. 21: 33-46 = Mar. 12: 12.
Comentário principal: Mateo.]

Por muito tempo.

Detalhe que só Lucas registra.

11.

Voltou a enviar outro.

Literalmente "acrescentou a enviar a outro", expressão tipicamente hebréia que aparece aqui no grego (ver com. Luc. 19: 11).

12.

Ferido.

Gr. traumatízÇ, que deriva do essencial tráuma, "trauma" (ver com. cap. 10: 34).

13.

O que farei?

Outro detalhe registrado só pelo Lucas.

16.

Deus nos libere!

Literalmente "nunca tal acontezca"; "de maneira nenhuma" (BJ). A palavra "Deus" não está aqui no grego. Os fariseus exclamaram assim quando reconheceram na parábola um quadro de seu próprio futuro (PVGM 237).

19.

Principais sacerdotes.

Ver com. Mat. 21: 23.

Naquela hora.

Estavam dispostos a chegar a uma situação crítica com o Jesus (Mat. 21: 46).

Compreenderam.

Hei aqui a razão de sua ira.

20.

E espreitando-se.

[A questão do tributo, Luc. 20: 20-26 = Mat. 22: 15-22 = Mar. 12: 13-17.
Comentário principal: Mateo.]

Espiões.

É provável que estes fossem estudantes de teologia no seminário rabínico de Jerusalém (DTG 553). Com referência a encontros prévios entre o Jesus e os espiões enviados pelo sanedrín, ver com. cap. 11: 54.

lhe surpreender em alguma palavra.

Procuravam alguma palavra que se pudesse empregar em um julgamento, para que Jesus não pudesse escapar de seus sinistros intuitos contra sua vida.

22.

Tributo.

Gr. fóros, o imposto fixo anual que devia pagar-se pela propriedade ou pela pessoa.

24.

Moeda.

O grego diz "denario" (ver P. 51; com. Mat. 20: 2).

26.

Não puderam lhe surpreender.

Não puderam encontrar nenhuma palavra para acusar ao Jesus (ver com. vers. 20). Lhes escorreu de suas mãos, e ao fazê-lo pronunciou o princípio fundamental que deve reger as responsabilidades do cristão para com as autoridades civis.

27.

Alguns dos saduceos.

[O matrimônio e a ressurreição, Luc. 20: 27-38 = Mat. 22: 23-33 = Mar. 12: 18-27. Comentário principal: Mateo.]

36.

Filhos da ressurreição.

Expressão idiomática hebréia transladada ao grego, e paralela aqui com a frase "filhos de Deus". Os "filhos da ressurreição" são simplesmente os que serão ressuscitados. O mesmo poder 839 que originalmente lhes deu existência voltará a lhes dar vida. Todo seu ser será renovado para que possam viver no mundo novo.

39.

Alguns dos escribas.

[O grande mandamento, Luc. 20:39-40 = Mat. 22:34-40 = Mar. 12:28-34. Comentário principal: Marcos.]

41.

Então ele lhes disse.

[Jesus silencia a seus críticos, Luc. 20:41-44 = Mat. 22:41-46 = Mar. 12:35-37. Comentário principal: Mateo.]

42.

No livro dos Salmos.

Só Lucas explica que esta entrevista é dos Salmos.

45.

lhe ouvindo todo o povo.

[Ayes sobre os escribas e os fariseus, Luc. 20:45-4 7 = Mat. 23:1-39 = Mar. 12:38-40. Comentário principal: Mateo.] deduz-se que entre "o povo" estavam escribas e fariseus escutando ao Jesus.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-19 DTG 543-552

20-22 DTG 553

20-47 DTG 553-561

21 DTG 553

22-25 DTG 673

23-25 DTG 553

35-36 CS 536; MM 101

40 1T 57

45-47 DTG 562-573

CAPÍTULO 21

1 Cristo elogia à viúva pobre. 5 Prediz a destruição do templo e de Jerusalém. 25 Os sinais que ocorrerão antes do dia final. 34 Precatória a seus discípulos a velar e orar constantemente.

1 LEVANTANDO os olhos, viu quão ricos jogavam suas oferendas no arca de as oferendas.

2 Viu também a uma viúva muito pobre, que jogava ali dois brancas.

3 E disse: Na verdade lhes digo, que esta viúva pobre jogou mais que todos.

4 Porque todos aqueles jogaram para as oferendas de Deus do que os sobra; mas esta, de sua pobreza jogou todo o sustento que tinha.

5 E a uns que falavam de que o templo estava adornado de formosas pedras e oferenda votivas, disse:

6 Quanto a estas coisas que vêem, dias virão em que não ficará pedra sobre pedra, que não seja destruída.

7 E lhe perguntaram, dizendo: Professor, quando será isto? e que sinal haverá quando estas coisas estejam para acontecer?

8 O então disse: Olhem que não sejam enganados; porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e: O tempo está perto. Mas não vão em detrás deles.

9 E quando ouvirem de guerras e de rebeliões, não lhes alarmem; porque é necessário que estas coisas primeiro acontezcan; mas o fim não será imediatamente.

10 Então lhes disse: Levantará-se nação contra nação, e reino contra reino;

11 e haverá grandes terremotos, e em diferentes lugares fomes e pestilências; e haverá terror e grandes assinale do céu.

12 Mas antes de todas estas coisas lhes jogarão mão, e lhes perseguirão, e vos entregarão às sinagogas e aos cárceres, e serão levados ante reis e ante governadores por causa de meu nome.

13 E isto lhes será ocasião para dar testemunho.

14 Proponham em seus corações não pensar antes como têm que responder em sua defesa;

15 porque eu lhes darei palavra e sabedoria, a qual não poderão resistir nem contradizer todos os que se oponham.

16 Mas serão entregues até por seus pais, e irmãos, e parentes, e amigos; e matarão a alguns de vós;

17 e serão aborrecidos de todos por causa de meu nome.

18 Mas nem um cabelo de sua cabeça perecerá.

19 Com sua paciência ganharão suas almas.

20 Mas quando virem Jerusalém rodeada de exércitos, saibam então que seu destruição há llegado.840

21 Então os que estejam na Judea, fujam aos Montes; e os que em meio de ela, vão-se; e os que estejam nos campos, não entrem nela.

22 Porque estes são dias de retribuição, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.

23 Mas ai das que estejam grávidas, e das que criem naqueles dias! porque haverá grande calamidade na terra, e ira sobre este povo.

24 E cairão a fio de espada, e serão levados cativos a todas as nações; e

Jerusalém será pisada pelos gentis, até que os tempos dos gentis cumpram-se.

25 Então haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas, e na terra angústia das gente, confundidas a causa do bramido do mar e das ondas;

26 desfalecendo os homens pelo temor e a espera das coisas que sobrevirão na terra; porque as potências dos céus serão comovidas.

27 Então verão o Filho do Homem, que virá em uma nuvem podendo e grande glória.

28 Quando estas coisas comecem a acontecer, erguíos e levantem sua cabeça, porque sua redenção está perto.

29 Também lhes disse uma parábola: Olhem a figueira e tudas as árvores.

30 Quando já brotam, vendo-o, sabem por vós mesmos que o verão está já perto.

31 Assim também vós, quando virem que acontecem estas coisas, saibam que está perto o reino de Deus.

32 De certo lhes digo, que não passará esta geração até que tudo isto acontezca.

33 O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão.

34 Olhem também por vós mesmos, que seus corações não se carreguem de gulodice e embriaguez e dos afãs desta vida, e venha de repente sobre vós aquele dia.

35 Porque como um laço virá sobre todos os que habitam sobre a face de toda a terra.

36 Velem, pois, em todo tempo orando que sejam tidos por dignos de escapar de todas estas coisas que virão, e de estar em pé diante do Filho do Homem.

37 E ensinava de dia no templo; e de noite, saindo, estava-se no monte que se chama dos Olivos.

38 E todo o povo vinha a ele pela manhã, para lhe ouvir no templo.

1.

Levantando os olhos.

[A oferenda da viúva, Luc. 21: 1-4 = Mar. 12: 41-44. Comentário principal: Marcos.]

5.

A uns que falavam de que o templo.

[Jesus prediz a destruição do templo, e sinais antes do fim, Luc. 21:

5-38 = Mat. 24: 1-51 = Mar. 13: 1-37. Comentário principal: Mateo.]

Oferenda votivas.

Estas "oferenda votivas" sem dúvida tinham sido dedicadas ao templo com o propósito de embelezá-lo, como foi o caso da dourada videira do Herodes à entrada do templo (Josefo, Antiguidades xV. 11. 3; cf. DTG 527-528).

9.

Não será imediatamente.

Jesus está dizendo: "o fim não será em seguida".

12.

antes de todas estas coisas.

Lucas inclui aqui (vers. 12-16) uma parte do discurso do monte dos Olivos que não aparece no Mateo, provavelmente porque em este já se apresentaram virtualmente as mesmas idéias, expressas quase com as mesmas palavras, como parte de um discurso anterior. Com referência aos vers. 12-16, ver com. Mat. 10: 17-21.

13.

Será-lhes ocasião.

Ver com. Mar. 13: 9.

14.

Proponham.

Gr. promeletáÇ, "preparar", "exercitar-se adiantado". É provável que este verbo se refira à repetição de um discurso antes de apresentá-lo, para que o orador possa estar melhor preparado para dá-lo. Ao defender-se "ante reis e ante governadores" (vers. 12), os discípulos não deviam ter discursos preparados de cor. Com referência às razões para a advertência de Cristo, ver com. Mat. 10: 19-20.

18.

Nem um cabelo.

Esta promessa não é uma garantia total de imunidade contra o martírio pois Jesus acaba de dizer que alguns seriam mortos (vers. 16). É possível que signifique que quão governantes julgassem aos cristãos teriam poder sobre eles só até onde Deus o permitisse (Juan 19: 11; Hech. 5: 35-58). Mas também é possível que essas palavras de Cristo se refiram aos resultados finais e não às perspectivas imediatas deste mundo, e signifiquem que os governantes terrestres não podem ter poder algum sobre o bem-estar eterno dos cristãos (Juan 10: 28- 29; ver com. Mat. 10: 28, 30).

19.

Com sua paciência.

Cf. Mat. 24: 13; 841 Mar. 13: 13. "Com sua perseverança" (BJ) "Com sua perseverança" (BC).

20.

Rodeada de exércitos.

Quer dizer, pelos exércitos romanos. Ver com. Mat. 24: 2; 15-20.

Sua destruição.

A destruição de Jerusalém no ano 70 d. C. significou o fim da nação feijão como tal (ver com. Mat. 24: 14-15).

21.

Os campos.

Quer dizer, as zonas rurais.

22.

Dias de retribuição.

Ver com. Mat. 23: 35-36.

Que estão escritas.

Sem dúvida se refere às maldições que seguiriam à desobediência (ver Deut. 27: 11-26; 28: 15- 68).

23.

Ira sobre este povo.

Quer dizer, sobre os judeus. Ver com. Mat. 23: 35; cf. Jer. 5: 29. Assim que à apresentação completa do plano que Deus tinha para o Israel, seu fracasso, e seu rechaço como nação, ver T. IV, pp. 28-35.

24.

Fio de espada.

Literalmente "boca de espada". Uma evidente referência à sangrenta culminação do sítio de Jerusalém no ano 70 d. C. (ver pp. 71-78; com. Mat. 24: 2, 15-20).

Serão levados cativos.

Tal como o havia predito Moisés se o Israel não se esforçava "de pôr por obra todas as palavras desta lei que estão escritas neste livro" (Deut. 28: 58, 63-68). Esta advertência já se cumpriu antes com o cativeiro babilônico (Jer. 16: 13; 40: 1-2; 52: 12-16, 28-31; Dão. 1: 1-3; 9: 11-14, etc.). A explicação do anjo Gabriel ao Daniel referente à futura restauração do cativeiro babilônico (ver com. Dão. 9: 24-25), estava unida

à advertência de que a repetição dos enganos que tinham causado dito cativeiro dariam por resultado a segunda destruição de Jerusalém e do templo (ver com. Dão. 9: 26-27). Cristo se refere aqui a esta segunda destruição e à pulverização dos judeus (ver com. Mat. 24: 15-20; cf. Luc. 21: 20). Esta situação se remediaria quando "os tempos dos gentis" cumprissem-se. Ver T. IV, pp. 32-38.

Será pisada.

A pouca autonomia de que gozaram os judeus sob a jurisdição romana antes do ano 70 d. C. nunca se restabeleceu, e desde esse fatídico ano, Jerusalém há estado quase continuamente sob a dominação de gentis. como resultado da revolução do Barcoquebas, esmagada no ano 135 d. C., sou pena de morte se proibiu a entrada de todo judeu na cidade. Depois do ano 70 d. C., não voltou-se a reconstruir o templo. A cidade foi ocupada e governada, entre outros, pelos romanos, os sarracenos, os normandos, os turcos, os cruzados e os árabes. Em junho de 1967, durante a guerra dos seis dias, os judeus se empossaram de toda a cidade.

Os tempos dos gentis.

O tempo atribuído à nação judia logo terminaria, e os judeus deixariam de ser o povo escolhido de Deus. Quando fossem rechaçados como nação, o Evangelho se pregaria a todas as nações (Hech. 1: 8; 13: 46; 18: 6; 28: 25-28; ROM. 1: 16). No T. IV, pp. 28-38 se apresenta o papel dos judeus como povo escolhido de Deus, sua apostasia e sua substituição pelos gentis.

25.

Haverá sinais.

Ver com. Mat. 24: 29.

Angústia.

O texto grego implica que a angústia" deve-se ao "bramido do mar e das ondas". A última parte do vers. 25 diz literalmente: "e sobre a terra angústia das nações em perplexidade [por] o bramido do mar e das ondas".

Mar.

Cristo associa as manifestações das forças destrutivas da natureza com os sinais nos céus que precederão sua volta à terra podendo e glória.

26.

Desfalecendo os homens.

Literalmente "os homens deixando de respirar" [por morte ou desmaio]. A razão básica desta angústia é o sacudimiento de "as potências dos céus". Estas cenas ocorrerão sob a sétima praga (P 41; CS 694). Os ímpios contemplarão estas cenas "com terror e assombro" (CS 694), e pedirão a as montanhas e às rochas que caiam sobre eles e os escondam (Apoc. 6: 14-17).

29.

E tudas as árvores.

Lucas assinala aos leitores que não só a figueira mas também também os outros frutíferos ilustram a lição que deseja apresentar.

31.

O reino de Deus.

Quer dizer, o reino de glória, em contraste com o reino da graça divina (ver com. Mat. 4: 17; 5: 2).

34.

Gulodice.

Gr. kraipál', "embriaguez" e também o mal-estar que segue à bebedeira. Esta palavra se refere à cabeça que se cambaleia embrutecida. Os autores gregos que escreviam de medicina, empregavam a palavra kraipál' para referir-se às náuseas e ao mal-estar que seguem à embriaguez.

Afãs.

"Ansiedades"; "preocupações" (BJ, BC, NC).

35.

Laço.

Ver 1 Lhes. 5: 4; 1 Tim. 3: 7; 2 Tim. 2: 26.

36.

Velem.

Gr. agrupnéÇ, "desvelar-se", quer dizer "estar acordado". 842

Orando.

Ver com. cap. 18: 1.

Sejam tidos por dignos de escapar.

A crítica textual estabelece (cf. P. 147) o texto "tenham força para escapar". "Tenham força e escapem" (BJ); "para que possam evitar tudo isto" (NC).

Estar em pé.

Ver com. cap. 19: 24. Esta é a meta suprema da vida cristã.

37.

De dia.

Hei aqui um resumo retrospectivo das atividades do Jesus durante os três primeiros dias da semana da paixão (ver com. Mat. 23: 38).

De noite.

Jesus tinha retornado a Betania no domingo de noite e na segunda-feira de noite (ver com. Mar. 11: 11-12, 20; cf. DTG 534). É provável que Jesus e seus discípulos passassem a noite da terça-feira no monte dos Olivos.

38.

Todo o povo.

Possivelmente este também seja um resumo, similar ao do vers. 37. Jesus não ensinou mais no templo depois desta ocasião.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

3 DTG 567; OE 482

5-38 DTG 581-591

12 HAp 69

14-15 HAp 80

15 2T 485

16 DTG 583; HAp 69; 2JT 176, 301; PR 431; SC 196

16-17 CS 31, 59, 310; SR 331

18 DTG 584, 588

19 Ev 458; 2T 320, 424

20 CS 29; 2JT 151, 166

20-21 CS 33; PP 162

20-22 DTG 583

25 CS 41, 349

25-26 Ev 17; SC 70

26 P 41; 4T 53

28 CS 354; DTG 586; Ev 17; NB 301

30-31 CS 354

31 DTG 201,588

33-36 3JT 416

34 CS 355, 683; DTG 201, 591; 1JT 248, 508; 2JT 43, 162; PVGM 36, 259-260; 1T

168, 469; 4T 31; 5T 235, 259, 280; 6T 410; TM 241

34-35 CM 281

34-36 CW 24; 1JT 505; 2JT 12; PP 162

35 FÉ 335; 6T 129

36 CS 355; DTG 202, 591; MeM 17; 5T 235; TM 517

CAPÍTULO 22

1 Os judeus conspiram contra Cristo. 3 Satanás entra no Judas para que entregue a Cristo. 7 Os apóstolos preparam a páscoa. 19 Cristo institui a Santa Janta, 21 e fala encubiertamente de seu traidor. 24 Precatória a seus discípulos a deixar a ambição. 31 Assegura ao Pedro que sua fé não o deixará, 34 mas que o negará três vezes. 39 Cristo ora no monte dos Olivos, e sua sangue; 47 é entregue com um beijo; 50 sã a orelha do Malco. 54 Pedro o nega três vezes; 63 o golpeiam e se burlam dele, 66 mas afirma que é o Filho de Deus.

1 ESTAVA perto a festa dos pães sem levedura, que se chama a páscoa.

2 E os principais sacerdotes e os escribas procuravam como lhe matar; porque temiam ao povo.

3 E entrou Satanás no Judas, por apelido Iscariote, o qual era um do número dos doze;

4 e este foi e falou com os principais sacerdotes, e com os chefes da guarda, de como o entregaria.

5 Eles se alegraram, e convieram em lhe dar dinheiro.

6 E ele se comprometeu, e procurava uma oportunidade para entregar-lhe a costas do povo.

7 Chegou o dia dos pães sem levedura, no qual era necessário sacrificar o cordeiro da páscoa.

8 E Jesus enviou ao Pedro e ao Juan, dizendo: Vão, nos preparem a páscoa para que comamo-la.

9 Eles lhe disseram: Onde quer que a preparemos?

10 O lhes disse: Hei aqui, ao entrar na cidade lhes sairá ao encontro um homem que leva um cântaro de água; lhe sigam até a casa onde entrar, 843

11 e digam ao pai de família dessa casa: O Professor te diz: Onde está o aposento onde tenho que comer a páscoa com meus discípulos?

12 Então ele lhes mostrará um grande aposento alto já disposto; preparem ali.

13 Foram, pois, e acharam como lhes havia dito; e prepararam a páscoa.

14 Quando era a hora, sentou-se à mesa, e com ele os apóstolos.

15 E lhes disse: Quanto desejei comer com vós esta páscoa antes que padeça!

16 Porque lhes digo que não a comerei mais, até que se cumpra no reino de Deus.

17 E tendo tomado a taça, deu obrigado, e disse: Tomem isto, e repartam entre vós;

18 porque lhes digo que não beberei mais do fruto da videira, até que o reino de Deus venha.

19 E tomou o pão e deu obrigado, e o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é meu corpo, que por vós é dado; façam isto em memória de mim.

20 De igual maneira, depois que teve jantado, tomou a taça, dizendo: Esta taça é o novo pacto em meu sangue, que por vós se derrama.

21 Mas hei aqui, emano-a do que me entrega está comigo na mesa.

22 À verdade o Filho do Homem vai, segundo o que está determinado; mas ai daquele homem por quem é entregue!

23 Então eles começaram a discutir entre si, quem deles seria o que tinha que fazer isto.

24 Houve também entre eles uma disputa sobre quem deles seria o major.

25 Mas ele lhes disse: Os reis das nações se enseñorean delas, e os que sobre elas têm autoridade são chamados benfeitores;

26 mas não assim vós, a não ser seja o major entre vós como o mais jovem, e que dirige, como o que serve.

27 Porque, qual é maior, que se sinta à mesa, ou o que serve? Não é que se sinta à mesa? Mas eu estou entre vós como o que serve.

28 Mas vós são os que permanecestes comigo em minhas provas.

29 Eu, pois, atribuo-lhes um reino, como meu Pai me atribuiu isso ,

30 para que comam e bebam a minha mesa em meu reino, e lhes sentem em tronos julgando às doze tribos do Israel.

31 Disse também o Senhor: Simón, Simón, hei aqui Satanás lhes pediu para lhes sacudir como a trigo;

32 mas eu roguei por ti, que sua fé não falte; e você, uma vez voltado, confirma a seus irmãos.

33 O lhe disse: Senhor, disposto estou a ir contigo não só ao cárcere, mas também também à morte.

34 E lhe disse: Pedro, digo-te que o galo não cantará hoje antes que você negue três vezes que me conhece.

35 E a eles disse: Quando lhes enviei sem bolsa, sem alforja, e sem calçado, vos

faltou algo? Eles disseram: Nada.

36 E lhes disse: Pois agora, que tem bolsa, tome-a, e também a alforja; e que não tem espada, enfaixa sua capa e compre uma.

37 Porque lhes digo que é necessário que se cumpra ainda em mim aquilo que está escrito: E foi contado com os iníquos; porque o que está escrito de mim, tem cumprimento.

38 Então eles disseram: Senhor, aqui há duas espadas. E ele lhes disse: Basta.

39 E saindo, foi, como estava acostumado a, ao monte dos Olivos; e seus discípulos também lhe seguiram.

40 Quando chegou a aquele lugar, disse-lhes: Orem que não entrem em tentação.

41 E ele se separou deles a distância como de um tiro de pedra; e posto de joelhos orou,

42 dizendo: Pai, se quiser, passa de mim esta taça; mas não se faça meu vontade, a não ser a tua.

43 E lhe apareceu um anjo do céu para lhe fortalecer.

44 E estando em agonia, orava mais intensamente; e era seu suor como grandes gotas de sangue que caíam até a terra.

45 Quando se levantou da oração, e veio a seus discípulos, achou-os dormindo por causa da tristeza;

46 e lhes disse: por que dormem? lhes levante, e orem para que não entrem em tentação.

47 Enquanto ele ainda falava, apresentou-se uma turfa; e o que se chamava Judas, um dos doze, ia à frente deles; e se aproximou até o Jesus para lhe beijar.

48 Então Jesus lhe disse: Judas, com um beijo entrega ao Filho do Homem?

49 Vendo os que estavam com ele o que tinha que acontecer, disseram-lhe: Senhor, feriremos espada? 844

50 E um deles feriu um servo do supremo sacerdote, e lhe cortou a orelha direita.

51 Então respondendo Jesus, disse: Basta já; deixem. E tocando sua orelha, o sanou.

52 E Jesus disse aos principais sacerdotes, aos chefes do guarda do templo e aos anciões, que tinham vindo contra ele: Como contra um ladrão saístes com espadas e paus?

53 Tendo estado com vós cada dia no templo, não estenderam as mãos contra mim; mas esta é sua hora, e a potestad das trevas.

54 E lhe prendendo, levaram-lhe, e conduziram a casa do supremo sacerdote. E Pedro lhe seguia de longe.

55 E havendo eles aceso fogo no meio do pátio, sentaram-se ao redor;
e Pedro se sentou também entre eles.

56 Mas uma criada, ao lhe ver sentado ao fogo, fixou-se nele, e disse: Também
este estava com ele.

57 Mas ele o negou, dizendo: Mulher, não o conheço.

58 um pouco depois, lhe vendo outro, disse: Você também é deles. E Pedro
disse: Homem, não o sou.

59 Como uma hora depois, outro afirmava, dizendo: Verdadeiramente também este
estava com ele, porque é galileo.

60 E Pedro disse: Homem, não sei o que diz. E em seguida, enquanto ele ainda
falava, o galo cantou.

61 Então, voltado o Senhor, olhou ao Pedro; e Pedro se lembrou da palavra do
Senhor, que lhe havia dito: Antes que o galo cante, negará-me três vezes.

62 E Pedro, saindo fora, chorou amargamente.

63 E os homens que custodiavam ao Jesus se burlavam dele e lhe golpeavam;

64 e lhe enfaixando os olhos, golpeavam-lhe o rosto, e lhe perguntavam, dizendo:
Profetiza, quem é o que te golpeou?

65 E diziam outras muitas coisas lhe injuriando.

66 Quando era de dia, juntaram-se os anciões do povo, os principais
sacerdotes e os escribas, e lhe trouxeram para o concílio, dizendo:

67 É você o Cristo? diga-nos isso E lhes disse: Se vos o dijere, não acreditarão;

68 e também se lhes perguntarei, não me responderão, nem me soltarão.

69 Mas a partir de agora o Filho do Homem se sentará à mão direita do poder de
Deus.

70 Disseram todos: Logo é você o Filho de Deus? E ele lhes disse: Vós
dizem que o sou.

71 Então eles disseram: Que mais testemunho necessitamos? porque nós
mesmos o ouvimos que sua boca.

1.

A festa.

[O complô para matar ao Jesus, Luc. 22: 1-6 = Mat. 26: 1-5, 14-16 = Mar. 14:
1-2, 10-11 = Juan 12: 10-11. Comentário principal: Mateo.]

3.

E entrou Satanás.

A ação do Judas não surpreendeu ao Jesus (Juan 6: 64, 70-71). Este foi o

primeiro encontro do Judas com os dirigentes judeus, com o propósito de entregar a seu Professor (ver com. Mat. 26: 14). Juan faz a mesma observação respeito ao caso do Judas no momento de seu terceiro e último encontro com os dirigentes judeus na noite da traição (cap. 13: 2, 27).

Por apelido.

Literalmente, "chamado".

4.

Chefes do guarda.

O título completo era "chefes do guarda do templo" (vers. 52).

6.

A costas do povo.

Ver com. Mat. 26: 15-16.

7.

Chegou o dia.

[Preparação para a páscoa, Luc. 22: 7-13 = Mat. 26: 17-19 = Mar. 14: 12-16. Comentário principal: Mateo.]

8.

Ao Pedro e ao Juan.

Lucas é o único que identifica aos dois discípulos enviados para atender este assunto.

10.

Ao entrar.

Conforme parece, Pedro e Juan encontrariam à pessoa mencionada na porta de a cidade, ou muito perto dali.

14.

Quando era a hora.

[Celebração da páscoa, Luc. 22: 14-16 = Mat. 26: 20 = Mar. 14: 17-18ª. Comentário principal: Lucas. Ver diagramas pp. 222-223.] Quer dizer, a hora de a comida pascal, cuja preparação se descreve nos vers. 7-13. Isto ocorreu na quinta-feira de noite. Note-se que Jesus instituiu o rito cristão do Jantar do Senhor durante o transcurso da comida pascal habitual (ver primeira Nota Adicional do Mat. 26).

sentou-se.

Literalmente "reclinou-se". Com referência à descrição do acerto da mesa e dos divãs em uma antiga festa do Próximo Oriente, ver com. Mar.

2: 15. No jantar da primeira páscoa os participantes tiveram que permanecer de pé enquanto comiam, preparados para sair do Egito; mas quando entraram na terra prometida já não comiam 845 de pé, a não ser sentados ou reclinados. O comer de pé na primeira páscoa indicava a pressa com que tinham que partir; comer reclinados significava serenidade e segurança na terra que lhes tinha sido prometida.

Os apóstolos.

Esta foi a última ocasião em que os doze do grupo original estiveram juntos em um mesmo lugar. O costume exigia a presença de pelo menos dez pessoas, mas menos de trinta, para comer a páscoa. Esta vez os participantes foram treze.

15.

Quanto desejei!

A frase grega se traduz literalmente "com desejo desejei"; "com desejo desejei" (BC). É uma frase tipicamente hebréia, redundante para nosso modo de falar, mas comum tanto no hebreu como no NT e a LXX. ("goza-se grandemente", Juan 3: 29.) Esta foi a última ocasião em que Jesus estaria com seus amado discípulos antes da agonia da traição, o julgamento e a crucificação. Esta culminação de seu ministério terrestre tinha estado sempre diante dele enquanto trabalhava entre os homens. Durante quase um ano Jesus tinha procurado com diligência preparar a seus seguidores para os acontecimentos destas horas finais de sua vida (ver com. Mat. 16: 21; 20: 17; etc.).

Esta páscoa.

A quarta do ministério do Jesus (ver pp. 183, 238; diagrama 5, P. 219), e a terceira celebrada com os discípulos em Jerusalém. Entretanto, não todos os discípulos tinham estado pressente como membros deste grupo em duas ocasiões anteriores -nas páscoas do ano 28 e do 29 D.C.-, que tiveram lugar antes da seleção e a nomeação dos doze no verão (junho- agosto) do ano 29 d. C. Nesta ocasião Jesus e os doze sem dúvida se reuniram para celebrar o jantar pascal (ver primeira Nota Adicional do Mat. 26; DTG 598, 608; CS 450).

Antes que padeça.

Jesus tinha falado a seus discípulos uma e outra vez a respeito de seus padecimentos (ver com. Mat. 16: 21; 20: 17). Os profetas do AT falaram com freqüência dos sofrimentos do Mesías (Sal. 22; ISA. 53; etc.). Jesus devia percorrer o atalho do sofrimento até a cruz, para poder ser o "autor" de nossa salvação (Heb. 2: 10). Sem a cruz não poderia haver coroa (1 Ped. 1: 11). Como seguidores do humilde Jesus temos o privilégio de compartilhar seus sofrimentos (2 Cor. 1: 7; Fil. 3: 10; 1 Ped. 4: 13; DTG 197).

16.

Não a comerei mais.

Esta foi a última páscoa da qual poderiam participar com pleno significado os seguidores de Cristo. O rasgamiento do templo no momento da morte de Cristo na cruz (ver com. Mat. 27:51), foi o sinal divino de que os

símbolos do sistema religioso judeu tinham perdido sua validez, pois Jesus -a quem todas estas coisas assinalavam (Heb. 9: 9-11; 10: 1-11; 1 Cor. 5: 7)- havia dado sua vida em resgate como muitos. Jesus estava a ponto de substituir os símbolos do passado morto com os símbolos viventes de seu próprio corpo e de seu sangue derramado (Luc. 22: 19-20; DTG 608).

Até que se cumpra.

A celebração final e completa da liberação do domínio do pecado se levará a cabo no reino de "glória", do qual Jesus já tinha falado aos discípulos (ver com. Mat. 25: 31). Esta declaração do Jesus provavelmente se refira a "as bodas do Cordeiro" (Apoc. 19: 7-9), que se celebrarão para comemorar que "o Senhor nosso Deus Todo-poderoso reina" (vers. 1-6). Com referência ao uso de uma solene festa religiosa como símbolo da felicidade dos farelos de cereais no reino eterno, ver com. Luc. 14: 15-16.

Reino de Deus.

Ver com. Mat. 25: 31.

17.

Repartam.

[O Jantar do Senhor, Luc. 22: 17-20 = Mat. 26: 26-29 = Mar. 14: 22-25. Comentário principal: Mateo.] Quer dizer, tomaram a taça e beberam dela um depois de outro, enquanto passava de uma mão a outra.

Só Lucas parecesse falar de duas taças (vers. 17 e 20). Sugeriu-se que a primeira taça formava parte do ritual da páscoa, enquanto que a segunda era parte da Santa Janta cristã. Para evitar o que parecia ser um engano, alguns antigos manuscritos (entre eles o Códice de Lábia inferiora grossa, século VI) suprimiram a segunda taça eliminando o vers. 20, e investiram assim a ordem dos elementos da Santa Janta. Outras versões tentaram arrumar de outras maneiras o problema das duas taças; mas a evidência textual se inclina (cf. P. 147) pelo texto como aparece na RVR, com duas taças.

20.

De igual maneira.

Assim como tinha tomado o pão, dado obrigado, e o tinha repartido, fez o mesmo com o vinho.

21.

A mão.

[O traidor é desmascarado, Luc. 22: 21-23 = Mat. 26: 21-25 = Mar. 14: 18-21 = Juan 13: 21-30. Comentário principal: Mateo e Juan.] Lucas relata a Santa Janta antes de falar do Judas como traidor, enquanto que Mateo e Marcos investem esta ordem. O relato do Lucas mantém a ordem cronológica exata (ver com. Mat. 26: 21). 846

Do que me entrega.

Também poderia traduzir-se, "do que me está entregando". Judas já se havia

reunido com os dirigentes judeus e convencionado em lhes entregar ao Jesus (ver com. Mat. 26: 14-15). A traição já se iniciou.

Comigo na mesa.

É provável que as mãos de todos os discípulos estivessem "na mesa". Esta declaração não identificou ao Judas como traidor, mas sim simplesmente deu a entender que o traidor era um dos que estavam reclinados à mesa.

24.

Uma disputa.

[A grandeza no serviço, Luc. 22: 24-30 = Juan 13: 1-20. Comentário principal: Juan.] "Contenção"; "brigado" (BJ); "rivalidade" (BC). A palavra indica um espírito combativo, disposição para brigar. Esta oculta tendência à discórdia parece ter estado presente durante tudo o jantar pascal. O relato do Lucas explica a situação que deu lugar ao rito de humildade, registrado pelo Juan. Se se tiverem em conta os acontecimentos que logo ocorreriam, é trágico que os discípulos estivessem discutindo a respeito da categoria que ocupariam em um reino imaginário que Cristo não tinha vindo a estabelecer. O conceito equivocado que tinham os discípulos a respeito da natureza do reino de Cristo, foi o que, como em ocasiões anteriores (Mat. 18: 1; 20: 21; Mar. 9: 33-35; Luc. 9: 46-48), deu lugar à luta em quanto à grandeza de uns frente aos outros. Com referência aos falsos conceitos que albergavam os judeus, e até certo ponto os discípulos inclusive depois da ressurreição, quanto à natureza do reino messiânico, ver com. cap. 24: 19. Judas se tinha atribuído um lugar de honra, a a esquerda do Jesus, e Juan estava a sua direita (DTG 600).

O major.

Ver com. Mat. 18: 1-10; 20: 25-26. Os discípulos estavam pensando nos postos e categorias que ocupariam no reino que, segundo eles, Cristo logo estabeleceria na terra.

25.

Se enseñorean.

Ver com. Mat. 20: 25-26.

26.

O major.

Ver com. Mat. 20: 26.

O mais jovem.

Segundo o costume do Próximo Oriente, os irmãos menores deviam submeter-se a seus irmãos maiores. Mas o que Cristo dizia era que o major devia submeter-se aos menores.

27.

Como o que serve.

Jesus apresenta seu próprio exemplo de abnegado serviço para outros. O mesmo espírito que moveu a Cristo a socorrer à humanidade em suas necessidades físicas e espirituais, deveria motivar a vida de todos os que queriam ser seus discípulos.

28.

permanecestes.

Estas palavras dão a idéia de uma lealdade contínua e conseqüente. Apesar de as evidentes imperfeições, em seu conjunto os discípulos tinham sido leais em sua dedicação a Cristo.

Provas.

Ver com. Mat. 6: 13.

29.

Atribuo-lhes.

Isto seria uma recompensa pela lealdade deles (Apoc. 3: 21; 22: 12; cf. Luc. 12: 32; 2 Tim. 2: 12; com. Luc. 19: 17).

30.

Comam e bebam.

Ver com. Mat. 8: 11; Luc. 14: 15; cf. Mat. 19: 28.

Sentem-lhes em tronos.

Ver com. Mat. 19: 28.

31.

Simón, Simón.

[Jesus anuncia a negação do Pedro, Luc. 22: 31-38 = Mat. 26: 31-35 = Mar. 14: 27-31. Cf. com. Juan 13: 36-38. Comentário principal: Mateo.] A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão da frase: "Disse também o Senhor". A repetição do nome do Simón dá maior ênfase ao que Jesus está por dizer.

Satanás lhes pediu.

Jesus se dirigiu ao Pedro, mas o pronome plural indica que também se referia a todos. Satanás já tinha sacudido e vencido ao Judas (Job 1: 12, 2: 6).

32.

Eu roguei.

Que consolo é saber que o Professor tem um interesse tão pessoal em nossas provas e tentações pessoais. Pouco depois desta conversação, Jesus

elevou sua voz em oração ao Pai, e pediu por todos seus discípulos (Juan 17: 2, 9, 15, 17).

Por ti.

O pronome está em singular, a diferença do vers. 31; nesta forma se recalca a natureza pessoal do interesse que Jesus tem em cada um de seus seguidores; neste caso, especificamente no Pedro.

Não falte.

Gr. ekléipÇ, "fracassar", "acabar-se", "deixar fora". Não expressa a idéia de fraquejar mas sim de falhar totalmente. A palavra "eclipse" deriva do mesmo verbo.

Voltado.

Gr. epistrefÇ, "voltar-se", que se refere à conversão ou à mudança que ocorreria na vida do Pedro. Jesus indicou aqui que Pedro cairia, mas que este não seria o final de tudo, porque se arrependeria. A amarga experiência pela qual Pedro estava a ponto de passar como resultado de negar a seu Senhor, obrou nele uma transformação que foi claramente visível para os outros discípulos (DTG 659-660, 752).

Confirma a seus irmãos.

A intrepidez que mais tarde Pedro manifestou pela verdade, demonstra que seu conversão foi completa; 847 seu ministério proporcionou força e ânimo aos crentes em Jerusalém e em suas zonas circunvizinhas (Hech. 2: 14; 3: 12-15; 4: 8-13; 5: 29-33, etc.).

33.

Disposto estou.

Ver com. Mat. 26: 33, 35.

34.

Pedro.

Jesus nomeia a seu discípulo com o nome que ele mesmo lhe tinha dado (ver com. Juan 1: 42).

35.

Quando lhes enviei.

Jesus recorda aos doze a ocasião quando os tinha enviado de dois em dois por as aldeias da Galilea (ver com. Mat. 10: 1, 5, 9-10).

Faltou-lhes?

A construção da pergunta grega indica que Jesus esperava uma resposta negativa. Pelo general, os discípulos tinham recebido uma recepção cordial. Quando fizeram a viagem evangelístico ao qual se faz referência aqui, Jesus estava no apogeu de sua popularidade na Galilea, e a gente estava

muito feliz de receber a seus representantes.

36.

Pois agora.

A situação trocou. O período de popularidade na Galilea se havia terminado um ano antes (ver com. Juan 6: 66). a partir de agora em adiante, quando os discípulos proclamassem o Evangelho, encontrariam suspeitas e inimizade. Não deviam esperar a hospitalidade generosa e amável que tinham gozado antes. Muitas vezes sofreriam perseguições (ver com. Mat. 10: 16-28; Juan 16: 33).

Espada.

Gr. májaira, pelo general, a espada curta dos romanos (ver com. cap. 2: 35). Na LXX májaira aparece como tradução do Heb. MA'akéleth, "faca para degolar", derivado do MA'akal, "alimento". Possivelmente aqui se refira ao segundo significado: "faca de degolar".

Capa.

Gr. himátion, vestido exterior ou "manto" (ver com. Mat. 5:40).

Compre uma.

Esta linguagem figurada do Jesus muitas vezes foi mal interpretado. Quando os discípulos foram ao mundo hostil, freqüentemente se encontraram em circunstâncias nas quais, de um ponto de vista humano, teriam sido muito úteis as armas; entretanto, em todo o relato do livro dos Fatos não se registra um só caso de que os apóstolos usassem ou até levassem uma arma. Se Jesus tivesse querido que as levassem, podemos estar seguros de que o haveriam feito. Essa mesma noite, uma hora ou dois depois, quando Pedro tratou de usar uma espada (ver com. Mat. 26: 51-53), Jesus o repreendeu pelo que tinha feito, e ensinou claramente que o cristão, como seu Professor, não deve depender das arma para proteger-se. O cristão não deve rechaçar a força com a força (ver com. Mat. 5: 39).

O Evangelho que dá a vida não deve defender-se matando a pessoas pelas quais Cristo morreu. A evidência suprema do amor cristão é estar disposto a morrer por outros (Juan 15: 13). O desejo ou a intenção de lhe tirar a vida a quem possa estar em desacordo conosco é uma evidência do espírito de Satanás, quem é "homicida desde o começo" (Juan 8: 44). A perseguição é obra de Satanás; praticam-na quem se tem submetido a seu domínio. A única arma que o cristão pode usar livremente para defender seu fé é a "espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (ver F. 6: 17; Heb. 4: 12; com. Mat. 26: 52). portanto, de acordo aos ensinos de Cristo e do que narra o NT quanto aos métodos apostólicos para pregar o Evangelho, concluímos que Cristo falou aqui em forma figurada para advertir a seus discípulos a respeito da perseguição que eles e seus conversos teriam que sofrer, e não do uso literal de armas de nenhum tipo.

37.

Iníquos.

Gr. ánomos, "iníquo", "transgressor", literalmente "sem lei". Ver ISA. 53: 12, que Jesus está citando.

38.

Aqui há duas espadas.

É evidente que os discípulos entenderam mal o que Jesus havia dito e interpretaram literalmente suas palavras a respeito de conseguir espadas. A severo repreensão do Jesus ao Pedro um pouco mais tarde (ver com. Mat. 26: 51-52) é uma clara evidência de que o Professor não tinha tido a intenção de que entendessem literalmente suas palavras.

Basta.

Não é claro se Jesus se estiver refiriendo às duas espadas das quais falou Pedro, ou ao tema em geral. É provável que com esta palavra Jesus quisesse concluir este tema, pois esse não era o momento de discuti-lo com mais detalhe. Havia assuntos mais importantes por diante. Possivelmente Jesus quis dizer: "Basta já [deste assunto]".

39.

Como estava acostumado a.

[Jesus se retira ao Getsemaní, Luc. 22: 39 = Mat. 26: 30 = Mar. 14: 26. Comentário principal: Mateo.] O texto grego diz literalmente: "segundo a costume [dele]".

40.

Orem.

[Jesus ora no Getsemaní, Luc. 22: 40-53 = Mat. 26: 36-56 = Mar. 14: 32-52 = Juan 18: 1-12. Comentário principal: Mateo.] 848

Não entrem em tentação.

Ver com. Mat. 6: 13; 26: 41.

41.

Um tiro de pedra.

Só Lucas registra este detalhe.

43.

Um anjo.

Este anjo foi Gabriel (ver P. 661), quem ministró pessoalmente a Cristo em repetidas ocasiões (ver com. cap. 1: 19). Compare-se com a experiência de Jesus ao final de seu encontro com Satanás no deserto (ver com. Mat. 4: 11).

Para lhe fortalecer.

Depois que Jesus orou pela terceira vez, e fez a grande decisão de chegar até a cruz, "caiu moribundo ao revisto do que se levantou parcialmente" e

padeceu "os sofrimentos da morte por todos os homens" (DTG 642-643). O poderoso anjo veio para lhe repartir força para as horas de sofrimento que havia entre o horta e a cruz. Quando teve sido fortalecido, "saiu da prova sereno e cheio de calma", sem que se vissem nele as "rastros de seu recente agonia" (DTG 643-644). Assim o encontrou a turfa que tinha saído a tomá-lo.

44.

Agonia.

Com referência à natureza desta agonia, ver com. Mat. 26: 38.

Gotas.

Do Gr. thrómbos, "gota", "coágulo". Como um caso histórico similar, o International Critical Commentary (comentando Luc. 22: 44) cita ao Megeray quem descreve assim ao Carlos IX da Suécia nas últimas semanas de sua vida: "A sangue brotava de todos os orifícios de seu corpo, até dos poros de seu pele; de modo que em uma ocasião o achou suado sanguinolento". Conclui que a frase grega em questão deve entender-se como "suor sanguinolento".

Embora há provas de que em muitos dos mais antigos e fidedignos manuscritos não apareciam os vers. 43-44, a evidência textual se inclina (cf. P. 147) por inclui-los.

48.

Filho do Homem.

Ver com. Mat. 1: 1; Mar. 2: 10.

51.

Basta já.

Não é claro na narração do Lucas se Jesus dirigiu estas palavras aos discípulos para lhes aconselhar que deixassem que os acontecimentos seguissem seu curso natural, ou para lhes ordenar que não atuassem com força e violência (vers. 50), ou se foi que pediu aos que tinham vindo a prendê-lo que lhe permitissem curar a orelha ao Malco. De acordo com o DTG 645, Jesus falou com os soldados romanos que o tinham sujeito firmemente.

Tocando sua orelha.

Esta foi a segunda prova de divindade apresentada a quem tinha vindo a prender ao Jesus; a primeira tinha sido a aparição da glória Angélica (ver com. Juan 18: 6). Se a ação precipitada do Pedro não tivesse sido remediada imediatamente, poderia ter sido apresentada diante do sanedrín e do Pilato como uma evidência de que Jesus e seus discípulos eram gente perigosa, uma ameaça para a nação. As autoridades não mencionaram este episódio no julgamento, porque se o tivessem feito teriam que ter admitido que se havia feito um milagre.

53.

Sua hora.

Quer dizer a "hora" em que lhes permitiria fazer o que quisessem com o Jesus. Tanto aos perversos como aos anjos satânicos pareceu que Jesus finalmente estava em seu poder.

Trevas.

Era de noite; um momento muito apropriado para seus planos sinistros, uma oportunidade favorável para que consumassem sua obra. Mas a escuridão espiritual que envolvia seu coração era maior que a escuridão física. Esses ímpios fizeram sem impedimento algum a vontade dos demônios, deram rédea solta ao ódio que havia em seu coração.

54.

Levaram-lhe.

[Julgamento noturno ante o sanedrín, Luc. 22: 54-65 = Mat. 26: 57-75 = Mar. 14: 53-72 = Juan 18: 25- 27. Comentário principal: Mateo.] Deve notar-se que Lucas apresenta o julgamento e a negação do Pedro em estrita ordem cronológica (ver P. 182).

56.

Ao fogo.

Melhor "à luz" (BJ). Ver DTG 657.

59.

Afirmava.

O tempo do verbo grego indica uma ação repetida, como se o houvesse afirmado várias vezes.

61.

Voltado o Senhor.

Só Lucas registra este patético detalhe.

65.

Outras muitas coisas.

Os fatos mencionados são só ilustrações de muitas outras coisas que Jesus sofreu à mãos das autoridades e da turfa (ver com. Juan 21: 25).

66.

Quando era de dia.

[Jesus ante o concílio; julgamento diurno, Luc. 22: 66-71 = Mat. 27: 1 = Mar. 15: 1. Comentário principal: Lucas. Ver mapa P. 215; diagrama P. 223.] O julgamento noturno ante só membros escolhidos do sanedrín (ver com. Mat. 26: 57-75) e feito em casa do supremo sacerdote, não foi um julgamento oficial apesar de que se

ouviram as acusações e se tomou uma decisão. Foi necessário fazer uma convocação legal para que o sanedrín se reunisse logo que saísse o sol, aproximadamente às 5:30 da manhã nessa época do ano na latitude de Jerusalém. 849 portanto, no julgamento diurno tiveram que repeti-las partes essenciais do julgamento noturno. "logo que foi de dia, o sanedrín se voltou a reunir, e Jesus foi gasto de novo à sala do concílio" (DTG 661).

Principais sacerdotes.

Ver com. Mat. 2: 4; 26: 3.

Escribas.

Ver P. 57.

Trouxeram-lhe.

De onde o tinham retido, na casa do supremo sacerdote, até a câmara de sessões do sanedrín.

Concílio.

Gr. sunédrion, literalmente "o lugar de sentar-se juntos", quer dizer, "uma assembléia". Sem dúvida este sunédrion não era um concílio ordinário, a não ser a reunião do grande sanedrín de Jerusalém (ver P. 68).

67.

É você o Cristo?

Na sessão noturna já se ouviu a resposta que Cristo tinha dado a esta pergunta, e a tinham considerado como razão suficiente para condená-lo a morte (ver com. Mat. 26: 63-66). Repetiu-se a pergunta para que todos a ouvissem. Muitos membros do sanedrín que não tinham estado no julgamento noturno agora estavam pressentem (DTG 661), embora parecesse que Nicodemo e José da Arimatea nem foram convocados nem estiveram pressentem (DTG 497, 648, 719).

Se vos o dijere.

Jesus já lhes tinha respondido uma hora antes, pouco mais ou menos (ver com. Mat. 26: 64).

68.

Se lhes perguntarei.

Quer dizer, discutir o assunto em forma razoável para determinar quais eram os feitos. Os judeus não tinham interesse nos pormenores do caso, e se negavam a examinar as provas. Jesus tinha apresentado as evidências de que era o Mesías dois anos antes, provavelmente nesse mesmo recinto (ver com. Juan 5: 17-47, especialmente os vers. 31-39).

Nem me soltarão.

Não importava quão convincente fora a evidência em favor do Jesus, os judeus

estavam decididos a não deixá-lo em liberdade (ver com. Mat. 26: 59).

69.

a partir de agora.

Ver com. Mat. 26: 64, passagem paralelo.

70.

Vós dizem que o sou.

Jesus reconhece que hão dito a verdade. Esta não era mais que uma forma idiomática de dizer "sim" (Mar. 14: 62; Mat. 26: 64). O "Filho do Homem" era "o Cristo" (Luc. 22: 67). Ver com. Mat. 1: 1; Mar. 2: 10.

71.

Que mais testemunho necessitamos?

Ver com. Mat. 26: 65-66. Os dirigentes judeus condenam pela terceira vez a Jesus, e é também a terceira cena de maus tratos e brincadeiras que segue imediatamente (DTG 661). A presença dos soldados romanos possivelmente impediu que Jesus fora morto pela turfa frente aos membros do sanedrín.

Se Jesus não tivesse sido o que afirmava que era, os dirigentes judeus haveriam tido toda a razão; mas como Jesus estava no certo eles se equivocaram de um modo irreparável e eterno.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-5 DTG 601

7-18 DTG 598-607

14-23 DTG 608-616

15-18 DTG 598

19 DTG 609

24 CS 397; DTG 599

26-27 Ed 260

27 Ed 99

30 CS 480

31 4T 246

31-32 DMJ 101; DTG 660, 752; P 166; PR 130; 3TS 381

31-34 Ed 84

32 CM 194; Ev 254; HAp 51, 410; P 170; PVGM 120; 1T 379, 469; 2T 317; 3T 560;

5T 570

35 DTG 239; MC 381; OE 119

39-53 DTG 636-646

40 DTG 641

41 OE 187; PR 33

42 CH 375; MC 175; P 167

43 DTG 643; 1JT 223; 4T 542

43-44 1JT 83; P 167

44 DTG 640, 643, 683, 707; 1JT 51, 220-221, 472; P 49; 3TS 386

48 CS 306; DTG 645

50-51 DTG 645

53 DTG 646

54-71 DTG 647-662

57 DTG 658

58-62 3T 416

61 P 169, 194

61-62 Ed 85; PVGM 118

62 1JT 568

64 P 170

67-71 DTG 661 850

CAPÍTULO 23

1 Jesus é acusado diante do Pilato, e enviado ao Herodes. 8 Herodes se burla dele. 12 Pilato e Herodes restabelecem sua amizade. 13 A multidão pede que Diabinho seja posto em liberdade; Pilato o solta, e entrega ao Jesus para que seja crucificado. 27 Cristo diz às mulheres que se lamentam por ele, que chorem por elas e seus filhos pelas desgraças que lhes sobrevirão. 34 Ora por seus inimigos. 39 E dois malfeitores são crucificados com ele. 46 Sua morte 50 e enterro.

1 LEVANTANDO-SE então toda a multidão deles, levaram ao Jesus a Pilato.

2 E começaram a lhe acusar, dizendo: A este achamos que perverte à nação, e que prohíbe dar tributo ao César, dizendo que ele mesmo é o Cristo, um rei.

3 Então Pilato lhe perguntou, dizendo: É você o Rei dos judeus? E
lhe respondendo ele, disse: Você o diz.

4 E Pilato disse aos principais sacerdotes, e às pessoas: Nenhum delito acho
neste homem.

5 Mas eles instavam, dizendo: Alvoroça ao povo, ensinando por toda Judea,
começando desde a Galilea até aqui.

6 Então Pilato, ouvindo dizer, Galilea, perguntou se o homem era galileo.

7 E ao saber que era da jurisdição do Herodes, remeteu ao Herodes, que
naqueles dias também estava em Jerusalém.

8 Herodes, vendo o Jesus, alegrou-se muito, porque fazia tempo que desejava
lhe ver; porque tinha ouvido muitas coisas a respeito dele, e esperava lhe ver fazer
alguma sinal.

9 E o fazia muitas perguntas, mas ele nada lhe respondeu.

10 E estavam os principais sacerdotes e os escribas lhe acusando com grande
veemência.

11 Então Herodes com seus soldados lhe menosprezou e ludibriou, lhe vestindo
de uma roupa esplêndida; e voltou a lhe enviar ao Pilato.

12 E se fizeram amigos Pilato e Herodes aquele dia; porque antes estavam
inimizados entre si.

13 Então Pilato, convocando aos principais sacerdotes, aos governantes,
e ao povo,

14 lhes disse: Apresentastes a este como um homem que perturba ao povo;
mas lhe havendo interrogado eu diante de vós, não achei neste
homem delito algum daqueles de que lhe acusam.

15 E nem mesmo Herodes, porque lhes remeti a ele; e hei aqui, nada digno de morte há
feito este homem.

16 Lhe soltarei, pois, depois de lhe castigar.

17 E tinha necessidade de lhes soltar um em cada festa.

18 Mas toda a multidão deu vozes a uma, dizendo: Fora com este, e nos solte
a Diabinho!

19 Este tinha sido jogado no cárcere por rebelião na cidade, e por um
homicídio.

20 Lhes falou outra vez Pilato, querendo soltar ao Jesus;

21 mas eles voltaram a dar vozes, dizendo: lhe crucifique, lhe crucifique!

22 O lhes disse pela terceira vez: Pois que mal tem feito este? Nenhum delito
digno de morte achei nele; castigarei-lhe, pois, e lhe soltarei.

23 Mas eles insistiam a grandes vozes, pedindo que fosse crucificado. E as

vozes deles e dos principais sacerdotes prevaleceram.

24 Então Pilato sentenciou que se fizesse o que eles pediam;

25 e soltou a aquele que tinha sido jogado no cárcere por rebelião e homicídio, a quem tinham pedido; e entregou ao Jesus à vontade deles.

26 E lhe levando, tomaram a certo Simón do Cirene, que vinha do campo, e o puseram em cima a cruz para que a levasse detrás o Jesus.

27 E lhe seguia grande multidão do povo, e de mulheres que choravam e faziam lamentação por ele.

28 Mas Jesus, voltado para elas, disse-lhes: Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, a não ser chorem por vocês mesmas e por seus filhos.

29 Porque hei aqui virão dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não conceberam, e os peitos que não criaram.

30 Então começarão a dizer aos Montes: Caiam sobre nós; e aos colinas: nos cubram.

31 Porque se na árvore verde fazem estas coisas, no seco, que não se fará?
851

32 Levavam também com ele a outros dois, que eram malfeitores, para ser mortos.

33 E quando chegaram ao lugar chamado da Caveira, crucificaram-lhe ali, e a os malfeitores, um à direita e outro à esquerda.

34 E Jesus dizia: Pai, perdoa-os, porque não sabem o que fazem. E repartiram entre si seus vestidos, jogando sortes.

35 E o povo estava olhando; e até os governantes se burlavam dele, dizendo: A outros salvou; salve-se a si mesmo, se este for o Cristo, o escolhido de Deus.

36 Os soldados também lhe ludibriavam, aproximando-se e lhe apresentando vinagre.

37 e dizendo: Se você for o Rei dos judeus, te salve a ti mesmo.

38 Havia também sobre ele um título escrito com letras gregas, latinas e hebréias: ESTE É O REI DOS JUDIOS.

39 E um dos malfeitores que estavam pendurados lhe injuriava, dizendo: Se você é o Cristo, te salve a ti mesmo e a nós.

40 Respondendo o outro, repreendeu-lhe, dizendo: Nem mesmo teme você a Deus, estando na mesma condenação?

41 Nós, à verdade, justamente padecemos, porque recebemos o que mereceram nossos feitos; mas este nenhum mal fez.

42 E disse ao Jesus: te lembre de mim quando vier em seu reino.

43 Então Jesus lhe disse: De certo te digo que hoje estará comigo no paraíso.

44 Quando era como a sexta hora, houve trevas sobre toda a terra até a hora novena.

45 E o sol se obscureceu, e o véu do templo se rasgou pela metade.

46 Então Jesus, clamando a grande voz, disse: Pai, em suas mãos encomendo meu espírito. E havendo dito isto, expirou.

47 Quando o centurião viu o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente este homem era justo.

48 E toda a multidão dos que estavam presentes neste espetáculo, vendo o que tinha acontecido, voltavam-se golpeando o peito.

49 Mas todos seus conhecidos, e as mulheres que lhe tinham seguido desde a Galilea, estavam longe olhando estas coisas.

50 Havia um varão chamado José, da Arimatea, cidade da Judea, o qual era membro do concílio, varão bom e justo.

51 Este, que também esperava o reino de Deus, e não tinha mimado no acordo nem nos fatos deles,

52 foi ao Pilato, e pediu o corpo do Jesus.

53 E tirando-o, envolveu-o em um lençol, e o pôs em um sepulcro aberto em uma penha, no qual ainda não se pôs a ninguém.

54 Era dia da preparação, e estava para começar o dia de repouso.*

55 E as mulheres que tinham vindo com ele desde a Galilea, seguiram também, e viram o sepulcro, e como foi posto seu corpo.

56 E voltas, prepararam especiarias aromáticas e ungüentos; e descansaram o dia de repouso,* conforme ao mandamento.

1.

Levaram ao Jesus ao Pilato.

[Primeiro julgamento ante o Pilato, Luc. 23: 1-5 = Mat. 27: 2, 11-14 = Mar. 15: 2-5 = Juan 18: 28-38. Comentário principal: Lucas e Juan. Ver mapa P. 215; diagramas 9, 11, pp. 223-224.]

2.

Perverte à nação.

Lucas registra três das acusações contra Jesus apresentadas pelas autoridades judias. Aqui o acusam de ser um agitador revolucionário. Durante o transcurso de seu ministério, Jesus se tinha cuidado muito de evitar que houvesse uma base válida para uma acusação tal como a que agora se o fazia (ver com. Mat. 14: 22; 16: 20; Mar. 1: 45; 6: 42; Juan 6: 15). Esta acusação inventada tinha estreita relação com os falsos conceitos dos dirigentes judeus sobre o Mesías (ver com. Luc. 4: 19).

Prohíbe dar tributo.

Três dias antes, os fariseus tinham feito todo o possível para que Jesus fizesse a declaração que aqui lhe atribuem; mas seus esforços haviam terminado em uma derrota terminante (ver com. Mat. 22: 15-22).

Cristo, um rei.

Jesus nunca tinha feito diretamente esta afirmação. Sem dúvida pensavam na entrada triunfal em Jerusalém apenas cinco dias antes, acontecimento que todos os judeus tomaram como o equivalente de uma declaração de que Jesus pretendia o trono do David (ver com. Mat. 21: 5, 9).

5.

Instavam.

"Insistiam" (BJ, BC, NC). Insistiam em que Pilato acessasse a suas demandas.

Alvoroça ao povo.

Esta acusação era, é obvio, muito exata; mas Jesus não alvoroçava ao povo da maneira em que os judeus 852 queriam que Pilato o entendesse. Em as últimas semanas, especialmente da ressurreição do Lázaro, a opinião popular se tinha derrubado cada vez mais em favor do Jesus. Os sacerdotes e dirigentes judeus já tinham tido que admitir, contra sua vontade, que "tudo o mundo" ia atrás dele (Juan 12: 19).

Judea.

É provável que neste término incluíra toda a Palestina israelita (ver com. cap. 1: 5; 7: 17). Lucas também emprega este vocábulo para referir-se à a Judea propriamente dita (Luc. 2: 4; Hech. 1: 8; 8: 1). Entretanto, parecesse que Lucas é o único escritor do NT que usa esta palavra com um sentido mais amplo.

Começando desde a Galilea.

Quer dizer, onde Jesus tinha tido maior êxito. Pedro emprega quase a mesma frase no Hech. 10: 37 para descrever a extensão do Evangelho.

Até aqui.

Quem acusava ao Jesus poderiam ter estado pensando nos dramáticos acontecimentos dos últimos poucos dias, os quais tinham produzido em seu coração o temor de que Jesus estivesse a ponto de começar um prolongado ministério na Judea, com maior êxito que o da Galilea.

6.

Galileo.

[Jesus ante o Herodes Antipas, Luc. 23: 6-12. Ver mapa P. 215; diagramas 9, 11, pp. 223-224.] Só Lucas registra este episódio do julgamento do Jesus. A parte de mais êxito e mais impressionante do ministério de Cristo tinha tido lugar em Galilea. Jesus tinha nascido em Presépio, mas se tinha criado na Galilea e quase toda sua vida a tinha passado ali.

7.

Jurisdição do Herodes.

Quer dizer, Galilea e Perea (ver pp. 48, 65; com. Luc. 3: 1).

Remeteu ao Herodes.

Pilato estava frente a um dilema. Estava plenamente convencido de que Jesus era inocente, e tinha anunciado publicamente seu parecer neste sentido. Seu decisão de liberar o Jesus era superada somente pela determinação das autoridades judias de que Jesus fora crucificado. Pilato tinha sido procurador da Judea (território que administrativamente compreendia também a Samaria) durante uns cinco anos, e durante esse período se granjeou a inimizade dos judeus; e temia que se os desagradava outra vez, poria em perigo seu cargo. Sabia muito bem quão traiçoeiros eram alguns dos dirigentes judeus. Também sabia que o ódio que sentiam pelo Jesus se devia exclusivamente à maldade deles. portanto, Pilato possivelmente acreditou que cortava o nó gordiano ao enviar ao Jesus ao Herodes, pois assim esperava conservar a boa vontade das autoridades judias e, de uma vez, evadir a responsabilidade pela morte de um que evidentemente era inocente.

Em Jerusalém.

Embora Herodes Antipas era meio idumeo e meio samaritano (ver P. 64; diagrama P. 40), professava estrita aderência à fé judia (P. 35), e sem dúvida havia vindo a Jerusalém para assistir à páscoa. Isto não significa que fora, em modo algum, um judeu piedoso, a não ser simplesmente que praticava as formas externas da religião por motivos políticos. É provável que enquanto Herodes estava em Jerusalém, ocupasse o palácio dos asmoneos, cuja localização precisa se desconhece (ver mapa frente à P. 513).

8.

Desejava lhe ver.

Herodes estava vivendo em adultério por algum tempo (ver com. Mat. 14: 3; Mar. 6: 17). Aproximadamente um ano antes tinha assassinado ao Juan o Batista (ver com. Mar. 6: 1, 29), e por isso sua consciência seguia lhe remoendo. Ao princípio tinha sentido temor de que Jesus fora Juan o Batista, que havia ressuscitado de entre os mortos (ver com. Mar. 6: 14, 16). E por algum tempo Herodes tinha desejado intensamente ter a oportunidade de entrevistar-se com Jesus (ver com. Luc. 9: 9).

lhe ver fazer alguma sinal.

A curiosidade parece ter sido outro fator que impulsionou ao Herodes a desejar entrevistar-se com o Jesus. Fez levar a seu palácio "inválidos e mutilados Y.. [o] prometeu... [que] libertaria-o" se fazia algum milagre em sua presença (DTG 677). Se Jesus fazia ditos milagres, possivelmente seria uma evidência de que era um profeta genuíno e, portanto, não era culpado das acusações que faziam-lhe os judeus. Assim ficaria satisfeita a curiosidade do Herodes, e ao mesmo tempo teria razão sobrada para liberar o Jesus apesar de qualquer possível protesto dos dirigentes judeus.

9.

Fazia muitas perguntas.

"Perguntou-lhe com muita palavrório" (BJ). Como uma demonstração de favor e uma promessa implícita ao Jesus de que o liberaria, Herodes ordenou que lhe tirassem os grilos (DTG 677), e logo lhe fez muitas perguntas antes de permitir que os judeus apresentassem suas acusações.

Nada lhe respondeu.

além das razões que tinham movido ao Jesus a permanecer calado ante o sanedrín e ante o Pilato (ver com. Mat. 26: 63; 27: 13), estava o motivo adicional de que Herodes tinha ouvido e rechaçado 853 a mensagem do Juan o Batista. Tinha desprezado a luz da verdade que Deus permitiu que brilhasse em seu caminho. Jesus não tinha palavras para uma alma empedernida no pecado e sem esperança. Este silêncio foi uma muito dura repreensão para o orgulhoso monarca. Isto, mais a negativa de fazer um milagre por pedido do rei, encheu de ira ao Herodes e se voltou contra Jesus.

10.

Os principais sacerdotes e os escribas.

Ver P. 57; com. Mat. 2: 4.

lhe acusando com grande veemência.

Isto equivale a dizer que o fizeram com voz forte e com soberba.

11.

Menosprezou-lhe.

Ou "desprezou-o"; quer dizer, insultou-o. Herodes, como Pilato, estava convencido de que a malignidad era quão único tinha ocasionado as acusações contra Jesus; mas o silêncio do Salvador o tinha irritado muito porque este dava a impressão de que tinha tido em pouco sua autoridade.

Uma roupa esplêndida.

É possível que fora um objeto usado pelo Herodes. A aparência deve haver sido ostentosa em comparação com as vestimentas singelas e humildes que Jesus estava acostumado a levar.

Voltou a lhe enviar.

Se os soldados romanos não tivessem intervindo como o tinham feito ao concluir o julgamento diurno ante o sanedrín (ver com. cap. 22: 71), Jesus sem dúvida teria sido morto pela turfa durante o transcurso da violenta demonstração que aqui se descreve. Mas Herodes, igual a Pilato, preferiu evitar a responsabilidade, e enviou ao Jesus de novo ao Pilato.

12.

fizeram-se amigos.

Arrumaram suas diferenças. É provável que tivesse havido uma fricção

intermitente entre o Pilato e Herodes durante vários anos.

13.

Convocando.

[Segundo julgamento ante o Pilato, Luc. 23: 13-25 = Mat. 27: 15- =mar. 15: 6-19 = Juan 18: 39 a 19: 16. Comentário principal: Mateo e Juan.]

15.

Remeti-lhes a ele.

A evidência textual se inclina (cf. P. 147) pelo texto "remeteu-nos isso" (BJ); "tornou-nos isso a enviar" (NC). Isto parece concordar melhor com o contexto.

16.

depois de lhe castigar.

Esta foi a primeira vez que Pilato fez flagelar ao Jesus (o segundo flagelamiento aparece em com. Mat. 27: 26). Por meio desta concessão, Pilato pretendia evitar a pena de morte, provavelmente porque esperava despertar simpatia para o Jesus entre a turfa. Os açoites, tal como se propinaban então, muitas vezes causavam a morte (ver com. Mat. 10: 17). Mas em vez de aplacar à turfa e suas violentas exigências de que Jesus devia morrer, dita concessão só serve para que sentissem mais sede de seu sangue. Se Pilato consentia em que se açoitasse a um inocente, se o pressionava um pouco mais, sem dúvida consentiria em permitir sua morte.

17.

Tinha necessidade.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) a omissão do vers. 17. Uns manuscritos o incluem depois do vers. 19.

19.

Rebelião.

Gr. stásis, "levantamento", "insurreição".

21.

Voltaram a dar vozes.

Literalmente "davam vozes", quer dizer, "seguiam gritando" (BJ) ao Pilato.

23.

E dos principais sacerdotes.

A evidência textual se inclina (cf. P. 147) pela omissão desta frase.

25.

Entregou ao Jesus.

Jesus morreu devido a uma sentença romana executada sob supervisão romana (vers. 36).

26.

E lhe levando.

[Crucificação e morte do Jesus, Luc. 23: 26-49 = Mat. 27: 31b-56 = Mar. 15: 20-41 = Juan 19: 17- 37. Comentário principal: Mateo e Juan.]

27.

Grande multidão.

Entre a multidão, também estavam os discípulos, mas "seguiam-lhe de longe" (DTG 692).

28.

Voltado para elas.

É provável que isto tivesse sido impossível se nesse momento Jesus estivesse levando sua cruz.

Filhas.

Jesus se dirigiu às mulheres como habitantes de Jerusalém.

Não chorem por mim.

Entretanto, Jesus não estava desprezando sua simpatia nem as repreendia por manifestar-lhe DTG 692).

29.

Virão dias.

Jesus se refere agora ao sítio do ano 70 d. C. (DTG 692; ver com. Mat. 24: 15-20).

Bem-aventuradas as estéreis.

Os judeus estavam acostumados a considerar que a esterilidade era uma maldição (ver com. cap. 1: 7, 25).

30.

Dizer aos Montes.

Cf. Oseas 10: 8; Apoc. 6: 16.

31.

Verde.

Gr. hugrós, "úmido", "molhado", como acontece com uma árvore, cheio de seiva. Ao falar de um "árvore verde" Jesus se estava refiriendo a si mesmo (DTG 692). O era inocente, e se as coisas que aconteciam nesse momento podiam lhe ocorrer a uma pessoa inocente, qual não seria então a sorte dos culpados? 854

No seco.

Esta figura de linguagem descreve o estado espiritual da sociedade judia, o que fez que todos fossem rechaçados como o povo escolhido de Deus e que seu nação se desintegrasse (ver T. IV, pp. 27-40).

Que não se fará?

Jesus se refere de novo às calamidades que acompanhariam à queda de Jerusalém, 40 anos mais tarde (ver com. vers. 29).

34.

Pai, perdoa-os.

Jesus se referia aos romanos e também a quão judeus tinham causado seu condenação e crucificação (DTG 693); entretanto, sua oração não poderia por si mesma tirar a culpa deles (DTG 694). Esta oração abrange, em um sentido mais amplo, a todos os pecadores até o fim do tempo, porque todos são culpados do derramamento do sangue do Jesus (DTG 694).

Esta é primeira das sete vezes que Jesus falou enquanto pendurava da cruz, chamadas muitas vezes "as sete últimas palavras". Nenhum evangelista menciona mais de três nem menos de uma destas. "As sete palavras", ordenadas cronologicamente, são as seguintes:

1."Pai, perdoa-os, porque não sabem o que fazem" (vers. 34).

2."De certo te digo que hoje estará comigo no paraíso" (vers. 43).

3."Mulher, hei aí seu filho... [Filho], hei aí sua mãe" (Juan 19: 26-27).

4."meu deus, Meu deus, por que me desamparaste?" (Mat. 27: 46; Mar. 15: 34).

5."Tenho sede" (Juan 19: 28).

6."Consumado é" (Juan 19: 30).

7."Pai, em suas mãos encomendo meu espírito" (Luc. 23: 46).

Não sabem.

Os dirigentes judeus tinham tomado uma decisão deliberada contra Cristo, embora tinham tido a plena luz da verdade que ele lhes tinha vindo a revelar. Entretanto, em certa medida, não compreendiam cabalmente o que estavam fazendo; não percebiam sua ação dentro do conteúdo completo do grande conflito entre o bem e o mal (DTG 693-694). O povo em geral não tinha idéia do que estava ocorrendo, e suas brincadeiras e mofas eram produto de seu ignorância. Cegamente seguia a seus dirigentes (ver com. Mat. 27: 54).

Embora em três dos MSS antigos mais importantes (P75 , N, B) não figura esta prece do Jesus, a evidência textual se inclina por inclui-la, não necessariamente porque tenha formado parte do Evangelho original, mas sim por seu contido e porque foi aceita unanimemente em séculos posteriores.

35.

Se este.

Está palavras foram sortes com desprezo (ver com. cap. 14: 30; 15: 2).

O Cristo.

Quer dizer, o Mesías, o Ungido (ver com. Mat. 1: 1).

36.

Os soldados.

Segundo o texto grego, as brincadeiras dos soldados eram menos persistentes que as dos dirigentes judeus.

38.

Letras gregas, latinas e hebréias.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) a omissão desta declaração em quanto aos três idiomas nos quais estava escrita a inscrição (ver com. Mat. 27: 37). Entretanto, não há dúvida de que esta frase é parte do original do Juan 19: 20.

39.

Se você for o Cristo.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) o texto: "Não é você o Cristo?" (BJ). "Não é você o Mesías?" (BC, NC).

40.

Nem mesmo teme você a Deus?

Apesar de que deve comparecer ante ele no dia do julgamento.

Mesma condenação.

Quer dizer, a mesma sentença. Um malfeitor lhe diz ao outro que ele também é culpado, e lhe pergunta que autoridade tem para condenar ao Jesus.

41.

Justamente padecemos.

Este ladrão foi tão sincero, que admitiu sinceramente sua culpa. Quanto à importância da atitude que aqui se reflete em relação com a concessão de a misericórdia divina, ver com. Mat. 5: 3.

Nenhum mal fez.

Literalmente "nada desconjurado fez". Este ladrão, e provavelmente também seu companheiro, tinha ouvido falar com o Jesus e tinha estado com ele no pretorio de Pilato; e juntos tinham ido até o lugar da execução (DTG 697). Depois de ter visto e ouvido grande parte do que tinha ocorrido nas últimas horas, o ladrão que falava estava plenamente convencido de que Jesus era tudo o que afirmava ser. E o mesmo acontecia com o centurião que fiscalizava a execução (ver com. Mat. 27: 54).

42.

Quando vier.

Literalmente "quando queira que venha". O ladrão arrependido aceitou ao Jesus como Mesías e Salvador, como o que teria que reinar sobre o trono do David e restabelecer todas as coisas (ver com. Mat. 1: 1; 21: 9; Luc. 19: 10).

Em seu reino.

O conceito que tinha o ladrão arrependido sobre o reino de Cristo era provavelmente o que tinham a maioria 855 de seus compatriotas (ver com. cap. 4: 19). Não há indicação alguma de que tivesse albergado um conceito mais claro do "reino" que o que tinham os discípulos (ver com. Mat. 18: 1; 20: 21). Não devemos cometer o engano de supor que o ladrão compreendia plenamente os ensinos do Jesus sobre o reino; entretanto, suas palavras indicam claramente que acreditava na ressurreição dos justos (Hech. 24: 15). A idéia que tinha a respeito da ressurreição possivelmente não era muito diferente da que albergava Marta (ver com. Juan 11: 24). Até os fariseus acreditavam definidamente na ressurreição (Hech. 23: 8).

Não importa quão imperfeita pudesse ter sido a compreensão que tinha o ladrão da natureza do reino de Cristo e da ressurreição, a resposta de este deve entender-se à luz de seus próprios ensinos a respeito destes temas. O ensino do Jesus a respeito de seu futuro reino se resume no com. Mat. 4: 17; 25: 31. Jesus declarou nitidamente que seu reino não era deste mundo (Juan 18: 36), e que seu "reino" de glória seria estabelecido unicamente quando ele voltasse pessoalmente para a terra (ver com. Mat. 24: 3).

43.

De certo.

Ver com. Mat. 5: 18.

Digo-te que hoje estará.

Segundo o texto grego, Jesus literalmente disse: am'n soi légÇ s'meron met' emóu és' em tÇ paradéisÇ; isto é: "De certo te digo hoje comigo estará no paraíso". O texto grego se escreveu -conforme se acostumava então- sem signos de pontuação, e a conjunção "que" é um acréscimo que se feito em não poucas versões, especialmente em castelhano.

Segundo o texto grego, o advérbio "hoje" poderia modificar tanto ao verbo "digo" como ao verbo "estará". portanto, o que precisamos saber é se Jesus quis dizer "digo-te hoje" ou "hoje estará". E para poder saber qual é a ensino correto é necessário que descubramos as respostas da Bíblia a

as seguintes pergunta: (1) O que é o paraíso? (2) Foi Jesus ao paraíso o mesmo dia em que morreu? (3) O que ensinou Jesus sobre o momento quando os seres humanos receberão a recompensa no paraíso? A primeira pergunte-se responde no comentário da palavra "paraíso"; a segunda e a terceira se respondem no comentário à palavra "comigo".

Comigo.

Na véspera da traição -menos de 24 horas antes de fazer esta promessa ao ladrão- Jesus havia dito aos doze: "Na casa de meu Pai muitas moradas há;... vou, pois, a preparar lugar para vós... Virei outra vez, e vos tomarei para mim mesmo, para que onde eu estou, vós também estejam" (ver com. Juan 14: 1-3). Entretanto, três dias mais tarde, Jesus disse a María: "Ainda não subi a meu Pai" (Juan 10: 17). É, pois, evidente que Jesus nem foi ao paraíso nem esteve no paraíso o dia de sua crucificação. portanto, o ladrão não poderia ter estado com o Jesus no paraíso.

Paraíso.

Gr. parádeisos, transliteración da palavra persa pairidaeza, "lugar cercado", "parque", onde havia árvores e onde com freqüência se tinham animais para a caça. Estava cercado de muros e algumas vezes havia torres para os caçadores. A palavra hebréia equivalente, pardes, tomada também do persa, traduz-se como "bosque" (Neh. 2:8) e "jardim" (Anexo 2: 5). Na LXX, o jardim do Éden é o "paraíso" do Éden (ver com. Gén. 2: 8) e a palavra parádeisos aparece usualmente onde em espanhol se emprega a palavra "horta" (Heb. gan). Ver Gén. 3: 1; ISA. 51: 3; Joel 2: 3; etc.

A palavra parádeisos aparece no NT só no Luc. 23: 43; 2 Cor. 12: 4; Apoc. 2: 7. Em 2 Cor. 12: 2-4 a palavra "paraíso" é evidentemente sinônimo de "céu". Que Pablo não se refira a um paraíso terrestre é muito claro, porque para ele são uma mesma coisa ser arrebatado ao "céu" e ser arrebatado ao "paraíso". Segundo Apoc. 2: 7 o "árvore da vida" aparece "no meio do paraíso de Deus", enquanto que no Apoc. 21: 1-3, 10; 22: 1-5 a árvore da vida aparece junto com a terra nova, a nova Jerusalém, o rio da vida e o trono de Deus. Não há, pois, dúvida alguma de que no NT parádeisos é sempre sinônimo de "céu".

Quando Jesus lhe assegurou ao ladrão que teria um lugar com ele no "paraíso", estava refiriéndose às "muitas moradas" da casa de seu Pai, e ao momento quando se reuniria com os seus (ver com. Juan 14: 1-3). Através de todo seu ministério Jesus tinha declarado especificamente que recompensaria "a cada um conforme a suas obras" quando voltasse "na glória de seu Pai com seus anjos" (ver com. Mat. 16: 27). E só nesse momento convidará aos farelos de cereais da terra a que herdem o reino preparado para eles "da fundação do mundo" (ver com. Mat. 25: 31, 34; cf. Apoc. 22: 12). Pablo ensinou que os que dormem no Jesus sairão de 856 suas tumbas quando Cristo venha pela segunda vez (1 Cor. 15: 20-23), e então receberão a imortalidade (vers. 51-55). Os justos ressuscitados e quão justos estejam vivos serão então arrebatados "para receber ao Senhor no ar, e assim" estarão "sempre com o Senhor" (1 Lhes. 4: 16-17). O ladrão estará com o Jesus no "paraíso", mas será depois da ressurreição dos justos, a qual ocorrerá na segunda vinda do Senhor.

Já se destacou que no texto grego desta passagem não estão nem a conjunção "que", nem a vírgula, nem os dois pontos que aparecem em não poucas versões. É evidente que tanto a conjunção "que" como a vírgula ou os dois pontos respondem

ao que entendem os tradutores e revisores da RVA, da RVR e outras versões sobre o estado dos mortos. Nem Jesus nem os escritores do NT acreditavam nem tampouco ensinavam -já o assinalamos- que os mortos vão ao paraíso imediatamente depois de morrer. Alterar este versículo acrescentando uma conjunção ou signos de pontuação inexistentes no texto original,* faz parecer que Jesus contradiz o que ele e vários escritores do NT dizem claramente de outras passagens. A promessa do Jesus ao ladrão enquanto ambos penduravam em caminhos cruze, foi -entendida dentro dos ensinos do NT- a seguinte: "Digo-te hoje: comigo estará no paraíso" (ver com. Juan 4: 35-36).

O ladrão não se preocupava tão no momento quando chegaria ao paraíso, mas sim de que realmente chegasse ali. A singela declaração do Jesus o assegurou ao malfeitor que, sem dúvida, estaria no céu, sem importar quão falto de méritos estivesse nem quão impossível parecesse que Jesus -que estava morrendo como se tivesse sido um criminoso- pudesse cumprir tal promessa. Em verdade, a presença do Jesus na cruz foi a que fez possível tal esperança.

45.

O sol se obscureceu.

Alguns sugeriram que Lucas se refere aqui a um eclipse de sol; sem embargo, é impossível que haja eclipse de sol em lua enche, e a páscoa sempre se celebrava na lua cheia do mês do Nisán. A escuridão desse dia foi sobrenatural. A BJ diz: "ao eclipsar o sol". A evidência textual favorece (cf. P. 147) o texto "eclipsou-se". Entretanto, deve destacar-se que o significado do verbo ekleípÇ é múltiplo: "faltar", "cessar", "obscurecer", "eclipsar", etc.

46.

Pai.

Com referência ao emprego que Jesus dava a este término, ver com. Mat. 6: 8. Quanto a Deus como "Pai" na literatura judia, ver com. Juan 5: 18.

Em suas mãos.

Jesus morreu com as palavras de Sal. 31: 5 nos lábios. Esta atitude leva a uma sublime culminação o espírito de humilde submissão à vontade do Pai, exemplificado através de toda a vida terrestre do Jesus. Este mesmo espírito abnegado foi o que impulsionou ao Jesus a pronunciar no horta de Getsemaní estas palavras: "não seja como eu quero, mas sim como você" (Mat. 26: 39). Com referência à perfeita submissão de Cristo ao Pai, ver com. Luc. 2: 49. Ditosa a pessoa que vive e morre nas "mãos" de Deus. Tudo o que temos está seguro se o colocarmos em suas mãos.

Espírito.

Gr. pnéuma (ver com. cap. 8: 55).

50.

Um varão chamado José.

[Jesus é sepultado, Luc. 23: 50-56 = Mat. 27: 57-61 = Mar. 15: 42-47 = Juan

19: 38-42. Comentário principal: Mateo e Marcos.]

51.

Não tinha mimado.

José da Arimatea e Nicodemo não tinham estado presentes no concílio registrado no Juan 11: 47-53 (DTG 497), nem tampouco no julgamento quando se afirmou que Jesus tinha blasfemado (DTG 647- 648, 719). Intencionalmente, nenhum deles foi convidado a essa reunião. O voto para condenar ao Jesus foi unânime (Mar. 14: 64). Se Nicodemo e José da Arimatea, varões justos, tivessem estado pressente, sem dúvida teriam elevado sua voz em protesto como o faziam em ocasiões anteriores (DTG 424, 497, 647, 718; ver com. Juan 7: 50-51).

53.

Não se tinha posto.

No texto grego a construção é enfaticamente negativa, como se se dissesse que jamais se pôs alguém nessa tumba. "Ninguém tinha sido posto ainda" (BJ). Ver com. Mat. 27: 60.

54.

Dia da preparação.

Quer dizer, sexta-feira (ver com. Mar. 15: 42, 46).

56.

Descansaram o dia de repouso.

Lucas menciona especificamente na sexta-feira como "dia da preparação" (vers. 54), na sábado, como "o dia de repouso" (vers. 54, 56), e no domingo como "primeiro dia da semana" (cap. 24: 1). Não pode haver dúvida assim que 857 à seqüência destes dias nem a sua identificação. Cristo foi crucificado o sexta-feira, descansou na tumba durante todo na sábado; e depois de haver terminado a obra da redenção (ver com. Gén. 2: 2-3; Eze. 20: 20) ressuscitou ao dia seguinte, no domingo, "o primeiro dia da semana" (ver com. Luc. 24: 1).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-25 DTG 671-689

2-3 DTG 674

5-8 DTG 676

7-8 P 173

8-9 DTG 676

9-11 P 173

11 DTG 679; P 173

12 DTG 676; P 173

14-16 DTG 680

18 DTG 682; PVGM 236

21 CM 325; CS 555, 701; DTG 359, 682, 685, 692, 722; HAp 70, 121; P 109; SR 221, 298; 5T 502

22 DTG 682

26-46 DTG 690-705

27-53 SR 220-229

28 DTG 692, 700

30-31 DTG 692

31 DTG 736; HAp 21

33 DTG 690

34 DTG 693, 700, 708; 1JT 225; P 176; PP 135, 245; PVGM 172; SR 222

35 DTG 696

37, 39 SR 222

39-43 DTG 697

40-43 SR 223

42-43 PVGM 207

43 DTG 699-700

46 DTG 704, 716; 1JT 227; SR 226

56 DTG 714, 719

CAPÍTULO 24

1 E dois anjos anunciam a ressurreição às mulheres que vêm ao sepulcro, 9 e elas o dizem a outros discípulos. 13 Cristo se aparece aos dois discípulos que vão ao Emaús; 36 depois se aparece aos apóstolos, e os reprova por sua incredulidade. 47 Lhes dá uma grande comissão; 49 lhes promete a ajuda do Espírito Santo, 51 e sobe ao céu.

1 O PRIMEIRO dia da semana, muito de amanhã, vieram ao sepulcro, trazendo as especiarias aromáticas que tinham preparado, e algumas outras mulheres com elas.

2 E acharam removida a pedra do sepulcro;

3 e entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus.

4 Aconteceu que estando elas perplexas por isso, hei aqui se pararam junto a elas dois varões com vestimentas resplandecentes;

5 e como tiveram temor, e baixaram o rosto a terra, disseram-lhes: por que procuram entre os mortos ao que vive?

6 Não está aqui, mas sim ressuscitou. lhes lembre do que lhes falou, quando ainda estava na Galilea,

7 dizendo: É necessário que o Filho do Homem seja entregue em mãos de homens pecadores, e que seja crucificado, e ressuscite ao terceiro dia.

8 Então elas se lembraram de suas palavras,

9 e voltando do sepulcro, deram novas de todas estas coisas aos onze, e a todos outros.

10 Eram María Madalena, e Juana, e María mãe do Jacobo, e as demais com elas, quem disse estas coisas aos apóstolos.

11 Mas lhes pareciam loucura as palavras delas, e não as acreditavam.

12 Mas levantando-se Pedro, correu ao sepulcro; e quando olhou dentro, viu os tecidos sozinhos, e se foi a casa maravilhando-se do que tinha acontecido.

13 E hei aqui, dois deles foram o mesmo dia a uma aldeia chamada Emaús, que estava a sessenta estádios de Jerusalém.

14 E foram falando entre si de todas aquelas coisas que tinham acontecido.

15 Aconteceu que enquanto falavam e discutiam entre si, Jesus mesmo se aproximou, e caminhava com eles. 858

16 Mas os olhos deles estavam velados, para que não lhe conhecessem.

17 E lhes disse: Que conversas são estas que têm entre vós enquanto caminham, e por que estão tristes?

18 Respondendo um deles, que se chamava Cleofas, disse-lhe: É você o único forasteiro em Jerusalém que não soubeste as coisas que nela hão acontecido nestes dias?

19 Então ele lhes disse: Que coisas? E eles lhe disseram: Do Jesus nazareno, que foi varão profeta, capitalista em obra e em palavra diante de Deus e de tudo o povo;

20 e como lhe entregaram os principais sacerdotes e nossos governantes a sentença de morte, e lhe crucificaram.

21 Mas nós esperávamos que ele era o que tinha que redimir ao Israel; e agora, além de tudo isto, hoje é já o terceiro dia que isto aconteceu.

22 Embora também nos assombraram umas mulheres de entre nós, as que antes do dia foram ao sepulcro;

23 e como não acharam seu corpo, vieram dizendo que também tinham visto visão de anjos, quem disse que ele vive.

24 E foram alguns dos nosso ao sepulcro, e acharam assim como as mulheres haviam dito, mas não lhe viram.

25 Então ele lhes disse: OH insensatos, e tardos de coração para acreditar todo o que os profetas hão dito!

26 Não era necessário que o Cristo padecesse estas coisas, e que entrasse em seu glória?

27 E começando desde o Moisés, e seguindo por todos os profetas, declarava-lhes em todas as Escrituras o que dele diziam.

28 Chegaram à aldeia aonde foram, e ele fez como que ia mais longe.

29 Mas eles lhe obrigaram a ficar, dizendo: Fica conosco, porque se faz tarde, e o dia já declinou. Entrou, pois, a ficar com eles.

30 E aconteceu que estando sentado com eles à mesa, tomou o pão e o benzeu, partiu-o, e lhes deu.

31 Então lhes foram abertos os olhos, e lhe reconheceram; mas ele se desapareceu de sua vista.

32 E se diziam o um ao outro: Não ardia nosso coração em nós, enquanto falava-nos no caminho, e quando nos abria as Escrituras?

33 E levantando-se na mesma hora, voltaram para Jerusalém, e acharam aos onze reunidos, e aos que estavam com eles,

34 que diziam: ressuscitou o Senhor verdadeiramente, e apareceu ao Simón.

35 Então eles contavam as coisas que lhes tinham acontecido no caminho, e como lhe tinham reconhecido ao partir o pão.

36 Enquanto eles ainda falavam destas coisas, Jesus ficou em meio deles, e lhes disse: Paz a vós.

37 Então, espantados e atemorizados, pensavam que viam espírito.

38 Mas ele lhes disse: por que estão turvados, e vêm a seu estes coração pensamentos?

39 Olhem minhas mãos e meus pés, que eu mesmo sou; apalpem, e vejam; porque um espírito não tem carne nem ossos, como vêem que eu tenho.

40 E dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.

41 E como ainda eles, de gozo, não acreditavam, e estavam maravilhados, eles disse: Têm aqui algo de comer?

42 Então lhe deram parte de um peixe assado, e um favo de mel.

43 E ele tomou, e comeu diante deles.

44 E lhes disse: Estas são as palavras que lhes falei, estando ainda com vós: que era necessário que se cumprisse tudo o que está escrito de mim na lei de

Moisés, nos profetas e nos salmos.

45 Então lhes abriu o entendimento, para que compreendessem as Escrituras;

46 e lhes disse: Assim está escrito, e assim foi necessário que o Cristo padecesse, e ressuscitasse dos mortos ao terceiro dia;

47 e que se pregasse em seu nome o arrependimento e o perdão de pecados em todas as nações, começando de Jerusalém.

48 E vós são testemunhas destas coisas.

49 Hei aqui, eu enviarei a promessa de meu Pai sobre vós; mas fique vós na cidade de Jerusalém, até que sejam investidos de poder desde o alto.

50 E os tirou fora até a Betania, e elevando suas mãos, benzeu-os.

51 E aconteceu que benzendo-os, separou-se deles, e foi levado acima ao céu.

52 Eles, depois de lhe haver adorado, voltaram para Jerusalém com grande gozo;

53 e estavam sempre no templo, elogiando e benzendo a Deus. Amém. 859

1.

O primeiro dia.

[A ressurreição, Luc. 24: 1-12 = Mat. 28: 1-15 = Mar. 16: 1-11 = Juan 20: 1-18. Comentário principal: Mateo e Juan.] O último versículo do cap. 23 e o primeiro do cap. 24 estão estreitamente ligados no texto grego pela conjunção dê, "mas", "e". Esta relação se nota melhor na seguinte tradução, também possível, do texto grego: "Verdadeiramente, descansaram o sábado segundo o mandamento, mas o primeiro dia da semana, muito cedo por a manhã, foram ao sepulcro". Com esta tradução, correta segundo o texto, pode ver-se perfeitamente que os primeiros crentes cristãos lhe davam muita importância à santidade do sábado, sétimo dia da semana. O último que fizeram na sexta-feira pela tarde foi preparar "especiarias aromáticas e ungüentos" (cap. 23: 56); depois deixaram tudo a um lado "conforme ao mandamento [do sábado]" (ver com. Exo. 20: 8-11), e não reiniciaram sua obra movida pelo amor a não ser até no domingo "muito de amanhã". O notável contraste entre a santidade do sábado e o caráter secular do dia domingo que se observa aqui no relato evangélico, é um testemunho eloqüente para os cristãos de hoje. Com referência às circunstâncias que rodearam à ressurreição, ver Nota Adicional do Mat. 28; com. Mat. 28: 1.

4.

Dois varões.

Quer dizer, anjos (ver com. Mat. 28: 2), algo que se vê claramente no Luc. 24: 23. Com referência a outras ocasiões quando apareceram anjos em forma de homens, ver Hech. 1: 10; 10: 30.

5.

Baixaram o rosto a terra.

Fizeram-no com temor e reverência, pois reconheceram que os "varões" eram em realidade seres celestiales.

7.

Filho do Homem.

Ver com. Mat. 1: 1; Mar. 2: 10.

10.

Juana.

Só Lucas menciona a esta mulher (ver com. cap. 8: 3).

11.

Loucura.

Literalmente "tolices", "palavras sem sentido". As palavras dos anjos não tinham sentido para os entristecidos discípulos.

12.

Levantando-se Pedro.

Embora este versículo falta em alguns MSS, a evidência textual sugere (cf. P. 147) sua inclusão. Entretanto, a crítica textual confirma a autenticidade do mesmo relato no Juan 20: 3-6.

13.

Dois deles.

[No caminho ao Emaús, Luc. 24: 13-32 = Mar. 16: 12. Comentário principal: Lucas. Ver mapa P. 216; diagrama p.223.] No relato se identifica posteriormente a um dos dois como ao Cleofas (vers. 18). Evidentemente haviam estado em Jerusalém para a celebração da páscoa, mas se tinham demorado na cidade quase todo o primeiro dia da semana devido ao acontecido em relação com a crucificação, e possivelmente também por causa do rumor de que Jesus tinha ressuscitado.

O mesmo dia.

Isto transcorreu na última parte da tarde do dia da ressurreição (ver com. Mat. 28: 1).

Emaús.

Esta aldeia, situada a 60 estádios de Jerusalém (11 km), não foi identificada com precisão. É possível que se trate da aldeia que hoje se denomina Kubeibeh, ao noroeste de Jerusalém, no caminho a Lida (hoje Lod). Outros sugerem que corresponde com o lugar que hoje se chama Qaloniyeh, localizado-se a 8 km ao noroeste de Jerusalém.

Sessenta estádios.

O estádio equivalia a 185 m; 60 estádios corresponderiam, pois, aproximadamente a 11 km (cf. DTG 738).

14.

Foram falando.

Gr. homiléÇ, "ter trato com"; portanto, "conversar com". Conforme parece, estes dois seguidores do Jesus estavam bem informados quanto ao acontecido em Jerusalém. Sem dúvida tinham acontecido uma grande parte do dia com outros crentes, escutando a diversas pessoas que tinham informado a respeito dos diferentes acontecimentos relacionados com a ressurreição (ver com. Mat. 28: 1).

15.

Jesus mesmo se aproximou.

Jesus alcançou a esses dois discípulos quando ainda não tinham avançado muito pelo caminho ao Emaús (DTG 738). Por esta razão caminhou com eles a maior parte do viagem, que possivelmente durou umas duas horas. Sem dúvida pensaram que Jesus era outro peregrino que, como eles, tinha estado em Jerusalém para assistir à páscoa e agora retornava a sua casa.

16.

Os olhos deles estavam velados.

Estavam cansados e tão absortos em seus tristes pensamentos que não reconheceram ao Jesus quando se uniu a eles. Circunstâncias similares tinham impedido que María reconhecesse ao Jesus quando o viu mais cedo o mesmo dia. Jesus foi reconhecido imediatamente em algumas de suas aparições depois da ressurreição, ou pelo menos parece que assim foi; mas não aconteceu assim em outros casos. Estas palavras do Lucas e as do vers. 31 sugerem que um véu sobrenatural cobria os sentidos 860 dos dois discípulos, além da preocupação que os angustiava.

Não lhe conhecessem.

Jesus poderia haver-se dado a conhecer eles imediatamente, mas se o houvesse feito ambos os discípulos poderiam haver-se emocionado tanto que não teriam podido apreciar plenamente nem recordar bem as importantes verdades que estava a ponto de lhes ensinar. Era essencial que compreendessem as profecias messiânicas do AT junto com os fatos históricos e os sagrados ritos que antecipavam a Jesus. Só isto podia lhes proporcionar uma base firme para sua fé. Uma fé hipotética em Cristo, que não esteja firmemente arraigada nos ensinos da Bíblia, não pode permanecer firme quando soprarem as tormentas da dúvida (ver com. Mat. 7: 24-27). Nesta ocasião Jesus lhes chamou a atenção ao cumprimento do AT nos acontecimentos que mais tarde se registraram no NT (DTG 740-741).

17.

Que conversas?

Esta foi uma pergunta muito apropriada para iniciar a conversação. É possível que o ardor com que discutiam os dois discípulos os acontecimentos da ressurreição, fizesse que sua conversação atraíra a atenção dos transeuntes.

Entre vós.

Havia um intercâmbio de idéias. A conversação não era unilateral.

E por que estão tristes?

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) que a pergunta do Jesus conclui com o verbo "caminham", e que esta frase deveria traduzir-se: "Eles se pararam com ar entristecido" (BJ, NC). Se assim se entender, quer dizer que os dois discípulos ficaram tão surpreendidos ante a aparente ignorância do Jesus em relação ao acontecido em Jerusalém, que se detiveram, possivelmente olhando-se mutuamente com incredulidade (ver com. vers. 18).

Tristes.

Estavam tristes porque não entendiam. Com quanta freqüência a compreensão erro, já seja de Deus ou do próximo, traz como resultado tristeza e decepção! A compreensão acertada das Escrituras do AT teria dissipado seus lúgubres pensamentos, o que ocorreu quando puderam entender (vers. 25-27, 33, 44-46). Também tinham esquecido as instruções que Jesus lhes tinha dado diretamente antes de sua morte (vers. 44).

18.

Cleofas.

Gr. Kleopás, parece que é um apócope do nome Kleópatros. (Antipas é um apócope similar; ver com. cap. 3: 1). Não se sabe se este Cleofas é o mesmo que aparece no Juan 19: 25. Em grego, o Cleofas do Lucas se escreve Kleopás, enquanto que o do Juan se escreve Klopás. Geralmente se considerou que a forma que aparece no Lucas é grega, enquanto que a que se acha no Juan é aramaica. Parece que era costume nessa época ter um nome grego similar ao aramaico. Por exemplo, Simón é a forma grega do aramaico Simeón. Apesar de tudo não pode provar-se nem negar-se que este Cleofas seja o mesmo do Juan.

O único forasteiro.

Para os discípulos era incrível que alguém que viesse de Jerusalém, de onde Jesus parecia proceder, pudesse estar tão pouco informado de todo o ocorrido.

19.

Profeta.

Os dois discípulos confessaram sua fé no Jesus. Embora tinham acreditado que era o Mesías (ver com. vers. 21), seguiam acreditando que tinha sido um capitalista "profeta".

20.

Entregaram-lhe.

Ver com. Mat. 27: 1-2.

Nossos governantes.

Os dois discípulos conheciam os fatos e acusaram a quem correspondia. Não culparam ao povo que tinha aceito ao Jesus como profeta nem tampouco às autoridades romanas. A morte do Jesus era obra dos dirigentes da nação feijão (ver Mat. 27: 2).

21.

Esperávamos.

Os dois discípulos expressaram agora suas próprias convicções. Tinham aceito a Jesus como profeta, mas mais tarde tinham chegado a acreditar que era mais que um profeta. Estavam convencidos disto, mas sua fé tinha sido fortemente sacudida porque não entendiam o que diziam as Escrituras sobre o Mesías. Agora parecem sugerir que sua crença anterior poderia ter sido errônea. Mas a seriedade da conversação posterior revela que não tinham abandonado por completo a esperança, sobre tudo em vista dos admiráveis informe das mulheres que afirmavam que tinham visto o Jesus (vers. 22-24).

O era o que.

A construção grega é enfática. Eles tinham pensado que Jesus seria o Salvador prometido ao Israel.

Redimir ao Israel.

O conceito que tinham quanto a que era o que estava comprometido na obra de redimir ao Israel, sem dúvida estava limitado em primeiro lugar à liberação política de seu povo da mão férrea de Roma. Com referência às falsas esperanças messiânicas dos judeus, ver com. cap. 4: 19.

O terceiro dia.

Ver pp. 239-242.

22.

Umas mulheres.

Ver com. Mat. 28: 1.

De entre nós.

"Das nossas" (BJ, NC). É provável que os dois discípulos se referissem
861 a todo o grupo que tinha compartilhado a esperança de que Jesus do Nazaret era o Mesías anunciado nas profecias.

23.

Visão.

Gr. optasía, "o que se vê", "visão", "aparição". Optasía pode referir-se a o que se vê em forma natural e também ao que se vê em forma sobrenatural.

Não há indicação de qual sentido deu a optasía nesta passagem.

O vive.

Para esses dois discípulos todo era só rumores; não estavam seguros ainda. Se sentiam turvados pelos informe, mas estes não os tinham convencido.

24.

Alguns dos nossos.

Possivelmente seja uma referência à rápida visita do Pedro e do Juan à tumba (Juan 20: 2-10; ver Nota Adicional do Mat. 28).

25.

Insensatos.

Quer dizer "faltos de inteligência" ou "faltos de compreensão". Poderiam haver sabido a verdade se seus prejuízos não tivessem cegado seu entendimento às ensino das Escrituras.

Para acreditar tudo.

Toda Escritura é inspirada Por Deus (2 Tim. 3: 16-17) e só quando se aceita como tal podemos tirar proveito dela. Quão cristãos desprezam, descuidam ou interpretam caprichosamente o que escreveram os profetas do AT são segundo as palavras de Cristo "insensatos".

26.

Não era necessário?

Os profetas tinham profetizado os sofrimentos do Mesías (ver com. vers. 27). Jesus mesmo em repetidas ocasiões havia predito seus sofrimentos e seu morte (ver com. cap. 18: 31); além disso, tinha-lhes dado a razão pela qual se dizia-o: para que o cumprimento de suas predições servisse de apóie à fé, a fim de que quando acontecesse, acreditassem (ver com. Juan 13: 19; 14: 29). Em vez de ser um motivo de desilusão, a morte do Jesus deveria ter sido uma grande confirmação de sua fé. Embora pareça paradoxal, a crucificação destruiu as esperanças dos discípulos no Jesus como o Mesías, mas proporcionou a José e ao Nicodemo uma prova convincente dessa grande verdade (DTG 717, 721-722).

27.

Começando desde o Moisés.

O AT contém muitas passagens aos quais Cristo poderia haver-se referido (ver com. Gén. 3: 15; Exo. 12: 5; Núm. 21: 9; 24: 17; Deut. 18: 15; Sal. 22: 1, 8, 16, 18; ISA. 7: 14; 9: 6-7; 50: 6; 53; Jer. 23: 5; Miq. 5: 2; Zac. 9: 9; 12: 10; 13:7; Mau. 3: 1; 4: 2; etc.).

Declarava-lhes.

"Explicou-lhes" (BJ) ou lhes interpretou.

Todas as Escrituras.

Nos ensinos do Jesus, era um assunto vital o que "todas as Escrituras" do AT antecipavam sua obra messiânica. A forma em que os autores do AT foram dirigidos a descrever a missão da vida do Mesías, esboça-se em com. Mat. 1: 22. Quem erradamente despreza o AT parecem ter pouco conhecimento de a alta estima em que tinha Cristo esses escritos sagrados e inspirados. Os que estudam o AT, escrito pelo Moisés e outros autores, e acreditam esses ensinos, encontrarão ali a Cristo (ver com. Juan 5: 39, 46). Cristo mesmo advertiu que quem subtrai importância e valor ao AT não acreditam realmente nele (ver com. Juan 5: 47).

28.

Fez como que.

Jesus começou a despedir-se deles, e se tivesse ido se não o houvessem convidado a que ficasse. Se não tivessem insistido em que aceitasse seu hospitalidade, os dois discípulos teriam perdido a bênção que logo receberam. A razão pela qual urgiram a Cristo a que ficasse com eles era o profundo desejo de receber mais da preciosa instrução que lhes havia repartido durante uma ou duas horas. Só quem tem fome e sede de uma compreensão mais profunda das coisas de Deus, podem esperar que se os proporcione uma medida maior do maná celestial (ver com. Mat. 5: 6).

29.

Obrigaram-lhe.

Assim o tinha feito Abraão com seus três visitantes celestiales (Gén. 18: 1-8; cf. Heb. 13: 2). Há urgente necessidade de que se reavive hoje a prática da hospitalidade cristã.

Fica conosco.

Quer dizer, compartilha a hospitalidade de nosso lar (DTG 741). Isto poderia indicar que o companheiro anônimo do Cleofas era membro de sua família.

declinou.

É provável que isto signifique, segundo o uso judia, que o primeiro dia da semana tinha concluído com pôr-do-sol, e que tinha começado um novo dia. O sol já se pôs antes de que chegassem ao Emaús. Nessa temporada pôr-do-sol deveria ter ocorrido em torno das 6: 30 da tarde (DTG 741).

Entrou.

O Rei do universo amavelmente aceitou a hospitalidade deste humilde lar.

30.

Estando sentado.

Literalmente "estando reclinado" à mesa (ver com. Mar. 2: 15).

Pão.

O alimento básico e prato principal neste jantar.

Benzeu-o, partiu-o.

Com referência aos costumes judias e à prática do Jesus 862 para a bênção e o partimiento do pão, ver com. Mar. 6: 41. Alguns procuraram fazer desse jantar uma comemoração da morte do Senhor, mas esta interpretação carece de base bíblica. Se se fizer, distorce-se a simplicidade da narração e se contradiz o contexto.

31.

Os olhos.

Ver com. vers. 16.

Reconheceram-lhe.

Pela forma como benzeu e partiu o pão, e também pelas feridas dos pregos nas mãos (vers. 35; DTG 741).

32.

Não ardia nosso coração?

Figura de Linguagem (ver Sal. 39: 3; Jer. 20: 9). A estrutura da pergunta em grego requer uma resposta afirmativa (ver com. Luc. 6: 39). A luz espiritual tinha estado penetrando na escuridão de suas almas enquanto escutavam com extasiada atenção a maneira em que Jesus lhes abria as Escrituras. Agora compreendiam o que lhes tinha ocorrido. A tristeza havia desaparecido. A presença de Cristo tinha iluminado seu humilde lar, e as gloriosas verdades que lhes tinha explicado dissiparam as trevas de dúvida e incerteza que tinham cheio suas mentes. É provável que pensaram que este desconhecido tinha falado como o teria feito Jesus se ainda tivesse estado vivo e com eles.

O que experimentaram intimamente estes dois discípulos será também a experiência dos que escutam com atenção a voz do céu que fala com seu coração por meio da Santa Palavra. Quem descobre que para sua mente ofuscada as Escrituras do AT parecem escuras e tediosas, deveriam aproximar-se humildemente ao Jesus para aprender dele (ver com. vers. 27).

Enquanto nos falava.

Possivelmente durante umas duas horas (ver com. vers. 14).

33.

A mesma hora.

[Primeira aparição no aposento alto, Luc. 24: 33-49 = Mar. 16: 13 = Juan 20: 19-23. Comentário principal: Lucas e Juan. Ver mapa P. 216; diagrama P. 223.] Partiram imediatamente sem provar o alimento que tinham diante (DTG 742), apressando-se para voltar para Jerusalém a fim de compartilhar seu grande descobrimento com os outros discípulos.

Voltaram para Jerusalém.

Se o sol se ocultou antes de que chegassem ao Emaús, por volta das 6:30 P. M. (ver com. vers. 29), o crepúsculo teria terminado ao redor de 8:00 P. M. É provável que os dois discípulos empreendessem o caminho de volta a Jerusalém quando estava quase escuro. portanto, a maior parte de sua viagem fizeram-no em meio da escuridão. Embora estavam fatigados enquanto foram a sua casa no Emaús, o cansaço e a fome agora se dissiparam. Quando entraram em Jerusalém pela porta oriental, a silenciosa e escura cidade estava iluminada pela tênue luz da lua (DTG 743).

Os onze.

Este término deve haver-se empregado em certo modo com um sentido exato para designar aos discípulos imediatos de Cristo, assim como se falou de os "doze" antes da defecção do Judas (cap. 8: 1; 9: 12; etc.). Na verdade, os apóstolos pressente eram só dez, pois nessa ocasião Tomam não estava com eles (Juan 20: 24).

Reunidos.

No aposento alto onde juntos tinham celebrado a páscoa (ver com. Mat. 26: 18; cf. DTG 743).

Os que estavam com eles.

Outros do grupo de crentes (ver com. vers. 22), entre os quais sem dúvida estavam as mulheres, ao menos as que tinham estado mais cedo na tumba, e possivelmente também outros crentes.

34.

Que diziam.

Isto é, algumas das pessoas que já estavam no aposento saudaram os dois discípulos com esta notícia.

Simón.

Simón era, dos onze, quem mais necessitava o consolo e a segurança da comunhão com seu Salvador ressuscitado (ver com. Mar. 16: 7). Os onze sem dúvida tinham pensado que era estranho que Jesus lhe tivesse aparecido às mulheres e não a eles. Pensavam que se Jesus estava verdadeiramente vivo, haveria-se apresentado a eles, seus companheiros mais íntimos.

Já que Jesus esteve com os dois discípulos em caminho ao Emaús pouco depois de que partissem de Jerusalém (DTG 738), e que até depois de haver desaparecido os acompanhou, em forma invisível, durante toda a jornada de retorno a Jerusalém (DTG 742), Jesus deve haver aparecido ao Pedro antes de unir-se com os dois viajantes quando foram ao Emaús. Entretanto, estes dois discípulos parecem ter estado muito perto de seus irmãos na fé durante grande parte do dia (ver com. vers. 14), e se Jesus se apareceu ao Pedro muito antes de que eles partissem para o Emaús, provavelmente já se haveriam informado do assunto.

35.

Eles contavam.

Gr. ex'géomai, "guiar", "relatar". Quando os dois discípulos terminaram seu narração, esta evidência adicional não eliminou toda a dúvida e incredulidade de a mente de todos os do grupo (Mar. 16: 13; 863 DTG 743). Em realidade, foi só quando Jesus tomou alimento que a incredulidade deles se desvaneceu por completo (Luc. 24: 41-43).

36.

Jesus.

Jesus entrou sem ser visto quando os dois discípulos do Emaús foram admitidos (DTG 743); e era invisível para quem estava na habitação (ver com. vers. 16). Com referência ao relato do Juan, testemunha ocular do ocorrido em esta ocasião, ver Juan 20: 19-23.

37.

Espantados e atemorizados.

Os discípulos se encerraram no aposento alto por temor aos judeus (ver com. Juan 20: 19), e ao parecer estavam poseídos de uma grande tensão nervosa. Tinham sido companheiros íntimos daquele que tinha sido morto por rebelião, e era muito possível que eles logo corressem a mesma sorte. É provável que temessem ser detidos em qualquer momento. Além disso, informe-os a respeito de que Cristo tinha ressuscitado devem havê-los cheio de tensa emoção. Mas apesar desses relatórios parece que não estavam preparados para um encontro pessoal com o Cristo ressuscitado.

Espírito.

Gr. pnéuma, provavelmente tem aqui o sentido de "aparição". O Códice de Lábia inferiora grossa diz fántasma. Com referência à palavra grega fántasma, ver com. Mat. 14: 26.

39.

Minhas mãos.

Esta era uma evidência inegável de que o que agora lhes aparecia vivo não era outro a não ser seu Senhor crucificado. Jesus foi paciente com eles apesar de seu lentidão para entender (ver com. vers. 35) e lhes deu uma evidência tangível em a qual podiam apoiar sua fé. Esta confiança na realidade da ressurreição foi a que repartiu poder convincente à mensagem dos apóstolos (1 Juan 1: 1-2; 5: 20; cf. Luc. 24: 48).

Meus pés.

Se insinúa aqui que os pés do Jesus, como suas mãos, tinham sido perfurados pelos pregos.

Apalpem.

Jesus ofereceu três classes de evidência sensorial para convencer a seus discípulos de que até depois de sua ressurreição ele era um ser real, não abstrato. A vista, o ouvido e o tato se combinaram para lhes assegurar que era

um ser real e não uma aparição ou a invenção de uma imaginação sobrecarregada. No corpo ressuscitado e glorificado do Jesus temos um exemplo do que seremos nós quando ressuscitarmos (1 Cor. 15: 22-23; cf. 1 Juan 3: 1-2).

Espírito.

Gr. pnéuma (ver com. cap. 8: 55). Quando Jesus veio a esta terra não se despojou de sua natureza divina (ver com. Juan 1: 14), e quando voltou para Pai levou consigo a semelhança da humanidade (DTG 771-772). "Subiu ao céu possuindo uma humanidade santificada e Santa. Levou esta humanidade consigo aos átrios celestiales, e através das idades eternas será dela, como o que há redimido a cada ser humano que está na cidade de Deus" (EGW, RH, 9 de março, 1905).

40.

E dizendo isto.

Embora em muitos MSS não aparece este versículo, a evidência textual sugere sua inclusão (cf. P. 147). Entretanto, na passagem paralelo do Juan 20: 20, em relação ao qual não há problemas textuales, a evidência textual estabelece seu inclusão.

As mãos.

As mãos perfuradas pelos pregos eram testemunho mudo mas eloqüente da verdade da ressurreição.

41.

De gozo, não acreditavam.

A realidade da presença de Cristo parece ter sido muito maravilhosa para poder acreditá-la (Mar. 16: 12-13; ver com. Luc. 24: 35).

Algo de comer.

Jesus lhes oferece agora uma quarta evidência de que ainda é um ser real e corpóreo (ver com. vers. 39).

42.

Peixe assado.

Alimento comum na antiga a Palestina (ver com. Juan 21: 9). Vários dos discípulos tinham sido pescadores antes de ser chamados como discípulos (ver com. Luc. 5: 1-11).

Um favo de mel.

A evidência textual favorece a omissão (cf. P. 147) desta frase.

43.

Comeu.

Sem dúvida para convencer a seus discípulos de que era ainda um ser corpóreo e

real. Embora vários MSS tardios acrescentam a frase "e as sobras deu a eles", a evidencia textual estabelece sua omissão.

44.

As palavras que lhes falei.

Ver cap. 18: 31-33.

Que se cumprisse tudo.

Ver com. Mat. 1: 22; Luc. 24: 26-27.

De mim.

Ver com. Mat. 1: 22; Luc. 24: 26-27; Juan 5: 39.

A lei do Moisés.

Quer dizer, a parte do AT escrita pelo Moisés, usualmente denominada Pentateuco, composta pelos cinco primeiros livros da Bíblia. Em outras passagens bíblicas o Pentateuco é chamado "a lei" (Mat. 7: 12; Luc. 16: 16; etc.), "a lei de Moisés" (Hech. 28: 23) ou simplesmente "Moisés" (Luc. 16: 29, 31).

Esta é a única passagem bíblica onde se menciona especificamente a triplo divisão do AT reconhecida pelo povo judeu. Com referência à formação do canon do AT, ver T. I, pp. 40- 49.

Os profetas.

Os judeus dividiam esta seção do AT no que eles denominavam 864 "profetas anteriores": Josué, Juizes e os livros do Samuel e de Reis; e os "profetas posteriores": Isaías, Jeremías, Ezequiel e os doze profetas menores (ver T. I, P. 40).

Os salmos.

Esta seção não só compreendia o livro dos Salmos, mas também também todos os outros livros que não pertencessem ao Moisés nem aos profetas. Os livros da terceira seção se chamam usualmente Hagiógrafa ou simplesmente, os Escritos (ver T. I, P. 40).

45.

Então lhes abriu.

Com quanta freqüência Jesus tinha procurado fazer isso no passado, mas não tinha tido êxito! (ver com. cap. 18: 34).

46.

Assim está escrito.

Esta é a expressão comum do NT para referir-se ao conteúdo das Sagradas Escrituras canônicas do AT (ver com. Mat. 4: 4).

Foi necessário.

Ver com. vers. 26.

Ao terceiro dia.

Ver pp. 248-250.

47.

Em seu nome.

Ver com. Mat. 10: 18.

Arrependimento.

Gr. metánoia, "mudança de parecer" (ver com. Mat. 3: 2, 8).

Em todas as nações.

Ver com. Mat. 28: 19-20.

Começando em Jerusalém.

Jesus tinha começado sua obra em Jerusalém e na Judea (ver com. Mat. 4: 17), e os discípulos deviam fazer o mesmo. Nesta cidade se apresentaram as maiores evidencia de sua divindade. Jesus tinha trabalhado primeiro na Judea a fim de proporcionar aos dirigentes da nação a oportunidade de observar seu ministério e de ouvir seu ensino, para lhes dar a oportunidade de aceitá-lo como Mesías e de unir seus esforços aos dele para proclamar o Evangelho do reino (DTG 198). Tal como se demonstrou posteriormente, muitos dos sacerdotes e provavelmente muitos outros dirigentes da nação, obedeceram à fé (Hech. 6: 7). Os primeiros êxitos do Evangelho em Jerusalém foram assombrosos e animadores (Hech. 2: 41, 47; 4: 4, 33; 5: 14, 16, 28, 42; 6: 1, 7).

48.

Vós são testemunhas.

Os discípulos de Cristo tinham estado com ele durante vários anos; sabiam como ensinava e como trabalhava, e agora eram testemunhas oculares da verdade da ressurreição (ver com. vers. 39). Podiam dizer a outros o que tinham visto e ouvido (2 Ped. 1: 16-18; 1 Juan 1: 1-2). Nunca vacilaram em afirmar que eram testemunhas de Cristo (Hech. 2: 32; 3: 15; 5: 32; 10: 39, 41; etc.). Tinham um grande relato que referir, e nunca se cansavam de contá-lo. Nós como crentes em um Salvador ressuscitado, hoje também temos o privilégio de dar testemunho do que vimos e ouvido sobre o caminho da salvação em Cristo Jesus (2 Tim. 2: 2; cf. 2 Cor. 5: 18-20).

49.

A promessa de meu Pai.

Quer dizer, o Espírito Santo (ver com. Hech. 1: 4, 8). Jesus tinha falado longamente desta promessa com seus discípulos na noite quando foi entregue (ver com. Juan 14: 16-18, 26; 16: 7-13).

Fique.

Isto é, depois da ascensão do Jesus (ver com. Hech. 1: 4). Os discípulos ainda tinham que encontrar-se com o Jesus na Galilea (Mat. 28: 10), mas depois voltaram para Jerusalém possivelmente em obediência ao mandato que aqui se os desse.

Investidos.

Literalmente "vestidos", "revestidos".

Poder.

Gr. dúnamis, "capacidade". Este "poder" os capacitaria para que fossem "testemunhas" eficazes (ver com. vers. 48). Sem o "poder do alto", o testemunho que dessem os discípulos não convenceria o coração dos homens. A vinda do Espírito Santo, dez dias depois da ascensão, repartiu o poder do qual Cristo falava aqui (ver com. Hech. 1: 8; 2: 1-4), e imediatamente os apóstolos começaram a dar testemunho de Cristo. O testemunho dos discípulos, fortalecido e feito eficaz pelo poder do Espírito Santo, deu por resultado a conversão de umas três mil pessoas em um dia (Hech. 2: 41). Sob o poder guiador e convincente do Espírito Santo, a igreja experimentou um crescimento fenomenal (ver com. Luc. 24: 47). A partir do Pentecostés os discípulos estiveram literalmente "revestidos de poder do alto".

50.

Tirou-os.

[A ascensão, Luc. 24: 50-53 = Mar. 16: 19-20 = Hech. 1: 8-12. Comentário principal: Lucas. Ver mapa P. 216; diagrama 10, P. 223.]

Fora da breve referência à ascensão no Marcos, só Lucas (aqui e em Hech. 1: 8-12) registra este acontecimento e dá os poucos detalhes que se encontram nas Escrituras. Só ele menciona o momento (Hech. 1: 3) e o lugar (Luc. 24: 50) da ascensão. Com referência à cronologia da ascensão, ver Nota Adicional do Mat. 28. Aparentemente os discípulos haviam retornado desde a Galilea a Jerusalém onde deviam começar sua missão (ver com. Luc. 24: 49).

Betania.

A aldeia da Betania estava situada na ladeira oriental do monte dos Olivos, por cuja cúpula Jesus levou aos onze 865 (Hech. 1: 12; DTG 770; ver com. Mat. 21: 1).

Elevando suas mãos.

A posição habitual ao pronunciar uma bênção, e com freqüência a posição adotada ao orar (ver com. ap. 18: 13).

51.

Benzendo-os.

Uma conclusão apropriada para os anos quando os discípulos tinham gozado de a companhia do Jesus.

separou-se deles.

Jesus tinha estado perto de seus discípulos, possivelmente no centro do grupo que formava um círculo ao redor dele. Enquanto estendia suas mãos em bênção sobre eles, lentamente subiu de entre eles (DTG 770-771).

Foi levado acima ao céu.

Jesus subiu ao céu levando a forma humana (DTG 771; ver com. cap. 24: 39). Embora alguns MSS não contêm esta frase, a evidência textual sugere (cf. P. 147) sua inclusão. De todos os modos, não pode haver dúvida alguma do fato que aqui se relata (Hech. 1: 9-11; etc.).

52.

depois de lhe haver adorado.

Ver com. Mat. 28: 17. A evidência textual sugere (cf. P. 147) a omissão de esta frase.

Voltaram para Jerusalém.

Ali permaneceram no mesmo aposento alto onde tinham celebrado a última jantar juntos (Hech. 1: 13; DTG 743). Com gozo e grande fé começaram a tarefa que tinha-lhes sido encomendada por seu Senhor (ver com. Mar. 16: 20).

53.

No templo.

O templo era um lugar de reunião, especialmente na hora da oração pela amanhã e pela tarde (ver com. cap. 1: 9). Neste lugar foi onde os apóstolos acharam primeiro oportunidade de dar testemunho de sua fé (Hech. 2: 46; 3: 1; 5: 21, 42).

Amém.

Ver com. Mat. 28: 20.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-12 DTG 732-737

4-6 P 185

5-7 DTG 732

11 8T 68

13 CW 80

13-14 DTG 738

13-33 DTG 738-742

15 DTG 738; MeM 213

16 DTG 741

17-21 DTG 738

21 DTG 736; HAp 21

25-27 DTG 739

27 CS 397; CW 80; DTG 201, 739; HAp 180; 1JT 534; PVGM 21, 98

27-32 FÉ 189

29-30 DTG 741

31-34 DTG 742

32 CM 260; CS 398; DTG 622, 742; PR 462; PVGM 22; 6T 53; TM 85, 315

33 DTG 742

33-48 DTG 743-748

34-35 DTG 743

36 DTG 744; MeM 52

36-43 DTG 743

45 FÉ 190

45-48 DTG 744; HAp 22

47 8T 57

49 HAp 25; 3JT 206; MeM 38, 60; PP 400; PVGM 263; 2T 120; 5T 159; TM 451

50 DTG 770; P 189

50-51 HAp 26

50-53 DTG 769-775

52-53 CS 388

53 CS 398; HAp 29 869